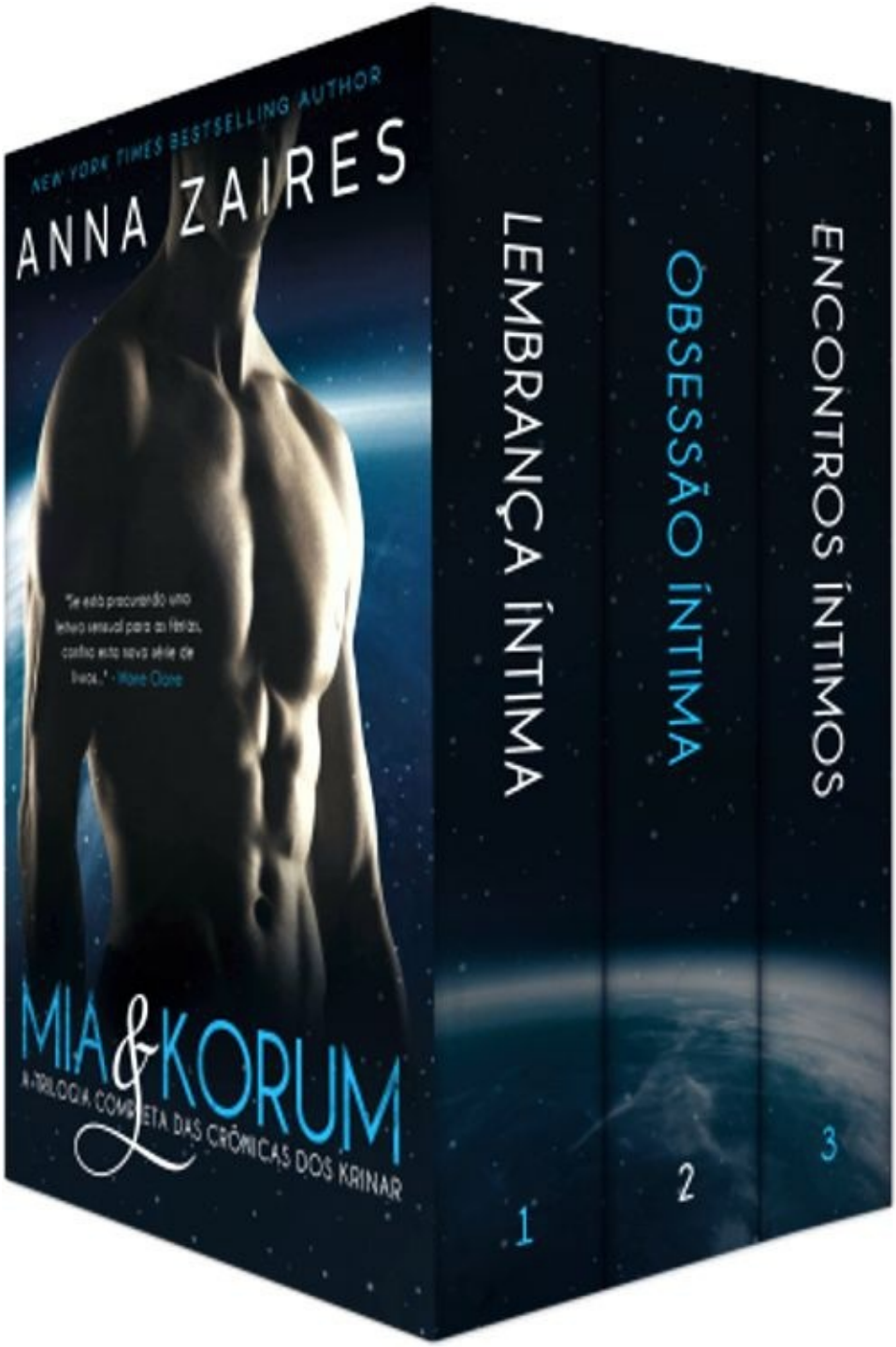
Mia & Korum - Trilogia Completa

Anna Zaires



MIA & KORUM

A Trilogia Completa das Crônicas dos Krinar

ANNA ZAIRES

♠ Mozaika Publications ♠

MIA & KORUM

Encontros Íntimos

Prologue

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Obsessão Íntima

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Epilogue

Lembrança Íntima

Parte I

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Parte II

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Parte III

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Epilogue

Sobre a autora

Esse é um trabalho de ficção. Nomes, personagens, locais e incidentes são produto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, eventos ou localidades é pura coincidência.

Copyright © 2013 Anna Zaires

http://annazaires.com/series/portugues/

Todos os direitos reservados.

Exceto para uso em uma crítica, nenhuma parte desse livro poderá ser reproduzida, digitalizada nem distribuída em qualquer formato impresso ou eletrônico sem permissão.

Publicado pela Mozaika Publications, impressão da Mozaika LLC;

www.mozaikallc.com

Capa de Najla Qamber Designs

najlaqamberdesigns.com

e-ISBN: 978-1-63940-225-6

ISBN: 978-1-63940-226-3

ENCONTROS ÍNTIMOS

As Crônicas dos Krinars: Volume I

PROLOGUE

Cinco anos antes

— Sr. Presidente, estão todos esperando.

O presidente dos Estados Unidos da América lançou-lhe um olhar cansado e fechou a pasta que estava sobre a mesa. Ele dormira mal na semana anterior, com a mente ocupada com a situação em deterioração no Oriente Médio e a fraqueza continuada da economia. Apesar de não ser fácil para nenhum presidente, parecia que aquele mandato fora marcado por uma tarefa impossível após outra e o estresse diário começava a afetar-lhe a saúde.

Ele fez uma anotação mental para ir ao médico antes do fim da semana. O país não precisava de um presidente doente e exausto, além de todos os outros problemas que já tinha.

Levantando-se, o presidente saiu do Gabinete Oval e encaminhou-se para a Sala de Situação. Ele fora informado mais cedo que a NASA detectara alguma coisa incomum. Ele esperava que não fosse nada além de um satélite perdido, mas não parecia ser o caso, considerando a urgência com que o assessor de segurança nacional solicitara a presença dele.

Entrando na sala, ele cumprimentou os assessores e sentou-se, esperando para ouvir o que exigira aquela reunião.

O secretário de defesa falou primeiro. — Sr. presidente, descobrimos uma coisa na órbita da Terra que não pertence a ela. Não sabemos o que é, mas temos

motivos para acreditar que possa ser uma ameaça. — Ele acenou em direção às imagens exibidas em uma das seis telas planas que cobriam as paredes da sala. — Como pode ver, o objeto é grande, maior do que qualquer um dos nossos satélites, mas parece ter saído do nada. Não vimos nada sendo lançado de ponto algum do planeta e não detectamos nada aproximando-se da

Terra. É como se o objeto tivesse simplesmente aparecido lá há algumas horas.

A tela mostrava várias imagens de uma mancha escura contra um fundo escuro e cheio de estrelas.

— O que a NASA acha que é? — perguntou o presidente calmamente, tentando analisar as possibilidades. Se os chineses tivessem inventado algum tipo de nova tecnologia de satélite, eles já teriam ficado sabendo, e o programa espacial russo não era mais o que costumava ser. A presença do objeto simplesmente não fazia o menor sentido.

— Eles não sabem — disse o assessor de segurança nacional. — Não se parece com nada que tenham visto antes.

— A NASA não podia nem mesmo arriscar um palpite?

— Eles sabem que não é nenhum tipo de corpo astronômico.

Então tinha que ser algo feito pelo homem. Confuso, o presidente olhou para as imagens, recusando-se até mesmo a contemplar a ideia bizarra em que acabara de pensar. Virando-se para o assessor, ele perguntou: — Já perguntamos para os chineses? Eles sabem de alguma coisa sobre isso?

O assessor abriu a boca, prestes a responder, quando houve um súbito clarão de luz. Momentaneamente cego, o presidente piscou para limpar a visão

— e ficou imóvel em choque.

Em frente à tela para a qual o presidente estivera olhando, agora havia um homem. Alto e musculoso, tinha cabelos pretos e olhos escuros, e a pele cor de oliva contrastava com a cor branca da roupa. Ele estava parado calmamente, relaxado, como se não tivesse acabado de invadir o santuário interno do governo dos Estados Unidos.

Os agentes do serviço secreto reagiram primeiro, gritando e atirando em pânico no intruso. Antes que o presidente conseguisse pensar, viu-se empurrado contra a parede, com dois agentes formando um escudo humano à frente dele.

— Não há necessidade disso — disse o intruso com a voz profunda e sonora. — Não pretendo machucar o seu presidente. E, se quisesse, não haveria nada que pudessem fazer para me impedir. — Ele falou em inglês perfeito, sem nenhum traço de sotaque. Apesar dos tiros que tinham acabado de ser disparados nele, parecia totalmente incólume, e o presidente viu as balas caídas no chão em frente ao homem.

Somente anos cuidando de uma crise atrás de outra possibilitaram que o presidente fizesse o que fez a seguir. — Quem é você? — perguntou ele com

voz firme, ignorando os efeitos do terror e da adrenalina que corriam pelas veias.

O intruso sorriu. — Meu nome é Arus. Decidimos que chegou a hora de nossas espécies se conhecerem.

CAPÍTULO UM

O ar estava fresco e claro enquanto Mia andava rapidamente por um caminho sinuoso no Central Park. Os sinais da primavera estavam por toda parte, de minúsculos brotos em árvores ainda nuas à proliferação de babás que aproveitavam o primeiro dia quente com crianças barulhentas.

Era estranho como tudo mudara nos últimos anos e, mesmo assim, como muito permanecera inalterado. Se alguém perguntasse a Mia dez anos antes como pensaria que a vida seria depois de uma invasão alienígena, isso não passaria nem perto do que imaginaria. *Independence Day*, *A Guerra dos Mundos* — nada disso chegava nem perto da realidade de encontrar uma civilização mais avançada. Não houvera lutas, nenhuma resistência de nenhum tipo no nível dos governos — porque *eles* não o tinham permitido. Pensando bem, estava claro como aqueles filmes eram bobos. Armas nucleares, satélites, jatos — eram pouco mais do que pedras e pedaços de pau para uma civilização antiga que podia cruzar o universo com velocidade superior à da luz.

Ao notar um banco vazio perto do lago, Mia andou na direção dele, com os ombros sentindo o peso da mochila onde estavam o *notebook* grande, de doze anos de idade, e vários livros antigos de papel. Aos vinte e um anos de idade, às

vezes ela se sentia velha, fora de sincronia com aquele novo mundo de ritmo rápido, de *tablets* finos e celulares embutidos em relógios de pulso. O

ritmo do progresso tecnológico não diminuíra desde o Dia K. No máximo, muitos dos novos dispositivos tinham sido influenciados pelo que os krinars tinham. Não que os Ks tivessem compartilhado alguma da tecnologia preciosa deles. No que dizia respeito a eles, o pequeno experimento tinha que continuar

sem interrupções.

Abrindo a mochila, Mia retirou o velho Mac. A coisa era pesada e lenta, mas funcionava. E, como universitária pobre, ela não podia comprar nada melhor. Fez login, abriu um documento do Word em branco e preparou-se para o processo doloroso de escrever o trabalho de sociologia.

Dez minutos e exatamente zero palavras depois, ela parou. A quem estava enganando? Se realmente quisesse escrever a maldita coisa, nunca teria ido ao parque. Apesar de ser tentador fingir que conseguia desfrutar do ar fresco e ser produtiva ao mesmo tempo, na experiência dela, aquelas duas coisas não eram compatíveis. Uma biblioteca velha e bolorenta era um local muito melhor para qualquer coisa que exigisse aquele tipo de esforço cerebral.

Xingando-se mentalmente pela própria preguiça, Mia soltou um suspiro e começou a olhar em volta. Observar as pessoas em Nova Iorque sempre fora uma atividade divertida.

A paisagem era familiar, com a pessoa sem-teto obrigatória ocupando um banco próximo — ainda bem que não era o banco mais perto dela, pois ele parecia não ter um cheiro muito agradável — e duas babás conversando em espanhol enquanto empurravam carrinhos de bebê preguiçosamente. Uma garota corria em um caminho um pouco adiante, com os Reeboks cor-de-rosa claros contrastando com a calça azul. O olhar de Mia a seguiu à medida que ela fazia uma curva, invejando a boa forma dela. O horário irregular de Mia deixava pouco tempo para exercícios e ela duvidava que conseguisse acompanhar a garota até mesmo por um quilômetro.

À direita, ela viu a ponte Bow sobre o lago. Um homem estava encostado no corrimão, olhando para a água. O rosto dele estava virado para o outro lado e Mia só conseguia ver parte do perfil. Mesmo assim, alguma coisa nele chamou a atenção dela.

Ela não sabia ao certo o que era. Ele era alto e parecia estar em boa forma sob o casaco de aparência cara que usava, mas aquilo era apenas parte do motivo. Homens altos e bonitos eram comuns na cidade de Nova Iorque, que era infestada de modelos. Não, era alguma outra coisa. Talvez a postura dele, muito quieto e sem nenhum movimento extra. Os cabelos eram escuros e brilhantes sob o sol claro da tarde, longos o suficiente na frente para se moverem de leve sob a brisa morna da primavera.

Ele também estava sozinho.

É isso, percebeu Mia. A ponte normalmente popular e pitoresca estava completamente deserta, exceto pelo homem parado sobre ela. Por algum

motivo desconhecido, todos pareciam se manter à distância. Na realidade, exceto por ela mesma e o vizinho sem-teto possivelmente fedorento, toda a fileira de bancos no local altamente desejado à beira do rio estava vazia.

Como se sentisse o olhar dela sobre ele, o objeto da atenção de Mia virou lentamente a cabeça e olhou diretamente para ela. Antes mesmo que o cérebro consciente conseguisse fazer a conexão, ela sentiu o sangue congelando, deixando-a paralisada no lugar e incapaz de fazer qualquer coisa além de olhar para o predador que, agora, parecia examiná-la com interesse.

RESPIRE, Mia, respire. Em algum lugar na parte de trás da mente, uma voz racional fraca continuava repetindo aquelas palavras. Aquela mesma parte estranhamente objetiva dela notou a estrutura simétrica do rosto dele, com a pele dourada esticada sobre as bochechas altas e o maxilar firme. As fotografias e os vídeos dos Ks que ela vira não lhes faziam justiça. Parado a não mais de dez metros de distância, a criatura era simplesmente deslumbrante.

Enquanto ela continuava a encará-lo, ainda congelada no lugar, ele endireitou o corpo e começou a andar na direção dela. Na verdade, ele lentamente a perseguia, pensou ela tolamente, pois cada movimento dele lembrava o de um felino da selva aproximando-se de uma gazela. Durante o tempo todo, os olhos dele não se afastaram dos dela. Ao se aproximar, ela notou pontos amarelos individuais nos olhos dourados claros dele e os longos cílios grossos que os envolviam.

Ela olhou com descrença horrorizada quando ele se sentou no banco dela, a menos de sessenta centímetros de distância, e sorriu, mostrando dentes brancos

perfeitos. Nada de presas, notou ela com uma parte funcional do cérebro. Nem mesmo traços de presas. Aquele era outro mito sobre eles, como a suposta aversão pelo sol.

— Qual é o seu nome? — a criatura praticamente ronronou a pergunta. A voz dele era baixa e suave, completamente sem sotaque. As narinas dele tremeram ligeiramente, como se estivesse inalando o perfume de Mia.

— Ahm... — Mia engoliu nervosamente. — M-Mia.

— Mia — repetiu ele lentamente, parecendo saborear o nome. — Mia de quê?

— Mia Stalis. — Ah, droga, por que ele queria saber o nome dela? Por

que estava lá, conversando com ela? De forma geral, o que ele estava fazendo no Central Park, tão longe de todos os centros dos Ks? *Respire, Mia, respire.*

— Relaxe, Mia Stalis. — O sorriso dele aumentou, expondo uma covinha na bochecha esquerda. Uma covinha? Ks tinham covinhas? — Você nunca encontrou um de nós antes?

— Não, nunca. — Mia soltou o ar rapidamente, percebendo que prendera a respiração. Ela ficou orgulhosa pela voz não ter soado tão tremula quanto se sentia. Deveria perguntar? Queria saber?

Ela tomou coragem. — O quê, ahm... — Ela engoliu em seco novamente.

— O que quer de mim?

— Por enquanto, conversar. — Ele parecia que estava prestes a rir dela, com os olhos dourados cintilando ligeiramente nos cantos.

Estranhamente, aquilo a deixou furiosa o suficiente para acabar com o medo. Se havia uma coisa que Mia odiava, era que rissem dela. Com a estatura baixa e magra e uma falta geral de habilidades sociais que vinha de uma adolescência desconfortável envolvendo o pesadelo de todas as garotas

— aparelho, cabelos crespos e óculos —, Mia tivera experiência bastante como alvo.

Ela ergueu o queixo beligerantemente. — Ok, e qual é o *seu* nome?

— É Korum.

— Só Korum?

— Nós não temos sobrenomes, não da mesma forma que vocês. Meu nome completo é muito mais comprido, mas, se eu lhe dissesse qual é, você não conseguiria pronunciá-lo.

Bem, aquilo era interessante. Ela se lembrou de ter lido algo parecido no *The New York Times*. Tudo certo até o momento. As pernas já tinham quase parado de tremer e a respiração voltava ao normal. Talvez, apenas talvez, ela conseguisse sair dali com vida. Aquele negócio de conversar parecia seguro, apesar de a forma como ele a encarava, com aqueles olhos amarelados que não piscavam, ser enervante. Ela decidiu mantê-lo falando.

— O que está fazendo aqui, Korum?

— Acabei de falar, estou conversando com você, Mia. — A voz dele, novamente, tinha uma ponta de riso.

Frustrada, Mia soltou um suspiro. — Eu quis dizer, o que está fazendo aqui, no Central Park? Na cidade de Nova Iorque em geral?

Ele sorriu novamente, inclinando a cabeça ligeiramente para o lado. —

Talvez estivesse torcendo para encontrar uma garota bonita com cabelos

cacheados.

Aquilo foi a gota d'água. Ele estava claramente brincando com ela. Agora que conseguia pensar um pouco novamente, percebeu que estavam no meio do Central Park, à vista de uma infinidade de espectadores. Sorrateiramente, ela olhou em torno para confirmar aquilo. Sim, com certeza. Apesar de as pessoas estarem obviamente passando ao largo do banco onde ela e o outro ocupante de outro mundo, havia várias almas corajosas mais adiante no caminho olhando para lá. Um casal estava até mesmo filmando os dois, cuidadosamente, com a câmera do relógio de pulso. Se o K tentasse fazer qualquer coisa com ela, em um piscar de olhos estaria no YouTube e ele sabia disso. É claro que ele podia ou

não se importar.

Ainda assim, partindo do princípio que ela nunca vira nenhum vídeo de ataques de Ks a garotas universitárias no meio do Central Park, estava relativamente segura. Com cuidado, ela pegou o *notebook* e ergueu-o para colocá-lo de volta na mochila.

— Deixe-me ajudá-la com isso, Mia...

E, antes que conseguisse sequer piscar, ela o sentiu pegar o *notebook* pesado dos dedos subitamente moles, encostando gentilmente neles. Uma sensação parecida com um choque elétrico percorreu Mia quando ele a tocou, deixando as extremidades nervosas formigando.

Pegando a mochila, ele cuidadosamente guardou o *notebook* em um movimento suave e sinuoso. — Pronto, muito melhor agora.

Ah, meu Deus, ele tocara nela. Talvez a teoria de Mia sobre segurança em locais públicos fosse falsa. Ela sentiu a respiração acelerar novamente e, àquela altura, a pulsação estava bem além da zona anaeróbica.

— Eu tenho que ir agora... Adeus!

Ela nunca saberia como conseguiu dizer aquelas palavras sem hiperventilar. Agarrando a tira da mochila que ele acabara de soltar, ela se levantou depressa, notando em algum lugar no fundo da mente que a paralisia anterior parecia ter desaparecido.

— Adeus, Mia. Vejo você outra hora. — A voz suavemente zombeteira dele flutuou no ar fresco da primavera quando ela saiu, quase correndo com a pressa de se afastar.

CAPÍTULO DOIS

— P uta merda! Não acredito! É sério? Diga-me o que aconteceu e não deixe nenhum detalhe de fora! — A colega de quarto dela estava praticamente pulando de empolgação.

— Eu acabei de dizer... encontrei um K no parque. — Mia esfregou as têmporas, sentindo a onda de tensão em torno da cabeça depois da *overdose* de adrenalina

que tivera mais cedo. — Ele se sentou no banco perto de mim e conversou comigo por alguns minutos. Depois, eu disse que tinha que ir embora e saí.

— Desse jeito? E o que ele queria?

— Eu não sei. Perguntei isso a ele, que só disse que queria conversar.

— É, certo, e porcos conseguem voar. — Jessie descartou aquela possibilidade tanto quanto Mia o fizera. — Não, sério, ele não tentou beber o seu sangue nem nada parecido?

— Não, ele não fez nada. — *Exceto tocar levemente na mão dela.* — Só perguntou o meu nome e disse o dele.

Os olhos de Jessie agora se pareciam com enormes pires castanhos. — Ele disse o nome dele? E qual é?

— Korum.

— É claro, Korum, o K. Faz todo sentido. — O senso de humor de Jessie se manifestava nos momentos mais estranhos. As duas riram do ridículo da frase.

— Você soube imediatamente que ele era um K? Qual era a aparência dele? — Recuperando-se, Jessie continuou com as perguntas.

— Sim, soube. — Mia pensou novamente naquele primeiro momento em

que o vira. Como sabia? Foram os olhos dele? Ou algo instintivo nela que sabia reconhecer um predador quando o via? — Acho que foi alguma coisa no jeito como ele se movia. É difícil descrever. Decididamente, não era humano.

Ele se parecia muito com os Ks que se vê na TV: era alto, bonito daquela forma particular que eles têm e tinha olhos com aparência estranha, quase amarelos.

— Uau, não acredito nisso. — Jessie andava em círculos pelo quarto. —

Como ele falou com você? Como era a voz dele?

Mia soltou um suspiro. — Na próxima vez que eu for emboscada no parque por um extraterrestre, lembrarei de ter um gravador à mão.

— Ora, vamos, até parece que não estaria curiosa se estivesse no meu lugar.

É verdade, Jessie tinha razão. Suspirando novamente, Mia contou o encontro inteiro para a colega de quarto com todos os detalhes, deixando de fora apenas o breve momento em que a mão dele encostara na dela. Por algum motivo estranho, aquele toque, e a reação dela, pareciam algo particular.

— Então, você disse "tchau" e ele disse que veria você outra hora? Ah, meu Deus, você sabe o que isso significa? — Longe de satisfazer Jessie, a história detalhada pareceu deixá-la ainda mais empolgada. Ela estava quase batendo contra as paredes.

— Não, o quê? — Mia se sentia cansada e esgotada. Era algo parecido com a sensação depois de uma entrevista ou uma prova, quando tudo o que queria era dar ao pobre cérebro sobrecarregado uma chance de espairecer.

Talvez só devesse ter contado a Jessie sobre o encontro no dia seguinte, depois de ter a oportunidade de relaxar um pouco.

— Ele quer se encontrar com você de novo!

— O quê? Por quê? — O cansaço de Mia subitamente desapareceu quando uma onda de adrenalina percorreu-lhe o corpo. — É só uma figura de linguagem! Tenho certeza de que ele não quis dizer nada com isso. Inglês nem é o idioma nativo dele! Por que ele ia querer me encontrar novamente?

— Bem, você mesma disse que ele a achou bonita...

— Não. Eu disse que *ele* disse que estava lá para encontrar uma garota bonita de cabelos cacheados. Só estava brincando comigo. Tenho certeza de que foi só um jeito de brincar comigo... Provavelmente estava entediado de ficar parado lá e decidiu se aproximar e conversar comigo. Por que um K

estaria interessado em mim? — Mia lançou um olhar depreciativo para o espelho, estudando as botas Uggs de dois anos de idade, calças *jeans* e o

blusão grande demais que comprara em uma liquidação na Century 21.

— Mia, eu já lhe disse, você está constantemente subestimando a sua aparência. — Jessie soou ansiosa, como sempre acontecia quando tentava melhorar a

autoconfiança de Mia. — Você é muito bonita com essa massa enorme de cabelos cacheados. Além do mais, tem olhos muito bonitos. É muito incomum ter olhos azuis com os cabelos tão escuros como os seus...

— Ora, por favor, Jessie. — Mia revirou os olhos. — Tenho certeza de que *bonita* não é suficiente quando você é um K deslumbrante. Além do mais, você é minha amiga e precisa dizer coisas legais para mim.

Para Mia, a pessoa bonita naquele aposento era Jessie. Com a compleição atlética cheia de curvas, cabelos pretos longos e uma pele dourada macia, Jessie era a fantasia de todo homem, particularmente se gostassem de garotas asiáticas. Jessie, ex-líder de torcida no ensino médio, era colega de quarto de Mia havia três anos, e tinha a personalidade esfuziante que combinava com a aparência. Seria sempre um mistério para Mia o motivo de elas terem se tornado tão amigas, pois as habilidades sociais dela aos dezoito anos eram praticamente inexistentes.

Pensando no passado, Mia se lembrou de como se sentira perdida e desorientada ao chegar na cidade grande depois de passar a vida inteira em uma pequena cidade na Flórida. A universidade de Nova Iorque fora a melhor faculdade em que fora aceita e o pacote de auxílio financeiro acabara sendo generoso, deixando os pais dela muito contentes. No entanto, Mia não se sentira nem um pouco empolgada com a ideia de ir para a universidade de uma cidade grande sem um campus de verdade. Ao entrar no processo competitivo para entrar na universidade, ela se candidatara à maioria das quinze melhores, recebendo várias rejeições e ofertas inadequadas de auxílio financeiro. No geral, a universidade de Nova Iorque parecera a melhor opção. As universidades locais da Flórida nem mesmo foram consideradas pelos pais de Mia na época, pois diziam que talvez os Ks criassem um Centro na Flórida e eles a queriam bem longe de lá, caso isso acontecesse. E não acontecera, pois Arizona e o Novo México acabaram sendo os locais preferenciais dos Ks nos Estados Unidos. Mas fora tarde demais. Mia começara o segundo semestre na universidade de Nova Iorque, conhecera Jessie e lentamente começara a se apaixonar pela cidade e por tudo o que ela tinha a oferecer.

Era engraçado como as coisas acabaram acontecendo. Apenas cinco anos antes, a maioria das pessoas pensava que eram os únicos seres inteligentes no universo. Claro, sempre houvera malucos alegando que viram OVNIs e

houvera até mesmo coisas como o SETI, esforços sérios custeados pelo governo para explorar a possibilidade de vida extraterrestre. Mas as pessoas não tinham como saber se algum tipo de vida, mesmo organismos unicelulares, realmente existiam em outros planetas. Como resultado, a maioria acreditava que os humanos eram especiais e únicos, que o *homo sapiens* estava no pináculo do desenvolvimento evolucionário. Agora aquilo tudo parecia bobo, como quando as pessoas na Idade Média achavam que a Terra era plana e que a lua e as estrelas giravam em torno dela. Quando os krinars chegaram no início da segunda década do século XXI, jogaram por terra tudo o que os cientistas achavam que sabiam sobre a vida e a origem dela.

— Estou dizendo, Mia, acho que talvez ele tenha gostado de você! — A voz insistente de Jessie interrompeu os pensamentos dela.

Suspirando, Mia voltou a atenção para a colega de quarto. — Eu duvido muito. Além do mais, mesmo se for verdade, o que ele poderia querer de mim?

Somos de espécies diferentes. A ideia de ele gostar de mim é completamente assustadora... O que ele poderia querer, meu sangue?

— Bem, não sabemos disso com certeza. São apenas rumores.

Oficialmente, nunca foi anunciado que os Ks bebem sangue. — Jessie soava esperançosa por algum motivo estranho. Talvez a vida social de Mia fosse tão ruim no ponto de vista da colega de quarto que Jessie estava ansiosa para que ela namorasse alguém. Qualquer pessoa. Ser da mesma espécie era opcional.

— É um rumor em que muitas pessoas acreditam. Tenho certeza de que há um motivo para isso. Eles são vampiros, Jessie. Talvez não igual ao Drácula das lendas, mas todos sabem que são predadores. É por isso que criaram os Centros em áreas isoladas... para que possam fazer o que quiserem com os desavisados.

— Está bem, está bem. — Com a empolgação diminuindo, Jessie se sentou na cama. — Você tem razão, seria muito assustador se ele realmente quisesse encontrá-la novamente. Mas é divertido fingir, às vezes, que eles são simplesmente humanos maravilhosos do espaço, e não uma espécie misteriosa completamente diferente.

— Eu sei. Ele era incrivelmente bonito. — As duas garotas se entreolharam. — Se pelo menos ele fosse humano...

— Você é muito exigente, Mia. Eu sempre lhe disse isso. — Balançando a cabeça em uma reprimenda sarcástica, Jessie usou o tom mais sério que conseguiu. Mia olhou para ela com incredulidade e as duas caíram na gargalhada.

NAQUELA NOITE, Mia teve um sono inquieto, com a mente repassando o encontro sem parar. Assim que pegava no sono, via aqueles olhos cor de âmbar alegres e sentia o toque eletrizante na pele. Para o próprio constrangimento, a mente inconsciente levava as coisas mais além e Mia sonhou que ele tocava na mão dela. No sonho, o toque dele fazia com que o corpo inteiro dela estremecesse, aquecendo-a por dentro. Em seguida, ele deslizava a mão pelo braço dela, segurando-a pelo ombro e puxando-a na direção dele, hipnotizando-a com o olhar ao se aproximar para beijá-la. Com o coração disparado, Mia fechava os olhos e inclinava-se na direção dele, sentindo os lábios macios tocando os dela, lançando ondas de sensações quentes por todo o corpo.

Acordando subitamente, Mia sentiu o coração batendo com força no peito e o calor lentamente acumulando-se entre as pernas. Eram cinco horas da manhã e ela mal dormira nas últimas horas. Droga, por que um encontro breve com um alienígena tinha tal efeito nela? Talvez Jessie tivesse razão e ela precisava sair mais, encontrar outros homens. Nos três anos anteriores, sob a tutela de Jessie, Mia conseguira se livrar de boa parte da timidez e da falta de jeito. Ao terminar o ensino médio, os pais a levaram para uma cirurgia a *laser* nos olhos e o sorriso depois de tirar o aparelho era bonito e alinhado. Ela agora se sentia confortável para ir a uma festa onde conhecesse pelo menos algumas pessoas e, depois de beber um número suficiente de doses, conseguia até mesmo dançar. Mas, por algum motivo, o mundo do namoro ainda a assustava. Os poucos encontros que tivera em meses recentes foram desapontadores e ela não conseguia se lembrar da última vez em que beijara um garoto. Talvez fosse aquele rapaz simpático da turma de biologia do ano anterior? Por algum motivo, ela nunca se sentira atraída por nenhum dos homens com quem saíra e estava tornando-se constrangedor admitir que ainda era virgem aos vinte e um anos de idade.

Por sorte, ela e Jessie não dividiam mais um quarto. Tinham encontrado um apartamento de um quarto que podia ser convertido em um apartamento de dois quartos pela tarifa razoável, pelos padrões de Nova Iorque, de apenas US$ 2.380,00. Ter o próprio quarto significava um grau de liberdade e privacidade que era muito bom em situações como aquela.

Ligando o abajur ao lado da cama, Mia olhou em torno do quarto, certificando-se de que a porta estava totalmente fechada. Ela colocou a mão dentro da gaveta do criado-mudo e pegou um pequeno pacote, que

normalmente ficava escondido bem no fundo, atrás do creme facial, da loção para as mãos e do frasco de analgésicos. Desembrulhando cuidadosamente o pacote, ela pegou o vibrador com minúsculas orelhas de coelho, um presente de brincadeira da irmã mais velha. Marisa lhe dera o vibrador como presente de formatura do ensino médio, com o conselho jocoso de usá-lo sempre que

"sentisse aquela vontade" e "para ficar longe daqueles garotos tarados da cidade grande". Mia corara e rira na época, mas a coisa realmente se provara útil. Em certos momentos, na escuridão da noite, quando a solidão se tornava mais forte, Mia brincava com o aparelho, gradualmente explorando o corpo e aprendendo como era um orgasmo de verdade.

Pressionando o pequeno objeto no recesso sensível entre as pernas, Mia fechou os olhos e aliviou as sensações que o sonho causara. Gradualmente aumentando a velocidade da vibração, ela deixou a imaginação voar, visualizando as mãos do K em seu corpo e os lábios dele beijando-a, acariciando-a, tocando-a em locais sensíveis e proibidos, até que a tensão profunda dentro dela ficou ainda maior e explodiu, enviando ondas de calor até a ponta dos dedos dos pés.

QUANDO MIA ACORDOU na manhã seguinte, o céu estava cinzento e nublado. Ao pegar o telefone para verificar a previsão do tempo, ela soltou um gemido.

Noventa por cento de chance de chover com temperatura abaixo de dez graus.

Era tudo de que ela precisava com o trabalho de sociologia à espera. Que droga. Talvez conseguisse chegar na biblioteca antes que começasse a chover.

Saltando da cama, ela colocou o *moleton* mais confortável que tinha, uma camiseta de mangas compridas e um suéter largo com capuz que comprara em uma viagem da escola à Europa. Era o traje de estudo e parecia tão feio naquele dia quanto na primeira vez em que o usara para estudar para um teste de álgebra no ensino médio. As roupas ainda cabiam nela, pois parecia que desenvolvera uma incapacidade desagradável de aumentar a medida da cintura ou a altura desde os catorze anos de idade.

Rapidamente, Mia escovou os dentes, lavou o rosto e olhou criticamente para o espelho. Um rosto pálido e com algumas sardas a encarou de volta. Os olhos eram provavelmente o que tinha de mais bonito, um tom incomum de azul acinzentado que fazia um contraste bonito com os cabelos escuros. Por outro lado, os cabelos eram uma fera totalmente diferente. Se ela passasse uma

hora secando-os cuidadosamente, talvez conseguisse fazer com que os cachos rebeldes ficassem parecendo um pouco civilizados. Mas a rotina normal de dormir com os cabelos molhados não levava a nada além da confusão crespa que tinha sobre a cabeça naquele momento. Soltando um longo suspiro, ela o prendeu sem dó em um rabo de cavalo grosso. Algum dia, quando conseguisse um emprego de verdade, talvez fosse a um daqueles salões caros e tentasse fazer um alisamento. Por enquanto, como não tinha uma hora todas as manhãs a perder com os cabelos, tinha que aguentá-los como eram.

Era hora de ir à biblioteca. Mia pegou a mochila e o *notebook,* calçou as Uggs e saiu do apartamento. Cinco andares de escadas depois, saiu do prédio, prestando pouca atenção à tinta descascada nas paredes e às baratas que gostavam de morar perto da calha de lixo. Essa era a vida de estudante em Nova Iorque e Mia era uma das poucas que tinha a sorte de ter um apartamento com preço razoável tão perto do *campus*.

Os preços de imóveis em Manhattan estavam mais altos do que nunca. Nos primeiros anos depois da invasão, os preços de apartamentos em Nova Iorque tinham caído, bem como em todas as grandes cidades do mundo inteiro. Com os filmes de invasões ainda presentes na imaginação do público, a maioria das pessoas achou que as cidades não seriam seguras e as que puderam partiram para áreas rurais. Famílias com crianças, que já eram raras em Manhattan, deixaram a cidade aos montes, partindo para as áreas mais remotas que conseguiram encontrar. Os Ks tinham encorajado a migração, pois aliviava grande parte da poluição nas áreas urbanas e em volta delas. É claro, logo as pessoas perceberam a tolice, pois os Ks não queriam nada com as grandes cidades dos humanos. Em vez disso, decidiram construir os Centros em áreas quentes e pouco populadas em torno do planeta. Os preços de Manhattan subiram novamente, com algumas poucas pessoas de sorte ganhando fortunas em barganhas de imóveis que tinham comprado durante a queda. Agora, mais de cinco anos depois do Dia K — como o primeiro dia da invasão dos krinars passou a ser chamado — os aluguéis na cidade de Nova Iorque estavam novamente perto de preços recordes.

Que sorte a minha, pensou Mia com uma leve irritação. Se fosse uns dois anos mais velha, poderia ter alugado aquele apartamento por menos da metade do preço. É claro, também tinha vantagem de se formar no ano seguinte, em vez de nas profundezas do Grande Pânico — os meses sombrios depois que a Terra enfrentou os invasores.

Parando na padaria local, Mia pediu um pão levemente torrado (integral,

claro, o único tipo disponível) com uma pasta de abacate e tomate em cima.

Suspirando, ela se lembrou dos omeletes deliciosos que a mãe costumava fazer, com bacon frito, cogumelos e queijo. Agora, os cogumelos eram o único ingrediente naquela lista que podia ser comprado com o orçamento de um estudante. Carne, peixe, ovos e laticínios eram produtos premium, disponíveis apenas como luxo esporádico, como *foie gras* e caviar eram no passado.

Aquela era uma das mudanças principais que os krinars tinham implementado.

Depois de decidirem que a dieta típica de mundo desenvolvido do início do século XXI era prejudicial para os humanos e para o meio ambiente, eles fecharam as grandes fazendas industriais, forçando os produtores de carne e laticínios a mudarem para a produção de frutas e legumes. Apenas pequenos fazendeiros foram deixados em paz e tinham permissão para criar alguns animais para ocasiões especiais. Organizações ambientais e de direitos dos animais ficaram extáticas e as taxas de obesidade nos Estados Unidos se aproximavam rapidamente das do Vietnã. É claro, as repercussões foram enormes, com inúmeras empresas indo à falência e escassez de alimentos durante o Grande Pânico. E, mais tarde, quando as tendências vampíricas dos krinars foram descobertas (apesar de não serem oficialmente comprovadas), os ativistas de extrema direita alegaram que o verdadeiro motivo para a mudança forçada na dieta era para deixar o sangue humano mais doce para os Ks. De qualquer forma, a maioria dos alimentos disponíveis e com preço acessível no momento era desagradavelmente saudável.

— Guarda-chuva, guarda-chuva, guarda-chuva! — Um homem de aparência suja estava parado na esquina, anunciando os produtos com um sotaque forte do Oriente Médio. — Guarda-chuva de cinco dólares!

É claro, menos de um minuto depois, uma chuva leve começou a cair. Pela enésima vez, Mia ficou imaginando se os vendedores de guarda-chuva de rua

tinham algum tipo de sexto sentido sobre a chuva. Parecia que eles sempre surgiam logo antes de cair a primeira gota, mesmo que a previsão dissesse que não choveria. Apesar de ser tentador comprar um guarda-chuva para se manter seca, Mia só precisava andar mais alguns quarteirões e a chuva estava muito fraca para justificar o gasto desnecessário de cinco dólares. Ela poderia ter levado o guarda-chuva velho que tinha em casa, mas carregar um objeto extra nunca entrava na lista de prioridades dela.

Caminhando o mais depressa que conseguia com a mochila pesada, Mia virou a esquina na West 4th Street, já vendo a Biblioteca Bobst, quando a chuva começou a cair com força. Droga, deveria ter comprado aquele guarda-

chuva! Xingando-se mentalmente, Mia começou a correr com dificuldade, por causa do peso da mochila, enquanto as gotas de chuva batiam-lhe no rosto com a força de balas de água. De algum jeito, os cabelos se soltaram do rabo de cavalo e caíram sobre o rosto dela, bloqueando a visão. Várias pessoas passaram correndo por ela, apressando-se para sair da chuva, e Mia foi empurrada algumas vezes por pedestres cegos pela combinação da chuva pesada e dos guarda-chuvas que algumas almas sortudas carregavam. Em momentos como aquele, ter um metro e sessenta e ser magra eram grandes desvantagens. Um homem grande esbarrou nela ao passar, com o cotovelo batendo no ombro dela, e Mia tropeçou quando o pé ficou preso em uma rachadura na calçada. Caindo para a frente, ela conseguiu se apoiar com as mãos na calçada molhada, escorregando alguns centímetros na superfície áspera.

Subitamente, mãos fortes a ergueram do chão, como se ela não pesasse nada, colocando-a de pé sob um guarda-chuva grande que o homem segurava sobre a cabeça.

Sentindo-se como um rato afogado e sujo, Mia tentou retirar os cabelos encharcados do rosto com as costas da mão arranhada, piscando para tirar a água dos olhos. O nariz decidiu aumentar a humilhação dela, escolhendo aquele momento particular para espirrar incontrolavelmente sobre o homem que a resgatara.

— Ah, meu Deus, eu sinto muito! — Mia se desculpou freneticamente, completamente mortificada. Com a visão ainda borrada por causa da água que corria pelo rosto, ela tentou desesperadamente limpar o nariz com a manga molhada para evitar outro espirro. — Desculpe-me, eu não queria espirrar em

você daquele jeito!

— Não precisa se desculpar, Mia. Obviamente, você está molhada e com frio. E machucada. Deixe-me ver as suas mãos.

Aquilo não podia estar acontecendo. Com o desconforto esquecido, tudo o que Mia conseguiu fazer foi olhar incrédula enquanto Korum levantava cuidadosamente as mãos delas, com a palma para cima, e examinava os arranhões. As mãos grandes dele eram incrivelmente gentis sobre a pele, mesmo segurando-a com tanta força que ela nunca conseguiria escapar. Apesar de estar completamente encharcada no frio de abril, Mia se sentiu como se estivesse prestes a pegar fogo, com o toque dele enviando ondas de calor pelo corpo inteiro dela.

— Você precisa tratar essas feridas imediatamente. Elas poderão deixar

cicatrizes se não tiver cuidado. Venha comigo, vamos cuidar delas. —

Soltando os pulsos dela, Korum colocou um braço decidido em volta da cintura dela e começou a conduzi-la de volta em direção à Broadway.

— Espere, o que... — Mia tentou recobrar o controle. — O que você está fazendo aqui? Para onde está me levando? — Ela acabara de perceber o perigo da situação e começou a tremer devido a uma combinação de frio e medo.

— Você está obviamente congelando. Vou tirá-la dessa chuva e depois conversaremos. — O tom dele não admitia que discordasse.

Olhando desesperadamente em volta, tudo o que Mia viu foram pessoas correndo para sair da chuva, sem prestar atenção aos arredores. Em um clima como aquele, um assassinato no meio da rua provavelmente não seria notado, muito menos a luta de uma pequena garota. O braço de Korum parecia uma faixa de aço em volta da cintura dela, completamente impossível de retirar, e Mia se viu acompanhando-o na direção em que ele a levava.

— Espere, por favor. Eu realmente não posso ir com você — protestou Mia trêmula. Agarrando-se em motivos banais, ela disse: — Tenho que fazer um trabalho da faculdade!

— É mesmo? E como pretende escrever nessas condições? — O tom dele estava

repleto de sarcasmo e Korum a estudou de cima abaixo, parando o olhar ligeiramente nos cabelos encharcados e nas mãos arranhadas. — Você está machucada e provavelmente pegará uma pneumonia, com esse sistema imunológico fraco que tem.

Como antes, ele de alguma forma conseguiu deixá-la furiosa. Como ousava chamá-la de fraca! Mia enxergou tudo vermelho. — Com licença, meu sistema imunológico está muito bem! Ninguém pega pneumonia hoje em dia só por ficar na chuva! Além do mais, por que isso é da sua conta? O que está fazendo aqui, está me seguindo?

— É isso mesmo. — A resposta dele foi suave e totalmente indiferente.

Com o ataque de fúria desaparecendo imediatamente, Mia sentiu tentáculos de medo percorrendo-lhe o corpo novamente. Engolindo para umedecer a garganta subitamente seca, ela só conseguiu dizer duas palavras em voz rouca.

— Por quê?

— Ah, aqui estamos. — Uma limusine preta estava estacionada na esquina da West 4th com a Broadway. Ao se aproximarem, as portas automáticas se abriram, revelando o interior felpudo cor de creme. O coração de Mia saltou para a garganta. De jeito nenhum ela entraria em um carro estranho com um K

que admitira que a estava seguindo.

Ela ficou parada e preparou-se para gritar.

— Mia. Entre. No. Carro. — As palavras dele a atingiram como um chicote. Ele parecia bravo, com os olhos ficando mais amarelos a cada segundo. A boca com aparência normalmente sensual pareceu subitamente cruel, apertada em uma linha fina. — NÃO faça com que eu precise repetir isso.

Tremendo como uma folha, Mia obedeceu. Ah, Deus, ela só queria sobreviver àquilo que o K tinha para ela. Todas as histórias de horror que já ouvira sobre os invasores surgiram subitamente na mente dela, todas as imagens das lutas terríveis durante o Grande Pânico. Ela engoliu o choro, observando Korum entrar na limusine e fechar o guarda-chuva. As portas do carro se fecharam.

Korum apertou o botão do interfone. — Roger, por favor, leve-nos para a minha

casa. — Ele parecia muito mais calmo e os olhos tinham voltado à cor dourada original.

— Sim, senhor. — A resposta do motorista saiu de trás da divisória que o bloqueava totalmente de vista.

Roger? Aquele era um nome humano, pensou Mia desesperada. Talvez ele pudesse ajudá-la, chamar a polícia para ela ou algo parecido. Por outro lado, o que a polícia poderia fazer? É claro que eles não prenderiam um K. Até onde Mia sabia, eles estavam acima do alcance das leis humanas. Ele poderia fazer o que quisesse com ela e ninguém o impediria. Mia sentiu as lágrimas escorrendo pelo rosto molhado de chuva ao pensar na tristeza dos pais quando descobrissem que a filha desaparecera.

— O que foi? Você está chorando? — A voz de Korum tinha um traço de incredulidade. — Quantos anos você tem, cinco? — Ele estendeu as mãos, colocando os dedos em volta dos braços dela, e puxou-a para perto, olhando-a no rosto. Com o toque dele, Mia começou a tremer ainda mais, tentando reprimir os soluços que saíam da garganta.

— Calma, calma. Não precisa fazer isso. Shhh... — Mia subitamente se viu totalmente envolta nos braços dele com o rosto pressionado contra o peito largo. Ainda soluçando, ela vagamente registrou um aroma agradável de roupas recém-lavadas e da pele masculina quente, enquanto a mão dele se movia em círculos nas costas dela. Ele realmente a estava tratando como uma garotinha de cinco anos de idade chorando por nada, pensou ela meio histérica. Estranhamente, o tratamento estava dando certo. Mia sentiu o medo

diminuindo enquanto ele a segurava gentilmente nos braços poderosos, sendo substituído por um crescente sentimento de consciência e de uma sensação quente em algum lugar profundo dentro de si. A adrenalina amplificou a atração, percebeu ela com uma desconexão peculiar, lembrando-se de um estudo sobre o assunto em uma das aulas de psicologia.

Ainda envolta nos braços dele, ela conseguiu se afastar o suficiente para olhar no rosto dele. De perto, a aparência dele era ainda mais incrível. A pele, com um tom dourado ligeiramente mais escuro que a da colega de quarto dela, era impecável e parecia brilhar com saúde perfeita. Cílios pretos grossos envolviam aqueles olhos claros inacreditáveis, com sobrancelhas pretas retas perfeitas.

— Você vai me machucar? — A pergunta escapou antes que ela conseguisse pensar melhor.

O sequestrador dela soltou um suspiro surpreendentemente parecido com o de um humano, soando exasperado. — Mia, escute bem. Não vou fazer mal nenhum a você. Ok? — Ele a encarou diretamente nos olhos e Mia não conseguiu desviar o olhar, hipnotizada pelos pontos amarelos na íris. — A única coisa que eu queria fazer era tirá-la da chuva e cuidar dos seus ferimentos. Vou levá-la à minha casa porque ela fica aqui perto e posso dar a você assistência médica e uma muda de roupas. Eu realmente não queria assustá-la, muito menos deixá-la desse jeito.

— Mas você disse... você disse que estava me seguindo! — Mia olhou para ele confusa.

— Sim. Porque, quando a conheci no parque, eu a achei interessante e queria vê-la novamente. Não porque eu queira machucá-la. — Ele agora acariciava os braços dela com um movimento gentil para cima e para baixo, como se estivesse tentando acalmar um cavalo arisco.

Com a confissão dele, uma onda de calor percorreu o corpo de Mia.

Aquilo queria dizer que estava atraído por ela? O coração dela começou a bater mais depressa novamente, mas por um motivo diferente.

Havia mais uma coisa que ela precisava entender. — Você me forçou a entrar no carro...

— Só porque você estava sendo teimosa e recusando-se a dar ouvidos a uma coisa sensata. Estava molhada e com frio. Eu não queria perder tempo discutindo na chuva quando um carro quente estava parado bem ao lado. —

Dito daquela forma, as ações dele soaram completamente humanitárias.

— Tome. — Pegando um lenço de algum lugar, ele cuidadosamente limpou

as lágrimas remanescentes do rosto dela e deu-lhe outro lenço para assoar o nariz. Ele a observou com olhar divertido enquanto ela tentava assoar o mais delicadamente possível. — Está se sentindo melhor agora?

Estranhamente, ela estava. Ele poderia estar mentindo, mas de que adiantaria? De qualquer forma, poderia fazer o que quisesse com ela, portanto, por que perderia tempo tentando acalmá-la? Com o terror anterior desaparecido, Mia subitamente se sentiu exausta com os altos e baixos emocionais. Como se entendesse o que ela sentia, Korum a puxou mais para perto, pressionando o rosto dela contra o peito dele novamente. Mia não objetou. De alguma forma, sentada no colo dele, inalando o aroma quente e sentindo o calor do corpo dele envolvendo-a, Mia se sentia melhor do que se sentira em muito tempo.

CAPÍTULO TRÊS

— A qui estamos. Bem-vinda à minha humilde casa.

Mia olhou em torno deslumbrada, passeando o olhar pelas janelas de parede inteira com vista para o Hudson, pelo piso de madeira brilhante e pelas mobílias luxuosas cor de creme. Algumas peças de arte moderna nas paredes e plantas vistosas perto das janelas davam toques elegantes de cor. Era o apartamento mais lindo que já vira. E parecia completamente humano.

— Você mora aqui? — perguntou ela atônita.

— Só quando venho para Nova Iorque.

Korum pendurou o casaco no armário perto da porta. Era uma ação tão simples e mundana, mas, de alguma maneira, os movimentos dele eram fluidos demais para serem totalmente humanos. Ele vestia uma camiseta azul e calças *jeans*. As roupas caíam sobre o corpo magro e poderoso com perfeição. Mia engoliu em seco, percebendo que o ambiente inacreditável à volta dela parecia pálido perto da criatura deslumbrante que o ocupava.

Como ele tinha dinheiro para pagar por aquele lugar? Todos os Ks eram ricos? Quando a limusine entrara na garagem do arranha-céu luxuoso mais novo em TriBeCa, Mia ficara chocada ao ser escoltada até um elevador privativo que os levou diretamente à cobertura. O apartamento parecia imenso, particularmente para os padrões de Manhattan. Ele ocupava o andar inteiro do prédio?

— Sim, o apartamento ocupa o andar inteiro.

Mia corou, percebendo que fizera a pergunta em voz alta. — Ahm... é um belo lugar esse.

— Obrigado. Venha, sente-se. — Ele a levou até um sofá de couro, de cor creme, é claro. — Deixe-me ver as suas mãos.

Hesitantemente, Mia estendeu as palmas, sem saber o que ele pretendia fazer. Usar o sangue dele para curá-las, da mesma forma como os vampiros da ficção popular faziam?

Em vez de cortar a palma ou fazer alguma coisa vampírica, Korum aproximou um pequeno objeto prateado da palma direita dela. Com o tamanho e a espessura de um cartão de crédito de plástico antigo, a coisa parecia completamente inócua. Pelo menos, até começar a emitir uma luz vermelha suave diretamente sobre a mão dela. Não houve dor, apenas uma sensação quente agradável onde a luz encostou na pele machucada. Enquanto Mia observava, os arranhões começaram a desaparecer e sararam completamente, como se nunca tivessem existido. Mia tocou a área cuidadosamente com os dedos. Não sentiu dor alguma.

— Uau, isso é incrível. — Mia suspirou com força, soltando a respiração que nem percebera que estivera prendendo. É claro, ela sabia que os Ks eram muito mais avançados tecnologicamente, mas ver o que parecia um milagre com os próprios olhos ainda era chocante.

Korum repetiu o processo na outra mão. As duas palmas agora estavam completamente curadas, sem o menor rastro das feridas.

— Ahm... obrigada por fazer isso. — Mia não sabia o que dizer. Aquela era uma versão dos Ks de oferecer um band-aid ou ele acabara de realizar um procedimento médico complicado nas mãos dela? Deveria se oferecer para pagar? E, se ele dissesse que sim, aceitaria o seguro médico estudantil? *Pare com isso, Mia! Você está sendo ridícula!*

— De nada — disse ele suavemente, ainda segurando de leve a mão esquerda dela, — Agora, vamos trocar essas roupas molhadas.

Mia levantou a cabeça bruscamente em descrença horrorizada. É claro que ele não quisera dizer que...

Antes mesmo que ela tivesse a oportunidade de dizer alguma coisa, Korum soltou um suspiro exasperado. — Mia, quando eu disse que não pretendia lhe fazer mal, estava falando sério. Minha definição de mal inclui estupro, caso você

ache que temos algumas diferenças culturais em relação a isso. Portanto, você pode relaxar e parar de pular cada vez que eu digo alguma coisa.

— Desculpe, eu não quis dizer... — Mia desejou que o chão se abrisse e simplesmente a engolisse. É claro que ele não a estupraria. Provavelmente nem estava interessado nela daquele jeito. Por que ia querer uma humana

magricela e pálida, quando podia ter qualquer uma das fêmeas Ks lindas que ela vira na televisão? Ele nunca dissera que estava atraído por ela, apenas que a achara "interessante". Até onde ela sabia, ele podia muito bem ser um K

cientista estudando os humanos de Nova Iorque e acabara de encontrar uma cobaia de laboratório com cabelos cacheados.

Soltando outro suspiro, Korum se levantou graciosamente do sofá, cada movimento cheio de uma agilidade alienígena. — Venha comigo.

Ainda sentindo-se envergonhada, Mia mal prestou atenção ao que havia ao redor quando ele a conduziu pelo corredor. No entanto, não conseguiu reprimir uma exclamação ao ver o banheiro imenso à sua frente.

A parte do chuveiro, envolta em vidro, era maior do que o banheiro dela inteiro e uma banheira de hidromassagem elevada imensa ocupava o centro do aposento. O banheiro inteiro tinha tons de marfim e cinza, uma combinação incomum que, mesmo assim, cabia bem naquele ambiente luxuoso. Duas das paredes tinham espelhos do chão até o teto, aumentando ainda mais a sensação de espaço. Também havia plantas ali, notou ela. Duas plantas exóticas com folhas vermelhas que pareciam florescer nos cantos, parecendo receber luz do sol o suficiente da claraboia no teto.

— Isso é para você. — Korum deslizou uma parte da parede de vidro, abrindo um armário, e retirou uma toalha grande cor de marfim e um roupão grosso cinza que parecia muito macio. — Você pode tomar um banho quente e vestir esse roupão. Vou colocar as suas roupas na secadora.

Com um aceno da cabeça e murmurando um agradecimento, Mia aceitou os dois itens, observando enquanto Korum saía do banheiro e fechava a porta atrás de si.

Uma sensação de realidade a inundou ao olhar para o luxo impressionante à toda volta. Isso não podia estar acontecendo com ela. Será que era um sonho

realmente vívido? É claro que Mia Stalis, de Ormond Beach, Flórida, não estava parada dentro de um banheiro adequado para um rei, depois de ser comandada a tomar um banho quente por um K que praticamente a sequestrara para curar arranhões insignificantes com um dispositivo mágico alienígena.

Talvez, se piscasse algumas vezes, acordaria no quarto bagunçado do apartamento que dividia com Jessie.

Para testar aquela teoria, Mia fechou os olhos com força e abriu-os novamente. Não, ainda estava parada lá, sentindo nos braços o peso da toalha felpuda e do roupão. Se aquilo era um sonho, era o sonho mais realista que já tivera. Podia muito bem tomar aquele banho, agora que a adrenalina começava

a deixar o corpo e ela começava a sentir o frio das roupas molhadas chegando até os ossos.

Soltando o fardo sobre a beirada da banheira de hidromassagem alta, Mia andou até a porta e trancou-a. É claro que, se Korum realmente quisesse entrar, ela duvidava que a fechadura delicada o manteria do lado de fora. A força incrível dos krinars fora descoberta nas primeiras semanas depois da invasão, quando alguns guerrilheiros no Oriente Médio emboscaram um pequeno grupo de Ks, violando o Tratado de Coexistência recentemente assinado. Um vídeo do evento, gravado por algum transeunte com um iPhone, mostrava cenas saídas diretamente de um filme de ficção científica de horror. O grupo de cerca de trinta sauditas, armados com granadas e espingardas automáticas, não tiveram a menor chance contra os seis Ks desarmados. Mesmo feridos, os alienígenas se moviam com uma velocidade que excedia a de todas as criaturas vivas conhecidas na Terra, literalmente despedaçando os atacantes com as mãos nuas. Uma cena particularmente dramática mostrava um K

jogando dois homens que gritavam, um com cada mão, para cima. A altura exata a que eles foram lançados foi determinada mais tarde como cerca de dezoito metros. Não era preciso dizer que os homens não sobreviveram à queda. A selvageria pura daquela luta, e de alguns encontros subsequentes durante os dias do Grande Pânico, deixavam a população humana atônita, levando à crença em rumores de vampirismo que surgiram alguns meses depois. Com todos os avanços em tecnologia e a consciência ecológica que tinham, os Ks podiam ser tão brutais e violentos quanto qualquer vampiro das lendas.

E lá estava ela, presa com um deles. Que quisera curar os pequenos arranhões dela e fazer com que ela tomasse um banho quente naquela cobertura sofisticada. E colocar as roupas dela na secadora.

Mia deixou escapar uma risada histérica ao pensar nisso.

É claro, talvez ele gostasse que os petiscos estivessem limpos e cheirosos.

Mas, de alguma forma, Mia acreditara quando ele dissera que não pretendia lhe fazer mal. Além do mais, havia muito pouco que ela poderia fazer sobre a situação atual. Podia muito bem parar de bancar a histérica e tirar vantagem do banho mais luxuoso da vida dela.

Tirando as roupas molhadas, Mia viu o reflexo de si mesma no espelho.

Por que ele estava interessado nela? Claro, ela era magra, o que ainda estava na moda, mas ele provavelmente tinha as mulheres mais lindas, das duas espécies, a seus pés. Parada lá, nua, Mia tentou se ver objetivamente e não

pelos olhos de uma adolescente com problemas de autoconfiança. O espelho refletia uma jovem magra, com seios pequenos, redondos e bonitos, quadris magros e uma cintura estreita. As nádegas eram razoavelmente arredondadas, considerando o restante do corpo. Nua, ela não parecia a pessoa sem forma que sempre sentia ser quando estava com roupas largas. Se fosse mais alta, talvez até mesmo achasse que tinha um corpo bonito. No entanto, a pele era pálida demais e a confusão escura de cachos que emoldurava o rosto era muito crespa para que ela pudesse ser considerada mais do que bonitinha.

Suspirando, Mia parou sob o chuveiro. Depois de uma luta breve com os controles na tela tátil, ela descobriu como funcionavam e, logo, estava desfrutando da água quente que jorrava de cinco direções. Ela até mesmo usou o sabonete dele, que tinha um aroma leve e agradável de algo tropical.

Dez minutos depois, Mia desligou a água e andou até um tapete grosso cor de marfim. Ela se secou com a toalha que Korum lhe dera, enrolou-a em volta dos cabelos molhados e vestiu o roupão que, para sua surpresa, ficou apenas um pouco grande. Tinha que ser o roupão de uma mulher, percebeu ela com uma pontada desagradável de algo que, estranhamente, parecia ciúmes. *Não seja tola, Mia, é claro que ele recebe hóspedes mulheres!* Uma criatura tão linda dificilmente seria celibatária. Talvez até mesmo tivesse namorada ou esposa.

Mia engoliu em seco para se livrar de uma obstrução na garganta que pareceu surgir com aquele pensamento. *Pare com isso, Mia!* Ela não tinha ideia do que ele queria dela e não tinha absolutamente motivo algum para se sentir daquela forma em relação a um alienígena do espaço que podia ou não beber sangue humano.

Andando descalça até a porta, Mia pegou as roupas que jogara no chão.

Elas estavam molhadas e gosmentas e Mia ficou feliz por não estar vestindo-as mais. Abrindo cuidadosamente a porta, espiou o corredor, vendo um par de chinelos cinzas de aparência macia que, pelo jeito, Korum deixara para ela.

Não havia sinal de Korum.

Calçando os chinelos, Mia saiu do banheiro e encaminhou-se para a esquerda, torcendo para estar voltando à sala de estar. A última coisa que queria era entrar no quarto dele, apesar de a ideia deixá-la quente por dentro.

Ele estava sentado no sofá, olhando para alguma coisa na palma da mão.

Sentindo a presença dela, ele ergueu a cabeça e um sorriso luminoso lentamente surgiu no rosto dele ao vê-la parada lá, no roupão grande demais e com a toalha presa em um turbante.

— Você está adorável desse jeito. — A voz dele era baixa e um tanto íntima, mesmo do outro lado da sala, fazendo com que as entranhas dela se contorcessem de uma forma estranhamente sexual. Ah, Deus, o que ele queria dizer com aquilo? Estava realmente interessado nela? Mia teve certeza de que o rosto acabara de ficar vermelho quando o coração subitamente começou a bater mais rápido.

— Ah, obrigada — murmurou ela, incapaz de pensar em uma resposta melhor. Era imaginação dela ou os olhos dele ficaram com um tom dourado ainda mais profundo?

— Dê-me essas coisas. — Antes que ela tivesse a oportunidade de recuperar a compostura, ele estava ao lado dela, pegando as roupas molhadas dos braços trêmulos de Mia. — Sente-se, vou colocar essas roupas molhadas na secadora.

Com aquilo, ele desapareceu pelo corredor. Mia ficou olhando para lá, pensando

se deveria se preocupar. Ele dissera que não pretendia fazer-lhe mal, mas será que aceitaria um não se estivesse realmente interessado nela sexualmente? E, mais importante, ela conseguiria dizer não, considerando a forma como respondera a ele até aquele momento?

Ela ouvira falar de humanos que fizeram sexo com Ks, portanto, as duas espécies eram decididamente compatíveis nesse sentido. Na verdade, havia até mesmo sites na internet em que as pessoas que queriam fazer sexo com Ks publicavam anúncios destinados a atraí-los. Alguns dos anúncios deviam receber respostas, pois os sites continuavam no ar. Mia sempre pensara que aqueles xenos — abreviação para xenófilos, um termo pejorativo para pessoas que gostavam dos Ks — eram loucos. É claro, a maioria dos invasores tinha uma bela aparência, mas eles estavam tão longe de serem humanos que era quase a mesma coisa que fazer sexo com um gorila. Havia menos diferenças entre o DNA dos gorilas e dos humanos do que entre os humanos e os krinars.

Mesmo assim, lá estava ela e, pelo jeito, muito atraída por um K em particular.

Um minuto depois, Korum voltou de mãos vazias, interrompendo a sequência de pensamentos de Mia. — As roupas estão secando — anunciou ele. — Está com fome? Posso preparar alguma coisa para comermos enquanto esperamos.

Ks sabiam cozinhar? Mia subitamente percebeu que, na verdade, estava faminta. Com tudo o que acontecera na hora anterior, o pão que comera no café da manhã parecia muito distante. Cozinhar e comer também pareciam uma

forma muito inocente de passar o tempo.

— Claro, parece uma ótima ideia. Obrigada.

— Ok, venha comigo até a cozinha e prepararei alguma coisa.

Com aquela promessa, ele andou até uma porta que ela não notara antes e deslizou-a para o lado para abri-la, revelando uma cozinha grande. Como o restante da cobertura, ela era incrível. Aparelhos brilhantes de aço inoxidável, piso de mármore preto e marfim e balcões de pedra com esmalte preto preenchiam o espaço com uma aparência quase futurista. Perto das janelas, plantas de uma espécie de folhas grandes em vasos prateados estavam penduradas do teto, parecendo muito à vontade no ambiente de aparência quase estéril.

— O que acha de uma salada e um sanduíche de legumes? — Korum já estava abrindo a geladeira, que parecia a versão mais recente da iZero, uma geladeira inteligente criada em conjunto pela Apple e pela Sub-Zero alguns anos antes.

— Parece ótimo, obrigada — respondeu Mia sem prestar muita atenção, ainda estudando o aposento. Alguma coisa a incomodava, alguma pergunta óbvia que precisava de uma resposta.

Subitamente, ela se deu conta.

— Sua casa só tem tecnologia nossa dentro dela — disse Mia. — Bem, exceto pela pequena ferramenta de cura que você usou em mim. Todos esses aparelhos, toda essa tecnologia nossa, devem parecer muito primitivos para você. Por que você usa tudo isso em vez do que vocês têm?

Korum sorriu, revelando novamente a covinha na bochecha esquerda, e andou até a pia para lavar a alface. — Eu gosto de experimentar coisas diferentes. Muitas das tecnologias de vocês são realmente muito geniais, considerando as suas limitações. E, para usar um dos ditados que vocês têm, em Roma...

— Então, basicamente, está querendo se misturar conosco — concluiu Mia. — Morando entre os primitivos, usando as ferramentas básicas deles...

— Se prefere pensar dessa forma.

Ele começou a cortar os legumes, com as mãos movendo-se mais depressa do que as de qualquer *chef* profissional. Mia o observou fascinada, notando a incongruência de uma criatura do espaço fazendo uma salada. Todos os movimentos dele eram fluidos e elegantes e, de alguma forma, nada humanos.

— O que vocês normalmente comem em Krina? — perguntou ela subitamente muito curiosa. — A dieta de vocês é muito diferente da nossa?

Ele ergueu os olhos e sorriu para ela. — Em alguns aspectos, é muito diferente, mas muito parecida em outros. Somos onívoros, como vocês, mas preferimos mais alimentos de origem vegetal em nossa dieta. Há uma enorme variedade de plantas comestíveis em Krina, muito mais do que na Terra.

Algumas de nossas plantas são muito densas em termos de calorias e com sabor rico, portanto, nunca desenvolvemos o gosto por carne que os humanos parecem

ter adquirido recentemente.

Mia piscou surpresa. Havia algo de predatório na forma como ele se movia, na forma como todos os Ks se moviam. A velocidade e a força deles, bem como o traço violento que exibiram, não fazia sentido para uma espécie principalmente herbívora. Portanto, devia haver alguma verdade nos rumores sobre vampiros, afinal de contas. Se não caçavam animais para comer, como tinham evoluído todas aquelas características de caça?

Ela queria perguntar aquilo a ele, mas teve a sensação de que talvez não quisesse saber a resposta. Se a espécie dele realmente via os humanos como presa, provavelmente era melhor não relembrá-lo disso estando sozinha com ele dentro do covil dele.

Mia decidiu continuar com alguma coisa mais segura. — Então, é por isso que vocês enfatizam tanto alimentos de origem vegetal para nós? Porque gostam deles?

Ele balançou a cabeça negativamente, continuando a cortar. — Na verdade, não. A nossa preocupação principal foi o abuso dos recursos do seu planeta. O uso nada saudável de produtos animais estava destruindo o meio ambiente em uma velocidade muito maior do que qualquer outra coisa que estavam fazendo e não queríamos ver isso acontecer.

Mia deu de ombros, pois não era uma pessoa particularmente consciente em relação ao meio ambiente. Mas, como ele estava sendo tão hospitaleiro, ela decidiu voltar à linha de perguntas anterior. — É por isso que você está aqui, em Nova Iorque, para experimentar algo diferente?

— Dentre outros motivos. — Ele se virou para o forno e colocou abobrinhas, beringelas, pimentões e tomates cortados em uma bandeja dentro dele.

Que frustrante. Ele estava sendo evasivo e Mia não gostava disso nem um pouco. Ela decidiu mudar de abordagem. — O que o trouxe à Terra, de forma geral? Você é um dos soldados, um cientista ou faz alguma outra coisa... — A voz dela sumiu sugestivamente.

— Ora, Mia, você está me perguntando sobre a minha ocupação? — Ele

parecia novamente que estava rindo dela.

Previsivelmente, Mia sentiu a raiva surgindo. — Ora, sim, estou. Isso é alguma informação confidencial?

Ele jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada. — Só para garotas curiosas. — Mia o encarou com uma expressão que parecia esculpida em pedra. Ainda rindo, ele revelou: — Sou engenheiro. Minha empresa projetou as naves que nos trouxeram até aqui.

— As naves que os trouxeram até aqui? Mas achei que os krinars tinham visitado a Terra durante milhares de anos antes de virem até aqui formalmente.

— Aquela fora uma das revelações mais surpreendentes sobre os invasores, o fato de que observavam os humanos e viviam entre eles muito antes do Dia K.

Ele assentiu, ainda sorrindo. — Isso é verdade. Nós pudemos visitar vocês por um longo tempo. Mas viajar para a Terra sempre foi uma tarefa perigosa, como são as viagens espaciais em geral, e apenas alguns indivíduos intrépidos tinham coragem para tentar. Foi somente nas últimas centenas de anos que aperfeiçoamos completamente a tecnologia para viagens com velocidade superior à da luz e minha empresa conseguiu construir as naves que poderiam transportar em segurança milhares de civis para essa parte do universo.

Aquilo era interessante. Ela nunca ouvira isso antes. Ele estava contando a ela algo que não era de conhecimento público? Encorajada e absurdamente curiosa, Mia continuou com as perguntas. — Então *você* veio à Terra antes do Dia K? — perguntou ela, encarando-o fascinada com os olhos arregalados.

Ele deu de ombros, um gesto humano que, pelo jeito, também era usado pelos Ks. — Algumas vezes.

— É verdade que todas as aparições de OVNIs eram baseadas em interações reais com os krinars?

Ele sorriu. — Não, elas foram, na maioria, balões meteorológicos e os governos de vocês testando aeronaves confidenciais. Menos de um por cento delas podem ser realmente atribuídas a nós.

— E os mitos romanos e gregos? — Mia lera especulações recentes de que talvez os krinars fossem adorados como divindades na antiguidade, dando origem às religiões politeístas dos gregos e dos romanos. É claro, mesmo hoje

em dia, alguns grupos religiosos tinham abraçado os Ks como os verdadeiros criadores da humanidade, iniciando um movimento inteiramente novo dedicado a venerar e a imitar os invasores. Os krinarianos, como os adoradores de K eram conhecidos, buscavam toda oportunidade para interagir com os seres que viam como deuses da vida real, acreditando que isso

aumentaria as chances de reencarnarem como Ks. As Três Grandes —

cristianismo, islamismo e judaísmo — reagiram de forma muito diferente, recusando-se a aceitar que os Ks eram de alguma forma responsáveis pela origem da vida na Terra. Algumas facções religiosas mais extremas tinham até mesmo declarado que os krinars eram demônios e alegado que a chegada deles era parte da profecia do fim dos dias. Mas a maioria das pessoas aceitara os alienígenas pelo que eram, uma espécie antiga e altamente avançada que enviara DNA de Krina para a Terra, iniciando a vida no planeta.

— Esses *eram* baseados nos krinars — confirmou Korum. — Há alguns milhares de anos, um pequeno grupo de nossos cientistas, enviados para cá para estudar e observar, acabou se envolvendo demais nas questões humanas, a ponto de estenderem a missão deles aqui em algumas centenas de anos. No final, foram forçados a retornar para Krina quando ficou óbvio que estavam usando de propósito a ignorância humana.

Antes que Mia tivesse a oportunidade de digerir aquelas informações, o forno emitiu um breve som avisando que a comida estava pronta.

— Ah, pronto. — Ele pegou os legumes assados e colocou-os em um molho que preparara durante a conversa. Colocando a salada enorme no meio da mesa, ele pegou uma porção considerável e depositou-a no prato de Mia.

— Podemos começar com isso enquanto os legumes estão marinando.

Mia enterrou o garfo na salada, segurando uma risada imprópria ao pensar que estava literalmente comendo a comida dos deuses ou, pelo menos, a comida que fora preparada por alguém que teria sido adorado como um deus alguns milhares de anos antes. A salada estava deliciosa, com alface fresca, abacates cremosos, pimentões crocantes e tomates doces combinados com um tipo de molho de limão ligeiramente picante. Ela estava superfaminta ou, então, aquela era a melhor salada que já comera. Nos últimos anos, ela aprendera a tolerar salada por questões de necessidade, mas aprenderia facilmente a gostar daquele tipo de

salada.

— Obrigada, está deliciosa — murmurou ela com a boca cheia.

— De nada. — Ele também estava comendo e, obviamente, gostando muito. Por algum tempo, só se ouvia o som dos dois mastigando a salada em silêncio agradável. Quando ele terminou de comer, e Mia notou que ele também comia mais depressa do que o normal, Korum se levantou para fazer os sanduíches.

Dois minutos depois, um belo sanduíche estava à frente de Mia. O pão escuro crocante parecia ter sido recém-assado e os legumes pareciam macios,

temperados com algum tipo de tempero cor de laranja. Mia pegou o sanduíche e mordeu-o, quase soltando um gemido de prazer. Ele tinha gosto ainda melhor que a aparência.

— Isso está demais. Onde aprendeu a cozinhar desse jeito? — Mia perguntou com curiosidade depois da quinta mordida.

Ele deu de ombros, terminando o próprio sanduíche, maior que o dela. —

Eu gosto de fazer coisas. Cozinhar é apenas uma manifestação disso. Também gosto de comer e é bom saber como fazer uma comida gostosa.

Aquilo fazia sentido. Mia comeu o último pedaço do sanduíche e lambeu os dedos para aproveitar o restinho do molho delicioso. Erguendo a cabeça, ela subitamente ficou imóvel ao olhar para o rosto de Korum.

Ele olhava para a boca de Mia com o que parecia uma fome primitiva, os olhos ficando mais dourados a cada segundo.

— Faça isso de novo — pediu ele suavemente, a voz quase um ronronar do outro lado da mesa.

O coração de Mia saltou dentro do peito.

A atmosfera ficou subitamente pesada e intensamente sexual e ela não fazia ideia de como lidar com isso. Ela percebeu a completa vulnerabilidade da situação em que se encontrava. Estava completamente nua sob o roupão grosso. Ele só precisaria puxar o cinto que segurava o roupão e ela estaria com o corpo

totalmente exposto. Não que roupas pudessem fornecer alguma proteção contra um K, ou mesmo para um humano, considerando o tamanho dela, mas usar apenas um roupão fez com que ela se sentisse muito mais vulnerável.

Levantando-se lentamente, ela deu um passo para longe da mesa. Com o coração batendo com força, Mia falou nervosamente: — Obrigada pela comida, mas realmente preciso ir agora. Acha que as minhas roupas já estão secas?

Por um segundo, Korum não respondeu, continuando a encará-la com aquela expressão faminta desconcertante. Depois, como se tivesse tomado uma decisão interna, ele lentamente sorriu e levantou-se. — Já devem estar prontas. Por que não coloca as louças na máquina enquanto eu verifico?

Mia assentiu, com medo de que a voz tremesse se dissesse alguma coisa em voz alta. As pernas estavam moles, mas ela começou a juntar as louças.

Korum sorriu aprovadoramente e saiu da cozinha, deixando Mia sozinha para recuperar a compostura.

Quando ele voltou com os braços carregados com as roupas secas, Mia já

conseguira convencer a si mesma que reagira exageradamente a uma observação possivelmente inofensiva. Provavelmente, a imaginação dela estava acelerada demais, adicionando conotações sexuais onde não existiam.

Dada a aparente fascinação dele pela tecnologia e pelo estilo de vida dos humanos, não era tão surpreendente que ele também achasse uma humana interessante, talvez até mesmo bonita, da mesma forma como Mia se sentia em relação aos animais no zoológico.

Sentindo-se um pouco mal pela forma como agira antes, Mia sorriu hesitantemente para Korum quando ele lhe entregou as roupas. — Obrigada por secá-las. Foi muito gentil.

— Não tem problema, foi um prazer. — Ele sorriu de volta, mas havia um traço de algo ligeiramente perturbador no olhar que lhe lançou.

— Se não se importa, vou me trocar. — Ainda sentindo-se inexplicavelmente nervosa, Mia se virou na direção da porta da cozinha.

— Claro. Você se lembra do caminho até o banheiro? Pode se trocar lá. —

Ele apontou para o corredor, observando com um meio sorriso quando ela fugiu da cozinha.

TRANCANDO A PORTA DO BANHEIRO, Mia rapidamente vestiu as roupas feias e agradavelmente quentes por causa da secadora. Mia notou com prazer, ao calçar as botas, que ele dera um jeito de secá-las também. Sentindo-se muito mais normal, ela tirou a toalha dos cabelos, que estavam apenas ligeiramente úmidos, e soltou os cachos para que terminassem de secar naturalmente.

Depois, achando que não poderia ficar mais pronta do que estava, Mia deixou a segurança relativa do banheiro e aventurou-se novamente até a sala de estar para enfrentar Korum e o comportamento confuso dele.

Ele estava novamente sentado no sofá, analisando algo na palma. Parecia muito absorto e Mia pigarreou baixinho para avisá-lo da presença dela.

Ao ouvi-la, ele olhou para cima com um sorriso misterioso. — Aí está você, seca e agradável novamente.

— Ah, sim, obrigada. — Mia, constrangida, passou o peso do corpo de um pé para o outro. — E obrigada novamente pela hospitalidade. Eu realmente preciso ir agora, preciso tentar redigir aquele trabalho e fazer mais alguns deveres de casa...

— Claro, eu a levarei para onde quiser. — Ele se levantou em um movimento suave, encaminhando-se para o armário de casacos.

— Ah, não, você não precisa fazer isso — protestou Mia. — De verdade, não me importo de pegar o metrô. A chuva parou e eu ficarei bem.

Ele simplesmente a olhou com incredulidade. — Eu disse que levarei você. — O tom dele não deixava espaço para negociação.

Mia decidiu não discutir. Afinal de contas, não era todo dia que podia andar de limusine. Como Korum estava tão determinado a lhe dar uma carona, era melhor aproveitar a experiência. Portanto, ela ficou quieta e seguiu-o até o elevador elegante, onde ele pressionou o botão do andar térreo.

Roger e a limusine já estavam esperando em frente ao prédio. As portas se abriram quando eles se aproximaram e Korum esperou educadamente enquanto Mia entrava antes de fazer o mesmo. Mia ficou imaginando onde ele teria aprendido todos aqueles gestos educados dos humanos. De alguma forma, ela duvidava que "primeiro as damas" fosse um costume universal.

— Para onde deseja ir? — perguntou ele, sentando-se ao lado dela.

Mia pensou no assunto por um segundo. Apesar de estar louca para correr para casa para contar tudo sobre o encontro inacreditável para Jessie, o prazo do trabalho estava aproximando-se. Ela precisava ir à biblioteca. Só esperava conseguir tirar da cabeça os acontecimentos do dia por algumas horas ou, no mínimo, pelo tempo que fosse necessário para redigir o maldito trabalho. —

Para a Biblioteca Bobst, por favor, se não for muito trabalho — pediu ela.

— Não é trabalho nenhum — garantiu ele, apertando o botão do interfone e passando as instruções para Roger.

Sentada no ambiente confinado da limusine, Mia ficou cada vez mais consciente do corpo grande e quente dele, a poucos centímetros do dela, que reagiu à proximidade sem reserva alguma.

Ele era mesmo um espécime masculino incrivelmente belo pelos padrões de qualquer pessoa, pensou Mia com uma desconexão quase analítica. Achou que ele devia ter cerca de um metro e oitenta de altura e parecia ser bastante musculoso, a julgar pela camiseta que usava. Com a cor impressionante que tinha, ele era de longe o homem mais bonito que ela já vira, na vida real e na televisão. Não era de surpreender que tivesse tal efeito nela, disse Mia a si mesma. Qualquer mulher normal se sentiria da mesma forma. Mas entender os motivos por trás da atração que sentia por ele não diminuía seu poder nem um pouco.

— Então, Mia, fale um pouco sobre você. — O pedido feito em voz suave interrompeu os pensamentos dela.

— Ahm, está bem. — Por algum motivo, a pergunta a deixou nervosa. —

O que quer saber?

Ele deu de ombros e sorriu. — Tudo.

— Bem, estou no primeiro ano do curso de psicologia na Universidade de Nova Iorque — começou Mia, torcendo para não gaguejar. — Sou originalmente de uma pequena cidade na Flórida e vim para Nova Iorque para estudar.

Ele a interrompeu com um balançar da cabeça. — Eu sei disso tudo.

Conte-me alguma coisa além dos fatos básicos.

Mia olhou para ele em choque, subitamente sentindo-se como um coelho acuado. Com calma surpreendente, ela perguntou: — Como você sabe disso tudo?

— Da mesma forma como sabia onde encontrá-la hoje. É muito fácil encontrar informações sobre os humanos, especialmente sobre aqueles que não têm nada a esconder. — Ele sorriu, como se não tivesse acabado de destruir todas as ilusões dela sobre privacidade.

— Mas por quê? — Mia não conseguiu mais segurar a pergunta que a atormentara durante os dois dias anteriores. — Por que está tão interessado em mim? Por que fazer isso tudo? — Ela acenou com a mão, indicando a limusine e tudo o mais que ele fizera até o momento.

Ele olhou firmemente para ela, com o olhar tão intenso que quase a hipnotizou. — Porque quero foder você, Mia. É isso que tinha medo de escutar, foi por isso que agiu de forma tão assustada o tempo inteiro? — Sem dar a ela a chance de recuperar o fôlego, ele continuou no mesmo tom gentil.

— Bem, é verdade. Eu quero. Por algum motivo, você chamou a minha atenção ontem, sentada naquele banco com os cabelos cacheados e os olhos azuis enormes, tão assustada quando olhei na sua direção. Você não faz meu tipo, nem um pouco. Normalmente não vou atrás de garotinhas assustadas, particularmente da variedade humana. Mas você... — ele estendeu a mão direita e lentamente acariciou a bochecha dela — Você fez com que eu tivesse vontade de tirar a sua roupa toda bem ali, no meio do parque, e ver o que havia escondido sob essas roupas feias que usa. Precisei de toda a força de vontade para deixá-la ir embora naquele dia. E, quando lambeu o dedo de forma tão sedutora na minha cozinha, quase não consegui me impedir de abrir o seu roupão e enterrar-me entre as suas coxas ali mesmo, sobre a mesa.

Parecia que o toque dele deixava um rastro de fogo ao passar. Ele prendeu um cacho de cabelo atrás da orelha de Mia e gentilmente passou a parte de trás dos dedos sobre os lábios dela. — Mas não sou um estuprador. E é isso que

seria agora, estupro, porque você está morrendo de medo de mim e da sua própria sexualidade. — Inclinando-se mais para perto, ele murmurou suavemente: — Eu sei que você me quer, Mia. Consigo ver a cor do desejo no seu rosto bonito e consigo sentir o cheiro da sua calcinha. Eu sei que seus mamilos pequenos estão duros nesse momento e que está ficando molhada enquanto conversamos, sei que seu corpo está se lubrificando para que eu o penetre. Se eu fosse tomá-la nesse minuto, você gostaria, depois que passasse o medo e a dor de perder a virgindade. Sim, sei disso também. Mas esperarei até que se acostume com a ideia de ser minha. Mas não demore demais. A minha paciência com você não será infinita.

CAPÍTULO QUATRO

M ia mal se lembrava do resto do caminho.

Em algum momento nos minutos seguintes, a limusine parara em frente à Biblioteca Bobst. Korum abrira a porta educadamente para ela de novo e entregou-lhe a mochila. Em seguida, encostou os lábios de leve no rosto dela, como se estivesse despedindo-se da própria irmã, e deixou-a parada na calçada em frente ao prédio enorme.

Movimentando-se como se estivesse no piloto automático, de alguma forma ela se viu dentro do prédio, sentada em uma das poltronas confortáveis no local favorito de estudo. Continuando os movimentos automáticos, ela retirou o Mac da mochila e colocou-o sobre a mesa lateral, notando com algum interesse que a mão tremia e que as unhas tinham um leve tom azulado.

Ela também sentia um frio nas profundezas do corpo.

Choque, percebeu Mia. Ela tinha que estar em estado de choque.

Por algum motivo, aquilo a deixou furiosa. Sim, ela se sentia como se ele a tivesse despido com aquelas palavras no carro, deixando-a nua e vulnerável.

Sim, se ela pensasse demais sobre o significado das últimas palavras dele, provavelmente começaria a correr e gritar. Mas ela não era exatamente uma

donzela vitoriana, não importava a falta da experiência, e recusava-se a permitir que algumas frases explícitas a deixassem descontrolada.

Levantando-se resolutamente, Mia deixou a mochila sobre a cadeira para guardar o lugar, já que ninguém roubaria um computador tão antigo, e foi até a lanchonete buscar algo quente para beber. No caminho, ela parou no banheiro.

Jogando água morna no rosto em uma tentativa de recuperar o equilíbrio mental, Mia inadvertidamente viu o reflexo no espelho. O rosto normalmente

pálido que a encarava de volta parecia diferente de forma sutil, um pouco mais suave e mais bonito. Os lábios pareciam mais cheios, como se tivessem inchado ligeiramente onde ele os tocara. Os olhos estavam mais brilhantes e as bochechas tinham mais cor do que o normal.

Ele tinha razão, pensou Mia. Ela estivera extremamente excitada dentro do carro, apenas as palavras dele a deixaram quase à beira de um orgasmo, apesar do choque e do medo. Ela não queria analisar muito a fundo o que aquilo queria dizer. Mesmo agora, conseguia sentir a umidade residual na calcinha e uma sensação latejante bem no fundo das partes íntimas sempre que pensava na conversa dentro da limusine.

Respirando fundo, Mia endireitou os ombros e saiu do banheiro. A vida sexual dela, em todas as suas manifestações extraterrestres, teria que esperar até que terminasse e entregasse o trabalho da faculdade.

Ela tinha duas prioridades naquele momento: um café extragrande e algumas horas de aproveitamento ininterrupto em frente ao Mac.

O SOM DA campainha e um grito animado da colega de quarto acordou Mia doze minutos antes do despertador.

Resmungando, ela rolou o corpo e colocou o travesseiro sobre a cabeça, torcendo para que a fonte do barulho fosse embora e deixasse-a em paz para aproveitar os poucos minutos restantes de sono precioso.

Ela chegara em casa às três horas da manhã, depois de finalmente terminar o maldito trabalho. Infelizmente, tinha uma aula às 9h00 nas segundas-feiras, o que significava que teria menos de cinco horas de sono naquela noite. Mesmo assim, o cérebro cansado se recusou a esquecer os acontecimentos do dia, com

sonhos sombrios e eróticos interrompendo o sono. Sonhos em que ela via o rosto dele, sentia o toque dele queimando-lhe a pele, ouvia a voz dele prometendo dor e êxtase.

E, agora, não podia nem mesmo aproveitar alguns momentos de descanso pacífico, pois Jessie não conseguia conter a empolgação por causa de alguma coisa que chegara ao apartamento.

— Mia! Mia! Adivinha só! — Jessie estava praticamente cantando ao bater na porta do quarto de Mia.

— Estou dormindo! — rosnou Mia, pela primeira vez na vida sentindo vontade de bater em Jessie.

— Ora, vamos, o despertador vai tocar daqui a pouco. Acorde, bela adormecida, e venha ver o que o príncipe encantado mandou para você!

Mia se sentou imediatamente na cama, esquecendo totalmente o sono. —

Do que está falando? — Saltando da cama, ela abriu a porta, confrontando a colega de quarto desagradavelmente alegre e de olhos brilhantes.

— Disso! — Com um sorriso animado enorme, Jessie acenou em direção a um vaso imenso cheio de flores exóticas brancas e cor-de rosa que ocupava o centro da mesa da cozinha. — O entregador acabou de bater e trazer isso.

Olhe, tem um cartão e tudo! Você sabe quem as mandou? Há algum admirador secreto sobre quem você não me contou?

Mia sentiu um arrepio súbito e o coração disparou. Aproximando-se da mesa, ela pegou o cartão e abriu-o apreensiva. O conteúdo do bilhete, escrito com uma letra bonita, mas claramente masculina, era simples: *Hoje à noite, 19h00. Buscarei você. Vista algo bonito.*

Com a mão tremendo de leve, Mia largou o bilhete. Por algum motivo, não achara que ele gostaria de vê-la de novo tão cedo, muito menos ir ao apartamento dela.

— E então? Não me deixe em suspense! — Incapaz de esperar mais tempo, Jessie pegou o bilhete e leu por conta própria. — Ahh, o que é isso? Você tem

um encontro?

Mia sentiu o começo de uma dor de cabeça latejante. — Não exatamente

— disse ela, sentindo-se cansada. — Preciso me arrumar para a aula, podemos conversar no caminho.

Dez minutos depois, Mia pegou uma barra de cereais como café da manhã e saiu do apartamento com Jessie, que, àquelas alturas, estava quase explodindo de curiosidade. Suspirando, Mia contou uma versão resumida da história, deixando de fora alguns detalhes que achou serem particulares demais para contar, como as palavras exatas dele e a reação dela a ele.

— Ah, meu Deus. — O rosto de Jessie refletia incredulidade horrorizada.

— E agora ele quer vê-la novamente? Mia... isso é ruim, muito ruim.

— Eu sei.

— Não acredito que ele falou abertamente que pretende fazer sexo com você. — Jessie esfregava as mãos em aflição. — E se você não aparecer hoje à noite? Se for à biblioteca ou algo assim?

— Tenho certeza de que ele conseguirá me achar lá. Já fez isso antes. E

não sei o que ele fará se ficar furioso.

Jessie arregalou os olhos. — Acha que ele machucaria você? — perguntou

ela quase em um sussurro.

Mia pensou naquilo por alguns segundos. Até o momento, todas as ações dele tinham sido... solícitas, por falta de palavra melhor. Podia ser tudo fingimento, é claro. Mas, por algum motivo, duvidava que ele fosse abusar fisicamente dela.

— Acho que não — disse ela lentamente. — Mas não sei do que mais ele é capaz.

— Como o quê?

— Bem, esse é o problema, eu simplesmente não sei. — Mia puxou

nervosamente um longo cacho. — Decididamente, ele não está seguindo nenhuma das regras normais de encontros. Quero dizer, ele praticamente me sequestrou na rua ontem...

— E se você voltar para casa, para a Flórida? — Jessie estava obviamente desesperada para encontrar uma solução.

— Isso parece um exagero. Além do mais, estamos no meio do semestre.

Não posso ir a lugar algum antes do verão.

— Droga. — Jessie soou desanimada por um segundo. — Bem, então simplesmente diga não quando ele aparecer hoje à noite. Acha que, mesmo assim, ele a forçaria a sair com ele?

— Não faço ideia — disse Mia, fazendo uma careta e parando na frente do prédio que era o seu destino. — Vou ter que pensar mais um pouco sobre isso.

Talvez, se eu estiver particularmente feia essa noite, ele perca o interesse.

— Essa é uma ideia excelente! — Jessie bateu palmas animada. — Ele quer que você vista algo bonito hoje à noite? Bem, mostre a ele! Coloque as roupas mais feias, coma alguns dentes de alho e algumas cebolas, coloque óleo no cabelo para que pareça sujo e faça alguma coisa que a deixe suada, como correr, e não tome banho nem use desodorante depois!

Mia olhou para a colega de quarto fascinada. — Você é assustadora. Como inventou isso tudo? Você não costuma tentar não atrair os homens normalmente.

— Ah, é fácil. Basta pensar em todas as coisas que você faria para se preparar para um encontro e faça exatamente o oposto. — Jessie acenou com a mão em uma expressão de sabichona que fez com que Mia caísse na gargalhada.

ÀS SEIS HORAS DA TARDE, Mia começou a implementar o plano de Jessie. A colega de quarto estava louca para ver o primeiro K na vida e dar apoio moral a Mia para o confronto, mas tinha uma aula no laboratório de biologia que não podia perder. Mia ficou feliz com isso. A última coisa que queria era colocar Jessie em perigo.

Ela começou fazendo polichinelos, abdominais e flexões. Depois de quinze

minutos, os músculos das pernas e da barriga, desacostumados a tanto esforço, estavam queimando e Mia estava coberta por uma camada fina de suor. Sem se preocupar em tomar banho, ela colocou as roupas de baixo mais velhas e esfarrapadas que tinha, uma meia-calça marrom grossa que a irmã odiava com todas as forças, e um vestido preto de mangas compridas que, uma vez, Jessie dissera que a deixava totalmente sem forma e sem graça. Um par de sapatos pretos velhos, gastos e arranhados, completaram o traje. Nada de maquiagem, exceto um pouco de sombra azul-escuro diretamente sob os olhos, para imitar olheiras. Os cabelos já pareciam um amontoado crespo, mas Mia o escovou mesmo assim, colocando condicionador apenas nas raízes e deixando que as pontas se espalhassem em todas as direções. E, para terminar, ela cortou uma cabeça de alho inteira, misturou com cebolas e mastigou cuidadosamente, espalhando a mistura fedorenta em todos os cantos e recessos da boca, antes de cuspi-la. Satisfeita, ela deu uma última olhada no espelho.

Como esperado, ela estava com uma aparência medonha, parecendo a tia maluca de alguém, e provavelmente tinha um cheiro ainda pior. Se Korum continuasse interessado nela depois daquela noite, ela ficaria muito surpresa.

Quando a campainha tocou pontualmente às sete, Mia vestiu o casaco de lã velho e abriu a porta com uma mistura de medo e alegria mal contida.

A visão que teve foi de tirar o fôlego.

De alguma forma, no curto espaço de um dia, Mia conseguira esquecer como ele era lindo. Vestindo calças *jeans* escuras e uma camisa de botões cinza que caíam com perfeição no corpo alto e musculoso, ele parecia brilhar com saúde e vitalidade. A pele cor de bronze e os cabelos pretos brilhantes faziam contraste nítido com os olhos incrivelmente dourados. Mia subitamente se sentiu irracionalmente envergonhada da própria aparência horrorosa.

Ao vê-la, os lábios dele se abriram em um sorriso lento. — Ah, Mia. Não sei por que, mas achei que você bancaria a difícil.

— Não sei do que está falando — disse Mia desafiadoramente, erguendo o queixo.

— Fico feliz que tenha decidido jogar assim. — Ele estendeu a mão e

acariciou o rosto dela, causando um tremor indesejado de prazer pela espinha.

— Isso deixará a sua rendição ainda mais doce.

Ainda sorrindo, ele polidamente ofereceu o braço. — Está pronta?

Furiosa, Mia ignorou a oferta dele, descendo a escada sozinha com passos pesados. *Idiota!* Ela deveria ter percebido que ele veria a sua aparência deliberadamente feia como um desafio. Bonito como era e, pelo jeito, rico, provavelmente ele tinha mulheres aos montes jogando-se aos seus pés. Devia ser refrescante conhecer alguém que não se jogasse imediatamente na cama dele. Talvez ela devesse dormir com ele e colocar um fim naquela história. Se ele gostava da perseguição, talvez perdesse o interesse muito depressa se conseguisse o que queria.

A limusine estava esperando quando saíram do prédio. — Aonde vamos?

— Mia perguntou, pensando no assunto pela primeira vez.

— Percival — respondeu Korum, abrindo a porta para ela. O lugar que ele citara era um restaurante popular em um bairro chique onde era notoriamente difícil conseguir um lugar, mesmo em uma noite de segunda-feira.

Mia se recriminou mentalmente de novo. Uma coisa era parecer repelente para Korum, o que acabou sendo um desperdício de esforço, mas era um nível totalmente diferente de vergonha aparecer no bairro mais chique da cidade de Nova Iorque parecendo e fedendo como uma mendiga. Ainda assim, ela preferia morrer de vergonha a dar a Korum a satisfação de saber como se sentia desconfortável.

Ele entrou no carro e sentou-se ao lado dela. Estendendo o braço, ele pegou uma das mãos dela e colocou-a sobre o colo, estudando a palma e os dedos com aparente fascinação. A mão dela parecia minúscula sobre a mão enorme dele e a pele dourada de Korum parecia muito mais escura perto da palidez de Mia, criando um contraste surpreendentemente erótico. Mia tentou puxar a mão, procurando ignorar as sensações que o toque dele provocava na região mais baixa do corpo dela. Ele segurou-lhe a mão por tempo suficiente para que ela sentisse a futilidade da luta e, em seguida, largou-a com um sorriso.

Era estranho, pensou Mia, como, em algum momento, ela deixara de ter tanto medo dele. Por algum motivo, saber das intenções dele para com ela, apesar de serem primitivas e diretas, dera a ela paz de espírito. A garota assustada que se

sentara no carro dele no dia anterior não teria ousado se opor a ele de forma alguma por medo de alguma retaliação. Mia não tinha mais esse problema, o que era estranhamente libertador.

Um minuto mais tarde, a limusine parou em frente à porta do restaurante.

Korum saiu primeiro e Mia o seguiu, notando com mortificação os olhares que recebera dos homens e mulheres bem vestidos nos arredores. Um K

maravilhoso em uma limusine certamente atraía atenção e Mia tinha certeza de que estavam estranhando a companhia dele.

Uma recepcionista alta e magra os recebeu na porta. Sem nem perguntar pela reserva, ela os levou a uma cabine privativa na parte de trás do restaurante. — Bem-vindos ao Percival — ronronou ela, inclinando-se sugestivamente sobre Korum ao entregar os cardápios. — Desejam água com gás ou sem gás para começar?

— Com gás está ótimo, Ashley, obrigado — disse ele distraído, estudando o cardápio.

Mia sentiu uma vontade súbita de arrancar cada fio de cabelo loiro liso da cabeça de Ashley. Uma estranha sensação de náusea surgiu no estômago dela ao imaginar os dois juntos na cama, o corpo musculoso dele envolvendo o da loira. *Pare com isso, Mia! É claro que ele dormiu com outras mulheres!* Sem dúvida, a criatura deixava um rastro de Ashleys por onde passava.

— Decidiu o que gostaria de comer? — perguntou ele, olhando por sobre o cardápio, parecendo não notar a expressão assassina no rosto de Mia.

— Não, ainda não. — Respirando fundo, ela se forçou a prestar atenção ao cardápio. Aquele era, sem dúvida, o melhor restaurante em que já estivera e o cardápio, que não mostrava os preços, listava alguns pratos e ingredientes dos quais nunca ouvira falar. Ela arregalou os olhos ao notar que a seção de aperitivos tinha queijo de cabra e caviar e que um dos pratos de massas tinha ovos. Ela ficou com a boca cheia d'água. — Acho que vou querer beterrabas assadas e salada de queijo de cabra. Depois, Pad Thai com molho de alcachofras.

Korum sorriu para ela. — É claro. — Ele acenou para o garçom e transmitiu o pedido dela. — E eu quero a salada de nabo com agrião e o ravioli de cenoura

com shitaki ao creme de caju. Queremos também uma garrafa de Dom Perignon.

Mia olhou para ele fascinada. Ela não sabia que Ks consumiam álcool. Na verdade, havia tanta coisa que ela, e o público em geral, não sabiam sobre os invasores que agora viviam perto deles. Mia percebeu que tinha a oportunidade perfeita para aprender sentada logo do outro lado da mesa.

Sentindo-se um pouco ousada, ela decidiu começar com a pergunta que a perturbava desde o primeiro encontro deles. — É verdade que vocês bebem

sangue humano?

Korum ergueu as sobrancelhas e quase engasgou com a bebida. — Você não mede as palavras, hein? — Abrindo um sorriso largo, ele perguntou: —

Você está perguntando se precisamos beber sangue humano ou se nós o bebemos de qualquer forma?

Mia engoliu em seco. Subitamente, não tinha mais certeza se aquela era o melhor assunto a perguntar. — Acho que os dois.

— Bem, deixe-me acalmar os seus receios. Não precisamos mais de sangue para sobreviver.

— Mas precisavam antes? — Mia arregalou os olhos em choque.

— Originalmente, quando evoluímos pela primeira vez para a nossa forma atual, precisávamos consumir quantidades grandes de sangue de um grupo de primatas que tinham certas similaridades genéticas conosco. Havia uma deficiência em nosso DNA que nos deixava vulneráveis e vinculava nossa existência a outras espécies. Mas já corrigimos esse defeito.

— Então é verdade? Havia humanos no seu planeta? — Mia olhava para ele com a boca aberta.

— Eles não eram exatamente humanos. Mas o sangue deles tinha as mesmas características de hemoglobina que o de vocês.

— E o que aconteceu com eles? Ainda estão por lá?

— Não, eles estão extintos.

— Eu não estou entendendo — disse Mia lentamente, tentando encontrar algum sentido no que aprendera até o momento. — Se precisavam deles para sobreviver, como e quando eles foram extintos? Foi antes ou depois de vocês... ahm... corrigirem o defeito?

— Isso aconteceu muito antes. Conseguimos desenvolver uma substância sintética antes que o último desaparecesse, o que nos permitiu sobreviver ao fim deles. Eles eram uma espécie em extinção havia milhões de anos. Foi parcialmente culpa nossa por caçá-los, mas isso aconteceu em grande parte com a baixa taxa de natalidade e a expectativa de vida baixa deles. Foi quando começamos a trabalhar em rotas alternativas de sobrevivência para a nossa espécie: substitutos sintéticos para a hemoglobina, experiências com nosso próprio DNA e a tentativa de desenvolver uma espécie comparável em Krina e em outros planetas.

Uma ideia subitamente surgiu na cabeça de Mia. — Foi por isso que plantaram vida aqui na Terra? Foi assim que os humanos começaram, vocês precisavam de uma espécie comparável?

— Mais ou menos. Foi um tiro no escuro, com chances de sucesso minúsculas. Disseminamos o nosso DNA o mais longe que a nossa tecnologia então primitiva podia alcançar. Não sabíamos quais planetas e onde a vida poderia se desenvolver, muito menos quais tinham alguma similaridade com Krina. Portanto, enviamos cegamente bilhões de drones para planetas que estão localizados no que vocês agora chamam de Zonas "Goldilocks".

— Zonas "Goldilocks"?

— Sim, também são chamadas de zonas habitáveis, regiões no universo em volta de várias estrelas que possivelmente têm a pressão atmosférica correta para manter a água líquida na superfície. Com base em nosso conhecimento, esses são os únicos lugares em que vida similar à de Krina poderia surgir.

Mia assentiu, lembrando-se de ter aprendido aquilo na escola.

Satisfeita por ela estar acompanhando o raciocínio, ele continuou com a explicação. — Um dos drones chegou à Terra e os primeiros organismos simples conseguiram sobreviver aqui. É claro, não sabíamos disso na época.

Foi só uns seiscentos milhões de anos atrás que chegamos a essa parte da galáxia e encontramos a Terra.

— Logo antes do início da explosão cambriana? — perguntou Mia, sentindo os braços se arrepiarem. Era de conhecimento público que os Ks tinham influenciado a evolução da Terra em um nível razoavelmente significativo. A chegada inicial deles coincidira com a aparição anteriormente misteriosa de muitas formas de vida novas e complexas durante o início do período Cambriano. Mas os motivos deles para plantar vida na Terra e, mais tarde, manipulá-la, ainda eram um mistério, e era incrível ouvi-lo falar sobre o assunto tão diretamente, revelando tantas coisas durante um jantar.

— Exatamente. Em alguns momentos, voltamos para orientar a evolução de vocês, particularmente quando ela ameaçou divergir drasticamente da nossa, como quando os dinossauros se tornaram uma forma de vida dominante...

— Mas achei que os dinossauros tinham sido mortos por um asteroide.

— E foram, mas nós poderíamos ter facilmente desviado o impacto. Em vez disso, simplesmente garantimos que as formas de vida necessárias, como as versões primitivas dos mamíferos, sobrevivessem.

Mia o encarou de boca aberta enquanto ele continuava a história.

— Quando o primeiro primata apareceu aqui, foi uma conquista tremenda para nós, pois o sangue dele tinha a hemoglobina. No entanto, não precisávamos mais dela, pois tínhamos recentemente encontrado uma forma de manipular o nosso próprio DNA sem consequências adversas.

Ele fez uma pausa enquanto as saladas eram servidas e continuou falando ao comer o agrião. — Naquele ponto, a Terra e suas espécies primatas tinham se tornado o maior experimento científico na história do universo conhecido.

O desafio era sabermos se conseguiríamos influenciar a evolução o suficiente para ver outra espécie inteligente surgir.

Mia sentiu arrepios descendo pela espinha ao ouvir a história da origem da raça humana contada por um alienígena da civilização de zilhões de anos que, essencialmente, brincara de deus. Um alienígena que, ao mesmo tempo, mastigava a salada, como se estivesse discutindo algo tão sem importância

quanto o clima.

— Veja bem — continuou ele —, os primatas em Krina tinham o mesmo nível de inteligência que os chimpanzés de vocês e poucos de nós acharam que uma espécie de vida tão curta como a de vocês pudesse desenvolver um intelecto verdadeiramente sofisticado. Mas persistimos, de vez em quando introduzindo algumas modificações genéticas para que ficassem mais parecidos conosco, e o resultado superou todas as expectativas. Apesar de terem muitas das características dos primatas krinianos, como presença de hemoglobina, um sistema imunológico relativamente fraco e uma expectativa de vida curta, vocês tem uma taxa de natalidade muito mais alta e uma inteligência quase comparável à nossa. A taxa de evolução de vocês também é muito mais rápida que a nossa, principalmente devido à alta taxa de natalidade. A transição de primatas primitivos para seres inteligentes levou apenas alguns milhões de anos, enquanto que a nossa levou quase um bilhão de anos.

Dezenas de perguntas enchiam a mente de Mia. Ela se prendeu à primeira.

— Por que era importante que tivéssemos aparência semelhante à de vocês?

Isso de alguma forma é um requisito para inteligência?

— Na verdade, não. Simplesmente fazia sentido para os cientistas que supervisionavam o projeto na época. Eles queriam criar uma espécie irmã, seres inteligentes que se parecessem conosco, para que o relacionamento e a comunicação com eles fossem mais fáceis. É claro — disse ele com um sorriso malicioso, balançando o garfo vazio —, houve um benefício secundário inesperado.

Mia olhou para ele desconfiada. — Que benefício?

— Bem, quando os primeiros primatas da Terra apareceram, alguns dos krinars tentaram beber o sangue deles por curiosidade. E rapidamente descobriram que, na ausência da necessidade biológica da hemoglobina, beber

sangue dava a eles uma sensação muito prazerosa, quase sexual. Era melhor do que qualquer droga, apesar de algumas versões sintéticas do sangue de vocês terem se tornado bastante populares em nossos bares e clubes noturnos.

Mia quase engasgou com a salada. Tossindo, ela bebeu um pouco de água para

limpar a obstrução na garganta, enquanto ele a observava com um olhar divertido no rosto.

— Mas a melhor coisa de todas foi a nossa descoberta mais recente. —

Ele se inclinou para a frente, aproximando-se dela, com os olhos assumindo um tom dourado mais profundo já familiar. — Veja só, descobrimos que não há nada que dê mais prazer do que beber sangue de uma fonte viva durante o sexo. A experiência é simplesmente indescritível.

Mia engoliu em seco instintivamente, sentindo-se horrorizada e, ao mesmo tempo, estranhamente excitada. — Então, você quer beber o meu sangue enquanto... fodemos?

Os cantos da boca dele se ergueram em um sorriso sensual. — Esse é o objetivo máximo, sim.

Ela precisava saber, mesmo que a resposta a deixasse com vontade de vomitar. — E eu morreria?

Ele riu. — Morrer? Não, alguns goles de seu sangue não a matarão, é como tirar sangue para um exame de laboratório. Na verdade, nossa saliva contém uma substância que torna o processo inteiro bastante prazeroso para os humanos. Ela era originalmente destinada para nossas presas, para deixá-las drogadas e dóceis enquanto nós nos alimentávamos delas. Mas agora serve apenas para melhorar a experiência de vocês.

Mia sentia como se a cabeça fosse explodir com tudo o que acabara de ouvir, mas havia mais uma coisa que precisava descobrir. — Como exatamente você faz isso? — perguntou ela com cuidado. — Quero dizer, beber sangue. Você tem dentes pontudos e afiados?

Ele balançou a cabeça negativamente. — Não, isso é uma invenção da ficção literária de vocês. Não precisamos de dentes assim. A borda dos nossos dentes superiores são afiadas o suficiente e penetram a pele com relativa facilidade, normalmente cortando apenas a camada superior.

O prato principal chegou, dando a Mia alguns momentos preciosos para recuperar a compostura.

Tudo aquilo era demais.

Os pensamentos dela estavam em um turbilhão embaralhado e caótico. De alguma forma, nas últimas vinte e quatro horas, Mia se acostumara com a ideia

de que um extraterrestre, por algum motivo, queria fazer sexo com ela. Mas ele também queria que ela fosse doadora de sangue durante o sexo. A espécie dele basicamente criara a raça dela e agora usavam sangue humano como algum tipo de afrodisíaco. A ideia era perturbadora e nojenta em vários níveis e tudo o que Mia queria fazer era deitar na cama, puxar as cobertas sobre a cabeça e fingir que nada daquilo estava acontecendo.

Alguma coisa daquele turbilhão interior deve ter se refletido no rosto dela, pois Korum estendeu a mão e cobriu a dela gentilmente, dizendo baixinho: —

Mia, eu sei que isso tudo é um grande choque para você. Sei que precisa de tempo para entender e para me conhecer melhor. Por que não relaxa e aproveita a comida? Podemos conversar sobre outra coisa por enquanto. —

Ele acrescentou com um sorriso maroto: — Prometo não morder.

Mia assentiu e comeu obedientemente assim que ele soltou-lhe a mão. Ela podia comer ou sair correndo do restaurante gritando, e não tinha certeza de como ele reagiria a essa segunda opção. Depois de tudo o que ouvira naquela noite, a última coisa que ela queria era provocar os instintos predatórios que a espécie dele ainda tinha.

O Pad Thai estava delicioso, percebeu ela, saboreando a combinação rica de temperos complementada por pedaços de ovos de verdade. Por algum motivo, apesar da compleição delicada, nada nunca interferia com o apetite dela. A família frequentemente brincava que Mia devia ser um lenhador disfarçado, considerando as grandes quantidades de comida que consumia regularmente. — Como está o ravioli? — perguntou ela entre as garfadas, procurando o assunto mais inocente possível.

— Está excelente — respondeu ele, desfrutando do prato com gosto semelhante. — Venho com frequência a esse restaurante porque eles têm um dos melhores *chefs* de Nova Iorque.

— Não sei, não — brincou Mia, tentando manter a conversa leve. — A salada e

o sanduíche que você fez ontem estavam deliciosos.

Ele sorriu para ela, expondo a covinha que o deixava muito mais amigável.

Ela só estava presente na bochecha esquerda, não na direita, uma ligeira imperfeição nas características praticamente perfeitas que só o deixavam ainda mais atraente. — Ora, obrigado. Esse foi o melhor elogio que recebi durante o ano inteiro.

— Você cozinha bastante em casa ou vai mais a restaurantes? — Comida parecia um assunto agradável e seguro.

— Faço bastante dos dois. Gosto de comer, como, pelo jeito, você também

— ele acenou com um sorriso para o prato dela, que esvaziava rapidamente

—, e isso exige bastante das duas coisas. E você? Imagino que seja difícil sair muito em Nova Iorque com o orçamento de estudante.

— Você nem imagina — concordou ela. — Mas há alguns lugares bons e baratos perto da universidade e em Chinatown, se eu estiver com vontade de ir tão longe.

— O que a fez decidir vir estudar em Nova Iorque? Seu estado natal tem várias universidades excelentes e o clima de lá é muito mais agradável. — Ele parecia genuinamente perplexo.

Mia riu quando percebeu a ironia de ter escolhido aquela universidade. —

Quando eu estava me candidatando às universidades, meus pais estavam com medo que vocês, quero dizer, os krinars, estabelecessem um Centro na Flórida.

Portanto, preferiram que eu fosse a uma universidade fora do estado.

Korum sorriu em resposta. — Realmente pensamos em nos estabelecer lá, mas era um lugar com população muito densa para o nosso gosto. — Ele tomou um gole de champanhe. — Então, suponho que eles não ficariam muito felizes se soubessem que está aqui comigo hoje.

— Deus, não. — Mia estremeceu. — Minha mãe provavelmente ficaria estérica e meu pai acabaria com uma enxaqueca.

— E a sua irmã?

— Ahm, ela também não ficaria particularmente feliz. — Por um momento, Mia quase esquecera o quanto ele sabia sobre ela.

— Ela é mais velha que você, certo?

— Quase oito anos. Casou-se no ano passado.

— Fico imaginando como seria ter um irmão ou uma irmã — comentou ele. — Não é algo muito comum para nós, ter mais de um filho.

Mia deu de ombros. — Não tenho certeza se a minha experiência foi particularmente autêntica, considerando a diferença de idade entre nós.

Quando eu tive idade suficiente para deixar de ser uma peste, ela já fora para a universidade. — Com a curiosidade surgindo novamente, ela perguntou: —

Então você não tem irmãos? E os seus pais?

— Sou filho único. Meus pais estão em Krina e não os vejo há algum tempo. Mas nós nos comunicamos remotamente de forma regular.

O garçom voltou para retirar os pratos da mesa e entregar o cardápio de sobremesas. Mia escolheu tiramisu, feito com queijo e ovos de verdade, e Korum preferiu uma torta de maçã. Ela percebeu que, durante a conversa, acabara tomando duas taças de champanhe e começava a se sentir um pouco

tonta. A noite assumiu um clima ligeiramente irreal na mente dela, do restaurante cheio com as pessoas mais bonitas de Manhattan ao predador maravilho sentado à frente dela, conversando casualmente sobre a família.

Mia ficou imaginando quantos anos ele tinha. Sabia que os Ks viviam bastante tempo e não havia como dizer a idade dele apenas pela aparência. Se ele fosse humano, ela diria que tinha quase trinta anos. Novamente, a curiosidade levou a melhor e ela perguntou: — Quantos anos você tem?

— Cerca de dois mil anos, em termos de anos da Terra.

Mia o encarou em choque. Aquilo o colocava na categoria de muito velho pelos

padrões humanos. Dois mil anos anos antes, o Império Romano ainda dominava o mundo ocidental e a religião cristã estava apenas começando. E

ele estava vivo desde então?

Ela bebeu mais um pouco de champanhe para ajudar com a secura da garganta. — Na sua sociedade, isso é jovem ou velho?

Ele sacudiu de leve os ombros largos. — Acho que no lado mais jovem.

Meus pais são muito mais velhos. Mas não importa, na verdade. Depois que chegamos à maturidade completa, a idade literalmente se torna apenas um número.

— Devemos parecer um bando de crianças para você então, hein? — Mia bebeu um gole grande e sentiu o aposento balançar ligeiramente. Ela torceu para não estar tropeçando nas palavras. Provavelmente devia parar de beber champanhe. Ele poderia facilmente tirar vantagem dela se ficasse bêbada. Por outro lado, ele também poderia facilmente tirar vantagem dela sóbria. Ela estava completamente à mercê de um alienígena que queria fodê-la e beber o sangue dela. Portanto, podia muito bem aproveitar a bebida excelente.

— Não crianças. Apenas ingênuos de certa forma. Mais como adolescentes, eu diria.

Mia esfregou a parte de trás da mão em um ponto no nariz que coçava, ponderando se queria saber a resposta para a próxima pergunta. Decidiu que sim. — Então, vocês são imortais, como os vampiros das nossas lendas?

— Não encaramos dessa fora. Todos podem morrer. Nossa espécie sempre desfrutou de senescência desprezível, mas ainda podemos ser mortos ou falecer em um acidente.

— Senescência desprezível?

— Basicamente, não temos os sintomas do envelhecimento. Antes que nossa ciência e nossa medicina avançassem o suficiente, ainda podíamos morrer de várias causas naturais. Mas agora conseguimos atingir uma taxa de

mortalidade muito baixa, quase desprezível.

— Como isso é possível? — perguntou Mia. — Como uma criatura viva pode não envelhecer? Isso é algo peculiar de Krina?

— Na verdade, não. De fato, há várias espécies bem aqui, na Terra, que têm a mesma característica. Por exemplo, você já ouviu falar do mexilhão de quatrocentos anos?

— O quê? Não! — Ele devia estar brincando com a ignorância dela. É

claro que tal coisa não existia.

Ele assentiu. — É verdade, pode procurar, se não acredita em mim. Há várias criaturas que não perdem as capacidades reprodutivas nem funcionais com a idade. Algumas espécies de mexilhões e mariscos, lagostas, anêmonas marinhas, tartarugas gigantes, hidras... Na realidade, hidras são praticamente imortais biologicamente falando. Elas morrem por causa de ferimentos ou doenças, mas não da idade.

Tentando processar aquelas informações incríveis, Mia esfregou o nariz novamente. Pronto, percebeu ela, chegava de álcool. Por algum motivo, o nariz começava a coçar depois de alguns drinques e Mia aprendera a respeitar isso como um sinal para parar. Nas poucas vezes em que ignorara o aviso, as consequências não tinham sido nada boas.

Vendo-a oscilar ligeiramente na cadeira, Korum acenou para o garçom pedindo a conta. Mia ficou imaginando se deveria se oferecer para dividi-la, como sempre fazia quando saía com alguém da universidade. Não, decidiu ela.

Ele praticamente a forçara a sair naquela noite, nada mais justo que ganhasse uma refeição de graça. Além do mais, não tinha certeza de que teria dinheiro para pagar a parte dela, considerando que o cardápio nem mostrava os preços.

Em vez disso, ela simplesmente observou enquanto Korum passava a carteira eletrônica, embutida no relógio de pulso, em frente ao receptor digital do garçom, e adicionava uma gorjeta generosa, a julgar pela expressão grata no rosto do homem.

— Está pronta para irmos embora? — Ele a ajudou a vestir o casaco e ofereceu o braço novamente. Dessa vez, Mia aceitou, pois se sentia um pouco tonta e não tinha um alto grau de confiança na própria habilidade de atravessar o restaurante

sem tropeçar em alguma coisa.

— Está bêbada? — perguntou ele em tom divertido, observando o passo ligeiramente instável dela ao saírem para a rua. — Só vi você bebendo uns dois copos.

Mia ergueu o queixo e mentiu: — Estou perfeitamente bem. — Ela odiava

quando as pessoas apontavam o fato de ser tão fraca para bebidas.

— Se você diz. — Ele parecia que estava prestes a rir e Mia sentiu vontade de lhe dar um tapa.

Roger e a limusine estavam esperando perto do meio-fio, é claro. Mia hesitou, com o coração acelerando ao perceber que estaria sozinha com um predador extraterrestre que queria o sangue dela.

Ela se virou para ele. — Sabe de uma coisa, eu realmente gostaria de tomar um ar fresco. Posso ir andando, meu apartamento fica a apenas uns doze quarteirões daqui e o clima está realmente agradável e refrescante. — A última parte era mentira. Na verdade, estava um tanto frio e Mia já estava tremendo dentro do casaco fino.

A expressão dele ficou sombria. — Mia. Entre. Levarei você em casa. —

Era o tom de voz assustador dele e funcionou na segunda vez tão bem quanto na primeira. Tremendo ligeiramente por causa da combinação do nervosismo e do ar frio, ela entrou no carro.

O PERCURSO ATÉ o apartamento dela foi estranhamente calmo e levou apenas alguns minutos, pois não havia tráfego. Ele segurou de novo a mão dela, acariciando-lhe a palma gentilmente. Apesar do nervosismo inicial, Mia fechou os olhos, recostou-se no banco confortável e estava quase pegando no sono quando chegaram ao destino.

Ele a acompanhou pelos cinco andares de escada até o apartamento, segurando-lhe o braço como uma aparente precaução contra qualquer instabilidade induzida pelo álcool. Ela se sentia cansada e com sono e tudo o que queria era desmoronar na cama. Em certo ponto, ela tropeçou e quase caiu ao errar um degrau com o sapato de salto alto. Korum suspirou e ergueu-a nos braços, carregando-a pelos

dois últimos lances de escada, apesar dos protestos resmungados.

Ao chegar ao apartamento, ele cuidadosamente a colocou de pé, mantendo-a pressionada contra o corpo dele por alguns instantes antes de deixar que se afastasse. As mãos dele permaneceram na cintura dela, mantendo-a a uma curta distância. Mia o encarou, hipnotizada. A respiração dela se acelerou e uma umidade quente se acumulou entre as pernas quando percebeu o que significava aquele volume enorme que sentira na calça dele. A respiração dele também estava um pouco acelerada e ela duvidava que tivesse alguma coisa a ver com carregar uma garota de pouco mais de cinquenta quilos por dois

lances de escada. Korum se inclinou na direção dela, com os olhos quase amarelos, e Mia ficou imóvel quando ele segurou-lhe a nuca e pressionou os lábios contra os dela.

Ele a beijou preguiçosamente, com a língua explorando-lhe a boca com gentileza exótica, enquanto a segurava contra o corpo com uma força inacreditável. Mia gemeu, com uma onda de calor passando pelo corpo e deixando uma sensação de letargia prazerosa. Em algum lugar no fundo da mente, um alarme começou a soar, mas ela só conseguia se concentrar na boca de Korum e nas sensações que se espalhavam pelo corpo. Ele a puxou para mais perto, pressionando a virilha contra a barriga dela, e Mia sentiu a ereção dele novamente, com o próprio sexo contorcendo-se em resposta. Ele sugou de leve o lábio inferior dela, puxando-o para dentro da própria boca, e deslizou a mão pelas costas de Mia para segurar-lhe as nádegas, levantando-a do chão para que pudesse pressionar o pênis ereto diretamente contra o clitóris dela por sobre as camadas de roupa.

A pressão que se acumulava dentro de Mia era diferente e mais forte do que tudo o que já sentira e ela gemeu em frustração, querendo mais. As mãos dela acharam o caminho até os ombros dele, apertando os músculos pesados por cima da camisa, e não foi o suficiente. Ela queria, sentia a necessidade de ter a pele nua dele sobre a própria pele, queria sentir o pênis dele deslizando para dentro dela e acabando com a sensação de latejar vazio que sentia. Ela passou as pernas em volta da cintura de Korum, esfregando-se contra ele e as sensações aumentaram quase ao ponto de febre. Ela ficou flutuando por alguns segundos deliciosos e, em seguida, continuou, chegando ao orgasmo com um grito abafado. Ele também gemeu, colocando a outra mão sob a saia dela e rasgando a meia-calça ao afastar a boca e beijá-la repetidamente no pescoço.

— Mia? É você? — Uma voz familiar penetrou na névoa que a envolvia e Mia percebeu mortificada que Jessie abrira a porta do apartamento e encarava-os em choque. — Você está bem? Quer que eu chame a polícia? — A colega de quarto dela claramente não sabia como interpretar o que via.

Ainda com as pernas em volta de Korum, Mia sentiu um tremor percorrer o corpo dele, que visivelmente lutava para recuperar o controle. Subitamente temendo por Jessie, Mia gritou para ela: — Sim, estou bem! Volte para dentro e deixe-nos em paz! — Um olhar magoado surgiu no rosto de Jessie e ela desapareceu dentro do apartamento, batendo a porta atrás de si.

Mia empurrou Korum, tentando colocar alguma distância entre eles. — Por favor, solte-me — disse ela baixinho, querendo apenas se enrolar em uma

pequena bola no quarto e chorar. Ele hesitou por um momento e, em seguida, abaixou-a até o chão, ainda mantendo-a pressionada contra o corpo. A pele dourada dele parecia brilhar por dentro e os olhos ainda tinham um tom amarelo forte. A ereção contra a barriga dela não mostrava sinais de diminuir e Mia tremeu, percebendo que ele mal conseguia se agarrar ao pouco autocontrole que sobrara. — Por favor — repetiu ela, sabendo que não havia nada que pudesse fazer para que ele a soltasse antes que estivesse pronto para isso.

— Você quer que eu a solte? Depois de tudo aquilo? — A voz dele estava rouca e gutural e os braços se fecharam nas costas dela, apertando-a até que mal conseguisse respirar.

Mia assentiu, tremendo, com o desejo intenso que sentira antes dando lugar a uma mistura confusa de medo e vergonha. Ele olhou para ela, com a expressão sombria e indecifrável. Em seguida, muito devagar, retirou os braços que estavam em volta da cintura dela e recuou um passo.

— Muito bem — disse ele baixinho. — Que seja da sua maneira. Vá para o seu quartinho e conte tudo para a sua amiga. Chore bastante ao pensar em como é vagabunda, gozando daquele jeito apenas com um beijo no corredor.

— Os olhos dele brilhavam ao ver a expressão consternada no rosto dela. —

E, depois, é melhor se acostumar com a ideia de que gozará muito mais vezes com tudo o que farei com você. E farei literalmente tudo.

Com aquela promessa, ele se virou e andou na direção da escada. Fazendo uma pausa antes do primeiro degrau, ele olhou para trás e disse: — Buscarei você depois da aula amanhã. Chega de joguinhos, Mia.

CAPÍTULO CINCO

C om as pernas tremendo, Mia fez o possível para entrar no apartamento com o máximo de dignidade que conseguiu reunir, considerando que a calcinha estava molhada e a meia-calça rasgada e pendurada em volta dos joelhos. Jessie estava sentada no sofá da sala de estar, esperando que a amiga entrasse. Ela não parecia mais furiosa, apenas muito preocupada.

— Ah, meu Deus, Mia — disse ela lentamente. — O que diabos foi aquilo no corredor?

Mia sacudiu a cabeça, mal conseguindo segurar as lágrimas. — Jessie, eu sinto muito. Não consigo falar agora — disse ela, indo diretamente para o quarto e fechando a porta.

Jogando-se na cama, ela enrolou a coberta sobre o corpo e puxou os joelhos até a altura do peito. O corpo parecia não pertencer a ela, com o sexo ainda pulsando depois do orgasmo. Os lábios estavam inchados por causa dos beijos dele e os mamilos estavam tão sensíveis que o sutiã machucava a pele.

Ela também se sentia inflamada e destruída por dentro, exposta de uma forma que nunca acontecera antes.

Ela não queria aquilo. Não queria nada daquilo. A perda total de controle sobre o próprio corpo era desarmante e o fato de Korum ser quem provocara uma resposta tão poderosa a deixava ainda mais vulnerável.

Ele a assustava.

Ela ficava completamente fora de si com ele e sabia disso. Apesar de ser assustador pensar sobre o que provavelmente envolveria o ato sexual com um vampiro extraterrestre, a coisa que Mia mais temia era o efeito que ele tinha sobre as emoções dela. Ele tiraria tudo dela, o corpo e a alma, e, quando

terminasse, prosseguiria, deixando-a despedaçada e com cicatrizes para o resto da vida, incapaz de esquecer o amante alienígena sombrio.

Não era assim que a vida dela deveria ser. Vinda de uma família de segunda geração de imigrantes poloneses, Mia sempre seguira o caminho certo. Estudara bastante na escola, tanto para agradar aos pais quanto pelo próprio desejo de realização pessoal. Depois de terminar a faculdade, pretendia usar o diploma para aconselhar alunos do ensino médio ou da universidade na carreira que escolhessem. Ela era próxima dos pais e da irmã e esperava ser uma boa mãe para os próprios filhos um dia. Em algum momento, deveria se apaixonar por um homem simpático de boa família e ter um casamento longo e feliz, da mesma forma como os pais dela fizeram.

Enquanto outras garotas sonhavam com aventuras e perseguiam homens maus, Mia só queria uma vida comum, feita do jeito certo.

Ela sembre soubera que era uma criatura sexual. Apesar da falta de experiência, não tinha dúvida alguma de que adoraria fazer sexo quando encontrasse a pessoa certa. Ela amava livros picantes, adorava assistir a filmes proibidos para menores de idade e não se considerava nem um pouco pudica. Na verdade, ela gostava da ideia de experimentar coisas novas e de ter vários relacionamentos antes de finalmente se casar. Quando saía à noite com Jessie para ir a clubes noturnos, Mia frequentemente se sentia excitada ao dançar com algum homem atraente, particularmente depois de algumas doses de bebida. Por algum motivo, nunca passara de alguns beijos, provavelmente porque Mia era cuidadosa e racional demais para escolher um homem em um clube e sair com ele apenas uma noite. Ainda assim, ela estava ansiosa para fazer sexo pela primeira vez, preferencialmente com alguém especial de quem gostasse e que gostasse dela. Um predador alienígena que queria fodê-la e beber o sangue dela estava mais longe daquele ideal do que qualquer coisa que Mia pudesse imaginar.

Ela queria tomar um banho.

Levantando-se lentamente, Mia tirou as roupas. A meia-calça não tinha mais salvação e ela a jogou no lixo. O vestido preto também estava ligeiramente rasgado na frente, apesar de Mia nem mesmo se lembrar de quando aquilo acontecera, e também o descartou. Sem se importar muito, ela também jogou os sapatos e a roupa de baixo na lata de lixo, não querendo guardar nada que a relembrasse daquela noite. Enrolando-se no roupão, Mia saiu da segurança do quarto e foi para o chuveiro, torcendo para que Jessie tivesse ido dormir.

NA MANHÃ SEGUINTE, Mia acordou com dor de cabeça.

Assim que abriu os olhos, os eventos da noite anterior voltaram imediatamente à lembrança, acompanhados por uma sensação enorme de humilhação. Ele a chamara zombeteiramente de vagabunda e, naquele momento ela realmente se sentia como uma, especialmente pelo que Jessie presenciara.

Ela também se lembrou do que ele dissera sobre buscá-la naquele dia e, subitamente, sentiu-se quase enjoada devido a uma combinação de medo e de uma excitação doentia.

Ela só tinha uma aula naquele dia, que só começaria às onze horas da manhã. O que era uma coisa boa, pois nem sabia direito se queria sair da cama.

Houve uma batida tímida na porta.

— Sim, pode entrar — disse Mia em resignação, sabendo que Jessie estivera ansiosa para que ela acordasse e prestando atenção a quaisquer movimentos no quarto dela.

A amiga entrou devagar e sentou-se na cama de Mia. — Então, acho que minha estratégia patenteada de repelente de homens foi um fracasso total, hein?

Mia esfregou os olhos e deu um sorriso amargo. — Acho que é bastante razoável dizer que sim, foi. — Respirando fundo, ela disse: — Olhe, eu sinto muito sobre ontem. Eu não pretendia gritar com você. Só não queria que ficasse lá fora vendo o que acho que viu.

Jessie assentiu, claramente tendo entendido tudo por conta própria. — Não se preocupe. Eu teria feito o mesmo. Só fiquei preocupada de ele estar forçando você ou algo assim. Então, você está, tipo, realmente gostando dele agora?

Mia soltou um grunhido e enterrou a cabeça no travesseiro. — Eu não sei.

Cada parte sã de mim diz que preciso correr para o mais longe que puder.

Mas, toda vez que ele me toca, não consigo me segurar. É como se eu não tivesse controle algum sobre o meu corpo. Odeio isso.

Os olhos de Jessie se arregalaram. — Ah, uau. Isso é *tão* emocionante. É o tipo de coisa sobre a qual você lê em romances. Ele a beija e ela geme!

Alguma coisa estivera incomodando Mia naquela manhã e as palavras de Jessie subitamente fizeram com que as peças do quebra-cabeça se encaixassem.

É claro! Ele a beijara e dissera explicitamente que a saliva dos Ks continha alguma substância química que mantinha a presa dócil e drogada.

Tudo fazia sentido agora, a letargia agradável que se espalhara pelas veias e a forma como o cérebro simplesmente desligara no segundo em que os lábios dele tocaram nos dela, deixando-a operando em instinto puramente animal. A substância provavelmente era ainda mais potente diretamente na corrente sanguínea, mas, sem dúvida, ela recebera uma bela dose na noite anterior.

Não era de surpreender que tivesse agido como uma vagabunda. Não só estivera bêbada por causa do champanhe, mas também estivera literalmente drogada por causa do beijo dele.

Uma fúria ardente começou a se acumular dentro dela, substituindo a sensação de humilhação que sentira mais cedo. Filho da puta. Basicamente, ele a drogara e quase tirara vantagem disso. E ainda tivera a ousadia de acusar *Mia* de fazer joguinhos. Ora, ele que se danasse! Se achava que ela o acompanharia docilmente naquele dia depois da aula, estava muito enganado.

A mente dela estava em um redemoinho, buscando alternativas.

— Jessie — disse ela lentamente. — Você não me disse uma vez que um primo seu tinha algum tipo de conexão com a Resistência?

— Ahm... — Jessie ficou claramente surpresa. — Você está falando sobre aquele negócio que contei a você sobre Jason? Aquilo foi há muito tempo, logo depois que entramos na universidade. Tenho quase certeza de que ele não tem mais nada a ver com isso, apesar de não termos mantido contato. — Ela olhou para Mia com uma expressão preocupada no rosto. — Por que está me perguntando isso? O quê, quer entrar para os lutadores da liberdade agora?

Mia deu de ombros, sem saber ao certo aonde pretendia chegar com aquilo. Só sabia que se recusava a se transformar docilmente no brinquedo sexual de Korum para ser usada e descartada de acordo com a vontade dele.

Ela nunca acreditava no movimento anti-K e achava que os lutadores da Resistência eram loucos. Os krinars estavam lá para ficar. Armas e tecnologias

humanas eram tristemente primitivas em comparação às deles e Mia sempre achara que tentar lutar contra eles era o equivalente a bater a cabeça contra a parede, algo fútil e provavelmente perigoso. Além do mais, não parecera tão ruim depois que acabaram os dias do Grande Pânico. Na maior parte, os Ks deixaram os humanos em paz, escolhendo morar nos próprios assentamentos, e a vida continuou com poucas diferenças, ar mais limpo, uma dieta mais saudável e muitas ilusões destruídas sobre o lugar da humanidade no universo. No entanto, agora que ela tivera algumas interações

pessoais com um K particular, sentia um pouco mais de simpatia pela causa dos lutadores. Não que isso tornasse o movimento da Resistência menos fútil.

Ela suspirou. — Deixe para lá, foi só uma ideia idiota. Acho que só preciso espairecer. — Saltando da cama, Mia vestiu a calça *jeans*, uma camiseta velha e um suéter confortável.

— Espere, Mia. O que está acontecendo? — Jessie estava confusa com as ações dela. — Você está chateada com o que aconteceu ontem à noite?

Mia colocou as meias e calçou um par de tênis. — Eu acho que sim —

resmungou ela. Contar toda a história para a amiga só a deixaria preocupada e uma Jessie preocupada às vezes fazia coisas drásticas, como chamar a polícia uma vez para informar que Mia desaparecera, quando ela simplesmente pegara no sono na biblioteca com o telefone sem bateria. Não que Jessie pudesse fazer alguma coisa nesse caso, mas Mia ainda preferia não causar qualquer preocupação desnecessária. — Olhe, estou bem — mentiu Mia. — Só preciso dar uma volta e pegar um pouco de ar. Você sabe que não tive muita experiência com esse tipo de coisa e é um pouco como ser jogada na parte funda de uma piscina. Só quero tentar entender como estou me sentindo sobre isso tudo antes que possa conversar sobre o assunto.

Jessie olhou para ela com uma expressão ligeiramente magoada. — Ok, está bem, claro. Faça o que precisa fazer. — Em seguida, ela ficou animada.

— Você virá jantar em casa hoje à noite? Eu estava pensando em fazer um macarrão, e podíamos ter uma noite só nos duas, assistir a alguns filmes antigos...

Mia balançou a cabeça pesarosamente. — Parece uma ideia ótima, mas

realmente não sei. Acho que vou encontrá-lo hoje de novo.

Vendo o olhar preocupado no rosto de Jessie, ela rapidamente acrescentou com um sorriso: — E acho que vai ser bem divertido. — Antes que Jessie tivesse a oportunidade de responder, Mia pegou a mochila e correu para fora do apartamento com um "vejo você mais tarde" rápido.

ELA ANDOU RAPIDAMENTE pela rua sem nenhum destino em particular na mente.

Parando em uma padaria, ela comprou chicletes, pois nem mesmo escovara os dentes ao acordar, e um sanduíche de abacate com legumes frescos. O cérebro dela parecia ter entrado em estado de hibernação e ela simplesmente caminhou sem pensar em nada específico, desfrutando da sensação dos pés batendo na calçada e do sol da manhã aquecendo-lhe o rosto. Ela devia ter andado

daquele jeito por um longo tempo, pois, quando começou a prestar atenção às placas das ruas, já estava em TriBeCa, a um quarteirão do prédio luxuoso em que estivera menos de quarenta e oito horas antes.

E, assim, ela soube o que faria, o que o subconsciente provavelmente já soubera mais cedo, pois a levara até lá.

Era realmente bem simples.

Era inútil fugir. Ele poderia encontrá-la em qualquer lugar para onde fosse e já provara que podia manipular o corpo dela para responder ao dele com o auxílio de várias substâncias químicas. Não, fugir não era a resposta. Ele era um caçador. Ele adorava a perseguição e só havia, na verdade, uma coisa que ela poderia fazer para detê-lo. Poderia negar a ele a perseguição, acabar com a diversão de perseguir uma presa relutante.

Ela o procuraria por conta própria.

TENDO CHEGADO ÀQUELA DECISÃO, Mia não perdeu tempo colocando-a em ação.

Entrando no saguão do prédio dele, ela calmamente disse ao recepcionista que estava lá para ver Korum. Os olhos do homem se arregalaram um pouco, pois claramente sabia quem era o ocupante da cobertura, e ele notificou ao

apartamento a presença dela. Dez segundos depois, ele acenou na direção do elevador, que ficava posicionado um pouco à esquerda do elevador principal.

— Vá em frente, senhorita. Quando o elevador pedir um código, digite 1159 e ele o levará até o andar da cobertura.

Korum estava aguardando quando as portas do elevador se abriram.

Apesar da intenção dela de não se deixar abalar, ela prendeu a respiração e o coração acelerou com a visão. Ele usava uma calça de pijama cinza e mais nada. A parte de cima do corpo estava completamente nua, com a pele cor de bronze cobrindo músculos poderosos e pequenos tufos de cabelos pretos visíveis em volta de mamilos pequenos e masculinos. Ombros largos, grossos por causa dos músculos, desciam na direção de uma cintura esbelta. Não havia um grama de gordura naquele corpo maravilhoso.

Mia engoliu em seco, subitamente não tão segura da sabedoria do plano.

— Mia — ronronou ele, encostando-se no batente da porta e parecendo um enorme gato selvagem prestes a saltar sobre ela. — A que devo esse prazer?

Não esperava vê-la tão cedo. — Alguma coisa na expressão dela devia tê-la traído, pois ele soltou uma risada curta. — Ah, já entendi. Foi *porque* eu não a

esperava. Bem, entre.

Andando até a cozinha com os pés descalços, ele perguntou: — Você já tomou café da manhã?

Mia assentiu, sentindo-se quase como uma pessoa muda, mas com receio de que a voz traísse o nervosismo que sentia. Decididamente, aquele não era o melhor plano. Por que ela achara que enfrentar o leão dentro da toca dele de alguma forma seria melhor do que tentar evitá-lo a todo custo?

Mas não havia como recuar agora.

— Ok. Então, talvez você queira um pouco de café? Ou chá? — O tom dele era excessivamente educado, transformando a pergunta normalmente polida em uma zombaria.

Ela ergueu o queixo ao perceber que ele achava a situação divertida. —

Não, obrigada — respondeu ela friamente, ficando orgulhosa com o tom firme da voz. — Você sabe por que estou aqui. Por que *você* não para com esse joguinho e vamos logo em frente?

Ele parou e olhou para ela. Não havia sinal de riso no rosto dele. — Está bem, Mia — disse ele lentamente. — Se é assim que quer.

— Mais uma coisa — disse ela, querendo alfinetá-lo e sem se importar com as consequências. — Nada de drogas de tipo nenhum. Nada de álcool nem saliva em parte nenhuma do meu corpo. Se quiser meu sangue, basta cortar uma veia e beber. E nada de beijar na boca. Não quero ficar bêbada *nem* drogada hoje.

O rosto dele ficou sombrio e os olhos pareceram se transformar em poças de ouro líquido. — Você acha que estava drogada ontem à noite? Foi isso que disse a si mesma para explicar o que aconteceu? Que algumas taças de champanhe e meus beijos mágicos a transformaram em uma ninfomaníaca? —

Ele riu sarcasticamente. — Bem, lamento desapontá-la, querida, mas a substância na nossa saliva só funciona se entrar diretamente no seu sangue.

Talvez, se eu a beijasse durante o dia inteiro, depois de algumas horas sentiria uma pequena tontura, se tivesse sorte. É claro, se eu a beijasse durante o dia inteiro, você provavelmente gozaria dezenas de vezes e nunca notaria qualquer tipo de efeito induzido pela saliva. — Ainda sorrindo, ele disse: — Mas que seja do seu jeito. Nada de beijos nem mordidas. De resto, vale tudo.

Aproximando-se, ele pegou a mão dela e conduziu-a pelo corredor. Com o coração batendo com força, Mia o seguiu sem protestar, sabendo que o momento de mudar de ideia já passara. Ela não sabia se podia acreditar nele e, mais importante, não queria acreditar nele. Se ele estivesse dizendo a

verdade, ela cometera um erro enorme indo lá. Alguma parte dela achara que conseguiria fazer aquilo, deixar que ele fizesse sexo com o corpo relutante e sem resposta dela, reduzi-lo a ser o estuprador que alegara não ser. E, depois, ir embora com as emoções intocadas, mantendo algum tipo de moral alta. Se ele não estava mentindo, então ela estava literalmente fodida.

Ele a levou para o quarto de dormir. Como o restante da cobertura, o quarto era

moderno e opulento ao mesmo tempo. Uma cama redonda grande dominava o centro do aposento. Ela estava desfeita e, obviamente, ele estivera deitado nela recentemente. Os lençóis eram de cor marfim clara e as cobertas grossas e os travesseiros espalhados sobre a cama eram de um tom pálido de azul. O coração de Mia subiu para a garganta quando ela percebeu completamente o que tinha acabado de concordar em fazer.

Ele soltou a mão dela e deu um passo atrás, deixando-a parada no meio do quarto. — Muito bem — disse ele em tom suave —, agora tire a roupa.

Mia ficou imóvel, com uma onda quente de vergonha invadindo-a. Ele queria que ela tirasse a roupa, bem ali, no meio do quarto iluminado pelo sol?

— Você me ouviu — repetiu ele com a voz fria, apesar do calor amarelado nos olhos. — Tire a roupa. — Vendo a hesitação dela, acrescentou: — Posso garantir que as suas roupas não sobrevirão se eu colocar as mãos nelas.

As mãos de Mia tremiam ao erguê-las lentamente para puxar o blusão sobre a cabeça. Ele só a observava, com o rosto inescrutável, apesar do desejo nos olhos. Ela tirou os sapatos e a calça jeans, ficando só de calcinha curta cor-de-rosa e camiseta. Ela se esquecera de vestir sutiã e, naquele momento, sentia falta dele, com os mamilos rígidos e visíveis pelo tecido fino da camiseta.

— Agora tire a camiseta — instruiu ele, sentindo a pausa que ela fizera. A parte da frente da calça dele estava volumosa, notou ela, e, de alguma forma, aquilo foi estranhamente confortador, saber que tinha aquele tipo de efeito nele, que ele não desanimara com a falta de jeito nem com o corpo magro dela.

Tremendo levemente, ela puxou a camiseta por sobre a cabeça, revelando os seios para olhos masculinos pela primeira vez. Ela precisou de toda a força de vontade para não cruzar os braços sobre o peito em um gesto tolamente virginal. Em vez disso, ficou parada com as mãos cerradas nos lados do corpo, deixando-o estudá-la.

Ele se aproximou e tocou-a lentamente, passando a palma de uma das mãos nas costas dela enquanto a outra mão envolvia o seio esquerdo gentilmente, apalpando-o como se estivesse testando-lhe o peso e a textura. — Você é

muito bonita — murmurou ele, olhando para ela enquanto as mãos deliberadamente exploravam o corpo dela, com cada toque enviando ondas de

calor para as regiões inferiores. Parada lá, de pés descalços, Mia estava agudamente consciente de como o corpo dele era muito maior comparado ao seu. A cabeça de Mia mal chegava ao ombro dele e cada um dos braços era maior do que a metade do torso dela. As mãos dele pareciam escuras contra a pele pálida e ela tremeu quando ele moveu a palma pela barriga dela, com a largura da mão aberta quase cobrindo a distância entre os ossos do quadril.

Ela sentia a ereção dele contra o corpo, com o material fino da calça do pijama fazendo pouco para esconder o calor e a rigidez.

Sem o efeito atordoante do álcool nem a proteção do escuro, não havia como recuar das ações brutalmente íntimas dele, não havia fuga misericordiosa para uma névoa sensual. Mia estava parada, em plena luz do dia, exposta e vulnerável, intensamente consciente de cada toque das mãos enormes dele sobre o corpo e da umidade quente que, em resposta, lubrificava-lhe o sexo.

Colocando os polegares na calcinha dela, ele a deslizou pelas pernas, removendo a última defesa que tinha. — Saia de cima dela — comandou ele com voz áspera, e Mia obedeceu, ficando completamente nua nos braços dele.

O fato de ele ainda estar de calças de alguma forma deixou tudo pior, somando-se à sensação de impotência completa dela.

Ele tocou nas nádegas dela com as mãos curvando-se em torno dos pequenos globos pálidos da bunda e apertando-os de leve. — Muito gostosa

— sussurrou ele, e Mia corou por algum motivo inexplicável. As ondas escuras entre as pernas dela atraíram a atenção dele em seguida e Mia se encolheu quando os dedos dele lentamente acariciaram os pelos púbicos em busca da carne macia sob eles. Sentindo a umidade dela, ele sorriu com uma satisfação puramente masculina e o constrangimento de Mia se multiplicou.

Aquela era a pior parte: saber que o próprio corpo a traía, que uma criatura que nem era humana conseguia provocar aquele tipo de resposta nela, considerando as circunstâncias.

— Nada de beijo na boca, certo? — murmurou ele, pegando-a nos braços e carregando-a até a cama. Mia assentiu, fechando os olhos na esperança de que aquilo acabaria rapidamente. Em vez disso, ele a colocou no centro da cama circular, como se fosse um sacrifício virginal, e arrastou-se pela parte de baixo

do corpo dela até a cabeça ficar acima da junção das pernas. Mia tentou recuar, percebendo a intenção dele, mas ele não pretendia largá-la. Em vez

disso, segurou as pernas trêmulas facilmente com os cotovelos enquanto separava devagar as dobras dela com os dedos, expondo o local mais sensível do corpo de Mia ao olhar ardente. Abaixando a cabeça, ele gentilmente pressionou a língua, macia e plana, contra o clitóris dela, apenas mantendo-o lá e deixando que ela lutasse até que não aguentasse mais, com o corpo inteiro arqueando-se com o orgasmo mais intenso que já sentira.

Enquanto permanecia deitada, ainda tremendo com pequenas convulsões, ele se ergueu sobre os joelhos, rapidamente retirando a calça para revelar o pênis imenso. Os olhos de Mia se arregalaram ao perceber que sua primeira vez provavelmente envolveria mais do que um pequeno desconforto, considerando o tamanho do pênis à frente dela.

Vendo o medo dela, ele fez uma pausa. — Mia — disse ele baixinho. —

Não precisamos fazer isso se não estiver pronta. Posso esperar...

Ela balançou a cabeça negativamente, incapaz de pensar além da névoa de desejo que lhe obscurecia o cérebro. Ela precisara de toda a coragem para chegar até ali, para permitir a ele tal intimidade. Recuar agora pareceria covardia e Mia sentiu um medo súbito e irracional de que, se desistisse da oportunidade de viver tal paixão naquele momento, nunca mais a sentiria.

Ele não precisou de muito encorajamento. Antes que o lado lógico dela pudesse se recompor, ele já estava sobre ela, abrindo-lhe as pernas com uma coxa musculosa e posicionando-se entre elas. Olhando firmemente nos olhos dela, ele começou a empurrar o pênis dentro dela, lentamente avançando, centímetro a centímetro.

Arrependendo-se da decisão quase que imediatamente, Mia se contorceu sob ele, sentindo como se uma bola de fogo estivesse prestes a entrar nela.

Apesar de estar molhada por causa do orgasmo, os músculos internos não queriam deixá-lo entrar, desesperadamente contraindo-se para repelir a invasão. — Shhh — sussurrou ele baixinho. As lágrimas escorriam pelo rosto dela por causa do desconforto que queimava e ameaçava se transformar em dor. Fios de suor apareceram no rosto dele com o esforço óbvio para se conter, os braços

flexionando-se enquanto ele se mantinha parado, tentando deixar que os músculos delicados se estendessem em torno do pênis enrijecido antes que prosseguisse. Mas Mia não conseguiu ficar parada, com todos os instintos levando-a a lutar contra a penetração, pequenos gritos escapando-lhe da garganta quando ele pressionou um pouco mais, parando brevemente na barreira interna. — Eu sinto muito — disse ele com voz rouca, e Mia gritou quando ele empurrou o corpo para a frente em um movimento suave, rasgando

a membrana que bloqueava a entrada e enterrando-se totalmente dentro dela até que os pelos púbicos encostassem nos dela.

A visão de Mia ficou escura por um segundo e um enjoo quente queimou-lhe a garganta quando uma dor lancinante a rasgou por dentro. Ela nunca imaginara que sentiria tanta agonia e enterrou as unhas nos ombros dele, soltando gritos guturais e desesperadamente tentando escapar do objeto que lhe rasgava o corpo. Com todo o prazer anterior esquecido, ela se contorceu sob ele como um peixe preso em um anzol, mal registrando as palavras de conforto que ele sussurrava e os beijos gentis que dava no rosto e na testa dela.

Em algum momento, a dor agonizante começou a diminuir e ela percebeu que ele não se movia, apenas se mantinha fundo dentro dela, com os músculos tremendo com o esforço de ficar imóvel. — Eu sinto muito — disse ele, parecendo ter repetido aquilo pela enésima vez. — Ficará melhor, eu prometo.

Você só precisa relaxar e não doerá mais desse jeito, eu prometo... Shhh, minha querida, basta relaxar... pronto, isso mesmo, assim... Ficará melhor daqui a pouco, prometo...

Mentiroso, pensou Mia amargamente. Como poderia ficar melhor se ele ainda estava dentro dela, com o órgão que lhe causara tanta dor alojado bem no fundo? Ela se sentia violada e traída, presa sob o corpo muito maior dele, sem esperança de escapar até que ele terminasse. — Acabe logo com isso —

disse ela em tom agressivo, disposta a tolerar qualquer coisa para que aquilo acabasse.

Um pequeno sorriso curvou os lábios dele, apesar da tensão no rosto. —

Ah, Mia, minha garota corajosa, seu desejo é uma ordem. — Ele recuou o corpo lentamente e Mia fechou os olhos com força, incapaz de segurar as lágrimas

quando, no início, o movimento causou mais dor. Mas ele continuou movendo-se, lentamente recuando e penetrando-a novamente. E, de alguma forma, o ritmo antigo acendeu uma pequena fagulha dentro dela novamente.

Sentindo-o, ele gradualmente aumentou o ritmo e mudou de ângulo ligeiramente, de forma que a cabeça larga do pênis encostasse em um ponto sensível lá no fundo. Ele colocou o braço entre os dois corpos e, com dedos conhecedores, encontrou o clitóris dela, pressionando-o ligeiramente. Manteve a pressão constante, fazendo com que o ritmo dos quadris a movimentasse contra a mão dele. O corpo de Mia ficou tenso novamente, dessa vez por um motivo diferente, e um calor líquido começou a se acumular nas partes baixas.

Ela se viu ofegando, ecoando a respiração pesada dele, e a tensão interna se

tornou quase insuportável. Cada movimento do pênis dele a deixava cada vez mais perto do clímax, sem que o alcançasse. A dor não desapareceu, ainda estava lá, mas, de alguma forma, ela não importava mais, pois cada nervo de Mia estava concentrado na necessidade desesperada de liberação. Ele gemeu, com os quadris atingindo-a com força, e ela gritou em frustração, batendo os pequenos punhos inutilmente no peito dele e com o corpo vibrando como uma corda de guitarra por causa da tensão. E, subitamente, foi demais. Ela o sentiu inchando ainda mais e, com um movimento profundo final, ele gozou. Ele esfregou a pélvis contra o sexo dela e ela explodiu em um orgasmo tão poderoso que literalmente fez com que visse estrelas, quase causando um curto-circuito no cérebro devido à intensidade do clímax.

Ela ficou deitada, sentindo o pênis latejando dentro de si à medida que ficava mais mole e menor. Os ombros e as costas dele estavam escorregadios por causa do suor e ele respirava como se tivesse acabado de correr uma maratona, com o corpo pesado sobre o dela. Mia notou com um interesse curiosamente distante que os braços e as pernas dela tremiam ligeiramente e o coração batia com força por causa do esforço físico.

Ele se afastou e Mia sentiu a perda do calor do corpo dele, sendo substituído por um estranho frio interno. Ele saiu do quarto e ela ergueu os joelhos até o peito em um movimento lento e dolorido. O corpo parecia ser o de uma estranha quando ela se enrolou em posição fetal, sentindo a mente vazia. Havia fios de sangue nas coxas, muito mais do que ela sempre achou que seria normal.

Ele voltou um minuto depois com um pequeno tubo branco nas mãos e espremeu um pouco da substância transparente do dedo. Em seguida, colocou-o entre as pernas dela, entrando na abertura dolorida apesar dos protestos fracos. Quase imediatamente, Mia sentiu a dor ardente desaparecendo quando o gel misterioso mágico começou a agir.

— É um analgésico e apressará a sua recuperação — explicou ele, limpando a mão nos lençóis para retirar o excesso. — Infelizmente, não posso curá-la completamente, pois a última coisa que quero é que a sua membrana cresça novamente.

Mia respondeu enrolando-se em uma bola ainda menor. Mais do que tudo, ela queria encolher e desaparecer, fingir que nada daquilo era real. Mas ele não deixou, deitando-se atrás dela e puxando-a para perto, com o corpo grande e quente envolvendo o dela. — Eu odeio você — disse ela, querendo feri-lo de alguma forma. Mia sentiu quando ele suspirou. — Eu sei — respondeu ele,

acariciando gentilmente os cachos emaranhados.

Eles ficaram deitados naquela posição por alguns minutos. Os lençóis tinham cheiro de sexo, notou Mia, e o cheiro dele. Havia também um odor metálico que ela se deu conta de que fora o que sobrara da virgindade dela.

— Você nem bebeu o meu sangue — comentou ela, achando mais fácil se comunicar daquela forma, de costas para ele.

— Não, não bebi — concordou ele. — Acho que você teve experiências novas o suficiente por um dia.

Que simpático da parte dele, pensou Mia amargamente. Tão cavalheiro, poupando a pobre virgem de um trauma adicional. Era irrelevante o fato de que ele fora o causador do trauma, claro.

Como se estivesse sentindo a direção dos pensamentos dela, ele disse, continuando a acariciar-lhe os cabelos: — Lamento que tenha sido tão doloroso para você. Eu sei que não vai acreditar em mim nesse momento, mas nunca quis machucá-la desse jeito e nunca farei isso de novo. Se eu soubesse como era apertada e o quanto a sua membrana era grossa, eu a teria removido antes de chegarmos perto desse quarto. Depois que eu estava dentro de você, era tarde demais, simplesmente não consegui parar. Não será assim na próxima vez, eu

prometo.

Mia ouviu o breve discurso dele com um peso no coração. — Só para deixar bem claro — disse ela lentamente —, nunca mais quero fazer isso com você de novo. Nunca. Se você tocar em mim novamente, será estupro no sentido puro da palavra.

Korum não respondeu e Mia percebeu, com uma sensação de desespero, que ele pretendia que houvesse uma próxima vez. — Você é um monstro —

disse ela, tentando se afastar. Ele a largou e levantou-se. Antes que ela percebesse o que ele pretendia fazer, Korum se inclinou sobre a cama e ergueu-a nos braços, carregando-a nua para fora do quarto.

ELE A LEVOU PARA o mesmo banheiro em que Mia tomara banho anteriormente.

Em algum momento, ele devia ter colocado a banheira de hidromassagem para encher, pois ela estava pronta para ser usada. Ele cuidadosamente a colocou dentro da água maravilhosamente quente que chegava até a altura da cintura.

As pernas dela ainda estavam trêmulas e Mia se abaixou dentro das bolhas, encontrando um degrau em que podia se sentar. Jatos poderosos massagearam agradavelmente os músculos cansados, lavando o sangue e o sêmen secos das

coxas. Ela se recostou na beirada e fechou os olhos, tentando ignorar a presença nua de Korum.

Um pensamento assustador subitamente cruzou a mente dela, fazendo com que abrisse os olhos. — Você não usou nenhuma proteção — disse ela em tom sibilante, horrorizada ao lembrar daquilo. — Vou pegar algum tipo de doença estranha ou, pior, ficar grávida?

Ele riu, jogando a cabeça para trás. — Não, minha querida, isso seria impossível. Você está muito mais segura fazendo sexo comigo do que com qualquer homem da raça humana, não importa quantas camisinhas ele use.

Mia suspirou aliviada. O gel que ele usara antes e a água quente tinham um resultado maravilhoso no estado físico dela, que estava quase sentindo-se normal de novo. Ela percebeu também que estava com fome.

— Preciso ir embora — disse ela, olhando em volta em busca de uma toalha ou roupão no qual se enrolar. Ainda não se sentia confortável ficando nua na frente dele.

— Por quê? — perguntou ele preguiçosamente, movendo as costas musculosas para aproveitar melhor os jatos. — Você já perdeu a aula e não tem nada para fazer nas quartas-feiras.

Pelo jeito, ele sabia a programação das aulas dela de cor.

Mia deu de ombros, sem se surpreender com mais nada. — Estou com fome e quero ir para casa — disse ela, falando a verdade.

Ele sorriu para ela, parecendo feliz por algum motivo. — Prepararei algo para você comer. Por que não relaxa aqui um pouco mais? Chamo você quando a comida estiver pronta.

Ela assentiu, decidindo não discutir ao se lembrar da refeição deliciosa que ele preparara na vez anterior.

Ainda sorrindo, Korum se levantou e saiu da banheira, com a água escorrendo pela pele dourada e pelos músculos bem definidos. Apesar de tudo o que acontecera, Mia sentiu uma fagulha de excitação ao vê-lo totalmente nu.

As costas dele eram largas e musculosas e os quadris estreitos. A bunda era a mais bonita e firme que já vira em um homem e as pernas pareciam poderosas.

Ela ficou imaginando se os Ks precisavam fazer exercícios para manter a forma e resolveu perguntar isso a ele em algum outro momento.

— Gosta do que vê? — perguntou ele com um sorriso malicioso, obviamente notando o olhar dela.

Mia corou ligeiramente e, em seguida, disse a si mesma para deixar de ser tola. — Claro — disse ela com expressão séria. — Você é muito bonito, como

um boneco da linha da Barbie.

Longe de se sentir ofendido, ele riu com diversão genuína. — Não como Ken, espero. Não falta alguma coisa essencial nele?

Mia respondeu dando de ombros, sem querer entrar naquele tipo de discussão com ele. Sorrindo, ele saiu do banheiro, deixando-a sozinha para aproveitar a banheira pelos vinte minutos seguintes.

Quando ele voltou, Mia já terminara o banho e estava enrolada no roupão familiar que encontrara no armário. Até mesmo encontrara os chinelos que usara antes, calçando-os com prazer. Tomar banho na casa dele estava tornando-se um hábito.

Ela acompanhou Korum até a cozinha, com a boca cheia d'água por causa dos aromas deliciosos que vinham de lá. Ele fizera outra daquelas saladas especiais e um prato de trigo assado com cenouras e cogumelos fritos.

Sentindo-se faminta, Mia atacou a comida com prazer. Por algum tempo, a cozinha ficou em silêncio, exceto por ruídos de mastigação e do bater dos talheres. Finalmente sentindo-se cheia, Mia se recostou na cadeira. Ele já terminara, como normal, e observava-a com um meio sorriso.

— O que foi? — perguntou Mia constrangida, imaginando se tinha algum pedaço de comida preso nos dentes.

— Nada — disse ele, alargando o sorriso. — Só adoro ver você comendo.

Você come com tanto entusiasmo que é agradável de assistir.

Mia corou ligeiramente. Obviamente, ele achava que ela era uma comilona. Dando de ombros, ela disse: — Ah, bom, o que posso dizer? Eu realmente gosto de comida.

Ele sorriu. — Eu sei. Eu gosto muito disso em você. Bastante inesperado em uma garota do seu tamanho.

Mia sorriu de volta e levantou-se da cadeira. Era um momento tão bom quanto qualquer outro. — Ok, bem, obrigada pela comida. Vou trocar de roupa e sumir das suas vistas.

O sorriso deixou o rosto dele. Claramente, Korum não gostou de ouvir aquilo. — Por que não fica? — sugeriu ele em tom suave. — Prometo não tocar em você de novo hoje, se é isso que a preocupa.

Mia engoliu em seco, sentindo-se subitamente tensa. — Eu realmente preciso ir embora — disse ela, torcendo para ter entendido errado a linguagem corporal dele, que ele realmente não pretendia prendê-la lá contra a vontade.

Ele olhou diretamente dentro dos olhos dela e pareceu tomar uma decisão com base no que viu lá. — Está bem — disse ele lentamente. — Você pode ir

para casa. — Mia soltou a respiração aliviada, o que se provou ser prematuro, pois ele acrescentou em seguida: — Mas quero que volte aqui hoje à noite.

Pegue o que precisar para um ou dois dias, ou posso comprar coisas novas para você, se preferir, e volte aqui às sete horas da noite. Vou fazer um jantar para nós.

Mia o encarou. — E se eu não vier? — perguntou ela em tom desafiador.

— Então eu a buscarei — respondeu ele. A expressão no olhar dele não deixava dúvidas sobre a seriedade da afirmação.

— Mas por quê? — perguntou Mia em frustração. — Por que quer ficar com alguém que não quer ficar com você? Que odeia você, na realidade. É

claro que não devem faltar mulheres dispostas a isso. Você já conseguiu o que queria de mim. Não pode procurar outra vítima?

Os olhos dele se estreitaram de raiva. — Bem, Mia, você tem razão. Não faltam mulheres que adorariam estar no seu lugar e eu poderia facilmente conseguir outra "vítima", como você disse de forma tão agradável. — Ele deu um passo na direção dela. — O motivo pelo qual quero você, apesar de fingir não estar disposta, é porque a química entre nós é muito rara. Você é muito jovem, até mesmo para uma humana, e não percebe o que temos. Você acha honestamente que sexo seria assim para você com outro homem? Ou que qualquer mulher teria esse tipo de efeito em mim? — Ele fez uma pausa e continuou em tom mais suave: — Esse tipo de atração acontece muito raramente e eu sei que não devo desistir, mesmo que você fuja assustada agora. — Olhando para o rosto chocado dela, ele acrescentou, com um brilho dourado familiar nos olhos: — Eu sei que isso tudo é muito novo para você e que provavelmente sentiu mais dor do que prazer hoje. Não será assim mais.

Na próxima vez em que estiver na minha cama, prometo que os únicos gritos

que soltará serão de prazer.

CAPÍTULO SEIS

M ia deixou o apartamento dele e caminhou para casa, com os pensamentos em um redemoinho caótico. Ela não era mais virgem e tinha a dor residual entre as pernas para provar isso. O gel ajudara com a maior parte da dor, mas ela ainda sentia os ecos de Korum dentro de si. As partes íntimas se contraíram ligeiramente com a lembrança dos orgasmos que ele lhe dera e ela estremeceu com a intensidade do que acontecera. E ele queria vê-la novamente naquela noite. Na verdade, soara como se ele não tivesse intenção alguma de desistir da perseguição, ignorando completamente os desejos dela.

Ao lembrar disso, Mia ficou furiosa novamente. Ele não tinha direito de fazer isso com ela. A espécie dele podia ter direcionado a evolução humana, mas aquilo não significava que ele a possuía. Aquela química especial que Korum achava que existia entre eles não justificava aquele comportamento e Mia odiava a ideia de que ele achasse que podia tê-la sempre que quisesse.

Ela queria que houvesse algo que pudesse fazer para fazê-lo desistir, mas a própria resposta a ele transformava qualquer resistência em piada.

Foi uma longa caminhada até o apartamento, mas Mia queria esticar as pernas e espairecer antes de encontrar a amiga. Quando chegou ao prédio, ela estava cansada o suficiente para que subir cinco andares de escadas parecesse uma tortura. Ela estava ansiosa para se jogar no sofá e fazer algo que não precisasse do cérebro, como assistir a um programa no *notebook*.

Mas aquele não era o dia dela. Mia percebeu que Jessie tinha convidados quando abriu a porta e ouviu vozes masculinas na sala de estar. Entrando, ela ficou surpresa ao ver dois homens que nunca encontrara antes.

Um deles, um rapaz asiático, parecia ter vinte e poucos anos, enquanto que o outro devia ter pelo menos trinta. O homem mais velho chamou a atenção dela imediatamente. Havia alguma coisa na maneira como ele estava sentado no sofá que deu a ela a impressão de uma mola comprimida. Ele tinha cabelos loiros e os olhos azuis eram extraordinariamente observadores. Parecia ter altura mediana e ser magro, talvez até mesmo um pouco magro.

Quando Mia entrou, os dois se levantaram. Jessie permaneceu sentada, com

aparência pálida e estranhamente culpada. — Olá, Mia — disse ela com alguma hesitação. — Esse é o meu primo Jason e aquele é o amigo dele, John.

Mia ergueu as sobrancelhas. — O Jason sobre quem falamos hoje pela manhã? — perguntou ela confusa.

O rapaz asiático assentiu. — O primeiro e único.

— Ah, olá... é um prazer conhecê-lo — disse Mia educadamente, tentando conectar os pontos.

— Eles estão aqui para falar com você — disse Jessie e Mia percebeu por que ela parecera tão culpada.

— Vocês são, tipo, a Resistência ou algo parecido? — perguntou ela em tom incrédulo. Quando eles não responderam, ela tirou as próprias conclusões.

— Olhe, não sei o que Jessie disse a vocês, mas realmente não temos nada sobre o que conversar...

— Pelo contrário, srta. Stalis — disse John, falando pela primeira vez em uma voz ligeiramente rouca. — Temos muito a conversar. Jason, por que não coloca a conversa em dia com a sua prima enquanto eu e a srta. Stalis terminamos a nossa discussão?

Vendo a resposta de Mia na expressão furiosa que aumentava no rosto dela, Jessie lhe lançou um olhar suplicante. — Por favor, Mia, sei que está brava comigo, mas realmente acho que eles podem ajudá-la. Só escute o que eles têm a dizer, está bem? Jason disse que podem lhe dar algumas dicas boas sobre como lidar com essa situação. É por isso que eles estão aqui.

Mia soltou um suspiro longo e disse: — Está bem. — Pelo jeito, a tarde relaxante em casa não aconteceria.

— Quando ele quer se encontrar com você novamente? — perguntou John baixinho.

Mia piscou surpresa. — Ahm... hoje à noite, às sete horas.

— Muito bem — disse ele. — Isso nos dá tempo suficiente para colocá-la a par

das coisas. Diga-me... você já foi "brilhada"?

— Brilhada?

— Ele usou algum tipo de dispositivo alienígena em você que brilhava com uma luz vermelha em alguma parte do seu corpo em que a pele estava rompida?

Mia o olhou em choque. — Como você sabe disso?

Tomando aquilo como uma resposta afirmativa, ele disse: — Então você não pode sair do apartamento. Jason, por que não leva a sua prima ao cinema enquanto eu e a srta. Stalis conversamos?

Jason assentiu e saiu acompanhado de Jessie, apesar de Mia ver claramente que a amiga estava morrendo de curiosidade.

Quando ficaram sozinhos, Mia perguntou furiosa: — O que quer dizer com isso, que eu não posso sair do apartamento?

— Você foi brilhada. Basicamente, ele colocou uma marca em você.

Agora, você tem pequenas máquinas nano na parte do corpo em que ele usou o dispositivo. Elas transmitem sua localização para ele o tempo inteiro. Se você fosse fazer alguma coisa que ele não espera, como sair do apartamento quando deveria estar em casa, ele saberia imediatamente, o que poderia deixá-lo com suspeitas.

Mia olhou para as palmas das mãos em horror. — Você quer dizer que, quando ele curou os meus machucados, estava, na verdade, colocando um dispositivo rastreador dentro de mim? Por que ele faria isso? — Ela ergueu a cabeça desconfiada. — E como você sabe disso tudo?

— Srta. Stalis... — disse ele em tom cansado.

— Por favor, pode me chamar de Mia — interrompeu ela.

— Ok, Mia — repetiu ele. — Estamos lutando contra os krinars há muito tempo. Não acha que tivemos tempo suficiente para aprender bastante coisa sobre o nosso inimigo?

— Muito bem — disse Mia lentamente. — Digamos que acredito em você.

Por que ele faria isso? Colocar uma marca em mim desse jeito?

— Para saber onde você está o tempo inteiro, é claro. É um procedimento de operação padrão deles.

Mia o encarou em choque. — Ok, e o que você pode fazer para me ajudar?

— Não podemos ajudar você, Mia — disse John em tom direto. — Mas você pode nos ajudar.

Mia respirou fundo. Tinha receio de que seria algo parecido com isso. —

Acho que você foi mal informado. Não quero me envolver com a sua causa de forma nem jeito nenhum. Vocês não podem vencer e a última coisa de que precisamos é voltar aos dias do Grande Pânico. Só quero ser deixada em paz.

Por Korum, por vocês e por todo mundo. E, se não pode me ajudar com isso, então é melhor que vá embora. — Ela apontou para a porta.

— Você já está envolvida, Mia, goste da ideia ou não. Você sabe quem é o seu amante K?

— Ele não meu amante! — disse Mia em tom feroz.

— Você não dormiu com ele? — Vendo o sangue subir ao rosto dela, ele disse: — Foi o que pensei. Tenho certeza de que ele não perdeu tempo em conseguir exatamente o que queria de você, do mesmo jeito como tomaram nosso planeta.

Mia lutou contra a vergonha. — O que quer dizer com isso, se eu sei quem ele é?

— Contou a você alguma coisa sobre ele mesmo? Você sabe por que ele está aqui, em Nova Iorque? Como os Ks acabaram vindo para a Terra, de forma geral?

Mia assentiu lentamente. — Ele disse que é engenheiro, que a empresa para a qual trabalha fez as naves que os trouxeram aqui para a Terra.

— Engenheiro? Isso é divertido. — John soltou uma risada sem humor algum.

— Ele é um dos Ks mais poderosos neste planeta, Mia. Ele é dono das naves que os trouxeram aqui. A empresa dele, na verdade, foi a força motivadora atrás da vinda deles para tomar a Terra.

Vendo o olhar de pura descrença no rosto dela, ele acrescentou: — Ele é parte do conselho governante deles. Alguns dizem até mesmo que ele manda no conselho. A empresa dele fornece tudo para os Centros dos Ks. Sem ele, não haveria Centros dos Ks e não haveria krinars na Terra.

— Eu não estou entendendo — disse Mia confusa. — Se ele é tudo isso, então por que está aqui? E o que ele quer de mim?

— Ele está aqui porque, pela primeira vez desde o Dia K, temos uma chance de verdade contra eles. — Os olhos de John brilharam com empolgação. — Porque ele sabe que estamos muito perto de conseguirmos lutar contra eles em igualdade de condições. Porque ele quer acabar com a Resistência antes de conseguirmos avançar.

Ele respirou fundo. — Quanto ao que ele quer de você, acho que isso é bastante óbvio. Você sabe o que é um caerle?

Mia sacudiu a cabeça negativamente, sentindo-se atônita.

— A tradução literal para caerle é *aquele que dá prazer*. É o termo que eles usam para os escravos humanos que mantêm nos assentamentos deles. A finalidade de um caerle é dar prazer aos Ks. Como você já pode saber, ou

talvez não, eles gostam de beber sangue durante o sexo. Portanto, eles nos mantêm ativos, presos em gaiolas de alta tecnologia, e usam-nos da maneira que querem.

Mia sentiu uma onda de bile quente subindo pela garganta. — Você está mentindo. Por que eles fariam isso? Somos seres inteligentes.

— Eles não pensam em nós necessariamente dessa forma. A maioria deles nos considera animais de estimação criados especialmente para essa finalidade, pouco melhor do que os primatas que caçaram até a extinção no planeta deles.

— Então, o que está dizendo? Que Korum quer me manter como escrava?

— Mia perguntou em tom incrédulo. — Isso é um monte de besteiras. Se ele quisesse me manter presa, eu não estaria aqui, não é?

Ele suspirou. — Mia, não sei exatamente qual é o joguinho que ele está fazendo com você. Talvez ache divertido lhe dar a ilusão da liberdade por enquanto. Não é real, você entende isso, certo? Se você tentasse sair de Nova Iorque, em vez de ficar aqui e encontrá-lo sempre que ele quiser, não sei o que ele faria, nem se a sua família jamais a veria novamente. Você é uma garota inteligente. Já sentiu isso, certo? Foi por isso que preferiu não evitá-lo. É por isso que a sua amiga está tão assustada por sua causa, foi por isso que ela veio correndo atrás de Jason, apesar de eles não se falarem há três anos. Porque ela disse que você está totalmente dominada.

Mia sentia vontade de vomitar. Se John estivesse falando a verdade, então a situação dela era muito pior do que tinha imaginado. Ele tinha razão. O

subconsciente devia ter percebido o perigo de fugir de Korum, pois ela nunca contemplara seriamente a ideia de sair da cidade. O cérebro fervilhava com um milhão de perguntas, ao mesmo tempo em que um poço de desespero crescia dentro dela.

— Então, o que quer de mim? — perguntou ela em tom amargo. — Você veio até aqui para dizer que estou encrencada? Que vou acabar como o animal de estimação de um alienígena, presa em algum lugar e sendo usada para sexo?

Foi isso que veio aqui me dizer?

— Sim, Mia — respondeu John calmamente, com a expressão estranhamente séria. — Não existe uma boa opção para você. Se ele se cansar de você, talvez consiga retomar a sua vida, particularmente se ainda estiver em Nova Iorque quando isso acontecer. É claro, talvez você chame a atenção de algum outro K e nunca seja vista novamente. Foi isso que aconteceu com a minha irmã e é por isso que estou aqui fazendo isso, para que outra jovem

inocente possa ter uma vida normal.

Mia olhou para ele com expressão horrorizada. — Sua irmã? O que aconteceu com ela?

Ele torceu a boca amargamente. — O que aconteceu foi que dei a ela uma

viagem para o México como presente de formatura. Ela foi com algumas amigas e encontrou um belo estranho na praia. Acontece que ele não era exatamente humano... Uma noite antes do dia em que elas deveriam voltar para casa, Dana desapareceu do quarto. Por um longo tempo, não tínhamos ideia do que acontecera, apenas suspeitas de que o K estava envolvido de alguma maneira. Foi por isso que comecei a lutar contra os Ks, para vingar minha irmã. Há apenas um ano, descobri que ela ainda está viva, sendo mantida como uma caerle no Centro dos Ks na Costa Rica.

Os olhos de Mia se encheram de lágrimas ao imaginar o sofrimento da família dele. — Ah, meu Deus, eu sinto muito — disse ela. — Há alguma forma de conseguir trazê-la de volta?

— Não. — Ele balançou a cabeça com pesar furioso. — Mesmo se conseguíssemos resgatá-la de lá, o que é uma impossibilidade completa, ela foi brilhada, como todos os caerles. Eles sempre saberão exatamente onde ela está. Não há como reverter esse procedimento.

— Brilhada — disse Mia. — Como todos os caerles. Como eu.

— Como você — concordou John.

Ela queria gritar, chorar e jogar coisas longe. Mas se contentou em perguntar: — Então, por que veio aqui hoje?

— Porque, Mia, apesar de não podermos realmente ajudá-la, você está em posição de nos ajudar. Se tivermos sucesso, não só você conseguirá sua vida de volta, mas também ajudará a salvar inúmeras outras jovens, e outros homens, do destino que a minha irmã teve.

— Não estou entendendo... O que está me pedindo? — perguntou Mia lentamente, com o coração batendo mais forte.

— Queremos que trabalhe conosco. Que nos notifique sobre a localização de Korum, o que ele gosta de comer, como dorme, qualquer ponto fraco que possa ter. E, se descobrir alguma informação que possa ser remotamente útil, alguma senha, medidas de segurança, qualquer coisa, que passe essa informação para nós.

— Está pedindo que eu espione para você? — Mia ergueu a voz incrédula.

— Estou pedindo que tire o máximo proveito da sua situação, já que sabe que é uma situação infeliz. Para ajudar a você mesma e a toda a humanidade.

Só o que precisa fazer é manter os olhos e os ouvidos abertos quando estiver com ele e, de vez em quando, informar a nós o que descobriu.

— E você acha que eu conseguirei fazer isso? Sem treinamento nenhum sobre nada e sem nenhum dom de atriz? De alguma forma, enganar um dos Ks mais poderosos deste planeta? O que o faz pensar que ele já não sabe que você está aqui, particularmente se o objetivo dele é acabar com o seu movimento?

— Este apartamento não está grampeado, nós verificamos. Ele não terá motivos para espioná-la se você não fizer nada suspeito e continuar a jogar o jogo dele. Ele não sabe que estamos aqui. Se soubesse, já estaríamos mortos.

Olhe, não estamos pedindo a você que seja James Bond ou algum tipo de agente secreta. Não precisa tentar se aproximar dele, seduzi-lo nem nada parecido. Apenas continue o seu relacionamento com ele, do jeito como está, e, de vez em quando, dê-nos informações.

— Como? E de que isso adiantaria? O que o faz pensar que tem uma chance, quando todos os governos do mundo com armas nucleares foram completamente inúteis quando houve a invasão? — A coisa toda era insana e Mia não tinha a menor intenção de se transformar em mártir de uma causa inútil.

— Deixe o "como" conosco. Se ele ainda der a você um grau de liberdade similar, será decididamente muito mais fácil. Caso contrário, será um pouco mais complicado, mas temos nosso jeito. — Ele fez uma pausa por um segundo, provavelmente ponderando sobre a sabedoria das palavras seguintes.

— Quanto ao motivo pelo qual achamos que podemos vencer, digamos apenas que nem todos os Ks são iguais. Nem todos compartilham das mesmas crenças sobre a inferioridade da raça humana. Não posso dizer nada além disso sem colocá-la em perigo, mas fique sossegada, temos alguns aliados poderosos.

Aliados humanos entre os Ks? As implicações daquilo eram incríveis.

— Eu não sei — disse Mia, tentando pensar melhor no assunto. — E se ele descobrir? O que acontecerá comigo?

Ele disse de forma direta: — Não sei. Talvez ele decida matá-la ou puni-la de alguma outra forma. Honestamente, não sei.

Mia soltou uma risada amarga. — E você também não se importa, certo?

John suspirou. — Eu me importo, Mia. Mais do que tudo, eu queria que as coisas fossem diferentes. Que eu não estivesse pedindo isso a você, que a única coisa com que precisasse se preocupar fossem as suas provas da faculdade. Mas não vivemos mais em um mundo assim. Se quisermos ganhar

nossa liberdade de volta, precisamos arriscar tudo. Você é a nossa melhor chance de nos aproximarmos de Korum. Você pode fazer a diferença, Mia.

Mia andou até a mesa e sentou-se em uma cadeira, fechando os olhos por um minuto para que pudesse pensar. Ela não tinha motivos para confiar em John e não sabia se alguma coisa do que ele dissera era verdade. Ainda assim, por alguma razão, estava inclinada a acreditar nele. Houvera dor demais na voz dele ao falar sobre a irmã. Ou ele era o melhor ator do mundo ou os Ks realmente estavam abduzindo e escravizando humanos que chamavam a atenção deles. Da mesma forma como ela chamara a atenção de Korum.

Outra pergunta lhe passou pela cabeça. Abrindo os olhos, ela perguntou:

— E se Korum souber que Jason é primo de Jessie e já estiver desconfiado de mim?

John deu de ombros. — É uma possibilidade, claro. Mas Jason é primo de terceiro grau de Jessie, o que é uma conexão bem distante. Além disso, ele não é ninguém na nossa operação e mal foi envolvido nos últimos dois anos. Ele só me procurou hoje porque Jessie lhe telefonou falando sobre você. Não podemos descartar totalmente essa possibilidade, mas as chances estão a nosso favor. Além do mais, não se esqueça de que é Korum quem está perseguindo você, não o contrário. Portanto, ele não tem motivo algum para suspeitar de nada.

— Muito bem — disse Mia. — Vamos supor por um segundo que eu decida espionar para você. Como espera que eu encontre com ele hoje à noite, sabendo de tudo o que acabou de me contar, e comporte-me como se nada tivesse mudado? Ele tem milhares de anos de idade e consegue me ler como se eu fosse um livro aberto. Não tenho a menor chance.

— Eu não sei, Mia. A essas alturas, você o conhece muito melhor do que nós. Eu sei que nunca foi testada assim antes, mas confio em você. Sua maior vantagem pode simplesmente ser o fato de que ele subestima a sua inteligência. Desde que seja apenas a caerle dele, talvez ele não a veja como uma ameaça.

Mia finalmente escutara o suficiente. Ela se levantou, sentindo uma onda de exaustão.

— John — disse ela em tom cansado —, eu entendo o que está tentando fazer e simpatizo com a sua causa. Não posso prometer nada. Não colocarei a minha vida em risco para informá-lo da localização de Korum ou sobre o que ele comeu no jantar. Mas, se eu cruzar com alguma informação que possa ser importante, farei o possível para que ela chegue até você.

Ele assentiu. — É justo, Mia. Se precisar entrar em contato conosco, basta falar com Jessie. Ou, se isso não for possível, envie a ela um e-mail com

"Olá" na linha de assunto, nós monitoraremos a conta dela. Assim, se ele decidir ficar de olho no seu e-mail, o que provavelmente acontecerá, não ficará desconfiado. Você só estará dizendo olá para a sua colega de quarto.

Mia assentiu, querendo apenas ficar sozinha. A cabeça latejava com uma dor de cabeça brutal e ela trancou a porta com satisfação atrás de John assim que ele partiu.

Ela andou até o quarto e jogou-se na cama.

Mia ficou nauseada, com o estômago queimando após as relevações de John. Simplesmente não podia ser verdade, ela não queria acreditar. Sim, Korum parecia não dar a menor importância para as objeções dela e realmente não dera a Mia muita escolha até o momento em relação ao relacionamento deles. Mas mantê-la verdadeiramente como escrava sexual? Retirar toda a liberdade dela e mantê-la presa em algum lugar dentro de um Centro dos Ks?

Se a existência dos caerles fosse alguma coisa além da imaginação de John, e se Korum tencionava transformá-la em uma, então decididamente ele era o monstro que ela o acusara de ser.

Mia se sentiu enjoada ao pensar que o veria naquela noite e sentiria o toque dele no corpo. E provavelmente responderia a isso, como se ele fosse realmente

amante dela. Aquela última parte fez com que tivesse vontade de vomitar novamente. Como o corpo podia querê-lo quando ele nem mesmo a considerava uma pessoa com direitos básicos de um ser humano, ou melhor, de um ser inteligente?

Ela também estava aterrorizada com a ideia de espioná-lo. Se fosse pega, tinha certeza de que provavelmente seria morta, talvez até mesmo torturada antes em busca de informações. Qualquer pessoa que mantinha escravos não teria escrúpulos com relação a tortura.

Ela estremeceu.

Na verdade, se ele descobrisse sobre a conversa que ela tivera com John, talvez já estivesse condenada.

Mia tentou imaginá-lo intencionalmente causando-lhe dor. Por algum motivo, foi difícil. Na maior parte, ele fora muito gentil com ela. Até mesmo a perda da virgindade naquela manhã, apesar de ter sido traumática, poderia ter sido muito pior se ele não tivesse tentado se controlar. Na verdade, algumas das ações dele eram até mesmo preocupadas: ao alimentá-la, ao ter certeza de que ela estava quente e seca, ao curá-la (bem, talvez essa não, considerando o

que acabara de descobrir). Nada daquilo era compatível com a imagem de vilão que John pintara sobre ele. Por outro lado, ela também não machucaria um gatinho, mas não teria o menor problema em mantê-lo preso dentro de casa.

Se era assim que ele a via, como um bichinho de estimação bonitinho com quem tinha vontade de fazer sexo, então o comportamento dele fazia perfeito sentido.

Mia tentou não pensar nas implicações daquilo tudo, mas era impossível.

O futuro sempre parecera tão brilhante e ela sentira prazer em pensar sobre ele, planejando os anos seguintes. E, agora, não fazia ideia do que as próximas semanas trariam. Não sabia se estaria viva, muito menos frequentando a universidade.

A ideia de que talvez terminasse como a caerle de Korum em um assentamento alienígena era aterrorizante, especialmente se começasse a pensar na reação da família com o desaparecimento dela. Será que ele pelo menos deixaria que avisasse a eles que estava viva ou desaparecia sem deixar rastros?

Uma onda de autopiedade a invadiu e Mia sentiu o calor das lágrimas por trás das pálpebras. Incapaz de conter as emoções por mais tempo, ela enterrou o rosto no travesseiro e soluçou com a injustiça da situação até que os olhos ficassem vermelhos e inchados e não conseguisse derramar mais uma lágrima.

Em seguida, ela se levantou, lavou o rosto e começou a preparar a mochila com as coisas para a noite, conforme Korum sugerira.

À 18H45, ela pegou o metrô para TriBeCa e entrou no prédio de Korum às 18h59. Mentalmente dando um tapinha nas próprias costas, Mia riu ao pensar que era uma espiã bem pontual.

Ele a cumprimentou com um sorriso sensual lento, com aparência tão bela como sempre, vestindo calças *jeans* azuis-claras e uma camiseta branca lisa.

Mesmo depois das revelações de John, o coração de Mia bateu mais forte ao vê-lo. Os músculos internos se contraíram e ela se sentiu começando a ficar molhada. O sorriso dele ficou mais largo, expondo aquela maldita covinha.

Obviamente, ele conseguiu sentir a excitação dela.

Mia amaldiçoou o próprio corpo. Ele se condicionara a responder a Korum, apesar de tudo. Por outro lado, se ela estava literalmente dormindo com o inimigo, podia muito bem aproveitar a situação. Agora que sabia a

verdade sobre a raça dele e as prováveis intenções com relação a ela, tinha quase certeza de que conseguiria manter as emoções sob controle, não importava quantos orgasmos alucinantes ele a fizesse ter.

O jantar que ele preparara, como sempre, estava incrível. Batatas assadas com cogumelos selvagens, salsa e cebolas caramelizadas compunham o prato principal, precedido de salada de espinafre com peras cozidas. A sobremesa era frutas frescas, cortadas em vários formatos, com molho de nozes. A refeição inteira foi servida à luz de velas. Se não soubesse do que havia por trás, ela teria achado que ele a estava agradando com um jantar romântico. A explicação mais provável era que ele simplesmente gostava de comida excelente servida em um belo ambiente e Mia era a beneficiária.

Ainda assim, aquilo não tinha nada a ver com a imagem de carrasco que John pintara.

Apesar da preocupação inicial, Mia achou fácil agir naturalmente com ele.

Talvez porque não precisasse fingir que gostava dele ou que se sentia calma com ele. Ele sabia perfeitamente bem quais eram os sentimentos dela depois daquela manhã e não esperaria que ela sentisse qualquer coisa além de nervosismo e excitação relutante, que era exatamente como se sentia.

O jantar passou depressa, dominado pela comida deliciosa e por uma conversa leve, pois ela descobriu que ele gostava muito de filmes americanos do início do século XXI. À medida que a refeição chegava ao fim, o nível de ansiedade de Mia começou a subir ao pensar no que a aguardava mais tarde.

Apesar do gel que ele usara nela, Mia ainda sentia um ligeiro desconforto nas partes íntimas e não estava com vontade de fazer sexo novamente em um futuro próximo, mesmo se, teoricamente, doesse menos na segunda vez. Mia duvidava que um dia não sentiria dor alguma, considerando o tamanho do pênis dele e do fato de ela ser supostamente apertada de maneira incomum.

Ainda assim, o corpo dela não parecia se importar, pois uma umidade quente surgiu entre as pernas com a expectativa.

Quando o jantar terminou, Mia ajudou Korum a arrumar tudo, empilhando as louças na lava-louças e limpando a mesa. Era uma tarefa desconcertantemente doméstica, algo que ela talvez fizesse no futuro com um namorado ou o marido, e isso a deixou ainda mais consciente da estranha reviravolta que acontecera em sua vida. Era difícil acreditar que, apenas quatro dias antes, estava odiando ter que fazer o trabalho de sociologia e preocupada que a vida social dela estava parada demais. Agora, ela estava tentando não ser pega ao espionar em um extraterrestre de dois mil anos que

provavelmente queria mantê-la como escrava sexual.

Quando terminaram de arrumar tudo, Korum a levou para o quarto.

Naquele momento, ela sentiu uma confusão nervosa, com o medo e o desejo lutando dentro dela. Notando a apreensão óbvia dela, ele disse: —

Nada de sexo hoje à noite, prometo. Sei que ainda está dolorida.

A ansiedade de Mia aumentou um pouco mais. O que exatamente ele pretendia

fazer se sexo estava fora de questão?

Eles entraram no quarto e ele a levou para a cama circular familiar, coberta com um conjunto limpo de lençóis azuis e cor de marfim. Uma luz amarela suave brilhava no quarto e havia uma música sensual tocando ao fundo. Sentando-se na cama, ele a puxou para perto de si até que ela estava entre as pernas abertas dele. Naquela posição, Mia estava quase no nível dos olhos dele. Tremendo ligeiramente, ela ficou parada e tentou não olhar para Korum quando ele puxou a camiseta dela por sobre a cabeça, revelando um sutiã branco simples que, dessa vez, lembrara de vestir. — Você é tão linda —

murmurou ele, segurando-a gentilmente enquanto estudava o corpo revelado até aquele ponto. Inexplicavelmente, Mia corou quando a adolescente insegura dentro dela ficou absurdamente feliz com o elogio.

Inclinando-se para a frente, ele pressionou os lábios em um beijo morno no ponto sensível onde o pescoço se encontrava com o ombro. Mia estremeceu com a sensação, sentindo arrepios surgindo no corpo inteiro. Satisfeito com a reação, ele repetiu o gesto. Em seguida, soprou de leve um pouco de ar frio no ponto molhado que a boca deixara para trás. Mia arquejou, com os mamilos endurecendo pelo frio agradável. Ele sorriu, com os olhos brilhando em tom dourado. — Ainda nada de beijo na boca? — perguntou em tom suave. Mia deu de ombros, lembrando-se do que acontecera na última vez quando ela estabelecera aquela condição.

Interpretando aquilo como consentimento, ele a puxou para perto, enterrando uma das mãos no cabelo de Mia e a outra na parte inferior das costas dela. Colocando as próprias mãos nos ombros dele, Mia fechou os olhos e sentiu-o dando minúsculos beijos nas bochechas, na testa e nas pálpebras fechadas. Quando os lábios macios dele chegaram à boca, ela estava quase contorcendo-se de ansiedade.

No início, ele a beijou bem de leve, apenas encostando os lábios nos dela.

Em seguida, começou a mordiscá-los, provocando-a cuidadosamente com a língua. Ela gemeu, pressionando o corpo contra o dele, e ele colocou a língua dentro da boca de Mia, penetrando-a em uma óbvia imitação do ato sexual.

Uma onda de umidade inundou o sexo já molhado dela à medida que ele alternava entre foder-lhe a boca com a língua e chupar os lábios inchados e

sensíveis.

Perdida nas sensações, Mia percebeu apenas vagamente quando ele tirou seu sutiã. Afastando a boca, ele a beijou na orelha, chupando o lóbulo de leve.

Ela arqueou o corpo com prazer, dobrando os joelhos e jogando a cabeça para trás. Ele tirou vantagem disso, lambendo uma trilha que descia o pescoço delicado e a região do colo até que a boca chegou nos pequenos seios brancos.

— Você é tão bonita — sussurrou ele. Em seguida, puxou um mamilo cor-derosa para dentro da boca e arranhou-o suavemente com os dentes. Mia soltou um grito, com o clitóris latejando à beira do orgasmo. Ele deu ao outro mamilo o mesmo tratamento, segurando-a com força enquanto ela se debatia, enlouquecedoramente perto de atingir o clímax. Ele a segurou naquela posição, parando por alguns segundos até que a sensação diminuiu um pouco.

Depois, ele a ergueu e colocou-a sobre uma das pernas dobradas, esfregando-a contra o joelho e engolindo o grito dela com a boca quando o clímax tão esperado percorreu-lhe o corpo.

Caindo sem forças contra ele, Mia sentiu os músculos internos pulsando com pequenos choques. Sem esperar que ela se recuperasse, Korum se levantou, ergueu-a nos braços e abaixou-a sobre a cama. Tirando as próprias roupas com uma velocidade que a deixou boquiaberta, ele ficou sobre ela, abriu-lhe a calça e tirou-a, juntamente com as calcinhas.

Deitada completamente nua, Mia lembrou sem prazer algum da dor que sentiu na última vez em que estivera naquela posição. No entanto, apesar do pênis enorme apontando agressivamente para ela, tudo o que ele fez foi beijá-

la gentilmente, começando no ponto sensível perto do ombro e terminando na linha da cintura. Ela ficou tensa, antecipando o que aconteceria em seguida, e ele não a desapontou. Abrindo-lhe as pernas com mãos fortes, ele abaixou a cabeça e lambeu os lábios inferiores com cuidado, evitando contato direto com o clitóris. Mia ficou surpresa ao se sentir excitada novamente apenas alguns minutos depois do último orgasmo. Um dedo longo lentamente entrou em sua abertura, pressionando com cuidado um ponto sensível lá no fundo enquanto a língua se movia em ritmo acelerado. Não houve uma excitação crescente dessa vez. Em vez disso, o corpo dela simplesmente teve espasmos em volta do dedo dele, liberando a tensão que se acumulara em questão de segundos.

Estonteada, Mia ficou deitada. Em algum momento, ela devia ter segurado

a cabeça dele, pois os dedos estavam enterrados nos cabelos curtos. Sentindo-se irracionalmente constrangida, ela o soltou, afastando as mãos. Ele lentamente tirou o dedo de dentro dela, fazendo com que a vagina se contraísse com um tremor residual, e lambeu-o olhando dentro dos olhos dela. Mia quase gemeu novamente.

Ele se sentou, ainda mantendo o contato do olhar com o dela. Mia percebeu que ele estava extremamente duro, sem ter gozado ainda. Ela lambeu os lábios nervosamente, tentando imaginar o que ele pretendia. Os olhos dele seguiram a língua dela vorazmente e, subitamente, ela percebeu o que ele queria que fizesse.

Sentando-se, Mia cuidadosamente estendeu a mão e gentilmente encostou os dedos no pênis dele, sentindo a dureza macia. Para sua surpresa, ele saltou na mão dela, como se estivesse vivo. Os olhos de Mia se viraram para o rosto de Korum e o que ela viu foi reconfortante. Ele parecia estar sentindo dor, com os olhos ligeiramente fechados e o suor acumulando-se nas têmporas. Sentindo a pausa dela, ele abriu os olhos e sussurrou em tom rouco: — Vá em frente.

Sentindo-se audaciosa, Mia colocou os dedos em volta do pênis e lentamente o acariciou em um movimento para cima e para baixo, do jeito como vira em filmes pornográficos. A mão dela parecia branca e pequena em volta do volume dele e ela ficou imaginando como ele coubera dentro de si.

Ele gemeu com o movimento dela, com o corpo ficando tenso, e Mia subitamente se sentiu poderosa. Saber que tinha aquele efeito nele, que aquela criatura formidável estava à mercê do toque dela, de alguma forma restaurou o equilíbrio de poder em um relacionamento que, até aquele momento, fora praticamente unilateral.

Decidindo ir mais longe, ela se ajoelhou em frente a ele. Com os cachos escuros repousando sobre as coxas de Korum, ela lambeu a cabeça volumosa do pênis. Ele fez um som parecido com um sibilar, empurrando os quadros na direção dela, e Mia sorriu, saboreando a capacidade de controlá-lo daquela forma. Segurando o pênis com uma mão, ela agarrou os testículos pesados com a outra e apertou-os gentilmente, explorando com curiosidade aquela parte não familiar do corpo dele. — Mia... — gemeu ele e ela sorriu com prazer. Queria incitar uma resposta ainda mais forte do corpo dele, da mesma forma como ele fizera com o

dela. Ainda segurando-lhe os testículos, ela cuidadosamente colocou os lábios em volta da ponta do pênis e moveu a língua dentro da boca enquanto movia a mão em um movimento rítmico sobre o pênis. Ele soltou um grito rouco, empurrando os quadris para a frente, e ela sentiu um líquido

morno e ligeiramente salgado esguichando dentro da boca. Surpresa e encantada, Mia o soltou, observando o restante do líquido grosso cor de creme caindo na barriga bronzeada. Havia um gosto estranho na boca de Mia, nada desagradável, e ela ficou imaginando se haveria diferenças entre o sêmen dos Ks e dos humanos. O pênis ainda se contraía de leve em frente aos olhos dela enquanto começava a diminuir.

Olhando para cima, Mia viu que ele a encarava com um sorriso. — Você já fez isso alguma vez? — perguntou ele, acenando em direção ao pênis.

Mia balançou a cabeça negativamente. Por algum motivo, ela nunca desejara passar de alguns beijos com nenhum dos rapazes com quem saíra no passado.

— Bem, então você tem um dom — disse ele, abrindo ainda mais o sorriso. Colocando a mão sob a cama, ele pegou uma caixa de lenços de papel e usou um deles para limpar a barriga. Mia piscou, perguntando-se o que mais ele guardava lá embaixo. Depois de se limpar, ele se levantou e andou até a porta totalmente nu. — Banho? — perguntou ele e Mia concordou com prazer, seguindo-o até o banheiro.

Eles entraram no compartimento enorme do chuveiro juntos e Korum ajustou os controles para que a água quente os atingisse de todas as direções.

Derramando um pouco de xampu na mão, ele o massageou nos cabelos dela, lavando-os com movimentos experientes. Com os olhos fechados, Mia ficou parada, desfrutando da sensação dos dedos dele no couro cabeludo e da água escorrendo pela pele sensível. Depois, ele lavou todo o corpo dela, fazendo-a corar com a meticulosidade com que fez isso. Sentindo-se um pouco tímida, Mia tentou fazer o mesmo, esfregando o sabonete pela pele dourada e pelos músculos poderosos. Sem vergonha alguma, ele desfrutou do toque dela, arqueando o corpo como um grande gato sendo acariciado.

Quando terminaram, ele secou o corpo dela com uma toalha grossa e, em seguida, a si próprio. Relaxada por causa da água quente e dos dois orgasmos, Mia sentiu uma onda de cansaço invadindo-a. Notando o bocejo mal disfarçado,

Korum a pegou no colo e carregou-a de volta para a cama.

Colocando-a bem no meio, ele puxou uma coberta macia e deitou ao lado dela, abraçando-a por trás. Sentindo-se estranhamente segura com o corpo grande dele curvado atrás do seu, Mia fechou os olhos e pegou no sono com facilidade pela primeira vez desde que o mundo virara de pernas para o ar pelo extraterrestre deitado ao lado dela.

CAPÍTULO SETE

A luz do sol acordou Mia na manhã seguinte.

Mantendo os olhos fechados por causa da claridade, Mia pensou, ligeiramente incomodada, que esquecera de fechar as cortinas na noite anterior. Mas não importava, pensou ela. Sentia-se bem descansada e extremamente confortável. *Talvez confortável demais?* Ao perceber subitamente que a cama em que estava deitada era macia demais para ser o próprio colchão, Mia se sentou depressa e olhou chocada em volta. As lembranças do dia anterior voltaram em uma fração de segundo e ela reconheceu o lugar onde estava.

Também estava completamente nua e sozinha.

Puxando a coberta sobre o peito, Mia examinou o quarto desconfiada. Ela estava sentada no meio da cama redonda imensa, que achava ter pelo menos quatro metros e meio de diâmetro, no quarto belamente decorado de Korum.

Algumas plantas floresciam em vasos perto da janela ampla com vista para o rio Hudson.

Notando o roupão e os chinelos que Korum deixara para ela, Mia os vestiu e foi em busca do banheiro. Surpreendentemente, não havia um banheiro conectado ao quarto. Espiando no corredor, ela viu a porta do banheiro e correu para lá, sem querer que Korum percebesse ainda que estava acordada.

Depois de fazer o que precisava, Mia escovou os dentes com a escova que ele deixara e lavou o rosto. Olhando para o espelho, ficou surpresa ao ver que estava com uma aparência ótima. A pele pálida estava quase radiante e os olhos incomumente brilhantes. Até mesmo os cabelos, que eram uma maldição, pareciam mais sedosos, com cachos castanhos brilhantes e bem definidos. O

xampu que ele usara nela no dia anterior era claramente milagroso. E, pelo jeito, orgasmos também eram.

Mia se perguntou onde estariam suas roupas. A barriga roncou, lembrando-a de que o jantar da noite anterior já fazia parte de um passado distante. Ainda vestindo o roupão, decidiu procurar algo para comer.

Entrando na sala de estar, Mia ouviu vozes que vinham de algum lugar à esquerda.

Achando que talvez Korum estivesse assistindo à televisão, ela andou naquela direção. As vozes ficaram mais altas e ela percebeu que estavam falando em um idioma estranho que ela nunca ouvira. Ligeiramente gutural, ainda assim fluía suavemente, diferentemente de qualquer idioma com que estava familiarizada.

Ela prendeu a respiração.

Devia estar escutando o idioma dos krinars, o que significava que Korum provavelmente tinha visitantes e que havia outros Ks no apartamento. Talvez fosse a oportunidade de descobrir algo de útil, percebeu ela com o coração batendo mais forte.

Aproximando-se lentamente da sala, ela se assustou quando as portas pesadas abruptamente se abriram, revelando os ocupantes e expondo-a aos olhos deles.

Korum e dois outros Ks estavam de pé em volta de uma mesa grande que tinha algum tipo de imagem tridimensional sobre ela. Ao vê-la, Korum fez um gesto com a mão e a imagem desapareceu, deixando apenas uma superfície lisa de madeira.

Mia congelou no lugar enquanto três pares de olhos alienígenas a examinavam.

A expressão no rosto de Korum era fria e distante, diferente de tudo o que ela vira antes. O outro K, mais ou menos da altura de Korum, tinha cabelos castanhos e olhos cor de avelã, com um tom de pele igualmente dourado. A mulher tinha a pele um pouco mais clara, parecida com a de Jessie, e o cabelo sedoso que descia até a cintura tinha um tom vermelho escuro e estranho. Os olhos eram quase pretos e pareciam enormes no rosto incrivelmente belo. Ela também era alta, com cerca de 1,75 m, e usava um vestido que parecia ter sido feito sob medida para as curvas do corpo. Ela poderia ter facilmente saído das

páginas de um antigo catálogo de roupas íntimas sofisticadas.

Parada na porta, vestindo o roupão de banho, Mia se sentiu como uma garota levada sendo pega roubando biscoitos.

Não havia como escapar. Ela pigarreou, com o coração batendo com força.

— Ahm, olá. Eu estava procurando a cozinha...

Um sorriso surgiu no rosto de Korum, aquecendo-lhe as feições, e o olhar distante desapareceu. — É claro — disse ele. — Você deve estar com fome.

Ele se virou para os visitantes. — Mia, esses são meus... colegas — disse ele, parecendo hesitar de leve na última palavra —, Leeta e Rezav.

— É um prazer conhecê-los — disse Mia polidamente, observando-os com cuidado.

Ela teve a forte impressão de que os dois não estavam muito contentes em vê-la. Leeta a encarou, mostrando desagrado na boca contraída. Rezav foi um pouco mais amigável, curvando os lábios em um meio sorriso e inclinando a cabeça graciosamente na direção dela. Ele perguntou algo a Korum no idioma deles, que respondeu com um gesto indiferente.

— Ok, bem, eu não pretendia interromper — disse Mia, pedindo desculpas, e sentindo o sangue latejando nos ouvidos. — Deixarei vocês em paz para trabalharem.

Korum acenou na direção da cozinha. — Pode pegar umas frutas ou o que quiser. Eu me juntarei a você daqui a pouco.

Com um agradecimento murmurado, Mia escapou o mais depressa que as pernas trêmulas permitiram.

Entrando na cozinha, ela desabou sobre uma das cadeiras, abraçando o corpo de forma protetora. A cabeça girava e as entranhas se reviraram em náusea.

Na pergunta de Rezav, dita inteiramente em idioma dos krinars, Mia entendera uma palavra familiar: *caerle*.

QUANDO KORUM CHEGOU À COZINHA, Mia conseguira se recompor.

Quando ele entrou, Mia lhe lançou um sorriso breve e continuou comendo os mirtilos como se não tivesse uma única preocupação no mundo, como se não tivesse ouvido quando ele confirmou os piores medos dela.

Ele se aproximou e abaixou-se, beijando-a longamente na boca. Pela primeira fez, Mia simplesmente suportou o toque dele. A náusea era forte demais para permitir que tivesse a resposta sexual normal.

Ela não sabia por que precisara daquela confirmação. Na maior parte, ela acreditara em John quando ele falara sobre os Ks e a abordagem primitiva

deles em relação aos direitos dos humanos. Ainda assim, uma parte dela se agarrara à esperança de que John estivesse errado, que Korum sentisse algo diferente por ela, que, de alguma forma, fosse especial aos olhos dele.

Ouvi-lo admitir que ela era escrava sexual glorificada dele, um animal de estimação humano, foi como ser socada repetidamente.

Se ele a tivesse tratado com crueldade desde o início, teria sido mais fácil odiá-lo. Em vez disso, a arrogância com que a tratava era frequentemente temperada com carinho, o que tornava as coisas ainda piores. Apesar do bom senso de Mia, ele conseguira cativá-la e a revelação que ouvira parecia uma traição das mais cruéis.

Sentindo a falta de resposta dela, ele se afastou e franziu a testa. — Qual é o problema? — perguntou ele perplexo. — Você está se sentindo bem?

O cérebro de Mia trabalhou depressa. Seria perigoso para ela, e para a Resistência, se ele soubesse que entendera a pergunta de Rezav. No entanto, não podia esconder o fato de que estava chateada. Korum era astuto demais.

Subitamente, ela teve uma ideia arriscada, mas brilhante.

— Estou bem — disse ela com dignidade silenciosa, obviamente mentindo.

— Ahã — disse Korum sarcasticamente. — Claro que está.

Sentando-se ao lado de Mia, ele ergueu-lhe o queixo para que pudesse olhar nos

olhos dela. — Agora me diga qual é o problema.

Mia deixou uma lágrima furiosa escapar. — Nada — disse ela brava.

— Mia. — Ele disse o nome dela naquele tom especial que reservava para intimidá-la. — Pare de mentir para mim.

Olhando diretamente dentro dos belos olhos dele, Mia canalizou toda a fúria frustrada e os sentimentos irracionais de traição nas palavras seguintes.

— Com que frequência você a fode? — cuspiu ela, evocando sentimentos relembrados de ciúmes da familiaridade dele com Ashley, a recepcionista do restaurante. — Em geral, com quantas mulheres você fode em qualquer dia?

Duas, três, uma dúzia?

Ao ver o olhar surpreso no rosto dele, ela continuou, colocando o máximo possível de amargura na voz: — E por que me força a ficar aqui se você a tem? E Ashley, e sabe Deus quantas outras?

Ainda segurando o queixo dela, Korum perguntou lentamente: — Está falando de Leeta? Você acha que estamos envolvidos de alguma maneira?

Mia deixou que outra lágrima escorresse pelo rosto. — E não estão?

Ele balançou a cabeça negativamente. — Não. Na verdade, somos primos

distantes e isso seria uma impossibilidade.

— Ah — disse Mia, fingindo estar constrangida pela explosão. Ela tentou se afastar e ele a deixou ir. Korum ficou observando-a enquanto ela levantava e andava até a janela, limpando o rosto com a manga do roupão.

Mia ficou parada, olhando para o rio Hudson. Uma parte tolamente romântica dela ficou feliz ao ouvir sobre Leeta, apesar de a pequena encenação de ciúmes se destinar a disfarçar o que realmente sentia. Ela não disse nada quando ele se aproximou, abraçando-a por trás. Ele não fez nenhuma promessa nem ofereceu nenhuma outra explicação, notou Mia. É

claro, por que ele tentaria confortá-la, convencê-la de que ela significava algo

especial quando claramente não era esse o caso? Ela também não teria ficado particularmente preocupada com os sentimentos de um cachorro.

— Achou que vou dar uma caminhada no parque — murmurou ele, ainda abraçando-a. — Quer ir comigo?

Ele estava lhe dando uma opção? O que aconteceria se dissesse que não?

— Não sei — respondeu ela. — Tenho que estudar algumas coisas e queria conversar com os meus pais. Quarta-feira é o dia em que normalmente nos falamos pelo Skype...

Ela não conseguia ver a expressão dele, o que a deixou feliz. Agora, pensou ela, ele vai mostrar como realmente é.

— Está bem — disse ele —, parece uma boa ideia.

Mia piscou surpresa. Ele continuou: — Para hoje à noite, fiz uma reserva no Le Bernardin às 19 horas. Pego você às 18h30. Como parece que você não tem roupas bonitas, mandarei entregar alguma coisa apropriada no seu apartamento.

Aquele era o ditador que ela conhecia e que, agora, realmente odiava.

— Não preciso de roupas — protestou ela. — Tenho roupas melhores. Só não quis usá-las naquele dia.

Virando-a nos braços dele, Korum olhou para baixo e sorriu. — Mia, não quero ofendê-la, mas não vi você usar nem uma única peça de roupa que a favorecesse. Você é uma garota muito bonita, mas suas roupas fazem com que pareça um garoto de dez anos de idade na maior parte do tempo. Acho que pode-se dizer seguramente que se vestir bem não é um dos seus pontos fortes.

Mia corou de raiva e vergonha, mas decidiu segurar a língua. Se ele quisesse vesti-la como uma boneca, que o fizesse. De qualquer forma, essa não era a pior coisa que poderia fazer com ela.

Ao ver a expressão rebelde no rosto dela, o sorriso dele se alargou e os

olhos brilharam com um tom dourado. Erguendo-a pela cintura, ele a puxou para perto e beijou-a novamente. Os lábios dele eram macios contra os dela e a língua

explorou os recessos da boca de Mia com tal perícia que ela sentiu uma fagulha de desejo surgindo. Aliviada por não ter mais que fingir, ela colocou os braços em volta do pescoço de Korum, deixando que a mente ficasse vazia ao se concentrar nas sensações. O corpo, já acostumado ao toque dele, reagiu com instinto animal e ela o beijou com toda a paixão que conseguiu reunir.

Com a resposta dela, ele gemeu e apertou-a ainda mais, esfregando os quadris contra ela e deixando que sentisse o volume endurecido que se desenvolvera dentro da calça. As partes internas de Mia se contraíram e ela se viu esfregando-se contra ele como uma gata no cio. Subitamente, ele não ficou mais satisfeito apenas com os beijos. Mia sentiu a mudança na gravidade quando ele a deitou sobre a mesa, com as nádegas perto da beirada e as pernas penduradas. Colocando-se entre as pernas abertas de Mia, Korum abriu o roupão dela com mãos impacientes. Antes mesmo que ela percebesse a intenção dele, Korum já abrira a calça e tentava penetrá-la.

Mia estava molhada, mas não o suficiente, e ele só conseguiu penetrar a ponta do pênis antes que gritasse de dor. Afastando-se, ele se abaixou até ficar ajoelhado, colocou a cabeça entre as coxas abertas dela e lambeu-lhe as dobras, espalhando umidade em volta da entrada da vagina. Ela arqueou o corpo, atônita com a súbita intensidade, e ele colocou o dedo dentro dela, esfregando o ponto sensível até que os músculos internos se contraíram incontrolavelmente em espasmos. Antes mesmo que as pulsações parassem, ele estava sobre ela, pressionando o pênis grosso contra a abertura e empurrando-o para dentro em um deslizar lento e agonizante.

Mia se contorceu sob ele, soltando pequenos gritos enquanto o canal interior tentava se expandir em volta dele. Apesar do orgasmo, a penetração não foi nada fácil, e ela pôde ver a tensão no rosto dele devido ao esforço para se mover devagar.

Não houve dor dessa vez, apenas uma sensação desconfortável de invasão e preenchimento extremo. Ele era muito grande e o pênis parecia um cano quente entrando no corpo dela. Ainda assim, havia a promessa de algo mais por trás do desconforto. Korum continuou o avanço inexorável e Mia gemeu quando os músculos internos cederam, permitindo que ele se enterrasse inteiramente dentro dela. Ele fez uma pausa, deixando que ela se ajustasse à sensação pouco familiar. Em seguida, retirou o pênis lentamente e empurrou-o

novamente para dentro. Uma onda de calor percorreu as veias de Mia quando o pênis dele encostou no mesmo ponto sensível e ela gritou de prazer intenso, enterrando as unhas nos ombros dele.

Ao sentir as unhas afiadas sobre a pele, o último traço de contenção pareceu desaparecer. Com um gemido rouco, ele começou a se mover em ritmo mais intenso, com cada movimento empurrando-a para a frente e para trás sobre a mesa lisa. Em algum lugar à distância, gritos de uma mulher pareciam ecoar os movimentos dele e Mia percebeu vagamente que eram dela.

Cada célula do corpo dela parecia gritar em desespero para que a tensão terrível que apertava cada músculo fosse liberada. E, subitamente, isso aconteceu, um clímax tão poderoso que pareceu rasgá-la no meio, deixando-a estremecendo incontrolavelmente nos braços dele enquanto ele gozava com um gemido gutural.

CAPÍTULO OITO

M ia caminhou de volta até o apartamento dela, precisando desesperadamente de algum tempo sozinha antes de enfrentar Jessie e suas perguntas.

Ela se sentia ferida e emocional, repleta de nojo de si mesma.

Racionalmente, sabia que responder a ele daquele jeito tornava a tarefa mais fácil e mais tolerável. Teria sido infinitamente pior se ela o achasse repulsivo ou se tivesse que fingir uma paixão que não existisse. No entanto, a adolescente romântica enterrada dentro dela chorava com a perversão daquela história de amor. Não havia herói no romance e o vilão a fazia sentir coisas que nunca imaginara existir.

Depois que terminou de fodê-la sobre a mesa da cozinha, ele a carregou para o banheiro e limpou-a gentilmente. Depois, deixou que ela se vestisse e fosse para casa, dando-lhe um beijo de despedida e insistindo que estivesse pronta às 18h30. Mia concordara fracamente, querendo apenas ir embora, com o corpo ainda latejando depois do episódio.

Ela ponderou quanto deveria contar a Jessie. A última coisa que queria era arrastar a amiga para aquela confusão toda. Por outro lado, Jessie já estava envolvida por meio de Jason e podia-se argumentar que ela deixara as coisas piores para Mia ao levá-la, de forma não intencional, para o movimento anti-K.

Entrando no apartamento, ela ficou feliz e aliviada ao ver que não havia ninguém. Jessie provavelmente estava fora estudando ou resolvendo alguma coisa.

Suspirando, Mia decidiu usar o tempo em silêncio para conversar com a

família. A última vez que falara com eles fora no sábado anterior e parecia que uma vida se passara desde então. Os pais provavelmente achavam que ela estava ocupada com os estudos e não a incomodaram, além de mandar algumas mensagens de texto. A resposta de Mia fora uma mensagem genérica do tipo

"está tudo bem, amo vocês".

Ela ligou o computador antigo e viu que a mãe já a aguardava no Skype. O

pai estava no fundo da sala, lendo alguma coisa. Vendo Mia se conectar, um sorriso largo se abriu no rosto da mãe.

— Querida! Como você está? Não tivemos notícias suas a semana inteira!

Se havia uma coisa que Mia agradecia aos Ks era o impacto que tiveram nos pais dela e em outros americanos de meia ideia no país inteiro. A nova dieta imposta pelos Ks fizera maravilhas para a saúde deles, revertendo o diabete do pai e reduzindo drasticamente os níveis anormalmente altos do colesterol da mãe. Com cinquenta e poucos anos, os pais dela estavam mais magros, mais cheios de energia e com aparência mais jovem do que nunca.

Mia sorriu para a câmera com prazer. A pior coisa sobre morar em Nova Iorque era ver os pais com tão pouca frequência. Apesar de voltar para casa sempre que tinha a oportunidade, pois voar até a Flórida nas férias não era difícil, ela ainda sentia saudades deles. Um dia, ela esperava se mudar para mais perto deles, talvez quando terminasse a universidade.

— Estou bem, mamãe. Como estão as coisas com vocês?

— Ah, você sabe, tudo na mesma. Todas as novidades são de vocês, jovens, hoje em dia. Você já falou com a sua irmã?

— Ainda não — respondeu Mia. — Por quê?

O sorriso da mãe aumentou ainda mais. — Ah, não sei se eu deveria lhe contar. Telefone para ela, ok?

Mia assentiu, morrendo de curiosidade.

— Como estão as coisas na faculdade? Terminou aquele trabalho? —

perguntou a mãe.

Mia mal se lembrava do trabalho. — O trabalho? Ah, sim, o trabalho de sociologia. Eu o terminei no domingo.

— Você teve outros trabalhos depois desse? — perguntou a mãe desaprovadoramente. Sem esperar a resposta, ela continuou: — Mia, querida, você estuda demais. Tem só vinte e um anos, deveria estar saindo e divertindo-se na cidade grande, não sentada o tempo todo naquela biblioteca.

Quando foi a última vez que teve um encontro?

Mia corou um pouco. Essa era uma discussão antiga que surgia com

frequência cada vez maior. Por algum motivo, diferentemente dos outros pais que adorariam ter uma filha estudiosa e responsável, a mãe se preocupava com a falta de vida social de Mia.

Mia tentou imaginar a reação dos pais se contasse a ele como a vida amorosa dela estivera na semana anterior. — Mamãe — disse ela exasperada

—, eu saio de vez em quando. Mas não necessariamente conto a você sobre cada uma das vezes.

— É, sei — disse a mãe sem acreditar nela. — Eu me lembro perfeitamente bem do seu último encontro. Foi com aquele garoto da biologia, certo? Como era o nome dele? Ethan?

Mia sorriu tristemente em resposta. A mãe a conhecia muito bem. Ou, pelo menos, sabia como Mia era antes do último sábado, quando o mundo dela virara do avesso.

— Por falar nisso — disse a mãe —, você está com uma aparência ótima.

Fez alguma coisa no cabelo? — Virando-se para trás, ela disse ao pai de Mia:

— Dan, venha aqui olhar sua filha! Mia não está linda?

O pai se aproximou da câmera e sorriu. — Ela está sempre linda. Como vai, querida? Já encontrou algum rapaz bacana?

— Pai — resmungou Mia. — Você também?

— Mia, eu já lhe falei, os melhores rapazes são escolhidos cedo. —

Quando a mãe entrava nesse tópico, era difícil fazê-la parar. — Mais um ano e você terminará a universidade. Onde pretende conhecer um rapaz bacana depois disso?

— Na rua, na internet, em uma festa, em um clube, em um bar ou no trabalho — respondeu Mia, listando os lugares óbvios. — Olhe, mamãe, só porque Marisa conheceu Connor na universidade, isso não significa que seja a única forma de conhecer alguém. — Também era possível conhecer um alienígena no parque, ela própria era prova disso.

A mãe balançou a cabeça em reprovação, mas sabiamente mudou de assunto. Eles conversaram sobre outras coisas inconsequentes e Mia ficou sabendo que os pais estavam pensando em passar férias na Europa no aniversário de casamento de trinta anos e que a mãe continuava procurando emprego. Foi uma conversa maravilhosamente normal e Mia ficou feliz com ela, querendo lembrar de cada momento dela caso fosse a última vez que conversaria com os pais daquela forma. Depois de algum tempo, ela relutantemente se despediu dos pais, prometendo telefonar para Marisa imediatamente.

A capacidade de atuação dela devia ter melhorado drasticamente nos últimos dias, pensou Mia. Apesar do tumulto interno, os pais não suspeitaram de nada.

Tentar falar com Marisa no Skype era sempre um desafio e Mia optou por telefonar para o celular dela.

— Mia! Olá, maninha, como você está? Viu alguma das minhas publicações no Facebook? — A irmã soava incrivelmente animada.

— Ahm, não... — disse Mia lentamente. — Aconteceu alguma coisa?

— Ah, meu Deus, você estuda demais! Não acredito que nem entra no Facebook mais! Bem, sim, aconteceu alguma coisa. Você vai ser titia!

— Ah, meu Deus! — Mia pulou, quase gritando de empolgação. — Você está grávida?

— É claro que estou! Ah, eu sei que você provavelmente dirá que acha que sou muito jovem, que acabamos de nos casar e blá blá blá. Mas estou muito feliz!

— Não, eu acho ótimo! Estou muito feliz por você — disse Mia em tom sincero. — Não acredito que a minha irmã favorita terá um bebê!

Aos vinte e nove anos de idade, Marisa tinha exatamente o tipo de vida que Mia sempre quisera ter. Tinha um casamento feliz com um homem maravilhoso que a adorava, morava a uma hora de carro da casa dos pais na Flórida e trabalhava como professora de música em um colégio de ensino fundamental. E, agora, estava esperando um filho. A vida dela não podia ser mais perfeita e Mia estava muito feliz por ela. E, mesmo que sentisse uma pontinha — ok, mais do que apenas uma pontinha — de inveja, nunca deixaria que isso interferisse com a felicidade de Marisa. Não era culpa da irmã que a vida de Mia tinha se transformado em um desastre na semana anterior.

Elas conversaram mais um pouco e Mia ficou sabendo tudo sobre os enjoos do primeiro trimestre e os desejos por comidas especiais. Depois, Marisa teve que desligar, pois o intervalo para o almoço acabara. Mia se despediu, já sentindo saudades da voz alegre da irmã, e decidiu usar o restante do tempo para estudar.

Uma hora depois, Mia fizera todos os exercícios de estatística e acabara de começar a ler um livro sobre psicologia infantil quando Jessie apareceu.

— Mia! — exclamou ela com alívio, vendo-a encolhida no sofá. — Ah, graças a Deus! Eu fiquei tão preocupada quando não voltou para casa ontem à noite! Telefonei para Jason, mas ele disse que você provavelmente estava bem e que eu não devia me preocupar. O que aconteceu? John disse alguma coisa

de útil?

Mia ficou olhando para Jessie, mais uma vez ponderando quanto deveria contar à garota que fora a melhor amiga nos últimos três anos. — Sim, disse

— respondeu ela lentamente, tentando inventar alguma coisa que tranquilizasse Jessie.

— Bem, e o que ele disse? E onde você estava na noite passada? Foi com aquele K?

Mia suspirou, decidindo usar uma história plausível. — Bem, basicamente, John me disse que os Ks, de vez em quando, ficam interessados em humanos dessa forma. É normalmente algo passageiro, eles se cansam do relacionamento e vão adiante bem depressa. Não há nada com o que me preocupar. Só preciso continuar com ele e aproveitar enquanto durar.

— Aproveitar o quê? Dormir com o K? — Jessie arregalou os olhos em choque.

— Mais ou menos isso, sim — confirmou Mia. — Não é tão ruim, na verdade. Ele também me leva a lugares bacanas. Vamos ao Le Bernardin hoje à noite.

— Espere, Mia. Você está dormindo com ele agora? — Jessie levantou a voz incrédula. — Mas você nunca dormiu com ninguém antes! Está me dizendo que já perdeu a virgindade com ele?

Mia corou, sentindo-se constrangida. Naquele momento, ela estava o mais longe possível de ser ainda virgem. Vendo a resposta na cor do rosto de Mia, Jessie disse em tom suave: — Ah, meu Deus. E como foi? Ele não machucou você, não é?

Mia corou ainda mais. — Jessie — disse ela desesperadamente —, realmente não estou a fim de discutir isso em detalhes. Fizemos sexo e foi bom. Agora, podemos mudar de assunto?

Jessie hesitou e, relutantemente, concordou. Mia viu que a amiga estava morrendo de curiosidade e sabia que não conseguiria manter aquela história por muito tempo. Mais do que tudo, Mia queria contar a história inteira a Jessie, revelar o medo doentio que sentira com a possibilidade de acabar como uma escrava sexual ou de ser pega espionando para a Resistência. Mas isso provavelmente também colocaria Jessie em perigo e aquilo era a última coisa que Mia queria.

Mentir era um preço pequeno a pagar para manter seguras as pessoas de quem gostava.

ANTES QUE MIA tivesse a oportunidade de estudar mais um pouco, foi interrompida pela campainha. Abrindo a porta, ela ficou surpresa ao ver uma mulher de meia idade, vestida com uma roupa sóbria, e um jovem parados do lado de fora. O homem segurava uma embalagem de roupa com zíper que era quase da altura dele. — Sim? — disse ela, esperando que dissessem que tinham batido no apartamento errado.

— Mia Stalis? — perguntou a mulher com um sotaque ligeiramente britânico.

— Ahm, sim — respondeu Mia. — Sou eu.

— Excelente — disse a mulher. — Sou Bridget e esse é Claude. Somos da Saks Fifth Avenue e viemos aqui para refazer o seu guarda-roupa.

Uma luz se acendeu no cérebro de Mia.

Tentando controlar o temperamento, Mia perguntou: — Korum mandou vocês aqui? Achei que ele só pretendia comprar um vestido para hoje à noite.

— Sim, mandou. Esse aqui é o seu vestido. Vamos garantir que ele vista perfeitamente e, depois, tiraremos algumas medidas adicionais. — Bridget soava um pouco esnobe, mas talvez fosse por causa do sotaque britânico.

Mia respirou fundo. — Está bem — concordou ela. — Podem entrar. —

Naquele momento, Jessie já saíra do quarto e observava a movimentação com grande interesse e Mia não queria fazer uma cena sobre algo tão inconsequente.

Eles entraram e Claude abriu o zíper da embalagem com um floreio. —

Uau — disse Jessie em um tom reverente. — Acho que vi esse vestido em uma passarela...

O vestido era realmente lindo, feito de um tecido azul brilhante que parecia flutuar com cada movimento. Ele tinha mangas três quartos, perfeita para um restaurante com ambiente frio, e a saia parecia ir até pouco acima dos joelhos. Também parecia minúsculo e Mia duvidava de que conseguisse entrar nele.

Mesmo assim, ela foi até o quarto para experimentá-lo. Girando em frente ao espelho, ela ficou atônita ao ver que o vestido realmente caía como uma luva.

Era bem modesto na parte da frente, mas tinha um decote profundo nas costas e ela não poderia usar sutiã. No entanto, ele era tão bem feito, com os suportes para os seios já costurados, que alguém do tamanho de Mia não precisaria usar sutiã. A jovem refletida no espelho era mais do que apenas bonita. Parecia muito sensual, com todas as pequenas curvas destacadas e mostradas da melhor forma possível.

Sentindo-se tímida, Mia saiu do quarto e mostrou o vestido para o público que a aguardava. Claude e Bridget soltaram exclamações admiradas e Jessie assoviou ao vê-la. — Uau, Mia, você está incrível! — exclamou ela, andando em torno de Mia para vê-la por todos os ângulos.

— Pegue — disse Bridget, com o tom menos esnobe. — Você pode usar essas meias e esses sapatos com ele. — Ela segurava um par de meias de seda pretas e sapatos de salto alto pretos simples, com as solas vermelhas.

Experimentando os sapatos e as meias, Mia descobriu que também serviam perfeitamente. Ela ficou imaginando como Korum sabia o tamanho dela de forma tão precisa. Se ela tivesse que escolher as roupas, nunca teria pensado naquele vestido, pois teria certeza de que seria muito pequeno. Ainda enlevada pela beleza do vestido, Mia graciosamente deixou que Bridget tirasse todas as suas medidas.

Olhando para o relógio, Mia ficou surpresa ao ver que já eram seis horas.

Ela só tinha meia hora para se arrumar — não que precisasse daquele tempo todo, pois já estava vestida. O cabelo, magicamente, estava comportado e ela só precisaria se preocupar com a maquiagem. Dois minutos depois, estava pronta, tendo passado duas camadas de base, um pouco de pó de arroz para esconder as sardas e um batom de cor leve. Satisfeita, ela se sentou no sofá para terminar de estudar e esperar que Korum aparecesse para buscá-la.

CUMPRIMENTANDO KORUM NA PORTA, ela ficou feliz ao ver os olhos dele tomarem um tom âmbar mais claro ao vê-la com o vestido.

— Mia — disse ele baixinho —, eu sempre soube que era linda, mas você está simplesmente incrível hoje.

Mia corou ao ouvir o elogio e resmungou um agradecimento.

O jantar foi o evento mais inacreditável da vida de Mia. O *Le Bernardin* era muito sofisticado e os garçons antecipavam cada desejo deles com uma atenção quase sobrenatural e com uma comida de outro mundo. Eles receberam um cardápio de degustação especial e Mia experimentou tudo, do *carpaccio* de lagosta quente à flor de abobrinha recheada. O vinho que acompanhou os pratos também era delicioso, apesar de Korum regular rigorosamente o consumo de álcool dela dessa vez, evitando que o garçom enchesse o copo com muita frequência.

Manter a conversa neutra foi surpreendentemente fácil. Korum era um

excelente ouvinte e parecia genuinamente interessado na vida dela, apesar de ter parecido simples e monótona. Como ele já sabia de tudo sobre ela e Mia não estava tentando fazer com que gostasse dela, acabou por se abrir com ele de uma forma que nunca fizera antes com ninguém. Contou a ele sobre o primeiro garoto que beijara — um menino de oito anos de idade de quem gostara quando tinha seis anos — e como tinha ciúmes da irmã mais velha perfeita quando era criança. Falou sobre as expectativas dos pais e do próprio desejo de influenciar jovens trabalhando com aconselhamento.

Descobriu também que ele normalmente morava na Costa Rica.

Supostamente, o clima lá era mais parecido com a área de Krina onde ele morara. — Nosso Centro em Guanacaste é a coisa mais parecida que temos de uma capital na Terra. Nós o chamamos de Lenkarda — explicou ele. Ela se lembrou de que fora na Costa Rica que John dissera que a irmã dele era mantida e ficou imaginando se Korum já a vira lá. Era possível, pois ele dissera que só havia cerca de cinco mil Ks morando em cada um dos Centros.

À medida que o jantar avançava, ela se viu afastando-se cada vez mais dos tópicos seguros. Incapaz de conter a curiosidade, perguntou a ele sobre a vida em Krina e como era o planeta, de forma geral.

— Krina é um lugar lindo — Korum disse a ela. — É como se fosse uma Terra muito verdejante. Temos muito mais espécies de plantas e animais, considerando nossa história evolucionária mais longa. Também conseguimos preservar a maior parte da nossa biodiversidade lá, evitando as extinções em massa que aconteceram aqui em séculos recentes. — Pelas quais os humanos eram responsáveis e ele não precisou dizer isso em voz alta.

— A maioria, com a exceção dos primatas parecidos com os humanos, certo? — perguntou Mia em tom ácido, tentando acabar com a atitude superior dele.

— Com exceção deles, sim — concordou Korum. — E de mais algumas espécies que eram particularmente mal preparadas para sobreviver.

Mia suspirou e decidiu passar para algo menos controverso. — E como são as cidades de vocês? Como vocês vivem por tanto tempo, o planeta deve ter uma população muito densa.

Ele balançou a cabeça negativamente. — Na verdade, não. Não somos tão férteis quanto a sua espécie e poucos casais hoje em dia estão interessados em ter mais de um ou dois filhos. Como resultado, nossa taxa de natalidade nos tempos modernos tem sido muito baixa, pouco acima dos níveis necessários para manter os números atuais, e a população não cresceu de forma

significativa em milhões de anos. — Fazendo uma pausa para beber um gole da bebida, ele continuou: — Nossas cidades são muito diferentes das de vocês. Não gostamos de viver uns sobre os outros. Somos muito territoriais e gostamos de ter bastante espaço próprio. Nossas cidades são mais parecidas com os subúrbios de vocês, onde os Krinars moram espalhados e vão para o centro mais denso, que só serve para atividades comerciais. E não importa para onde você vá, o ar é limpo e sem poluição alguma. Gostamos de ter árvores e plantas à toda volta e até mesmo as áreas mais densas de nossas cidades são quase tão verdes quanto os parques de vocês.

Mia ouviu com fascinação. Aquilo explicava as plantas espalhadas por todo o apartamento dele. — Parece muito bacana — disse ela. Em seguida, uma pergunta óbvia surgiu na cabeça dela. — Por que deixaram isso tudo para vir para a Terra, com toda a nossa poluição e superpopulação? Deve ser muito desagradável para você estar em Nova Iorque, por exemplo.

Ele sorriu e pegou a mão dela, acariciando-lhe a palma. — Bem, descobri recentemente algumas coisas muito boas nessa cidade.

— Não, estou falando sério, por que vir para a Terra? — insistiu ela. —

Não acredito que tenham desistido do planeta natal de vocês para vir aqui beber nosso sangue. — Algo que, por algum motivo, ele ainda não fizera com ela, percebeu Mia.

Ele suspirou e olhou para ela, parecendo ter chegado a uma decisão. —

Bem, Mia, as coisas são assim: apesar de nosso planeta ser muito belo, ele não é imortal. Nosso sol, que é uma estrela muito mais velha que o de vocês, começará a morrer daqui a uns cem milhões de anos. Se ainda estivermos em Krina nessa época, toda a nossa raça morrerá. Portanto, não temos outra opção a não ser procurar algumas alternativas.

— Em cem milhões de anos? — Aquilo parecia muito tempo para Mia. —

Mas isso está tão distante. Por que vir aqui agora? Por que não aproveitar o seu belo planeta, digamos, por mais noventa milhões de anos?

— Porque, minha querida, se tivéssemos que deixar a Terra na mão dos humanos por mais noventa milhões de anos, talvez não houvesse um planeta habitável depois disso. — Ele se inclinou para a frente com a expressão fria.

— A sua raça acabou sendo incrivelmente destrutiva, com a tecnologia evoluindo muito mais depressa do que a moral e o senso comum. Quando a Revolução Industrial de vocês começou, sabíamos que teríamos que intervir em algum momento, pois estavam usando os recursos do seu planeta em um ritmo sem precedentes. Portanto, começamos as preparações para vir aqui

porque percebemos o que aconteceria. — Ele fez uma pausa, respirando fundo. — E estávamos certos. Cada geração é mais e mais gananciosa do que a anterior, cada avanço sucessivo na tecnologia de vocês causa mais danos ao meio ambiente. Como vivem muito pouco, pensam apenas em questão de décadas, nem mesmo em séculos, e isso faz com que não se preocupem com o futuro. São como crianças que destroem um brinquedo pelo simples prazer de fazer isso, sem se preocupar com o fato de que, no dia seguinte, não terão mais o brinquedo.

Mia ficou parada, sentindo-se como uma criança sendo repreendida pelo professor. A ponta das orelhas queimavam de raiva e vergonha. Talvez ele estivesse dizendo a verdade, mas não tinha o direito de sentar lá e julgar a espécie inteira dela, particularmente considerando o que ela sabia sobre a raça dele. Os humanos podiam ser primitivos e de visão curta quando comparados aos Krinars, mas, pelo menos, tiveram a sabedoria — e a moral

— de parar de escravizar seres humanos.

— Então vocês vieram para o nosso planeta para tomá-lo para uso próprio? — perguntou ela em tom ressentido. — Tudo sob a desculpa de salvá-lo de nossos modos que agridem o meio ambiente?

— Não, Mia — disse ele pacientemente, como se estivesse explicando o óbvio para uma criança pequena. — Viemos para compartilhar do seu planeta.

Se nós quiséssemos tomá-lo, acredite, teríamos feito isso. Fomos extremamente generosos com a sua espécie. Além de banir algumas práticas particularmente idiotas, de forma geral, deixamos vocês em paz para viverem como preferirem. Isso é muito melhor do que a forma como vocês trataram a própria espécie.

Vendo o olhar teimoso no rosto dela, ele acrescentou: — Quando os europeus vieram para a América, eles deixaram os nativos viverem em paz?

Respeitaram as tradições e a forma de viver nativas o suficiente para que continuassem, ou tentaram impor a religião, os valores e a moral deles? Eles os trataram como seres humanos iguais ou como animais selvagens?

Mia balançou a cabeça em negação. — Isso foi há muito tempo. Nós mudamos e aprendemos a lição. Nunca faríamos algo assim novamente.

— Talvez não — concordou ele. — Mas não veem problema algum em exterminar outras espécies por causa de negligência e ignorância.

Recentemente, até poucos anos atrás, vocês tratavam os animais que criavam para alimento como se não fossem criaturas vivas. E não vou nem começar a falar sobre o holocausto e outras atrocidades que perpetraram contra outros

seres humanos no último século. Vocês não são tão esclarecidos quanto acham.

Ele tinha razão e Mia o odiou por isso. Ela teria adorado jogar na cara dele que usavam escravos humanos, mas não deveria saber disso. Portanto, perguntou: — Se somos tão horríveis, por que você me quer? Eu certamente não gostaria de ficar com uma pessoa sobre quem tivesse uma opinião tão ruim.

Korum suspirou exasperado. — Mia, eu nunca disse que você é horrível.

Em especial, não você especificamente. A sua espécie ainda é imatura e precisa de orientação, só isso.

— Além do mais, sou só um brinquedinho que você pode foder, certo? —

disse Mia em tom amargo, sem saber ao certo por que dissera aquilo. — Acho que, nesse caso, não importa muito o que você pensa sobre os humanos como um todo.

Ele a encarou impassivamente. — Se é assim que prefere pensar, que seja.

Eu certamente gosto muito de foder você. — Os olhos dele assumiram um tom dourado mais profundo e ele se inclinou na direção dela. — E você adora ser fodida. Então, por que não para de tentar rotular tudo o que vê e aproveita as coisas como são?

Recostando-se na cadeira, ele acenou para o garçom pedindo a conta. O

rosto de Mia queimava de vergonha, mesmo enquanto o corpo respondia involuntariamente às palavras dele com excitação.

Korum pagou a conta e eles saíram, voltando para o apartamento dele.

ASSIM QUE ENTRARAM NA LIMUSINE, Korum a puxou para o colo e beijou-a intensamente até que ela só conseguisse pensar em chegar ao quarto. As mãos dele abriram caminho sob a saia do vestido, pressionando ritmicamente entre as pernas dela até que ela estivesse gemendo suavemente e contorcendo-se nos braços dele. Antes que ela atingisse o orgasmo, chegaram ao destino.

Ele a carregou rapidamente pelo saguão do prédio e Mia escondeu o rosto no peito dele, fingindo não ver os olhares chocados do recepcionista e dos moradores que passavam. Assim que estavam sozinhos no elevador, ele a beijou novamente, com a língua lentamente explorando-lhe a boca até que ela estivesse perto de ter um orgasmo novamente. Sem parar para tirar as roupas, ele a levou para o quarto e jogou-a sobre a cama.

Ao entrarem, a música de fundo e a iluminação leves foram ligadas, criando um ambiente romântico. Mia mal notou devido à intensa excitação. Ela

observou vorazmente enquanto ele tirara as roupas com velocidade inumana, revelando o corpo musculoso. Não era de surpreender que estivesse tão fascinada por ele, pensou Mia com uma parte ainda racional da mente. Ele provavelmente era a pessoa mais bela com quem teria um relacionamento na

vida inteira.

Ele se aproximou dela e tirou-lhe o vestido, mal parando para abrir o zíper. Ela ficou deitada apenas com a meia-calça preta e os sapatos de salto alto, e com o corpo completamente exposto ao olhar faminto dele. — Você é tão gostosa — disse ele com a voz rouca de luxúria. O pênis grosso e inchado apontando na direção dela corroborou as palavras. Inclinando-se sobre os seios dela, ele colocou a boca sobre o mamilo esquerdo e sugou com força, fazendo com que ela se arqueasse sobre a cama com a intensidade da sensação. Fazendo o mesmo com o outro mamilo, ele pressionou o local latejante entre as pernas dela e Mia gritou ao gozar, com o corpo inteiro estremecendo devido à intensidade do orgasmo.

Antes que pudesse se recuperar, ele começou a beijá-la novamente com um olhar estranhamente intenso no rosto. Começando com os lábios dela, a boca quente desceu pelo rosto e pelo pescoço, pairando ligeiramente sobre a junção sensível com o ombro e fazendo com que ela estremesse de prazer.

Subitamente, ela sentiu uma dor aguda breve e Mia percebeu que ele a mordera. Ela arquejou em choque, mas, antes que conseguisse sentir algo além de uma pontada de medo, um êxtase quente correu pelas suas veias. Cada músculo no corpo de Mia se contraiu e imediatamente relaxou. A pele parecia ter sido incendiada por dentro. O último pensamento racional era que aquilo provavelmente se devia à substância química na saliva dele. Depois, não conseguiu pensar em mais nada, com o corpo inteiro concentrado apenas na sensação da boca de Korum no pescoço e a sensação do corpo dele entrando no seu com uma investida poderosa.

O restante da noite se passou em um borrão de sensações e imagens. Ela estava vagamente consciente de que gozara repetidamente, com os sentidos aguçados a um nível quase insuportável. Todas as cores pareciam mais brilhantes e ela se sentia como se estivesse flutuando em um oceano quente, com as correntes acariciando-lhe a pele e banhando-lhe as entranhas, fazendo com que se contraíssem e relaxassem em êxtase. A paixão dele era incansável, com o pênis imprimindo um ritmo selvagem e infinito até que ela não era nada além de pura sensação, com a essência reduzida aos instintos mais básicos.

Talvez tivessem se passado horas ou dias. Mia não sabia e não se

importava. Em algum momento, a voz desapareceu devido aos gritos constantes e ela não conseguiu mais gozar, com o corpo exaurido devido aos orgasmos incessantes. Ele também gozou intensamente, estremecendo sobre ela várias vezes durante a noite para penetrá-la novamente alguns momentos depois. Finalmente exausta, Mia literalmente desmaiou, caindo em um sono profundo e sem sonhos que encerrou a experiência sexual mais incrível da vida dela.

CAPÍTULO NOVE

N as semanas seguintes, Mia entrou em uma rotina, se é que dormir com um extraterrestre enquanto tentava espioná-lo poderia ser chamado de algo tão mundano.

Ele insistiu em vê-la todas as noites a partir do horário do jantar. Ela passou todas as noites no apartamento dele, sem voltar mais para o próprio apartamento para dormir. Durante o dia, ele deixava que ela fosse às aulas, voltasse para casa para estudar ou passasse algum tempo conversando com a família no Skype. A vida social de Mia, que nunca fora particularmente ativa, agora girava em torno do relacionamento com ele, o que deixou Jessie horrorizada.

— Estou falando, Mia — tentava ela incessantemente convencê-la —, eu sei que você disse que era apenas temporário, mas estou realmente preocupada. Só o que você faz é ir até ele, é como se não tivesse mais uma vida. A forma como ele simplesmente tomou todo o seu tempo livre não é saudável. Eu quase não a vejo mais, e nós dividimos um apartamento. Não pode passar uma noite sequer longe dele, passar algum tempo comigo ou ir a uma festa? Você está na universidade, pelo amor de Deus!

Mia dava de ombros, sem querer entrar em uma discussão com Jessie. Que ela pensasse que Mia estava simplesmente obcecada pelo primeiro amante.

Era melhor do que explicar a realidade da situação precária em que se encontrava.

John entrara em contato com ela na quinta-feira, perguntando se tinha alguma informação útil. Mia não tinha. Leeta e Rezav foram ao apartamento de Korum algumas vezes, mas ficaram fechados naquela sala e Mia ficara

assustada demais para tentar espioná-los novamente. Ao passear no Central Park, uma vez Korum e Mia foram abordados por um grupo de três Ks que ela nunca

vira antes. A atitude deles em relação a Korum fora de certa forma submissa, dando a Mia uma ideia do poder que ele supostamente tinha sobre os krinars que estavam no planeta. No entanto, eles conversaram no idioma nativo deles e Mia não fazia ideia do que fora dito. Mas ela ficou surpresa ao vê-los, pois não sabia que Manhattan era um lugar tão popular entre os Ks.

Nas sextas-feiras e nos sábados, ele a levava para shows na Broadway e estreias de filmes no cinema. Mia gostou muito disso. Por algum motivo, apesar de morar na cidade de Nova Iorque, raramente tinha a oportunidade de ir aos shows, e era divertido fingir ser turista por uma noite. Ele também a levava a restaurantes caros ou fazia pratos sofisticados em casa nos dias em que não saíam. Para alguém de fora, a vida de Mia correspondia à fantasia de toda garota: completa com um amante bonito e rico que a levava para andar de limusine e, de forma geral, tratava-a como uma princesa.

O guarda-roupa dela também tinha passado por uma mudança completa. Os assistentes da Saks tinham ido às compras e substituído cada peça de roupa de Mia por algo mais bonito, mais encantador e infinitamente mais caro. Novos casacos curtos e longos elegantes a mantinham aquecida e confortável no clima imprevisível da primavera. Todas as roupas íntimas agora eram de seda e renda, com algumas peças de algodão ainda presentes para que usasse ao fazer exercícios. Os velhos suéteres e calças folgadas foram trocados por calças justas e confortáveis e por camisetas macias. Até mesmo as calças *jeans* foram consideradas velhas demais e pouco elegantes, e as prateleiras estavam orgulhosamente cheias de calças de marca. E, claro, os belos vestidos agora pendurados no armário dela eram uma categoria à parte. Os sapatos também não tinham escapado, e as velhas botas e tênis gastos da época da escola foram substituídos por botas, tênis, sandálias e sapatos de salto alto sofisticados.

As objeções veementes de Mia aos gastos extravagantes de Korum com ela foram completamente ignoradas.

— Você acha que isso é algo mais do que apenas trocados para mim? —

perguntou ele arrogantemente, arqueando uma sobrancelha escura ao ouvir os protestos dela. — Eu gosto de vê-la bem vestida e quero que use todas essas coisas.

E foi o fim da conversa.

O sexo entre eles era explosivo, literal e figurativamente de outro mundo.

Korum era um amante muito variado. Um dia, podia ser divertido e carinhoso, passando horas massageando Mia com óleos perfumados até que ela ronronasse de prazer. No outro, não tinha misericórdia, penetrando-a com força até que ela gritasse em êxtase. Nos dias em que ele bebia o sangue dela

— não todos os dias, pois isso seria viciante para os dois, explicara ele — ela achava que poderia facilmente perder o juízo por causa da intensidade da experiência. Apesar de Mia nunca ter experimentado drogas pesadas, conhecia os efeitos das várias substâncias no cérebro por causa das aulas de Psicologia do Vício, e imaginava que a combinação de sexo e sangue com Korum provavelmente era semelhante a usar heroína com êxtase.

Ela frequentemente sentia uma espécie de amargura por causa disso, sabendo que nunca conseguiria se sentir da mesma forma com um humano.

Mesmo que conseguisse, algum dia, voltar à vida normal, sabia que nunca seria a mesma, que ele estava profundamente entranhado na mente e no corpo dela. A cada novo dia, ela gostava mais do toque dele, cada célula do corpo pulsava sentindo falta dele quando não estava por perto. Bastava ele sorrir ou olhar para ela com aqueles olhos âmbar e Mia estava pronta, com o corpo amaciando e derretendo em preparação para o dele.

A Mia Stalis calma e racional que existira durante os vinte e poucos anos anteriores fora substituída por um desastre emocional. Quando estava com Korum, sentindo o toque dele e absorvendo-lhe a presença, Mia se sentia flutuando. Assim que se afastava, no entanto, sentia uma onda de nojo de si mesma e um medo intenso, medo de ser pega espionando, de não ser capaz de cumprir a missão antes que ele se cansasse dela e, acima de tudo, medo de perdê-lo.

Ela sabia que era inevitável. Mesmo se ele não fosse o inimigo, mesmo que a espécie dele não estivesse escravizando a dela, não havia futuro para eles. Eram de espécies diferentes e, se isso não fosse obstáculo suficiente, a expectativa de vida dela era a de uma mosca em comparação à dele. Em mais alguns anos, em cerca de uma década, ela começaria o inevitável processo de envelhecimento e a atração que ele sentia desapareceria, supondo que durasse tanto tempo.

Nos momentos mais sombrios, uma vozinha venenosa dentro da cabeça dela

perguntava se seria realmente tão terrível ser a *caerle* dele na Costa Rica.

Será que ele a trataria de forma muito diferente de como a tratava agora? Se não, que importância tinha o rótulo que fosse colocado no relacionamento deles, desde que pudesse continuar com ele? Depois, ela sentia nojo de si

mesma por até mesmo aventar essa ideia.

Apesar dos esforços de permanecer animada para a família, eles começaram a notar que havia alguma coisa errada. A mãe atribuiu ao estresse por causa da proximidade das provas finais, mas o pai foi mais observador. —

Você conheceu alguém, querida? — perguntou ele um dia inesperadamente, causando um sobressalto em Mia. Ela negara veementemente, é claro, mas viu que ele ainda tinha dúvidas. De toda a família, o pai era o único que conseguia ler nas entrelinhas das mudanças de humor de Mia e ela tinha certeza de que o sorriso animado artificial não conseguira esconder a confusão interna dos olhos aguçados dele.

O único momento em que ela se sentia normal era quando se enterrava na biblioteca, absorta nos estudos. O fim do semestre se aproximava rapidamente e a carga dela triplicou, com trabalhos e provas pairando no futuro próximo.

Sob circunstâncias normais, ela estaria tensa e irritadiça por causa do estresse. Mas, naqueles dias, estudar lhe dava um alívio bem-vindo do drama do restante da vida e ela se debruçava com prazer sobre os livros, praticando regressão linear sempre que podia.

Os primeiros dias de maio chegaram com um clima excepcionalmente quente em Nova Iorque e toda a cidade criou vida, com os moradores rapidamente mostrando as novas roupas de verão e os turistas chegando em bandos.

Apesar de Mia gostar da ideia de se juntar aos outros alunos que deitavam na grama com os livros, ela precisava de quatro paredes para conseguir se concentrar. Korum ficava cada vez mais relutante em deixá-la ir à biblioteca, dada a tendência que tinha de se esquecer da hora quando estava lá, e ela tentou estudar mais no apartamento dele. Ele colocou uma escrivaninha e uma poltrona confortável em uma salinha ensolarada perto do escritório dele — o local onde se reunira com Leeta e Rezav — e ela começou a estudar lá por horas a fio.

Ela também começava a pensar sobre o verão. Depois das provas finais, ela deveria voar até a Flórida para ver os pais. Tivera sorte ao conseguir um estágio em um acampamento para crianças problemáticas em Orlando, onde seria uma das aconselhadoras. Como Orlando ficava a apenas noventa minutos de Ormond Beach, poderia facilmente visitar os pais nos fins de semana ou quando tivesse um dia de folga. Apesar de lidar com crianças problemáticas não ser uma tarefa muito fácil, a experiência era considerada valiosa para alguém na área dela e seria um grande auxílio no futuro.

Ela não sabia como Korum reagiria ao fato de que ela ficaria longe por dois meses. Era possível que, em uma ou duas semanas, ele se cansasse dela e o problema nunca surgiria. Até aquele momento, ele não a impedira de continuar com os estudos e ela esperava que também conseguissem chegar a uma solução viável para o verão, se o relacionamento deles durasse até lá. Por enquanto, ela decidiu não tocar no assunto para não criar um clima desagradável.

Dois dias antes da prova de estatística, com Mia começando a pensar e sonhar com correlações, Korum foi chamado por causa de alguma emergência desconhecida. Sentada na sala de estudo, ela ouviu vozes alteradas falando em Krinar do outro lado da parede. Minutos depois, ele entrou na sala dela e disse que ficaria fora de casa pelo resto do dia.

— Se precisar ir para casa estudar ou se quiser passar algum tempo com a sua amiga hoje à noite, fique à vontade — acrescentou ele. — Talvez eu não volte para casa hoje.

Surpresa, Mia assentiu e observou-o partir rapidamente dando-lhe apenas um beijo leve no rosto.

O coração dela saltou no peito ao perceber que talvez fosse a oportunidade que estivera esperando.

ELA FICOU SENTADA por alguns minutos para ter certeza de que ele realmente partira. Como garantia, andou lentamente até o banheiro e jogou água fria no rosto, tentando convencer a si mesma de que não havia com o que se preocupar... que estava completamente sozinha no apartamento. As mãos tremiam ligeiramente, notou ela ao erguê-las, e os olhos se destacavam no rosto incomumente pálido. *Você consegue fazer isso, Mia. Só o que precisa fazer é dar uma olhada por aí.*

Ela andou casualmente na direção do escritório dele, pronta para correr para a salinha de estudo ao primeiro sinal de retorno dele. A cobertura estava assustadoramente quieta e somente os passos dela quebravam o silêncio inquietante. Com o coração batendo com força, Mia andou na ponta dos pés até a porta do escritório.

Como antes, a porta se abriu automaticamente quando ela se aproximou.

Apesar de esperar que aquilo acontecesse, Mia saltou ao ouvir o barulho que a porta fez ao deslizar para o lado. Entrando, ela inspecionou rapidamente os arredores.

A sala estava completamente vazia.

Uma mesa polida grande ficava bem no centro, dominando o espaço.

Havia algumas cadeiras posicionadas em volta dela, lembrando uma sala de conferência corporativa. Mia não sabia ao certo o que esperara ver, talvez alguns papéis largados sobre a mesa ou um computador descuidadamente ligado. Mas não havia nada.

É claro, percebeu ela, ele não usaria nada tão primitivo quanto papel ou um computador portátil. Ela provavelmente não reconheceria o equivalente dos Ks para um computador, dado o estado da tecnologia deles.

Como sempre o fazia, Mia amaldiçoou a própria ignorância tecnológica.

Alguém que tinha dificuldade em acompanhar os dispositivos humanos mais avançados era particularmente inapto a espionar um alienígena de uma civilização muito mais avançada.

Caminhando para dentro da sala, ela se aproximou da mesa com cuidado.

Parecia ter a superfície de uma mesa comum, mas Mia se lembrou da imagem tridimensional que vira sobre ela antes. Ela tentou recordar o que Korum fizera para que a imagem desaparecesse. Fora um aceno da mão?

Tentando imitar o gesto, ela moveu o braço direito. Nada. Em seguida, acenou com o braço esquerdo. Ainda nada. Frustrada, ela bateu o pé no chão.

De forma nada surpreendente, aquilo também não teve resultado.

Mia circundou a mesa, estudando cada recesso e protuberância.

Ajoelhando-se, rastejou sob ela, tentando examinar a parte de baixo na esperança louca de que houvesse um botão facilmente reconhecível em algum lugar. Não havia, claro. A superfície acima dela era completamente inócua, feita de nada mais misterioso do que madeira comum.

Tentando sair de sob a mesa, Mia bateu em uma das cadeiras. Exatamente como uma cadeira de escritório, ela tinha rodinhas e encosto reclinável. Um dos suéteres que Korum usava de vez em quando em casa estava pendurado nas costas dela. Mia rastejou em volta da cadeira, sem querer mexer em nada caso Korum tivesse uma boa memória e soubesse exatamente como os móveis estavam posicionados.

Sentando-se no chão frio perto da cadeira, Mia olhou em volta da sala. Era inútil. Fora loucura de John achar que Mia poderia ajudar de alguma forma. Se estava realmente contando com ela, ele estava condenado. Ela era, de forma bem simples, a pior espiã do mundo.

O traseiro dela estava ficando frio e, de qualquer forma, a coisa toda era completamente inútil.

Tentando se levantar, Mia inadvertidamente bateu contra a cadeira e perdeu o equilíbrio por um momento. Segurando-se nela para se apoiar, puxou acidentalmente o suéter de Korum.

Excelente. Não só era uma espiã inútil, era também desajeitada. Erguendo o suéter, ela o colocou próximo ao nariz e inalou o perfume familiar. Leve e masculino, ele a deixou quente por dentro. *Você está encrencada, Mia. Pare de gemer por causa do inimigo que está espionando.*

Ela tentou colocar o suéter de volta na posição original e os dedos sentiram algo diferente. Uma pequena protrusão na beira da manga que não parecia pertencer a um suéter tão macio.

O coração bateu mais depressa e Mia levantou o suéter para olhar mais de perto.

Na parte de baixo da manga, havia um pequeno *chip* embutido no tecido.

Era do tamanho de um pequeno botão e fora por pura sorte que Mia encostara os dedos nele. Caso contrário, nunca o teria notado.

Ela teve uma ideia. Korum usara aquele suéter quando acenara com o braço e fizera a imagem desaparecer, lembrou-se Mia com uma onda de adrenalina. Ele literalmente tinha um truque dentro da manga!

Quase pulando de empolgação, Mia examinou o pequeno computador —

pelo menos, era o que achava ser — com atenção cuidadosa. A coisa era minúscula e não havia um botão óbvio para ligar e desligar.

— Ligar — comandou Mia, ponderando se ele responderia a comandos de voz.

Nada.

Mia tentou de novo. — Ligue!

Também não houve resposta.

Aquilo era frustrante. Ou o *chip* não respondia a comandos de voz, ou não entendia inglês. Por outro lado, podia estar programado para responder somente à voz ou ao toque de Korum.

Talvez se ela passasse os dedos sobre ele?

Ela tentou. Nada.

Soprando furiosamente alguns fios de cabelo que caíram sobre o olho, Mia considerou as opções. Se a coisa respondia ao toque de Korum, provavelmente sabia a assinatura do DNA dele ou algo parecido. Nesse caso, ela nunca conseguiria fazer com que funcionasse.

Desencorajada, ela se sentou no chão novamente. Parecera ajudar na última vez em que não soubera o que fazer. Se pelo menos houvesse algum

jeito de testar essa teoria, alguns fios de cabelo dele ou algo assim...

Subitamente esperançosa, Mia se levantou com um salto e correu para o quarto para ver se encontraria alguns fios de cabelo. Para seu desapontamento, o quarto

não tinha um único fio de cabelo, exceto alguns fios longos e crespos que provavelmente eram dela mesma. Korum era fanático por limpeza ou os cabelos dele simplesmente não caíam como o dos humanos.

Pensando furiosamente, Mia correu para o banheiro e pegou a escova de dentes elétrica dele. Talvez ela contivesse alguns traços da saliva ou tecido das gengivas... Ela segurou a escova perto do pequeno dispositivo, prendendo a respiração.

O dispositivo piscou, ligou por um segundo e desligou novamente.

Mia quase gritou de empolgação.

Ela segurou a escova de dentes ainda mais perto, quase esfregando-a no suéter, mas o *chip* permaneceu silencioso e escuro.

Mia cerrou o maxilar em frustração. Ela estava no caminho certo, mas precisava de uma quantidade maior de DNA dele. Talvez as roupas dele tivessem um pouco, os sapatos, os lençóis na cama... Mas provavelmente seriam quantidades mínimas, como a da escova de dentes.

Os lençóis da cama! Um sorriso largo lentamente se abriu no rosto dela.

Sabia exatamente onde conseguiria aquela quantidade grande.

Andando até a lavanderia, ela vasculhou a pilha de toalhas e lençóis sujos que se acumularam na semana anterior. Por algum motivo estranho, Korum preferia lavar roupa em casa e geralmente fazia isso nas segundas-feiras.

Como hoje era sábado, o lugar estava cheio de peças sujas repletas de DNA, cortesia da vida sexual ativa deles.

Mia pegou uma fronha particularmente suja, corando ligeiramente ao se lembrar de como ela ficara assim. Levando-a até o escritório, ela segurou a fronha perto do pequeno dispositivo e esperou, sem ousar ter esperanças.

Sem qualquer som, o *chip* piscou e ligou. Uma imagem tridimensional imensa surgiu sobre a superfície da mesa. Com o coração na garganta, Mia lentamente pendurou o suéter novamente na cadeira — o que não afetou em nada a imagem — e andou em volta da mesa, tentando entender o que via.

CAPÍTULO DEZ

A berto em frente a ela, havia um mapa tridimensional gigante da Manhattan e dos bairros vizinhos. Era como uma versão muito mais sofisticada e realista do Google Earth.

Andando lentamente em volta da mesa, Mia observou a paisagem familiar à sua frente. Lá estava o Central Park, bem no meio da ilha estreita e alta que ainda era o centro cultural e financeiro dos Estados Unidos. Muito mais baixo, na parte oeste, Mia viu o prédio luxuoso de Korum, desenhado com detalhes perfeitos.

Fascinada, ela estendeu a mão na direção da imagem do prédio baixo, imaginando se ele teria alguma substância. Os dedos passaram através dele, mas ela sentiu um pequeno pulso elétrico percorrendo a palma da mão.

Subitamente, a realidade mudou e ajustou-se... e Mia gritou em pânico ao se ver parada na rua, olhando diretamente para o prédio em si — não para a imagem dele, mas para o prédio real.

Arquejando, ela tropeçou para trás, caindo e apoiando-se nas mãos.

Não houve dor no contato com a superfície áspera da calçada. Na verdade, não havia qualquer sensação da calçada. Tudo parecia estranhamente silencioso. Não havia carros passando na rua nem pedestres passeando.

Tinha que ser um sonho, percebeu Mia com um arrepio, ou uma alucinação realmente vívida. Talvez ela estivesse morrendo por causa do contato com a tecnologia alienígena e aquele fosse o último grito do cérebro. Mas não parecia ser isso. Era simplesmente estranho, como se ela tivesse caído em uma piscina reflexiva e os reflexos se tornassem reais.

Realidade virtual.

Mia soube disso com uma certeza súbita. Até mesmo a tecnologia humana conseguia fazer uma imitação fraca disso com os filmes e videogames tridimensionais. Os Ks, obviamente, conseguiam fazer isso muito melhor, fazendo com que ela se sentisse realmente dentro da imagem. Aquela devia ser a versão dos Ks do Google Maps em que, em vez de colocar o bonequinho laranja no mapa digital para olhar em volta com fotografias, o mapa simplesmente colocava o espectador dentro da realidade tridimensional.

O problema era como sair dela.

Talvez se fechasse e reabrisse os olhos, ela voltasse ao escritório.

Fechando as pálpebras com força, Mia tentou contar até cinco. No meio do caminho, ela perdeu a paciência e espiou. Não, decididamente ainda estava na frente do prédio.

A próxima iniciativa foi beliscar o braço... com força.

Ai!

Ela certamente sentiu a dor, mas a visão não mudou. Em seguida, bateu o pé no chão. A perna também enviou aquela sensação ao cérebro, mas Mia ainda estava naquele mundo misterioso.

Droga. Ela estava começando a entrar em pânico. E se nunca mais conseguisse sair daquele lugar? Pior, e se ainda estivesse nele quando Korum voltasse para casa? Ele saberia imediatamente que ela estivera bisbilhotando.

Não havia como encarar aquilo sob uma luz positiva nem como convencê-lo de que fora mera curiosidade. Ela claramente fizera um esforço extraordinário para acessar os arquivos dele.

Pense, Mia, pense. Se conseguira entrar naquele mundo tão facilmente, deveria haver uma forma igualmente fácil de sair dele. Alguma coisa tinha que ser real naquele lugar surreal, mesmo que tudo parecesse falso.

Levantando os braços nos lados do corpo, Mia lentamente girou em um círculo amplo. Inicialmente, as mãos estendidas não encontraram nada além de ar. Ela deu um passo para a direita e repetiu o processo. Depois mais um passo, e outro. Na quinta tentativa, os dedos encostaram em algo macio e familiar. O suéter! Ela não conseguia vê-lo, mas com certeza conseguia senti-lo.

Agarrando-o desesperadamente, Mia tentou localizar o dispositivo. E lá estava ele, um pequeno ressalto perto da beira da manga. Assim que Mia o tocou, o pulso elétrico familiar correu pela mão dela. Por um segundo, ela teve aquela sensação de desorientação e, em seguida, estava parada em chão sólido

— no chão do escritório de Korum dentro do prédio para o qual estava

olhando um segundo antes.

Tremendo aliviada, ela olhou para o mapa ainda exibido à sua frente. Ela conseguira! Ela — Mia Stalis, a quem fora preciso ensinar como usar os iPads mais novos — conseguira de fato entrar em um mundo de realidade virtual alienígena e sair dele intacta.

É claro, ela ainda não descobrira nada de útil. Apesar de querer parar e voltar ao estudo da fórmula de desvio padrão, precisava explorar aquela oportunidade um pouco mais.

Dessa vez, Mia sabia que tinha que evitar se perder naquele mundo estranho. Ela vestiu o suéter de Korum, que ficava imenso, quase chegando à altura dos joelhos. O perfume deliciosamente familiar a envolveu, quase como se estivesse envolta nos braços dele. Por algum motivo, aquilo era muito confortante, apesar de saber que ele talvez a matasse se a visse naquele momento.

Andando em volta da mesa, ela examinou o mapa em detalhes. A imagem parecia pulsar ligeiramente e havia áreas que eram mais claras do que outras.

Um prédio particular no Brooklyn parecia quase brilhar.

Um brilho? Mia precisava investigá-lo um pouco mais.

Estendendo a mão na direção da imagem minúscula, ela fechou os olhos e preparou-se para a mudança de realidade. Quando os abriu novamente, estava na rua, olhando para um quarteirão residencial silencioso, com uma fileira de casas de tijolos vermelhos e rodeado de árvores.

Para surpresa dela, a cena não estava vazia. Sufocando uma exclamação atônita, ela observou um homem correr para dentro de uma das casas. Ele passou bem ao lado de Mia na rua, sem nem mesmo olhar para o lado para reconhecer a presença dela. É claro, percebeu Mia, do ponto de vista dele, ela não estava realmente lá. Estava assistindo a um vídeo em tempo real — e muito realista — ou, o que era mais provável, um vídeo que fora gravado anteriormente.

Uma frase que ouvira algum tempo antes voltou à mente de Mia. Alguma coisa sobre a tecnologia avançada não ser distinguível de mágica. Era exatamente assim com os Ks, pensou Mia. Ela se sentiu um pouco como Harry Potter em um manto de invisibilidade — apesar de o adversário ser obviamente muito mais

bonito que Voldemort.

Reunindo coragem, ela seguiu o homem pelos degraus e para dentro da casa. *Isso não é real, Mia. Eles não podem vê-la. Você pode sair daqui no momento em que quiser.* Ela abriu a porta que, por algum motivo, estava

destrancada e entrou.

Não havia ninguém no corredor, mas ela ouviu vozes na sala de estar. Com o coração batendo forte no peito, Mia lentamente se aproximou do grupo. O

suéter imenso envolvendo o corpo parecia uma coberta de segurança, dando a ela a coragem para avançar.

Entrando devagar na sala, Mia ficou parada perto da porta, esperando que alguém gritasse "Intruso!". Mas os ocupantes da sala não tinham ciência da presença dela. Sentindo-se muito mais calma, Mia começou a observar o que acontecia.

Havia cerca de quinze pessoas reunidas, de várias idades e nacionalidades. Apenas três eram mulheres, incluindo uma senhora de meia idade que parecia uma professora. As outras duas mulheres eram jovens, provavelmente com idade próxima à de Mia, apesar de o olhar tenso no rosto delas fazer com que parecessem mais velhas. Um homem loiro e magro estava sentado de costas para Mia, mas havia algo nele que parecia familiar.

— John — disse a mulher de meia idade, falando com o homem loiro. —

Nós realmente precisamos discutir esses detalhes. Não podemos simplesmente confiar neles...

Ele virou a cabeça para responder e Mia percebeu, com as entranhas se contorcendo, que conhecia esse John, que falara com ele duas vezes nas últimas semanas. E aquilo só podia significar uma coisa: ela estava observando o que provavelmente era uma reunião da Resistência. E, se ela os observava no vídeo de realidade virtual de Korum, obviamente ele estava ciente das atividades deles.

Ah, meu Deus. Eles achavam que estavam seguros, que não eram rastreados. Por que mais estariam reunidos ali daquele jeito? John dissera que Korum estava em Nova Iorque especificamente para acabar com o movimento da Resistência...

pois estavam chegando perto de alguma coisa importante.

Mas, claramente, Korum estava ainda mais perto do objetivo dele de caçar os que lutavam pela liberdade.

Ela precisava avisá-los. Eram um alvo fácil naquela casa do Brooklyn.

Korum poderia emboscá-los a qualquer momento.

Subitamente, Mia sentiu os cabelos da nuca arrepiando-se. As peças do quebra-cabeça caíram no lugar e ela arquejou horrorizada ao perceber.

Talvez fosse tarde demais para John e os amigos dele.

Por que mais Korum teria partido tão abruptamente naquele dia? Ele sabia exatamente onde estavam. Não havia motivo para que esperasse mais tempo. A

emboscada, se é que não acontecera ainda, estava prestes a acontecer.

SEM ESPERAR MAIS UM SEGUNDO, Mia tocou no pequeno dispositivo na luva e foi transportada imediatamente de volta para o escritório de Korum. Acenando a mão, como vira Korum fazer, ela quase desmaiou de alívio quando a ação funcionou e o mapa piscou, desaparecendo logo em seguida. Tirando depressa o suéter, ela o pendurou nas costas da cadeira, verificando se não havia nenhum fio de cabelo no tecido peludo. Em seguida, posicionou as cadeiras como se lembrava de tê-las encontrado e correu para fora da sala. No último minuto, ela se lembrou da fronha e agarrou-a, jogando-a de volta na pilha de roupas sujas antes de sair do apartamento. Dois minutos depois, estava calçada, com a bolsa pendurada no ombro e esperando o elevador.

Ela precisava entrar em contato com John imediatamente.

Tirando do bolso o celular antigo, Mia enviou um *e-mail* para Jessie, escrevendo "Olá" na linha do assunto. No corpo do texto, ela mencionou que ficaria em casa à noite e perguntou se Jessie gostaria de passar algum tempo com ela. Mia achou que aquilo deixaria John em alerta, se estivesse realmente monitorando a conta de Jessie. Agora, só o que podia fazer era ter esperanças e rezar para que não fosse tarde demais.

Querendo chegar em casa o mais depressa possível, Mia pegou um táxi.

Era uma extravagância e um desperdício, mas era um excelente motivo para se apressar. Entrando no carro, ela deu ao motorista o endereço de casa e recostou-se no banco, fechando os olhos.

Pensamentos e ideias corriam pelo cérebro, saltando de um tópico a outro.

Como Korum sabia onde eram as reuniões da Resistência? Ele devia ter grampeado a casa dos combatentes sem o conhecimento deles... Mas John garantira a ela que sabia dizer se um aposento estava grampeado ou não. John mentira para ela ou Korum estava dez passos à frente do que a equipe de John achava que estava. Aquela última parte fazia sentido. Os humanos não tinham esperança alguma de vencer contra a tecnologia dos Ks. Se Korum quisesse vigiar a Resistência, obviamente poderia fazê-lo sem o conhecimento deles.

Mia percebeu o perigo completo do jogo de que participava. Dependendo do tempo durante o qual Korum os vigiara, poderia já estar ciente de todos os planos deles... e poderia estar ciente do envolvimento de Mia, apesar de ter sido bastante limitado até aquele dia. Ao pensar nisso, as entranhas de Mia se reviraram e ela sentiu um frio doentio espalhando-se até a ponta dos dedos dos

pés. Ela nunca vira Korum realmente furioso, mas não tinha dúvidas de que não seria uma visão agradável.

Chegando ao destino, Mia pagou ao motorista com dedos gelados e suados. Em seguida, subiu os cinco andares de escada até o apartamento.

Jessie não estava em casa e Mia, com inveja, achou que provavelmente estava aproveitando o dia bonito com amigos. Ou estava estudando para as provas finais. Naquele momento, as duas opções soavam como atividades maravilhosas para Mia.

Ela se sentou para esperar.

Cerca de meia hora se passara e Mia já quase abrira um buraco no carpete, andando de um lado a outro na sala de estar. Finalmente, quando estava prestes a perder o juízo por causa da frustração, a campainha tocou.

John e uma das jovens da reunião estavam na porta. O cabelo da garota tinha um tom castanho claro e era cortado bem curto, quase um corte masculino. Ela também parecia muito atlética. Se não fosse pelas feições suaves, poderia passar

facilmente por um garoto adolescente.

— Mia, essa é Leslie — disse John. — Leslie, essa é Mia, a garota sobre quem falei.

Mia acenou com a cabeça, cumprimentando Leslie, e pediu que entrassem no apartamento.

— John — disse ela sem preâmbulos. — Acabei de descobrir que vocês estão em perigo.

— Não diga — falou Leslie sarcasticamente. — Não fazíamos a menor ideia.

Mia ficou atônita. A garota não tinha motivo algum para não gostar dela, mas o tom que usou era quase insolente. Ela sentiu a irritação crescer. — É

isso mesmo — disse friamente. — Vocês obviamente não tinham a menor ideia. Caso contrário, não teriam feito aquela reunião da qual Korum conseguiu um vídeo muito bacana de todos vocês. Incluindo você, Leslie.

John arregalou os olhos em choque. — Do que está falando? Que vídeo?

— Nem mesmo sei se vídeo é a palavra certa. É, na verdade, mais como um *show* de realidade virtual...

Ela contou a eles exatamente o que vira naquele dia. Quando terminou, John estava pálido e o sorriso arrogante do rosto de Leslie desaparecera completamente.

— Eu não estou entendendo — disse ele lentamente. — Como ele sabia onde nos encontrar? Todos os nossos locais de encontro regulares são varridos

diariamente em busca de escutas e dispositivos de rastreamento. Todos nós também passamos por varreduras...

— Obviamente não é o suficiente — disse Leslie. — Ou isso, ou fomos traídos.

Eles se entreolharam angustiados.

— Como vocês fazem isso? — perguntou Mia. — Como sabem o que procurar

quando fazem essas varreduras? Eles podem esconder dispositivos de rastreamento em qualquer coisa. Você mesmo me disse que tenho um em mim...

— Isso é verdade — assentiu John. — Mas ainda podemos encontrá-los...

— Normalmente — acrescentou Leslie.

— Isso, normalmente, porque não estamos confiando apenas na nossa tecnologia moderna...

— John — disse Leslie em tom de advertência.

— Leslie, Mia tem que saber. Ela claramente arriscou muito para conseguir essas informações para nós hoje...

— Mas como você pode confiar nela? Ela dorme com ele todos os dias!

— Ela não tem escolha nessa questão! E como acha que ela teria conseguido essas informações hoje se não fosse assim? Você deveria estar agradecendo a ela por ter arriscado a vida dessa forma...

— Com licença — interrompeu Mia com o rosto corado de raiva e vergonha —, o que acha que eu deveria saber?

Leslie manteve o olhar furioso, parecendo que queria bater em John. Ele a ignorou e disse: — Olhe, Mia... não quero que ache que somos um bando de idiotas batendo cabeça por aí sem saber o que estamos fazendo. Talvez o movimento fosse assim nos estágios iniciais, quando não tínhamos ideia do que eles eram nem do que eram capazes de fazer. Agora é diferente.

Conhecemos bem nosso adversário. E temos ajuda...

— Ajuda dos Ks? — interrompeu Mia com o coração batendo mais depressa do que nunca.

— Ajuda dos Ks — confirmou John. — Como eu disse antes, eles não são todos iguais. Alguns deles acham que foi errada a forma como os Ks vieram a esse planeta para roubá-lo de nós... para escravizar o nosso povo. Eles querem nos ajudar, compartilhar a tecnologia deles conosco, querem nos auxiliar a avançar até que estejamos em pé de igualdade com eles...

— Eles são como a versão dos Ks da Sociedade Protetora dos Animais —

disse Leslie, aceitando o inevitável, mas ainda com a testa franzida. — Nós os

chamamos de KPHs, Ks Protetores dos Humanos.

— KPHs, ou Kapas, para ficar mais fácil de pronunciar — esclareceu John.

Mia os encarou com incredulidade. Ele mencionara brevemente os aliados poderosos antes, mas isso claramente ia muito além de apenas um ou dois Ks aleatórios.

— Que tipo de influência os Kapas têm dentro da sociedade deles? —

perguntou ela, tentando colocar as coisas em perspectiva.

— Não é muita — admitiu John.

— Eles são um tipo de grupo marginal, pelo que entendemos —

acrescentou Leslie. — Mas eles têm acesso à tecnologia dos Ks e fornecem a nós aquilo de que precisamos para nos mantermos à frente: as ferramentas de tecnologia que usamos, a tecnologia de furtividade...

— Mas para quê? — perguntou Mia, ainda não compreendendo. — Então vocês andam por aí sem serem vistos, ou nem tanto, como vimos hoje, mas o que um grupo marginal pode fazer que realmente signifique alguma coisa?

Vocês ainda não podem lutar contra eles, mesmo que tenham alguns dispositivos de varredura de escuta. A não ser que...

Ela parou subitamente ao perceber.

— A não ser que estejam fornecendo a nós mais do que apenas alguns dispositivos de varredura, isso mesmo — disse John.

— Já chega, John — disse Leslie em tom áspero. — Agora ela sabe o mesmo que a maioria dos membros do nosso grupo. Se você contar mais alguma coisa e ela for pega...

John suspirou. — Leslie tem razão. Seu amante já sabe de tudo o que contamos a

você até agora. Não posso contar mais nada sem colocá-la em perigo. Em um perigo ainda maior, quero dizer...

Mia assentiu indicando compreensão. Não havia motivos para que ela soubesse dos aspectos particulares dos planos da Resistência. A última coisa de que precisava era ser torturada para dar informações. É claro, ela não tinha ideia se conseguiria suportar até mesmo a ameaça de tortura. Só de pensar em Korum furioso com ela era suficientemente assustador.

— Está bem — disse ela. — Preciso perguntar uma coisa a você... Como a sua segurança não é tão boa como achou que fosse, há alguma chance de que Korum saiba sobre mim? Você falou sobre mim em algum momento naquele lugar no Brooklyn? Porque, se fez isso...

— Não, Mia, você está segura. — John entendeu imediatamente onde ela

queria chegar. — Sempre há uma chance de que ele saiba... mas eu realmente duvido disso. Você é a nossa arma secreta. Nunca falei sobre você com ninguém. Exceto por Jason, e Leslie, claro, pois ela estava comigo hoje quando vi o seu *e-mail*, ninguém mais sabe que está trabalhando para nós.

Vendo o olhar surpreso no rosto de Mia, ele explicou: — Não quis colocar você em perigo desnecessariamente. Se formos pegos e interrogados, o seu nome não será mencionado.

Ele fez uma pausa, parecendo pensar sobre as próximas palavras. — E, francamente, eu não tinha certeza se você conseguiria encontrar alguma coisa de útil. O que nos disse hoje vai tão além das minhas expectativas... não consigo nem expressar como estamos agradecidos. Veja bem, hoje à noite, deveríamos ter uma sessão final de discussões e mais de trinta de nossos principais combatentes deveriam participar. Korum deve saber disso...

Conversamos sobre ela na última reunião, aquela que você viu parcialmente.

Se ele nos emboscasse hoje à noite, teria desferido um golpe grave no movimento. Você provavelmente salvou muitas vidas hoje, Mia.

Mia olhou para ele, com o rosto quente devido a emoções mistas. Ela estava feliz por poder ajudar a Resistência e imensamente aliviada pelo fato de que o segredo dela estava seguro por enquanto. Mas também estava um pouco

ofendida com a opinião ruim dele sobre as capacidades dela. Por outro lado, fora por pura sorte que ela encontrara aquelas informações. Antes disso, ela fora totalmente inútil para o movimento e não podia culpá-lo por pensar assim.

— Muito bem — disse ela. — Espero que possam reagendar o que tinham planejado para hoje à noite. Korum disse que talvez não voltasse para casa hoje. Seja lá o que for que está fazendo, deve ser algo grande.

CAPÍTULO ONZE

— Ei, estranha, seja bem-vinda de volta!

Pelo jeito, Jessie recebera o *e-mail* e voltara para casa, cheia de entusiasmo.

Mia sorriu de volta e deu um abraço apertado na amiga, genuinamente feliz por ver o rosto animado dela. O encontro com os combatentes da Resistência a deixara inquieta e Jessie era exatamente a distração de que precisava.

— Então, conte-me — brincou Jessie —, como o grande e malvado K

deixou que você saísse por uma noite? Eu tinha certeza de que ele a mantinha a sete chaves.

Mia corou. Jessie chegara perto demais da verdade para que se sentisse confortável. Dando de ombros, ela disse: — Acho que ele tinha que trabalhar hoje à noite ou algo assim. Não sabia se voltaria para casa e sugeriu que passássemos algum tempo juntas.

— Nossa, que gentil da parte dele — disse Jessie, arregalando os olhos de forma cômica. — Sabe o que isso quer dizer?

— Não, o quê? — perguntou Mia, rindo da expressão dramática no rosto de Jessie.

— Significa que vamos sair! É sábado à noite e vamos festejar!

Mia franziu ligeiramente o nariz. — De verdade? Logo antes das provas finais?

— Isso mesmo! Ah, não me olhe desse jeito. Eu sei que você está estudando há semanas. Uma noite fora não fará a menor diferença para as suas notas. Mas,

como o seu mestre K decidiu deixá-la sair apenas por uma noite, vamos nos divertir muito!

Mia riu. O entusiasmo de Jessie era contagiante e, subitamente, a ideia de dançar e beber a noite inteira pareceu perfeita.

DUAS HORAS DEPOIS, as garotas começaram a se preparar para sair. Mia tomou um banho, depilou cada centímetro do corpo, lavou os cabelos e passou condicionador cuidadosamente. O uso regular do xampu de Korum os deixaram macios e sedosos, infinitamente mais tratáveis, e secá-los com o secador resultou em cachos escuros bem definidos caindo pelas costas.

Em seguida, foi o momento da maquiagem e Mia optou pelo visual dramático de olhar escuro, mantendo o restante do rosto neutro. O guarda-roupa, no entanto, era um dilema, e ela ainda precisava de conselhos de uma especialista. — Jessie! — gritou ela, chamando a especialista.

A amiga entrou, completamente pronta. Com um vestido vermelho curto e sapatos de salto alto, ela parecia muito sofisticada. — Deixe-me adivinhar.

Você ainda não sabe o que vestir? — perguntou ela com um sorriso largo.

— Preciso da sua ajuda. — Mia olhou para ela desesperada, acenando na direção do armário.

— Ok, vejamos o que temos aqui... Prada, Gucci, BadgleyMischka. Ah, coitadinha, você realmente não tem nada para vestir! — Jessie sacudiu a cabeça em reprovação. — Isso é inacreditável, Mia, ele está mimando você demais. Não é de se espantar que não venha mais para casa.

Vasculhando o armário de Mia, Jessie tirou um vestido Dolce & Gabbana e jogou-o para Mia. — Experimente esse.

Mia olhou o vestido em dúvida. — Será que ficarei com frio? — O

vestido não tinha muito tecido. Parecia mais dois fiapos de tecido roxo presos com alguns ganchos e zíperes.

— Dançando em uma boate quente e cheia? Ora, pelo amor de Deus —

disse Jessie. — E, se você usar esse vestido, garanto que não precisaremos ficar na fila do lado de fora.

Mia decidiu dar ouvidos à especialista. Enfiando-se dentro do vestido, ela saiu do quarto para mostrá-lo a Jessie.

— Uau. — Jessie ficou praticamente sem palavras. — Não sei o que ele lhe dá para comer, mas você está incrível. Quero dizer, você sempre foi bonita, mas isso é algo totalmente diferente.

Mia corou de leve. O vestido era decididamente sensual, mostrando as pernas e expondo as costas e os ombros. Era um pouco provocante demais

para o gosto de Mia, com as tiras finas em volta do pescoço sendo as únicas coisas que o seguravam no lugar. Ela não podia usar sutiã por causa do decote baixo nas costas e sentia como se os mamilos estivessem visíveis sob o tecido diáfano. Para completar o visual, ela colocou um par de sapatos de salto sensuais e pegou uma pequena bolsa brilhante.

Ela estava pronta para se divertir.

ELAS ESCOLHERAM A BOATE mais badalada do Meatpacking District. Era um destino popular para celebridades, modelos e todas as outras pessoas bonitas que gostavam de se divertir. Antes de Korum, Mia nunca teria ido a um lugar como aquele, certa de que nem conseguiria chegar até a porta sem esperar pelo menos durante duas horas no frio. No entanto, a nova Mia, bem vestida e autoconfiante, não tinha tais problemas.

Andando diretamente até o funcionário parado na porta, Mia e Jessie abriram sorrisos amplos e sensuais. Ele as observou com apreciação puramente masculina e levantou a corda, deixando-as entrar sem dizer uma palavra.

— Muito bem — sussurrou Jessie ao descerem os degraus em direção à música ensurdecedora.

Mesmo às 11 horas da noite, a boate estava lotada e animada. A música era excelente, uma mistura de antigos sucessos e algumas das músicas dançantes mais recentes. A pista de dança não era particularmente grande e cada centímetro dela estava coberto de mulheres deslumbrantes encostando umas nas outras e alguns homens sortudos que conseguiram passar pelo funcionário na porta.

Algumas vezes, era realmente agradável ser uma garota, pensou Mia. A única forma pela qual a maioria dos homens conseguiria entrar em um lugar daqueles era gastando uma quantidade ridícula de dinheiro, enquanto que as mulheres podiam entrar de graça — como isca, é claro.

Encaminhando-se para o bar, as duas garotas rapidamente encontraram dois bancos e pediram quatro doses de vodca. Dois rapazes imediatamente se ofereceram para pagar bebidas a elas e Jessie recusou com uma risada. — É

muito cedo para isso — disse ela a Mia. — Queremos dançar, não ficar com esses palhaços a noite inteira.

Mia concordou rindo e elas viraram a primeira dose, chupando um limão logo em seguida.

A noite ficou ainda mais animada, adquirindo aquele brilho especial que apenas a primeira dose de álcool e a perspectiva de uma noite divertida podiam criar. Mia se sentia jovem e bonita e, por enquanto, totalmente despreocupada. No dia seguinte, ela se preocuparia novamente. Mas, naquela noite, ela pretendia se divertir.

— Saúde!

A segunda dose desceu ainda mais fácil e as coisas adquiriram um brilho difuso agradável na mente de Mia. A pista de dança a chamava, com o ritmo pulsante da música reverberando nos ossos dela. Agarrando a mão de Jessie, ela a puxou em direção à multidão que dançava.

Durante a hora seguinte, elas dançaram sem parar. Uma música boa atrás da outra tocava, deixando a pista de dança frenética. Mia dançou com Jessie, com duas outras garotas que se aproximaram dançando, com um grupo de tipos de Wall Street que tentavam tocar nas costas nuas dela e novamente com Jessie. Ela dançou até ficar com calor, suada e sem fôlego, com os músculos das pernas trêmulos por causa dos movimentos que aquele tipo de dança exigia. Ela dançou até não conseguir mais se lembrar do motivo pelo qual se sentira tão mal durante o dia nem do que poderia acontecer no dia seguinte.

— Preciso de água! — gritou Jessie, tentando ser ouvida acima da música.

Rindo, Mia a acompanhou de volta ao bar. Elas pediram um copo de água e mais

uma rodada de vodca. Dessa vez, Jessie estava ligeiramente embriagada para recusar quando um jovem bonito, que parecia vagamente familiar —

talvez uma estrela de um programa realista da TV — ofereceu-se para pagar as bebidas.

Edgar, que era, na verdade, ator de um drama recentemente cancelado, começou a flertar com Jessie imediatamente. A amiga, envaidecida com a atenção de uma celebridade, flertou de volta e riu como se não houvesse amanhã. Sentindo-se um pouco deixada de lado, Mia foi ao banheiro sozinha.

Quando voltou, dois amigos de Edgar tinham se juntado a eles no bar. Eles eram bonitos, daquele jeito ligeiramente infantil que era popular, e pareciam estar em excelente forma. Eles se apresentaram e Mia descobriu que também eram do mesmo programa de TV. Peter era um dublê e Sean era membro do elenco de apoio. Mia fez uma brincadeira em referência a um antigo programa e todos riram, concordando que realmente se parecia com a vida deles.

Percebendo que tinham se envolvido em uma noite somente das garotas, eles pediram outra rodada de bebidas para todos. Dessa vez, foi tequila e Mia quase engasgou com o gosto forte, que permaneceu na boca mesmo depois de

morder o limão. O nariz dela já passara muito do ponto de coçar e ela sabia que provavelmente se arrependeria no dia seguinte. Mas, naquele momento particular, com vodca e tequila percorrendo-lhe o corpo, ela não conseguia se importar.

Mia não planejava conversar muito com nenhum dos rapazes, mas Peter acabou provando ter um papo surpreendentemente agradável. A voz era grave o suficiente para ser ouvida acima da música alta e ela descobriu que tinham ancestrais poloneses em comum. Os pais dele tinham ido para os Estados Unidos em um passado bastante recente, apesar de ele ser cidadão norte-americano e não ter sotaque algum. Recentemente, ele se formara na Universidade de Nova Iorque, na Escola de Artes Tisch, e queria seguir a profissão de produtor de filmes. Como sempre fora muito atlético, a profissão de dublê era a melhor forma de entrar no ramo e começar a conhecer as pessoas. E tivera sorte suficiente de conseguir uma ponta no programa recentemente cancelado.

Ele também parecia genuinamente interessado em Mia, com os olhos azuis brilhando sempre que olhava para ela. Com os cabelos loiros ondulados, ele

parecia um anjo travesso e Mia não conseguiu conter a risada com alguns dos elogios exagerados dele. Em circunstâncias normais, um rapaz divertido e saliente como ele nunca teria se interessado por alguém tão tímida e estudiosa como Mia, e ela não pôde deixar de se sentir envaidecida com a atenção dele.

Portanto, quando Peter pediu o número do telefone dela, Mia lhe disse sem pensar duas vezes, com o álcool nas veias deixando-a lenta o suficiente para acabar com toda a precaução.

Mia e Jessie voltaram para a pista de dança, com Edgar e Peter juntando-se a elas. Sean, provavelmente sentindo-se como se estivesse segurando vela, saiu para se juntar a um outro grupo de garotas. No começo, dançaram em grupo. Depois, Peter começou a dançar mais perto de Mia, com movimentos graciosos e atléticos. Ela sorriu, fechando os olhos e dançando ao ritmo pulsante, e não pensou em se afastar quando ele colocou as mãos na cintura dela.

Era uma sensação boa dançar com um rapaz comum de quem gostara e cujas intenções não precisavam ser adivinhadas. Aquilo não iria adiante, é claro, mas uma parte boba e bêbada de Mia esperava que, se sobrevivesse àquilo tudo e ainda estivesse em Nova Iorque quando Korum inevitavelmente se cansasse dela, pudesse procurar Peter no Facebook algum dia. De todos os rapazes que conhecera em anos recentes, fora dele que gostara mais e

conseguia imaginar facilmente desenvolvendo uma amizade com ele... e talvez alguma coisa mais.

Uma música nova começou, com a letra ainda mais explícita. A multidão gritou e o movimento na pista de dança ficou mais agitado. Peter chegou mais perto de Mia, com o quadril encostando sugestivamente no dela. Ele era de altura média e os saltos altos de Mia deixavam o topo da cabeça dela na altura das têmporas dele. Peter sorriu para ela, com os olhos brilhando, e Mia sorriu de volta, sentindo uma atração agradavelmente leve, nada parecido com o calor enlouquecedor e devorador que Korum provocava nela. E, apesar de o corpo idiota dela desejar que fosse Korum segurando-a daquele jeito, ainda assim gostou da dança sensual com um jovem bonito... que, em circunstâncias diferentes, poderia ser namorado dela.

— Você é muito bonita — disse Peter, praticamente gritando por causa da música alta.

Mia sorriu, movendo-se com o ritmo da música. Era sempre agradável ouvir elogios. — Obrigada — ela gritou de volta. — Você também é!

A cabeça dela girava por causa das bebidas e a noite inteira parecia um pouco surreal, incluindo o jovem angelicalmente bonito que dançava com ela.

Ainda dançando, ela fechou os olhos por um segundo e segurou-se na cintura de Peter para combater uma tontura ligeira. Interpretando a ação dela de forma errada, ele se inclinou na direção de Mia, encostando os lábios nos dela por um breve segundo.

Assustada, Mia empurrou Peter para longe e recuou um passo.

Constrangida, ela olhou para o lado e, subitamente, ficou imóvel, paralisada de terror.

Olhando diretamente para ela da beira da pista de dança, estava um par de olhos cor de âmbar bem familiar. E a fúria gelada que eles refletiam foi a coisa mais terrível que ela vira na vida.

CAPÍTULO DOZE

E *le sabia.*

No pânico sufocante que a engoliu, Mia só tinha um pensamento claro: Korum sabia. De alguma forma, descobrira o que acontecera naquele dia, o que ela fizera pelos combatentes da Resistência, e fora à boate para encontrá-

la.

O instinto de sobrevivência de Mia foi mais forte e uma onda de adrenalina removeu a névoa induzida pelo álcool da mente. Ela lutou contra uma ânsia desesperada de fugir, sabendo que ele a pegaria em questão de segundos. Em vez disso, ficou parada no mesmo lugar, observando enquanto ele andava em sua direção, abrindo caminho pela multidão na pista de dança e com os olhos quase amarelos por causa da fúria.

Acima da música ensurdecedora e do bater alucinado do coração, ela ouviu o nome dela sendo chamado.

— Mia! Mia! — Era Peter que falava com ela. — Ei, Mia, escute, eu não pretendia ser tão abusado...

Ele interrompeu o pedido de desculpas e seguiu o olhar dela. — Mas que diabos... é seu namorado ou algo parecido?

— Algo parecido — disse Mia sem expressão, vendo Korum abrir caminho com facilidade pela multidão normalmente impenetrável. Ela sentiu uma onda de náusea e medo. Será que ele a mataria ali mesmo ou a levaria para outro lugar para interrogá-la primeiro?

Um segundo depois, ele estava parado bem em frente a ela.

— Ei, cara, escute, acho que houve um mal entendido... — Peter avançou corajosamente, sem perceber no escuro com o que estava lidando. Em um

piscar de olhos, a mão de Korum estava em volta do pescoço de Peter.

— Não! — gritou Mia quando Peter foi erguido do chão, com os pés chutando o ar e as mãos agarrando inutilmente a mão de ferro em volta do pescoço. — Não, por favor, largue-o...

— Você quer que eu o largue? — perguntou Korum calmamente, como se não estivesse quase matando um homem adulto com uma mão em uma boate cheia de gente.

— Por favor! Ele não teve nada a ver com isso — implorou Mia, com lágrimas de terror correndo pelo rosto.

— Ah, é mesmo? — disse Korum, com a voz repleta de sarcasmo. —

Então meus olhos me enganaram. Não era ele que estava com as patas em você... Foi outra pessoa?

Com as patas nela? Korum estava irritado porque ela dançara com Peter?

O cérebro dela mal conseguiu processar as implicações daquilo.

— Korum, por favor — tentou ela novamente. — Você está furioso *comigo*. Ele não fez nada...

— Ele tocou em algo que me pertence. — As palavras soaram como um veredito.

— Korum, por favor, ele não sabia! Foi culpa minha...

As pessoas que dançavam perto deles perceberam que algo incomum estava acontecendo e um círculo de espectadores começou a se formar.

— Por favor, não o mate! — implorou ela, agarrando o braço de Korum em desespero. — Por favor, eu farei qualquer coisa...

— Ah, sim, fará — disse ele em tom suave. — Você fará qualquer coisa que eu quiser, não importa o que aconteça.

O rosto de Peter estava começando a ficar roxo e os movimentos frenéticos dos dedos diminuíram. Ela ouviu alguns gritos de pânico da multidão, mas ninguém ousou intervir.

— POR FAVOR! — gritou Mia histericamente, puxando o braço dele inutilmente. Ele nem mesmo olhou para ela.

Subitamente, ele soltou Peter, deixando que o corpo dele caísse no chão com um baque surdo.

A multidão gritou quando Peter respirou pela primeira vez, engasgando e tossindo.

Chorando, Mia quase desabou de alívio. As mãos ainda seguravam o braço de Korum e ela o soltou, recuando um passo.

Ele não deixou que ela fosse mais além, estendendo o braço e envolvendo

o braço dela com dedos de aço.

— Vamos embora — disse ele baixinho, com um tom que não deixava margem para discussão.

E Mia o acompanhou, ignorando os olhares chocados das pessoas em volta.

Ela tinha certeza de que não sobreviveria àquela noite.

NÃO HAVIA LIMUSINE esperando do lado de fora. Em vez disso, ele chamou um táxi e, em voz tensa, deu ao motorista o endereço do prédio onde morava.

O percurso foi misericordiosamente curto. Ele não disse uma única palavra e o silêncio dentro do veículo foi interrompido apenas pelos soluços de Mia.

Ela sempre soubera que os Ks tinham grande capacidade de violência, mas nunca a presenciara pessoalmente. Korum sempre fora tão cuidadoso, tão gentil com ela... Fora difícil imaginá-lo destruindo um ser humano, como aqueles Ks fizeram com os árabes. Mas agora sabia que ele não era diferente, que poderia acabar com uma vida humana com tanta facilidade como se estivesse matando uma mosca.

Ela não queria morrer. Sentia-se como se tivesse acabado de começar a viver. Os pensamentos se atropelavam na mente, buscando freneticamente uma saída, mas sem encontrar nenhuma. Será que ele a interrogaria primeiro? Ela não sabia de nada que tivesse importância, mas talvez ele não acreditasse nisso. Ela estremeceu ao pensar em tortura. Nunca sentira dor de verdade e não sabia se aguentaria. A última coisa que queria era morrer assim, rastejando e implorando para ser poupada. Se pelo menos fosse um pouco mais corajosa...

Eles chegaram ao prédio e Korum a arrastou para fora do táxi, ainda segurando o braço dela. As pernas de Mia estavam fracas por causa do medo e ela tropeçou na escada. Ele a agarrou e ergueu-a nos braços, carregando-a pelo saguão até o elevador da cobertura. O calor do corpo dele transmitiu uma sensação maravilhosa à pele gelada de Mia, fazendo com que se lembrasse da outra noite em que ele a carregara daquela forma — sob circunstâncias totalmente diferentes.

Quando entraram no apartamento, ele a colocou no sofá e foi até o armário para pendurar o casaco. É claro, pensou Mia com ressentimento, ele queria ficar o mais confortável possível para a tortura e a mutilação que

aconteceriam.

Mortificada, ela sentiu uma vontade súbita de urinar, com a bexiga quase explodindo depois de todos os drinques que bebera. Ela queria se prender aos últimos resquícios de dignidade e morrer urinando nas calças parecia a humilhação final.

— Por favor — sussurrou ela com voz trêmula —, posso ir ao banheiro?

Korum assentiu e um sorriso leve e sardônico surgiu nos lábios dele.

Mia caminhou o mais depressa que as pernas trêmulas permitiram. Dentro do banheiro, ela rapidamente se aliviou e lavou as mãos. Ela notou que as unhas tinham um tom ligeiramente azulado e a água morna parecia quase escaldante nas mãos geladas.

Ao terminar, ela olhou para a porta fechada e para a fechadura delicada.

Ela sabia que era inútil. Mas não queria sair do banheiro. Por algum motivo estranho, a ideia do sangue dela espalhado pela mobília cor de creme era perturbadora demais. Decidiu esperar dentro do banheiro. Sem dúvida, ele viria buscá-la em alguns minutos. Mas, como aqueles talvez fossem os últimos momentos de vida que teria, cada segundo era importante.

Ela se sentou na beirada da banheira e esperou. Pareceu se passar uma eternidade. O reflexo dela na parede espelhada não parecia ser a Mia de sempre, do vestido roxo provocante aos círculos escuros em volta dos olhos por causa do rímel borrado. Era uma ironia estranha que ela morresse assim, nada parecida com a Mia Stalis da Flórida que a família conhecia e amava.

Ao pensar na tristeza deles, ela sentiu uma dor aguda no peito e quase dobrou o corpo com a intensidade dela. Ela não podia pensar naquilo. Se o fizesse, acabaria cedendo e imploraria para ser poupada. Estranhamente, era importante que conseguisse manter pelo menos um pouco do orgulho...

Ela ouviu uma batida na porta.

Mia segurou uma risada histérica. Ele estava sendo educado antes de matá-

la.

— Mia? O que está fazendo? Abra a porta e saia daí. — Ele parecia irritado.

Mia não respondeu, com os olhos fixos na porta.

— Mia, abra a maldita porta.

Ela esperou.

— Mia, se fizer com que eu mesmo abra essa porta, você se arrependerá.

Ela acreditou nele, mas decidiu não se render docemente, como um carneiro indo para o abatedouro. No mínimo, queria que ele tivesse que lidar

com alguns reparos na casa depois de tudo.

A porta voou das dobradiças, caindo no chão com um estrondo. Apesar de esperar que aquilo acontecesse, Mia ainda deu um salto com a ação violenta repentina.

Korum estava parado em frente ao banheiro, parecendo magnífico e furioso. As maçãs do rosto estavam coradas e os olhos pareciam ouro puro.

— Você está mesmo escondendo-se de mim dentro do meu banheiro? —

perguntou ele em um tom perigosamente suave.

Mia assentiu, temendo que a voz tremesse se dissesse alguma coisa.

Apesar das melhores intenções que tinha, lágrimas grossas deslizaram pelo rosto dela.

Ele andou na direção dela e Mia fechou os olhos, torcendo para que tudo acabasse depressa. Em vez disso, ela sentiu as mãos dele nos ombros nus, acariciando-lhe a pele de leve.

Ela abriu os olhos e encarou-o.

— Entre no banho — disse ele. — O fedor dele está por toda parte em você.

No banho? Ele a queria limpa. Mia sentiu uma onda de náusea ao perceber que ele pretendia fazer sexo com ela — talvez pela última vez — antes de matá-la.

Ela sacudiu a cabeça, recusando-se a obedecer.

A expressão dele ficou sombria. Antes que Mia conseguisse pensar se aquilo era sábio, o vestido minúsculo estava aos trapos no chão e ele a carregava, nua e contorcendo-se, para o chuveiro. Ela sentiu uma onda de adrenalina e arqueou o

corpo em pânico irracional, chutando e arranhando furiosamente tudo o que conseguia alcançar. Subitamente, viu-se de pé sob o chuveiro, com Korum encarando-a com um olhar incrédulo no rosto.

— Você está maluca? — perguntou ele suavemente. — Aquele álcool todo fodeu com o seu cérebro?

Arquejando por causa do esforço e do medo, ela o encarou desafiadoramente através das lágrimas que lhe borravam a visão. — Se pretende me matar, acabe logo com isso! Não quero que me foda primeiro!

Ele ergueu as sobrancelhas e pareceu genuinamente chocado. — Você acha que vou matá-la? — perguntou ele lentamente, como se não estivesse acreditando no que ouvira.

— E não vai? — Foi a vez de Mia ficar surpresa. O coração batia como se tivesse acabado de correr uma maratona e ela mal conseguia pensar direito.

Ele recuou um passo. Ela notou que Korum ainda estava vestido. A expressão no rosto dele era estranha. Se não o conhecesse bem, acharia que ele ficara magoado.

— Mia — disse ele em tom cansado —, só porque estou bravo com você, não significa que pretendo machucá-la de alguma forma. E muito menos matá-

la.

— Você não vai?

Ela estava com dificuldade para processar a situação. Desde que botara os olhos nele na boate, tivera certeza absoluta de que não sobreviveria.

— É claro que não — disse ele, ainda olhando para ela com aquela expressão estranha. — Você traiu a minha confiança hoje à noite, mas estava bêbada e agiu de forma burra...

Mia piscou algumas vezes. Alguma coisa não estava certa.

—...e eu deveria saber que não podia deixá-la sair daquele jeito em um sábado à noite.

Ela o encarou confusa, mal ousando ter esperança. — Você está chateado porque eu saí para uma boate?

— Chateado é muito leve para descrever o que estou sentindo nesse minuto — disse ele baixinho. — Deixou aquele verme bonito botar as mãos em você e beijou-o bem diante dos meus olhos. Não, Mia, chateado não chega nem perto do que sinto.

Ele não sabia.

Os joelhos de Mia quase cederam de alívio e ela se apoiou na parede para não cair. Apesar de parecer inacreditável, a raiva dele era por causa de ciúmes e não tinha nada a ver com o movimento da Resistência.

Era uma percepção enlouquecedora e Mia desejou desesperadamente que conseguisse afastar a névoa que parecia permear cada pensamento. Ela sacudiu a cabeça tentando removê-la. — Eu sinto muito — disse ela cuidadosamente. — Não achei que você se importaria se eu saísse hoje à noite. Só queria me divertir com Jessie e... não achei que você se importaria.

Eu não pretendia fazer nada além de dançar, eu juro...

Ele continuou olhando para Mia como se estivesse tentando decifrar os pensamentos dela.

— Está bem, Mia — disse ele lentamente. — Tome o seu banho agora, ok?

Conversaremos quando você terminar.

E, em seguida, ele saiu, dando a volta na porta quebrada que estava no chão.

CAPÍTULO TREZE

Ela viveria. Ele dissera que não a machucaria, apesar da raiva que sentia.

Korum não sabia sobre a verdadeira traição dela. Mia tivera uma sorte incrível.

A cabeça dela girava e cada músculo do corpo tremia depois que a adrenalina se fora. Parada sob o chuveiro, ela sentiu o estômago se contorcer com uma náusea súbita. Correndo até o vaso sanitário, Mia quase não chegou a tempo e vomitou

tudo o que ingerira. A mistura tóxica de álcool e terror foi demais para que o corpo aguentasse.

Mortificada, ela se ajoelhou nua em frente ao vaso sanitário, tremendo incontrolavelmente. Dando descarga na mistura nojenta, ela usou a força restante para se arrastar até o chuveiro e ligar a água, estremecendo de alívio quando o jato quente escorreu pelo corpo gelado.

O chuveiro quente operou um milagre. Depois de alguns minutos, Mia se sentia bem o suficiente para levantar do chão. Ela ensaboou cada centímetro do corpo, removendo todos os traços da noite horrível. Ao terminar, ela se secou, vestiu um roupão felpudo e escovou os dentes duas vezes para remover o gosto desagradável da boca. Agora, estava pronta para enfrentar Korum novamente, apesar de só querer desmaiar e dormir pelas dez horas seguintes.

Ele a esperava na sala de estar, novamente olhando para algo que tinha na palma da mão. Quando Mia entrou devagar, ele olhou para cima e acenou para que ela chegasse mais perto. Mia se aproximou cuidadosamente, ainda desconfiada.

— Tome, beba isso.

Ele pegou um copo cheio de um líquido cor de rosa da mesa ao lado e

estendeu-o para ela.

— O que é isso? — perguntou ela com nervosismo patente.

— Não é veneno, pode relaxar. — Ao vê-la ainda relutante, ele acrescentou: — É só uma coisa para aliviar a tensão no fígado por causa de todas as porcarias que bebeu essa noite.

Mia corou de vergonha. Ele claramente a ouvira vomitando mais cedo.

Sem nenhuma discussão, ela pegou o copo e experimentou o líquido. Parecia água ligeiramente adoçada e era maravilhosamente refrescante. Ela bebeu o restante do líquido rapidamente.

— Excelente — disse Korum. — Agora, sente-se e vamos conversar sobre as expectativas em nosso relacionamento. Especificamente, as minhas expectativas em relação ao seu comportamento.

Mia engoliu em seco nervosamente e sentou-se ao lado dele. O líquido já estava sendo absorvido pelo corpo e ela sentiu as teias de aranha desaparecendo da mente.

Ele se virou para Mia e pegou uma das mãos dela, acariciando a palma de leve. Os olhos dele estavam quase de volta ao tom âmbar normal, com apenas leves traços dos brilhos amarelos perigosos.

— Você é minha, Mia — disse ele, com o polegar acariciando a parte interna do pulso ela. — Você passou a ser minha desde o momento em que a vi no parque naquele dia. Não divido o que é meu. Nunca. Se você sequer olhar para outro macho, homem ou krinar, farei com que se arrependa. E, se alguém encostar a mão em você, estará assinando a própria sentença de morte. Fui bem claro?

Mia assentiu, incapaz de falar por causa da mistura volátil de emoções que se acumulava no peito.

— Ótimo. Aquele garoto bonito com quem você estava dançando teve muita sorte. Se acontecer uma próxima vez, não serei tão misericordioso.

A mão livre dela se fechou em um punho sobre o sofá.

— Você agiu de forma tola hoje. Duas garotas bonitas saindo vestidas daquele jeito, várias coisas ruins poderiam ter acontecido. E beber até vomitar. Desse jeito, você acabará precisando de um transplante de fígado no futuro próximo. Seu corpo humano já é frágil e não deixarei que abuse dele dessa forma.

As unhas de Mia se enterraram na palma da mão de raiva e frustração.

Receber um sermão daquele, como se ela fosse uma adolescente burra, era muito mais do que humilhante.

— Se quiser sair para dançar, eu a levarei. E chega de sair à noite com a sua amiga. Claramente, não posso confiar em vocês duas.

Mia ficou encarando Korum com um olhar rebelde no rosto.

— E agora — disse ele em tom suave — discutiremos aquela impressão errada que você teve mais cedo... o fato de ter realmente acreditado que eu a mataria por beijar um rapaz no clube.

— Você quase matou Peter — disse Mia, procurando freneticamente uma explicação para o ataque de pânico que tivera mais cedo. — Por que está tão surpreso por eu ter me assustado?

— *Peter* mereceu tudo o que recebeu por tocar no que é meu. — Ele se inclinou na direção dela. — *Você*, por outro lado, não precisa ter medo de mim. Quando foi que machuquei você, exceto pelo dia em que perdeu a virgindade?

Era verdade. Ele nunca causara dor física nela, pelo menos, não do tipo desagradável. Sempre tivera muito cuidado para não machucá-la com a força muito maior que tinha. É claro, ele não sabia que ela estava ajudando a Resistência.

— Mia, eu sei que somos literalmente de mundos diferentes, mas algumas coisas são universais entre as duas espécies. Dormimos juntos todas as noites, beijo e acaricio seu corpo, tenho muito prazer em fazer sexo com você... e ainda assim acha que eu poderia acabar com a sua vida assim, sem arrependimento algum?

Ele ainda poderia, sim, se descobrisse a verdadeira traição dela.

Tomando o silêncio dela como afirmativa, ele balançou a cabeça em desapontamento. — Mia, de verdade, não sou o monstro que você criou na sua mente. Eu não machucaria você. Nunca. Em circunstância nenhuma. Você entendeu?

— Sim — sussurrou ela, reprimindo um leve bocejo. Ela se sentia completamente drenada e a exaustão tomara conta dela durante a conversa.

Mesmo depois da poção restauradora que ele lhe dera, estava mais do que pronta para dormir. No dia seguinte, ela analisaria com prazer todos os aspectos, bons e ruins, das palavras dele. Mas, naquele momento, não tinha mais condições de ficar acordada.

— Muito bem — disse ele. — Vejo que você está cansada. Vamos para a cama. Você se sentirá muito melhor depois de descansar um pouco.

Mia assentiu grata e ele a pegou no colo, carregando-a para o quarto.

ENTRANDO NELE, Korum a colocou gentilmente sobre a cama.

Cansada demais para se mexer, Mia ficou deitada observando enquanto ele tirava a roupa. O corpo dele era realmente muito bonito: só músculos cobertos com aquela pele dourada lisa. Todos os movimentos eram graciosos de uma forma inumana e cuidadosamente controlados. Pela primeira vez, Mia percebeu que ele provavelmente exercia muito esforço para controlar a força imensa que ela testemunhara mais cedo.

Ele se aproximou dela, com o pênis já rígido, e abriu o roupão que ela usava. — Você é tão adorável — murmurou ele, estudando o corpo dela com apreciação óbvia. Apesar da exaustão, ela sentiu os músculos internos contraindo-se em antecipação.

Ficando sobre ela, ele se abaixou e beijou a parte sensível do pescoço.

Mia prendeu a respiração, esperando a onda familiar de êxtase induzido pela mordida, mas ele simplesmente continuou beijando o resto do corpo dela, tocando-a apenas com os lábios e a língua. Ela gemeu suavemente, querendo mais, mas ele continuou implacavelmente devagar, marcando cada centímetro da pele dela com a boca.

Ele chegou aos pés dela e Mia riu, sentindo os lábios dele fechando-se sobre os dedos. Em seguida, as mãos quentes dele tocaram no pé dela, massageando com uma pressão leve, mas firme, e Mia arqueou o corpo com prazer inesperado quando o polegar encontrou um ponto que enviou sensações diretamente às regiões íntimas. Subitamente, ela não sentiu mais vontade de rir quando a tensão começou a se acumular no sexo dela. Korum deu ao outro pé o mesmo tratamento e ela gritou, sentindo-se como se ele estivesse tocando diretamente no clitóris.

Ele virou o corpo dela e removeu completamente o roupão. Pegou um travesseiro e colocou-o sob os quadris dela, deixando a bunda elevada. Por algum motivo, Mia se sentiu muito vulnerável, deitada de bruços, com as costas expostas ao predador com quem dormia.

Inclinando-se sobre ela, Korum ergueu a massa escura de cabelos cacheados que repousava sobre os ombros dela, revelando o ponto macio da nuca. Abaixando a cabeça, ele a beijou de leve, com a boca quente contra a pele sensível. Ela estremeceu com a sensação e ele desceu pelas costas dela, beijando cada vértebra até chegar na altura da cintura. As mãos de Korum tocaram-lhe as

nádegas, apertando ligeiramente os globos pálidos, e ela sentiu a boca dele descendo preguiçosamente até chegar à abertura da vagina, com a língua passando pelo rego. Ela saltou, sobressaltada com a sensação nada

familiar, e ele riu baixinho da reação dela. — Não se preocupe — sussurrou ele. — Deixaremos isso para outra hora.

Isso colocou um fim nas preliminares.

Ele se colocou sobre ela, com as pernas forçando as dela, abrindo-a mais.

Mia soltou um gemido ao sentir a força do pênis dele penetrando-a. Apesar de estar molhada, ele parecia impossivelmente grande naquela posição e ela gemeu de leve, com os músculos contraindo-se e tentando se ajustar à intrusão.

Sentindo a dificuldade de Mia, ele parou por um segundo e colocou a mão sob os quadris dela, aplicando pressão no clitóris ao mesmo tempo em que movia a pélvis em uma série de investidas curtas, lentamente penetrando mais fundo.

Com o corpo muito maior sobre ela naquela posição, ela se sentiu completamente dominada, incapaz de se mover um centímetro sequer, e resmungou frustrada, perto do momento do alívio, mas sem gozar. Ele se moveu ainda mais fundo, tocando no colo do útero, e ela ficou imóvel, com cada extremidade nervosa tensa, esperando alguma coisa... prazer, dor, não importava, desde que chegasse ao orgasmo.

Ele recuou um pouco e penetrou-a novamente devagar. A tensão estava ficando insuportável e Mia começou a implorar que ele fizesse alguma coisa, que a fizesse gozar. — Ainda não — disse ele, movendo-se naquele ritmo lento e enlouquecedor que a mantinha em um nível de intensidade agonizante.

Sempre que sentia que ela estava perto do orgasmo, ele se movia ainda mais devagar e, quando a sensação recuava um pouco, investia mais depressa. Era literalmente uma tortura e Mia percebeu que aquela era a punição pelo que acontecera mais cedo.

— Korum, por favor — implorou ela, mas ele não lhe deu ouvidos. O

movimento lento do pênis entrando e saindo a deixava louca. Em qualquer outra posição, ela teria conseguido fazer alguma coisa, poderia mover os quadris de

forma que acelerasse o clímax. Mas deitada naquela posição, com o corpo pesado sobre o seu, ela só podia gritar de frustração.

— Você é minha, entende isso agora? — disse ele com voz rouca, ainda mantendo aquele ritmo impiedosamente lento. — Só eu posso dar isso a você, só eu posso dar a você o que o seu corpo quer. Ninguém mais... Você entende isso agora?

— SIM! Por favor, deixe que eu...

— Deixe que você o quê? — perguntou ele com a respiração pesada, também sentindo os efeitos da tortura.

— Deixe-me gozar! Por favor!

E ele deixou. As investidas gradualmente se aceleraram, deixando-a ainda mais tensa, e os gritos de Mia ficaram mais altos... até que ela ultrapassou a barreira, com o corpo inteiro pulsando e tendo espasmos em uma liberação tão intensa que cada músculo estremeceu. O orgasmo dela fez com que ele também gozasse nas profundezas do corpo dela com um gemido rouco, com o sêmen jorrando em jatos quentes.

Mia ficou deitada, sentindo o peso do corpo dele sobre o seu. Não conseguia respirar com facilidade, mas não se importou. Ela se sentia totalmente exaurida, incapaz de se mover mesmo que pudesse. Em seguida, Korum rolou para o lado, deixando-a livre. Ela estremeceu ligeiramente ao sentir o ar frio nas costas suadas. Ele a pegou no colo e levou-a novamente para o chuveiro para um banho rápido. Finalmente, eles pegaram no sono, com Korum segurando-a possessivamente mesmo dormindo.

CAPÍTULO CATORZE

M ia acordou na manhã seguinte sentindo-se surpreendentemente bem. A boca seca, a dor de cabeça latejante e o estado geral ruim que sempre apareciam na manhã seguinte a uma noite na boate — nada disso estava presente naquele dia, provavelmente por causa da poção mágica de Korum.

Como sempre, estava sozinha no quarto. Ela descobrira que os Ks precisavam de muito menos tempo de sono que os humanos — para alguns deles, bastava duas ou três horas por noite — e Korum acordava muito cedo.

O que não era algo ruim. Ela não tinha certeza se queria enfrentá-lo naquela manhã.

Por algum motivo, ela nunca esperara que ele sentisse ciúmes. Com a aparência que tinha e as habilidades na cama, ela não conseguia imaginar como uma mulher preferiria outro homem. O que acontecera com Peter na noite anterior não passara de um flerte leve, uma diversão inofensiva que nunca levaria a nada.

Na maior parte do tempo, ela tinha problemas em decifrar as emoções dele. Korum normalmente parecia tão calmo e controlado, com aquela expressão ligeiramente zombeteira no rosto bonito. Ela sabia que ele se divertia com ela frequentemente e gostava de implicar apenas para vê-la irritada. Imaginou que fosse algo como um gatinho para ele, uma criaturinha que ele gostava de acariciar e, de vez em quando, com quem gostava de brincar. Mas a reação dele na noite anterior não combinava com aquela atitude casual. A possessividade extrema que demonstrara não fazia sentido em vista do relacionamento que tinham. Ele decididamente gostava de fazer sexo com ela, mas Mia não conseguia imaginar que significava alguma coisa além disso

para Korum.

Por outro lado, apesar de talvez ter interpretado incorretamente a expressão dele na noite anterior, ele parecera genuinamente magoado por ela ter achado que seria capaz de matá-la. Seria possível? Ele realmente se importava com ela como pessoa, como algo mais que o brinquedinho humano dele? Ao pensar nisso, uma dor estranha surgiu no peito de Mia. Não podia ser, é claro, mas, se ele realmente se importasse com ela...

Em seguida, ela se lembrou daquele aspecto sobre a vida em Krina. Eles eram territoriais, dissera ele, e não gostavam de morar uns sobre os outros.

Ela teve vontade de chorar.

Subitamente, as coisas ficaram claras. É claro que ele ficara furioso com Peter na noite anterior. O pobre rapaz inadvertidamente invadira o território de Korum. Para Korum, ela era propriedade dele pelo tempo que ele quisesse mantê-la.

Ela era apenas outra das posses dele. E ele não gostava de dividir.

APESAR DE TER vontade de ficar na cama o dia inteiro, havia coisas a serem

feitas. A prova final de estatística era no dia seguinte e ela ainda não se sentia pronta. A última coisa de que precisava era a distração do desastre que era sua vida amorosa.

Levantando-se, Mia escovou os dentes e tomou café da manhã. Korum não estava em casa e ela ficou imaginando onde ele estaria.

Antes de se sentar para estudar, Mia decidiu verificar o telefone para ter certeza de que Jessie chegara em casa em segurança na noite anterior. É claro, havia uma dezena de chamadas perdidas da amiga e um número igual de mensagens de texto e *e-mails*, cada um deles progressivamente mais preocupado que os anteriores. Mia resmungou. Deveria ter enviado uma mensagem para Jessie na noite anterior antes de dormir, mas aquilo nem sequer passara por sua mente.

Não havia como escapar. Os estudos teriam que esperar. Ela telefonou para Jessie.

A amiga atendeu no primeiro toque. — Ah, meu Deus, Mia, você está bem?!? O que diabos aconteceu ontem à noite? Se aquele alienígena imbecil machucou você de alguma forma...

— Não, Jessie, ele não me machucou! Olhe, eu estou muito bem...

— Muito bem? Todo mundo estava comentando sobre isso na noite

passada. Como ele arrastou você para fora depois de quase matar Peter! Eu voltei do banheiro, você tinha desaparecido e o coitado ainda estava jogado no chão tossindo...

— Ele está bem agora? — interrompeu Mia, com uma onda súbita de culpa.

— Ele foi levado para o hospital, mas disseram que só sofreu algumas escoriações e inchaço. Provavelmente terá dificuldades para falar por alguns dias e tenho certeza de que ficou morrendo de medo...

— Ah, meu Deus, eu sinto tanto — resmungou Mia. — Eu nunca deveria ter colocado Peter em perigo daquele jeito...

— Ele? E você? Mia, esse seu K é maluco! Ele estava prestes a matar um homem que estava dançando com você...

— Que estava me beijando, na verdade...

— Que seja! Não é como se você tivesse dormido com o coitado do rapaz, mas mesmo se tivesse... é simplesmente loucura!

Mia suspirou. — Eu sei. Descobri tarde demais que, pelo jeito, eles são muito territoriais e possessivos. Se eu soubesse disso antes, obviamente nunca teria nem ido àquela boate...

— Territorial e possessivo? Que tal homicida? Mia... você realmente precisa deixá-lo. Estou com medo por você...

— Jessie — disse Mia com voz suave, tentando achar a melhor forma de dizer aquilo. — Não sei se posso deixá-lo ainda.

— O que quer dizer com isso? Ele forçaria você a ficar de alguma forma?

— Eu não sei, de verdade, mas não acho que terminar com ele seja a melhor coisa a fazer agora...

— Ah, meu Deus, eu sabia! Você *está* com medo dele! Ele ameaçou você?

— Não, Jessie, as coisas não são assim... Ele disse que nunca me machucaria. Eu só acho que é melhor deixar o relacionamento prosseguir de forma natural. Tenho certeza de que ele ficará entediado em breve e irá embora...

— E você não tem problemas com isso? Esperar até que ele se canse de você? Espere, e as férias de verão, quando você for para a Flórida?

— Ahm, ainda não sei como isso será... ainda não conversei com ele sobre isso...

— Bem, é melhor conversar, porque está muito próximo! As provas finais são na semana que vem e, depois, você partirá. O que ele fará então? Não deixará que você vá para casa?

Jessie tocou em um ponto válido. Mia não tinha a menor ideia do que aconteceria no fim da semana seguinte. Por algum motivo, achara que Korum talvez se cansasse dela antes que a Flórida se tornasse um problema. Mas as atitudes dele na noite anterior não eram as de alguém que estava prestes a se cansar do brinquedo novo. Na verdade, ele parecera muito determinado a mantê-

lo. Mia estava começando a ficar preocupada, mas Jessie não precisava saber disso.

— Não, tenho certeza de que resolveremos isso de alguma forma. Olhe, Jessie, sei que parece ruim, mas ele não está me tratando mal nem nada parecido. Se eu agir de forma um pouco menos impulsiva, as coisas ficarão perfeitamente bem. Ele voltará para o Centro dos Ks em breve e terei montes de histórias interessantes para contar aos meus netos...

— Não sei, não, Mia. Está começando a soar como se ele estivesse mantendo você prisioneira...

— Não seja tola! É claro que não está!

— Ahã — disse Jessie em tom cético. — Claro que não. Você pode ir aonde quiser, fazer o que quiser...

— Bem, não — admitiu Mia. — Não exatamente.

— É claro que não! Ele está mantendo você prisioneira...

— Não, não está — protestou Mia. Respirando fundo, ela acrescentou: —

Mas, mesmo se estivesse, não há nada que ninguém possa fazer a respeito.

Você viu na noite passada, eles podem praticamente matar alguém em público e ninguém abre a boca. Gostando ou não, eles não estão sujeitos às nossas leis.

Jessie, por favor, deixe isso para lá... Eu sei como lidar com o meu relacionamento com ele. Obviamente, não é como namorar um aluno da universidade, mas não é tão ruim assim...

— Não é tão ruim? Você quer dizer que o sexo é bom?

Mia corou, feliz por Jessie não conseguir vê-la naquele momento. — Bem, decididamente... na verdade, é muito incrível... mas também a companhia dele.

Ele pode ser muito divertido... e romântico... e ele cozinha muito bem...

— Ah, não, não me diga... você está se apaixonando por ele?

— Não! Claro que não! — Mia esperou sinceramente que não estivesse mentindo. — Ele nem mesmo é humano...

— É isso mesmo! Ele não é humano! Mia, ele é perigoso. Por favor, tenha cuidado, ok? Se acha que não pode terminar com ele ainda, então não termine.

Mas não se apaixone por ele, ok? Não quero vê-la magoada...

— É claro, Jessie. Por favor, não se preocupe tanto, eu estou bem. Mas

chega de falar de mim — disse Mia com animação falsa. — E como foram as coisas com aquele ator bonitão com quem você flertou a noite inteira?

— Ah, ele é um amor! Dei a ele o número do meu telefone, que disse que me telefonará hoje...

E Jessie contou tudo sobre o rapaz bonito, que ficaria na cidade por mais alguns meses, que os dois gostavam muito de comida chinesa e tinham o mesmo gosto por músicas dos anos noventa. Era tudo sem complicação alguma e Mia ficou com inveja da amiga, que podia se preocupar com algo tão comum quanto a possibilidade de Edgar telefonar mais tarde, como prometera.

Elas encerraram a conversa e Mia prometeu encontrar com Jessie na manhã seguinte depois da prova de estatística. Em seguida, sentou-se para estudar pelo restante do dia.

CAPÍTULO QUINZE

N a manhã de segunda-feira, Mia saiu da prova final de estatística sentindo-se como se tivesse conquistado o mundo. Ela soubera a resposta de cada uma das perguntas e terminara o teste na metade do tempo.

Agora, só precisava entregar três trabalhos e o semestre estaria oficialmente encerrado.

Animada, ela enviou uma mensagem para Jessie avisando que tinha terminado. A amiga provavelmente ainda estava fazendo a prova final de bioquímica e Mia decidiu passear no parque enquanto esperava que Jessie terminasse.

Sentando-se em um banco, ela pegou o celular para telefonar para os pais e

avisar que fora bem na prova. Mas, antes mesmo que pressionasse um botão, um homem se sentou ao lado dela e Mia se encontrou olhando para um par familiar de olhos azuis.

— John! O que está fazendo aqui? — perguntou Mia surpresa. Todas as vezes, ela o encontrara dentro do apartamento e foi um certo choque vê-lo em um ambiente aberto daquela forma.

— Eu queria conversar com você sobre algo importante e não sabia ao certo quando voltaria para casa — disse ele. — Mas, primeiro, deixe-me perguntar uma coisa... você está bem?

— Ahm, sim. — Mia corou ligeiramente. — Por que pergunta? Jessie falou com Jason de novo?

— Não, mas ouvimos falar sobre o que aconteceu. Sua aventura de sábado à noite saiu nos jornais locais.

Mia estremeceu. Aquilo era constrangedor. Um pensamento assustador

cruzou-lhe a mente. — Meu nome estava nos jornais? Se meus pais descobrirem...

— Não, havia só uma descrição do que aconteceu. Duvido que a sua família faça a conexão.

Mia suspirou aliviada. — Sim. Bem, como pode ver, estou perfeitamente bem.

— Por que ele atacou o cara daquele jeito?

Mia deu de ombros. — Ele só é possessivo demais, acho. Eu estava muito assustada, na verdade. Achei que ele descobrira que eu estava ajudando vocês. No fim das contas, eu estava errada, mas houve um momento bem desagradável em que achei que ele me mataria.

John a estudou com um olhar muito calmo. — É um risco que todos corremos, infelizmente — disse ele.

Mia estremeceu novamente. Não queria pensar no terror quase paralisante que a invadira naquela noite. Em vez disso, perguntou a ele animada: — E

como foram as coisas para vocês no fim de semana? Mudaram a reunião de lugar, certo?

— Sim, mudamos. É por isso que estou aqui para falar com você hoje.

Houve uma mudança nos planos.

— Que tipo de mudança? Mas primeiro, espere. Você descobriu como ele filmou vocês?

— Você se lembra dos Kapas que mencionamos na última vez?

Mia assentiu.

— Eles conseguiram encontrar os dispositivos. Estavam embutidos nas cortinas e no tecido do sofá, até mesmo nos galhos das árvores do lado de fora. Era uma tecnologia nova e diferente, algo que devem ter desenvolvido recentemente. Tivemos sorte, pois um dos Kapas tinha formação em projeto e conseguiu descobrir como essas coisas foram feitas com base na nova nanoassinatura delas.

Mia ouviu fascinada. — E agora?

— Tivemos muita sorte por você ter encontrado essas informações. Os Kapas também acharam isso...

— Eles sabem sobre mim agora? — Mia não sabia ao certo se devia se preocupar com isso.

— Sim. Tivemos que explicar como descobrimos que estávamos sendo gravados, para começo de conversa.

A expressão no rosto dela provavelmente mostrou a preocupação, pois ele

acrescentou: — Olhe, prometo a você que eles não são todos iguais. Os Kapas realmente acreditam em nossa causa. Não farão nada para colocá-la em perigo.

— Tem uma coisa que não entendo — disse Mia. — Esses Kapas andam abertamente nas comunidades deles falando sobre o que pensam e o fato de que estão ajudando vocês?

— Não, claro que não! Se Korum soubesse quem eles são, rapidamente os neutralizaria. Eles têm muito a perder se a identidade deles for descoberta antes de colocarmos nosso plano em ação.

— Ok — disse Mia. — Então, qual é o plano? E eu devo saber qual é, considerando a minha proximidade com você sabe quem?

— Infelizmente, sim, precisa saber... porque, agora, você é uma parte grande do plano.

Mia sentiu o coração parar por um momento. — Está bem — disse ela lentamente. — Sou toda ouvidos.

— Lembra-se de quando eu lhe disse que Korum é um dos principais motivos pelos quais eles vieram para cá? Que, essencialmente, a empresa dele administra os Centros dos Ks?

Mia assentiu.

— Bem, o motivo pelo qual ele tem todo esse poder é que a empresa dele desenvolve muitas tecnologias proprietárias e confidenciais que não estão disponíveis para a população geral dos krinars. Não sabemos muito sobre a ciência deles, mas achamos que eles provavelmente têm nanotecnologia madura...

— O que isso quer dizer, nanotecnologia madura? — perguntou Mia.

— Basicamente, acreditamos que eles conseguem manipular a matéria em nível atômico. Como os Kapas nos explicaram, eles podem criar praticamente qualquer coisa usando tecnologia que fica bem na casa deles, desde que tenham matérias-primas simples e o projeto certo. Os projetistas deles, que são mais ou menos como nossos engenheiros de software, criam os projetos de nanotecnologia para todas as coisas que usam no dia a dia, bem como para as armas, as naves, as casas etc. Está entendendo o que estou dizendo?

Mia não entendeu completamente, mas assentiu mesmo assim.

— Korum é dos projetistas mais brilhantes deles. Vários dos projetos que ele e a empresa criaram não estão disponíveis para o público geral. Isso inclui o projeto das naves deles, que são informações altamente confidenciais, e muitos dos

detalhes de segurança, incluindo escudos e armas dos Centros dos

Ks. Se você é um K comum, pode acessar facilmente a versão krinar da internet e conseguir um projeto das armas e tecnologias padrão deles. É assim que os Kapas têm nos ajudado até agora, fornecendo a nós as ferramentas básicas de que precisamos para evitar a captura e algumas armas simples. Em última instância, o objetivo era usar as próprias armas deles para atacar os Centros e chutá-los para fora do nosso planeta.

— Mas, como eu disse, os Centros dos Ks são protegidos por tecnologias a que somente Korum e os capangas dele têm acesso. Um dos Kapas passou meses tentando invadir os arquivos deles, mas sem sucesso. Achamos que estávamos perto de conseguir penetrar as defesas deles, mas descobrimos nesse fim de semana que estamos tão longe disso como sempre estivemos.

Korum continua a desenvolver projetos mais novos e mais complicados. Os dispositivos que ele usou para nos espionar são particularmente engenhosos...

— Os Kapas não conseguem fazer engenharia reversa desses projetos? —

interrompeu Mia. Não que ela soubesse qualquer coisa relacionada a tecnologia, mas aquilo parecia lógico.

— A maioria dos projetos de Korum contém um recurso de autodestruição que é acionado quando você tenta desmontar o dispositivo no nível molecular.

E é isso que precisaria ser feito para descobrir a estrutura dele. E é por isso que ele tem o monopólio dessas coisas, a proteção de patente ou de direitos autorais é integrada no próprio dispositivo.

— Ok, então, deixe-me ver se eu entendi isso direito. Os Kapas estão dispostos a ajudar vocês a atacar os próprios Centros deles, mas não conseguem quebrar o código na tecnologia que protege os assentamentos?

Entendi corretamente?

— Exatamente isso. Há cinquenta mil Ks e bilhões de nós. Eles podem ser mais fortes e mais rápidos, mas poderíamos facilmente superá-los se não tivessem essas tecnologias. Se, de alguma forma, conseguíssemos desativar os escudos e colocar as mãos em algumas das armas deles, poderíamos tomar o nosso planeta

de volta.

Mia esfregou as têmporas. — Mas por que os Kapas ajudariam tanto vocês contra a própria espécie deles? Quero dizer, eu entendo que eles pensam que a forma como os humanos foram tratados está errada. Mas colocar em perigo a vida de cinquenta mil Ks só para nos ajudar? Isso não faz muito sentido para mim...

— Nós prometemos minimizar as mortes dos krinars o máximo possível e conceder a eles passagem segura de volta para Krina. Também prometemos

que os Kapas, e quem mais eles acharem digno de confiança, podem ficar aqui na Terra e viver entre os humanos, desde que obedeçam às nossas leis.

— Veja bem, Mia, eles poderiam ser nossos professores, nossos guias.

Poderiam nos levar a uma nova era tecnológica e acelerar bastante nosso progresso natural. Eles seriam os heróis de toda a humanidade e teriam os nomes reverenciados por eras. Poderiam nos ajudar a curar o câncer e outras doenças e dar formas para aumentarmos nossa expectativa de vida. — O rosto dele brilhava com fervor. — Mia, eles seriam como deus aqui na Terra depois que todos os outros Ks forem embora. Por que não aceitariam isso com os braços abertos em vez de levar uma vidinha comum que já se arrasta por milhares de anos?

Mia estava chegando às próprias conclusões. — Então, eles estão entediados e procurando fazer alguma coisa épica?

— Se prefere pensar nas coisas dessa forma. Acredito que sejam sinceros no desejo de ajudar a nossa espécie a evoluir para um nível mais alto.

— Ok, vamos voltar por um segundo. Se eles não conseguem invadir os arquivos, o que vocês pretendem fazer? Para mim, parece que Korum está vencendo a guerra antes mesmo que vocês tenham a chance de participar de uma única batalha.

— Não exatamente — disse John com os olhos brilhando com empolgação. — Não conseguimos invadir os arquivos, mas ainda assim podemos roubar as informações.

Mia não gostou do rumo que a conversa tomava. — Roubar como? —

perguntou ela lentamente.

— Bem, o rumor é que Korum mantém muitos dos projetos particularmente confidenciais com ele o tempo inteiro. Por exemplo, você já o viu fazer algo como olhar para a palma da mão ou para o antebraço?

— Eu já o vi olhando para a palma da mão — disse Mia de forma relutante, começando a ter uma sensação muito ruim sobre aquilo tudo.

— Então, é nela que ele tem um dos computadores embutidos. Estou usando o termo computador de forma ampla, é claro. Tem tão pouco em comum com os computadores dos humanos quanto os nossos têm com o ábaco original. Ainda assim, ele tem informações guardadas lá, literalmente na palma da mão. Não temos a menor esperança de conseguir chegar nele porque, mesmo que fosse capturado e imobilizado, o que é uma tarefa praticamente impossível, provavelmente ele conseguiria apagar os dados em questão de segundos.

— Então, o que vocês podem fazer? — perguntou Mia confusa.

— *Nós* não podemos fazer nada... mas *você* pode. Você é a única que chega perto dele o suficiente para conseguir acesso a essas informações...

— O quê? Você ficou maluco? Fica na palma da mão dele. Como eu conseguiria chegar nele? Ele não vai simplesmente me entregar aquela coisa!

— Não, é claro que não — suspirou John. — Mas temos isto...

Ele segurava um pequeno anel de prata.

— O que é isso? — perguntou Mia desconfiada.

— É um dispositivo que faz uma varredura de dados. Os Kapas deliberadamente o fizeram para que parecesse uma joia. Assim, você pode usá-lo sem levantar suspeitas. Se conseguir, de alguma forma, segurar a palma da mão de Korum por cerca de um minuto, o dispositivo poderá acessar os arquivos e conseguir os projetos para nós.

— Segurá-lo por um minuto inteiro contra a palma da mão dele? E você acha

que não suspeitaria de nada?

— Não se ele estiver distraído com alguma outra coisa... — Ele reduziu a voz sugestivamente.

— Ah, meu Deus, você está falando sério? Quer que eu roube os dados dele durante o sexo? — As entranhas de Mia se retorceram com aquela ideia.

— Olhe, é você quem decide o momento. Pode ser quando ele estiver dormindo...

— Ele só dorme por poucas horas e normalmente eu estou desmaiada durante esse tempo.

— Ok, então, você vai a algum lugar com ele em que ele apenas segura a sua mão?

Mia pensou sobre a pergunta. Quando caminhavam juntos, ela normalmente colocava o braço na curva do cotovelo dele. Algumas vezes, ele colocava a mão nas costas dela, perto da cintura. Quando segurava a mão dela, era apenas por momentos breves. — Na verdade, não.

— Bem, então precisará ser em algum momento em que não seria estranho que você estivesse tocando nele...

— Você quer dizer durante o sexo?

— Se for o único momento, então sim.

Mia olhou para John em choque, incapaz de acreditar que ele estivesse lhe pedindo para fazer aquilo. — John — disse ela lentamente. — Não sou alguma *femme fatale* que pode simplesmente fazer esse tipo de coisa. Na última vez, quando achei que Korum tinha descoberto tudo, fiquei totalmente desesperada.

Não fui feita para ser espiã nem nada parecido com isso. E Korum já me conhece. Se eu começar subitamente a agir de forma estranha, ele saberá imediatamente...

— Olhe, eu entendo que não será fácil. Você tem razão, não é uma agente experiente. Mas você é literalmente nossa última esperança. Os Kapas acreditam

que Korum está chegando perto de descobrir quem eles são. Ele sabe que estamos conseguindo ajuda de dentro e os Kapas acham que o conselho regente não encarará com bons olhos aqueles que são uma ameaça para os Centros aqui na Terra. Na melhor das hipóteses, eles enfrentarão uma deportação forçada para Krina e algumas punições severas ao chegarem lá. Na pior, bem...

— John — disse Mia em tom assustado, sentindo o início de uma dor de cabeça. — Eu simplesmente não posso...

— Mia, por favor, só use o anel. É tudo o que lhe pedirei que faça. Se conseguir uma oportunidade, ótimo. Se não, bem, pelo menos, nós tentamos.

— E se eu for pega usando esse dispositivo? Se Korum é tão brilhante como você diz, ele não reconhecerá a tecnologia deles a quilômetros de distância?

— Ele não tem motivo para suspeitar de você. É apenas a *caerle* dele. Ele não esperará ameaça nenhuma vinda de você. E veja só, o anel é realmente bonito. Pode dizer que foi um presente da sua irmã, se ele perguntar.

Mia olhou fixamente para o dispositivo. O pequeno círculo prateado era fino e elegante, e provavelmente não pareceria deslocado no dedo dela. Para confirmar aquela teoria, ela estendeu a mão. — Está bem, deixe-me experimentá-lo. Quero ver se ele pelo menos é do tamanho certo.

John entregou o anel a ela com um sorriso aliviado. Mia o colocou no dedo médio da mão direita. Ele coube perfeitamente. Se ela não soubesse para que servia, nunca teria achado que era qualquer coisa além de uma joia simples. Ela esperava que Korum pudesse ser enganado tão facilmente.

Com a missão cumprida, John se levantou. — Mia — disse ele —, espero que perceba que, se isso der certo, se você tiver sucesso, nossa espécie entrará em uma era completamente nova. Teremos nosso planeta de volta, bem como a nossa liberdade. E teremos muito mais conhecimento, muito mais ciência e tecnologia que não conseguiríamos por centenas, talvez milhares de anos. Você será uma heroína, seu nome será escrito nos livros de história por gerações...

Mia sentiu calafrios descendo pela espinha.

—... e não terá nada a temer dele nunca mais na vida. Garotas como a minha irmã finalmente poderão voltar para a família e levar uma vida normal de novo.

Como você poderá fazer.

Ele pintava uma imagem atraente, mas Mia não conseguia imaginar como conseguiria fazer algo parecido com aquilo. — John — disse ela. — Eu vou tentar. É tudo o que posso prometer.

— É só o que quero. — Ele colocou a mão no ombro dela e apertou-o de forma encorajadora. — Boa sorte.

Em seguida, ele foi embora, deixando Mia com o dispositivo alienígena, que deveria determinar o futuro da humanidade, repousando inofensivamente no dedo.

CAPÍTULO DEZESSEIS

J essie se juntou a Mia no parque alguns minutos depois. — Ai — disse ela —, eu odeio bioquímica. Estou feliz porque a tortura acabou.

Mia sorriu para ela. — Ninguém disse que a faculdade de medicina seria fácil.

— Sim, bem, nem todos escolhem o caminho fácil do curso de psicologia...

— Fácil? Pelo amor de Deus! Preciso entregar três trabalhos até quinta-feira e só fiz um deles até agora!

— Meu coração chora por você... de verdade...

— Ora, cale a boca — disse Mia e elas sorriram uma para a outra.

— Então, o que pretende fazer agora? Ir à biblioteca? — perguntou Jessie, torcendo o nariz.

— Não, acho que vou voltar para o apartamento de Korum. Todos os meus livros e as minhas coisas estão lá agora...

A expressão de Jessie ficou imediatamente sombria. — É claro. Eu deveria ter imaginado.

— Jessie — disse Mia em tom cansado. — Por favor, não comece uma discussão por causa disso. De uma forma ou de outra, tenho certeza de que esse

relacionamento acabará em breve...

— Mia, há alguma coisa que você não me contou? — Jessie olhava para ela desconfiada.

— Não! Só quis dizer que irei para casa, na Flórida, e que talvez ele não queira continuar comigo quando eu voltar, só isso.

— Você já conversou com ele sobre isso?

Mia balançou a cabeça negativamente. — Farei isso hoje à noite.

— Ok, boa sorte. Depois me diga como foi. — Ela fez uma pausa e acrescentou: — Ah, e por falar nisso, Edgar disse que Peter perguntou por você.

— O quê? Por quê?

Jessie deu de ombros. — Acho que ele tem tendências suicidas. Ou isso, ou ele realmente gostou de você. É meio difícil dizer, sabia?

— Ele está se sentindo melhor?

Jessie assentiu. — Ele parece bem, só tem ainda alguns hematomas.

— Bem, fico feliz. Escute, diga a Edgar que Peter deve esquecer que eu existo. Se algum dia for seguro, quando essa coisa toda com Korum acabar, entrarei em contato com ele.

Jessie prometeu que faria isso e elas conversaram mais um pouco sobre Edgar. Jessie deveria encontrá-lo naquela noite e Mia, novamente, ficou com inveja da facilidade e da simplicidade da vida da amiga.

Mia estava agora literalmente usando o destino da espécie no dedo e o fardo parecia muito mais pesado do que o círculo leve de prata seria por si só.

NAQUELA NOITE, Korum fez o jantar novamente para eles. Depois de agonizar sobre a melhor maneira de abordar o assunto dos planos para o verão, Mia decidiu ser direta. Mas, primeiro, queria ter certeza de que ele estaria de bom humor e receptivo à ideia.

Como sempre, o jantar estava delicioso. Mia consumiu com prazer outra salada feita de forma criativa — decididamente passara a adorar salada — e um crepe de vagens enroladas em algas marinhas com um molho temperado de cogumelos.

Se ela tivesse sucesso na missão, não haveria mais jantares como aquele.

Korum seria forçado a voltar para Krina se conseguisse sobreviver ao ataque aos assentamentos.

Com aquele pensamento, Mia sentiu uma estranha sensação de aperto no peito. Não queria que ele fosse morto. Podia ser o inimigo, mas não queria que ele fosse ferido de forma alguma.

Pensando furiosamente sobre aquilo, ela resolveu pedir a John que concedesse a Korum uma passagem segura, caso conseguisse colocar as mãos nos dados. É claro, até mesmo a simples ideia de ele deixar o planeta era

estranhamente dolorosa. *Sua boba, ele realmente conquistou você.*

— Um tostão por seus pensamentos — brincou Korum, parecendo notar o olhar introspectivo no rosto de Mia.

— Ahm, só estava pensando sobre todas as coisas que ainda preciso fazer antes do fim da semana, entregar todos aqueles trabalhos e começar a fazer as malas... — Mia deixou a voz morrer gradualmente. Parecera uma boa maneira de entrar no assunto que queria discutir.

— Fazer as malas? — A testa lisa dele se franziu ligeiramente.

— Sim, bem, você sabe que o semestre acabará em breve — disse Mia cuidadosamente, com o coração batendo mais forte. — Depois das provas finais, preciso voltar para casa, para a Flórida, ver os meus pais. E consegui um estágio em Orlando...

A expressão dele ficou visivelmente sombria. — E quando você pretendia me contar isso? — disse, com a voz enganadoramente calma.

Mia mastigou lentamente a última garfada de comida e engoliu. — Achei que você já soubesse de tudo sobre mim, incluindo os meus planos para o verão. —

A neutralidade no tom dela foi igual à dele, apesar da força com que o coração batia.

— A verificação que fiz sobre você há um mês, pelo jeito, não foi abrangente o suficiente — disse ele ainda perigosamente calmo.

Mia deu de ombros. — Acho que não. — Ela ficou orgulhosa da forma corajosa com a qual lidava com a discussão. Afinal de contas, talvez fosse uma espiã decente.

— Não quero que você vá — disse ele em tom baixo. Nos olhos dele, surgiu aquele tom dourado que ela agora associava com todo tipo de emoção forte.

— Korum, eu preciso ir. — Mia tentou pensar em formas de convencê-lo.

— Preciso visitar meus pais e minha irmã. Por falar nisso, ela está grávida. E

consegui um estágio realmente bom em um acampamento local, onde eu daria assistência a crianças que estão passando por momentos difíceis...

Ele olhou para ela. A falta de expressão a deixou mais assustada do que qualquer perigo direto.

— Está bem — disse ele. — Eu a levarei para ver sua família neste verão... só não na semana que vem. Não posso sair de Nova Iorque agora. E, se quiser, conseguirei um estágio para você aqui também, alguma coisa na sua área que lhe agrade.

Mia sentiu uma sensação gelada irradiando do peito e descendo até a ponta

dos dedos dos pés. Até o momento, apesar de ela saber que ele a considerava um brinquedo de prazer, o relacionamento deles tivera uma semelhança com a normalidade. Talvez ele a considerasse como um animal de estimação humano, mas ela ainda podia fingir que era namorado dela. Claro, um namorado arrogante e dominador, mas, mesmo assim, apenas um namorado. Agora aquela ilusão se despedaçara. Se ele realmente fosse tão longe a ponto de desconsiderar os planos que ela fizera para o verão com meses de antecedência, era sinal de que não tinha respeito algum pelos direitos dela como pessoa. E, provavelmente, não teria problema algum em mantê-la como *caerle* indefinidamente, até que se cansasse dela.

Ela notou que tinha os punhos firmemente cerrados sobre a mesa e forçou-se a relaxar os dedos antes de prosseguir. — E quando você terminar os negócios em Nova Iorque? — perguntou ela baixinho. — O que acontecerá então?

Ele a estudou com um olhar neutro. — Por que não cruzamos essa ponte quando chegarmos nela? — sugeriu ele gentilmente. — Talvez isso demore algum tempo.

— Não — disse Mia sem se importar com a sugestão. — Quero falar sobre isso agora. Se os seus negócios terminarem na semana que vem, o que acontecerá?

Ele não respondeu.

Mia sentiu o corpo ficando ainda mais gelado por dentro. Levantando-se da mesa lentamente, ela procurou algo para dizer. Não havia nada. Ela queria gritar e berrar, jogar alguma coisa nele, mas isso não resolveria nada. A Mia ignorante que deveria ser não veria nada de particularmente sinistro no silêncio dele. Apenas a Mia espiã saberia o que poderia acontecer com uma garota que um K considerasse como *caerle*.

Portanto, ela agiu da forma como ele esperaria que qualquer garota normal agisse quando o namorado não era razoável. — Korum — disse ela com uma expressão teimosa no rosto. — Eu vou para a Flórida nesse verão, e ponto final. A minha vida não gira somente em torno de você. Fiz esses planos vários meses antes de conhecê-lo e não posso mudar as coisas simplesmente porque você quer que eu...

— Mia — disse ele suavemente —, você *pode* mudar as coisas. E mudará.

Se tentar partir no fim da semana, eu a impedirei. Você me entendeu?

Ela entendeu. Ela o entendia perfeitamente. Mas a Mia que fingia ser não entenderia.

— O quê? Você pretende me impedir de entrar no avião? Isso é ridículo —

disse ela, apesar de as entranhas se retorcerem de medo.

— É claro — respondeu ele. — A única coisa que preciso fazer é dar um telefonema e seu nome estará em uma lista de pessoas proibidas de voar em

todos os aeroportos dos humanos.

Ela o encarou em choque. De certa forma, não esperara que ele fosse tão longe apenas para detê-la. Achou que talvez fosse prendê-la no apartamento ou algo parecido. Mas fazia perfeito sentido... Por que fazer algo tão primitivo como prendê-la fisicamente quando ele podia simplesmente exercer o poder que tinha sobre o governo dos EUA?

Ela sentiu as lágrimas acumulando-se nos olhos e impediu-as de cair com grande esforço. — Eu odeio você — disse ela, mal conseguindo falar por causa do nó que sentia na garganta. E realmente o odiava naquele momento. Se tivera alguma dúvida sobre ajudar a Resistência, ela desapareceu quando Mia olhou para a expressão dele. Ele não tinha o direito de fazer aquilo com ela, de assumir o comando da vida dela daquele jeito, e a espécie de Korum merecia tudo o que aconteceria com eles. Se Mia pudesse realmente fazer alguma diferença na luta contra os Ks, tinha a obrigação de fazê-la, mesmo que isso significasse perder a própria vida.

Ele se levantou e andou na direção dela. — Você não me odeia — disse ele com tom sedoso. — Talvez deseje me odiar, mas não me odeia... — Ele segurou o queixo dela, forçando-a a olhar para os olhos dele, que estavam praticamente amarelos. — Você é minha — disse ele baixinho — e não vai a lugar algum sem mim. Quanto mais depressa entender e aceitar isso, mais fácil será para você.

Foi nesse momento que as coisas ficaram às claras. Ele não esconderia mais as verdadeiras intenções.

Os punhos de Mia se cerraram com fúria impotente.

— Não vou aceitar coisa alguma — disse ela por entre os dentes. — Sou um ser humano. Tenho direitos. Você não pode me dar ordens desse jeito...

— É isso mesmo, Mia — disse ele no mesmo tom perigosamente suave. —

Você é um ser humano, uma criação da minha raça. Nós fizemos vocês. Se não fosse pelos krinars, a sua espécie não existiria. O seu povo inventou todo o tipo de divindade imaginária para adorar, para explicar como vocês apareceram na Terra. As coisas que fizeram em nome dos chamados deuses são simplesmente absurdas. Mas *nós* somos os verdadeiros criadores de vocês, *nós* os fizemos à nossa imagem. O único motivo pelo qual você tem os

direitos que acredita ter é porque deixamos que os tivesse. E fomos extremamente tolerantes com a sua espécie, interferindo o mínimo possível desde que viemos para o seu planeta. — Ele chegou mais perto dela. —

Portanto, se eu quiser manter uma garota humana ao meu lado, e se tiver que dar ordens a ela porque é inexperiente demais para perceber que o que temos é especial... bem, então é assim que será.

Mia mal conseguia pensar devido à fúria que lhe enevoava o cérebro.

Olhando para o rosto bonito dele, ela sentiu uma onda de ódio tão forte que o teria esfaqueado com prazer naquele momento, se tivesse uma faca por perto.

— Vá se foder — disse ela com a voz amarga, dando um passo para trás para evitar o toque dele. — Você e sua espécie deveriam voltar para o maldito lugar de onde vieram e deixar-nos em paz.

Ele sorriu ironicamente em resposta, deixando-a se afastar. — Isso não acontecerá, Mia. Estamos aqui e ficaremos aqui. É melhor se acostumar com isso.

Não, não ficariam. Ela ajudaria a garantir que isso não acontecesse.

Mas ele não sabia disso ainda e ela não disse nada. Simplesmente ficou olhando para ele em desafio.

— E, Mia — acrescentou ele gentilmente —, eu posso ser muito gentil...

ou não. Só depende de você.

— Vá se foder — disse ela furiosamente e viu os olhos dele ficarem ainda mais claros.

— Ah, isso acontecerá e você terá muito prazer. — Ele sorriu com a ideia.

Mia queria bater nele. Se ele achava que ela derreteria com um simples toque dele, estava muito enganado. A não ser que...

— Muito bem — disse ela lentamente. — Mas eu decido como as coisas serão hoje à noite. — E sorriu de volta para ele, ignorando o bater forte do coração.

Os olhos dele brilharam com interesse súbito. — Ah, é mesmo? E por quê?

— Porque é a única forma de fazer sexo comigo hoje à noite... quero dizer, voluntariamente. — O sorriso dela ficou provocante. — É claro, você pode me forçar, talvez até mesmo fazer com que eu goste. Mas eu o odiarei por isso... e, no fim das contas, você se arrependerá.

— Ok — disse ele suavemente, com o volume da calça crescendo diante dos olhos dela. — Vamos fingir que você toma as decisões... O que gostaria de fazer?

Mia umedeceu os lábios subitamente secos com a ponta da língua e viu quando ele seguiu o movimento com um olhar faminto. — Vamos para o quarto

— disse ela com voz rouca. Em seguida, passou por ele, supondo seguramente que ele a seguiria.

CAPÍTULO DEZESSETE

Eles entraram no quarto.

Mia andou até a cama e sentou-se, totalmente vestida. Ele estava prestes a fazer o mesmo, mas ela o deteve com um balançar da cabeça. —

Ainda não — murmurou e viu-o parar em resposta.

— Quero que você tire a roupa — disse ela baixinho e esperou para ver o que aconteceria.

Para surpresa e crescente excitação dela, ele fez o que Mia pediu, tirando a camiseta com um movimento suavemente controlado. Ela respirou fundo, com a visão do corpo forte seminu fazendo com que os músculos internos dela se contraíssem de desejo. Observando-a com um meio sorriso divertido, ele abriu o zíper da calça *jeans* e baixou-a até o chão, dando um passo gracioso para o lado. A ereção dele agora estava coberta apenas pela cueca e Mia se sentiu mais molhada ainda.

— Ok — disse ele em tom suave. — E agora?

O coração de Mia batia descontrolado dentro do peito. — Deite-se na cama —

disse ela, esperando que não soasse tão nervosa quanto se sentia.

Ele sorriu e obedeceu, deitando-se de costas e colocando as mãos atrás da cabeça.

Mia se levantou e começou a tirar a roupa, vendo o volume na cueca dele crescendo ainda mais enquanto ela tirava a calça jeans e desabotoava a camisa. Ainda de sutiã e calcinha, ela se sentou sobre os quadris dele.

Subitamente, ele não parecia mais estar levando as coisas na brincadeira. O

corpo inteiro de Korum ficou tenso quando ela pressionou o sexo contra a ereção dele, com apenas duas camadas de tecido no caminho.

Mia sorriu triunfalmente e colocou as mãos sobre o peito dele, sentindo os músculos poderosos sob os dedos. O jogo que encenava era incrivelmente perigoso, mas ela não conseguiu evitar a excitação devido ao controle que exercia sobre o amante normalmente dominante. Correndo as mãos pelo peito dele, Mia se inclinou para a frente e tocou no mamilo masculino com a língua, adorando a forma como o pênis saltou sobre ela com aquela ação simples.

— Dê-me as suas mãos — sussurrou ela, com os cabelos encostando de leve no peito nu. Ele estendeu as mãos, mas ela o interceptou, agarrando-lhe os pulsos. Ele ergueu as sobrancelhas surpreso, mas deixou que ela o detivesse, observando as ações dela com o olhar âmbar tenso.

Ela entrelaçou os dedos nos dele e pressionou as mãos no travesseiro acima da cabeça de Korum, apesar de as mãos pequenas não serem capaz de conter a força do krinar nem mesmo por um segundo. Os olhos dourados queimaram com lascívia, mas ele não resistiu, deixando-a segurá-lo por enquanto. Ela se aproximou e beijou o pescoço dele, que arqueou o corpo sob ela com um gemido alto. Saboreando a resposta dele, ela arranhou a área ligeiramente com os dentes, sendo recompensada com um rosnado baixo.

Erguendo-se um pouco, ela repetiu a ação no outro lado do pescoço dele. O

corpo de Korum praticamente vibrava com a tensão e ela ponderou quanto tempo mais ele permitiria que o provocasse daquele jeito. Ainda segurando-lhe as mãos, ela o beijou nos lábios, enfiando a língua devagar na boca de Korum. Ele a beijou de volta com uma agressão quase fora de controle e Mia chupou a

língua dele de leve, fazendo com arqueasse o corpo sob ela.

Deixando a boca, ela lambeu o pescoço dele novamente, concentrando-se no músculo tenso que descia até o ombro, e ele gemeu como se estivesse sentindo dor.

Adorando o poder recém-descoberto, Mia lambeu o lado do pescoço e a orelha, mordendo de leve o lóbulo. Os quadris dele se ergueram em resposta, mas o tecido das roupas íntimas estava no caminho da penetração. Ela gemeu, sentindo a calcinha encharcada quando ele esfregou a ereção contra o clitóris dela.

— Fique com os braços para cima — sussurrou ela, finalmente soltando as mãos dele.

Ele ficou e Mia notou o esforço que teve que fazer para não tocá-la ao ver gotas de suor acumulando-se na testa dele. Ela desceu pelo corpo de Korum, lambendo e beijando cada centímetro de pele até chegar ao abdômen rígido.

Os músculos tremeram em expectativa e ela sorriu excitada, apertando

gentilmente os testículos dele por cima da cueca, enquanto os lábios seguiam a trilha escura de pelos que desapareciam sob a roupa. Ele gemeu, dizendo o nome dela com voz rouca, e Mia colocou os dedos na cintura da cueca, puxando-a lentamente para baixo. Quando ele ergueu os quadris para ajudá-la, o pênis subiu, rígido e com a cabeça brilhante.

Mia engoliu em seco devido ao nervosismo e à excitação, imaginando o que aconteceria se ele perdesse o controle. Se ela conseguisse enlouquecê-lo da mesma forma como ele a fazia sentir.

Segurando o pênis com uma mão, ela abaixou a cabeça e lentamente lambeu a parte de baixo dos testículos, que estavam firmemente contraídos contra o corpo com excitação extrema. Ele gemeu, arqueando o corpo, e o pênis saltou na mão dela. Ela o largou e usou as duas mãos para segurar os testículos. Ao mesmo tempo, colocou os lábios em volta da cabeça do pênis e moveu-se para colocá-lo dentro da boca, parando apenas quando ele chegou à garganta. Ela sentiu o gosto salgado e os músculos internos se contraíram de excitação. Com o corpo vibrando devido à tensão, ele soltou um grunhido baixo, erguendo os quadris em uma exigência silenciosa para colocar o pênis mais fundo na boca de Mia. Mas ela resistiu, movendo os lábios para cima e para baixo em um ritmo torturante.

Naquele momento, ele perdeu o controle.

Antes mesmo que ela percebesse o que estava acontecendo, ele a jogara de costas, rasgara a calcinha e introduzira o pênis em uma investida rápida. Mia gritou em choque, enterrando as unhas nos braços dele quando ele a penetrou até o fundo, sem dar a ela tempo algum para se ajustar ao tamanho dele. Ela estava completamente molhada, mas não importava, e os músculos internos tremeram em uma tentativa desesperada de acomodar a invasão. Houve dor, mas também prazer, quando os quadris dele bateram contra ela em um ritmo impiedoso. Ela gritou — de agonia, de êxtase, não sabia direito o motivo — e sentiu-o inchar ainda mais, tornando-se impossivelmente mais duro e grosso.

Um segundo depois, ele gozou, jogando a cabeça para trás com um grito e pressionando os quadris contra ela. Mia gritou frustrada, com o próprio orgasmo a poucos segundos da explosão. Ele enterrou os dentes no ombro dela e o mundo inteiro explodiu com a onda súbita de êxtase aquecido correndo pelas veias.

Como sempre, aquilo não foi suficiente para ele. O gosto do sangue de Mia o deixou frenético e o pênis enrijeceu novamente dentro dela antes mesmo que as pulsações diminuíssem. Mia não conseguia mais pensar, com a droga da

saliva dele transformando-lhe o corpo em um puro instrumento de prazer, a pele insuportavelmente sensível e as entranhas queimando de desejo líquido.

Ele a penetrou de forma implacável e ela gritou com a tensão excruciante até chegar ao clímax, uma vez após a outra, em uma cascata sem fim de picos e vales de orgasmos. A noite se transformou em uma maratona incansável de sexo e sangue.

Finalmente exausta perto do amanhecer, Mia dormiu, com o corpo ainda unido ao dele e a mente totalmente vazia.

MIA ACORDOU NO dia seguinte ao sentir uma mão brincando gentilmente com os cabelos dela.

Surpresa, ela abriu um pouco os olhos e viu Korum sentado na beirada da cama, parecendo estranhamente preocupado.

— O q-que você está fazendo aqui? — resmungou ela sonolenta, piscando em uma tentativa de focalizar o olhar.

— Como está se sentindo? — perguntou ele baixinho, tirando um cacho de cabelos que caíra sobre o olho dela.

— Ahm... — Mia tentou pensar. Mexendo-se um pouco, ela notou vários lugares doloridos, bem como uma dor extrema entre as coxas.

Obviamente não satisfeito com a resposta dela, Korum puxou a coberta, expondo o corpo nu. Com a mente ainda embaralhada, Mia seguiu o olhar dele, que estudou lentamente os hematomas leves que cobriam-lhe os seios e o torso, muitos no formato de dedos.

O rosto dele ficou sombrio por causa da culpa e ele soltou um grunhido. —

Mia, eu sinto muito por isso... Nunca deveria ter deixado você agir daquele jeito na noite passada. Eu normalmente consigo me controlar, pois sei o quanto você é pequena e frágil. Mas perdi completamente a cabeça na noite passada...

Não queria machucá-la desse jeito... Por favor, acredite em mim...

Mia assentiu, ainda tentando entender o que acontecera. A única coisa de que conseguia se lembrar era do sexo selvagem, misturado com a onda de êxtase provocada pela mordida dele.

Ele acariciou gentilmente a pele macia do ombro dela. — Eu realmente sinto muito por isso tudo — murmurou ele. — Você é tão delicada... Eu nunca deveria ter perdido o controle daquele jeito. Farei com que você se sinta melhor, prometo...

Os eventos da noite anterior lentamente voltaram à lembrança de Mia. A mão dela se fechou em um punho ao se lembrar do que a levara a provocá-lo daquela forma e a sensação do anel no dedo foi reconfortante.

Ela podia estar dolorida naquela manhã, mas também tinha esperanças de que o pequeno dispositivo tivesse funcionado como prometido. Não havia garantia alguma, é claro, mas a proximidade do dedo dela com a palma da mão de Korum na noite anterior deveria ter sido suficiente para acessar os projetos necessários. Agora, só precisava entregar o anel a John e, para isso, precisava que Korum a deixasse em paz.

— Não tem problema — resmungou ela, tentando pensar em algo apropriado

para dizer. Ele estava obviamente sentindo-se culpado por ter deixado alguns hematomas no corpo dela. Ela achava aquilo uma atitude hipócrita, essa preocupação extrema com o bem-estar físico dela, já que claramente não tinha problema algum em causar dores emocionais ao virar a vida inteira de Mia de cabeça para baixo. Por outro lado, as dores físicas poderiam interferir com a vida sexual deles e ele provavelmente não queria que isso acontecesse.

— Vou buscar uma coisa para você, ok? — disse ele e desapareceu do quarto com velocidade inumana.

Mia enterrou a cabeça no travesseiro enquanto esperava o retorno dele, pensando desesperadamente em uma maneira de levar as informações depressa para John. Ela ainda precisava fazer os trabalhos da universidade e talvez pudesse dizer a Korum que precisava buscar alguns livros na biblioteca.

Ele voltou um minuto depois, carregando o dispositivo familiar com que a

"brilhara" e mais alguma coisa que ela nunca vira antes. O segundo objeto parecia um estojo de batom, mas era feito de um material estranho.

— Ahm, eu estou bem, de verdade. Não há necessidade alguma de usar isso — disse Mia rapidamente, sem querer que ele colocasse nenhum outro dispositivo de rastreamento nela. Como não sabia do que se tratava, o próximo lote de nanotecnologia no corpo dela poderia muito bem transmitir todos os seus pensamentos para ele. E, com certeza, Mia não queria que isso acontecesse.

— Há necessidade, sim — disse ele, obviamente surpreso com a relutância dela. — Você está machucada e posso curá-la. Por que não?

Realmente, por que não? Ela não tinha uma boa resposta e continuar protestando poderia deixá-lo desconfiado. Ser pega tão perto do fim da missão

seria uma burrice e, afinal de contas, ela já tinha os dispositivos de rastreamento inseridos na palma das mãos. Que diferença fariam mais alguns?

Portanto, ela deu de ombros em resposta, deixando-o fazer o que queria.

Ele ativou o dispositivo de "brilho" e passou a luz vermelha morna sobre os hematomas. Vendo aquilo funcionar pela segunda vez ainda foi algo incrível, com as marcas na pele desaparecendo como se nunca tivessem existido. Ele foi

muito metódico, inspecionando cada centímetro da pele de Mia e ela corou ao ver o corpo nu receber tanta atenção em plena luz do dia.

Quando terminou, ele pegou o dispositivo em formato de tubo e aproximou-o das coxas dela.

— O que você vai fazer com isso? — perguntou ela, olhando para o objeto com desconfiança. Havia apenas um lugar no corpo dela que ainda não fora curado e a luz vermelha do dispositivo não conseguia alcançá-lo. Ela esperava que o pequeno tubo não fosse colocado onde parecia que seria.

Korum suspirou e disse: — É algo que usamos para ferimentos internos profundos. Quando é preciso curar vários órgãos antes que seja possível curar a camada externa da pele. Eu sei que é um exagero para o que você tem, mas é a única coisa que tenho no apartamento que pode alcançar os ferimentos internos e ajudá-la com a dor.

Então ele seria colocado lá dentro. Mia corou ainda mais. A coisa tinha o tamanho aproximado de um tampão e a ideia de ter um dispositivo médico como aquele inserido em plena luz do dia era constrangedora.

— É sério? — perguntou ele incrédulo. — Depois da noite passada, você fica corada com isso?

Mia se recusou a olhar para ele. — Termine logo com isso — resmungou ela, deitando-se novamente e escondendo o rosto no travesseiro.

Ele deu uma risada suave e fez o que ela pediu, deslizando o pequeno dispositivo para dentro da abertura inchada e dolorida. Ele entrou com facilidade e Mia não sentiu nada por alguns segundos, até que começou o formigamento.

— Ele dá uma sensação estranha — reclamou ela, ainda escondida no travesseiro.

— E deveria. Isso significa que está funcionando.

O formigamento continuou por alguns minutos e parou. Ela não sentia mais dor, o que era bom, mas a sensação de ter o objeto estranho dentro dela era desconcertante.

— Já deve ter terminado — disse Korum, colocando os dedos longos

dentro dela e retirando o tubo. — É isso aí, terminou. Você pode parar de se esconder agora.

— Ok, obrigada — murmurou Mia, ainda recusando-se a olhar nos olhos dele. — Acho que vou tomar um banho agora.

Ele riu e beijou o ombro exposto dela. — Vá em frente. Tenho que resolver algumas coisa e ficarei fora o dia inteiro. O jantar provavelmente será tarde, portanto, coma um almoço reforçado.

Em seguida, ele saiu do quarto, finalmente deixando Mia sozinha para continuar com o restante do plano.

CAPÍTULO DEZOITO

A ssim que Korum saiu, Mia entrou em ação, com o coração batendo forte pela magnitude do que estava prestes a fazer.

Antes de entrar no banho, ela mandou um rápido *e-mail* para Jessie, dizendo "Olá" e avisando que iria ao apartamento mais tarde para saber como fora a prova final de anatomia da amiga. Com sorte, John veria o *e-mail* e entraria em contato com Mia rapidamente. Já passava do meio-dia. Devido à exaustão completa, Mia dormira até muito mais tarde do que planejara e havia muito a fazer antes que escurecesse.

Korum, sempre atencioso, deixara um sanduíche para que ela almoçasse e Mia o devorou com gratidão antes de se encaminhar para a porta. Quando Korum fazia coisas como aquela, pequenos gestos de consideração, Mia quase acreditava que ele realmente se importava com ela e sentia uma onda indesejada de culpa por trair a confiança dele. Mesmo hoje, depois de tudo o que acontecera na noite anterior, a ideia de que ele pudesse ser ferido a deixava enjoada. Era ridículo, claro. Ele provavelmente ficaria bem e, mesmo se não ficasse, era culpa dele por ter invadido a Terra e tentado escravizar a espécie dela. Ainda assim, ela preferia muito mais vê-lo deportado em segurança de volta para Krina. Assim, poderia retomar a vida normal sabendo que ele estava a milhares de anos-luz de distância e nunca a incomodaria novamente.

Pelo menos, foi o que disse a si mesma.

Bem no fundo, uma parte tolamente romântica dela queria chorar ao pensar em nunca mais ver Korum, nunca mais sentir o toque dele nem ouvi-lo rindo, nunca mais ver aquela covinha que deixava a bochecha esquerda tão linda. Ele

era inimigo dela, mas também era seu amante, e, apesar de tudo, ela se apegara a Korum. O prazer que ele lhe dava ia além do sexo. Só de estar com ele, Mia se sentia excitada, viva e, quando conseguia esquecer a natureza exata do relacionamento que mantinham, estranhamente feliz.

Ela não conseguia imaginar fazer sexo com outra pessoa depois de fazer amor com Korum. Seria como comer serragem pelo resto da vida depois de experimentar ambrosia pela primeira vez. Fazia perfeito sentido que ele fosse um excelente amante, é claro. Além da química especial que ele dissera que tinham juntos, Korum também tinha milhares de anos idade e tivera tempo suficiente para aprender exatamente como dar prazer a uma mulher. Como um humano poderia se comparar a isso? E ela nem mesmo queria pensar sobre como ele a fazia sentir quando bebia o sangue dela. Ela não tinha certeza se isso era saudável, sentir um prazer tão intenso, mas a ideia de que isso nunca mais acontecesse era quase mais do que poderia aguentar.

Pela primeira vez, ela ponderou sobre os xenófilos sobre os quais ouvira falar. Os motivos daquelas pessoas, que supostamente faziam anúncios on-line com o objetivo de ter relações sexuais com os krinars, sempre fora um mistério para ela. Mas agora ponderava se talvez eram realmente viciados...

se sentiram o gosto do paraíso e sabiam que tudo o mais seria pálido em comparação. Korum advertira que o vício era uma possibilidade para os dois se ele bebesse o sangue dela com muita frequência. Mia estremeceu com a ideia. Era a última coisa de que precisava, desenvolver de verdade uma necessidade física dele. Era suficiente que provavelmente sentisse a falta dele com cada fibra do corpo quando ele finalmente desaparecesse da vida dela. A última coisa de que precisava era sentir falta de um estado alucinógeno que só conseguia com ele.

Não havia outra alternativa para ela, precisava concluir a missão. O

relacionamento deles estava fadado a terminar, era só uma questão de tempo.

Mesmo se estivesse disposta a aguentar a natureza autocrática dele, ou mesmo se fosse tão longe a ponto de aceitar ser *caerle* dele, Korum se cansaria dela em

poucos anos. Depois disso, ficaria sozinha, com o coração partido e destruída pela deserção dele.

Não, ela precisava fazer isso. Não havia outra forma. Ela não poderia viver consigo mesma sabendo que tivera a oportunidade de fazer alguma coisa real no curso da história humana e falhado por causa da fraqueza por um K em particular, por alguém que não a considerava nada além de um brinquedo.

Chegando ao apartamento, Mia ficou surpresa ao ver que John já estava lá,

bem como Jessie e Edgar, com quem, pelo jeito, a amiga estava saindo.

Assim que ela entrou pela porta, John perguntou se poderiam conversar em particular. Mia assentiu e levou-o para o quarto, fechando a porta atrás de si.

Antes que porta estivesse completamente fechada, Mia ouviu Edgar perguntar a Jessie se a amiga também estava saindo com John, mas não conseguiu ouvir a resposta.

— ACHO QUE CONSEGUI — disse Mia sem preâmbulos.

O rosto de John se iluminou. — Conseguiu? Isso é ótimo! Como conseguiu tão depressa? — Vendo o rosto dela ficar vermelho, ele disse apressado: —

Deixe para lá, isso não é importante.

Mia deu de ombros e tirou o anel do dedo. A pele ficou com uma pequena marca. Ela esperava sinceramente que Korum não fosse muito observador em se tratando de joias femininas. Caso contrário, poderia se perguntar por que ela usara aquele anel uma vez e nunca mais.

— Preciso que me prometa uma coisa — disse Mia lentamente, ainda segurando o anel.

— O quê?

— Prometa-me que Korum não será ferido em seja lá o que for que estão planejando fazer.

John hesitou e Mia semicerrou os olhos. — Prometa-me, John. Você me deve

isso.

— Por quê? Ele não merece...

— Não importa o que ele merece ou não merece. Essa é minha condição para ajudar vocês. Korum deve ter passagem segura para casa.

John olhou para ela e suspirou pesadamente. — Está bem, Mia, se é o que realmente deseja. Nós garantiremos que ele seja deportado em segurança.

Mia assentiu e entregou o anel a ele. — E agora? — perguntou ela. —

Quanto tempo você acha que levará para que os Kapas façam alguma coisa com essas informações?

Ele sorriu para ela, parecendo um garoto na noite de natal. — Eles terão que ver as informações para ter certeza de que não são mais complicadas do que pensam. Mas, se estiverem certos... talvez aconteça um ataque em questão de dias.

Dias? Era muito mais depressa do que Mia achara possível.

— Não levará algum tempo para que eles façam... bem, façam o que está

nesses diagramas? — perguntou ela em tom hesitante.

Ele balançou a cabeça negativamente. — Não, não demora muito tempo.

Lembra-se do que eu lhe disse sobre como eles fabricam tudo usando nanotecnologia e que podem fazer as coisas quase instantaneamente se tiverem o projeto certo?

Mia se lembrava vagamente de algo em relação àquilo e assentiu.

— Bem, agora eles terão os diagramas e já têm a tecnologia para criar esses projetos. Só precisam levar essa tecnologia para um local seguro fora dos assentamentos para que possam fabricar as armas necessárias para penetrar os escudos dos Centros dos Ks. Quando os escudos forem desativados, as forças humanas estarão prontas.

Forças?

— O governo está envolvido nisso? — perguntou Mia com surpresa.

John hesitou. — Não exatamente. Mas há aqueles dentro do governo que acreditam que foi errado assinar o Tratado de Coexistência e permitir que eles construíssem os assentamentos. Esses indivíduos são simpáticos à nossa causa e têm a capacidade de nos dar reforços. Alguns deles são pessoas nos altos escalões do exército e da marinha, bem como dentro da CIA e outras agências equivalentes no mundo inteiro.

Mia olhou para ele em choque. Ela não percebera o escopo completo do movimento anti-K. Por algum motivo, ela o vira como algumas centenas de indivíduos suicidas dentro da Resistência, ou aqueles como John, que tinham um problema pessoal com os Ks, ajudados por alguns alienígenas simpatizantes dos humanos. Mas fazia sentido, é claro, que os combatentes da liberdade não conseguissem chegar tão longe e obtido a assistência dos Kapas se não tivessem pelo menos uma chance decente de sucesso.

— Uau — disse ela baixinho. — Então realmente está acontecendo?

Vamos chutá-los para fora do nosso planeta?

John assentiu com animação mal contida. — Está acontecendo, Mia. Se as informações nesse anel forem tão boas quanto esperamos que sejam, veremos a libertação da Terra em uma semana, no máximo duas.

Aquilo era loucura. Mia tentou imaginar o que aconteceria quando os Ks descobrissem que estavam sendo atacados. Ela se lembrou dos dias do Grande Pânico e estremeceu.

— John — disse ela lentamente —, eles realmente iriam embora sem uma luta grande? Você sabe o que aconteceu antes... quanto dano conseguem causar até mesmo com as mãos nuas...

— Isso é verdade — concordou John. — Eles decididamente podem lutar e talvez a situação fique bem sangrenta nos dois lados. É por isso que as informações que você conseguiu para nós são tão essenciais. Veja bem, se os Kapas estiverem certos, esses diagramas também contêm o projeto para uma das armas mais avançadas deles. Quando os escudos estiverem desativados e mostrarmos aos Ks que temos essa arma, seria suicídio se eles não se rendessem. Porque, se eles lutarem, nós *vamos* usá-la e todos os Ks nas colônias deles

seriam transformados em pó.

— Transformados em pó? Que tipo de arma consegue fazer isso? —

perguntou Mia horrorizada.

— É a nanotecnologia aplicada às armas em grande escala. Ela pode ser programada com restrições muito específicas e podemos configurá-la para somente destruir Ks em um certo raio e poupar os humanos que possam estar na área no mesmo instante.

Mia arregalou os olhos e John continuou: — É claro, ainda esperamos que alguns Ks tentem escapar das colônias quando descobrirem sobre o ataque.

Portanto, teremos nossos combatentes estacionados à toda volta para capturá-

los e contê-los. E isso pode se transformar em um banho de sangue. Talvez acabemos perdendo muitas pessoas, mas temos uma chance muito real de vencer.

Mia engoliu em seco, sentindo-se nauseada com a ideia de um banho de sangue. Ela não sabia como lidaria com a responsabilidade de saber que algo que fizera resultara em "perder muitas pessoas" ou na exterminação de milhares de seres inteligentes.

Mas não havia mais opção, não que alguma vez houvera para ela. Desde que colocara os olhos em Korum no parque, o destino dela fora decidido. A única opção que tivera fora a de aceitar docilmente ser *caerle* dele ou lutar, e ela escolhera lutar. E, agora, aquela decisão poderia resultar na perda de muitas vidas, tanto de humanos quanto de krinars.

Amargamente, ela desejou não ter ido ao parque naquele dia, desejou nunca ter descoberto o que acontecia nos Centros dos Ks. Se, de alguma forma, pudesse voltar no tempo e retornar à vida comum que tivera antes, sem saber praticamente nada sobre os Ks, faria isso com prazer e deixaria a libertação da Terra nas mãos de alguém melhor equipado para lidar com as consequências. Mas ela sabia e aquele fardo parecia insuportavelmente pesado quando ela olhou para o rosto brilhante de John e imaginou a batalha sangrenta que aconteceria.

— Mia — disse John, parecendo sentir o desespero dela. — Por favor, não se

esqueça: *eles* vieram para o nosso planeta, *eles* impuseram as regras deles a nós, e mataram milhares de pessoas quando fizeram isso, até que não tivéssemos outra opção que não nos rendermos. Você se lembra de como foi durante o Grande Pânico?

Mia assentiu, pensando no caos aterrorizante e nas lutas de rua sangrentas daqueles meses sombrios.

Satisfeito, John prosseguiu: — Eu sei que a única exposição que você teve a eles foi por meio de Korum e ele provavelmente a tratou muito bem até agora... porque pensa em você como o animal de estimação favorito dele no momento. Mas eles não são nem um pouco gentis. Eles são predadores por natureza. Evoluíram como parasitas, como vampiros, sustentando-se ao consumir o sangue de outras espécies. Na verdade, eles desenvolveram os humanos com essa finalidade, para satisfazer as próprias necessidades perversas conosco...

Aquilo não fora exatamente o que Korum lhe dissera, mas ela não pretendia discutir aquele ponto no momento.

—... e eles não têm consideração alguma por nossos direitos. A maioria deles nos vê como inferiores e não hesitariam em nos escravizar completamente se isso servisse aos propósitos deles.

— Eu sei — disse Mia, esfregando as têmporas para se livrar da tensão.

— Eu sei disso tudo. É por isso que estou ajudando vocês, John. Eu só queria que houvesse outra forma... alguma forma de fazermos com que eles fossem embora sem derramar uma única gota de sangue.

— Eu também queria que houvesse — disse John, suspirando pesadamente. — Mas não há. Eles invadiram nosso planeta à força e agora nós o tomaremos de volta da mesma forma. E, se for preciso perder algumas vidas para fazer isso, bem, só podemos torcer para que não sejam muitas no nosso lado. É uma guerra, Mia. A verdadeira *Guerra dos Mundos*.

JOHN FOI EMBORA e Mia se sentou na cama para digerir tudo o que fora conversado.

Como ela, uma aluna universitária comum, conseguira se envolver em uma guerra? Espionar era algo que ela sempre associara a agentes secretos

glamorosos, homens e mulheres que receberam treinamento extenso sobre tudo, de artes marciais a como desarmar uma bomba. Uma estudante de

psicologia da Universidade de Nova Iorque simplesmente não se encaixava naquele perfil. Ainda assim, lá estava ela, supostamente auxiliando a Resistência na luta mais importante contra os Ks.

Uma ideia aterrorizante passou pela cabeça dela. Quando Korum descobrisse o que estava acontecendo, que os assentamentos dos Ks estavam sendo atacados, será que perceberia que ela era a responsável? Será que ele faria a conexão entre os diagramas cuidadosamente guardados e a garota humana com quem dormia todas as noites? Porque, se fizesse, e ainda estivesse em Nova Iorque quando isso acontecesse, provavelmente os dias dela também estavam contados.

Uma batida de leve na porta interrompeu os pensamentos sombrios dela.

— Pode entrar! — gritou ela, aliviada por ter uma distração daquela linha de raciocínio.

Para sua surpresa e angústia, não era Jessie. Em vez dela, Peter estava parado na porta do quarto, com os cabelos loiros ondulados e os olhos azuis parecendo ainda mais angelicais na luz clara do dia. Ainda havia marcas pretas e azuladas na garganta dele.

— Peter! — exclamou ela. — O que está fazendo aqui?

— Vim aqui para ver você — disse ele. — Sua amiga disse a Edgar que você viria para casa hoje e eu queria ter certeza de que estava bem depois de tudo o que aconteceu naquela noite...

— Ah, meu Deus, Peter, isso é muito gentil da sua parte — disse Mia, tentando desesperadamente pensar na maneira mais rápida de se livrar dele.

Ela sabia muito bem que Korum não ficaria nada contente de saber que Peter estava perto dela naquele momento, ainda mais dentro do quarto. Ele provavelmente não descobriria, mas ela não pretendia se arriscar. Fora suficiente quase ter provocado a morte de Peter naquela boate.

Peter olhava para ela com uma expressão preocupada. — O que aconteceu naquela noite, Mia? Aquele monstro a machucou de alguma forma?

— Não, é claro que não — ela tentou assegurá-lo. — Ele só ficou com ciúmes. Nunca esperei que ele reagisse daquele jeito, acredite. Eu realmente sinto muito por tudo o que aconteceu. Eu nunca deveria ter dançado com você naquela noite. Você se machucou por minha causa...

Ele fez um gesto com a mão, descartando a ideia. — Não foi nada demais.

Uma vez, apanhei no colégio porque o capitão do time achou que eu estava flertando com a namorada dele. Acredite, isso não foi nada em comparação.

— Ele sorriu para ela, um sorriso extremamente contagiante.

Ela deu um sorriso leve. Era bom saber que ele não guardava rancor. Mas Peter ainda precisava ir embora, para a própria segurança.

— Ouça, Peter, agradeço muito ter vindo me ver — disse ela. — Foi realmente gentil da sua parte. Mas sabemos agora que o meu namorado não gosta muito da ideia de sermos amigos. E, de verdade, seria melhor se ele não descobrisse que você veio aqui...

— Mia — disse Peter em tom sério, apagando completamente o sorriso.

— Você está mesmo namorando aquela criatura? Nunca achei que você fosse uma xenófila...

— Não estou!

— Você não é krinariana, é?

— É claro que não! Não sou nem um pouco religiosa!

— Então por que está saindo com ele?

Mia suspirou. — Olhe, Peter, isso realmente não é da sua conta. Ele é meu namorado, isso é tudo de que precisa saber. Eu lamento não ter lhe dito isso quando nos conhecemos. Eu só estava me divertindo saindo com a minha amiga. Não pretendia, de forma alguma, dar uma ideia errada a você...

— Isso é um monte de asneiras — disse Peter veementemente. — Um namorado é um humano, não um alienígena cruel que arrasta você para fora da boate

daquele jeito. — Ele parou por um segundo e perguntou baixinho: —

Mia, ele está forçando você a ficar ao lado dele?

— O quê? Por que você acharia isso? — Mia o encarou, tentando imaginar por que ele perguntaria algo como aquilo.

Ele olhou para ela com as sobrancelhas franzidas. — É só que você não parece o tipo que procuraria um desses monstros.

— E que tipo é esse? — perguntou Mia, realmente curiosa e querendo ouvir a resposta.

Ele mexeu na orelha frustrado. — Bem, muitas pessoas no setor de entretenimento, na verdade... modelos, atrizes, cantoras. Elas ficam entediadas e procuram algo para apimentar a vida... Elas são superficiais e muitas delas são burras. Tudo o que enxergam são rostos bonitos, e não o mal que há por trás deles...

— O mal? — perguntou ela, surpresa por ele ter sentimentos tão intensos sobre os krinars. Antes dos encontros próximos que tivera com Korum, ela não tivera exposição alguma aos invasores nem uma opinião real sobre eles.

Talvez Peter fosse religioso e acreditasse na alegação de que os Ks eram demônios.

Ele deu um sorriso amarelo. — Eu vi pessoas desaparecerem, Mia, ao se envolverem com essas criaturas. Ou então realmente acabaram destruídas no final. Não é natural para nós estarmos com a raça deles. Nunca termina bem...

Mia respirou fundo e disse em tom firme: — Olhe, Peter, eu agradeço a preocupação, mas ela realmente não é necessária nesse caso. Eu sei o que estou fazendo. Não sou superficial nem burra...

— Eu não disse que você era — protestou Peter.

— E realmente não aprecio você insinuando coisas sobre o meu relacionamento. Estou com Korum porque quero e não há mais nada além disso.

Ela esperava sinceramente que aquilo fosse o suficiente para que Peter fosse

embora. A última coisa de que ela precisava era um príncipe encantado cheio de conversa tentando salvá-la do monstro maligno. Um príncipe encantado que, com certeza, acabaria morto antes do fim. Talvez mais tarde, se ela sobrevivesse às duas semanas seguintes, pedisse desculpas a Peter por ser tão dura. Ela gostava dele e seria agradável ser amiga dele, particularmente se a vida dela algum dia voltasse ao normal.

Ele parecia um pouco magoado. — É claro, sinto muito, não pretendia insinuar nada. Obviamente, você pode ficar com quem quiser. Só queria ter certeza de que você estava bem, mais nada.

Mia assentiu e deu um sorriso fraco. — Eu entendo. Obrigada novamente por ter vindo aqui. — Colocando a mão dentro da mochila, ela retirou o *notebook* e alguns livros.

Peter imediatamente entendeu a indireta. — Claro. Vejo você por aí, ok?

— disse ele e saiu do quarto. Mia o ouviu falando com Jessie e Edgar por um minuto e depois sair, fechando a porta com força atrás de si.

Mia deitou na cama aliviada. Como era possível que um garoto bonito, com que ela realmente tinha uma conexão decente, aparecera em um momento tão errado da vida dela? Se ela o tivesse conhecido dois meses antes, sem dúvida teria ficado extasiada por receber toda aquela atenção dele. Mas agora era tarde demais.

Como aquelas pessoas que ele conhecia, ela provavelmente acabaria destruída no final. Ou morta nas mãos do amante alienígena.

CAPÍTULO DEZENOVE

L ogo depois que Peter saiu, Edgar também foi embora. Mia ouviu beijos e risadas perto da porta e, depois, houve silêncio. Quase imediatamente depois, Jessie entrou no quarto.

— Então — disse Mia, sorrindo para a amiga —, suponho que as coisas estão indo bem com Edgar.

Jessie abriu um sorriso largo. — Estão indo *muito* bem. Ele é tão gentil, tão divertido, tão bonito...

Mia riu e disse: — Fico feliz por você. Merece um cara legal como esse.

— Isso é verdade — disse Jessie sem qualquer falsa modéstia, ainda sorrindo. Em seguida, a expressão dela ficou abruptamente séria. — E você também, Mia...

Hmmm, pensou Mia. Lá vinha o sermão.

—... e, claramente, não foi o que conseguiu.

— Jessie, por favor, achei que esse assunto já estivesse morto...

— Morto? Eu gostaria de ver um certo K morto! — Jessie respirou fundo, claramente furiosa por Mia. — Peter é um cara tão legal e parece gostar muito de você. Ele veio até aqui desse jeito depois de tudo o que aconteceu... e você está presa àquele monstro!

Mia esfregou a nuca tentando liberar um pouco da tensão. — Jessie, por favor, pare de se preocupar com o meu relacionamento... tudo será resolvido no devido tempo.

— Falando em resolver as coisas, você falou com ele sobre as férias de verão?

Mia mordeu o lábio. Ela odiava mentir para Jessie e queria muito

conversar com alguém sobre toda aquela confusão enlouquecedora. Se John estivesse certo sobre o tempo que os Kapas precisavam, a viagem dela à Flórida só seria adiada, e por poucos dias. É claro, supondo que ela ainda estivesse viva quando essa hora chegasse. Mia decidiu por uma versão ligeiramente editada da verdade.

— Sim, falei — disse ela lentamente.

— E?

— E concordamos que eu irei mais tarde e que farei um estágio aqui em Nova Iorque, não em Orlando.

Jessie olhou para ela em choque. — Que estágio?

— Não sei ainda. Korum prometeu encontrar alguma coisa na minha área.

— Ah, meu Deus, ele não quer deixar você ir, não é? — Jessie parecia completamente horrorizada.

— Não exatamente — admitiu Mia. — Mas ele disse que iremos juntos para a Flórida quando os negócios dele em Nova Iorque estiverem concluídos.

— Juntos? O quê, ele vai conhecer a sua família? — A expressão no rosto de Jessie era de incredulidade total.

— Eu não faço a menor ideia — disse Mia, e realmente não fazia. Não tivera a oportunidade de pensar no assunto, com tudo o que acontecera. Mas não conseguia imaginar a família dela, completamente normal, interagindo calmamente com o amante alienígena dela. — Não chegamos ao ponto de discutir os detalhes...

— Aquele imbecil! Não acredito que ele esteja fazendo isso com você!

Não é de surpreender que esteja ajudando a Resistência, você provavelmente o odeia.

Mia não acreditou no que acabara de ouvir. — O quê? O que você acabou de dizer?

— Ora, vamos, Mia — disse Jessie calmamente. — Não sou nenhuma idiota. Consigo ligar as coisas. John estava aqui no apartamento esperando você antes mesmo que chegasse. Claramente, ele sabia que você viria. Está se comunicando com eles, não é?

Mas que droga. Mia se esquecera de como a amiga bonita e esfuziante podia ser astuta de vez em quando. Negar por mais tempo seria inútil, mas Jessie não podia saber da extensão do envolvimento de Mia. Seria perigoso demais para as duas.

Mia lhe lançou um olhar penetrante. — Jessie, escute bem, nunca mais diga algo parecido com isso. E nunca, nunca fale sobre isso com ninguém, nem

mesmo com Edgar. Promete?

Jessie assentiu, estreitando os olhos. — Eu nunca diria nada. Quando Edgar me perguntou se você e John estavam saindo juntos, eu disse apenas que ele era um antigo amigo da sua família.

— Que bom — disse Mia com alívio. Em seguida, acrescentou: — Olhe, não estou fazendo nenhuma loucura, prometo. John só me pediu para ficar de olho nas atividades de Korum e informar a ele de vez em quando. Foi só isso que eu fiz hoje. Korum se encontrou com dois outros Ks recentemente e eu só queria contar isso a John. Mas ele já sabia, então não foi nada de importante.

— Mia não fazia ideia de onde aprendera a mentir com tanta facilidade.

— Não foi nada de importante? Mia... você está lidando com um extraterrestre que não tem a menor consideração com a vida humana. Você viu o que ele fez com Peter e aquilo foi apenas por dançar com você! Se ele a pegar espionando, com certeza a matará! É claro que é uma coisa importante!

— Jessie soltou um suspiro frustrado.

Não havia nada que Mia pudesse dizer para refutar aquilo e apenas deu de ombros.

— E é tudo culpa minha por ter falado sobre você para Jason! Não acredito que aqueles idiotas resolveram usá-la desse jeito.

Mia esfregou a nuca novamente. — Eles só viram uma oportunidade e decidiram usá-la. Não muda muito a minha situação. Ainda estou com Korum, espionando ou não. Então, não faz mal algum tentar ajudar, entende?

Jessie deu a ela um olhar frustrado. — Não acredito que essa merda toda esteja acontecendo com você. É a pessoa mais certinha que conheço... e acabou dormindo com um K e espionando-o.

Mia suspirou. — Eu sei. Estou tão fodida, Jessie, e não apenas no bom sentido.

Um sorriso de leve surgiu no rosto de Jessie e ela balançou a cabeça de forma reprovadora. — Mia...

Mia riu. — Eu sei, eu sei, isso foi ruim.

— Não é do calibre de James Bond, isso é certo. — E Jessie sorriu de volta.

NAQUELA NOITE, Korum chegou em casa por volta das oito horas. Mia já estava no apartamento dele e escrevia freneticamente o trabalho da faculdade.

Ele entrou no estúdio dela e aproximou-se para beijá-la. — Olá, parece que alguém está trabalhando duro — brincou ele, encostando os lábios de leve no rosto dela.

Mia franziu a testa ligeiramente. — Sim, preciso terminar esse trabalho hoje à noite. Tenho esse e o trabalho de psicologia infantil para quinta-feira e não terminei nenhum dos dois ainda.

— Parece horrível — disse Korum, com a ligeira curva dos lábios denunciando a diversão.

— E é! — disse Mia, franzindo a testa ainda mais. Será que ele não via que estava estressada? Ele não precisava rir apenas porque as preocupações dela pareciam pequenas.

— Quer alguma ajuda com o trabalho? — perguntou ele, fazendo com que Mia lhe lançasse um olhar incrédulo.

— Ajuda com os meus trabalhos? — perguntou ela. Será que ele estava falando sério?

— Não é com eles que você está se estressando? — Ele não parecia estar brincando.

— Ahm... — Mia ficou sem palavras. Finalmente encontrando a voz, ela balbuciou: — Não é preciso, obrigada... eu consigo fazer sozinha.

Engolindo um sorriso, ela se imaginou entregando um trabalho sobre os efeitos dos fatores ambientais no desenvolvimento infantil, escrito da perspectiva de um extraterrestre de dois mil anos de idade. O olhar no rosto do professor Dunkin seria impagável.

— Eu consigo redigir em inglês, sabia? — perguntou Korum, parecendo ofendido pela relutância dela.

Mia sorriu com uma certa condescendência. — É claro que consegue. —

Aquela era a conversa mais estranha que já acontecera. — Mas é preciso mais do que apenas conhecer o idioma para escrever um trabalho acadêmico. Você precisa ler todos esses livros e assistir às aulas... — Ela fez um gesto na direção da pilha enorme de livros no canto da mesa.

— E daí? — perguntou Korum, dando de ombros. — Posso ler os livros agora mesmo.

Mia lhe lançou um olhar estupefato. — Há cerca de dez livros... — Ela engoliu em seco para se livrar do súbito nó na garganta. — Com que velocidade você consegue ler?

— Bem rápido — disse ele. — Também tenho o que você chamaria de memória fotográfica e não preciso ler o material uma segunda vez.

Mia olhou para ele em choque. — Então, você consegue ler todos esses livros em questão de horas?

Ele assentiu. — Eu provavelmente precisaria de cerca de duas horas para terminar todos eles.

Aquilo era inacreditável. — Isso é normal para a sua raça? — perguntou Mia, ainda digerindo aquela informação chocante.

— Alguns de nós têm essa habilidade naturalmente, enquanto outros preferem aprimorá-la com tecnologia. Eu nasci assim.

Mia sentiu o coração batendo mais depressa. Ela sabia que ele era muito inteligente, é claro, e John dissera a ela que Korum era um dos melhores projetistas dentre os Ks. Ela só não esperara que ele tivesse o que parecia ser uma inteligência super-humana.

— Então, provavelmente pareço extremamente burra para você — disse Mia baixinho —, considerando o tempo que preciso para fazer isso tudo...

Ele suspirou. — Não, Mia, claro que não. Só porque você não tem certas habilidades, não significa que não seja inteligente.

É, claro. — O que mais você consegue fazer? — perguntou Mia, percebendo como sabia pouco sobre o amante alienígena.

Ele deu de ombros. — Provavelmente consigo fazer contas de cabeça que exigiriam que você usasse uma calculadora.

Aquilo era fascinante e assustador ao mesmo tempo. — Quanto é 10.456

vezes 6.345? — perguntou ela, estendendo a mão para pegar o telefone e verificar a resposta.

— 66.343.320.

Estava precisamente correto. E ele dera a resposta antes mesmo que ela tivesse tempo de digitar os números na calculadora do telefone. Ela engoliu em seco novamente.

— Então, quer minha ajuda com o trabalho ou não? — Korum estava começando a ficar impaciente.

Mia balançou a cabeça negativamente. — Ahm, não, está tudo bem, obrigada. Tenho certeza de que você conseguiria redigir um trabalho excelente, provavelmente melhor do que eu, mas ainda preciso fazer isso eu mesma.

— Ok, claro, como quiser — disse ele, sacudindo a cabeça frustrado com a teimosia dela. — Está com fome? Quer que eu prepare alguma coisa?

Mia fizera um lanche durante o dia e não estava com muita fome. — Não sei — disse ela incerta. — Não acho que eu tenha tempo para uma refeição

completa hoje. — Ela olhou para ele, torcendo para que entendesse.

— É claro — disse ele. — Trarei alguma coisa para você comer. —

Lançando-lhe um sorriso rápido, ele saiu da sala.

Mia olhou para a porta frustrada. Por que ele tinha que ser tão agradável com ela hoje? Seria muito mais fácil se ele a tratasse com crueldade ou indiferença. A culpa que a queimava por dentro não fazia sentido. Ela sabia que estava fazendo a coisa certa ajudando a Resistência. Os Ks invadiram o planeta deles, não o

contrário. Libertar a espécie dela não deveria fazer com que se sentisse daquela forma, como se estivesse traindo alguém de quem gostava muito.

Respirando fundo, ela tentou se concentrar novamente no trabalho. Era uma tarefa impossível. A mente continuava vagando, saltando de um tópico desagradável a outro. Ela iniciara alguma coisa que resultaria na perda de milhares de vidas? E Korum seria uma das vidas perdidas? O possível impacto das ações dela ainda não parecia inteiramente real.

Korum voltou alguns minutos depois. Ele fizera uns rolinhos parecidos com sushi, contendo alface e pimentões, e um prato com maçãs e nozes de sobremesa.

Mia agradeceu e comeu com prazer, descobrindo que, no fim das contas, estava com fome.

Ele sorriu e abaixou-se para beijá-la na testa. — Aproveite. Estarei na sala ao lado se precisar de mim.

Em seguida, ele saiu, deixando-a com os trabalhos que precisava terminar e para lutar contra os pensamentos sombrios.

CAPÍTULO VINTE

N aquela noite, ele foi incrivelmente gentil com ela.

Com precisão, os dedos dele encontraram cada nó e músculo tenso e ele massageou cada centímetro do corpo dela até que Mia se transformasse em uma poça de felicidade. Quando ele ficou convencido de que ela estava totalmente relaxada, virou-a de barriga para cima e começou a beijá-la, começando com a ponta dos dedos. Os lábios dele eram macios e quentes contra a pele da mão dela e, quando ele colocou o dedo indicador na boca e passou a língua em volta dele, Mia gemeu com a sensação inesperadamente erótica.

Deixando os dedos para trás, a boca dele subiu para a palma da mão, lambendo o ponto sensível na parte de dentro do pulso e continuou avançando pelo braço até chegar ao pescoço. Mia prendeu a respiração, aguardando a dor familiar da mordida, mas ele simplesmente a beijou de leve várias vezes, causando arrepios nos braços e nas pernas. Em seguida, mordeu ligeiramente o lóbulo da orelha. Mia gemeu novamente, deleitando-se com o prazer do toque dele, e enterrou os

dedos nos cabelos de Korum, puxando-lhe o rosto para beijá-lo na boca.

Ele retribuiu o beijo, de forma apaixonada e intensa, e Mia sentiu a intensidade do desejo dele na ereção rígida que pressionava sua coxa. A mão dele encontrou os seios dela, apertando e massageando os pequenos globos, e o polegar roçou no mamilo esquerdo, fazendo com que ficasse ainda mais rígido.

Erguendo-se nos cotovelos, ele a encarou com um olhar dourado intenso.

— Você é tão linda — murmurou ele, mergulhando o olhar no dela, e a

expressão doce no rosto dele fez com que ela tivesse vontade de chorar. Por que ele fazia aquilo, logo naquele dia? Talvez fosse uma das últimas vezes em que faria sexo com ele e não queria se lembrar do sexo daquele jeito, como um amor que nunca poderia dar certo.

Korum a beijou novamente e Mia chupou a língua dele, torcendo para que ele perdesse o controle e ela pudesse esquecer de tudo no êxtase intenso até desligar totalmente o cérebro. Ele gemeu em resposta e ela sentiu o pênis saltando contra a coxa, mas o toque dele continuou extremamente gentil, em nada parecido com a luxúria primitiva da noite anterior.

Frustrada, Mia empurrou os ombros dele. — Quero ficar por cima —

disse ela com voz rouca. Ele estava claramente punindo-se pela agressividade do dia anterior, mas não era o que Mia queria naquele momento.

Ele arregalou os olhos ligeiramente com surpresa, mas saiu de cima dela e deitou-se de costas. Mia subiu nele e agarrou a cabeça dele com as duas mãos, aproximando o rosto para um beijo profundo, simultaneamente esfregando o sexo no dele sem permitir a penetração. Ele passou os braços em torno dela em resposta, em um abraço tão apertado que Mia mal conseguia respirar, beijando-a de volta com a intensidade que ela queria. Mia notou uma fina camada de suor surgindo na testa de Korum enquanto o corpo dele lutava com o esforço para se conter. Mia moveu os quadris sugestivamente, esfregando-se contra o pênis dele, e ele ergueu os quadris, querendo mais. O abraço dele afrouxou um pouco e Mia colocou a mão direita entre os dois corpos, envolvendo o pênis com os dedos. Ele gemeu, ficando mais tenso, e ela cuidadosamente guiou o pênis para a abertura, começando a se abaixar sobre ele em um movimento enlouquecedoramente lento.

Ele soltou um gemido profundo e empurrou os quadris para cima, penetrando-a em uma investida poderosa. Mia gritou, sentindo os músculos estremecerem, ajustando-se ao volume que a invadira. Ele agarrou as coxas dela, com o polegar encontrando o clitóris escondido nas dobras fechadas e pressionou-o em um toque torturantemente leve, deixando-a mais perto do orgasmo, mas sem gozar. Mia gemeu, com o sexo contraindo-se em volta do pênis. Ela queria mais, mais da loucura, mais do êxtase que só ele a fazia sentir. — Morda-me — pediu ela, vendo os olhos dele ficarem ainda mais amarelos quando Korum sacudiu a cabeça em negação. — Você não sabe o que está me pedindo — murmurou ele com voz rouca, rolando para ficar sobre ela novamente, com os corpos ainda unidos.

Antes que ela pudesse dizer mais alguma coisa, ele girou os quadris

ligeiramente e a cabeça do pênis encostou no ponto sensível bem no fundo.

Mia gemeu, arqueando o corpo na direção dele, e Korum repetiu a ação várias vezes até que a tensão imensa que se acumulara dentro dela se tornou insuportável. Mia gritou, passando as unhas com força nas costas dele quando o esperado clímax finalmente percorreu-lhe o corpo, eliminando qualquer pensamento racional.

Mas ele ainda não acabara. Ele ainda não gozara, apesar do contrair rítmico dos músculos internos de Mia, e o pênis ainda estava dentro dela, mais grosso e duro do que nunca. Enterrando a mão nos cabelos de Mia, ele a beijou profundamente e começou a se mover, alternando uma investida curta e uma profunda, até que a tensão começou a se acumular novamente e cada célula do corpo dela implorava pela liberação. Ela tentou mover os quadris para forçá-lo ao ritmo constante de que precisava para gozar, mas ele não deixou, mantendo-a imóvel com o próprio corpo grande e musculoso. O beijo dele foi impiedoso, a língua explorava-lhe a boca e Mia sentiu como se fosse explodir por causa da intensidade das sensações. E, subitamente, ela gozou, com o corpo inteiro em convulsões nos braços dele. Korum também gozou, com os quadris pressionando os dela enquanto o pênis pulsava dentro de Mia, liberando o sêmen em jatos curtos e quentes.

Depois de alguns momentos, ele saiu de cima de Mia e puxou-a para perto, deixando-a parcialmente deitada por cima, com a cabeça no peito dele e a perna esquerda sobre os quadris. Os dois estavam escorregadios por causa do suor e

Mia ouvia as batidas rápidas do coração dele gradualmente desacelerando à medida que a respiração voltava ao ritmo normal.

Ela não sabia realmente o que dizer e preferiu não dizer nada. O sexo fora incrível e ela odiava o fato de ele fazer com que se sentisse desse jeito, mesmo sem as substâncias químicas que alteravam os sentidos.

Por que tinha que ser ele, pensou ela amargamente, olhando para o abdômen bronzeado e musculoso movendo-se para cima e para baixo com cada respiração. Por que ela não pudera se apaixonar por um ser humano normal, em vez de um gênio alienígena cuja raça tomara o planeta?

Ela sentiu lágrimas ardentes e quentes surgindo por trás das pálpebras e apertou os olhos, sem deixar que elas corressem. Ela sentia o corpo lânguido e cansado depois da sessão de sexo, mas a mente continuava agitada, procurando uma solução onde não havia nenhuma. Mesmo que ele gostasse dela de um jeito próprio, aqueles sentimentos se transformariam em ódio quando Korum descobrisse a profundidade da traição dela. E as mãos que

agora a seguravam tão gentilmente acabariam em volta do pescoço dela.

Ela devia ter retesado o corpo ao pensar nisso, pois ele se afastou para olhá-la nos olhos e perguntar em tom curioso: — O que foi?

Quando ela hesitou, um ar de preocupação surgiu no rosto dele. — Mia? O

que foi? Eu não machuquei você, não é?

Mia balançou a cabeça negativamente, tentando não olhar diretamente nos olhos dele. — Não, claro que não — respondeu ela com voz rouca. — Foi maravilhoso... você sabe disso...

— Então qual é o problema? — insistiu ele, estendendo a mão para pegar no queixo dela e forçá-la a encontrar o olhar dele.

Mia tentou se controlar, mas as lágrimas idiotas não a deixaram em paz e encheram-lhe os olhos.

— Não é nada — mentiu Mia, xingando mentalmente o fato de a voz estar trêmula. — Eu só... f-fico assim quando estou estressada...

Ele franziu a testa. — E por que você está estressada? É por causa dos trabalhos da faculdade? — perguntou, estudando-a com um olhar perplexo.

Mia assentiu de leve, fechando os olhos e tentando se acalmar. Ele poderia ficar desconfiado se as lágrimas não tivessem uma boa explicação. A não ser...

Abrindo os olhos, ela olhou para ele, sem se importar mais se ele visse o brilho das lágrimas. — Eu estou com saudades da minha família — confessou ela, e era verdade. Naquele momento, ela queria desesperadamente ser criança novamente, em segurança na casa dos pais, com a mãe fazendo uma canja de galinha e o pai lendo o jornal no sofá. Ela queria voltar no tempo para a década anterior, para uma época antes de as pessoas saberem que havia vida em outros planetas e de que o próprio planeta não seria delas por muito mais tempo. Para uma época antes de conhecer o alienígena que a encarava naquele momento com os belos olhos cor de âmbar, o amante que ela, sem opção alguma, teria que trair.

Korum pareceu aceitar a explicação dela. — Mia — disse ele baixinho, largando o queixo dela —, você os verá em breve, prometo. Estou chegando perto de terminar meu negócio aqui e, depois, eu a levarei lá...

— Eu nem disse a eles ainda que não vou — disse Mia, com a voz embargada pelas lágrimas. — Eles esperam que eu chegue no próximo sábado e a companhia não devolve o dinheiro da passagem de avião...

Ele pareceu exasperado. — Agora você está preocupada com dinheiro? Eu pago a você o dinheiro da passagem...

— Foram meus pais que a compraram.

— Ok, então eu pagarei o custo da passagem aos seus pais. — Respirando fundo, ele acrescentou: — Mia, você não precisa se preocupar com esse tipo de coisa quando está comigo. Eu sempre cuidarei de você e da sua família.

Você não precisa nunca mais se preocupar com dinheiro. Eu sei que as finanças dos seus pais são apertadas e eu ficaria muito feliz em poder ajudá-

los financeiramente, ou de qualquer outra forma que eles precisarem.

Mia engoliu um soluço, sentindo como se um punho de aço estivesse apertando o coração. Apesar de aquela declaração parecer arrogante, ela não tinha dúvida

de que fora sincero na oferta. — Obrigada — sussurrou ela com a voz trêmula. — Isso é muito... generoso da sua parte...

— Mia — disse ele em tom suave. — Eu me importo com você, ok? Quero que seja feliz comigo e farei tudo o que for preciso para que isso aconteça.

Cada palavra dele parecia cortá-la como uma faca e ela não conseguiu mais se segurar. Enterrando o rosto no travesseiro, ela ficou de costas para ele e começou a chorar, com o corpo inteiro sacudindo por causa dos soluços.

— Mia? — A voz dele soava incerta pela primeira vez desde que ela o conhecera. — O quê... Por que você está chorando?

Ela chorou ainda mais. Não podia contar a verdade a ele e a culpa era como ácido dentro do peito, devorando-a por dentro.

Ele encostou de leve nas costas dela e acariciou-a de forma reconfortante, murmurando palavras doces. Quando aquilo não pareceu ajudar, Korum a puxou para os braços, deixando que ela colocasse o rosto na curva do pescoço dele e chorasse enquanto acariciava os cabelos dela.

E Mia chorou. Chorou por si mesma e por ele. Chorou pelo relacionamento que nunca daria certo... nem mesmo se ele não fosse o inimigo que ela espionava.

Depois de alguns minutos, quando os soluços começaram a diminuir, ele estendeu a mão para o lado e entregou um lenço a ela, deixando que limpasse o rosto e assoasse o nariz antes de perguntar novamente em tom suave: — Por quê?

Mia olhou para ele, com a visão ainda borrada por causa das lágrimas. A verdade completa estava fora de questão, é claro, mas ela poderia dizer a ele algo que a atormentava havia algum tempo. — Isso não está certo — sussurrou ela com a voz ainda rouca por causa do choro. — Você, eu... não é certo, não é natural... E nunca poderia durar...

— Por que não? — perguntou ele suavemente. — Pode durar pelo tempo que quisermos.

— Você não é humano — disse ela, olhando para ele incrédula. — Como poderia dar certo entre nós?

Ele hesitou por um segundo e disse, tirando gentilmente os cabelos do rosto dela: — Pode dar certo. Só precisa confiar em mim, querida. Não posso dizer mais nada agora, mas conversaremos sobre isso mais tarde... quando chegar a hora.

Mia piscou surpresa, olhando para ele. Aquilo era algo que não esperava.

Ele queria dizer que havia uma forma de ficarem juntos... como um casal de verdade? As implicações daquilo eram grandes demais para contemplar agora, com o coração batendo depressa e a mente mal funcionando depois da tempestade emocional.

Ele se afastou dela e saiu da cama. — Vou buscar algo que a fará se sentir melhor — disse, saindo do quarto.

Mia olhou para a porta, reprimindo uma risada histérica ao pensar que aquilo se tornava um fato comum todas as noites. Só esperava que ele não voltasse com o pequeno tubo.

Ele trouxe um copo cheio de um líquido leitoso e entregou-o a ela.

— O que é isso? — perguntou ela, cheirando o copo desconfiada. Não tinha cheiro algum.

Ele sorriu para ela, mostrando a covinha. — Não é veneno, prometo. É só algo para ajudá-la a dormir melhor e acabar com a dor de cabeça.

Como ele sabia que ela estava com dor de cabeça? Ela olhou para Korum e pestanejou novamente.

Como se tivesse lido a mente dela, ele disse: — Eu sei como os humanos se sentem depois de chorar. Essa bebida é mais adequada para ajudar em uma gripe ou um resfriado, mas não tem nenhum efeito colateral prejudicial. Então, você pode bebê-la. Logo se sentirá melhor.

Mia assentiu e provou o líquido. Ele também não tinha gosto algum. Se não fosse pela cor, ela acharia que estava bebendo água. Sentia-se desidratada e bebeu com prazer o copo inteiro. Quase que imediatamente, a pressão dolorosa nas têmporas diminuiu e a sensação de congestionamento no nariz desapareceu. Outro remédio milagroso dos Ks, pelo jeito.

— Por que você tem todos esses remédios para humanos? — perguntou ela, só então pensando no assunto. — Você também os usa para si mesmo?

Ele balançou a cabeça sorrindo. — Não, eles são específicos para os humanos. Temos outras formas de nos curarmos.

— Então por que você os têm? — insistiu Mia.

Ele deu de ombros. — Eu sabia que viveria entre os humanos e que iria interagir com eles. Fazia sentido ter alguns remédios básicos à mão em caso de uma emergência.

Interagir com humanos no apartamento dele? Mia subitamente sentiu uma pontada indesejada de ciúmes ao pensar em outras mulheres lá, naquela mesma cama. Não era uma surpresa, claro. Ele era um macho saudável e atraente com um forte desejo sexual. Era perfeitamente normal que tivesse outras parceiras de sexo antes dela, tanto humanas quanto Ks.

Pelo menos, foi o que disse a si mesma. O monstro de olhos verdes dentro dela se recusou a escutar.

Ela devia ter deixado transparecer alguma coisa, pois ele disse em tom suave: — E não, nenhuma dessas interações foi com mulheres humanas nos meses recentes. Com certeza não depois que conheci você.

— E mulheres Ks? — perguntou ela em tom ríspido, para no instante seguinte xingar a si mesma mentalmente. Ela não tinha o direito de ter ciúmes depois do que fizera. Ele era o inimigo e ela o tratara dessa forma. Era absurdo se sentir aliviada ao saber que era a única mulher da vida dele no momento. Os dias deles juntos estavam contados e não deveria importar se Korum fora fiel a ela ou se fodera uma centena de mulheres no mês anterior.

Ainda assim, importava para ela... e importava muito.

— Nenhuma depois que nós nos conhecemos — disse ele com um sorriso nos lábios. Ele parecia feliz com o ciúmes dela e Mia quase começou a chorar novamente. Respirando fundo, ela se controlou com grande esforço. Uma segunda crise de choro seria ainda mais difícil de explicar.

— Então, vamos dormir? — sugeriu ele em tom suave. — Você ainda parece estressada e provavelmente se sentirá melhor amanhã de manhã.

Mia assentiu e deitou-se, cobrindo-se com a coberta. Korum fez o mesmo, puxando-a para perto até que estivessem deitados na posição favorita dele, em concha.

Contra todas as expectativas, Mia pegou no sono assim que fechou os olhos, sentindo-se protegida pelo calor do corpo dele encostado no seu.

CAPÍTULO VINTE E UM

M ia acordou na manhã de quarta-feira com uma sensação de medo no estômago.

Naquele dia, ela teria que dizer aos pais que não iria para a Flórida no sábado. Ela ainda não conseguira inventar um bom motivo para explicar o atraso, especialmente porque deveria começar o estágio no acampamento na segunda-

feira.

E, se Korum descobrisse o envolvimento dela no que estava prestes a acontecer nas colônias dos Ks, talvez fosse a última vez que falaria com a família. Aquilo tornava ainda mais imperativo que ela apresentasse uma imagem positiva e animada para não deixar os pais preocupados prematuramente. Seria melhor se deixasse apenas boas memórias para trás quando desaparecesse da vida deles.

Ao pensar naquilo, as lágrimas ameaçaram surgir novamente e Mia respirou fundo para se controlar. Ela não tinha tempo para isso agora; ainda tinha que redigir o último trabalho da faculdade. Apesar de não fazer sentido se importar com algo tão trivial na situação precária em que se encontrava, não redigir o trabalho seria como desistir. E uma pequena parte de Mia ainda tinha esperanças de que houvesse uma luz no fim daquele túnel, que alguma semelhança de vida normal fosse possível se conseguisse sobreviver às duas semanas seguintes.

Agarrando-se àquela ideia, Mia se arrastou para fora da cama e foi tomar um banho. Korum não estava à vista no apartamento e ela supôs que ele saíra para fazer o que normalmente fazia durante o dia. Provavelmente tinha alguma coisa a ver com rastrear os combatentes da Resistência, mas ela não tinha

como saber com certeza. Tomando um café da manhã rápido, ela foi para a biblioteca na esperança de conseguir se concentrar melhor lá.

O dia estava bonito e ensolarado, um acompanhamento perfeito para o humor sombrio dela. Em circunstâncias normais, Mia teria dado uma boa caminhada até a biblioteca, mas o tempo era importante e ela resolveu pegar um táxi. Pelo fato de estar morando no apartamento de Korum e fazendo praticamente todas as refeições com ele, ela tinha dinheiro pela primeira vez na carreira universitária. A bolsa de estudos que ajudava a pagar a mensalidade e os livros também deixava uma margem mínima para alimentos e outras despesas normais, mas normalmente era apenas o suficiente para sobreviver. Comer em restaurantes ou pegar táxis eram luxos que Mia normalmente não podia pagar e era bom poder esbanjar um pouco, já que não precisava se preocupar tanto com o custo da alimentação.

A biblioteca estava um zoológico. Praticamente todos os alunos da universidade estavam lá, estudando freneticamente para as provas e redigindo trabalhos. É claro, Mia percebeu, era a semana de provas finais. Ela deveria ter ficado no

estúdio confortável que Korum preparara para ela. Mas queria ficar em algum lugar onde nada a lembrasse da confusão em que sua vida se transformara.

Depois de andar pela biblioteca por cerca de quinze minutos, ela finalmente encontrou uma poltrona macia da qual um garoto ruivo cheio de sardas, que parecia ter doze anos, acabara de sair. Ocupando-a rapidamente antes que mais alguém visse o prêmio dela, Mia sorriu para si mesma. Não que ela fosse tão velha, mas alguns dos novatos pareciam ridiculamente jovens.

Cinco horas depois, Mia terminou triunfalmente a última frase e salvou o trabalho. Ainda precisava revisar a maldita coisa, mas a maior parte estava pronta. Juntando as coisas, ela saiu da biblioteca e foi para o apartamento dela, esperando encontrar Jessie e ter a oportunidade de falar com os pais.

Jessie não estava em casa quando ela chegou lá, o que deixava apenas a conversa com os pais. Respirando fundo, Mia ligou o computador e preparou-se para parecer tão animada quanto qualquer aluno da universidade que estava quase no fim da semana de provas.

— MIA! Querida, como você está? — A mãe parecia muito bem naquele dia, com os olhos azuis brilhando de empolgação e um sorriso enorme no rosto.

Mia sorriu de volta. — Estou quase no fim! Só preciso revisar o último trabalho e, depois, o semestre estará oficialmente acabado para mim — disse Mia, mantendo a voz deliberadamente animada.

— Ah, que ótimo! — exclamou a mãe. — Mal posso esperar para vê-la nesse fim de semana! Marisa e Connor virão aqui no domingo e teremos um belo jantar. Farei todas as suas comidas favoritas. Já comprei alguns ovos e até mesmo um pouco de queijo de cabra...

— Mamãe — interrompeu Mia, sentindo-se como se morresse um pouco por dentro. — Há algo que preciso dizer a você...

A mãe parou por um segundo com um ar confuso. — O que foi, querida?

Mia respirou fundo. Aquilo não seria fácil. — Um dos meus professores me pediu um grande favor essa semana — disse ela lentamente, tendo inventado uma história um pouco plausível nos últimos minutos. — Há um programa aqui na universidade do qual os alunos de psicologia participam e passam algum

tempo com alunos carentes do segundo grau de alguns dos bairros mais pobres...

— Uh-oh — disse a mãe, franzindo ligeiramente a testa.

— É um programa excelente — mentiu Mia. — Esses garotos não têm ninguém que possa ajudá-los a descobrir o que fazer a seguir, se devem ir para a faculdade ou não, como devem se inscrever, se decidirem ir... E você sabe, é exatamente o que eu quero fazer, dar esse tipo de aconselhamento...

O franzido na testa da mãe ficou mais profundo.

Mia apressou a explicação. — Bem, eu não sabia desse programa antes, mas conversei com o professor essa semana e mencionei a ele meu interesse em aconselhamento. E foi então que ele falou sobre esse programa e que, na verdade, estava desesperadamente procurando um voluntário para ajudar durante o verão, por uma ou duas semanas...

— Mas você virá para casa no sábado — disse a mãe, parecendo cada vez mais infeliz. — Quando você poderá fazer isso?

— Então, esse é o problema — disse Mia, odiando a si mesma por mentir daquele jeito. — Não acho que eu possa ir para casa nesse fim de semana.

Não se eu quiser participar do programa...

— O quê? O que quer dizer com não pode vir para casa nesse fim de semana? — A mãe agora parecia lívida. — Você já tem a passagem e tudo o mais! E o estágio no acampamento? Não deveria começar na segunda-feira?

— Eu já falei com o diretor do acampamento — mentiu Mia novamente. —

Ele disse que não tem problema adiar a data de início duas semanas. Expliquei

a situação toda e ele foi muito compreensivo. E meu professor disse que me reembolsará o dinheiro da passagem e até mesmo comprará outra para compensar...

— Bem, é o mínimo que ele poderia fazer! E o dinheiro que você receberia durante estas duas semanas do estágio? — perguntou a mãe furiosa.

— E o fato de que nós não a vemos desde março? Como ele pode pedir algo assim a você, tão de última hora?

— Mamãe — disse Mia, meio implorando. — É uma excelente oportunidade para mim. É exatamente o que eu quero fazer na minha carreira e aumentará muito as chances de eu conseguir uma boa escola. Além do mais, o professor disse que escreverá uma carta de recomendação brilhante se eu fizer isso. E você sabe como isso é importante...

A mãe piscava rapidamente e havia um brilho suspeito nos olhos dela. —

É claro — disse ela com um desapontamento infinito na voz. — Eu sei que essas coisas são importantes... Mas estávamos tão ansiosos para vê-la neste sábado, e agora isso...

Cada palavra que a mãe dizia parecia uma faca rasgando as entranhas de Mia. — Eu sei, mamãe, e realmente sinto muito sobre isso — disse ela, piscando para afastar as próprias lágrimas. — Verei vocês daqui a umas duas semanas, está bem? Não vai ser tão ruim, você verá...

A mãe fungou um pouco. — Então, nada de jantar em família neste domingo, acho.

Mia balançou a cabeça com tristeza. — Não... mas teremos esse jantar daqui a duas semanas, ok? Eu ajudarei na cozinha e tudo o mais...

— Ora, por favor, Mia, você não sabe cozinhar nem para se manter viva!

— disse a mãe em tom irado, mas com um pequeno sorriso aparecendo no rosto. — Nunca conheci ninguém que não sabia sequer ferver água...

— Eu já sei ferver água — disse Mia na defensiva. — Estou morando sozinha há três anos, sabia, e sei até mesmo fazer arroz...

O sorriso no rosto da mãe ficou imenso. — Uau, arroz? *Isso* sim é progresso — disse a mãe, mal contendo uma risada. — Honestamente, não sei o que você fará quando conhecer alguém...

— Ah, mamãe, de novo não — resmungou Mia.

— Você sabe que é verdade. Os homens ainda gostam de mulheres que conseguem fazer uma boa comida e cuidar da casa...

— E lavar roupa, ser uma escrava doméstica em geral, e blá blá blá —

terminou Mia, revirando os olhos. Algumas vezes, a mãe era extremamente

antiquada.

— Exatamente. Marque minhas palavras, a não ser que você encontre um rapaz que goste de cozinhar, terá que comer quentinhas para o resto da vida —

disse a mãe em tom ameaçador.

Mia deu de ombros, mordendo a parte de dentro da bochecha para evitar cair em uma gargalhada meio histérica. A ironia era que ela, na verdade, encontrara tal rapaz, só que ele não era humano. Ela ficou imaginando o que a mãe diria se contasse sobre Korum. *Ele é demais, adora cozinhar e até mesmo lava as nossas roupas. Só tem um pequeno problema, ele é um alienígena que bebe sangue*. Não, aquilo provavelmente não seria nada bom.

— Mamãe, não se preocupe comigo, ok? Tudo ficará bem. — Pelo menos, Mia esperava sinceramente que aquilo acontecesse. — Nós nos veremos em breve e talvez eu realmente tente aprender a cozinhar neste verão. O que você acha? — Mia abriu um sorriso largo, tentando evitar mais sermões.

A mãe sacudiu a cabeça em reprovação e suspirou. — Claro. Contarei ao seu pai o que aconteceu. Ele ficará tão desapontado...

Mia se sentiu horrível novamente. — Onde ele está? — perguntou ela, querendo falar também com o pai.

— Ele saiu para consertar o carro. Aquela porcaria estragou de novo.

Realmente deveríamos comprar um novo... mas talvez no ano que vem.

Mia assentiu compreensiva. Ela sabia que a situação financeira dos pais não era a melhor. A mãe saíra do emprego e não conseguira um novo ainda.

Como professora primária, normalmente não lhe faltava emprego. Mas a escola

particular em que ensinara nos oito anos anteriores fechara recentemente, resultando em vários professores perdendo o emprego e todos eles candidatando-se para as mesmas vagas escassas nas escolas públicas locais. O pai, professor de ciência política na faculdade comunitária local, sustentava agora a família e precisavam ter cuidado com despesas maiores, como um carro novo. De forma geral, a família dela, como muitas outras famílias norte-americanas de classe média com planos de aposentadoria, sofreram com a Depressão K, a queda imensa da bolsa que acontecera quando os krinars chegaram. Em algum momento, a bolsa de valores Dow perdera quase noventa por cento do valor e fazia apenas um ano que os mercados tinham finalmente se recuperado.

— Está bem — disse Mia. — Tentarei acessar novamente mais tarde para tentar falar com o papai.

— Ligue para Marisa também — disse a mãe. — Eu sei que ela estava

ansiosa para ver você no domingo.

Mia assentiu. — Vou ligar para ela, sim.

A mãe suspirou novamente. — Bem, então acho que falaremos com você em breve.

— Amo você, mamãe — disse Mia, sentindo como se o peito estivesse sendo espremido em um torno. — Espero que saiba disso. Você e o papai são os melhores pais do mundo.

— É claro — disse a mãe, parecendo um pouco confusa. — Também amamos você. Venha logo para casa, está bem?

— Sim, irei — disse Mia, soprando um beijo na direção da tela do computador, e encerrou a conversa.

A IRMÃ FOI A PRÓXIMA. Para variar, Mia conseguiu encontrá-la no Skype.

— Ei, irmãzinha! Mamãe acabou de me mandar uma mensagem. Que história é essa de você não vir para casa?

Mia não vira a irmã desde que ela ficara grávida e ficou surpresa ao notar que Marisa estava pálida e magra, em vez de ter aquele brilho da gravidez de que

sempre ouvira falar.

— Marisa! — exclamou ela. — O que está acontecendo com você? Não parece nada bem. Está doente?

A irmã fez uma careta. — Se ter um filho é doença, então sim. Vomito o tempo todo — reclamou ela. — Não consigo segurar nada no estômago. Já perdi uns três quilos desde que engravidei...

Mia soltou uma exclamação chocada. Três quilos era muito para alguém do tamanho da irmã. Apesar de ser um pouco mais alta e pesar um pouco mais que Mia, Marisa tinha os ossos pequenos e o peso normal dela era entre 49 e 52 quilos. Agora ela parecia muito magra, com os ossos do rosto pronunciados no rosto normalmente bonito.

—... e meu médico não está muito feliz com isso.

— É claro que não está feliz! O que ele disse que você deveria fazer?

Marisa suspirou. — Disse que devo descansar mais e tentar não me estressar. Portanto, hoje estou trabalhando em casa, preparando as aulas da semana que vem e conseguiram alguém para me substituir por alguns dias.

— Ah, meu Deus, coitadinha — disse Mia com pena da irmã. — Isso é péssimo. Você pode comer qualquer coisa, talvez alguns biscoitos de água e sal ou um caldo?

— É disso que estou vivendo hoje em dia. Bem, isso e picles. — Marisa abriu um sorriso amarelo. — Por algum motivo, não consigo parar de comer picles, você sabe, aqueles pequenos bem crocantes.

Mia assentiu, reprimindo um sorriso. A irmã sempre fora fã de picles e não era surpresa alguma que os devorasse furiosamente durante a gravidez.

— Então, chega de falar dos problemas do meu estômago... O que está acontecendo com você? Por que não vem neste domingo? Estávamos prontos e ansiosos para ver você, papai e mamãe...

Mia respirou fundo e repetiu a história inteira para Marisa. Ela estava ficando tão boa nas mentiras que quase estava acreditando em si mesma.

Talvez devesse pensar em começar aquele programa na universidade no ano seguinte. Se ainda estivesse viva e frequentando a universidade, é claro.

A irmã ouviu tudo com uma expressão vagamente incrédula. E em seguida, sendo Marisa, perguntou: — O professor é bonito?

Para sua mortificação, Mia sentiu o rosto ficando vermelho. — O quê?

Não! Ele é velho, tem filhos e essas coisas!

— Ahã — disse Marisa. — Então, quer que eu acredite que você está disposta a fazer isso porque um professor feio lhe pediu? Só para melhorar um pouco o currículo? — Ela sacudiu a cabeça ligeiramente. — Não, não acredito nisso. — Com um sorriso malicioso surgindo no rosto, ela perguntou: — Que idade é "velho"?

Mia xingou mentalmente a péssima atriz que era. Agora, Marisa provavelmente falaria para os pais que Mia estava apaixonada pelo professor.

Ela tentou imaginar como seria gostar do professor Dunkin daquela forma e estremeceu. Entre a linha recuada do cabelo e a baba amarelada que aparecia com frequência nos cantos da boca quando falava, ele era provavelmente uma das pessoas menos atraentes que ela já conhecera.

— Velho — disse ela firmemente. — E nada atraente.

Marisa sorriu sem estar convencida. — Ok, então, quem é ele? — insistiu ela. — Eu conheço você, maninha... e está escondendo alguma coisa. Se não é por causa do professor velho e nada atraente que está ficando em Nova Iorque, então quem é?

— Ninguém — disse Mia. — Não há homem algum na minha vida... você sabe disso. — E ela não estava mentindo. Não havia um homem humano, apenas um extraterrestre da variedade masculina. Que também era velho...

muito mais velho que a irmã poderia imaginar.

— Ora, vamos, então por que está agindo de forma tão estranha? Você tem

estado estranha no último mês, na verdade — disse Marisa, olhando para ela de

forma intensa. — Mia... há alguma coisa errada?

Mia sacudiu a cabeça negativamente e xingou mentalmente a intuição fraternal da irmã. Fora tão mais fácil enganar a mãe. — Não, está tudo bem.

Só estou meio estressada, sabe, com as provas finais e tudo o mais...

— Ahá — disse Marisa. — Você teve provas finais nos últimos três anos e nunca ficou assim. Consigo ver que você não é mais a mesma, Mia. Agora, confesse... o que está acontecendo?

Mia sacudiu a cabeça novamente e tentou abrir um sorriso animado. —

Nada! Não sei do que está falando. Não há absolutamente nada de errado. Só consegui uma excelente oportunidade de obter um pouco de experiência prática valiosa e vou aproveitá-la. Verei você em breve, são só duas semanas.

Não há nada com que se preocupar...

— Você já comprou a passagem? — interrompeu Marisa. — Já tem uma data definida para viajar para cá?

— Ainda não — admitiu Mia. — Farei isso em breve. O professor disse que comprará a passagem para mim, portanto, não há nada com que se preocupar...

— Nada com que se preocupar? Mia, eu sei quando está mentindo — disse Marisa, lançando-lhe um olhar severo. — Você não consegue mentir direito.

Foi uma garota tão boazinha a vida inteira e não teve prática nenhuma em enganar o papai e a mamãe... nem a mim. Você nunca nem mesmo fugiu para ir a uma festa na época do colégio...

Mia mordeu o lábio. Como Marisa se tornara tão observadora? Aquilo era um problema grande. Talvez se contasse uma verdade parcial...

— Ok — disse Mia, escolhendo as palavras com cuidado. — Digamos que há alguma verdade no que você está dizendo... Se eu contar a você, promete não contar ao papai e à mamãe? Eles ficarão preocupados e isso realmente não é necessário...

Marisa olhou para ela, com os olhos azuis estreitando-se em consideração.

— Está bem — disse ela lentamente. — Você pode conversar comigo sempre que quiser, maninha, sabe disso. Eu guardarei o seu segredo... mas somente se não houver nada perigoso sobre o qual eles precisem saber.

Na verdade *era* algo perigoso, mas decididamente os pais não precisavam saber. Mia suspirou. Como decidira por esse caminho, era melhor contar alguma coisa à irmã, caso contrário, a família inteira estaria telefonando em pânico meia hora depois.

Respirando fundo, Mia disse: — Você tem razão. Eu conheci alguém, sim...

— Eu sabia! — gritou Marisa triunfalmente.

—... e ele não é exatamente alguém com quem você ficaria feliz de me ver.

Marisa olhou para ela surpresa. — Por quê? Quem é ele? Outro aluno?

Mia balançou a cabeça negativamente. — Não, esse é o problema. Ele é mais velho e não é exatamente o tipo certo para ser primeiro namorado.

— Estamos falando do professor agora? — perguntou Marisa confusa.

— Não, o professor é só o professor. É uma outra pessoa. Ele é, na verdade, executivo sênior de uma empresa de tecnologia — explicou Mia, tentando ficar o mais perto possível da verdade. — Eu o conheci no parque um dia desses e estamos dormindo juntos...

— O quê? — A irmã a olhava de boca aberta, incrédula. — Ele é casado?

Tem filhos?

— Não e não. Mas sei que é só um caso temporário para ele e eu realmente não queria entrar em detalhes com o papai e a mamãe nem com você.

Enquanto Mia falava, um sorriso largo lentamente surgiu no rosto de Marisa. — Um caso? Uau! Quando a minha irmãzinha finalmente decide perder a virgindade, faz isso com estilo! E com um executivo sênior...

Mia deu de ombros, tentando parecer despreocupada com a situação toda.

— Qual é o nome dele?

— Ahm, prefiro não dizer — resmungou Mia. — Ele partirá daqui a algumas semanas e não adianta nada discutir a situação toda...

— Partirá para onde?

— Ahm... Dubai. — Mia não fazia ideia de por que escolhera aquele lugar em particular, mas ele parecia se encaixar na história.

— Dubai? Ele é de lá? — A curiosidade da irmã não tinha limites.

Mia suspirou. — Marisa, escute bem, não adianta nada discutir o assunto.

Ele vai embora e ponto final.

A irmã inclinou a cabeça para o lado, estudando o rosto de Mia. — E você não se importa com isso, mana? — perguntou ela baixinho. — Seu primeiro amante indo embora assim?

Mia virou o rosto para o lado, tentando esconder as lágrimas nos olhos. —

Ele precisa ir embora, Marisa. Não há outra opção. Não importa a forma como eu me sinto a respeito disso.

— É claro que importa — disse Marisa. — Você acha que ele gosta de você? Ou é apenas uma universitária bonita com quem ele dorme enquanto está

em Nova Iorque?

Mia deu de ombros. — Eu não sei. Acho que ele gosta de mim um pouco.

— Mas não o suficiente para ficar?

— Não, ele não pode ficar — respondeu Mia. — E não importa. De qualquer forma, não somos certos um para o outro. O relacionamento esteve condenado desde o início.

— Então por que você começou? — perguntou Marisa, encarando-a com

espanto. — Ele é realmente bonito? Ele a fez perder a cabeça ou algo assim?

Mia assentiu. — Ele é maravilhoso, é muito inteligente e sabe muito sobre tudo... — Aquelas eram todas coisas verdadeiras. — E ele me levou a todo tipo de restaurante chique e a shows da Broadway...

— Uau, Mia — disse Marisa, parecendo estar com inveja pela primeira vez na vida de Mia —, soa como um cara dos sonhos de qualquer garota.

Mia sorriu. — E ele também é um cozinheiro excelente, lava as nossas roupas...

— Ah, meu Deus, onde você encontrou essa maravilha?

— Eu sei, não é? Mamãe teria um ataque se ouvisse isso.

E as duas irmãs sorriram uma para a outra em perfeito entendimento.

Em seguida, Marisa ficou séria novamente. — Então, por que não pode dar certo para vocês dois? Ele parece perfeito. Ele tem alguma falha grave de personalidade que você não suporta?

— Bem, ele é muito mandão e autocrático — admitiu Mia. — E eu decididamente tenho problemas com isso. E no lugar de onde ele vem, as pessoas não necessariamente veem, ahm, as mulheres... como iguais, se é que me entende. — Aquilo era o mais próximo da verdade que ela poderia chegar.

Os olhos de Marisa se arregalaram ao compreender. — Ahhhh, ele é um daqueles tipos do Oriente Médio? Com um harém e tudo o mais... que exigem que as mulheres andem cobertas da cabeça aos pés?

Mia deu de ombros. — Algo parecido com isso. Então, realmente não tem como dar certo. Viemos de mundos muito diferentes. — Mia disse aquilo no sentido literal, mas Marisa não precisava saber disso.

— Uau, mana. — Marisa olhava para ela com um respeito totalmente novo. — Devo dizer que você me surpreendeu. Nada de universitários entediantes para você... ah, não, você foi direto para um peixe grande. Um xeique de Dubai, hein?

Mia corou. — Ele não é um xeique, apenas um executivo.

— Uau. — A irmã ainda parecia impressionada. — E ele lhe deu algum

presente sofisticado ou alguma joia?

Mia sorriu. De vez em quando, a irmã era tão previsível. Apesar de, na grande maioria, ela ter uma vida simples, Marisa certamente apreciava as coisas mais finas da vida. Bons hotéis, roupas de grife, belos acessórios.

— Ele comprou para mim um guarda-roupa completo na Saks Fifth Avenue

— admitiu Mia. — Não gostava nem um pouco das minhas roupas velhas...

— AH, MEU DEUS, NA SAKS? — O grito de Marisa foi ensurdecedor.

— Está falando sério? Você tem que me emprestar alguma coisa quando vier!

Mia riu. — É claro! Empresto o que quiser, é seu.

— Ah, droga, deixe para lá — disse Marisa. — Acabei de lembrar que logo não poderei pegar nada emprestado de ninguém, especialmente da minha irmãzinha minúscula. Em dois ou três meses, estarei do tamanho de uma baleia.

— Ora, vamos — disse Mia, rindo da imagem da irmã esbelta parecendo mesmo remotamente com uma baleia. — Você parecerá uma dessas atrizes de Hollywood, completamente normal, com apenas uma barriguinha bonita.

Marisa estremeceu. — Eu realmente espero que sim. Mas devo dizer que, até agora, a gravidez não é nada parecida com o que imaginei.

Mia lhe lançou um olhar de compreensão. — É uma droga. Aguente firme, ok? São só alguns meses e, depois, terá um belo filho nos braços...

Marisa abriu um sorriso largo. — Isso é verdade. E você também, mana, aguente firme, ok? Ligue para mim se quiser conversar sobre o sr.

Maravilhoso novamente. Prometo que não vou contar nada ao papai e à mamãe. Você tem razão, eles se preocupariam desnecessariamente. Esse tipo de coisa é melhor deixar para conversar com a sua irmã.

Mia sorriu e disse: — Foi o que pensei. Eu amo você. Diga olá a Connor por

mim, ok?

— Direi, sim — respondeu Mia e desconectou com um aceno final.

ALIVIADA, Mia olhou para a tela vazia do computador. Ela mentira para a família, mas, pelo menos, conseguira impedir que ficassem totalmente histéricos. De certa forma, a conversa com Marisa fora uma terapia. Apesar de não poder contar toda a verdade à irmã, pudera contar detalhes o suficiente para que se sentisse muito melhor sobre a situação. O ouvido imparcial e compreensivo da irmã era exatamente do que precisava naquele momento.

Agora, precisava terminar de editar o trabalho da faculdade e teria

concluído tudo o que tinha a fazer naquele dia.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

A gora que o semestre acabara e ela não precisava estudar, Mia não sabia o que fazer consigo mesma. Ela acordara na manhã de quinta-feira, enviara os trabalhos *on-line* e decidira dar um passeio no Central Park. Korum saíra cedo novamente, antes que Mia acordasse, e estava por conta própria para o restante do dia. Enviara uma mensagem de texto para Jessie, mas a amiga tinha prova final de cálculo à tarde e estava estudando freneticamente. Mia desejou que houvesse mais alguém com quem pudesse passar algum tempo, apenas para evitar ficar sozinha com os próprios pensamentos, mas a maioria dos outros alunos estava ocupada demais fazendo as malas para o verão ou ainda no meio das provas finais.

O clima do meio de maio era normalmente imprevisível em Nova Iorque.

Dessa vez, parecia que o verão começara cedo e a temperatura naquele dia estava por volta de 24 °C. Mia colocou uma das novas roupas de primavera, um vestido simples de algodão azul, e sandálias cor de creme que eram confortáveis e elegantes. Em seguida, saiu para se juntar às hordas de nova-iorquinos e turistas que passeavam no Central Park.

Era difícil acreditar que, apenas um mês antes, Mia passeara sozinha lá, sem conhecimento real algum sobre os Ks, pensando em nada mais do que no trabalho de sociologia. Não conhecera Korum ainda e não tinha ideia da virada drástica que aconteceria em sua vida nos minutos seguintes. O que teria

acontecido se não tivesse sentado no banco do parque naquele dia? Será que agora estaria fazendo as malas para ir para casa no sábado?

Como se os pés tivessem mente própria, Mia se viu andando em direção à ponte Bow, o lugar onde tivera o primeiro contato próximo. Diferentemente da

última vez, a pequena ponte estava cheia de pessoas tirando fotografias da vista pitoresca. Mia encontrou um lugar em um banco perto de um casal jovem e sentou-se para ler o *best-seller* de suspense mais recente, algo para o qual só tinha tempo quando não precisava assistir às aulas.

Depois de meia hora, o casal foi embora e Mia ficou com o banco inteiro para si. Mas, antes que pudesse aproveitá-lo por muito tempo, ouviu alguém chamando o seu nome. Surpresa, ela olhou para cima e viu uma jovem vestida com calças *jeans* e camiseta branca sem mangas aproximando-se do banco. Os cabelos castanhos curtos estavam desgrenhados, como os de um garoto, e os braços eram levemente musculosos. Era Leslie, a garota que ela conhecera em um dos encontros com John, uma das combatentes da Resistência.

— Olá, Mia — disse ela. — Você se importa se eu sentar ao seu lado por um minuto? — Sem esperar uma resposta, ela se sentou no banco de Mia.

— Claro que não, fique à vontade — disse Mia de forma um pouco rude.

Ela não gostava muito de Leslie e realmente não estava com vontade de receber alguma outra tarefa no momento. No que lhe dizia respeito, Mia tinha cumprido a missão que lhe deram e tudo o que queria era ser deixada em paz.

— Olhe — disse Leslie com o tom muito mais amigável do que antes. —

Sei que começamos com o pé errado. Eu só queria dizer obrigada pelo que fez e dar a você algo que John mandou. — Ela estendeu a mão que continha um objeto oval pequeno, parecendo vagamente com o controle remoto de uma garagem ou de um carro.

— O que é isso? — perguntou Mia desconfiada, sem querer pegar o objeto.

— É uma arma — disse Leslie. — Uma arma que você pode usar para se proteger caso Korum descubra o que aconteça antes que tenhamos a oportunidade de neutralizá-lo.

— Neutralizá-lo?

Leslie suspirou. — Como você pediu, tentaremos capturá-lo vivo para que possa ser deportado de volta para Krina. Não será fácil, mas faremos o melhor possível.

Mia engoliu em seco. — O quê... ahm, quando vocês pretendem fazer isso?

— Não podemos fazer nada enquanto os escudos não forem desativados e o ataque nos Centros dos Ks não começar. Ele poderá avisá-los ou conseguir reforços se tentarmos pegá-lo agora, portanto, não podemos correr o risco.

Terá que ser praticamente simultâneo. Ele não é o único. Há outros Ks fora dos Centros no momento. Asim que souberem do ataque nas colônias, e

saberão quase que imediatamente, também participarão da luta. Mas eles não estão em áreas remotas. Estão nas nossas cidades, perto dos nossos centros governamentais. Se perceberem que violamos o tratado, eles nos atacarão e muitas vidas civis serão perdidas antes que possamos impedi-los. Portanto, precisamos planejar tudo com muito cuidado para que isso não se transforme em um banho de sangue.

Aquilo não parecia bom, pensou Mia. Nada bom. Ela não pensara naquele aspecto, outros Ks que, como Korum, viviam entre os humanos por algum motivo. Forte, rápido e armado com tecnologia dos Ks, até mesmo um indivíduo poderia infligir uma quantidade de dano tremenda na população humana. Ela tentou imaginar Korum lutando para proteger a própria raça e estremeceu com a ideia. Apenas aquele breve relance da fúria dele no clube já fora assustador. Ela não tinha dúvidas de que ele poderia ser brutal se a situação o exigisse.

Voltando a atenção para o pequeno objeto, Mia pergunto: — E o que essa arma faz?

— Ela dissolve ligações moleculares, destruindo tudo no caminho — disse Leslie. — Essencialmente, ela transformará o que você quiser em poeira. É

uma versão simples em miniatura da arma grande que pretendemos usar para fazer com que os Ks se rendam.

Horrorizada, Mia olhou para o pequeno objeto de aparência inofensiva na palma

da mão de Leslie. — Então, ela pode transformar uma pessoa em pó?

Leslie assentiu. — Ela funcionará no que estiver no caminho. As nanomáquinas que ela libera funcionam por um período de apenas trinta segundos antes de ficarem inativas, mas esse tempo normalmente é suficiente para dissolver completamente uma pessoa. Você nem precisa se preocupar em mirar no peito ou outro local essencial. Se as nanomáquinas encostarem em qualquer parte do corpo dele, será o fim.

Mia quase engasgou com a ideia. — O quê? Não! Eu nunca conseguiria fazer uma coisa dessas! — exclamou ela horrorizada. — Não posso usá-la nele...

— Pode, sim, e usará — disse Leslie — se sua vida estiver em perigo.

Não tenho ideia se ele fará a conexão entre o que está acontecendo nos Centros dos Ks e você, mas, teoricamente, ele é alguma espécie de gênio e eu não ficaria surpresa se isso acontecesse. — Passando a mão pelos cabelos curtos em uma demonstração de frustração, Leslie acrescentou: — E é melhor que faça isso depressa antes que ele tenha a oportunidade de reagir. Basta

apontar e atirar, sem nem precisar pensar. Você entendeu? Eles são rápidos, Mia. Muito rápidos.

Mia balançou a cabeça negativamente. — Não vou fazer isso. Não posso...

Leslie deu de ombros. — A decisão é sua. Se prefere morrer, então que seja, não é da minha conta. John me pediu que a entregasse a você e aqui está ela. Você pode levá-la e não usá-la, se é o que quer. Mas, pelo menos, não estará completamente desprotegida quando a merda toda acontecer. — Ela colocou o dispositivo no colo de Mia. — Se quiser usar a arma, basta procurar o pequeno ressalto na lateral. Se pressioná-la com firmeza, ela disparará. Mas lembre-se de apontar a extremidade arredondada na direção dele...

Mia balançou a cabeça novamente. — Não vou usá-la — disse ela com convicção inabalável.

Leslie olhou para ela com uma expressão que parecia de pena. — Sua idiota — disse ela com voz suave. — Você se apaixonou pelo monstro, não foi?

Mia afastou o olhar. — Isso não é da sua conta — disse ela baixinho,

examinando as unhas. — Eu fiz o que precisava ser feito. Ele irá embora e ponto final.

— Você é muito burra — disse Leslie em tom de desprezo. — Você não é nada para ele. É menos que nada. Ele a esmagará como um inseto se estiver por perto quando atacarmos. Só porque ele gosta de foder você não quer dizer que terá misericórdia se descobrir o que fez. Ele dormiu com centenas de mulheres iguais a você, provavelmente milhares. E você não é nada de especial para ele...

— Você não sabe de nada! — interrompeu Mia, sentindo cada palavra como uma apunhalada no coração. — Você nem o conhece...

Leslie estreitou os olhos. — Não preciso conhecê-lo para saber exatamente como ele é, como todos eles são, Mia. Eles não têm a menor consideração por nós, pela vida humana. Somos apenas um experimento para eles, algo que criaram. No que diz respeito a eles, somos criaturas deles, para fazerem conosco o que quiserem. E, se quiserem, eles se livrarão de nós e tomarão o nosso planeta para uso próprio. E você é uma idiota se acha que é diferente de alguma forma. Ele é tão ruim quanto todos eles. Foi ele que os trouxe até aqui...

Leslie tinha razão. Mia sabia daquilo tudo com a parte racional da mente, mas o coração idiota se recusava a aceitar. Saber que ele estaria fora da vida

dela em alguns dias era estranhamente doloroso e a ideia de que ele poderia ser ferido no processo fez com que as entranhas dela se contorcessem de medo. Ainda assim, Leslie tinha razão, ele provavelmente não hesitaria em matá-la se descobrisse que as ações dela ameaçaram a estadia dos Ks na Terra.

Ela não queria morrer, mas não achava que conseguiria matá-lo, nem mesmo em defesa própria.

Respirando fundo, Mia perguntou: — Quando isso acontecerá? Quanto tempo levará para que ocorra o ataque?

Leslie hesitou, aparentemente ponderando se Mia ainda era confiável.

— Leslie — disse Mia em tom cansado —, eu sei o que aconteceria se ele descobrisse que estou ajudando vocês. Não vou avisá-lo. Não posso avisá-lo sem perder a minha própria vida. Não me arrependo do que fiz. Só porque não posso matar uma pessoa de quem fui íntima pelo último mês, isso não significa que eu

trairia a sua causa. Só quero saber quanto tempo mais eu tenho...

— Até amanhã — disse Leslie. — Você tem até amanhã. Meu conselho é que desapareça pela manhã, vá para o mais longe que puder. Não faça as malas, não faça nada que levante suspeitas. Simplesmente vá embora. De uma forma ou de outra, tudo acabará neste fim de semana.

NAQUELA NOITE, Korum voltou para casa tarde, perto de nove horas.

Mia começou a andar de um lado para o outro na sala de estar às cinco horas da tarde, incapaz de ficar sentada nem de relaxar por causa do que aconteceria. Se Leslie tivesse dito a verdade, aquela seria a última noite com Korum... e talvez a última noite em que ela estaria viva. Para maximizar as chances de sobrevivência, ela decidiu seguir o conselho de Leslie e partir assim que acordasse na manhã seguinte. Korum provavelmente já teria saído do apartamento e ela teria uma chance de escapar. Talvez pegasse o metrô para uma das cidades próximas. O dissolvedor, como decidira chamar a arma, estava dentro da bolsa em segurança. Ela não tinha a menor intenção de usá-lo em Korum, mas, mesmo assim, era bom saber que tinha algo com o que se defender caso o caos se instalasse na sexta-feira.

Para se manter ocupada, ela foi até o armário e experimentou alguns dos vestidos novos. O guarda-roupa dela agora era tão extenso que muitas das roupas ainda estavam com as etiquetas e ela não fazia ideia do que realmente

tinha. Tudo cabia nela perfeitamente, é claro. Os atendentes da Saks tinham feito um excelente trabalho. Depois de uma hora experimentando uma roupa atrás da outra, Mia decidiu usar um vestido cinza simples, sem mangas, feito de uma mistura de algodão e seda, que abraçava a parte de cima do corpo e caía suavemente da cintura até os joelhos. Apesar da cor e do corte conservadores, parecia elegante e sensual, como a maioria das coisas que ela vestia agora. Para combinar com o vestido, Mia decidiu se maquiar de leve, colocando uma camada de base e um pouco de pó de arroz. Ela não sabia ao certo por que era subitamente tão importante estar com uma boa aparência naquela noite, pois normalmente não ligava para esse tipo de coisa. Mas queria estar particularmente atraente para Korum. Encerrando o traje com sandálias de salto pretas, Mia retomou o andar impaciente.

Ele lhe dera um número de telefone para que pudesse encontrá-lo caso precisasse

dele, mas Mia nunca o usara antes. Mas, quando o relógio marcou oito horas, ela considerou seriamente telefonar para saber onde ele estava.

Mas aquilo seria tão fora do que ela normalmente fazia que talvez ele estranhasse. E ela não queria arriscar deixá-lo desconfiado.

Finalmente, quando faltavam quinze minutos para as nove horas, a porta se abriu. Ele entrou, vestindo calças *jeans* azuis simples e uma camiseta preta.

Não importava o que ele vestisse, é claro, teria parecido deslumbrante mesmo que usasse trapos. Ao vê-la parada no meio da sala, um sorriso largo se abriu, com a covinha, iluminando o rosto dele e fazendo com que os olhos cor de âmbar se enrugassem nos cantos. Em seguida, um brilho dourado familiar surgiu no olhar dele.

Antes que ela tivesse a oportunidade de dizer alguma coisa, ele se aproximou e ergueu-a do chão sem o menor esforço, beijando-a profundamente. A língua de Korum entrou na boca de Mia e ela passou os braços em volta do pescoço dele, retribuindo o beijo de forma apaixonada e um pouco desesperada. As pernas dela envolveram a cintura dele e eles permaneceram lá, presos nos braços um do outro, até que Mia ficou sem fôlego, esfregando-se contra ele, os seios no peito e o sexo na pélvis. Ele soltou um gemido profundo e rouco e ela sentiu a ereção dele aumentando cada vez mais, pressionando-lhe a região baixa do corpo por sobre o material que os separava. Segurando-a com um braço, ele encontrou a faixa rendada de material que cobria a vagina de Mia e rasgou-a, com os dedos acariciando e explorando as dobras úmidas. Mia gemeu, quase enlouquecida de desejo, e ouviu o som de um zíper sendo aberto. Uma fração de segundo depois, ele

estava dentro de Mia, com o pênis investindo dentro dela enquanto a segurava naquela posição, erguida contra o corpo de Korum, que estava de pé no meio da sala de estar.

Chocada com o movimento súbito da penetração, Mia gritou, com os tecidos internos lutando para acomodar a intrusão. Ele pausou por um segundo, deixando-a se acostumar com a sensação do pênis na posição nada familiar.

Em seguida, ele começou a se mover, movendo-a para cima e para baixo com uma das mãos e com a outra enterrada nos cabelos dela, puxando a boca de Mia para mais perto. Não houve um progresso lento e gentil dessa vez, pois tudo

dentro de Mia ficou tenso ao mesmo tempo no momento em que ela gozou, com os músculos internos contraindo-se em torno do pênis dele. E ele também gozou, tão profundamente dentro dela que Mia sentiu as contrações dele no ventre.

Respirando pesadamente, Mia desabou contra ele, incapaz de acreditar que aquilo acabara de acontecer, em um período de dois minutos. Ele também respirava depressa e ela sentiu o peito musculoso subindo e descendo enquanto estava apoiada nele, com o pênis ainda dentro dela. Quando as pulsações do orgasmo dele terminaram, ele a ergueu e colocou-a com cuidado no chão, com as mãos ainda em volta da cintura dela. As pernas de Mia tremiam e ela se agarrou nele, grata pelo apoio.

Olhando para ele, Mia notou que os olhos de Korum voltavam lentamente à cor âmbar normal. Com os lábios curvando-se em um sorriso leve, ele disse com voz rouca: — Acho que preciso pedir desculpas novamente. Claramente não tenho o menor controle quando se trata de você. Eu realmente não pretendia saltar sobre você assim. E provavelmente você também está com fome...

Mia estava com fome, mas isso não importava. Corando um pouco ao sentir o sêmen dele escorrendo-lhe pelas pernas, ela murmurou: — Não, você não precisa se desculpar... sabe que eu gostei muito também...

O sorriso dele era puramente satisfação masculina. — Fico feliz — disse ele baixinho. — E, agora, que tal comermos alguma coisa?

Mia assentiu e corou ainda mais quando ele desapareceu por um segundo e voltou com uma toalha de papel que entregou a ela. Constrangida, Mia desviou o olhar ao limpar os traços da paixão deles.

Ele riu baixinho. — Você ainda é tão puritana — brincou ele gentilmente.

— Teremos que curar isso em algum momento. É tudo muito natural, sabia?

Mia deu de ombros, sem olhar nos olhos dele. Por algum motivo, ela ainda

tinha esses arroubos de timidez perto dele, apesar de todo o sexo intenso e selvagem que fizeram no mês anterior.

Korum riu mais um pouco e perguntou: — Como você está tão bonita, que tal sairmos para comer em um restaurante francês?

Mia adorou a ideia e disse isso a ele.

— Ótimo. Então vou tomar um banho rápido e trocar de roupa para podermos sair — disse ele, tirando a camiseta a caminho do banheiro. A visão das costas musculosas dele fez com que as entranhas de Mia se contorcessem de desejo novamente. Por que ele, perguntou-se ela novamente em desespero, por que ele tinha que ser a pessoa que a fazia se sentir daquele jeito? E como ela aguentaria quando ele se fosse para sempre?

O JANTAR FOI em um pequeno restaurante francês do qual Mia nunca ouvira falar. Mesmo assim, a refeição foi incrível, do *ratatouille* que Mia escolhera como prato principal ao doce muito leve que dividiram como sobremesa.

— Então, você oficialmente terminou a faculdade esse ano? — perguntou Korum, bebendo um gole do vinho tinto. Ele parecia gostar de vinho e champanhe, percebera Mia, apesar de nunca ter notado que tivessem qualquer efeito nele. Por outro lado, ela nunca o vira tomar mais do que dois copos.

— Isso mesmo — respondeu ela, espetando um pedaço de abobrinha com o garfo. — O semestre acabou oficialmente para mim. Entreguei todos os trabalhos hoje e agora posso ficar completamente à toa.

Ele sorriu. — Por algum motivo, não consigo imaginá-la à toa o dia inteiro. Desde que a conheci, você esteve ocupada estudando ou fazendo alguma outra coisa para a faculdade. — Estendendo a mão, ele acariciou o rosto dela de leve, com a expressão ficando mais séria. — Será bom para você relaxar um pouco. Você se esforçou demais nas últimas duas semanas.

Não acho que esse estresse todo seja bom para a sua saúde.

Mia olhou para ele com surpresa. — Estou bem — protestou ela. — Sinto-me ótima, não é realmente um problema.

Korum a estudou intensamente, com uma expressão preocupada no rosto.

— Não sei — disse ele, balançando a cabeça. — Seu sistema imunológico é tão delicado, tão frágil. Realmente não é bom se sobrecarregar desse jeito.

Mia deu de ombros, tentando entender por que ele entrara naquele assunto.

— Meu sistema imunológico está muito bem — disse ela. — Ele é tão forte quanto o de qualquer outro ser humano. Você realmente não precisa se

preocupar comigo. Não fico doente com frequência nem nada disso.

— Tão forte quanto o de qualquer outro ser humano não é tão forte assim

— disse ele, com um franzir ligeiro entre as sobrancelhas escuras. Ele a observou especulativamente e Mia não sabia no que estava pensando. De qualquer forma, ele pareceu chegar a uma conclusão, pois a testa ficou lisa novamente. Mudando de assunto, ele perguntou sobre o dia dela e a conversa fluiu novamente de forma casual e agradável.

No decorrer do jantar, Mia não se conteve e encarou-o, absorvendo a imagem do rosto dele, os gestos animados que usava ao falar sobre algo que achava empolgante, a forma como o corpo alto e musculoso se movia na cadeira, até mesmo o menor dos movimentos repleto daquela graça atlética e inumana. O corpo dela desejava o dele sexualmente, mas agora ia muito além disso. Cada célula no corpo de Mia queria ficar com ele e a ideia do amanhã a enchia de um terror gelado e doentio. Ela não podia contar nada a ele, não podia avisá-lo do que estava prestes a acontecer. Mas podia tentar se lembrar de cada momento daquela noite, imprimir na memória a curva da boca de Korum, os cílios compridos, a forma como ele ria quando ela dizia algo divertido.

Uma percepção agonizante a rasgou por dentro: ela o amava. Apesar de tudo o que sabia sobre ele, apesar de tudo o que fizera a ela, apesar do fato de ser o inimigo e de que ela o traíra... Apesar disso tudo, ela o amava com cada fibra do corpo.

E, amanhã, ela o perderia para sempre.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

U m som de chuva leve e constante acordou Mia na manhã seguinte. Ainda meio dormindo, ela se espreguiçou, relutante de enfrentar o dia por algum motivo. Alguns segundos depois, o cérebro ligou os pontos e ela se sentou aterrorizada ao se lembrar do que deveria acontecer naquela manhã.

Saltando da cama, ela se forçou a andar calmamente até o banheiro e escovar os dentes, seguindo a rotina matinal normal caso Korum ainda estivesse em casa.

Ao terminar, ela vestiu calças *jeans* e uma camisa confortável de mangas compridas. Em seguida, aventurou-se até a sala de estar para verificar a situação.

A sala de estar e a cozinha estavam vazias e Mia quase estremeceu de alívio. Korum devia ter seguido a rotina comum, saindo de casa para fazer o que tinha a fazer durante o dia. E, depois da onda de alívio, veio o desapontamento. Racionalmente, ela sabia que deveria estar feliz por ter a oportunidade de ir embora, que o destino estava sendo gentil ao permitir que ela evitasse um último, e possivelmente mortal, encontro com o amante alienígena. Mas aquilo não ajudava a curar a ferida no coração que se abrira ao perceber que nunca mais o veria.

A noite anterior fora incrível, o sexo entre eles mais perto de fazer amor do que Mia já tivera. Ele a tratara como uma princesa, adorando-a com o corpo dele, e Mia chorara novamente depois, incapaz de conter as lágrimas ao saber o que o amanhã traria. Ele tentara consolá-la, descobrir o que a estava deixando triste daquela vez, mas Mia fora incoerente. Finalmente, ele simplesmente a possuíra de novo, com o corpo investindo contra o dela em um ritmo selvagem e incansável até que ela não conseguira pensar em mais nada,

com todas as preocupações queimadas pelo fogo da paixão, até que gritou em êxtase quando ele a levou ao clímax várias vezes. Depois disso, ela simplesmente desmaiara, exausta demais para se lembrar do motivo pelo qual estivera chorando.

Mas ela não podia pensar sobre aquilo agora. Não se quisesse sair viva daquela história toda.

Pegando a bolsa, Mia amarrou o cadarço dos tênis e se preparou para deixar o apartamento de Korum. Com um último olhar para a mobília cor de creme e as plantas vistosas, ela andou na direção da porta, com cada passo mais pesado que o anterior.

Ela não soube ao certo o que a fez dar a volta e entrar no escritório dele, deixando a bolsa sobre o sofá na sala de estar. Seria o subconsciente ainda agarrando-se à esperança de que ele estivesse lá? De que ela pudesse vê-lo uma última vez? Ela achava que não, mas os pés pareciam ter vontade própria, levando-a em direção às portas deslizantes que se abriram quando se aproximou.

Não havia ninguém no aposento, mas um mapa tridimensional gigante brilhava

diante dela, diferente de tudo o que já vira antes.

COM O CORAÇÃO batendo depressa no peito, Mia entrou na sala, como se puxada por uma corda invisível.

Não era Nova Iorque que estava diante dela. Ela teria reconhecido em um relance. Na verdade, não era uma cidade. Havia vegetação por toda parte.

Plantas de um verde brilhante pareciam dominar a paisagem, indo de variedades familiares a exóticas. Estruturas oblongas de cor pálida eram vistas surgindo por entre as árvores, parecendo um pouco como cogumelos. Se não fosse pelas estruturas, Mia teria achado que olhava para um parque ou uma floresta em algum país tropical. O lugar era lindo... e alienígena. Cada fio de cabelo da nuca se arrepiou quando Mia percebeu exatamente o que via.

Devia ser um Centro dos Ks... talvez até mesmo o principal deles na Costa Rica. Lenkarda, fora como Korum o chamara uma vez.

Com o coração batendo com força, Mia avaliou a situação. Ela precisava ir embora e o mais depressa possível. Por que Korum estaria olhando um mapa de um dos Centros dos Ks? Ele suspeitava de alguma coisa? E por que teria sido tão descuidado, deixando-o visível daquela forma? Será que, afinal de contas, suspeitava dela? Era uma armadilha?

Com o último pensamento, Mia sentiu uma onda fria de terror passando pelas veias. Ela precisava ir embora imediatamente.

Ainda assim, ela não conseguia afastar os olhos da imagem inacreditável à sua frente. Quantos humanos tinham visto algo tão espetacular? Os Centro dos Ks eram bem protegidos, com uma zona de proibição de tráfego aéreo sobre eles. Nem mesmo os satélites humanos podiam observá-los. Os escudos dos krinars os tinham deixado completamente invisíveis aos equipamentos eletrônicos dos humanos. E agora ela tinha a chance de observar uma colônia alienígena, de ver onde Korum vivera.

Uma curiosidade incontrolável tomou conta de Mia. Ignorando toda a razão e o bom senso, ela avançou pela sala, circulando a mesa lentamente e estudando o holograma à sua frente.

Os prédios, se é que eram prédios, eram amplamente afastados uns dos outros e

misturavam-se harmoniosamente com os arredores. Não havia ruas pavimentadas nem calçadas que Mia conseguisse ver. Em vez disso, cada estrutura era isolada, bem no meio da vegetação. E Mia percebeu que não havia janelas nem portas, pelo menos, não visíveis aos olhos dela. Os prédios tinham cores claras, com as mais comuns sendo marfim, creme e bege, mas também havia alguns tons de cinza claro e pêssego claro.

Em direção ao centro do mapa, havia várias estruturas maiores, incluindo uma cúpula circular grande. Todas elas eram totalmente brancas. Mia supôs que provavelmente fossem as áreas comuns. Também não havia ruas nem calçadas que levavam a elas, nem entradas ou saídas visíveis.

Nas beiradas externas do assentamento, havia alguns prédios circulares menores espaçados uniformemente, circundando o perímetro inteiro. Eles eram verdes e marrons e se misturavam tão perfeitamente na paisagem que Mia teve que olhar com atenção para discernir a presença deles. Ela percebeu que eram camuflados. Se não fosse por um leve brilho que os prédios pareciam emitir, ela não teria notado que estavam lá. Ela ficou imaginando se seriam algum tipo de posto de guarda. Afinal de contas, os Ks estavam em território hostil e os nativos eram muito mais numerosos. Fazia sentido que a segurança nas colônias deles fosse reforçada.

Além dos prédios verdes e marrons, havia mais vegetação, e as plantas dominavam tudo que estava à vista. A oeste, Mia viu um grande corpo d'água, talvez um oceano. Se aquilo fosse na Costa Rica, então provavelmente era o Pacífico. Apesar de o país ter duas costas, a região de Guanacaste que Korum mencionara ficava localizada o lado do Pacífico.

Enquanto Mia olhava maravilhada para as imagens tridimensionais, notou um brilho familiar rodeando uma das áreas perto do oceano. Olhando mais de perto, viu uma pequena estrutura de madeira que parecia ser humana, uma espécie de cabana. Mal ousando respirar, Mia estendeu a mão na direção dela e rapidamente recuou, lembrando-se do que acontecera na última vez em que entrara naquele mundo de realidade virtual sem uma forma de voltar. Lançando um olhar desesperado pela sala, ela viu o suéter de Korum pendurado nas costas de uma das cadeiras. Ahá!

Vestindo rapidamente o suéter, Mia tocou na imagem brilhante com a mão, preparando-se para a mudança de realidade que sentira antes.

E lá estava ela, parada na praia, respirando a brisa com cheiro de sal, sentindo o sol quente no rosto e ouvindo o rugir do oceano. Uma mariposa passou por ela, seguida de uma abelha. Mia viu uma pequena criatura parecida com um caranguejo rastejando pela areia a poucos metros de distância. Tudo parecia muito real, mas ela sabia que provavelmente estava dentro de algum tipo de gravação.

Estreitando os olhos por causa da claridade, Mia olhou em volta. Havia um caminho estreito que saía da praia em direção à cabana que vira aninhada entre as árvores. Sentindo-se um pouco como Alice no País das Maravilhas, ela avançou na direção dela, muito curiosa para ver o que havia lá dentro.

A cabana parecia velha e decrépita, mais ainda ao ser vista de perto.

Devia ter sido construída pelos humanos. A julgar pela condição da madeira, decididamente era anterior à chegada dos Ks. Ela também tinha uma porta, o que significava que Mia poderia entrar e explorar. Ansiosa e prendendo a respiração, ela abriu a porta, encolhendo-se ao ouvir o rangido das dobradiças enferrujadas.

O interior da cabana estava imaculadamente limpo, sem teias de areia nem outras coisas desagradáveis que se esperaria encontrar em uma construção abandonada. A mobília era antiga e simples, mas ainda funcional, com uma pequena mesa e algumas cadeiras espalhadas. Havia também um estrado no chão, que parecia ser uma cama. E o local estava totalmente vazio.

Desapontada, Mia olhou em volta. Por que Korum tinha aquela gravação?

Claramente, não havia nada acontecendo ali.

Foi então que a porta se abriu e um K entrou. Ele parecia muito típico da raça, alto e bonito, com cabelos pretos e pele bronzeada. Usava uma bermuda cinza feita de um material incomum, uma camiseta sem mangas larga e algum tipo de sandálias finas nos pés. Mal ousando respirar, Mia o encarou, mas,

obviamente, ele não estava ciente da presença dela. Mas parecia nervoso.

Lançando um olhar breve e furtivo em volta, ele andou na direção da mesa.

Como precaução, Mia saiu do caminho dele, subindo no estrado, sem saber ao certo o que aconteceria se encostasse fisicamente em alguém naquele estranho

mundo virtual.

O K moveu a mesa para o lado e abaixou-se, olhando para alguma coisa no chão. Em seguida, pressionou uma das tábuas, que pareceu ceder sob os dedos dele. Afrouxando-a ainda mais, ele puxou alguma coisa e a seção inteira do chão se abriu. Sem hesitação, ele saltou para baixo e a abertura lentamente começou a se fechar atrás dele.

O coração de Mia disparou ao observar as ações dele. Ali estava a chance dela, mas teria coragem de segui-lo? A que distância ficava o destino dele e o que aconteceria se ela saltasse atrás dele? Havia alguma chance de se ferir?

Aquilo não era real, ela estava apenas assistindo a um filme muito realista.

Mas certas sensações ainda estavam lá: calor, cheiros, tato. Por outro lado, cair na calçada na última vez não causara qualquer dor. E a abertura no chão se fechava cada vez mais. Dane-se, decidiu Mia. Ela já estava arriscando a vida só de estar lá, o que era um possível ferimento em um mundo virtual?

Respirando fundo, ela pulou.

No início, houve apenas escuridão e a sensação de frio no estômago por causa da queda, mas logo o chão duro estava sob os pés dela e Mia caiu sobre ele com facilidade, como um gato. Esforçando-se para respirar, mal acreditando que conseguira, Mia sentiu as pernas e os joelhos com as mãos.

Tudo parecia inteiro e a respiração de Mia começou a voltar ao normal. Ela sobrevivera ao salto e agora só precisava descobrir onde estava.

A sala em que caíra era pequena e sem características marcantes, mas havia uma porta. O K devia ter passado por ela. Abrindo-a cuidadosamente, Mia espiou.

Além da porta, havia uma sala grande, ocupada por vários Ks, incluindo aquele que Mia seguira. O coração dela deu um salto. Ela nunca vira tantos alienígenas reunidos em um só lugar e era uma visão impressionante.

Havia cinco machos e duas fêmeas, todos altos e lindos. As roupas eram claramente adequadas ao clima quente, com os machos usando bermuda e vários estilos de camisetas sem mangas e as fêmeas usando vestidos leves e diáfanos que só cobriam os seios e os quadris, deixando a maior parte da pele dourada

exposta. Apesar dos trajes, Mia duvidava que estivessem lá para apreciar a brisa do oceano. Eles pareciam tensos e preocupados, com gestos

abruptos e quase violentos ao discutirem sobre algo no idioma dos krinars. Em geral, lembravam a Mia do orgulho dos leões, andando pela sala com a graça animal peculiar da espécie deles.

Finalmente, um deles olhou para o pulso, onde um pequeno dispositivo parecia estar preso. Ele disse algo que soou como um comando, pressionou um botão e uma imagem holográfica surgiu no meio da sala. O restante dos Ks se reuniu em volta dela e Mia se aproximou, tentando ver para o que eles olhavam. Para surpresa dela, era um humano, possivelmente um militar, a julgar pelo uniforme que usava.

— Estamos todos seguros — disse o K de cabelos pretos em um inglês norte-americano de sotaque perfeito. — Todos nós saímos do Centro em vários momentos essa manhã e na noite passada. Você está pronto no seu lado, general?

General? Mia sentiu um terror gelado espalhando-se pelas veias. Esses deviam ser os Kapas e estavam trabalhando com as forças humanas que John mencionara. E, como ela os observava daquela forma, a identidade deles não era mais segredo. Korum sabia exatamente quem eles eram e o que estavam fazendo. Quase hiperventilando por causa do pânico, Mia olhou horrorizada para a cena que sabia que não poderia terminar bem.

O general assentiu. — Estamos prontos. Nosso povo está estacionado nos pontos acordados do lado de fora dos Centros. A operação começará quando vocês derem o sinal.

Uma das fêmeas Ks, uma beleza de olhos cor de amêndoa e cabelos castanhos, aproximou-se da imagem. — E os que estão do lado de fora? Vocês têm alguém pronto para neutralizá-los?

— Sim, temos — disse o general lentamente. — Mas há um pequeno problema. Um deles está desaparecido.

A fêmea estreitou os olhos. — O que quer dizer com desaparecido? Quem?

— Korum. Não conseguimos localizá-lo essa manhã.

Os Ks sibilaram de raiva, iniciando uma conversa furiosa no próprio idioma. A fêmea que falou gesticulava selvagemente, tentando convencer o macho de cabelos pretos de alguma coisa, mas ele simplesmente balançava a cabeça, repetindo a mesma frase sem parar. Mia desejou desesperadamente entender o que diziam, mas a única coisa que captou foi o nome de Korum dito algumas vezes.

Parecendo ter tomado uma decisão, o K de cabelos pretos se virou novamente para a imagem. — General, esse é um problema sério. Por que não

fomos notificados disso mais cedo? — A voz dele estava rouca por causa da raiva.

— Tínhamos a situação sob controle até trinta minutos atrás. Nossos dois melhores homens estavam atrás dele, seguindo-o quando ele saiu do apartamento. Depois, ele entrou em um Starbucks e simplesmente desapareceu.

Não o vimos sair e fizemos uma busca no lugar, de cima abaixo. Eu mesmo só fui notificado há alguns minutos.

— Seus idiotas — a fêmea praticamente cuspiu as palavras. — Quantas vezes nós lhe dissemos como ele é perigoso? Por que ele desaparecia desse jeito? Ele notou os seus homens?

O general a encarou com um olhar impassível. — Quer nos retirar da operação?

Os Ks se entreolharam, discutindo mais um pouco no idioma deles. Depois de cerca de um minuto, pareceram chegar a uma conclusão. — Não — disse a fêmea em inglês, balançando a cabeça negativamente. — É tarde demais para isso. Se alguma coisa o deixou desconfiado, a pior coisa seria recuar a essas alturas. Teremos que lidar com ele mais tarde e torcer para não perdermos vidas demais ao fazer isso.

— Temos a sua aprovação para prosseguir então?

— Sim, têm — disse o macho de cabelos pretos e a fêmea assentiu.

— Muito bem — disse o general. — A Operação Liberdade começará às nove horas da manhã, horário do leste dos Estados Unidos.

Mia olhou freneticamente em volta, tentando descobrir que horas eram. Um relógio velho e enferrujado estava pendurado em uma das paredes, mostrando 6h55. Se estivesse correto e ela estivesse mesmo na Costa Rica, o ataque aconteceria em menos de cinco minutos, pois o país da América Central ficava duas horas atrás de Nova Iorque.

A imagem do general desapareceu e outra imagem tomou o lugar dela. Essa era de uma floresta, com as estruturas circulares familiares verdes e marrons ao fundo. Era a beira da colônia, percebeu Mia. Os Kapas observariam o ataque daquele lugar subterrâneo, onde achavam que estavam seguros.

Mia sentiu as mãos começarem a tremer. Ah, meu Deus, se ela pelo menos pudesse avisá-los... Mas era tarde demais agora. Quando Mia entrara no escritório de Korum, já era bem mais de dez horas da manhã em Nova Iorque.

Se o ataque tivesse acontecido, Mia teria ficado sabendo, teria recebido mensagens de texto preocupadas de Jessie ou um alerta urgente de alguma agência de notícias pelo telefone.

Não, a Resistência devia ter fracassado. Só o que podia fazer agora era assistir impotentemente enquanto o desastre se desenrolava bem em frente aos seus olhos.

Os Kapas andaram em volta da sala, trocando comentários breves de vez em quando, mas, na maior parte do tempo, ficando em silêncio. O holograma mostrava uma fronteira calma e pacífica, com apenas um ou outro inseto oferecendo alguma distração. O tempo parecia andar devagar, com cada segundo demorando mais do que o anterior. Mia se viu roendo as unhas, algo que não fazia desde a época da escola, e observando enquanto os Ks ficavam cada vez mais ansiosos.

O relógio marcou sete horas e o caos começou.

Alguma coisa brilhou na beira da floresta e houve um *flash* de luz azul. Os Kapas gritaram em triunfo e Mia percebeu que acontecera alguma coisa favorável a eles, talvez um escudo tivesse sido desativado.

Em seguida, surgiu uma luz que quase a cegou e a estrutura circular desapareceu, dissolvendo-se diante dos olhos dela. Com outro brilho, mais uma estrutura foi destruída. Ah, meu Deus, percebeu Mia, o ataque era real, estava realmente

acontecendo. Estavam destruindo os postos de guarda, acabando com as defesas do Centro.

Subitamente, as forças humanas apareceram, correndo em direção à borda.

Vestidos com uniforme do exército, todos pareciam ser soldados treinados e havia muitos deles. Dezenas, não, centenas... Eles se aproximaram da borda, com tudo no caminho desaparecendo naqueles *flashes* de luz brilhante.

A imagem holográfica mudou e afastou o *zoom*, e Mia pôde ver a magnitude do que estava acontecendo.

Milhares de tropas humanas estavam reunidas na borda, a maioria delas armada com armas humanas. Quando os postos de guarda desapareceram, parecendo servir como um sinal, o ataque começou em toda a plenitude, com a onda imensa de soldados humanos avançando em direção ao Centro e espalhando-se para envolver o perímetro.

Ela ouviu a Resistência transmitindo a exigência de rendição dos Ks, anunciando que tinham a arma de nanotecnologia pronta para ser usada.

E, em um piscar de olhos, tudo mudou.

Quando a primeira onda de soldados se aproximou da beira, houve outro *flash* de luz azul e o brilho voltou. Os Kapas gritaram algo e Mia observou horrorizada quando as pessoas no fronte foram jogadas para trás por alguma força invisível, com os corpos sendo totalmente queimados.

A boca de Mia se abriu em um grito silencioso de terror e, subitamente, tudo acabou. Uma onda imensa de luz vermelha explodiu no campo de batalha, fazendo com que as tropas humanas remanescentes caíssem no chão simultaneamente, sem que se movessem novamente. Milhares de soldados humanos agora não eram mais que corpos deitados no gramado. Era como se uma bomba tivesse sido detonada, mas, em vez de explodi-los em pedaços, simplesmente os matara com aquela luz vermelha brilhante.

Mia não conseguia respirar nem tirar os olhos da destruição que acabara de acontecer. O peito parecia prestes a explodir com a força com que o coração batia e uma onda de bile quente subiu-lhe pela garganta. Era tudo culpa dela. Se não tivesse feito o que fez, nada disso teria acontecido. O

ataque não teria acontecido e todas aquelas pessoas estariam em casa com a família, cuidando da vida em vez de morrer diante dos olhos dela. Milhares de mortes humanas estavam agora na consciência dela.

Os Kapas entraram em pânico e a sala ficou tomada pelos gritos e discussões deles. Estavam decidindo se fugiriam ou se permaneceriam lá, percebeu Mia com uma sensação de enjoo. Eles tinham arriscado tudo e perdido. E, agora, haveria consequências pelas ações deles. Naquele momento, o teto sobre a cabeça deles se despedaçou e os Kapas gritaram aterrorizados quando a luz brilhante da manhã entrou na sala, pois a cabana acima fora destruída. Mia também gritou, abaixando-se para se proteger, apesar de o cérebro dizer que aquilo não era real, que não era ela quem estava em perigo. Petrificada, ela se encolheu em um canto, abraçando os joelhos contra o peito e assistindo impotente quando outros Ks saltaram para dentro da sala, vestidos com a roupa cinza-escura simples que ela reconheceu como sendo o uniforme militar deles.

O macho de cabelos pretos pulou sobre um dos soldados em um ataque rápido e súbito, com os movimentos sendo quase um borrão para Mia, e foi jogado para trás com a mesma velocidade, com o corpo contorcendo-se incontrolavelmente no chão. Outro soldado, que Mia supôs ser o líder deles, gritou uma ordem e os movimentos de contração pararam. O Kapa de cabelos pretos estava agora inconsciente. Os outros Kapas ficaram parados, sem querer sofrer o mesmo destino, com expressões variando da fúria à derrota amarga. As armas invisíveis que os soldados carregavam claramente eram suficientes para dissuadir os Kapas de lutar por mais tempo.

Era o fim, pensou Mia. As lágrimas corriam-lhe pelo rosto enquanto ela via os soldados colocando círculos prateados em volta do pescoço dos Kapas.

A versão K de algemas, talvez... Os círculos foram presos no lugar com um clique leve e, com aquele som, houve uma sensação de fim — o som da derrota. A Resistência perdera, as forças deles foram totalmente dizimadas e os aliados alienígenas capturados. A Operação Liberdade falhara e milhares de vidas humanas foram perdidas. Não haveria libertação para a Terra, não hoje... e provavelmente nunca.

Naquele instante, outro K saltou para dentro da sala, com os movimentos graciosamente controlados. Diferentemente dos outros, ele usava roupas humanas, calças *jeans* azuis e uma camiseta bege. E Mia reconheceu as

sobrancelhas familiares sobre os olhos dourados penetrantes, a boca sensual que, agora, parecia cruel, apertada em uma linha inflexível no rosto incrivelmente belo.

Era Korum. O inimigo dela, o amante dela... cuja espécie acabara de matar milhares de pessoas bem diante dos olhos de Mia.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

M ia não conseguia pensar e o corpo todo tremia em choque e medo enquanto observava Korum andar lentamente em direção aos Kapas. A expressão no rosto dele era completamente diferente de tudo o que ela já vira, uma mistura de fúria gelada e desprezo extremo. Ele falou com a fêmea de cabelos castanhos em krinar, com a voz baixa e fria, e ela se encolheu como se tivesse recebido um tapa. A outra fêmea interrompeu em tom suplicante e Korum voltou a atenção para ela, dizendo algo que a silenciou imediatamente.

Os Kapas machos apenas observavam, com os olhares variando de medo a desafio. Em seguida, Korum se virou para o líder dos soldados e perguntou algo a ele. A resposta que recebeu fez com que assentisse, aparentemente satisfeito.

— Perguntei a ele se todos os outros Centros também estavam seguros...

caso esteja curiosa sobre a tradução.

Mia ficou imóvel e o sangue se transformou em gelo. Virando lentamente a cabeça para o lado, ela olhou diretamente para dentro dos olhos com manchas douradas do alienígena que estivera observando no outro lado da sala.

Esse Korum usava as mesmas roupas que o *alter ego* virtual, mas o meio sorriso zombeteiro no rosto dele era diferente. Da mesma forma que o fato de estar olhando diretamente para ela e falando em inglês. Pelo canto do olho, ela via o drama ainda desenrolando-se na sala, mas ele não importava mais. Em vez disso, tudo o que conseguia fazer era encarar a versão real do amante...

que, sem dúvida, sabia sobre a traição dela.

— Felizmente, eles estavam — continuou ele, com a voz enganadoramente calma. — Com a exceção dos traidores que vê à sua frente, nenhum krinar foi

ferido. Apenas alguns de nossos postos de escudos foram destruídos e eles serão facilmente substituídos na próxima hora.

Mia mal conseguia ouvi-lo acima do rugir do próprio coração e as palavras dele não penetraram o redemoinho dos pensamentos em pânico. *Ele sabia*. Ele sabia o que ela fizera e nada do que dissesse ou fizesse mudaria o resultado. A única esperança agora era adiar o inevitável.

— C-como? — sussurrou ela, com os lábios exangues mal movendo-se. A garganta estava estranhamente seca e ela sentia o gosto salgado das próprias lágrimas acumulando-se nos cantos da boca.

— Como eu sabia? — perguntou Korum, aproximando-se do canto onde ela estava e abaixando-se. Erguendo a mão, ele gentilmente prendeu um cacho de cabelos atrás da orelha dela e acariciou-lhe o rosto com as costas da mão, o toque queimando a pele gelada.

Mia assentiu, tremendo com a proximidade dele.

— Como eu poderia não saber, Mia? — perguntou ele suavemente. —

Você achou honestamente que eu não perceberia o que estava acontecendo debaixo do teto da minha casa? Que eu não saberia que a mulher com quem dormia todas as noites trabalhava para os meus inimigos?

— O... o que está dizendo? — sussurrou ela, com o cérebro trabalhando agonizantemente devagar. — V-você sabia o tempo todo?

Ele abriu um sorriso amargo. — É claro. Desde o momento em que eles a abordaram e você concordou em espionar para eles, eu sabia.

— Eu não... eu não entendo. Você sabia e deixou que eu fizesse tudo aquilo mesmo assim?

— Era uma opção sua, Mia. Você poderia ter dito não. Poderia ter se recusado a ajudá-los. E, mesmo depois de concordar, em qualquer momento poderia ter me contado a verdade, podia ter me avisado. Mesmo na noite passada, você ainda poderia ter me avisado. Mas escolheu mentir para mim até o último minuto. — A voz dele estava estranhamente calma e remota, e aquela expressão amarga ainda torcia-lhe os lábios.

— Mas... mas você sabia... — Mia ainda não conseguira processar aquela parte, não conseguia entender o que ele estava lhe dizendo.

— Eu sabia — disse ele, estendendo a mão e pegando um cacho dos cabelos dela. — Eu sabia e deixei que as coisas se desenrolassem. Não era parte do meu plano original. Não era por isso que eu estava em Nova Iorque.

Eu queria encontrar e capturar um dos líderes deles, extrair a identidade dos traidores que você viu hoje. Mas, quando decidiu me trair, eu sabia que uma

oportunidade rara se apresentara. Que poderíamos desferir um golpe na Resistência do qual nunca poderiam se recuperar... e que, assim, eu poderia pegar os traidores.

Ele fez uma pausa, brincando com os cabelos dela, girando o cacho em volta dos dedos. Mia olhava para ele, hipnotizada, sentindo-se como um coelho pego por uma cobra.

— E eu fiz o seu jogo. Dei a você todas as chances de ser bem-sucedida na sua missão traidora. E deu certo. Você acabou sendo muito esperta, com uma capacidade de invenção admirável. — Os olhos dele assumiram um brilho dourado familiar. — Aquela noite em que você roubou os meus projetos foi...

memorável, para dizer o mínimo. Gostei muito dela.

Mia engoliu em seco, começando a perceber onde ele queria chegar. — V-você plantou projetos falsos — sussurrou ela, com uma agonia imensa espalhando-se pelo peito.

Ele assentiu e um pequeno sorriso triunfante curvou-lhe os lábios. — Sim, fiz isso. Dei a eles corda suficiente para que se enforcassem. Eles aprenderam a desativar os escudos, mas não a mantê-los desativados. A arma com que contavam não teria funcionado direito. Eu a projetei para funcionar sob condições de teste, mas não quando estivesse totalmente desenvolvida. E eu deixei que tivessem algumas armas menos importantes para que pudessem causar algum dano e serem pegos tentando fugir... como os covardes que realmente são. Eu sabia que confiaram em você quando entregou os projetos a eles, pois já tinha dado informações reais suficientes àquela altura.

— Então você me usou — disse Mia baixinho, sentindo como se fosse sufocar. A

dor era indescritível, apesar de, logicamente, saber que não tinha o direito de se sentir daquela forma.

— Dói, não é? — perguntou ele de forma astuta, com um sorriso selvagem no rosto. — Dói ser a pessoa usada, a pessoa traída... não é?

— Aquilo tudo foi real? — perguntou Mia amargamente. — Ou foi tudo uma grande mentira? Você planejou tudo, incluindo o nosso encontro no parque?

— Ah, sim, foi real — disse ele suavemente, agora acariciando a orelha dela. — Desde o momento em que a vi, eu soube que a queria, mais do que qualquer pessoa que eu quis em um longo tempo. E comecei a gostar de você, apesar de saber que estava sendo tolo. Com o tempo, eu esperava que você sentisse o mesmo por mim. Que, se eu lhe mostrasse como as coisas podiam ser boas entre nós, você perceberia o que estava fazendo, o erro que estava

cometendo. E você chegou perto disso, eu sei... Mesmo assim, você me traiu no final, sem se importar com o que poderia acontecer, se eu viveria ou morreria...

— Não! — interrompeu Mia, com os olhos ardendo pelas lágrimas. —

Isso não é verdade! Eles me prometeram... prometeram que você não sofreria nada, que eles lhe dariam passagem segura de volta para casa...

— De volta para Krina? — perguntou ele em tom perigosamente baixo. —

Onde eu estaria fora da sua vida para sempre? E como eles teriam garantido que eu ficaria lá?

Mia só conseguiu ficar olhando para ele. Por algum motivo, aquilo nunca lhe ocorrera. Ao fundo, o Korum virtual saiu da sala, juntamente com os soldados que escoltavam os prisioneiros.

Ele deu uma risada curta e ríspida. — Já entendi. Você nem pensou nisso, não é? Aquela deportação era uma solução temporária, na melhor das hipóteses? Não, os traidores nunca teriam me deportado. Aos olhos deles, sou perigoso demais porque tenho o desejo e os meios de voltar à Terra com reforços. E isso é a última coisa que desejariam.

Mia sentiu como se tivesse levado um soco no estômago. Ela não percebera...

Eles mentiram para ela. Mia não teria prosseguido, não teria feito nada daquilo se soubesse que ele seria morto. Precisava convencê-lo disso. —

Korum — disse ela em tom desesperado —, eu não sabia, eu juro...

Ele balançou a cabeça. — Não importa — disse ele. — Mesmo que você não quisesse que eu fosse morto, ainda assim tinha a intenção de me afastar da sua vida para sempre, ainda assim me traiu... E isso não é algo que eu possa perdoar facilmente.

— E agora? — perguntou Mia em tom cansado. Ela estava começando a se sentir amortecida e ficou grata pela sensação, pois apagou o terror e a dor. —

Você vai me matar?

Ele a encarou com o olhar assumindo um tom amarelo mais frio. — Matar você? Por acaso você ouviu alguma coisa do que eu disse nos últimos dez minutos?

Ele não ia matá-la? A dormência se espalhou e ela só conseguia olhar para ele, incapaz de sentir alguma coisa além de uma vaga sensação de alívio.

Quando ela não respondeu, ele disse lentamente: — Não, Mia. Não vou matar você. Eu já lhe disse isso antes. Não sou o monstro insensível que você insiste em achar que sou.

Levantando-se em um movimento rápido, Korum acenou com a mão e Mia

fechou os olhos ao ver o mundo virtual se dissolver em volta deles. Quando ela os abriu novamente, estava sentada no chão do escritório de Korum, encostada na parede, ainda abraçando os joelhos contra o peito.

INCLINANDO-SE PARA BAIXO, ele ofereceu a mão a ela. Com os dedos trêmulos, Mia colocou a mão na dele, deixando que ele a ajudasse a levantar. Para seu constrangimento, as pernas tremiam e ela cambaleou ligeiramente. Soltando um suspiro, ele a segurou, levantando-a nos braços e carregando-a para fora do escritório.

— Para onde está me levando? — perguntou Mia confusa, desorientada depois da mudança recente de realidade. Ah, meu Deus, com certeza ele não estava pensando em fazer sexo naquele momento. Ela não achava que conseguiria

aguentar aquele tipo de intimidade depois de tudo o que acontecera.

— Para a cozinha — respondeu Korum, andando rapidamente. Antes que ela pudesse perguntar o motivo, chegaram na cozinha e ele a colocou em uma das cadeiras. Mia piscou várias vezes e olhou para ele, esgotada demais para tentar entender o comportamento inexplicável dele.

— Quando foi a última vez em que você comeu alguma coisa? —

perguntou ele, olhando para ela com a testa ligeiramente franzida.

— Ahm... na noite passada. — Mia não conseguia imaginar onde ele pretendia chegar com aquilo.

Ele assentiu, como se ela tivesse acabado de confirmar algo de que suspeitava. — Não é de surpreender que esteja tão trêmula — disse ele reprovadoramente. — Você não tomou café e o nível de açúcar no seu sangue está baixo. — Andando até o refrigerador, ele encheu um copo com um líquido transparente e entregou-o a ela. — Beba isso enquanto preparo algo para você comer — comandou ele, ignorando o olhar incrédulo no rosto de Mia.

Ele queria alimentá-la naquele momento? Estava falando sério? Cheirando o copo desconfiada, Mia detectou um leve cheiro de coco doce. Mas que diabos, decidiu ela, se ele a quisesse morta, duvidava sinceramente que usaria veneno para isso. Bebendo um gole, ela percebeu que o nariz não mentira.

Korum realmente lhe dera água de coco fresca para beber. Era exatamente do que o corpo precisava naquele momento, uma mistura perfeita de carboidratos e eletrólitos. A dormência gelada que a envolvia como uma armadura começou a ceder e as lágrimas se acumularam nos olhos de Mia novamente. Por que ele

estava agindo daquela forma depois de tudo o que ela fizera?

Terminando a bebida, ela o observou movendo-se pela cozinha e fazendo um sanduíche de abacate e tomate. Agora que a onda de adrenalina maior passara, ela começava a pensar novamente e o cérebro voltou a funcionar em alguma fração da capacidade normal. A verdade sobre o relacionamento deles fora revelada. Durante todo aquele tempo, ela achara que estava espionando Korum para benefício de toda a humanidade. Mas, na realidade, ele a usara para acabar com a Resistência de uma vez por todas. Todas aquelas vidas tinham sido

perdidas por causa dela... Não, não podia se concentrar nisso agora ou acabaria se desmanchando em um milhão de pedaços.

Em vez disso, ela se concentrou no enigma das intenções de Korum. Ele não ia matá-la, dissera ele. Mas iria puni-la de alguma outra forma? Ela não conseguia imaginar que ele a quisesse por perto depois da forma como o traíra. A farsa do relacionamento deles acabara. Ele vencera e a Terra permaneceria firmemente sob o controle dos krinars. E Mia não tinha mais utilidade. Ele não precisava mais de uma agente dupla por perto...

— Tome, coma isso — disse o objeto dos pensamentos dela, colocando o sanduíche em frente a ela e sentando-se do outro lado da mesa. — E depois conversaremos.

— Obrigada — disse Mia polidamente e, de forma obediente, mordeu o sanduíche. O estômago dela roncou e, subitamente, ela sentiu uma fome imensa, com o apetite de lenhador manifestando-se apesar do trauma dos eventos daquela manhã. Em menos de um minuto, ela devorou o sanduíche e olhou para cima, ligeiramente envergonhada da gula. O sorriso no rosto dele, dessa vez, era genuíno e ela se lembrou de que Korum gostava daquilo nela, do apetite saudável que tinha, apesar do tamanho pequeno.

— E agora? — Mia repetiu a pergunta anterior e o sorriso de Korum desapareceu. Ele a estudou com um olhar inescrutável e Mia se mexeu na cadeira, sentindo-se cada vez mais nervosa.

— Agora — disse Korum baixinho —, você virá comigo enquanto ajudo a limpar essa confusão.

Mia sentiu o sangue desaparecer do rosto. — Ir com você para onde? — É

claro que ele não queria dizer...

Um pequeno sorriso surgiu nos lábios dele. — Para o mesmo lugar que foi ao bisbilhotar essa manhã. Para Lenkarda, nosso assentamento na Costa Rica.

Subitamente, parecia não haver ar suficiente no aposento para que Mia conseguisse respirar direito e o sanduíche se transformou em uma pedra dentro

do estômago. O que ele estava dizendo? Ele não podia querê-la, não depois de

tudo...

— Por quê? — ela conseguiu perguntar, olhando-o com descrença horrorizada.

— Porque, Mia, eu quero você comigo e não posso mais ficar em Nova Iorque — disse ele calmamente, com uma expressão inescrutável no rosto. —

Fiquei longe por tempo demais. Há coisas que precisam da minha atenção e pelo menos uma delas é o que fazer com os traidores.

Mia sacudiu a cabeça, tentando se livrar da nuvem que parecia deixar os pensamentos lentos. — M-mas por que você me quer ao seu lado? — gaguejou ela. — Você só estava me usando...

— Eu estava usando *você* porque você decidiu *me* trair, nunca se esqueça disso, querida — disse ele em um tom perigosamente macio. — Eu quis você desde o início e nada do que fez mudou esse fato. Você é minha e ficará comigo pelo tempo em que eu a quiser. Entendeu bem isso?

Havia um ruído surdo nos ouvidos dela. — Não — sussurrou ela, com as palavras mal sendo ouvidas. — Não. Não vou a lugar algum. Não serei uma escrava... Eu me recuso, está me ouvindo? — A voz dela aumentou de volume com cada palavra até que estivesse quase gritando com ele. A nuvem vermelha de fúria descera sobre a visão e acabara com qualquer resquício de cuidado.

— Uma escrava? — perguntou ele com um ar confuso no rosto. Em seguida, a testa ficou lisa novamente quando ele pareceu entender sobre o que ela estava falando. — Ah, sim, quase esqueci que você esteve trabalhando com um conceito totalmente errado o tempo todo. Está se referindo a ser minha *caerle*, não é?

— Não serei sua *caerle*! — gritou ela, com as mãos cerradas em punhos sob a mesa.

— Você será qualquer coisa que eu quiser que seja, minha querida —

disse ele suavemente com um sorriso zombeteiro curvando-lhe os lábios. —

No entanto, seus amigos da Resistência lhe deram informações erradas, não sei se inadvertidamente ou de propósito, sobre o verdadeiro significado de *caerle*.

Acalmando-se um pouco, Mia o encarou. — O que quer dizer? Está me dizendo que vocês *não* mantêm humanos nos seus Centros como... escravos do prazer? — Ela cuspiu as últimas palavras com desgosto.

Ele sacudiu a cabeça negativamente, com o mesmo olhar zombeteiro no rosto. — Não, Mia. *Caerle* é uma companhia humana, um parceiro ou uma

parceira humana, se preferir. É um termo exclusivo que usamos para descrever a ligação especial entre um humano e um krinar. Ser uma *caerle* é um privilégio, uma honra, e não seja lá o que for que esteja imaginando.

— É um privilégio estar com você contra a minha vontade? — perguntou Mia amargamente. — Ser forçada a ir aonde não quero ir, impedida de ver a minha família, meus amigos?

— Não minta para mim, Mia — disse ele. — Nem para você mesma. Estar comigo não é exatamente um castigo para você. Acha que não sei o motivo pelo qual esteve chorando essa semana? Você precisa de mim... tanto quanto preciso de você. O que temos juntos é raro e especial, mesmo que você tenha feito o possível para nos separar. Se eu fosse jovem e tolo, deixaria a minha dor e a minha raiva levarem a melhor... e abandonaria você, cheio de amargura por causa da sua traição. Mas tenho experiência de vida suficiente para entender que, quando encontra uma coisa boa, você a mantém, não a joga fora por um capricho.

— É mesmo? Você a mantém, mesmo que a outra pessoa não queira você?

— perguntou Mia sarcasticamente, furiosa pela suposição arrogante dele de que sabia tudo sobre os sentimentos dela. Talvez ela *tivesse* gostado dele.

Talvez tivesse até mesmo pensado que o amava. Mas aquilo fora antes de descobrir como Korum a usara, antes que testemunhasse a morte de milhares de soldados humanos como resultado do que ele fizera. Talvez ele conseguisse superar a dor e a raiva, mas Mia não conseguiria ser tão magnânima naquele momento.

— Ah, você me quer — disse Korum em tom suave. — Isso eu sei que é verdade. Quer que eu prove?

E, antes que Mia conseguisse pensar em uma resposta, ele estava do lado dela,

erguendo-a nos braços e puxando-a para perto para beijá-la, com a língua entrando nos recessos da boca. Furiosa, Mia tentou permanecer impassiva, tentou não responder de forma alguma. Mas o corpo não sabia e não se importava com o fato de que ele estava prestes a arruinar a vida dela. O

corpo só conhecia o prazer do toque dele e Mia se viu derretendo contra ele, as mãos agarrando-lhe os ombros em vez de empurrá-lo para longe. Uma onda de calor familiar a percorreu e ela sentiu a umidade entre as pernas quando o corpo se preparou ansioso para o sexo.

Ainda segurando-a nos braços, ele andou em direção a algum lugar e Mia estava enfeitiçada demais para se importar para onde iam. Eles acabaram na sala de estar e ele a colocou sobre o sofá, ainda com um beijo profundo e

penetrante que sempre a deixava louca. Ela ouviu o zíper das calças *jeans* sendo aberto e, em seguida, ele as puxou pelas pernas de Mia, tirando-as juntamente com os tênis e deixando a parte de baixo do corpo apenas com a calcinha branca de renda. O polegar dele encontrou o ponto sensível entre as pernas dela e ele o pressionou sobre a calcinha, fazendo círculos de uma forma que a fez se contrair por dentro. Mia gemeu impotente, arqueando o corpo na direção dele, querendo mais da mágica que só conhecera nos braços de Korum.

Ele se afastou dela, dando um passo atrás para tirar as próprias roupas, removendo a camiseta com um movimento suave e, em seguida, retirando rapidamente as calças e a cueca, ficando totalmente nu. Mia o estudou com desejo inconfundível, absorvendo os músculos poderosos cobertos por aquela pele bronzeada maravilhosa, os pelos escuros no peito e o caminho peludo na parte de baixo do abdômen que levava ao pênis grande e totalmente ereto com os testículos pesados balançando sob ele.

Ele não a deixou aproveitar a vista por muito tempo, agarrando a camisa dela para puxá-la pela cabeça e abrir o sutiã. Um segundo depois, a calcinha foi puxada pelas pernas de Mia e juntou-se à pilha de roupas jogadas no chão.

Ele parou por um segundo, estudando o corpo nu de Mia com um olhar ardente. Em seguida, inclinou-se sobre ela, com a boca quente fechando-se sobre o seio esquerdo e chupando-o. Mia gemeu, sentindo o sugar da boca de Korum bem fundo no ventre. Ele chupou o outro seio, com a língua passando sobre o mamilo de tal forma que a fez desejar desesperadamente que a cabeça dele estivesse

vários centímetros mais abaixo. Como se tivesse lido a mente de Mia, ele tocou as dobras úmidas com a mão, empurrando um dedo para dentro dela, pressionando o ponto ultrassensível dentro da vagina e ela arquejou com a intensidade da sensação, sentindo o corpo latejando à beira do orgasmo. Sem retirar o dedo, ele levou a boca na direção do sexo dela, com a língua passando por dentro das dobras, explorando a área diretamente em volta do clitóris. Ao mesmo tempo, o dedo se mexeu ligeiramente dentro dela, começando a encontrar o ritmo, e o corpo inteiro de Mia ficou tenso quando o formigar da sensação anterior ao orgasmo começou a se espalhar da região inferior. Korum colocou a língua sobre o clitóris, primeiro de leve e depois com pressão crescente, e Mia gritou sob a onda quase cruel de prazer, com os músculos internos apertando o dedo dele e pulsando selvagemente quando ela gozou.

Retirando o dedo, ele a virou, puxando-a na direção da beira do sofá.

Levantando-a um pouco, colocou-a de forma que ela ficou deitada sobre o braço macio do sofá, com o rosto para baixo e os pés no chão. Cobrindo-a com o corpo, ele começou a empurrar o pênis para dentro dela, penetrando-a lentamente, centímetro a centímetro. Mia estava macia e molhada por causa do orgasmo, e o corpo aceitou a entrada gradual dele, com os tecidos macios internos estendendo-se e expandindo-se para acomodar o pênis. Ao avançar, ele beijou o lado do pescoço dela e ela estremeceu, com a tensão começando a se acumular novamente. O sexo dela se contraiu em torno do pênis e ele gemeu em resposta, entrando inteiramente nela. Mia respirou fundo ao sentir o pênis totalmente enterrado dentro de si. Ele era impossivelmente duro e grosso e ela sentia como se estivesse queimando com o calor dele dentro dela, sobre ela, em volta dela.

Em seguida, ele começou a se mover, as investidas pressionando-a mais fundo no braço do sofá. Cada músculo do corpo de Mia ficou tenso e ela gritou, com cada investida intensificando o prazer agoniante, até que o mundo passou a girar em volta do pênis que se movia para a frente e para trás dentro dela. Ela existia puramente para as sensações, dissolvida nas partes elementais da natureza animal. Ela ouvia os gritos ritmados à distância e percebeu que eram dela mesma. Logo depois, o clímax intenso a invadiu e os músculos internos ondularam em volta dele, deixando o corpo inteiro trêmulo com o choque da onda do orgasmo. E, com um grito rouco, ele também gozou, empurrando os quadris enquanto o pênis pulsava dentro dela com as próprias contrações.

Quando tudo terminou, ele se afastou dela, deixando-a deitada nua, ainda sobre o braço do sofá. Sem o corpo largo cobrindo o seu, Mia sentiu subitamente uma onda de frio. E a compreensão do que acabara de acontecer aumentou o nó gelado que crescia dentro dela. Levantando-se sobre as pernas trêmulas, Mia se abaixou para pegar as roupas, recusando-se a olhar para ele e tentando ignorar o líquido que escorria pelas pernas. Com o fim do calor da paixão, a raiva dela voltou, aumentada pela vergonha da resposta indesejada a ele.

— Mia — disse ele suavemente. Com o canto do olho, ela o viu parado lá, completamente despreocupado com a própria nudez. Ela virou de costas, vestiu o sutiã e usou a camiseta para limpar os rastros da sessão de sexo antes de vestir a calcinha. Depois de colocar as calças, ela se sentiu ligeiramente melhor, mas a fúria gelada permaneceu. Sem nem mesmo pensar no assunto, ela caminhou até a pequena bolsa que deixara sobre o sofá mais cedo.

Colocando a mão dentro dela, Mia retirou o pequeno dispositivo que Leslie lhe dera e apontou-o na direção dele.

— Eu vou embora — disse ela com uma calma gelada. Uma pessoa estranha parecia ter tomado o corpo dela e a Mia normal ficaria atônita com a ousadia, mesmo sabendo que as chances de sucesso eram nulas.

Ao ver a arma, o brilho dourado nos olhos de Korum desapareceu.

— Esse brinquedo que você tem é bem perigoso — disse ele baixinho, olhando para ela com uma expressão indecifrável no rosto.

Mia assentiu friamente. — Não me force a usá-lo.

— Você sai andando daqui, e depois? — perguntou ele com uma curiosidade leve. — Eu a encontrarei, não importa para onde vá.

Mia não pensara tão longe. Na verdade, não havia pensamento algum envolvido nas ações dela. Mas era tarde demais e ela apenas deu de ombros e disse corajosamente: — Pensarei no assunto quando chegar a hora.

— Você pretende continuar em movimento? Mudar de identidade? —

prosseguiu ele com a voz ligeiramente divertida. — Nada disso funcionará, você sabe disso.

— Por causa do dispositivo de rastreamento que colocou em mim, sem o meu conhecimento nem o meu consentimento? — perguntou ela amargamente.

Korum apenas a encarou, sem admitir nem negar a acusação. — Só há uma forma de você se livrar de mim — disse ele lentamente.

Mia olhou para ele frustrada, sem entender onde Korum queria chegar.

Agora que a onda inicial de fúria passara, ela percebeu a burrice do que estava fazendo. Ele tinha razão. Mesmo se ela conseguisse sair do apartamento dele, e era um "se" muito grande, considerando os reflexos inacreditavelmente rápidos dele, ele a pegaria antes que pudesse percorrer alguns quarteirões. Ao apontar a arma para ele, ela só conseguira deixá-lo furioso. Mia sentiu uma ponta de medo ao pensar nisso.

— E que forma é essa? — perguntou ela, decidindo ganhar tempo.

— Você pode atirar em mim — disse ele com voz séria. — Isso resolveria todos os seus problemas.

Horrorizada, Mia o encarou. A ideia de pressionar de fato o botão e vê-lo se dissolver diante de seus olhos, como os postos de escudos na colônia, era impensável. Ela nunca tivera a intenção de realmente usar a arma. Só o que queria era retomar um pouco de controle, sentir novamente que era responsável pela própria vida. Ela queria ameaçá-lo, fazê-lo se curvar à vontade dela, fazer com que se sentisse da mesma forma como ela se sentira

quando ele a privara da liberdade de escolha. Ela nunca pretendera feri-lo, muito menos matá-lo.

— Vá em frente, Mia — disse ele baixinho. O corpo nu poderoso estava relaxado, como se estivessem em meio a uma conversa normal. Como se não houvesse uma arma mortal apontada para ele. — Vá em frente e atire.

Os dedos dela tremeram, as palmas das mãos estavam escorregadias com suor e ela sentiu os olhos queimando com lágrimas indesejadas. — Por favor

— disse ela, sem se importar mais se soasse como se estivesse implorando.

— Por favor, não me force a fazer isso. Eu só quero ir embora... ir para casa.

Por favor, deixe-me sair daqui...

— Basta apertar o botão, Mia. E depois poderá ir para onde quiser.

Mia sentia calor e frio, o estômago contraindo-se com náusea. O pequeno dispositivo que tinha na mão subitamente ficou pesado e o braço tremeu com o esforço de segurá-lo apontando para Korum. As lágrimas se derramaram, escorrendo pelo rosto, e ela abaixou a arma, caindo no chão quando as pernas trêmulas não conseguiram mais mantê-la de pé. Enterrando o rosto nas mãos, ela chorou, amarga por causa da própria covardia e idiotice. Ela não podia feri-lo, não podia matá-lo. Preferia cortar o próprio braço antes de fazer isso.

Como conseguia sentir aquilo por ele mesmo agora? O que havia de errado com ela, que se apaixonara por alguém que nem mesmo era humano... um alienígena cuja espécie acabara de assassinar milhares de pessoas?

Das profundezas do desespero, ela sentiu quando ele colocou os braços em volta dela, levantando-a do chão e colocando-a sobre o colo. — Shhh, querida

— sussurrou ele. — Tudo vai ficar bem, eu prometo. Eu também não teria conseguido apertar aquele botão e fico feliz por você não ter apertado. — Ele acariciou gentilmente os cabelos dela enquanto Mia chorava no ombro nu dele.

Depois de alguns minutos, os soluços começaram a diminuir. Sentindo-se envergonhada por causa da crise de choro, Mia tentou se afastar, mas ele não deixou. Em vez disso, ergueu o queixo dela e olhou-a nos olhos.

— Mia — disse ele suavemente. — Não vou levar você comigo para ser cruel. Depois de tudo o que aconteceu, a Resistência, ou o que sobrou dela, estará atrás de você. Eles não conhecem a história inteira e acharão que você os traiu. Não pouparão esforços para matá-la e, se descobrirem o quanto você significa para mim, tentarão capturá-la viva para usá-la contra mim. Lamento, mas não tenho outra opção. No momento, simplesmente não há lugar seguro para você além de Lenkarda.

Mia olhou para ele com a visão ainda borrada pelas lágrimas. Ela não

pensara sobre aquilo, mas era verdade. No que dizia respeito à Resistência, ela era uma traidora da humanidade. Eles com certeza a culpariam pelas vidas perdidas que acabara de testemunhar. Um pensamento aterrorizador passou pela

cabeça dela. — E a minha família? — perguntou ela, com as entranhas transformando-se em gelo ao pensar na possibilidade de que os combatentes da liberdade tentassem ferir os entes queridos.

— Sua família não teve nada a ver com isso e duvido que os combatentes sejam vingativos o suficiente para ferir desnecessariamente outros humanos.

Mas a sua espécie pode ser muito imprevisível, portanto, garantirei que vários de nossos melhores guardiães estejam perto da sua família para ficar de olho neles.

Mia abriu a boca para perguntar, mas ele se antecipou. — E não, isso não seria o suficiente para garantir a *sua* segurança. Ainda há alguns líderes principais da Resistência que estão desaparecidos. E eles estão armados com algumas armas dos krinars. Espero que fiquem escondidos e deixem a sua família em paz, mas talvez estejam dispostos a arriscar tudo para pegar *você*.

Portanto, até que eles sejam capturados, você está mais segura em Lenkarda.

E, se precisar sair de lá, será comigo ao seu lado.

Que conveniente para ele, pensou Mia amargamente. Ele agora poderia mantê-la prisioneira com um bom motivo. É claro, a Resistência desejaria matá-la e estariam certos ao fazer isso. Ela fora responsável por todas aquelas mortes...

— Quantas pessoas foram mortas hoje de manhã? — perguntou Mia, sentindo vontade de morrer também.

Korum deu de ombros. — Não sei se os médicos chegaram aos que foram queimados depressa o suficiente para salvá-los. Alguns deles podem ter morrido por causa do contato com o escudo.

— E todos os outros, aqueles que foram atingidos pela luz vermelha? —

perguntou ela, com o coração começando a bater mais forte de esperança.

— Eles ficaram inconscientes, bem como os que atacaram os outros Centros. Eles mereciam morrer, é claro, mas decidimos deixar que os seus governos lidem com eles. Será interessante ver qual será a punição deles por violar o Tratado de Coexistência e colocar toda a sua espécie em perigo por isso.

O alívio que Mia sentiu foi indescritível. A dor que sentia no peito pareceu diminuir, deixando-a respirar livremente pela primeira vez desde que testemunhara o ataque.

Em seguida, Korum acrescentou: — É claro, não vamos deixar isso ao acaso. Todos aqueles combatentes agora têm dispositivos de vigilância embutidos no corpo e saberemos tudo o que fizerem e onde forem. Eles foram efetivamente neutralizados como ameaça para nós e podemos usá-los agora para capturar o restante, aqueles que não estavam perto dos nossos Centros hoje.

Então, ele fora bem-sucedido na missão de acabar com o movimento da Resistência. Considerando o número de combatentes deitados no campo, os Ks agora teriam milhares de mecanismos de vigilância andando e conversando no mundo inteiro. Era algo realmente inteligente. Por que se dar ao trabalho de matar um humano quando era possível usá-lo? Pura esperteza de Korum na prática.

Ela devia parecer chateada, pois ele disse: — Mia, pare de se preocupar com isso. A Resistência acabou. Foi um movimento tolo desde o início. Pense um pouquinho. Eles não gostam do fato de estarmos aqui e querem mudar algumas coisas. Esse é realmente um bom motivo para arriscar tantas vidas?

Você tem que admitir, não somos nada parecidos com os invasores alienígenas dos filmes de vocês. Não temos desejo algum de escravizar os humanos nem de tomar o seu planeta. Se essa fosse a nossa intenção, isso já teria acontecido. Nós viemos para cá o mais pacificamente possível e vivemos em nossos Centros com interferência mínima nas questões humanas. Isso é muito melhor do que os seus europeus fizeram com os nativos americanos.

Ainda sentada no colo dele, Mia afastou o olhar. Se Korum estava dizendo a verdade e John mentira sobre o significado de *caerle,* então o movimento inteiro da Resistência estava, na melhor das hipóteses, enganado. E

criminalmente responsável, na pior delas.

— E você acha honestamente que teria sido uma boa coisa para você ter aqueles sete traidores como governantes? Porque, acredite, é isso que eles teriam sido. Eles queriam poder e não se importavam com quem se ferisse como resultado das ações deles. Acha mesmo que eles ficariam satisfeitos em viver silenciosamente entre os humanos, obedecendo a todas as suas leis e

compartilhando de forma abnegada o conhecimento dos krinars?

Depois que Korum colocou as coisas daquela forma, Mia viu a implausibilidade do que John originalmente lhe dissera. Talvez os líderes da Resistência achassem que poderiam controlar os Kapas de alguma forma quando os outros Ks partissem. Mas aquela suposição poderia facilmente ser algo perigoso. Mia xingou a si mesma mentalmente. Por que não sondara mais

a fundo as motivações dos Kapas? Mas não, ela aceitara cegamente o que John lhe dissera, preocupada demais com o próprio drama pessoal para pensar em qualquer outra coisa.

Korum suspirou e ela sentiu o movimento do peito dele. — Olhe, não será tão ruim ficar em Lenkarda, acredite. Você não está nem um pouco curiosa para ver como vivemos?

Mia olhou para ele novamente, sentindo-se completamente esgotada. —

Korum, eu não posso... não posso simplesmente deixar tudo e todos para trás...

— E se eu levar você para ver a sua família daqui a umas duas semanas, como tínhamos conversado originalmente? — perguntou ele em tom suave. —

Isso a faria se sentir melhor?

— Nós iríamos para a Flórida? — perguntou Mia surpresa.

Ele assentiu. — Você poderia passar alguns dias com ele antes de termos que voltar.

Ela sorriu, com a pressão no peito diminuindo ainda mais. — Isso seria maravilhoso — disse ela baixinho.

Ele sorriu de volta e gentilmente moveu um cacho de cabelos que estava sobre o rosto dela. — E espero que, até o fim do verão, nós consigamos capturar o restante dos combatentes da Resistência. Se ainda quiser voltar para Nova Iorque depois disso, viremos para cá e você poderá terminar o último ano da faculdade.

Mia piscou várias vezes e olhou para ele, mal ousando acreditar no que ouvira. — Você me trará de volta para cá?

— Trarei... se ainda quiser voltar. — Levantando-se, ele colocou-a gentilmente de pé. — Agora, vista uma camiseta e calce os sapatos enquanto eu me visto. Está na hora de irmos.

KORUM DEIXOU QUE ela levasse a bolsa com tudo o que havia dentro, exceto a arma, e mais nada. Quando ela protestou que precisava levar o computador e algumas roupas, ele riu. — Eu prometo a você, há de tudo no lugar para onde vamos — explicou ele com um sorriso.

— E o meu passaporte? — perguntou ela, percebendo logo depois que era uma pergunta idiota. Ela podia estar indo para outro país, mas duvidava sinceramente que fosse passar pela segurança de algum aeroporto. De alguma forma, Korum conseguira ir para a Costa Rica naquela manhã e voltar a Nova

Iorque, tudo em questão de poucas horas. Não, pensou Mia, eles provavelmente não viajariam de avião.

As suposições dela acabaram sendo corretas.

Ele a levou para o escritório, segurando-a pela mão como se tivesse receio de que fosse fugir. Caminhando na direção do fundo da sala, ele ergueu a outra mão na frente da parede, que deslizou para o lado e abriu, revelando uma escada que provavelmente levava ao telhado do prédio.

— Venha — disse Korum e ela o seguiu com hesitação, com o coração batendo depressa ao pensar no lugar para onde iria. Era tarde demais para mudar de ideia, não que ele fosse deixá-la fazer isso, e Mia sentiu uma mistura de empolgação e medo passando pelas veias ao subir a escada.

Eles saíram no telhado e Mia olhou em volta. Ela não tinha certeza do que esperava ver, talvez alguma nave alienígena estacionada. Mas não havia nada.

O telhado estava vazio, com a exceção de alguns arbustos que cresciam em fileiras organizadas em volta do perímetro. A chuva parara de cair, mas o clima ainda estava úmido e Mia praticamente sentiu os cachos ficando crespos por causa da umidade no ar.

— O que estamos fazendo aqui? — perguntou ela surpresa. — Alguém virá nos buscar?

Korum balançou a cabeça negativamente e sorriu. — Não, vamos por conta própria.

— Como? — perguntou Mia, queimando de curiosidade.

— Você verá em um segundo. Não tenha medo, está bem? — Ele apertou a mão dela de forma reconfortante.

Mia assentiu e Korum soltou a mão dela, dando um passo à frente.

Estendendo o braço, ele fez um gesto como se estivesse apontando para o espaço vazio à frente. Subitamente, Mia ouviu um zumbido baixo. O som era diferente de tudo o que Mia já ouvira, baixo e uniforme demais para ser o zumbido de insetos.

— O que é isso? — perguntou ela desconfiada, imaginando se Korum pretendia teletransportá-los para outro lugar. Mia não tinha ideia de quais eram as limitações da tecnologia dos Ks, mas sabia que a física dos krinars ia muito além das teorias de Einstein. Caso contrário, os Ks não teriam conseguido viajar com velocidade superior à da luz. Quem sabia o que mais conseguiam fazer?

Korum se virou para ela com os olhos brilhando com uma emoção desconhecida. — É o som das nanomáquinas que acabei de liberar. Elas estão

construindo o nosso veículo. — E Mia percebeu que ele estava animado, feliz de ir para casa.

Algo começou a brilhar em frente a eles. Os braços de Mia se arrepiaram enquanto ela observava fascinada a luz estranha. O brilho se intensificou, como se um balde de contas brilhantes tivesse sido jogado à frente deles. E, em seguida, as paredes da aeronave começaram a se formar diante dos olhos dela.

Soltando uma exclamação, Mia assistiu enquanto a estrutura era montada, parecendo sair do nada. As paredes lentamente se solidificaram, ficando cada vez mais espessas, camada por camada. Em alguns momentos, uma pequena aeronave, parecendo uma cápsula, estava diante deles. Ela parecia ser feita de um material incomum, semelhante a marfim, sem janelas nem portas visíveis, e era menor que um helicóptero.

Mia soltou a respiração que prendera pelos últimos trinta segundos.

— Isso se chama tecnologia avançada de fabricação rápida — disse Korum, sorrindo ao ver o olhar atônito no rosto dela. — É uma de nossas invenções mais úteis. Venha comigo. — E, pegando a mão dela novamente, ele a levou na direção da estrutura recém-montada.

Ao se aproximarem, a parede da cápsula simplesmente se desintegrou, criando uma entrada. Mia piscou em choque, mas seguiu Korum para dentro da nave. Depois que entraram, a parede se solidificou novamente e a entrada desapareceu.

A parte de dentro da cápsula não se parecia com nenhuma nave que ela pudesse ter imaginado. As paredes, o chão e o teto eram transparentes. Ela conseguia ver a cor marfim dos arredores, mas também conseguia ver o mundo do lado de fora. Era como se estivessem dentro de uma bolha de vidro gigante, apesar de Mia saber que a estrutura não era transparente pelo lado de fora.

Não havia botões nem controles de nenhum tipo, nada que sugerisse que a cápsula tinha algum componente eletrônico complexo. E, em vez de bancos, havia duas placas ovais flutuando no ar.

— Sente-se — disse Korum, gesticulando em direção a uma das placas.

— Naquilo? — Mia sabia que a tecnologia dos krinars era muito mais avançada, claro, e esperara encontrar algumas coisas inacreditáveis. Mas isso... era como entrar em um reino de conto de fadas, em que as leis normais da física não pareciam se aplicar. E ela nem saíra de Nova Iorque ainda.

Ele riu, parecendo se divertir com a desconfiança dela. — Naquilo. Você não cairá, eu prometo.

Desconfiada, ainda segurando a mão dele, Mia se sentou alegremente na placa. Ela se moveu ligeiramente e Mia soltou uma exclamação quando a placa adquiriu o formato do traseiro dela, transformando-se subitamente na cadeira mais confortável que já ocupara. Agora ela também tinha encosto e Mia se recostou contra ele, relaxando os músculos tensos, sentindo-se bem com a sensação estranhamente confortável.

Sorrindo, Korum se sentou na placa similar ao lado dela e Mia viu maravilhada quando o material branco se moveu em volta do corpo dele, acomodando-se ao formato. Ela ainda segurava a mão dele com força, percebeu Mia com certo constrangimento. Ela a soltou, tentando agir o mais naturalmente possível ao ser

confrontada com uma tecnologia que parecia exatamente como mágica.

Korum assentiu aprovadoramente e acenou com a mão de leve.

Suavemente, sem fazer nenhum som, a cápsula decolou, subindo rapidamente no ar. Com uma sensação de vazio no estômago, Mia olhou para baixo pelo chão meio transparente, vendo a cidade de Nova Iorque encolhendo rapidamente sob eles ao ganharem altitude. Surpreendentemente, ela não se sentiu nauseada nem foi puxada contra o banco, como seria de se esperar em uma subida tão rápida. Era como se estivesse sentada em uma cadeira em casa, em vez de subindo pelo céu.

— Por que não sinto como se estivéssemos voando? — perguntou ela curiosamente, erguendo o olhar do chão da nave, onde agora só via nuvens.

— A nave é equipada com um campo antigravitacional leve — explicou Korum. — Ele foi projetado para que possamos nos sentir confortáveis mantendo a força gravitacional no mesmo nível que você sentiria normalmente no planeta. Caso contrário, acelerar desse jeito seria muito desconfortável para mim e provavelmente mortal para você.

Ela viu as nuvens passando sob eles enquanto a cápsula viajava a uma velocidade inacreditável, levando-a a um lugar que poucos humanos poderiam imaginar, muito menos visitar pessoalmente. Nunca em um milhão de anos Mia teria achado que um simples passeio no parque levaria a isso, que ela estaria sentada em uma nave alienígena encaminhando-se para a colônia principal dos krinars... que ela se sentiria daquele jeito pelo belo extraterrestre sentado a seu lado.

Alguns minutos depois, chegaram ao destino e a nave começou a descer.

— Seja bem-vinda ao lar, querida — disse Korum em tom suave quando a paisagem verde de Lenkarda apareceu sob os pés deles e a nave pousou tão

silenciosamente quanto ao decolar.

A nova vida de Mia começara.

OBSESSÃO ÍNTIMA

As Crônicas dos Krinars: Volume 2

PRÓLOGO

O krinar olhou para a imagem em frente a ele, com as mãos fechadas em punhos.

O holograma tridimensional mostrava Korum e os guardiães aproximando-se da cabana na praia. Um dos guardiães ergueu o braço e a cabana explodiu em pedaços, com fragmentos de madeira voando por toda parte. A estrutura frágil construída pelos humanos claramente não era páreo para a arma básica de nanojato que os guardiães carregavam.

O K ergueu a mão e a imagem mudou, com o dispositivo de gravação voador aproximando-se dos destroços para obter uma visão mais próxima. Ele não estava preocupado de o dispositivo ser detectado. Era menor do que um mosquito e fora projetado pelo próprio Korum.

Não, o dispositivo era perfeito para a tarefa.

Ao flutuar sobre a cabana, o K viu o drama que acontecia no porão, que fora exposto pela explosão. Os guardiães saltaram para o porão, enquanto Korum parecia estudar cuidadosamente o que restara da cabana no solo.

É claro, pensou o K, o nêmesis dele seria cuidadoso. Korum obviamente queria ter certeza de que nada nem ninguém escapasse da cena.

Os Kapas — o K também começara a chamá-los por aquele nome mentalmente — entraram em pânico e Rafor, de forma nada inteligente, atacou um dos guardiães. Um movimento tolo da parte dele, pensou o K sem compaixão alguma, observando enquanto o escudo protetor invisível que envolvia os guardiães repelia o ataque. Agora, o krinar de cabelos pretos estremecia incontrolavelmente no chão, com o sistema nervoso destruído pelo contato com o escudo mortal. Se ele fosse humano, teria morrido

instantaneamente.

Os guardiães não o deixaram sofrer por muito tempo. Ao comando do líder deles, um dos guardiães rapidamente deixou Rafor inconsciente com a arma paralisante embutida nos dedos.

Os outros Kapas foram espertos o suficiente para evitar o destino de Rafor e ficaram parados enquanto os colares prateados para criminosos eram colocados no pescoço deles. Eles pareciam furiosos e desafiadores, mas não havia nada que pudessem fazer. Agora eram prisioneiros e seriam julgados pelo Conselho pelos crimes cometidos.

Depois de alguns minutos, Korum também saltou para o porão e o K viu que o inimigo estava furioso. Ele soubera que isso aconteceria. Os Kapas estavam praticamente acabados e Korum não teria qualquer misericórdia com eles.

Suspirando, o K desligou a imagem. Ele assistiria em mais detalhes depois. Por enquanto, precisava pensar em outra forma de neutralizar Korum e implementar seu plano.

O futuro da Terra dependia disso.

CAPÍTULO UM

— Seja bem-vinda ao lar, querida — disse Korum em tom suave quando a paisagem verde de Lenkarda apareceu sob os pés deles e a nave pousou tão silenciosamente quanto ao decolar.

Com o coração batendo forte no peito, Mia lentamente levantou-se do banco que a aconchegara de forma tão confortável. Korum já se levantara e estendeu a mão para ela. Mia hesitou por um segundo e aceitou-a, segurando a palma da mão dele com força. O amante que ela considerara como inimigo no mês anterior agora era a única fonte de conforto naquela terra estranha.

Eles saíram da aeronave, deram alguns passos e Korum parou. Virando-se de frente para a nave, ele fez um gesto leve com a mão livre. Subitamente, o ar em volta da cápsula começou a brilhar e Mia novamente ouviu o zumbido baixo que significava as nanomáquinas em operação.

— Você está construindo uma coisa diferente? — perguntou ela surpresa.

Ele balançou a cabeça negativamente com um sorriso. — Não, estou desconstruindo.

E, enquanto Mia assistia, camadas de material marfim pareceram descascar da superfície da nave, dissolvendo-se em frente aos olhos dela. Um minuto depois,

a nave desaparecera completamente, com todos os componentes retornando aos átomos individuais com os quais foram criados em Nova Iorque.

Apesar da tensão e da exaustão, Mia não pôde deixar de ficar maravilhada com o milagre que acabara de testemunhar. A nave que os levara por milhares de quilômetros em questão de minutos se desintegrara completamente, como se nunca tivesse existido.

— Por que você fez isso? — perguntou ela a Korum. — Por que a desconstruiu?

— Porque não há necessidade para que exista e ocupe espaço neste momento — explicou ele. — Posso criá-la novamente sempre que precisarmos dela.

Era verdade, ele podia. Mia testemunhara aquilo apenas alguns minutos antes no telhado do apartamento de Manhattan. E agora ele a desconstruíra. A cápsula que os transportara até lá não existia mais.

Quando as implicações daquilo a atingiram, o coração bateu mais depressa novamente e, de súbito, ela achou difícil respirar.

Uma onda de pânico a invadiu.

Ela agora estava presa na Costa Rica, na principal colônia dos Ks, completamente dependente de Korum para tudo. Ele criara a nave que os levara até lá e acabara de desmanchá-la. Se havia outra forma de sair de Lenkarda, Mia não sabia.

E se ele mentira para ela mais cedo? E se ela nunca mais visse a família?

Ela devia estar com uma expressão tão aterrorizada quanto se sentia, pois Korum apertou a mão dela gentilmente. A sensação da mão larga e quente dele foi estranhamente reconfortante. — Não se preocupe — disse ele em tom suave. — Ficará tudo bem, eu prometo.

Mia se concentrou em respirar fundo, tentando reprimir o pânico. Ela não tinha outra opção além de confiar nele agora. Mesmo em Nova Iorque, ele podia fazer o que quisesse com ela. Não havia motivos para que ele fizesse promessas que não pretendia cumprir.

Ainda assim, o medo irracional a corroeu por dentro, juntando-se à confusão de

emoções que fervilhava. O conhecimento de que Korum a manipulara o tempo inteiro, usando-a para acabar com a Resistência, era como ácido no estômago, queimando-a por dentro. Tudo o que ele fizera, tudo o que dissera, fora tudo parte do plano dele. Apesar de ela ter sofrido muito por espioná-lo, ele provavelmente rira secretamente das tentativas ridículas de enganá-lo, de ajudar à causa que Korum soubera estar condenada desde o início.

Ela se sentia uma completa idiota por ter feito tudo o que a Resistência lhe dissera para fazer. Parecera fazer tanto sentido na época. Ela se sentira tão nobre ajudando a raça humana a lutar contra os invasores que tomaram o planeta. E, em vez disso, ela inadvertidamente participara de uma disputa de poder por um pequeno grupo de Ks.

Por que não parara para pensar, para analisar completamente a situação?

Korum dissera a ela que o movimento todo da Resistência estivera errado e tinha uma missão totalmente enganada. E, apesar de si mesma, Mia acreditara nele.

Os Ks não tinham matado os combatentes da liberdade que atacaram os Centros. E aquele fato simples disse a ela muito sobre os krinars e a visão dela sobre os humanos. Se os Ks fossem realmente os monstros retratados pela Resistência, nenhum dos combatentes teria sobrevivido.

Ao mesmo tempo, ela não confiava totalmente na explicação de Korum sobre o que era uma *caerle*. Quando John falara sobre a irmã sequestrada, houvera dor demais na voz dele para que fosse uma mentira. E as ações de Korum em relação a ela concordavam muito mais com a explicação de John do que a dele próprio. O amante negara que os Ks mantinham humanos como escravos sexuais. Ainda assim, dera a ela muito pouca opção sobre qualquer coisa no relacionamento deles até o momento. Ele a quisera e, simples assim, a vida dela não lhe pertencia mais. Ela fora arrebatada e levada para a cobertura dele em TriBeCa. E, agora, lá estava ela, no Centro dos Ks na Costa Rica, seguindo-o em direção a um destino desconhecido.

Apesar de temer a resposta à pergunta, ela precisava saber. — Dana está aqui? — perguntou Mia com cuidado, sem querer provocar a raiva dele. — A irmã de John? John disse que ela é uma *caerle* em Lenkarda...

— Não — disse Korum, lançando-lhe um olhar impenetrável. — John recebeu informações erradas dos Kapas, suponho eu que deliberadamente.

— Ela não é uma *caerle*?

— Não, Mia, ela nunca foi uma *caerle* no verdadeiro sentido da palavra.

Ela era o que você chamaria de xeno, uma humana obcecada por tudo o que diz respeito aos krinars. A família dela não sabia disso. Quando ela conheceu Lotir no México, implorou para ir com ele, que concordou em levá-la junto por um período. Da última vez em que tive notícias, ela conseguiu que alguém mais a levasse para Krina. Imagino que esteja feliz lá, considerando as preferências que tem. Quanto ao motivo para ter partido sem dizer nada à família, imagino que provavelmente tenha algo a ver com o pai dela.

— O pai dela?

— Dana e John não tiveram uma infância muito feliz — disse Korum. Mia sentiu a mão dele apertar a sua com um pouco mais de força. — O pai deles é alguém que deveria ter sido exterminado há muito tempo. Com base nas informações que obtivemos sobre o seu contato na Resistência, o pai de John

tem um fetiche em particular que envolve crianças muito jovens...

— Ele é um pedófilo? — perguntou Mia baixinho, sentindo a bile subindo pela garganta com a ideia.

Korum assentiu. — Sim, é. Acredito que os próprios filhos foram as principais vítimas das afeições dele.

Horrorizada e cheia de pena por John e Dana, Mia afastou o olhar. Se aquilo fosse verdade, ela não poderia culpar Dana por querer ir embora, deixar para trás tudo que tivesse conexão com a vida passada. Apesar de a família de Mia ser normal e amorosa, ela tivera interações com vítimas de abuso infantil e doméstico como parte do estágio no verão anterior. Sabia das cicatrizes deixadas na personalidade da criança. Quando ficavam mais velhas, algumas dessas crianças se voltavam para drogas ou álcool para diminuir a dor. Pelo jeito, Dana se voltara para sexo com os Ks.

Claro, isso supondo que Korum não mentira a ela sobre tudo aquilo.

Pensando no assunto, Mia chegou à conclusão que ele provavelmente não estava mentindo. Por que precisaria mentir? Ela não poderia terminar tudo com ele se

descobrisse que Dana era mantida lá contra a vontade.

— E John? — perguntou ela. — Ele está bem? E Leslie?

— Eu acho que sim — disse ele, com a voz perceptivelmente mais fria. —

Nenhum dos dois foi capturado ainda.

Aliviada, Mia decidiu não insistir no assunto. Ela suspeitava que conversar com Korum sobre a Resistência não era o curso de ação mais inteligente naquele momento. Em vez disso, ela voltou a atenção para os arredores.

— Para onde vamos? — perguntou ela, olhando em volta. Estavam andando pelo que parecia ser uma floresta intocada. Os pés esmagavam galhos e gravetos e ela ouvia sons da natureza por toda parte: pássaros, zunidos de algum tipo de inseto, folhas farfalhando. Mia não tinha ideia do que ele pretendia fazer durante o restante do dia, mas ela só queria enterrar a cabeça sob um cobertor e esconder-se por várias horas. Os eventos daquela manhã e o redemoinho emocional resultante a deixaram completamente esgotada e ela precisava muito de um tempo de paz para analisar tudo o que acontecera.

— Para a minha casa — respondeu Korum, virando a cabeça na direção dela. Havia um sorriso leve no rosto dele novamente. — É perto daqui. Você poderá relaxar e descansar um pouco quando chegarmos lá.

Mia olhou para ele desconfiada. A resposta fora incrivelmente próxima do que estivera pensando. — Você consegue ler a minha mente? — perguntou ela

horrorizada com a possibilidade.

Ele sorriu, mostrando a covinha na bochecha esquerda. — Isso seria muito bacana, mas não. É só que já conheço você o suficiente para saber quando está exausta.

Aliviada, Mia assentiu e concentrou-se em colocar um pé na frente do outro enquanto andavam pela floresta. Apesar de tudo, aquele sorriso bonito dele fez com que uma sensação reconfortante a invadisse.

Você é uma idiota, Mia.

Como ela conseguia se sentir assim depois de tudo pelo que ele a fizera passar, depois de tê-la manipulado daquela forma? Que tipo de pessoa era ela para se apaixonar por um alienígena que assumira o controle total da vida dela?

Ela se sentia enojada de si mesma, mas não podia fazer nada. Quando ele sorria daquele jeito, ela quase conseguia se esquecer de tudo o que acontecera devido à pura alegria de simplesmente estar perto dele. Sob toda a amargura, ela estava muito feliz pelo fato de a Resistência ter fracassado. E por ele ainda estar na vida dela.

A mente dela continuava voltando para o que ele dissera mais cedo... para a confissão de que ele gostava dela. Korum dissera que não pretendia que isso acontecesse e Mia percebeu que estivera certa ao temê-lo e resistir a ele no início. Que ele realmente a considerara, no início, como um brinquedo humano que poderia usar e descartar como quisesse. É claro, "gostar" estava muito longe de ser uma declaração de amor, mas era mais do que ela esperara ouvir dele. Como um bálsamo aplicado a uma ferida, as palavras dele fizeram com que ela se sentisse um pouco melhor, dando-lhe a esperança de que, no fim das contas, talvez tudo ficasse bem. Que, talvez, ele mantivesse a promessa e ela veria a família novamente.

Aquele pensamento se dissipou quando ela pisou em algo gosmento.

Assustada, Mia olhou para baixo e viu que pisara em um inseto grande. —

Eca!

— O que foi? — perguntou Korum surpreso.

— Acabei de pisar em alguma coisa — explicou Mia com nojo, tentando limpar o tênis na vegetação próxima.

Ele pareceu achar graça. — Não me diga... Você tem medo de insetos?

— Eu não diria necessariamente medo — disse Mia devagar. — Mas eu os acho nojentos.

Ele riu. — Por quê? Eles são só mais um conjunto de criaturas vivas,

como eu e você.

Mia deu de ombros e resolveu não tentar explicar a ele. Nem tinha certeza se ela mesma entendia. Em vez disso, resolveu prestar mais atenção aos arredores. Apesar de ter crescido na Flórida, ela não se sentia muito confortável com a natureza tropical na forma selvagem. Preferia muito mais caminhos pavimentados em parques com belas paisagens, onde podia se sentar em um banco e aproveitar o ar fresco sem encontrar insetos.

— Vocês não têm estradas nem calçadas? — perguntou ela a Korum com consternação, saltando sobre o que parecia ser um formigueiro.

Ele sorriu para ela. — Não. Gostamos do meio ambiente o mais próximo possível do estado original.

Mia franziu o nariz, sem gostar nada daquilo. Os tênis já estavam cobertos de terra e ela estava grata pelo fato de a estação úmida na Costa Rica ainda não ter oficialmente iniciado. Caso contrário, imaginou que estariam atravessando um pântano. Dado o estado altamente avançado da tecnologia dos krinars, ela achava estranho que escolhessem viver em condições tão primitivas.

Um minuto depois, entraram em uma clareira muito maior que a anterior.

Havia uma estrutura incomum de cor creme no meio dela, em formato de um cubo alongado com cantos arredondados. Ela não tinha janelas, portas nem qualquer abertura visível.

— Essa é a sua casa?

Mia vira estruturas como aquela no mapa tridimensional no escritório de Korum mais cedo naquele dia. À distância, elas pareciam muito estranhas e alienígenas, e aquela impressão era ainda mais forte agora que estava parada perto dela. Parecia tão incrivelmente *estrangeira*, tão diferente de tudo o que vira na vida.

Korum assentiu, conduzindo-a em direção ao prédio. — Sim, esta é a minha casa. E, agora, também é a sua.

Mia engoliu em seco nervosamente, com a ansiedade aumentando por causa da última frase dele. Por que ele continuava dizendo aquilo? Será que queria que ela morasse lá permanentemente? Ele prometera levá-la de volta a Nova Iorque para terminar a faculdade e Mia se agarrou àquela ideia desesperadamente ao olhar para as paredes pálidas da casa em frente a ela.

Ao se aproximarem, uma parte da parede subitamente se desintegrou em frente a eles, criando uma abertura grande o suficiente para que pudessem passar.

Mia arquejou surpresa e Korum sorriu com a reação dela. — Não se preocupe — disse ele. — Este é um prédio inteligente. Ele se antecipa às nossas necessidades e cria portas conforme necessário. Não há do que ter medo.

— Ele faz isso para qualquer pessoa ou somente para você? — perguntou Mia, parando logo antes da abertura. Ela sabia que a relutância em entrar era ilógica. Se Korum pretendia mantê-la prisioneira, não havia nada que pudesse fazer a respeito. Ela já estava em uma colônia alienígena sem ter como escapar. Ainda assim, não conseguiu se forçar a entrar voluntariamente na nova "casa", a não ser tivesse certeza de que poderia sair por conta própria.

Parecendo notar a causa da preocupação dela, Korum lhe lançou um olhar reconfortante. — Ele fará isso para você também. Você poderá entrar e sair quando quiser, apesar de eu achar melhor que fique perto de mim nas primeiras semanas... pelo menos, até que se acostume com nosso estilo de vida e que eu tenha a oportunidade de apresentá-la aos outros.

Soltando aliviada a respiração, Mia olhou para ele. — Obrigada — disse ela baixinho, sentindo parte do pânico desaparecendo.

Talvez estar lá não fosse tão ruim, afinal de contas. Se ele realmente a levasse a Nova Iorque no fim do verão, a estadia dela em Lenkarda talvez fosse exatamente aquilo: alguns meses passados em um local incrível que poucos humanos poderiam imaginar como era, com a criatura extraordinária por quem ela se apaixonara.

Sentindo-se ligeiramente melhor sobre a situação, Mia passou pela abertura, entrando em uma residência krinar pela primeira vez.

A VISÃO QUE teve do interior foi totalmente inesperada.

Mia se preparara para algo alienígena e de alta tecnologia, talvez cadeiras flutuantes similares às da nave que os transportara até lá. Em vez disso, o aposento parecia exatamente como a cobertura de Korum em Nova Iorque, incluindo o sofá cor de creme. Mia corou ao se lembrar do que acontecera naquele sofá pouco antes. Somente as paredes eram diferentes. Pareciam ser feitas do mesmo material transparente da nave e ela via a vegetação do lado de

fora, em vez do rio Hudson.

— Você tem os mesmos móveis aqui? — perguntou ela surpresa, largando a mão dele e dando um passo à frente para absorver a visão estranha. Ela não conseguia imaginar que lojas de móveis fizessem entregas nos Centros dos Ks.

Por outro lado, ele provavelmente podia conjurar o que quisesse usando a nanotecnologia.

— Não exatamente — respondeu Korum, sorrindo. — Eu preparei tudo antes da sua chegada. Achei que seria mais fácil para você se acostumar se puder relaxar em arredores familiares pelas primeiras semanas. Depois que se sentir mais confortável, posso mostrar como vivo normalmente.

Mia piscou repetidamente. — Você preparou isto tudo para mim? Quando?

Mesmo com a fabricação rápida, ou fosse como Korum chamara a tecnologia que permitia criar coisas do nada, ele provavelmente ainda precisaria de um pouco de tempo para fazer tudo aquilo. Quando ele tivera uma oportunidade de sequer pensar no assunto, considerando todos os eventos daquela manhã? Ela tentou imaginá-lo criando um sofá enquanto capturava Kapas e quase riu alto.

— Um pouco antes — disse Korum ambiguamente, dando de ombros.

Mia franziu a testa. — Então... não foi hoje? — Por algum motivo, o momento do gesto parecia importante.

— Não, não foi hoje.

Mia o encarou. — Você planejou isso há mais tempo? Quero dizer, de eu vir para cá.

— É claro — disse ele casualmente. — Eu planejo tudo.

Mia respirou fundo. — E se eu não estivesse correndo perigo por causa da Resistência? Você ainda teria me trazido para cá?

Korum olhou para ela com a expressão indecifrável. — Isso importa? —

perguntou ele em tom suave.

Importava para Mia, mas ela não queria entrar naquela discussão no momento. Portanto, simplesmente deu de ombros e afastou o olhar, estudando o aposento. Era um tanto reconfortante estar em um lugar que, pelo menos, parecia similar. E tinha que admitir que ele fizera algo atencioso, criar um ambiente humano para ela na casa dele.

— Está com fome? — perguntou Korum com um sorriso.

Fazer comida para ela parecia ser uma das atividades favoritas dele. Ele até mesmo a alimentara naquela manhã, quando ela temera que a matasse por ajudar a Resistência. Era uma das coisas que sempre a fizera se sentir tão em conflito sobre ele e sobre o relacionamento deles de forma geral. Apesar da arrogância, ele conseguia ser incrivelmente atencioso. Isso deixava Mia maluca, o fato de ele nunca agir realmente como o vilão que sempre achara que fosse.

Ela balançou a cabeça negativamente. — Não, obrigada. Ainda estou cheia por causa daquele sanduíche mais cedo. — E realmente estava. Só o que queria era deitar e tentar dar um descanso para o cérebro.

— Está bem — disse Korum. — Você pode relaxar aqui um pouco. Tenho que sair por cerca de uma hora. Acha que ficará bem sozinha?

Mia assentiu. — Há uma cama em algum lugar? — perguntou ela.

— É claro. Venha comigo.

Mia seguiu Korum enquanto ele andava por um corredor familiar até o quarto que era idêntico ao do apartamento em TriBeCa. Ela notou também onde ficava o banheiro.

— Então, tudo que existe aqui são coisas que sei usar? — perguntou ela.

— Sim, praticamente tudo — disse ele, estendendo a mão e acariciando gentilmente o rosto dela. Os dedos dele estavam quentes. — A cama provavelmente é mais confortável do que você está acostumada, pois ela usa a mesma tecnologia inteligente da cadeira na nave e das paredes da casa. Achei que você não se importaria com isso. Não se assuste se ela se ajustar ao seu corpo, está bem?

Apesar da tensão que lhe apertava as têmporas, Mia sorriu, lembrando-se de

como o banco da aeronave fora confortável. — Está bem, parece ótimo.

Estou ansiosa para testá-la.

— Tenho certeza de que você gostará dela. — Os olhos dele brilharam com uma emoção desconhecida. — Tire um cochilo, se quiser. Voltarei em breve.

Inclinando-se para a frente, ele beijou-lhe a testa e saiu, deixando-a sozinha em uma casa inteligente dentro do assentamento alienígena.

A CERCA DE um quilômetro de distância, o krinar observou quando o nêmesis dele chegou com a *caerle*.

A maneira gentil como Korum segurou a mão dela ao conduzi-la para a casa era tão incomum que o K quase riu alto. Era um desenrolar interessante, o envolvimento de uma garota humana. Será que isso mudaria alguma coisa? Por algum motivo, ele duvidava.

O inimigo dele não se desviaria do curso e, certamente, não por uma humana.

Não, só havia uma maneira de salvar a raça humana.

E ele era o único que poderia fazer isso.

CAPÍTULO DOIS

M ia acordou na escuridão completa.

Ela ficou deitada por um momento, tentando adivinhar a hora.

Sentia-se incrivelmente descansada, com cada músculo do corpo relaxado e a mente completamente limpa. Ela imediatamente soube que estava na casa de Korum em Lenkarda, deitada na cama "inteligente" dele. Espreguiçando-se com um bocejo, ela ficou imaginando como Korum conseguira dormir em um colchão normal dos humanos em Nova Iorque. Ela não desejaria dormir em qualquer outro lugar além daquela cama pelo resto da vida.

Os lençóis estavam enrolados em volta do corpo, acariciando a pele nua com um toque leve e sensual. Ela não estava nem com calor nem com frio, e o travesseiro apoiava a cabeça e o pescoço da forma certa. A tensão que sentira mais cedo

desaparecera completamente.

Ela não tencionara pegar no sono, mas o descanso decididamente fizera milagres no estado de espírito. Depois que Korum saíra, ela tomara um banho e subira na cama com a intenção de descansar por alguns minutos. Assim que se deitara, os lençóis se moveram em volta dela, envolvendo-a em um casulo gentil. Ela sentira vibrações sutis nas partes mais tensas do corpo. Era como se dedos macios estivessem massageando os nós nas costas e no pescoço.

Lembrava de ter adorado a sensação e devia ter caído no sono, pois não se lembrava de mais nada.

Sentindo que ela estava acordada, o quarto gradualmente ficou mais claro, apesar de não haver fonte óbvia de luz artificial.

Era uma ideia inteligente, pensou Mia, fazer com que a luz ligasse bem devagar. Uma luz brilhante após a escuridão total normalmente causava dor

nos olhos, mas, ainda assim, era como a maioria das luminárias humanas funcionava. As luzes simplesmente ligavam e desligavam, desconsiderando o fato de que as transições entre claro e escuro na natureza eram muito mais sutis.

Relutante em deixar o conforto da cama, Mia ficou deitada, tentando decidir o que fazer em seguida. A sensação doentia de pânico anterior desaparecera e ela conseguia pensar mais claramente.

Era verdade que Korum a usara e manipulara.

Mas, para ser justa, ele fizera tudo aquilo para proteger a própria raça, como ela pensara que estava ajudando a humanidade ao espioná-lo. A sensação de traição que sentira no dia anterior fora irracional, totalmente fora de lugar, considerando a natureza do relacionamento deles e das próprias ações em relação a ele. O fato de que ele realmente não fizera nada para puni-la pela traição *dela* dizia muito sobre as intenções de Korum.

Ela estivera errada ao pintá-lo de forma tão sombria antes. Se ele não a machucara pelo que fizera até então, provavelmente nunca o faria.

No entanto, ele claramente não tinha problema algum em desconsiderar os desejos dela. Prova disso era que ela estava em Lenkarda. Ainda assim, se ele

dissera a verdade, ela ainda poderia visitar os pais em breve e até mesmo voltar para Nova Iorque para terminar a faculdade.

No fim das contas, a situação dela era muito melhor do que temera naquela manhã, quando achara que ele talvez a matasse por ajudar a Resistência.

Ainda assim, as circunstâncias em que se encontrava eram inquietantes.

Estava em um Centro dos Ks, não falava a linguagem deles, não conhecia ninguém além de Korum e não fazia ideia de como usar até mesmo as tecnologias mais básicas dos krinars. Como humana, ela era a estrangeira lá.

Será que os Ks achavam que era burra por causa do que era? Porque não conseguia entender a linguagem dos krinars nem ler dez livros em poucas horas, como Korum conseguia? Será que fariam gozação da ignorância dela e da falta de conhecimento da tecnologia? Ela não tinha familiaridade com tecnologia, nem mesmo pelos padrões humanos. Em geral, a arrogância de Korum era simplesmente parte da personalidade dele ou era algo normal da raça dele e da atitude geral que tinham em relação aos humanos?

É claro que agonizar sobre tudo aquilo não mudava os fatos. Gostasse ou não, ela ficaria em Lenkarda pelo menos nos próximos dois ou três meses e tinha que aproveitá-lo ao máximo. E, enquanto isso, havia tanta coisa que poderia aprender ali...

A porta do quarto se abriu silenciosamente e Korum entrou, interrompendo-lhe os pensamentos. — Ei, dorminhoca. Como se sente?

Mia não pôde deixar de sorrir para ele, esquecendo por um momento as preocupações. Pela primeira vez desde que o conhecera, Korum vestia roupas dos krinars: uma camiseta sem mangas feita de um material branco que parecia macio e bermudas largas que terminavam logo acima dos joelhos. Era uma roupa simples, mas acentuava muito o corpo musculoso. Ele estava incrivelmente bonito, com a pele lisa cor de bronze brilhando de saúde e os olhos âmbar brilhando ao vê-la deitada na cama.

— A cama é incrível — confidenciou Mia. — Não sei como você consegue dormir em outro lugar.

Ele sorriu, sentando-se perto dela e brincando com um cacho dos seus cabelos.

— Eu sei. Foi um grande sacrifício. Mas a sua presença deixou a cama bem tolerável.

Mia riu e rolou o corpo, ficando de bruços e sentindo-se absurdamente feliz. — E agora? Vou conhecer outros objetos inteligentes? Devo dizer que a sua tecnologia é muito bacana.

— Ah, você não faz ideia de como nossa tecnologia é bacana — disse Korum, olhando-a com um sorriso misterioso. — Mas você descobrirá em breve.

Inclinando-se para baixo, ele beijou o ombro exposto de Mia e, em seguida, acariciou-lhe de leve o pescoço com a boca quente e macia.

Fechando os olhos, Mia estremeceu com a sensação agradável. O corpo respondeu imediatamente ao toque dele e ela gemeu suavemente, sentindo uma onda de umidade quente entre as pernas.

Ele parou e sentou-se novamente.

Surpresa, Mia abriu os olhos e olhou para ele. — Você não me quer? —

perguntou baixinho, tentando manter a mágoa fora da voz.

— O quê? Não, minha querida, quero muito você. — E era verdade. Ela pôde ver os pontos dourados nos olhos expressivos dele e o material macio da bermuda não conseguiu ocultar a ereção.

— Então, por que parou? — perguntou Mia, tentando não soar como uma criança que acabara de perder o doce.

Ele suspirou, parecendo frustrado. — Um amigo meu virá aqui para conhecê-la. Chegará em alguns minutos.

Mia olhou para ele surpresa. — O seu amigo quer me conhecer? Por quê?

Korum sorriu. — Porque ele me ouviu falar muito sobre você. E também

porque ele é um dos nossos maiores especialistas em mente e pode ajudar você com o processo de ajuste.

Mia franziu a testa de leve. — Um especialista em mente? Você quer que eu me consulte com um psiquiatra?

Korum sacudiu a cabeça negativamente, sorrindo. — Não, ele não é um psiquiatra. Na nossa sociedade, um especialista em mente é alguém que lida com todos os aspectos do cérebro. Ele é uma combinação de neurocirurgião, psiquiatra e terapeuta, literalmente um especialista em todas as questões relacionadas à mente.

Aquilo era interessante, mas não respondia à pergunta dela. — Então, por que ele quer me ver?

— Porque acho que há algo que ele pode fazer para deixá-la mais à vontade aqui — disse Korum, passando os dedos pelo braço dela, acariciando-o de leve.

Mia notara que ele gostava de fazer aquilo, tocá-la aleatoriamente durante as conversas, como se precisasse de contato físico constante. Ela não se importava. Era aquela química sobre a qual ele falara antes. O corpo deles gravitava em direção um ao outro como dois objetos no espaço.

Ela se forçou a voltar a atenção novamente para a conversa. — Como o quê? — perguntou ela, sentindo-se ligeiramente desconfiada.

— Bem, por exemplo, você gostaria de conseguir entender e falar nossa linguagem?

Mia arregalou os olhos e assentiu ansiosa. — É claro!

— Já parou para pensar como consigo falar inglês tão bem? E todos os outros idiomas dos humanos? Como todos nós conseguimos?

— Eu não sabia que você falava outros idiomas além do inglês —

confessou Mia, olhando para ele maravilhada. Ela se perguntara brevemente como o inglês dele era tão perfeito, mas sempre supusera que os Ks simplesmente estudaram tudo antes de ir para a Terra. Korum era incrivelmente inteligente e, portanto, ela nunca questionara o fato de ele saber o idioma dela e de conseguir falar sem sotaque algum. E agora ele dissera que também falava vários outros idiomas?

— Então, você fala francês? — perguntou ela. Quando ele assentiu, ela continuou: — Espanhol? Russo? Polonês? Mandarim? — Ele fez um gesto afirmativo para cada uma das perguntas.

— Está bem... e swahili? — perguntou Mia, certa de que ele diria não.

— Esse também — disse ele, sorrindo quando ela fez uma expressão

atônita.

— Está bem — disse Mia lentamente. — Suponho que está prestes a me dizer que não é puramente porque é inteligente.

Ele sorriu. — Exatamente. Eu poderia ter aprendido os idiomas por conta própria, com tempo suficiente. Mas há uma forma mais eficiente e é isso que Saret pode fazer por você.

Mia o encarou. — Ele pode me ensinar a falar krinar?

— Melhor que isso. Ele pode lhe dar as mesmas habilidades que eu tenho: compreensão e conhecimento imediatos de qualquer idioma, seja humano ou krinar.

Mia abriu a boca chocada, com o coração batendo mais depressa por causa da empolgação. — Como?

— Dando a você um minúsculo implante que influenciará uma região específica do cérebro e agirá como um dispositivo de tradução altamente avançado.

— Um implante no cérebro? — A empolgação imediatamente se transformou em horror quando as entranhas de Mia violentamente rejeitaram a ideia. Ele já colocara dispositivos de rastreamento na palma das mãos dela. A última coisa de que precisava era tecnologia alienígena influenciando o cérebro. A habilidade que ele descrevera era incrível e Mia a queria desesperadamente, mas não àquele preço.

— O dispositivo não é exatamente o que você está imaginando — disse Korum. — Será minúsculo, do tamanho de uma célula, e você não sentirá desconforto em momento algum. Nem durante a inserção nem depois.

— E se eu disser que não, que não quero o dispositivo? — perguntou Mia baixinho, alarmada com a ideia de que Korum já pedira ao especialista em mente que fosse lá.

— Por que não? — Ele olhou para ela, franzindo a testa ligeiramente.

— Você realmente precisa perguntar isso? — exclamou ela incrédula. —

Você me *brilhou*. Colocou dispositivos de rastreamento em mim com o pretexto de curar minhas mãos. Você achou mesmo que eu aceitaria que colocasse algo no meu cérebro?

Korum franziu a testa mais profundamente. — Ele não tem nenhuma funcionalidade extra, Mia. — Ele não parecia nem um pouco arrependido de tê-la brilhado.

— É mesmo? — perguntou ela em tom amargo. — Ele não faz nada extra?

Não influencia meus pensamentos ou sentimentos de alguma forma?

— Não, minha querida, ele não faz isso. — Ele pareceu ligeiramente divertido com a ideia.

— Não quero um implante no cérebro — disse Mia firmemente, olhando para ele com expressão séria.

Ele a encarou. — Mia — disse ele em tom suave —, se eu realmente quisesse colocar alguma coisa execrável em seu cérebro, poderia ter feito isso de um milhão de formas. Posso implantar qualquer coisa em seu corpo, em qualquer momento, e você não teria a menor ideia disso. O único motivo pelo qual ofereço essa habilidade é porque quero que você se sinta confortável aqui, que consiga se comunicar com todos por conta própria. Se não quer fazer isso, é decisão sua. Não a forçarei. Mas pouquíssimos humanos têm essa oportunidade e aconselho você a pensar muito bem no assunto antes de recusar.

Mia afastou o olhar ao perceber que ele tinha razão. Ele não precisava informá-la nem obter consentimento para qualquer coisa que quisesse fazer com ela. O pânico que achara ter sob controle ameaçou emergir novamente e ela se esforçou para reprimi-lo.

Alguma coisa não fazia muito sentido para ela. Respirando fundo, Mia olhou novamente para ele, estudando a expressão inescrutável de Korum. Mia se incomodava com o fato de entendê-lo tão pouco, que a pessoa que tinha tanto poder sobre ela ainda era um completo desconhecido.

— Korum... — Ela não tinha certeza se deveria levantar o assunto, mas não conseguiu resistir. A pergunta a atormentara por semanas. — Por que você me brilhou? Eu nem tinha conhecido ninguém da Resistência ainda e você não precisava me vigiar por causa do seu grande plano...

— Porque eu queria ter certeza de que sempre poderia encontrá-la —

disse e havia um tom possessivo na voz dele que a assustou. — Eu a segurei nos braços naquele dia e soube que queria mais. Eu queria tudo, Mia. Você foi minha daquele momento em diante e eu não tinha intenção alguma de perdê-la, nem por um momento sequer.

Nem por um momento sequer? Ele percebia como isso soava insano? Ele vira uma garota que queria e garantira que sempre saberia a localização dela.

O fato de ele achar que isso era a coisa certa a fazer era aterrorizante.

Como ela conseguiria lidar com alguém como ele? Korum não tinha concepção dos limites em relação a ela, nenhum respeito pela liberdade de escolha dela.

Ele acabara de admitir casualmente um ato horrível e ela não tinha ideia do que poderia dizer.

Ao vê-la em silêncio, Korum respirou fundo e levantou-se. — Você deveria se vestir — disse ele baixinho. — Saret chegará daqui a pouco.

Mia assentiu e sentou-se, segurando o lençol contra o peito. Aquele não era o momento de analisar as complexidades do relacionamento deles.

Respirando fundo, ela afastou o medo. Não havia como mudar a situação e concentrar-se nos pontos negativos só deixaria as coisas piores. Ela precisava encontrar uma forma de se dar bem com o amante e de lidar melhor com a natureza dominadora dele.

— O que eu devo vestir? — perguntou Mia. — Eu não trouxe nenhuma roupa...

— Quer usar *jeans* e camiseta, como está acostumada, ou quer se vestir como todos os outros aqui? — perguntou Korum com um pequeno sorriso surgindo no rosto. Parte da tensão no quarto se dissipou.

— Ahm, como todo mundo, acho. — Ela não queria se destacar de forma negativa.

— Está bem. — Korum fez um gesto leve com a mão e entregou a ela um material de cor clara que não estivera lá um segundo antes.

Com os olhos arregalados, Mia ficou olhando para a roupa que ele acabara de lhe entregar. — Mais fabricação instantânea? — perguntou ela, tentando agir como se não fosse um grande choque ver as coisas materializando-se do nada.

Ele sorriu. — Isso mesmo. Se não gosta dessa roupa, posso lhe dar alguma outra coisa. Vamos, experimente.

Mia soltou o lençol e saiu da cama, sentindo-se confortável com a nudez.

Apesar de todas as falhas, Korum fizera maravilhas pela imagem corporal e pela autoconfiança dela. Por dizer repetidamente como a achava linda, ela não se preocupava mais por ser magra demais nem por ter cabelos rebeldes e pele pálida. Ele teria sido um achado nos anos de insegurança da adolescência.

Não, mentira. Nenhuma adolescente deveria se sujeitar a alguém tão impressionante.

Pegando o vestido, ela o vestiu, certificando-se de que o decote baixo ficasse nas costas. — O que acha? — perguntou, girando o corpo.

Ele sorriu com um brilho quente nos olhos. — Ficou perfeito em você.

Havia agora um volume na bermuda dele e Mia sorriu para si mesma satisfeita. Apesar de tudo, era bom saber que tinha aquele efeito nele, que a necessidade dele era tão forte quanto a dela. Pelo menos nisso, eram iguais.

Curiosa para ver como era o vestido, ela andou até o espelho no outro lado

do quarto.

Korum tinha razão, o vestido era muito bonito. Similar ao estilo dos vestidos que ela vira as Kapas usando, tinha um belo tom marfim com subtons mais escuros, e caía no corpo de forma perfeita. As costas e os ombros estavam na maior parte expostos, enquanto que a frente ficava modestamente coberta, com pregas estratégicas em volta da área do peito para ocultar os mamilos. O comprimento também era exato para ela, com a saia leve terminando alguns centímetros acima dos joelhos.

Quando ela se virou, ele lhe entregou um par de sandálias baixas cor de marfim, feitas de um material incomumente macio. Mia as experimentou. Elas cabiam perfeitamente e eram surpreendentemente confortáveis.

— Ótimo, obrigada — disse ela. Em seguida, lembrando-se de um último item crucial, perguntou: — E roupas íntimas?

— Nós não usamos roupas íntimas — disse Korum. — Posso fazê-las para você, se insistir, mas talvez seja melhor tentar usar apenas as nossas roupas.

Nada de roupas íntimas? — E se o vestido esvoaçar ou coisa parecida?

— Não acontecerá. O material também é inteligente. Foi projetado para aderir ao corpo da maneira certa. Ao se mover ou dobrar o corpo em certa direção, ele se moverá com você para que esteja sempre coberta.

Aquilo era interessante. Mia pensou nos incontáveis problemas de figurino em Hollywood que poderiam ser evitados com roupas dos Ks. — Está bem, então acho que estou pronta — disse ela. — Preciso usar o banheiro e, depois disso, estarei realmente pronta para ir.

— Excelente — disse Korum, sorrindo. — Vejo você na sala de estar.

E, com um beijo rápido na testa dela, ele saiu do quarto.

— GOSTEI DO QUE você fez com o lugar. Muito americano do século vinte e um.

O amigo de Korum acabara de chegar e olhava em volta com um sorriso.

Ele era alguns centímetros mais baixo que Korum, mas era tão forte quanto ele, além de ter a cor mais escura típica dos Ks. No entanto, o rosto dele era mais

redondo e as maçãs do rosto mais acentuadas, relembrando alguém de descendência asiática.

— O que posso dizer? Você sabe que tenho bom gosto — disse Korum, levantando-se do sofá onde estivera sentado com Mia para cumprimentar o recém-chegado. Aproximando-se, Korum tocou de leve no ombro dele com a

palma da mão e o outro K retribuiu o gesto.

Mia achou que aquela era a versão K de um aperto de mão.

Virando-se para ela, Korum disse: — Mia, esse é o meu amigo Saret.

Saret, essa é Mia, minha *caerle*.

Saret sorriu, com os olhos castanhos brilhando. Ele parecia honestamente feliz em vê-la. — Olá, Mia. Bem-vinda ao nosso Centro. Espero que esteja gostando até agora.

Mia se levantou e sorriu de volta. Era estranho conhecer outro K. Com a exceção de alguns encontros breves com os colegas de Korum, o amante era o único Krinar com quem interagira até o momento.

— Estou gostando muito, obrigada.

Será que deveria oferecer a mão para que ele apertasse? Ou fazer aquele gesto do ombro que Korum acabara de fazer? Ela não tinha ideia de quais eram as regras de contato físico dos Ks e não queria ofendê-lo acidentalmente.

— Você já foi em algum outro lugar em Lenkarda até o momento? Korum me disse que você só chegou hoje pela manhã.

Mia balançou a cabeça com tristeza. — Não, ainda não. Receio que eu tenha passado a maior parte do dia dormindo. — Ela nem sabia que horas eram. Pelas paredes transparentes da casa, conseguia ver que estava escuro do lado de fora. Devia ser início da noite ou talvez até mesmo muito tarde.

— Mia estava ajustando-se ao fuso horário e exausta com o que aconteceu mais cedo — explicou Korum, andando até o lado dela e colocando uma mão possessiva nas costas de Mia. Ele a puxou para que se sentasse no sofá ao lado

dele e Saret se sentou em uma das poltronas em frente a eles.

— É claro — disse Saret. — Eu entendo totalmente. Deve ter sido muito traumático para você descobrir a verdade daquela forma.

Mia olhou para ele surpresa. Quanto ele sabia? Korum contara tudo a ele, incluindo o papel dela no ataque da Resistência aos Centros dos Ks? Ela não tinha ideia de como as ações que tomara seriam vistas pelos krinars. Ela seria punida de alguma forma por ajudar a Resistência?

— Bem, a coisa boa é que terminou — disse Korum, pegando uma das mãos de Mia e acariciando a palma da mão dela com o polegar. Virando-se para ela, ele prometeu: — Você nunca mais precisará se preocupar com nada disso.

— Na verdade — disse Saret com um olhar pesaroso no rosto bonito —, receio que possa haver mais uma coisa que Mia tenha que fazer.

O rosto de Korum ficou sombrio. — Eu já disse a elas que não. Ela já

passou pelo suficiente.

Saret suspirou. — Houve uma solicitação formal das Nações Unidas...

— Que se fodam as Nações Unidas. Eles não têm o direito de solicitar nada depois desse vexame. Eles têm muita sorte de não termos retaliado...

— Que seja, mas a maioria do Conselho acredita que é importante estender este gesto de boa vontade a eles.

Mia ouviu a discussão dos dois com uma sensação gelada por dentro. As Nações Unidas? O Conselho? O que isso tinha a ver com ela?

— Que o Conselho também se foda — disse Korum em tom neutro. — Não há necessidade alguma disso e eles sabem. Ela é minha *caerle* e eles não me dizem o que fazer.

— Ela não é só sua *caerle*, Korum, e você sabe disso. Ela é uma das testemunhas no que será o maior julgamento dos últimos dez mil anos. Sem falar nos processos dos humanos...

Mia sentiu vontade de vomitar ao começar a entender aonde a conversa se encaminhava. — Desculpe-me — falou ela baixinho. — O que exatamente precisam que eu faça?

— Não importa — disse Korum. — Eles não podem obrigá-la a fazer nada sem a minha permissão.

Saret suspirou novamente. — Escute, o Conselho também quer o depoimento dela. Seria muito melhor se você simplesmente a deixasse fazer isso...

Olhando para os dois, Mia começou a se sentir furiosa. Estavam falando dela como se fosse uma criança ou um animal de estimação. Não importava o que queriam que ela fizesse, deveria ser uma decisão dela, não de Korum.

— Ela não precisa disso agora — disse Korum firmemente. — Eles têm bastante provas e não vou deixar que ela passe por mais estresse...

— Desculpe-me — disse Mia novamente em tom frio. — Eu quero saber do que diabos vocês estão falando.

Claramente atônito, Saret riu e Korum olhou para ela com uma expressão de desaprovação.

— Acho que a sua *caerle* é mais corajosa do que você pensa — disse Saret para Korum, ainda rindo. Virando-se para Mia, ele explicou: — Veja bem, Mia, os traidores que você nos ajudou a capturar, os Kapas, como os seus amigos da Resistência os chamam, serão julgados de acordo com as nossas leis. Apesar de nosso processo judicial ser bastante diferente do que você está acostumada, exigimos que todas as provas disponíveis sejam

apresentadas. Bem como os depoimentos de todas as testemunhas. Como você esteve envolvida durante todo o tempo, seu depoimento poderia ser importante para determinar se serão condenados e qual será a gravidade da punição.

— Vocês querem que eu deponha em um julgamento dos krinars? —

perguntou Mia em tom incrédulo.

— Sim, exatamente. E também recebemos uma solicitação formal do embaixador das Nações Unidas para a sua presença...

— Ela não fará isso, Saret. Esqueça. Pode voltar a Arus e dizer a ele que isso não acontecerá.

— Olhe, Korum, tem certeza disso? Estamos tão perto de conseguir a aprovação... Você sabe que isso não será visto de forma favorável...

— Eu sei — disse Korum. — E estou disposto a correr o risco. Não será a primeira vez que ficarão furiosos comigo.

Saret parecia frustrado. — Está bem, mas acho que você está cometendo um erro. Só o que ela precisa fazer é ir até lá e falar...

— Você sabe tão bem quanto eu que, se ela for até lá, o Protetor tentará destruí-la. Não vou deixar que passe por isso. E não a quero por perto das Nações Unidas agora, é perigoso demais. Além do mais, a mídia dos humanos poderá farejar a história e Mia não precisa que o mundo inteiro assista ao depoimento dela para as Nações Unidas. A família dela ainda não sabe de nada.

Com a fúria esquecida, Mia apertou a mão de Korum em gratidão. Ela não pôde deixar de ficar emocionada pela proteção dele. Era difícil dizer o que era menos atraente: a ideia de aparecer em frente ao Conselho dos krinars ou nas Nações Unidas com o mundo inteiro assistindo.

— Arus disse que podem fazer outros preparativos para ela. A audiência das Nações Unidas pode acontecer a portas fechadas, sem que nada vaze para a mídia. E o Conselho concordou em aceitar que o depoimento dela seja gravado para o julgamento.

— Diga a Arus que ele poderá conversar diretamente comigo se estiver tão determinado a fazer com que isso aconteça — disse Korum baixinho com os olhos apertados de raiva. — Ela é minha *caerle*. Se ele quiser que ela faça alguma coisa, precisará me pedir de forma muito, muito simpática. E, depois disso, se Mia disser que não tem problemas em fazer isso, talvez eu considere a ideia.

Saret sorriu pesaroso. — É claro. Você sabe como odeio estar no meio disto. Você e Arus podem conversar sobre o assunto. Pediram-me que

entregasse uma mensagem e minha responsabilidade termina aqui.

Korum assentiu. — Eu entendo.

A expressão no rosto dele ainda era sombria e Mia se mexeu no sofá, sentindo-se desconfortável com o papel que inadvertidamente tivera naquele desentendimento. Ela precisava saber mais sobre aquele julgamento e o que tudo aquilo significava, mas não queria fazer mais perguntas em frente a Saret.

Em vez disso, querendo diminuir a tensão na sala, ela perguntou cuidadosamente: — Então, como vocês dois se conheceram?

Saret sorriu para ela, compreendendo o que fazia. — Ah, nós nos conhecemos há muito tempo, desde que éramos crianças.

Mia arregalou os olhos. Se eles se conheciam desde que eram crianças, ela estava na presença de dois alienígenas que mediam a idade em milhares de anos. — Vocês foram colegas na escola ou coisa parecida? — perguntou ela fascinada.

Korum balançou a cabeça negativamente, com os lábios curvando-se de leve. — Não exatamente. Nós brincávamos juntos. Nossas crianças são educadas de forma muito diferente da dos humanos. Não temos escolas como vocês.

— Não? Então como as crianças de vocês aprendem?

Saret sorriu para ela, parecendo contente com a curiosidade dela. —

Muito com base em brincadeiras. Deixamos que elas desenvolvam a maior parte das habilidades principais de que precisam com a socialização e a interação com outros, sejam crianças ou adultos. Mais tarde, elas fazem estágios em várias áreas com o objetivo de aprimorar as habilidades de solução de problemas e pensamento crítico.

Mia olhou para ele em fascinação. — Mas como elas aprendem coisas como matemática, história ou redação?

Saret fez um gesto indiferente com a mão. — Ah, essas coisas são fáceis.

Não sei se Korum já falou sobre isso com você...

— Não, ainda não — disse Korum. — Você chegou aqui logo depois que Mia acordou. Só tive tempo de mencionar o implante de linguagens.

— Ah, excelente! — Saret pareceu empolgado. — Gostaria de fazer isso hoje à noite, Mia?

Mia hesitou. Se Korum não estivesse mentindo, ela seria uma idiota se deixasse passar aquela oportunidade. — Pode, por favor, explicar de novo exatamente o que é esse implante e o que ele faz? — perguntou ela, olhando para Saret.

Korum suspirou, parecendo exasperado. — Sim, Saret, por favor, diga a Mia exatamente o que é o implante. Parece que ela não confia na minha explicação.

— Pode me culpar por isso? — perguntou ela a Korum, tentando manter a amargura fora da voz.

Saret ergueu as sobrancelhas e sorriu novamente. — Vejo que ainda há alguns problemas não resolvidos.

Korum lhe lançou um olhar de advertência e o sorriso de Saret desapareceu no mesmo instante. — Deixe para lá — disse ele apressadamente.

— Não sei o que Korum disse a você, Mia, mas o implante de linguagem é um dispositivo muito simples que muitos krinars recebem ao atingirem a maturidade, quando o cérebro está totalmente desenvolvido. É um computador microscópico, feito de um material biológico especial que, essencialmente, age como um tradutor altamente avançado. A função dele é converter dados de uma forma para outra, de padrão para idioma e vice-versa. Ele age somente em uma área do cérebro e não tem absolutamente nenhum efeito colateral prejudicial.

— Ele pode ter algum defeito? — perguntou Mia. — Ou pode fazer mais alguma coisa comigo?

— Como o quê? — Saret parecia perplexo. — E não, essa tecnologia existe há mais de dez mil anos e chegou totalmente à perfeição. Ele não apresenta defeitos, nunca.

— Ele pode fazer com que eu pense algo que não queira? Ou transmitir meus pensamentos? — Ao dizer aquilo em voz alta, Mia percebeu como soara ridícula.

Saret balançou a cabeça com um sorriso. — Não, nada parecido com isso.

É um dispositivo muito básico. Você está falando de ciência muito mais avançada. O controle da mente e a leitura de pensamentos ainda estão em estágios teóricos de desenvolvimento.

— Mas é teoricamente possível? — perguntou Mia espantada, com a psicóloga dentro dela subitamente salivando à perspectiva de aprender pelo menos um pouco do que os krinars sabiam sobre o cérebro. Agora que não estava mais tão nervosa, Mia percebeu que o K sentado à frente dela era provavelmente um baú do tesouro em termos de conhecimento na área de estudo que ela escolhera.

Saret assentiu. — Teoricamente, sim. Na prática, ainda não.

Mia abriu a boca para fazer outra pergunta, mas Korum a interrompeu,

parecendo se divertir com o interesse aberto dela. — Então, isso a deixa mais confortável sobre o implante?

Mia considerou a ideia por um segundo. Será que poderia confiar neles?

Korum já provara ser um excelente manipulador e ela não sabia como era Saret. Por outro lado, como Korum dissera, eles não precisavam realmente da permissão dela para fazer aquilo. O fato de estarem dando a ela a escolha foi o que acabou por convencê-la.

— Eu acho que sim — disse ela lentamente.

— Está bem. Saret, quer fazer as honras?

— Ahm, espere — disse Mia, com o coração batendo mais depressa. —

Você quer dizer que posso colocá-lo agora mesmo? Há alguma anestesia ou algo parecido?

Saret sorriu. — Não, nada parecido. É muito fácil, você nem vai sentir.

— Está bem...

Korum se levantou, ainda segurando a mão de Mia. Saret também se levantou e aproximou-se deles. — Posso? — perguntou ele a Korum, chegando mais perto de Mia.

Korum assentiu e Saret estendeu a mão direita, empurrando o cabelo de Mia para trás da orelha esquerda. Ela estremeceu ligeiramente com o toque estranho. Ela enterrou as unhas na mão de Korum e lutou contra a vontade de se encolher. Apesar de terem dito que não sentiria dor alguma, ela não conseguiu evitar a reação primitiva.

— Pronto. — Saret deu um passo atrás.

— O quê? — Mia piscou algumas vezes em choque.

— Está feito. Você agora tem o implante. Esperaremos cerca de um minuto para que ele sincronize com seus caminhos nervosos e depois poderemos testá-lo.

— Mas como? Por onde ele entrou?

— Ele atravessou a pele — explicou Korum, sorrindo para ela. — Você não sentiu nada, sentiu?

— Não, não senti nada. — Eles estavam brincando com ela?

Saret riu divertido com a reação dela. — Ótimo, você não deveria ter sentido. O dispositivo propriamente dito tem propriedades anestésicas e você não deveria sentir o minúsculo corte que ele fez na pele fina atrás da orelha.

Mia ergueu a mão esquerda, procurando o ferimento, mas não havia nada.

— Então, diga-me, Mia. Está sentindo alguma coisa diferente? Está pensando alguma coisa em que não deveria pensar? — perguntou Korum com

um brilho zombeteiro nos olhos.

Mia balançou a cabeça negativamente, franzindo a testa de leve para ele.

Ela não gostava que ele zombasse de sua ignorância.

E, em seguida, ela prendeu a respiração.

Korum acabara de falar com ela em krinar... e ela entendera tudo o que ele dissera.

— Espere um segundo — disse ela. As palavras que saíram de sua boca eram

estranhas e nada familiares. Mesmo assim, ela sabia exatamente o que significavam e os músculos do rosto não pareciam ter problema algum em formar os sons. — Você acabou de falar em krinar!

Korum sorriu. — E você também. Como se sente?

Mia piscou algumas vezes. Parecia estranho, mas, mesmo assim, não exigia esforço algum. — Parece tudo bem — disse ela novamente em krinar.

— Eu só não entendo como isso funciona. E se eu quiser dizer alguma coisa em inglês?

— Se quiser dizer alguma coisa em inglês, você só precisa pensar em inglês e trocará de idioma — explicou Saret. — Nesse momento, a resposta natural do seu cérebro é falar em krinar porque é o idioma no qual estamos falando com você. Precisa pensar ativamente que quer falar em inglês para conseguir fazer isso quando se confrontar com a fala em krinar. No entanto, mais tarde, quando se acostumar com o implante, trocar de um idioma para outro será automático e não exigirá qualquer pensamento extra. Não é muito diferente de ser poliglota. Você sabe que pessoas falam diversos idiomas fluentemente. E agora você tem a mesma habilidade, só que em um nível completamente diferente.

Mia ouviu a explicação dele, finalmente percebendo a realidade. — Uau

— disse ela baixinho. — Então, agora, posso realmente falar em qualquer idioma? Simples assim?

Ela queria saltar em volta da sala, gritando de alegria, e controlou-se com muito esforço, sem querer parecer uma criança tola na frente do amigo de Korum. Era algo tão incrível. Ela sempre fora boa com idiomas na escola e estudara espanhol e francês no segundo grau, mas nunca chegara a ser fluente.

E agora podia falar qualquer idioma que quisesse? Com a relutância anterior esquecida, Mia só conseguia pensar nas possibilidades inacreditáveis que tinha à frente.

— Simples assim — confirmou Korum, olhando para ela com um sorriso.

Saret também assentiu.

Esforçando-se para parecer composta, Mia lutou contra o sorriso imenso que ameaçava surgir-lhe no rosto. — Obrigada — disse ela a Saret. — Eu agradeço muito mesmo.

— De nada, Mia. Espero vê-la em breve. — E, com isso, Saret tocou novamente no ombro de Korum e partiu, com a parede à direita deles desintegrando-se para dar passagem a ele.

CAPÍTULO TRÊS

Depois que Saret partiu, Mia não conseguiu mais conter a empolgação. Ela tinha a sensação de que engasgaria com o prazer puro que a enchia por dentro e sabia que estava sorrindo naquele momento, provavelmente parecendo uma idiota. Mas ela não conseguia mais se importar, pois a empolgação era intensa demais para ser reprimida.

Agora ela era poliglota!

Ela tentou se imaginar falando cantonês e as palavras subitamente surgiram-lhe na mente. Abrindo a boca, ela ouviu os sons guturais saindo ao dizer para Korum: — Não consigo acreditar que isso seja real. — Trocando para russo, ela continuou: — Não consigo acreditar que posso fazer isso! — E

novamente em alemão, quase saltando de alegria: — Ah, meu Deus, eu consigo falar todos os idiomas!

Ele sorriu para ela, com o rosto brilhando de prazer. Soltando a mão de Mia, ele levou a palma da mão até o rosto dela, curvando-a em volta da face.

Olhando para ela, ele disse em inglês: — Fico feliz por estar tão empolgada.

Há tanta coisa que quero mostrar a você, querida...

Mia o encarou, com a empolgação pela habilidade recém-descoberta subitamente transformando-se em algo mais. Ele era tão lindo e a expressão doce no rosto dele ao olhar para ela deixou-a com o coração apertado. —

Korum — disse ela suavemente —, eu...

Ela não sabia o que dizer, como podia expressar o que estava sentindo.

Ainda havia tanta coisa não resolvida entre eles, mas, naquele momento, ela não conseguia se importar como a forma como o relacionamento deles começara, com todas as mentiras e traições mútuas. Naquele momento, só

sabia que o amava, que cada parte dela queria estar com ele.

Estendendo a mão, ela passou o braço em volta do pescoço dele e puxou-lhe gentilmente o rosto em sua direção. Ficando na ponta dos pés, ela o beijou na boca, com os lábios macios e incertos. Mia raramente dava o primeiro passo, era ele quem normalmente iniciava o sexo no relacionamento, e ela conseguiu sentir a tensão súbita dele ao tocá-lo.

Ele retribuiu o beijo, com a boca quente e ansiosa, e ela se viu erguida nos braços dele e sendo carregada. O destino acabou sendo o quarto e eles terminaram sobre a cama, com o corpo poderoso dele cobrindo o dela, pressionando-a contra o colchão com o peso. As mãos de Mia agarraram freneticamente a camiseta dele, tentando achar uma forma de tirá-la para sentir a nudez dele contra a dela. Mia se sentia como se a pele sensível estivesse queimando e a barreira de roupas entre eles era simplesmente insuportável.

Querendo mais, ela aprofundou o beijo, segurando o lábio inferior dele entre os dentes e mordendo-o de leve.

Korum respirou fundo e ela sentiu quando ele se afastou abruptamente.

Antes que pudesse sequer piscar, ele recuou sobre a cama e rapidamente tirou a camiseta e a bermuda, revelando a ereção imensa. A boca de Mia ficou cheia d'água ao ver o corpo nu de Korum, com os músculos firmes cobertos pela pele dourada macia e o peito ligeiramente salpicado de pelos escuros. Em seguida, ele estava sobre ela, arrancando o vestido e deixando-a deitada e exposta diante dos olhos dele.

Colocando-se sobre o corpo dela, ele a beijou novamente, mais agressivamente dessa vez. A mão de Korum desceu pelo corpo de Mia em direção à junção entre as pernas. Mia gemeu, arqueando os quadris para mais perto da mão dele. Os dedos de Korum acariciaram de leve as dobras dela antes que um dos dedos encontrasse o caminho para a abertura, pressionando-a profundamente, fazendo com que os músculos internos de Mia se contraíssem com uma onda súbita de prazer. — Adoro ver você molhada assim —

murmurou ele, penetrando-a com um dedo e depois com dois, abrindo-a mais e preparando-a para ser possuída. Mia gritou, jogando a cabeça para trás, e sentiu o calor úmido da boca de Korum no pescoço, lambendo e beijando a área sensível.

Havia também algo mais, uma sensação estranha e agradável que ela registrou no fundo da mente. Era uma vibração aconchegante, que parecia vir de dedos que deslizavam pelas costas, acariciando e massageando os ombros, a curva da espinha, apertando gentilmente as nádegas e as coxas.

A cama, percebeu ela vagamente, tinha que ser a cama inteligente. Em seguida, ela esqueceu totalmente da cama, imersa demais no que Korum fazia para prestar atenção em qualquer outra coisa. Os dedos dele encontraram um ritmo, duas investidas curvas e uma profunda, e o polegar agora circulava o clitóris de uma forma que quase a deixava louca. Ela enterrou as unhas nas costas dele, com o corpo inteiro estremecendo com sofreguidão. Logo depois, o polegar dele pressionou diretamente o clitóris e ela derreteu, convulsionando nos braços de Korum à medida que ondas de prazer percorriam-lhe o corpo inteiro.

Depois que a última onda de choque terminou, Mia abriu os olhos e encarou-o. Ele a olhava com uma voracidade tão ávida que ela prendeu a respiração, sentindo as entranhas se contraírem novamente com desejo. Ele ainda tinha os dedos dentro dela e retirou-os lentamente, fazendo com que ela tremesse de prazer.

Levando a mão até o rosto, Korum lambeu os dedos lentamente, claramente saboreando o gosto dela. Mia o encarou hipnotizada, incapaz de afastar os olhos enquanto sentia o joelho dele afastando-lhe as pernas e a rigidez do pênis pressionando as dobras vulneráveis.

Ele começou a penetrá-la, ainda encarando-a nos olhos, e Mia arquejou com a sensação. Apesar de terem feito sexo apenas algumas horas antes e de ele tê-la preparado com os dedos, o corpo ainda precisou de um momento para acomodá-lo, para se estender em volta do órgão que a penetrava de forma tão implacável. Havia algo incrivelmente íntimo em estar com ele daquele jeito, sentindo a pele nua contra os seios e o pênis dentro dela enquanto mantinham o olhar preso ao do outro. Era como se ele quisesse possuir mais do que apenas o corpo dela, pensou Mia vagamente, como se quisesse mais do que apenas sexo.

Ainda olhando para ela, ele começou a mover os quadris, primeiro lentamente e depois em ritmo mais acelerado, com cada investida aumentando a tensão que recomeçara a se acumular dentro dela. Entregando-se às sensações, Mia gemeu e fechou os olhos, sentindo cada investida bem fundo no ventre. Korum abaixou a cabeça e ela sentiu o calor da respiração dele contra a orelha, que ele lambeu de leve, fazendo-a estremecer novamente. Em seguida, ele aumentou o ritmo novamente, com os quadris investindo com tanta força que ela foi espremida no colchão, mal conseguindo recuperar o fôlego entre os movimentos.

Ela sentiu o corpo inteiro enrijecer e gritou ao sentir outro orgasmo, com

os músculos internos apertando-o com força. Quando as pulsações começaram a reduzir, Mia sentiu o pênis inchando dentro dela e ele gozou com um grito rouco, penetrando-a com força até que as contrações cessaram.

Respirando com dificuldade, Mia ficou deitada sob o corpo pesado dele.

Percebendo isso, ele rolou o corpo para o lado e puxou-a para perto, abraçando-a pelas costas. Em seguida, repousou a mão sobre o seio dela e segurou-a naquela posição, encostada nele. À medida que o coração galopante se acalmava, ela se sentiu lânguida, relaxada... e incrivelmente contente.

— Está com sono? — sussurrou Korum no ouvido dela, acariciando o mamilo de Mia de leve com o polegar, fazendo com que ele se enrijecesse.

— Não — sussurrou ela em resposta. Mia sentia como se cada músculo do corpo tivesse se transformado em líquido, mas não estava com sono. O longo cochilo que tirara mais cedo cuidara disso. — Que horas são?

— Cerca de onze horas da noite.

— Eu dormi o dia inteiro? — Não era de se admirar que estivesse tão descansada.

— Você devia estar exausta — murmurou ele, erguendo a mão para afastar os cabelos dela para o lado. Mia percebeu, um pouco divertida, que os cachos provavelmente faziam cócegas no rosto dele.

— Então, Saret atende em casa tão tarde? — perguntou ela, com a mente voltando à habilidade nova e incrível que tinha. Um sorriso imenso surgiu-lhe no

rosto quando se imaginou demonstrando aquela habilidade à família e aos amigos. Ficariam com tanta inveja...

— Não é tão tarde assim para nós — explicou Korum, virando-a nos braços dele para que ela ficasse de frente. — Você sabe que não dormimos tanto quanto os humanos. Qualquer momento antes de uma hora e depois das cinco horas da manhã é considerado horário normal de trabalho e visita.

Mia piscou algumas vezes e o sorriso desapareceu. Fazia sentido, claro, mas era mais um motivo para se sentir uma estranha lá. Se tentasse manter o horário "normal" deles, rapidamente ficaria esgotada por falta de sono.

— Você devia se sentir muito entediado em Nova Iorque — disse ela baixinho. — Eu dormia o tempo todo e havia poucos lugares abertos tarde da noite.

Ele sorriu e balançou a cabeça negativamente. — Não, nem um pouco.

Enquanto você estava dormindo tão docemente na minha cama, eu colocava o trabalho em dia.

— Que tipo de trabalho? Os projetos? — perguntou Mia com curiosidade.

Ainda havia tanto que não sabia sobre ele, sobre como passava os dias e as noites quando não estava com ela. Fora esclarecedor observar a interação dele com Saret mais cedo. Ela vira de relance quem Korum era fora do relacionamento deles e estava ansiosa para saber mais.

— Sim, frequentemente trabalho nos projetos. Essa é a minha paixão, é o que realmente amo fazer — respondeu ele prontamente, com uma expressão suave nos olhos. — Também preciso cuidar da minha empresa, o que gasta uma boa parte do meu tempo. Tenho vários projetistas talentosos trabalhando para mim, aqui e em Krina, e há sempre alguma coisa que precisa da minha atenção...

— Há pessoas trabalhando para você em Krina? — perguntou Mia surpresa. — Como você se comunica com elas? Como as supervisiona?

— Temos um sistema de comunicação mais rápido que a velocidade da luz

— explicou Korum. — Portanto, não é muito mais difícil de me comunicar daqui com Krina do que, por exemplo, com a China. É claro, não consigo

encontrá-los pessoalmente com facilidade, mas temos o que você chamaria de

"realidade virtual". Assim, podemos fazer reuniões que simulam bem de perto a realidade. Você viu um pouco disso com o mapa virtual...

Mia assentiu, olhando para ele com atenção. Ela suspeitava que pouquíssimos humanos tinham conhecimento do que ele lhe dizia naquele momento.

— Bem, o mapa é uma versão muito básica dessa tecnologia. O que usamos para conduzir reuniões interplanetárias é muito mais avançado.

— Isso também é projeto seu? Quero dizer, a realidade virtual —

perguntou Mia, imaginando até onde se estendia o alcance tecnológico dele.

— Algumas das versões mais recentes, sim. A tecnologia básica está presente há muito tempo. Ela é muito anterior a mim e à minha empresa.

Mia sentiu o estômago roncar. Ela corou, sentindo-se constrangida, e ele sorriu em resposta, entregando-lhe uma toalha para se limpar.

— É claro, você deve estar faminta depois de dormir o dia inteiro. Por que não vamos comer alguma coisa e continuamos a conversa durante o jantar?

— Parece uma boa ideia — disse Mia, percebendo que estava realmente faminta.

Ele se levantou, puxando-a para fora da cama. Antes mesmo que ela tivesse a chance de pedir, ele lhe entregou uma roupa nova que criara em questão de segundos. Era outro vestido, com estilo similar ao que jazia rasgado sobre a cama. Esse era amarelo-pálido e Mia o vestiu com prazer,

adorando a sensação do material macio contra a pele. Korum vestiu a bermuda e a camiseta que tirara mais cedo e que, de alguma forma, sobrevivera à sessão de sexo.

— Está pronta? — perguntou ele e Mia assentiu. Tomando a mão dela, ele a conduziu na direção da cozinha.

COMO A SALA DE estar e o quarto, a cozinha tinha aparência similar à do apartamento em TriBeCa. Era mais uma prova da tentativa de Korum de fazer

com que ela se sentisse confortável ali, pensou Mia. Andando até uma das cadeiras, ela se sentou e olhou para Korum ansiosa. Ele era um cozinheiro incrível — parte da paixão que tinha por criar coisas — e até mesmo as criações mais básicas eram mais deliciosas do que qualquer coisa que Mia conseguiria fazer.

— O que gostaria de comer? — perguntou ele, andando em direção ao refrigerador.

Mia deu de ombros, sem saber ao certo como responder. — Não sei. O

que tem?

Ele sorriu. — Praticamente tudo. Quer experimentar algumas comidas nativas de Krina ou prefere ficar com gostos familiares por enquanto?

Ela arregalou os olhos. — Você tem comidas de Krina aqui?

— Bem, elas não são importadas de Krina, são plantadas bem aqui, em Lenkarda e nos outros Centros. Mas trouxemos as sementes de nosso planeta.

— Eu adoraria experimentá-las — disse Mia ansiosa. Ela adorava experimentar comidas diferentes e novas. Graças à herança polonesa, ela crescera comendo alimentos que não eram normalmente parte da dieta padrão norte-americana e tinha a mente aberta em se tratando de experimentar cozinhas diferentes.

Korum sorriu, feliz com o entusiasmo dela. Tirando algumas coisas do refrigerador, ele rapidamente cortou algumas plantas e raízes de aparência estranha, colocando tudo em uma panela para cozinhar.

— Como você normalmente cozinha aqui? — perguntou ela, observando as ações dele com fascinação. — Não consigo imaginá-lo usando todos esses utensílios normalmente...

— Você tem razão, não usamos. Na verdade, normalmente nós não cozinhamos — disse Korum, pegando algumas folhas vermelhas que lembravam vagamente repolho. — Lembra-se de quando eu disse que nossas

casas são inteligentes?

Mia assentiu.

— Bem, uma das funções delas é manter sempre um estoque de comida e preparar os alimentos da forma como quisermos.

Mia deu um gritinho, incapaz de conter a empolgação. — É sério? A casa faz comida sempre que você quer?

Ele sorriu, divertido com a reação dela. — Consigo entender como isso seria atraente para você. — As habilidades de Mia na cozinha eram inexistentes, um fato que a mãe dela lamentava com frequência, mas ela adorava comer.

— Atraente? É incrível! — *Por que alguém se preocuparia em cozinhar quando podia simplesmente pedir à casa que fizesse a comida?*

— Não é nada demais — disse ele, dando de ombros de leve. — É

conveniente e com certeza economiza muito tempo. Mas, algumas vezes, tenho vontade de fazer algo por conta própria, para ver se consigo melhorar as receitas que existem no banco de dados da casa.

— Foi assim que você aprendeu a cozinhar tão bem? Experimentando com essas receitas?

Korum assentiu, com as mãos massageando os legumes vermelhos de tal forma que uma substância laranja começou a sair das folhas. — Mais ou menos. Cozinhar é um *hobby* relativamente recente, só comecei depois de vir para a Terra. E foi realmente só nos últimos meses que aprendi a usar os utensílios humanos, em vez de simplesmente programar a casa para ajustar as receitas.

Mia olhou incrédula para o amante. Korum tinha uma casa inteligente que podia cozinhar o que ele quisesse, e perdia tempo aprendendo a usar o fogão?

Cortando legumes usando facas, em vez de usar a tecnologia avançada deles?

Aquilo era algo que ela nunca conseguiria entender, pensou Mia consigo mesma. Não que ela se importasse, claro. Mas era apenas porque ele tinha aquele *hobby* estranho que ela desfrutara de tantos pratos deliciosos em Nova Iorque.

Ele terminou de espremer o líquido laranja das folhas vermelhas, lavou as mãos

e pegou uma planta amarela comprida, que parecia uma abobrinha com pele brilhante. Cortando-a rapidamente, ele a adicionou à tigela onde as folhas vermelhas nadavam no líquido laranja. Em seguida, espalhou um pó esverdeado sobre o prato inteiro. Colocando a tigela no centro da meia, ele serviu algumas colheradas da salada de cores brilhantes no prato de Mia e

uma porção maior no próprio prato. Os utensílios que ele usava eram incomuns, parecendo pinças com um lado plano e outro curvado.

— Experimente — convidou ele, observando-a ansioso.

Uma versão menor dos mesmos utensílios estavam ao lado do prato de Mia. Imitando as ações anteriores dele, Mia pegou algumas das folhas com os utensílios e mordeu-as. O sabor explodiu na boca, uma combinação perfeita de doce, sal e um toque de tempero. — Ah, meu Deus, isso é tão gostoso. O que é? — ela conseguiu perguntar depois de engolir. A boca praticamente formigava com a abundância de sensações.

Ele sorriu. — É um prato tradicional de Rolert, a região de Krina onde minha família mora. É muito fácil de fazer, como você viu, mas o truque é espremer bem a *shari*, essa planta vermelha, para que ela libere todos os sabores e os nutrientes.

Mia ouviu a explicação dele enquanto devorava o resto da porção. Assim que terminou, ela imediatamente serviu uma nova porção. Ele sorriu e comeu o resto da salada que havia no próprio prato.

— Estava incrível. Obrigada — disse Mia quando a salada desapareceu completamente.

— Fico feliz por você ter gostado — disse Korum, retirando os pratos. Em vez de colocá-los na lava-louças, ele simplesmente os segurou perto de uma parede. Uma abertura surgiu e ele os colocou dentro dela. E, simples assim, as louças sujas desapareceram.

Vendo o olhar surpreso no rosto de Mia, Korum explicou: — Eu não gosto de limpar a cozinha e *estou* usando parte da nossa tecnologia para cuidar dessa parte.

— Então a lava-louças é meramente decorativa?

— Mais ou menos. Você pode usá-la, se quiser, mas viu o que acabei de fazer, certo?

Mia assentiu.

— Você poderá fazer a mesma coisa se estiver aqui sozinha. Ou apenas deixar as louças sobre a mesa que a casa cuidará delas depois de alguns minutos. — Andando de volta até a mesa, ele se sentou na frente dela e sorriu.

— O prato principal estará pronto em alguns minutos.

— Mal posso esperar para experimentá-lo — disse Mia, sorrindo empolgada.

Até aquele momento, Lenkarda estava sendo uma experiência fantástica em todos os sentidos e ela sentiu uma onda intensa de felicidade invadi-la ao

olhar para o belo rosto de Korum. Era difícil acreditar que, naquela manhã, ela achara que Korum seria deportado para Krina e que, agora, estava sentada na casa dele na Costa Rica, conversando no idioma dos krinars e desfrutando da comida que ele preparara.

Quando a mente dela divagou para os eventos anteriores, o sorriso lentamente desapareceu. Ela percebeu novamente que poderia tê-lo perdido naquele dia. Se Korum estivesse certo sobre as intenções dos Kapas, poderia ter morrido se a Resistência tivesse sido bem-sucedida. Um frio doentio se espalhou pelas veias ao pensar nisso.

Aquilo não acontecera, disse ela a si mesma, tentando se concentrar no presente, mas a mente continuava a divagar. Apesar de os rebeldes terem fracassado, ainda havia o fato de que ela participara no ataque às colônias dos Ks. E agora queriam que testemunhasse, lembrou ela, sentindo um arrepio descendo pela espinha, que ficasse à frente do Conselho deles e das Nações Unidas e falasse sobre o envolvimento que tivera. Korum parecia achar que tinha o poder de protegê-la do Conselho, mas ela não conseguia entender como aquilo funcionava.

— Qual é o problema? — perguntou Korum, parecendo confuso com a expressão séria súbita no rosto dela.

Mia respirou fundo. — Podemos conversar sobre o que aconteceu esta manhã? — perguntou ela com cuidado. — E sobre o que acontecerá agora?

A expressão dele ficou ligeiramente mais fria e o sorriso desapareceu do rosto de Korum. — Por quê? — perguntou ele. — Acabou. Quero deixar isso para trás, Mia.

Ela o encarou. — Mas...

— Mas o quê? — perguntou ele em tom macio, estreitando os olhos. —

Você realmente quer conversar novamente sobre a forma como me traiu? Como quase me mandou para a morte? Estou disposto a esquecer isso porque sei que estava assustada e confusa... mas, realmente, é melhor parar de trazer o assunto de volta, querida.

Mia respirou fundo, tentando controlar o temperamento. — Só fiz o que achei melhor — disse ela. — E você sabia de tudo o tempo todo. Você me *usou*. E agora parece que o seu Conselho também quer me usar. Portanto, lamento muito, mas ainda não estou pronta para deixar isso para trás.

— O Conselho não tem voz ativa no que diz respeito a você, Mia — disse Korum, encarando-a com um olhar âmbar inescrutável. — Eles não podem dizer a você o que fazer.

— E por quê? — perguntou Mia com o coração começando a bater mais depressa. — Porque sou a sua *caerle*?

— Exatamente.

Ela olhou para ele frustrada. — E o que isso quer dizer? O fato de eu ser a sua *caerle*.

Ele a encarou com olhar firme. — Significa que pertence a mim e eles não têm jurisdição sobre você.

Antes que Mia pudesse dizer mais alguma coisa, ele se levantou e andou até fogão onde estava uma panela. Levantando a tampa, ele mexeu o conteúdo de leve. Um aroma incomum mas agradável encheu a cozinha. — Está quase pronto — disse ele, voltando para a mesa.

A pausa de dois segundos ajudou a Mia a se recompor. — Korum — disse ela baixinho —, eu preciso entender. Você, eu. Parece que sou parte de algum jogo e

não sei quais são as regras. O que exatamente é uma *caerle* na sua sociedade?

Ele suspirou. — Eu já lhe disse, é nosso termo para humanos com os quais mantemos um relacionamento.

— Então por que o seu Conselho não tem jurisdição sobre *caerles*? Ele é como o seu governo, certo?

— Sim, exatamente — disse Korum, respondendo à segunda parte da pergunta dela. — O Conselho é nosso órgão governante.

— E você é parte dele? — Mia lembrou que John dissera algo relacionado àquilo uma vez.

— Quando eu escolho ser. Não sou muito fã de política. Mas, de vez em quando, não há como evitar.

— Como você pode escolher uma coisa dessas? — perguntou Mia, encarando-o espantada. — Você é um oficial eleito ou as coisas funcionam de forma diferente em Krina?

— É muito diferente para nós. — Korum se levantou e foi até o fogão novamente. — Não temos uma democracia do jeito como vocês têm. Quem participa do Conselho é determinado com base em nossa posição geral na sociedade.

Mia ergueu as sobrancelhas. — O que quer dizer? Como nascer nas classes superiores ou algo parecido?

Ele sacudiu a cabeça negativamente. — Não, não nascer. Nossa posição é obtida no decorrer do tempo. Ela é baseada amplamente em nossas conquistas e no quanto contribuímos para a sociedade. Nosso governo é quase como uma

oligarquia, mas baseada em mérito.

Aquilo era fascinante e um tanto intimidador. Korum devia ter contribuído bastante para a sociedade dos Ks para ter tanta influência assim.

— E quantas pessoas há no Conselho? — perguntou Mia, observando-o servir a comida, parecida com um ensopado, em duas tigelas. Não parecia tão exótica

quanto a salada de shari, apesar de ela ter visto alguma coisa roxa no meio dos legumes avermelhados.

— No momento, há quinze membros no Conselho. O número flutua com o tempo. Houve um momento em que ele tinha vinte e três e outro em que tinha apenas sete. Cerca de um terço de nós está na Terra e os outros ainda estão em Krina.

Levando as tigelas para a mesa, ele se sentou e empurrou uma delas na direção de Mia. — Vá em frente — disse ele. — Estou curioso para saber se você também gostará desse prato.

Deixando de lado temporariamente as perguntas, Mia experimentou uma colherada do ensopado. Para surpresa dela, tinha um gosto rico e saboroso, como se contivesse algum tipo de carne. — Só tem plantas nessa comida? —

perguntou ela e Korum assentiu, observando a reação dela com um sorriso. A expressão dele suavizara novamente.

Mia experimentou outra colherada. A textura era macia e ligeiramente pastosa, quase como se estivesse comendo batatas, mas o sabor era completamente diferente. Lembrava um pouco a cozinha japonesa, com toques sutis de algas marinhas, mas ainda mais leve. Depois da segunda colherada, Mia subitamente se sentiu mais faminta, quase sentindo necessidade do sabor rico, e rapidamente devorou o restante da comida do prato. — Isso é muito bom — resmungou ela entre as colheradas e Korum assentiu, terminando a própria comida.

Depois de terminarem, ele repetiu o processo com as louças sujas, levando-as na direção da parede e deixando que a casa cuidasse da limpeza.

Mia o observou com cuidado, anotando mentalmente as ações exatas dele. Não parecia ser difícil, a tecnologia parecia ainda mais intuitiva do que a dos iPads mais novos, e ela esperava conseguir se lembrar do que fazer se algum dia precisasse limpar os pratos.

— Obrigada, estava delicioso — disse ela quando Korum terminou.

— De nada — respondeu ele casualmente, sentando-se novamente à mesa.

A expressão no rosto dele era divertida e ligeiramente zombeteira, como se

suspeitasse do que ela diria a seguir.

O temperamento de Mia começou a ressurgir e ela decidiu não desapontá-

lo. — Então, por que *caerles* não estão na jurisdição do Conselho? —

perguntou ela teimosa.

— Porque é assim que sempre foi, Mia — respondeu ele suavemente. —

Porque os humanos só são aceitos na sociedade dos krinars nesses termos, pertencendo a um de nós. A única exceção são aqueles como Dana, que escolhem deixar a vida passada para trás para se tornarem fontes de prazer em Krina. Portanto, querida, o Conselho não pode entrar em contato diretamente com você. Eles precisam passar por mim porque, sob as leis dos krinars, você é minha.

Mia respirou fundo, como se não houvesse ar suficiente no aposento. —

Então eu estava certa — disse ela baixinho. — A Resistência não mentiu para mim. Você mentiu.

Ele se inclinou na direção dela com os olhos assumindo um tom dourado mais profundo. — Eles mentiram para você, sim. Uma *caerle* não é uma escrava do prazer ou seja lá o que foi que disseram para você. É muito raro termos uma *caerle* e, quando isso acontece, são relacionamentos genuínos e amorosos.

— Como pode existir um relacionamento genuíno e amoroso quando as duas pessoas não são consideradas de forma igual em sua sociedade? —

perguntou ela em tom amargo.

Ele riu, parecendo se divertir. — Esses tipos de relacionamentos existem o tempo todo, Mia. Olhe para a sua sociedade humana. Vai me dizer que vocês não se importam com as crianças, com os adolescentes ou até mesmo com os animais de estimação? Sem falar que as chamadas nações desenvolvidas só recentemente aceitaram a ideia de direitos das mulheres, enquanto muitas regiões da Terra ainda não...

— É isso que sou para você? Um animal de estimação? — Ela sentiu o estômago

revirar enquanto esperava a resposta.

Ele balançou a cabeça negativamente, olhando para ela intensamente. —

Não, Mia, você não é um animal de estimação. Você é uma garota humana de vinte e um anos de idade que ainda tem que crescer um pouco. Eu queria poder deixá-la em paz, para que pudesse conhecer alguém como aquele garoto bonito da boate...

Mia percebeu surpresa que ele falava sobre Peter.

—... mas não posso fazer isso.

Levantando-se, ele deu a volta na mesa e sentou-se em uma cadeira ao

lado dela. Erguendo a mão, acariciou gentilmente o rosto dela. Mia o encarou, incapaz de afastar o olhar do calor dourado nos olhos dele. — Eu me importo muito com você — disse ele suavemente. — E agora quero você de formas que nunca achei possíveis. Eu sei que você ainda tem muito a aprender sobre mim, sobre o seu novo lar aqui, e farei o possível para facilitar as coisas, para ajudá-la a se ajustar. Mas você precisa parar de se preocupar tanto e de lutar comigo em cada esquina. As coisas podem ser muito boas entre nós, Mia...

especialmente se você nos der uma chance.

CAPÍTULO QUATRO

N aquela noite — a primeira noite de Mia em Lenkarda — ela teve sonhos estranhos e perturbadores. Ela voava para algum lugar, mas, desta vez, Korum a manteve no colo por toda a viagem. O corpo estava incomumente pesado e lânguido e ela não conseguia se mexer, ficando imóvel nos braços dele ao ser carregada para algum lugar depois de pousarem. No sonho, ele a levou para dentro de um prédio branco estranho, em que tudo parecia flutuar e as paredes se dissolviam regularmente. Subitamente, ela estava deitada em um desses objetos flutuantes que era inacreditavelmente confortável, como se tivesse sido feito especificamente para o corpo dela. Havia uma luz suave iluminando o ambiente inteiro e uma mulher bonita falou com ela suavemente, tocando com gentileza no rosto dela com mãos elegantes. No sonho, Mia conversou com a mulher, dizendo-lhe como era bonita e a mulher riu, falando para Korum que a *caerle* dele era encantadora.

Depois, houve apenas escuridão e Mia dormiu profundamente pelo resto da noite, com o sonho desaparecendo da lembrança.

Assim que acordou na manhã seguinte, a mente dela começou imediatamente a relembrar a conversa do dia anterior e ela rosnou, enterrando o rosto no travesseiro. No mesmo instante, a cama começou um regime de massagem suave projetado para relaxar os músculos subitamente tensos.

Suspirando de prazer, Mia deixou que a cama continuasse enquanto ficava deitada, tentando entender Korum e o relacionamento deles.

Depois do curto discurso na noite anterior, Korum a carregara para o quarto e passara as horas seguintes mostrando a ela como as coisas poderiam ser boas entre eles. As partes íntimas dela latejaram delicadamente quando ela

lembrou de tudo o que ele fizera, as muitas formas que usara para fazê-la gritar em êxtase.

Mia ainda não entendia o que exatamente Korum queria dela. Ele realmente achava que ela conseguiria aceitar tudo calmamente? Do que entendera até então, ser uma caerle na sociedade dos krinars não era muito diferente de ser uma escrava. No que dizia respeito às leis deles, ela era uma posse de Korum, algo que pertencia a ele. Como um relacionamento genuíno e amoroso poderia surgir disso? Ele tinha todo o poder, podia fazer o que quisesse com ela e ninguém interferiria.

E, mesmo se ela estivesse disposta a aceitar aquele tipo de dinâmica, havia muitos outros problemas a superar. Como ele dissera, ela era uma garota humana de vinte e um anos, imatura e inexperiente em comparação a um K que vivera por dois mil anos. Como ele podia considerá-la qualquer coisa além de ingênua e ignorante? Não só a espécie dele tinha ciência e tecnologia muito mais avançadas, mas o próprio Korum também devia ter reunido um conhecimento imenso durante séculos de existência. Como um humano poderia chegar sequer perto daquilo em uma vida de oitenta ou noventa anos? Não que ele fosse querê-la quando ficasse velha. Não importava a intensidade da atração que existia naquele momento. Ele decididamente perderia o interesse quando ela começasse a apresentar rugas e cabelos grisalhos, se não muito antes.

Fechando os olhos com aquele pensamento doloroso, Mia tentou pensar em alguma outra coisa, distrair-se de reflexões tão deprimentes.

Pelo lado positivo, ela se sentia incrível fisicamente. Apesar dos sonhos de que se lembrava vagamente, devia ter dormido muito bem, pois se sentia cheia de energia e o corpo não apresentava nenhuma área dolorida que normalmente acompanhava as longas sessões de sexo. Ela achou que Korum provavelmente usara alguma coisa curativa nela novamente.

Era difícil acreditar que ainda era sábado. Fora somente na semana passada que ela estivera freneticamente redigindo os trabalhos da faculdade?

Parecia que uma vida se passara, com tudo o que acontecera nos dias anteriores.

Na segunda-feira, ela deveria iniciar o estágio em Orlando, trabalhando como conselheira em um acampamento para crianças problemáticas. Mas, em vez disso... Bem, Mia não fazia ideia do que faria em vez disso, nem do que o futuro lhe reservava de forma geral. A vida dela sofrera uma reviravolta tão inesperada que era impossível fazer planos de qualquer tipo.

Subitamente, ela se lembrou, com uma sensação de pesar, de que também deveria fazer as malas e sair do quarto na segunda-feira. Mia combinara, meses antes, de sublocar o quarto pelo verão e a locadora, uma garota muito simpática chamada Rita, deveria chegar no início da semana seguinte. No entanto, devido à partida súbita de Nova Iorque, todas as coisas de Mia ainda estavam lá.

Saltando da cama, Mia correu para a mesinha onde estava a bolsa. Ela a trouxera de Nova Iorque e continha algo extremamente valioso: o celular dela.

Precisava telefonar para Jessie assim que possível. A amiga provavelmente já estava ficando preocupada, pois não tivera notícias de Mia no dia anterior. E

com certeza ficaria histérica se todos os pertences de Mia ainda estivessem no quarto quando Rita chegasse. Jessie nunca acreditaria que ela pudesse ser tão irresponsável a ponto de esquecer que alugara o quarto.

Pegando o celular da bolsa, Mia prendeu a respiração, torcendo para ter sinal. Mas, claro, as esperanças dela foram em vão, não havia sinal algum.

Não só ela estava em um país estranho, lembrou-se ela, mas a tecnologia de escudos dos Ks provavelmente bloqueava todos os sinais das torres de celular.

Suspirando, ela vestiu um roupão e foi escovar os dentes antes de procurar

Korum. Se não conseguisse falar com Jessie durante o fim de semana, a amiga provavelmente enviaria a polícia ao apartamento de Korum em TriBeCa na segunda-feira.

ENTRANDO NA SALA DE ESTAR, Mia viu Korum sentado no sofá com os olhos fechados. Surpresa, ela parou e olhou para ele. Será que estava dormindo?

Hesitante em perturbá-lo, ficou parada, usando aquela oportunidade rara para estudar o amante alienígena com a guarda abaixada.

Com os olhos fechados, a perfeição bronzeada do rosto dele era ainda mais incrível. As maçãs do rosto altas combinavam com sinergia impressionante com o nariz forte e o maxilar firme, formando um rosto que era masculino e belo. As sobrancelhas eram escuras e grossas e os cílios pareciam inacreditavelmente longos, espalhados como leques escuros abaixo dos olhos. Os cabelos tinham crescido durante aquele mês desde que ela o conhecera, provavelmente porque ele estivera ocupado demais perseguindo os Kapas para cortá-los, pensou Mia, e começavam a cobrir as orelhas.

Como se sentisse o olhar dela, ele abriu os olhos e sorriu ao vê-la parada.

— Venha cá — murmurou ele, batendo de leve no sofá ao lado de onde estava.

— Como está se sentindo?

Mia corou ligeiramente. — Estou bem — respondeu ela.

Ele continuou olhando para ela com uma expressão misteriosa no rosto, quase como se a estivesse estudando por algum motivo. Sentindo-se um pouco incerta sobre como estavam depois da conversa do dia anterior, Mia se aproximou dele cautelosamente. Apesar de ter passado a maior parte da noite contorcendo-se de prazer nos braços dele, ainda havia muita coisa não resolvida entre eles. Parando a pouco menos de um metro de distância, ela perguntou: — Você estava dormindo? Desculpe-me se estava e eu interrompi...

— Dormindo? Não. — Ele pareceu surpreso com a suposição dela. — Eu só estava cuidando de alguns negócios.

— Virtualmente? — adivinhou Mia. Korum assentiu e bateu novamente no sofá.

Mia chegou mais perto e ele estendeu a mão, puxando-a para o colo.

Enterrando a mão na massa escura de cachos, ele inclinou a cabeça dela e beijou-a, com a boca quente e exigente, a língua sondando a dela até que Mia se esqueceu de tudo, concentrando-se apenas nas sensações incríveis que Korum provocava nela. Mal conseguindo respirar, Mia gemeu, encostando-se nele e sentindo as entranhas se transformarem em um calor líquido, apesar do fato de que deveria estar exausta depois dos excessos da noite anterior.

Parecendo satisfeito com a forma como ela respondera, Korum ergueu a cabeça e olhou para ela com um meio sorriso, soltando-lhe os cabelos, mas ainda segurando-lhe firmemente nos braços. — Olhe só, Mia — disse ele baixinho. — Não importa que rótulos são colocados em nosso relacionamento.

Não muda nada entre nós.

Mia passou a língua nos lábios. Eles estavam macios e inchados depois do beijo. — Não, você tem razão. Não muda nada — concordou ela. Saber da função dela na sociedade dos Ks não diminuía a atração que sentia por ele. O

corpo dela não se importava com o fato de que, como caerle, ela não mandava na própria vida.

Korum sorriu e levantou-se, colocando-a de pé. — Preciso sair daqui a uns trinta minutos para ir ao julgamento. Quer assisti-lo daqui?

Mia arregalou os olhos. — Como se fosse na TV?

— Com realidade virtual — respondeu ele. — Não quero você lá pessoalmente, caso o Conselho tente pressioná-la a depor.

— O que aconteceria se eu o fizesse? Quer dizer, se eu testemunhasse. —

Mia ficou subitamente curiosa para saber por que Korum estava tão determinado a protegê-la daquilo. Ela não estava ansiosa para ficar em frente ao Conselho dos krinars, mas ele parecia excessivamente preocupado com aquilo.

— Os traidores terão um Protetor — explicou Korum. — É parecido com o advogado de vocês, mas diferente. O Protetor é alguém que sinceramente acredita na inocência do acusado. Pode ser um membro da família ou um amigo. Quando você age como Protetor, aposta tudo: sua reputação, sua posição na sociedade. Se não conseguir provar a inocência daqueles que está protegendo, você perde quase o mesmo tanto que eles.

— E os acusados sempre têm esse Protetor? — perguntou Mia, tentando entender um sistema tão estranho.

Korum balançou a cabeça negativamente. — Não. Mas, infelizmente, esses traidores têm. Um deles, Rafor, é filho de Loris, um dos membros mais antigos do Conselho. E Loris decidiu ele mesmo ser o Protetor nesse caso. Ele é um dos indivíduos mais implacáveis que conheço e não se deixaria deter por nada para proteger o filho. Ele também me odeia. Se eu a deixar ir até lá como testemunha, ele fará tudo o que puder para fazer com que seu depoimento pareça vir de uma humana irracional e histérica que manipulei em interesse próprio. Ele humilhará você publicamente, fará com que desabe na frente de todos. E não deixarei que isso aconteça.

Mia engoliu em seco, começando a entender um pouco melhor a situação.

— Vocês não têm algum tipo de regra sobre o tipo de perguntas que podem ser feitas às testemunhas?

— Não — respondeu Korum. — Com tanta coisa em jogo, vale tudo. A única coisa que o Protetor não tem permissão de fazer é machucá-la fisicamente. Mas não há nada que o impeça de destruí-la verbalmente. E, acredite, Loris é muito bom nesse tipo de coisa.

— Entendi — disse Mia lentamente, sentindo as entranhas se revirarem ao pensar em enfrentar um membro implacável do Conselho dos krinars determinado a proteger o filho.

— Mas não se preocupe — assegurou Korum. — Não vai acontecer. No

máximo, conseguirão um depoimento seu gravado. E isso somente se Arus realmente implorar.

— Quem é Arus? — Mia se lembrou de que o nome fora mencionado mais cedo, durante a visita de Saret.

— Ele é outro membro do Conselho e, dentre outras coisas, é nosso

embaixador junto aos líderes dos humanos.

— Você também não gosta dele? — perguntou Mia.

Os lábios de Korum se curvaram em um sorriso sombrio e sem o menor humor. — Digamos apenas que tivemos nossas diferenças políticas. — O

olhar no rosto dele era frio e distante. Mia estremeceu de leve, feliz por não ser direcionado a ela.

— Entendi — disse ela novamente. Ela não entendia, mas não achou que seria inteligente insistir naquele assunto. Respirando fundo, ela se lembrou do motivo original pelo qual queria falar com ele. — Ahm, Korum, eu queria lhe perguntar uma coisa...

A expressão dele se suavizou um pouco. — Claro. O que é?

Mia olhou para ele com uma expressão angustiada. — Preciso telefonar para Jessie. Meu celular não tem sinal aqui...

Ele ergueu a sobrancelha. — Telefonar para a sua amiga? Por quê?

— Porque ela ficará preocupada se não tiver notícias minhas por alguns dias — explicou Mia. — E porque preciso pedir a ela um grande favor. Todas as minhas coisas ainda estão no meu quarto e a garota que o alugou se mudará na segunda-feira. Eu deveria ter tirado tudo de lá ontem, mas...

— Mas, em vez disso, acabou vindo para cá — disse Korum, entendendo imediatamente. — Está bem, você pode entrar em contato com Jessie e avisar a ela onde está. Talvez ela possa guardar as suas coisas. Se fizer isso, pedirei ao meu motorista que as busque e leve-as para o meu apartamento em Nova Iorque.

— Isso seria ótimo, obrigada — disse Mia, sorrindo aliviada. — E, se eu puder também telefonar rapidamente para os meus pais, seria muito bom.

Ele sorriu para ela. — Claro. Mas eu não diria a *eles* onde você está.

— Não, claro que não — concordou Mia prontamente. Ela tentou imaginar a reação dos pais com a notícia de que estava em uma colônia alienígena na Costa Rica e não foi nada agradável. Pensando à frente, ela perguntou: — E

quando eu for para a Flórida? O que direi a eles?

Korum deu de ombros. — A verdade, imagino. Eu estarei com você e eles podem me perguntar o que quiserem para terem certeza da sua segurança.

O queixo de Mia caiu. — Você vai conhecer os meus pais?

— É claro, por que não?

— Ahm... — Mia conseguiu pensar em uma dúzia de motivos. Escolheu o primeiro deles. — Bem, não sei como eles reagiriam ao fato de que, você sabe, de que você é...

Ele pareceu achar graça. — Um krinar? Eles terão que se acostumar com a ideia se quiserem continuar a ver você.

Mia o encarou. — O que quer dizer com isso, se quiserem continuar a me ver?

— Eu quero dizer, Mia — respondeu ele em tom suave —, que você está comigo agora. E sua família precisará aceitar isso de alguma forma. — Ao ver o olhar ansioso no rosto dela, ele acrescentou: — E não se preocupe. Eu serei paciente com eles. Eu sei que eles se importam com você e farei o possível para que não se preocupem.

ALGUNS MINUTOS DEPOIS, com Mia ainda em estado de choque ao pensar no encontro dos pais com o amante alienígena, Korum entregou a ela uma pulseira prateada fina que parecia um relógio de pulso.

— Isso é algo que acabei de criar para você — explicou ele, colocando-a em volta do pulso esquerdo de Mia. — Ele será o seu dispositivo de computação pessoal enquanto estiver em Lenkarda. Eu o criei para que seja capaz de se

conectar a celulares e computadores humanos e você pode usá-lo para telefonar ou para videoconferências com a sua família. Eu o programei com todas as suas conexões...

Surpresa, Mia estudou o objeto bonito que ele colocara no braço dela.

Parecia muito uma joia elegante e ela se lembrou vagamente de ter visto alguns Ks na televisão usando algo similar. — Como ele funciona? — perguntou ela, sem ver nenhum botão óbvio.

— Ele responde aos seus comandos verbais. Essa será a forma mais fácil de você operar a nossa tecnologia por enquanto.

— Então, ele me entenderá se eu simplesmente disser as instruções com voz normal?

Korum assentiu. — Ele a entenderá perfeitamente em qualquer linguagem, pois eu o projetei especificamente para você.

Mia piscou algumas vezes. Ela não tinha certeza, mas suspeitava de que Korum era um dos pouquíssimos Ks que conseguia fazer algo como aquilo, criar um item de tecnologia exclusivo unicamente para o uso da *caerle* dele.

— Obrigada — disse ela. — Telefonarei para Jessie agora mesmo.

Querendo um pouco de privacidade, Mia foi para o quarto. Sentando-se na cama, ela aproximou o pulso esquerdo da boca e falou com a pulseira. —

Telefone para Jessie, por favor. — Dois segundos depois, ela ouviu o que pareciam ser tons de discagem, indicando que a ligação estava sendo feita.

— Alô? — Era a voz de Jessie, que emanava do pequeno dispositivo no pulso de Mia. Diferentemente dos alto-falantes com os quais Mia estava acostumada, ela ouvia Jessie com precisão cristalina como se elas estivessem no mesmo aposento.

Torcendo para que Jessie conseguisse ouvi-la tão bem, Mia disse: — Oi, Jessie, como vai? É Mia.

— Mia? De onde você está telefonando? — Jessie soava surpresa. —

Apareceu aqui como um número desconhecido.

— Ah, sim, sobre isso... na verdade, estou fora da cidade no momento...

— O quê? Onde?

— Ahm... na Costa Rica.

— O QUÊ? — O grito de Jessie foi ensurdecedor.

Mia esfregou a orelha. — Sim, foi meio que uma viagem não planejada.

Mas está tudo bem. Estou com Korum e...

— Ah, meu Deus, que diabos você está fazendo na Costa Rica? Aquele imbecil arrastou você para aí? Porque se ele fez isso...

— Não, Jessie, está tudo bem! Olhe, eu só queria telefonar para você e avisar onde eu estou...

— Mia, o que você está fazendo na Costa Rica? — Jessie soou marginalmente mais calma, mas Mia ainda detectou o pânico na voz da amiga.

— E onde exatamente na Costa Rica você está?

Mia fez uma breve pausa, tentando achar a melhor forma de explicar tudo.

— Bem, na verdade, eu estou em Lenkarda, aquele Centro dos Ks na Costa Rica...

— Ah, meu Deus, Mia, ele levou você para aí? — Havia puro terror na voz de Jessie. — E ele sabe sobre... você sabe?

Mia suspirou. — Sim. Na verdade, ele sabia o tempo todo. Não se preocupe, está tudo bem agora...

— O que você quer dizer com ele sabia o tempo todo?

— Olhe, Jessie, não quero entrar na história inteira agora. Mas, acredite em mim quando eu digo que não estou correndo qualquer tipo de perigo, está bem? — Mia falou rapidamente, sabendo que provavelmente tinha apenas alguns minutos

antes que Jessie fizesse algo drástico, como entrar em contato com a Resistência novamente. — Nós conversamos sobre tudo o que aconteceu e eu entendi algumas coisas da forma errada. Agora está tudo bem.

Só vou ficar aqui durante o verão. Voltaremos para a Flórida em algumas semanas para visitar meus pais e, depois disso, irei para Nova Iorque quando começar o semestre. Realmente não há nada com o que se preocupar, eu juro...

Houve alguns segundos de silêncio e, em seguida, Jessie disse baixinho:

— Mia, eu simplesmente não entendo. Está me dizendo que o alienígena que você estava espionando a levou para um Centro dos Ks e espera que eu acredite que está tudo bem?

Mia respirou fundo. — *Está* tudo bem. Mesmo. Eu cometi um erro ao me envolver com a Resistência. Korum me explicou tudo e só não entendi a situação antes...

— E agora entende? Como sabe se pode acreditar em tudo o que ele diz?

— Escute, eu preciso confiar nele, Jessie. Ele não tem motivo algum para mentir para mim agora. — Pelo menos, Mia esperava que fosse assim.

— E ele deixou que você me telefonasse?

Mia sorriu. — Sim, é claro. Então, viu só? Realmente não é o que você pensa. — Ela quase conseguia ouvir as engrenagens girando dentro da cabeça de Jessie.

— Então, você está me dizendo, sinceramente, que está em um Centro dos Ks e está totalmente bem? Que voltará para a faculdade e tudo o mais?

— Com certeza — disse Mia, aliviada por Jessie começar a entender. —

No fim das contas, em vez de passar o verão na Flórida, vim para a Costa Rica, é só isso.

— E o seu estágio em Orlando?

— Isso eu ainda não resolvi — admitiu Mia relutantemente. — Terei que telefonar para eles e explicar que não poderei mais fazer o estágio.

— Então, você não vai fazer um estágio no verão antes do último ano?

Essa é uma escolha muito ruim para a sua carreira, Mia...

— Sim, eu sei — disse Mia, sem precisar que a amiga a relembrasse daquilo. — Talvez eu consiga alguma coisa durante o semestre no escritório da faculdade... pensarei em alguma coisa. Mas vou em breve para a Flórida para passar alguns dias, e isso será muito bom.

— Você vai com ele?

— Sim. — Mia sorriu, imaginando a reação da amiga ao que estava prestes a dizer. — Ele quer conhecer os meus pais.

— O QUÊ? Você está de sacanagem.

Mia riu. — É isso mesmo.

— O quê? Ele quer casar com você ou algo parecido? — Jessie soou tão

incrédula quanto Mia se sentia.

— Não, claro que não — disse Mia espantada com a ideia. — Eu acho que ele só quer ser simpático. Talvez. Não sei se conhecer os pais é algo significativo na cultura dos Ks. Além do mais, ele é muito mais velho que os meus pais e não será intimidado por eles...

— Nossa, Mia — disse Jessie lentamente. — Eu nem sei o que dizer a você...

— Você não precisa dizer nada, Jessie. Eu sei que essa coisa toda é loucura, mas estou perfeitamente bem. Olhe, na verdade, eu queria lhe pedir um favor imenso...

— Deixe-me adivinhar — disse Jessie secamente. — Rita se muda na segunda-feira e todas as suas maravilhosas roupas novas estão espalhadas pelo apartamento.

— Sim, exatamente. — Mia colocou um tom de súplica na voz. — Jessie, se fizer isso por mim, vou ficar muito agradecida...

Ela ouviu Jessie suspirar. — É claro. Eu farei isso por você. Mas onde devo colocar as suas coisas? Em um depósito?

— Não, o motorista de Korum em Nova Iorque pode buscar tudo e levar para o apartamento dele.

— Ah... entendi — disse Jessie, soando estranhamente hesitante. — Então, isso significa que você está oficialmente morando com ele?

— Não, claro que não! É só durante o verão, em vez de um depósito, sabe?

— Não, não sei, Mia. — Jessie soou chateada novamente. — Por algum motivo, não consigo vê-la morando aqui novamente...

— Jessie... — Mia não sabia bem o que dizer. Ela não podia prometer nada porque havia ainda muita coisa incerta. Será que Korum quereria que ela morasse com ele em TriBeCa quando voltassem a Nova Iorque? E seria uma coisa ruim se ele quisesse? Ela só o conhecia havia um mês e era difícil imaginar como o relacionamento deles estaria em dois meses.

— Está tudo bem, você não precisa dizer nada — disse Jessie, soando falsamente animada. — Não íamos ser colegas de apartamento para sempre, você sabe disso. Isso ia acontecer em algum momento. Tudo bem, aconteceu sob circunstâncias bem estranhas, mas tenho certeza de que a cobertura dele é muito melhor do que o nosso prédio infestado de baratas.

— Jessie, por favor... Ainda é muito cedo para falar sobre isso...

— Não sei — disse Jessie com um tom divertido na voz. — Vocês dois parecem estar andando muito depressa... já estão na fase de conhecer os pais e

tal...

Mia riu, balançando a cabeça em reprovação, mesmo sabendo que a amiga não conseguiria ver. — Ora, vamos, agora você está sendo boba.

Elas conversaram mais algum tempo, com Jessie perguntando sobre a experiência de Mia até o momento em Lenkarda. Mia contou a ela sobre a comida e gabou-se da tecnologia inteligente que encontrara, descrevendo a cama nos mínimos detalhes. Como esperado, Jessie concordou que certamente havia

algumas vantagens em ter um caso com um K. Ela também ficou espantada com as habilidades de idiomas recém-adquiridas de Mia.

— Você realmente me entende? — perguntou Jessie em mandarim, um idioma que ela aprendera com os pais imigrantes.

— Sim, Jessie, eu realmente entendo você. Não é incrível? — respondeu Mia no mesmo idioma e esfregou a orelha novamente quando Jessie gritou empolgada.

Finalmente, prometendo telefonar para Jessie novamente depois de alguns dias, Mia disse ao pequeno dispositivo que desligasse e desconectasse.

Os pais eram os próximos na lista.

A mãe ficou feliz ao ter notícias dela, apesar de parecer preocupada pelo fato de que Mia não estava usando o telefone de sempre.

— Não se preocupe, mamãe — explicou Mia. — Meu celular não está funcionando. Consegui esse aparelho temporariamente para usar e ainda não descobri como as configurações dele funcionam. — Aquilo era, na maior parte, verdade. O celular dela realmente não funcionava no Centro dos Ks e ela ainda não explorara todas as capacidades do dispositivo de Korum.

— Está bem, querida — disse a mãe. — Mas não se esqueça de nos telefonar nem de mandar mensagens, por favor.

— Não vou esquecer — prometeu Mia. — Estarei ocupada nos próximos dias com o projeto voluntário, mas telefonarei com certeza na quarta-feira.

— Por falar nisso, como está indo o projeto? — perguntou a mãe, soando um pouco irritada. Mia contara aos pais que ficaria em Nova Iorque umas duas semanas a mais para ajudar o professor com um programa especial para crianças do ensino secundário. Naturalmente, a mãe não ficara contente com o atraso para ver a filha mais nova.

— Está ótimo — mentiu Mia. — Estou aprendendo muito e será incrível para o meu currículo. — Ela se encolheu mentalmente por ter que mentir para os pais daquela forma, mas não podia contar a verdade a eles. Ainda não.

Korum tinha razão, seria melhor que descobrissem sobre ele pessoalmente e

tivessem uma oportunidade de conversar com ele para diminuir a preocupação. Se Mia dissesse a eles onde estava naquele momento, os pais teriam um ataque histérico.

Tentando mudar de assunto, ela perguntou: — Como está o papai? Teve dores de cabeça recentemente?

— Sim, ele teve uma há alguns dias — respondeu a mãe, suspirando. —

Mas, graças a Deus, não foi uma das piores.

— Diga ao papai para parar de se estressar e para não abusar do computador. E fazer caminhadas de vez em quando, está bem?

— É claro, querida, estamos tentando.

— Cuidem-se, ouviu?

A mãe prometeu que sim, elas conversaram por mais algum tempo e Mia se despediu. Depois, foi procurar Korum antes que ele saísse para o julgamento.

Ele lhe oferecera a oportunidade de assistir ao julgamento e ela pretendia cobrar a oferta.

CAPÍTULO CINCO

M ia entrou no salão branco alto sem hesitação e um pedaço da parede se desintegrou para lhe conceder passagem. Korum garantira que ninguém conseguiria vê-la, ouvi-la nem senti-la naquela versão particular do mundo virtual e que ela poderia viver a experiência completa de participar do julgamento sem nenhum estresse nem encontros desagradáveis com o Protetor.

Havia também versões interativas da realidade virtual, explicara ele, mas elas não eram apropriadas para aquela situação. Ele iria pessoalmente, pois era responsabilidade dele como membro do Conselho e um dos principais acusadores do caso.

Entrando no salão, Mia soltou uma exclamação de espanto. O lugar estava cheio de krinars, tanto machos quanto fêmeas, todos vestidos com as roupas claras das quais a raça parecia gostar. Era uma visão incrível, com milhares de alienígenas

de pele dourada altos e lindos ocupando o prédio gigante do chão ao teto. Os espectadores — pelo menos, foi o que Mia supôs que fossem

— estavam literalmente empilhados uns sobre os outros, ocupando os bancos flutuantes que Mia começara a perceber serem o padrão em Lenkarda. Os bancos estavam dispostos em círculos em volta do centro do salão, com cada círculo flutuando diretamente acima do anterior. Era uma disposição organizada, percebeu Mia, como um tipo de arena, mas com bancos flutuantes.

No centro, havia cerca de uma dezena de lugares parecidos com pódios e cerca de um terço deles ocupado por krinars. Os demais estavam vazios.

Andando com cuidado em direção ao centro, Mia tentou evitar encostar nas pessoas, mas foi impossível. O lugar estava cheio demais. Os participantes não conseguiam senti- *la*, mas Mia certamente conseguia senti- *los*

quando alguém batia com o cotovelo nela ou pisava em um de seus pés. Ela não fazia ideia de como funcionava aquela coisa de realidade virtual, mas era irritante e um tanto doloroso ser a garota invisível em uma multidão.

Finalmente, ela conseguiu chegar ao centro, onde havia uma grande área circular completamente vazia.

Parada em segurança naquela área, Mia olhou em volta com admiração.

Pela parte de dentro, as paredes do salão eram transparentes e a luz brilhante do sol entrava de todas as direções, refletindo o branco dos bancos e as cores claras das roupas dos krinars. Diferentemente das roupas largas e flutuantes que ela os vira vestir anteriormente, as roupas naquele dia eram menos casuais, com linhas mais estruturadas e formatos mais justos, tanto dos homens quanto das mulheres. A maioria dos Ks parecia ter olhos e cabelos escuros, apesar de, aqui e ali, haver alguns com cabelos castanhos mais claros. Mia percebeu que a altura de Korum equivalia à média do lugar, observando os alienígenas altos em toda volta. Alguém como ela, com 1,60 m e cerca de 45 quilos, provavelmente seria considerada uma anã.

Voltando a atenção para as estruturas parecidas com pódios, Mia viu Korum sentado atrás de uma delas. Sorrindo com a ideia de observá-lo quando ele não conseguia vê-la, Mia se aproximou. Ele parecia ocupado com algo que tinha na palma da mão, provavelmente o computador embutido, e não prestou atenção

alguma à presença virtual dela. Sorrindo maliciosamente, Mia se aproximou por trás e tocou nele, correndo as mãos pelas costas largas de Korum. Não houve reação dele, claro, e Mia riu em voz alta, imaginando as possibilidades. Ela poderia fazer o que quisesse com ele, que não perceberia nada.

Testando aquela teoria, ela lambeu a nuca de Korum. Novamente, não houve reação, mas ela sentiu o gosto salgado da pele, sentiu o cheiro familiar do corpo dele. Previsivelmente, Mia começou a ficar excitada e pressionou o corpo contra o dele, esfregando os seios no material macio da camiseta cor de marfim. Eles estavam rodeados por milhares de espectadores e isso não importava, pois ninguém, nem mesmo Korum, via o que ela fazia.

Abrindo um sorriso maior ainda, Mia mordeu de leve o pescoço de Korum e estendeu a mão para a virilha dele, acariciando a área por cima da roupa.

Ela se sentia incrivelmente malcriada, como se estivesse fazendo algo proibido, mesmo sabendo que tudo aquilo acontecia mais ou menos dentro da cabeça dela. Mas, antes que pudesse continuar, o barulho da multidão subitamente diminuiu e Mia se afastou, percebendo que o julgamento

começara.

O momento para brincadeiras terminara.

A mesa parecida com um pódio em frente à qual Korum estava sentado era baixa o suficiente para que Mia conseguisse subir nela e ela fez isso, ficando à vontade. Parecia um bom local do qual observar o drama que se seguiria.

Examinando cuidadosamente os arredores, ela chegou à conclusão de que as outras áreas de pódio eram ocupadas pelos outros membros do Conselho.

Um terço deles estava lá pessoalmente, enquanto que os outros bancos, que estavam vazios, agora estavam preenchidos com imagens holográficas de krinars machos e fêmeas. Ela supôs que os hologramas eram para aqueles que não podiam estar lá em pessoa, talvez porque estivessem em Krina. Ela viu Saret sentado em frente a eles, mas não tinha ideia de quem eram os outros krinars. Mia contou quinze pódios em volta do círculo vazio, mas apenas quatorze estavam ocupados. O último provavelmente era o lugar do Protetor, pensou Mia. Fazia sentido que ele não estivesse em posição de julgar, considerando o papel do filho como um dos acusados.

Um som parecido com um alarme ecoou pelo salão e a multidão ficou completamente em silêncio. Subitamente, o chão no centro do círculo se dissolveu e sete cilindros prateados grandes flutuaram para cima.

O chão se solidificou novamente e os cilindros desceram sobre ele.

Enquanto Mia assistia com a respiração presa, as paredes dos cilindros se desintegraram, deixando apenas o topo e o piso circulares intactos. E, dentro de cada um deles, Mia viu os Kapas, os sete Ks que arriscaram tudo para ajudar a humanidade a conseguir um futuro melhor.

Ou, de acordo com Korum, para tentar governar a Terra eles mesmos.

OS KAPAS FICARAM PARADOS, cada um dentro do próprio círculo, com expressões amargas e desafiadoras. Eles tinham colares prateados em volta do pescoço, os mesmos que Mia vira os guardas colocando quando foram capturados. Ela imaginou que fosse a versão dos Ks para algemas. Havia cinco machos e duas fêmeas, todos altos e belos, como era comum na espécie.

Curiosa para ver a reação de Korum, Mia olhou de relance para trás e quase se encolheu ao ver o desprezo gelado no rosto dele ao olhar para os traidores. Ela viu os pontos amarelos brilhantes perigosos nos olhos dele e a boca estava retesada em uma linha reta e cruel.

Ele realmente odiava e desprezava os Kapas pelo que fizeram, percebeu Mia com um calafrio. Novamente, ela ficou imaginando como ele conseguira perdoá-*la* pelas ações dela.

A arena ainda estava mortalmente silenciosa. Não houve gritos nem exclamações, como se esperaria de uma multidão tão grande. Era o maior julgamento dos últimos dez anos, dissera Saret, e Mia viu aquilo refletido na expressão séria dos espectadores.

Uma parte do chão se dissolveu novamente e outro krinar subiu. Ele estava sentado em um banco flutuante grande e levantou-se assim que o chão se solidificou novamente. Diferentemente de todos os outros krinars, ele usava roupas pretas. Mia achou que provavelmente era o Protetor.

Outro alarme soou pelo prédio e todos os membros do Conselho se levantaram atrás dos pódios. Um deles deu um passo à frente e aproximou-se do recém-

chegado. Tocando no ombro dele, o membro do Conselho disse: —

Seja bem-vindo, Loris.

O Protetor sorriu e retribuiu o gesto de tocar no ombro. — Obrigado, Arus. — Depois, voltando a atenção para o restante do Conselho, ele reconheceu a presença deles com alguns acenos rápidos da cabeça.

Portanto, aqueles eram os oponentes de Korum, pensou Mia, observando-os com bastante interesse. Os cabelos de Loris eram pretos e os olhos da cor do ônix. Ele lembrava um falcão, com as feições bonitas angulosas e uma expressão ligeiramente predatória no rosto. Em contraste, Arus parecia muito mais amigável. Com pele cor de oliva, cabelos pretos e olhos castanhos escuros, tinha aparência típica da raça, e havia uma certa honestidade no sorriso dele que fez Mia achar que talvez ele não fosse uma pessoa tão ruim assim.

Depois que os cumprimentos terminaram, Arus voltou ao pódio, deixando Loris parado no centro.

Ouvindo movimento atrás dela, Mia se virou e viu que Korum se levantara.

Ele deu a volta no pódio, indo em direção ao centro da arena com movimentos lentos e deliberados. Sorrindo friamente para Loris, ele perguntou: — O

Protetor está pronto para a apresentação?

Loris assentiu, com uma expressão de fúria mal contida no rosto. Parecia que Korum não exagerara ao dizer que Loris o odiava.

Com um movimento do pulso, Korum abriu uma imagem tridimensional que pairou no ar, facilmente disponível para que todos a enxergassem.

— Caros habitantes da Terra e todos os que estão nos assistindo em Krina

agora — disse Korum, com a voz ecoando pelo salão —, eu gostaria de mostrar a vocês provas de um crime tão hediondo que nada parecido foi visto na história dos krinars em mais de cem mil anos. Um crime no qual alguns traidores, insatisfeitos com a posição deles, tentaram enviar cinquenta mil cidadãos para a morte em uma tentativa ridícula de obtenção de poder. Estes traidores, os sete indivíduos que veem à sua frente neste momento, não tinham desejo algum que

avançássemos como espécie, como sociedade. Não, eles simplesmente queriam poder e não se importaram com o que era preciso fazer para consegui-lo. Eles mentiram, traíram nosso povo, manipularam humanos suscetíveis às promessas vazias que fizeram... e teriam matado cada um de vocês na missão para governar este planeta particular, para serem adorados pelos humanos ingênuos como salvadores...

— Isso é mentira — interrompeu Loris, falando por entre os dentes.

Manchas vermelhas surgiram sob a pele morena e Mia quase sentiu o esforço que ele teve que fazer para se controlar. — Você armou para eles...

— Não é a sua vez de falar agora, Protetor — disse Korum, com os lábios curvando-se em um sorriso desdenhoso. — É minha vez de apresentar as provas. — Com isso, ele fez um pequeno gesto com a mão e a gravação tridimensional ganhou vida.

A cena era familiar para Mia, que estivera presente no cenário virtual dela no dia anterior. À medida que a gravação prosseguia, ela viu novamente a velha cabana onde os traidores se esconderam durante o ataque da Resistência e ouviu a comunicação deles com o misterioso general humano. Ela testemunhou a tentativa das forças da Resistência de atacar Lenkarda com as armas dos Ks e reviveu a derrota deles. E, apesar de estar assistindo àquelas cenas pela segunda vez e de saber que a maioria dos soldados humanos sobrevivera, Mia ainda se sentiu enjoada quando o filme terminou.

Com outro movimento da mão de Korum, a próxima gravação começou a ser reproduzida. Essa era de uma conversa telefônica entre um dos Kapas e alguns líderes da Resistência. Eles estavam claramente coordenando as ações antes do ataque. E havia mais: três vídeos tridimensionais de reuniões da Resistência em que conversaram sobre os Kapas, interações entre oficiais governamentais humanos discutindo o potencial para libertação da Terra e até mesmo um vídeo de John contando a Mia sobre a mudança nos planos e como ela tinha que roubar os projetos de Korum.

Assistindo a tudo aquilo, Mia percebeu novamente como Korum a manipulara completamente. Enquanto achara que estava espionando Korum,

ele rastreara cada movimento dela. Nunca houvera uma oportunidade para que ela ajudasse a Resistência, sempre fora um peão na mão dele. As entranhas dela

se reviraram com a ideia.

Quando todas as gravações foram exibidas, tinham se passado pelo menos quatro horas. Mia estava faminta, com sede e com uma dor de cabeça latejante, mas não conseguiu se forçar a sair de cima do pódio de Korum, morbidamente fascinada com o julgamento.

Finalmente, pareceu que as apresentações de Korum terminaram.

No silêncio mortal que encheu a arena, Korum disse em tom bem alto: —

E é por isso, cidadãos krinars e habitantes da Terra, que proponho a punição máxima para esses traidores: reabilitação completa.

Um murmúrio percorreu a multidão e Mia quase sentiu o choque emanando de alguns espectadores. Ela não sabia o que uma reabilitação completa significava, mas claramente não era algo usado comumente.

Os Kapas também pareciam chocados e Mia viu o medo no rosto de alguns deles. A punição que esperavam obviamente era diferente do que Korum acabara de propor.

O Protetor deu um passo à frente. Como Korum, ele ficara de pé no centro durante o tempo todo em que as gravações foram reproduzidas. Os olhos pretos estavam cheios de fúria. — Isso é impensável e você sabe disso —

sibilou ele. — Mesmo se fossem culpados, o que está propondo está fora de questão.

— Então, você está admitindo a culpa deles? — perguntou Korum com tom perigosamente suave.

Loris franziu as sobrancelhas profundamente. — Longe disso. Você sabe que eles não fizeram nada de errado...

— Deixaremos que o Conselho e os Anciãos decidam isso, certo? —

retrucou Korum, olhando para o outro krinar com um olhar zombeteiro no rosto. — A sua vez de se apresentar será amanhã e, pessoalmente, estou muito ansioso para saber como esses traidores podem ser inocentes.

— Ah, você verá — disse Loris, lançando-lhe um olhar de puro ódio. —

Bem como todo mundo.

Depois daquilo, um alarme soou novamente. Os procedimentos do dia terminaram ali.

O KRINAR RESPIROU FUNDO, feliz porque o primeiro dia do julgamento terminara.

Transcorrera exatamente como ele esperara.

Korum exigira a punição máxima para aqueles que considerava como traidores. Se o K não tivesse tomado algumas precauções, poderia facilmente ter sido o oitavo krinar parado lá, sendo julgado pelo Conselho.

Ele se distanciara dos Kapas no momento certo. Agora, ninguém suspeitaria do envolvimento dele no ataque aos Centros.

Ele garantiria isso.

CAPÍTULO SEIS

F aminta e mentalmente exausta, Mia saiu da realidade virtual dizendo à pulseira que a levasse de volta para casa. O café da manhã fora leve, apenas uma vitamina de manga com abacate, e ela estava quase desfalecendo de fome. Abrindo os olhos, ela se levantou do sofá onde estivera sentada e foi procurar algo para comer.

Aproximando-se da geladeira, ela a abriu com determinação e olhou para os vários alimentos vegetais que a enchiam. Alguns eram familiares — ela viu alguns tomates e pimentões —, mas os outros eram totalmente estranhos. Mia desejou que Korum estivesse lá para que pudesse fazer uma daquelas refeições deliciosas e fartas. No entanto, como ele estivera pessoalmente no julgamento, ela achou que talvez demorasse um pouco mais para chegar.

Subitamente, ela teve uma ideia. Korum mencionara que uma das funções da casa era preparar alimentos. Será que o faria para ela também?

— Ei, casa — disse Mia, sentindo-se como uma idiota —, pode preparar alguma

coisa para eu comer?

Por um segundo, nada aconteceu. Em seguida, uma voz feminina melodiosa perguntou: — O que gostaria de comer, Mia?

Mia quase pulou de alegria. — Ah, meu Deus, você fala! Isso é ótimo!

Ahm... eu gostaria de comer a mesma coisa que Korum preparou ontem, especialmente se for algo rápido.

— Sim, Mia — respondeu suavemente a voz feminina. — A salada de shari estará pronta em dois minutos e o cozido de kalfani ficará pronto seis minutos depois.

Sorrindo maravilhada, Mia andou até a pia para lavar as mãos. Quando

terminou e sentou-se à mesa, uma parte da parede se abriu e uma tigela de salada emergiu, flutuando calmamente em direção a ela.

Mia assistiu de boca aberta quando a salada desceu sobre a mesa em frente a ela. Era uma porção de tamanho perfeito para ela e o utensílio parecido com uma pinça já estava dentro da tigela. O prato estava completamente pronto para consumo.

— Ahm, obrigada — disse ela, olhando em volta para tentar descobrir de onde vinha a voz. O computador estava embutido em algum local no teto?

— De nada, Mia — disse a voz novamente. — Bom apetite. Terei o próximo prato pronto em alguns minutos.

Sorrindo novamente, Mia atacou a comida. Até então, ela estava adorando a tecnologia dos krinars. Era tudo sobre o que as pessoas fantasiavam na ficção científica e, ainda assim, inteiramente real. E tinha um toque quase mágico que Mia achava muito atraente. Ela gostava particularmente de como era fácil operar tudo. Comandos de voz em linguagem natural, gestos simples da mão, tudo parecia muito intuitivo.

Quando ela terminou a salada, o prato com o ensopado do dia anterior também flutuou até a mesa. Mia o consumiu com voracidade, sentindo boa parte do cansaço anterior desaparecer quando os níveis de açúcar no sangue se

estabilizaram. A comida estava tão deliciosa quanto a do dia anterior e Mia se perguntou novamente por que Korum se preocupara em aprender a cozinhar quando tinha acesso a uma tecnologia tão notável em casa.

Finalmente cheia, ela limpou tudo levando os pratos até a parede, que se abriu para recebê-los, como fizera com Korum, e foi para a sala de estar.

Parecia um bom momento para telefonar para o diretor do acampamento em Orlando e avisar a ele que ela não começaria o estágio na segunda-feira.

QUANDO KORUM CHEGOU em casa uma hora depois, Mia estava entediada.

Ela conversara com o diretor do acampamento e explicara que circunstâncias inesperadas a impediam de ir à Flórida naquele verão. Ele ficara desapontado, mas fora surpreendentemente simpático sobre o assunto, o que foi um tremendo alívio para Mia. Depois, ela explorou a casa um pouco e até mesmo tentou falar com ela, mas a voz feminina melodiosa não pareceu muito interessada em conversar. A voz perguntou se Mia estava aquecida e confortável, que estava, e se desejava alguma coisa para comer ou beber, que

não desejava. Mas essa foi toda a interação que tiveram. Não parecia haver livros na casa nem nada mais com que pudesse se distrair.

Suspirando, Mia se deitou no sofá da sala de estar e observou a vegetação do lado de fora. Ela desejou ter coragem suficiente para se aventurar, mas a ideia de se perder em uma floresta da Costa Rica não a atraiu. Estudando a pulseira que usava, Mia se perguntou se funcionaria como um computador de verdade, possibilitando que ela acessasse a internet. Ela pensou em tentar, mas decidiu esperar Korum para que demonstrasse as capacidades do dispositivo.

Finalmente, Korum chegou. Ele parecia tenso e um pouco cansado e Mia chegou à conclusão de que ele lidara com mais política por trás dos bastidores depois que o julgamento fora formalmente adiado. Mesmo assim, ele sorriu quando a viu sentada no sofá.

— Olá — disse ela ridiculamente feliz em vê-lo. Apesar de tudo o que acontecera entre eles, apesar do fato de ela ter acabado de vê-lo tratando os oponentes quase com crueldade, não pôde evitar a sensação quente que se espalhou pelo corpo na presença dele.

O sorriso dele se alargou e ele se aproximou para se juntar a ela no sofá, beijando-a suavemente e puxando-a mais para perto para abraçá-la. Mia retribuiu o abraço, surpresa, e murmurou: — Está tudo bem? Aconteceu alguma coisa?

Ele balançou a cabeça e simplesmente a segurou, enterrando o rosto nos cabelos de Mia e inalando o perfume dela. — Não — sussurrou ele. — Agora está tudo bem.

Depois de alguns segundos, ele a afastou e encarou-a. — Espero que tenha comido alguma coisa. Eu programei a casa para responder aos seus comandos verbais para ter certeza de que não teria dificuldade alguma.

Mia sorriu. — Sim, eu consegui. Obrigada por isso.

— Ótimo — disse ele em tom suave. — Quero que se sinta confortável aqui.

Mia assentiu lentamente. — Estou começando a me sentir um pouco confortável. Mas, na verdade, eu queria lhe perguntar uma coisa...

— Claro, o que é?

— Estou entediada — disse ela. — Não tenho realmente nada para fazer quando você não está aqui. Em casa, tenho a faculdade, o trabalho, amigos, livros, TV...

— Ah, já entendi — disse Korum, sorrindo. — Não mostrei a você tudo o que o seu pequeno computador pode fazer. Diga a ele que gostaria de ler

alguma coisa.

— Está bem — disse Mia desconfiada, olhando para a pulseira. — Eu gostaria de ler alguma coisa...

Quase imediatamente, uma das paredes se abriu, revelando uma seção oculta na parte de dentro, um tipo de prateleira. E, enquanto Mia assistia, um objeto que parecia uma folha grossa de papel flutuou na direção dela.

— Como essas coisas todas flutuam? — perguntou Mia maravilhada, pegando o objeto no ar. — Pratos, cadeiras, agora isso...

— A premissa é semelhante à dos escudos que usamos para proteger os

assentamentos — explicou Korum. — É um tipo de tecnologia de campo de força, mas aplicada em uma escala muito menor.

— Ah, entendi — disse Mia, como se aquilo dissesse tudo. Ela não era grande conhecedora de tecnologia. Estudando a folha que tinha nas mãos, ela viu que era, na verdade, feita de um material parecido com plástico.

— Isso é algo com que você pode se distrair — disse ele, sentando-se ao lado dela. — É um pouco como os *tablets* dos humanos. Você pode ler qualquer livro, humano ou krinar, que já foi escrito. E pode assistir a qualquer filme que quiser. Ele também funciona com comandos verbais e você pode dizer o que deseja ler ou assistir.

— Posso usá-lo para aprender mais sobre os krinars? Para ler alguns livros de história ou algo parecido? — perguntou Mia, olhando empolgada para o objeto.

— Claro. Você pode usá-lo para o que quiser.

Mia sorriu. — Isso é ótimo, obrigada!

Ele retribuiu o sorriso. — É claro. Não quero que se sinta entediada aqui.

Subitamente, Mia pensou em algo. — Espere, você disse que ele funciona com comandos verbais. Mas eu nunca vi nem ouvi você usando comandos verbais com nada. Como *você* controla toda a sua tecnologia?

— Eu tenho um computador muito poderoso que essencialmente me permite controlar tudo com um tipo específico de pensamento — explicou Korum, mostrando a palma da mão. — É um tipo de interface cérebro-computador altamente avançada. Uso alguns gestos também, mas é só por força do hábito.

Mia o encarou. — Então, você controla os equipamentos eletrônicos com a mente?

— Equipamentos eletrônicos krinars, sim. A tecnologia humana não foi projetada para isso.

— E os outros? É assim que fazem também?

Korum assentiu. — Muitos deles, sim. Alguns ainda preferem fazer as coisas à

moda antiga, que é com comandos de voz e gestos. Mas a maioria já mudou. A maior parte da nossa tecnologia foi projetada para aceitar as duas formas de fazer as coisas porque nossas crianças e os jovens usam apenas o primeiro método.

— Por quê? — perguntou Mia, olhando para ele fascinada.

— Porque o cérebro deles ainda não está totalmente formado e desenvolvido e porque há uma curva de aprendizado envolvida no uso de interfaces cérebro-computador. É por isso que estou configurando tudo com capacidades de voz para você por enquanto. É muito mais fácil de ser dominado por um iniciante. Mais tarde, quando entender melhor nossa tecnologia e nossa sociedade, posso configurar a nova interface para você.

Mia arregalou os olhos. Ele daria a ela a capacidade de controlar a tecnologia krinar com a mente? As possibilidades eram simplesmente inimagináveis. — Isso parece...

— Um pouco demais no momento? — adivinhou Korum e Mia assentiu.

— Por isso, configurei os comandos de voz por enquanto — disse ele. —

A sua sociedade avançou o suficiente para que você consiga entender com facilidade esse tipo de interface e ela é muito intuitiva.

— Então, por enquanto, serei como uma das crianças de vocês? —

perguntou Mia desconfiada.

Os lábios dele se curvaram em um sorriso. — Se você fosse krinar, na verdade, seria considerada uma adolescente por causa da idade.

— Entendi. — Mia franziu a testa ligeiramente. — E em que idade vocês se tornam adultos?

— Bem, fisicamente, obtemos as características de adultos mais ou menos na mesma idade que os humanos, com cerca de vinte anos. No entanto, é só com uns duzentos anos que um krinar é considerado maduro suficiente para ser um membro totalmente funcional da sociedade. Mas pode ser antes disso se fizerem algum tipo de contribuição extraordinária.

Por algum motivo, aquilo a deixou chateada. Mia não sabia por que importava o fato de que não seria considerada um membro totalmente funcional da sociedade krinar em algum momento da vida. De qualquer forma, eles nunca veriam um humano daquela forma. Além do mais, ela não tinha ideia de quanto tempo o relacionamento com Korum duraria. Ainda assim, aquilo a deixou triste, o fato de que os Ks sempre a considerariam pouco mais

que uma criança.

Sem querer se demorar naquele tópico, ela perguntou: — E o julgamento hoje, foi como você esperava?

Korum deu de ombros. — Praticamente. Loris tentará torcer tudo, fazer parecer com que eu inventei tudo. Mas há provas demais da traição deles e não acho que haja nada que possa salvá-los a essas alturas.

— O que significa a reabilitação completa? — perguntou Mia com curiosidade insuportável. — Todos pareceram chocados quando você a sugeriu.

— É a nossa forma mais extrema de punição para os criminosos — disse Korum, estreitando os olhos ligeiramente. — Ela é usada em casos em que um indivíduo representa um perigo grave à sociedade, como esses traidores claramente o fazem.

— Está bem... mas o que é?

— Saret conseguiria explicar isso melhor para você — disse Korum. — A mecânica exata recai dentro da área de conhecimento dele. Mas, essencialmente, o que os fez agir daquela forma, aquele aspecto da personalidade será completamente erradicado.

Mia arregalou os olhos. — Como?

Korum suspirou. — Como eu disse, não é a minha área de conhecimento.

Mas, pelo que sei como leigo, envolve apagar muitas das lembranças deles e criar uma nova personalidade para eles. Só é feita quando não há outra opção, pois é uma técnica muito invasiva. Os reabilitados nunca mais são os mesmos depois disso, que é exatamente a finalidade nesse caso.

— Então, eles não se lembrariam de quem são? — Aquilo parecia algo horrível para Mia.

— Eles podem lembrar de uma ou outra coisa, portanto, não estariam completamente apagados. Mas a essência da personalidade deles, e aquela parte que fez com que cometessem o crime, desaparecia completamente.

Mia engoliu em seco. — Isso parece muito rigoroso...

Ele estreitou os olhos novamente. — É melhor do que a sua raça faz com os criminosos. Pelo menos, não temos pena de morte.

— Vocês não têm? — Mia não sabia por que ficara tão surpresa ao ouvir aquilo. Talvez tivesse a ver com a imagem popular dos Ks como uma espécie violenta, que surgira principalmente das lutas sangrentas durante o Grande Pânico.

— Não, Mia, não temos — disse Korum em tom irônico. — Não somos os

monstros que vocês imaginam que sejamos.

— Eu nunca disse isso do seu povo — protestou Mia e ele riu.

— Não, só eu, certo?

Mia abaixou os olhos, incapaz de aguentar a zombaria no olhar dele. — Eu não acho que você seja um monstro — disse ela baixinho. — Mas acho que é errado você me tratar como um objeto só porque sou humana. Sou uma pessoa, com sentimentos e desejos, e tinha uma vida antes de você aparecer...

— E agora não tem? — perguntou Korum, erguendo o queixo dela até que Mia não tivesse opção além de olhá-lo nos olhos. Notando o dourado mais profundo em volta da íris, em um gesto nervoso, Mia molhou os lábios subitamente secos. — Você acha que eu a trato mal? Que eu a mantenho longe da vida fascinante que tinha antes?

— Eu gostava da vida que tinha antes — disse Mia em tom desafiador. —

Era exatamente o que eu queria. Podia parecer entediante para você, mas eu estava feliz com ela...

— Feliz com o quê? — perguntou ele suavemente. — Com estudar dia e noite? Esconder-se atrás de roupas largas porque tinha medo demais de tentar viver de verdade? Ser virgem aos vinte e um anos de idade?

Mia corou de raiva e vergonha. — Isso mesmo — respondeu ela em tom amargo. — Feliz com a minha família e os meus amigos. Feliz por morar em Nova Iorque e ir à faculdade lá. Feliz com o estágio que tinha planejado para o verão...

A expressão dele ficou sombria. — Eu já prometi que você verá sua família em breve — disse ele com um tom perigosamente uniforme. — E disse a você que a levarei de volta para Nova Iorque quando começarem as aulas.

Você não confia que eu manterei a minha palavra?

Mia respirou fundo, tentando se controlar. Provavelmente, discutir com ele nas circunstâncias em que ela se encontrava não era o passo mais inteligente, mas não conseguiu se conter. Algum demônio indomado acordara dentro dela e não aceitava ficar calado. — Você mentiu para mim antes — disse ela, incapaz de ocultar o ressentimento na voz.

— É mesmo? — perguntou ele, com as palavras praticamente encharcadas de sarcasmo. — *Eu* menti para você?

Mia engoliu em seco novamente. — Você me manipulou para fazer exatamente o que queria — disse ela teimosa. — Eu não queria tomar parte em nada daquilo. Só o que eu queria era ser deixada em paz...

Ele a estudou com uma expressão inescrutável no rosto. — E ainda quer

isso? — perguntou ele suavemente. — Quer ser deixada em paz?

Mia o encarou, pega totalmente de surpresa. Ela abriu a boca, mas nenhuma palavra saiu.

— E não minta para mim, Mia — acrescentou ele baixinho. — Eu sempre sei quando você está mentindo.

Mia piscou furiosamente, tentando reprimir uma vontade súbita de chorar.

Com aquela pergunta simples, ele a deixara com as emoções completamente nuas, expusera todas as vulnerabilidades dela. Ela não queria que Korum soubesse da profundidade do que sentia por ele, não queria as emoções expostas para que ele brincasse com elas. Que tipo de idiota era para querer ficar com alguém como ele? Para odiá-lo e amá-lo com tanta intensidade ao mesmo tempo?

Os lábios dele se curvaram em um meio sorriso. — Entendi. —

Inclinando-se na direção dela, ele beijou-lhe a boca suavemente, com os lábios estranhamente gentis.

— Verei o que posso fazer para conseguir um estágio para você — disse ele, afastando-se dela e levantando-se. — E apresentarei você a algumas das outras humanas neste Centro. Talvez consiga algumas amigas novas.

E, enquanto Mia o encarava em choque, ele sorriu novamente e foi para o escritório, deixando-a sozinha para digerir tudo o que acabara de acontecer.

CAPÍTULO SETE

T rês horas depois, Mia estava deitada na cama, completamente absorta na história da evolução dos krinars, quando Korum entrou no quarto.

— Vamos sair para jantar em vinte minutos — disse ele. — É melhor você começar a se arrumar.

Sobressaltada, Mia olhou para ele. — Onde vamos jantar?

— Arman é um conhecido meu — explicou Korum, sentando-se na cama ao lado de Mia e colocando a mão sobre a perna dela. — Ele nos convidou para jantar na casa dele quando contei a ele sobre você. Ele também tem uma caerle, uma garota da Costa Rica que está com ele há uns dois anos. Ela está muito ansiosa para conhecer você.

Mia sorriu, subitamente animada. — Ah, eu adoraria conhecê-la também!

— Mal podia esperar para conversar com outra garota na mesma situação que ela e ouvir sobre os Ks da perspectiva de uma humana que também os conhecia intimamente e por muito mais tempo.

Korum sorriu. — Achei que gostaria. Está gostando da leitura?

— É fascinante — disse ela animada. — Eu não fazia ideia de que vocês também evoluíram de uma espécie parecida com macacos.

Ele assentiu. — É verdade. Havia muitos paralelos na nossa evolução e na de vocês, exceto que, no final, acabaram existindo duas espécies em Krina: nós e os *lonars*, que são os primatas sobre os quais falei a você antes. Éramos maiores, mais fortes, mais rápidos, muito mais inteligentes e vivíamos por mais tempo que os lonars, mas ficamos presos a eles porque precisávamos do sangue deles para sobreviver.

Mia o encarou. Ela também acabara de descobrir tudo aquilo e não

conseguia tirar da cabeça as imagens dos krinars primitivos. O livro tinha descrições muito vívidas de como os antigos Ks caçavam a presa, com cada krinar macho demarcando o território em torno de um pequeno grupos de lonars e lutando contra os outros Ks para preservar o suprimento de sangue para si mesmo e para a companheira. Ao entrar no "território" de um K, o lonar tinha pouquíssimas chances de sobreviver, pois seria constantemente enfraquecido pela perda de sangue e traumatizado pela experiência de ser a caça. No final, a população deles ficara muito reduzida e os krinars foram forçados a se adaptar e a aprender novas estratégias de alimentação.

Naquele ponto, os krinars ainda eram uma espécie primitiva, pouco além de caçadores e coletores. No entanto, a redução rápida da população dos lonars significava que os Ks tiveram que evoluir além das raízes territoriais e aprender a colaborar uns com os outros para preservar o que sobrara do suprimento crítico de sangue. Os cem anos seguintes foram um tempo de progresso rápido para os krinars, marcando o nascimento da ciência, da tecnologia, da medicina, da cultura e das artes. Em vez de caçar os lonars, os Ks começaram a criá-los em fazendas, dando condições favoráveis para que vivessem e reproduzissem, fazendo o possível para se alimentar apenas dos que já tinham passado da idade de reprodução.

Aqueles esforços ajudaram a deter temporariamente o declínio da população dos lonars e a sociedade dos krinars começou a prosperar. Mesmo com a taxa de natalidade baixa, a população deles começou a crescer à medida que menos Ks pereciam em lutas violentas para defender territórios. A inovação começou a ser

altamente valorizada e os Ks inventaram a viagem espacial logo depois. Foi a primeira Era de Ouro na história dos krinars, uma época de conquistas científicas incríveis e uma coexistência relativamente pacífica entre as várias tribos e regiões dos krinars.

— Eu só cheguei ao ponto em que a praga começou — disse Mia. Pelo jeito, fora o evento que terminara a primeira Era de Ouro, quase acabando com toda a população dos lonars e lançando a sociedade dos krinars em um estado de pânico e em um turbilhão sangrento.

Korum sorriu novamente. — Então, você progrediu bastante na nossa história. O que achou até agora?

— Eu achei muito interessante — respondeu Mia honestamente. Era também um pouco assustador o nível de selvageria que tinham no passado, mas ela não queria dizer aquilo a ele. Ela tentou imaginar Korum como um dos krinars primitivos, caçando a presa, e foi algo surpreendentemente fácil,

exigindo muito pouca imaginação da parte dela. Conseguia ver muitas das características predatórias ainda presentes na espécie dele, da forma sinuosa como se moviam às atitudes territoriais que vira Korum exibir em relação a ela.

— Você pode continuar depois — disse ele, acariciando a coxa dela de forma distraída. Como sempre, o toque enviou uma onda de prazer pelo corpo dela. — Não devemos nos atrasar para o jantar. Isso é considerado um insulto muito grande ao anfitrião.

— É claro — disse Mia, levantando-se imediatamente. A última coisa que ela queria era ofender alguém. — Devo vestir alguma coisa especial? — Ela vestia a calça jeans e a camiseta que usara ao chegar a Lenkarda no dia anterior. De alguma forma, a casa lavara as roupas, pois Mia as encontrou limpas e dobradas dentro do armário no quarto.

Pelo jeito, Korum estava dois passos à frente dela, pois já abrira a porta para o closet. — Criei um armário para você — explicou ele — para que não dependa de mim toda vez que precisar de uma roupa. Venha, deixe-me mostrar a você.

Curiosa, Mia se aproximou para olhar e ficou de boca aberta. O closet estava cheio de belos vestidos de cores claras, sapatos que iam de sandálias baixas a botas macias e vários acessórios. — Você fez tudo isso?

Korum assentiu. — Pedi a Leeta que me enviasse todos os desenhos de moda que tinha. Além de trabalhar na minha empresa, ela cria roupas.

Leeta era a prima distante de Korum e Mia a encontrara brevemente algumas vezes em Nova Iorque. Não era a pessoa mais agradável e amigável, na opinião de Mia, mas as roupas pareciam muito bonitas.

— Quer dizer que você não é especialista em moda? — Mia fingiu estar chocada, arregalando comicamente os olhos. Ele certamente parecera muito ansioso em se livrar de todas roupas que ela tinha em Nova Iorque.

Ele riu. — Longe disso. Mas eu sei quando as roupas estão sendo usadas como um escudo — disse ele, referindo-se à tendência dela de usar roupas confortáveis, mas feias, quando podia escolher.

Mia lutou contra uma vontade infantil de mostrar a língua para ele. — É, que seja — resmungou ela.

— Hoje à noite, você pode vestir isso — disse Korum, pegando um vestido cor-de-rosa de aparência delicada.

Mia o vestiu, secretamente feliz com o calor nos olhos de Korum ao se trocar na frente dele, e andou até o espelho para se olhar. Como todas as

roupas dos krinars até então, o vestido coube perfeitamente, terminando logo acima dos joelhos, e não precisava de sutiã. Ele não tinha mangas e as costas estavam inteiramente expostas. No entanto, os ombros estavam cobertos com tiras largas e o decote quadrado na parte da frente era surpreendentemente modesto. A cor era linda, dando ao rosto pálido dela a ilusão de um brilho rosado.

— Notei que vocês não usam nenhuma roupa escura nem de cores berrantes — comentou Mia, curiosa sobre aquele fato peculiar. — Em geral, vocês parecem preferir cores claras em tudo. Há algum motivo particular para isso?

Korum sorriu, olhando para ela com um brilho quente nos olhos. — Sim, há. Cores berrantes ou escuras foram historicamente associadas com violência e vingança em nossa cultura e preferimos não tê-las por perto no curso normal da vida diária. É claro, quando deixamos os Centros e interagimos com os humanos, normalmente usamos roupas humanas. Nesse caso, não nos

importamos muito com as cores das roupas. Na verdade, alguns de nós gostamos de roupas que nunca usaríamos normalmente aqui nem em Krina.

Como aquele vestido vermelho que você viu Leeta usando em Nova Iorque. Se ela se vestisse daquela forma entre os krinars, todos pensariam que estava louca e planejando algum tipo de vingança.

Subitamente, ela se lembrou de algo. — Foi por isso que o Protetor estava vestindo preto no julgamento? Porque ele está em uma rota de guerra?

— Exatamente — disse Korum. — Ele está deixando claro que acredita ter sido injustiçado e que pretende buscar vingança.

— Buscar vingança como? — perguntou Mia. Korum deu de ombros, parecendo não estar com humor para discutir política naquele momento. Como não tinham muito tempo, Mia decidiu deixar o assunto de lado por enquanto e concentrar-se no jantar.

— Tome, você pode usar esses sapatos — disse Korum, entregando a ela um par de botas macias cor de marfim. Como todos os sapatos dos Ks, elas eram baixas. Pelo jeito, o conceito de sapatos de saltos altos não era tão popular entre as fêmeas krinars como era entre as mulheres humanas.

Mia calçou as botas, que imediatamente se ajustaram aos pés dela e ficaram confortáveis, e tentou arrumar os cabelos um pouco com os dedos.

Depois de ficar deitada por horas, ela estava com uma aparência seriamente desgrenhada, com os cachos longos emaranhados e espalhados em todas as direções. Depois de alguns minutos, ela desistiu. Mesmo com o uso regular do

xampu milagroso de Korum, os cabelos nunca seriam lisos e comportados como ela gostaria.

— Você está linda, Mia. Deixe os cabelos assim — disse Korum, observando os esforços dela com diversão silenciosa.

Mia não conseguiu evitar um sorriso. Era uma das coisas que achava muito peculiar sobre Korum: ele realmente parecia gostar dos cabelos dela, frequentemente tocando-os e brincando com os cachos. Como ela nunca vira um K com cabelos cacheados, supusera que ele simplesmente gostava deles porque

eram diferentes. — Está bem, então estou pronta, acho...

— Mais uma coisa — disse Korum, aproximando-se por trás e prendendo um colar iridescente incomum em volta do pescoço dela, com os dedos quentes encostando ligeiramente na pele. O colar tinha um desenho enganadoramente simples, apenas um pingente em formato de gota em uma corrente fina. Mas o material brilhante fazia com que fosse indescritivelmente lindo. Era como se todas as cores do arco-íris estivessem reunidas em volta do pescoço dela, competindo entre si por atenção.

— Uau — disse Mia, prendendo a respiração e tocando no pingente com reverência. — O que é?

— É um colar de brilhita genuína — explicou Korum. — A brilhita ocorre naturalmente somente na minha região de Krina e essa passou por várias gerações na minha família. Ela tem pouco menos de um milhão de anos.

Mia se virou para olhar para ele chocada. — E você a colocou em mim? E

se eu perdê-la ou danificá-la?

— Isso não vai acontecer — garantiu Korum, sorrindo de leve. E, oferecendo o braço a ela, ele perguntou: — Vamos?

Sem palavras, Mia passou o braço pelo dele e seguiu-o para fora, com uma herança de um milhão de anos da família krinar brilhando alegremente em volta do pescoço.

CINCO MINUTOS DEPOIS, eles estavam em frente a uma casa cor de creme que parecia muito com a de Korum. O percurso até a outra extremidade da colônia levou menos de um minuto na pequena aeronave que Korum criara explicitamente para aquela finalidade.

Ao se aproximarem, a parede da casa se desintegrou diante dos olhos deles e os dois entraram.

Um krinar alto e magro estava parado no centro da sala, usando as roupas normais de cores claras. Os cabelos dele eram de um tom mais claro de castanho que Mia já vira em um K, quase cor de areia, e os olhos cor de avelã tinham um traço esverdeado que parecia particularmente exótico em contraste com a pele

dourada. O sorriso no rosto estreito era amplo e acolhedor.

Andando até Korum, ele tocou-lhe no ombro com a mão aberta. — Korum, é uma honra muito grande tê-lo aqui — disse ele. Os modos dele eram de certa forma respeitosos e Mia percebeu que aquilo era provavelmente algo muito importante para ele, receber em casa um membro do Conselho.

Korum sorriu de volta e retribuiu o gesto. — Também estou feliz em ver você, Arman. Obrigado pelo convite.

Enquanto os dois Ks se cumprimentavam, Mia examinou os arredores com grande curiosidade. Era o primeiro ambiente verdadeiramente krinar em que entrava — com exceção da arena — e ela ficou fascinada com a aparência quase zen. Não havia nada atravancado em lugar algum. Na verdade, não parecia haver mobília alguma, com a exceção de duas tábuas grandes flutuando. Mia imaginou que se destinavam a servir como locais para os convidados se sentarem. As paredes externas eram totalmente transparentes e o restante do interior tinha um belo tom de creme.

— E você deve ser Mia — disse Arman, virando-se e falando diretamente com ela.

Mia sorriu para ele. — Sim, olá. É um prazer conhecê-lo.

Surpresa, Mia se deu conta de que gostava daquele K. Havia um olhar suave no rosto dele e algo quase gentil na forma como ele falava que faziam com que ela se sentisse muito à vontade na presença dele.

— Ah, é um grande prazer conhecê-la também — disse Arman, abrindo o sorriso ainda mais. — Maria está ansiosa para conhecê-la desde que soubemos que chegou aqui ontem.

Naquele momento, uma garota humana entrou na sala. Usando um belo vestido branco que mostrava a silhueta magra e cheia de curvas com perfeição, ela era incrivelmente linda e tinha uma forte semelhança com uma Jennifer Lopez jovem.

Com um sorriso largo, ela se aproximou de Mia e abraçou-a, encostando os lábios na bochecha esquerda dela. Mia sentiu o aroma de um perfume exótico. Ligeiramente espantada, Mia retribuiu o abraço desajeitadamente.

— Ah, minha querida, como está? — exclamou ela em espanhol, afastando-se para olhar para Mia. — Sou Maria e estou tão feliz em ver você!

Que colar adorável! Como foram seus primeiros dois dias aqui? Korum já lhe mostrou o lugar? Coitadinha, você deve estar tão assoberbada com tudo! Eu me lembro que, quando cheguei, nem mesmo sabia como usar o banheiro!

Mia piscou algumas vezes, espantada com o entusiasmo da garota. Ela era como um tornado bonito, arrastando tudo no caminho. — Estou bem, obrigada

— respondeu Mia em espanhol, secretamente ainda maravilhada com as novas habilidades com idiomas. — Ainda não vi muita coisa do Centro, só cheguei ontem.

— Ah, você ainda não foi à praia? É tão bonita, você deveria ir! —

Virando-se para Korum, ela franziu ligeiramente a testa para ele.

Korum riu. — Já entendi. Levarei Mia à praia amanhã.

— Maria! — exclamou o anfitrião. — Seja simpática com nossos convidados!

— Eu sou sempre simpática — retrucou Maria, sorrindo. — É por isso que você me ama. — Ficando na ponta dos pés, ela beijou o rosto de Arman e Mia viu que ele praticamente derreteu, incapaz de resistir à força do charme da garota.

Com um sorriso grande no rosto, Arman voltou a atenção novamente para Mia e Korum. — Ela é incorrigível — disse ele. Havia tanta alegria na voz dele que Mia só conseguiu olhar para ele maravilhada. — Por favor, ignorem Maria e sigam-me. O jantar está pronto.

Eles seguiram Arman para outro aposento. No meio da sala, havia outra tábua flutuante com formato oval, rodeada de quatro bancos flutuantes. Mia não sabia por que todas as mobílias dos Ks pareciam flutuar. Na tábua grande, que Mia supôs ter a função de mesa, havia cerca de vinte pratos diferentes, variando de frutas tropicais e legumes familiares a saladas, molhos e cozidos de aparência exótica.

Sentando-se em uma das cadeiras, Mia sentiu quando ela se ajustou ao corpo e sorriu. Todas as invenções dos Ks pareciam ser projetadas com foco em conforto

e conveniência máximos.

O jantar passou rapidamente, dominado por conversas leves e histórias divertidas sobre a flora e a fauna da Costa Rica. Mia descobriu que Arman era artista e que viera para a Terra para estudar a cultura e as artes dos humanos.

Ele conhecera Maria logo depois de chegar. A família dela tinha terras na área onde os Ks construíram o Centro e Arman fora um dos krinars responsáveis por garantir que os humanos desapropriados fossem compensados de forma adequada. O caso deles parecia ter sido amor à primeira vista.

— A partir do momento em que botei os olhos nele, sabia que eu o queria

— confidenciou Maria com os olhos escuros brilhando. — Não importava que ele não fosse humano nem que todos tinham medo deles. Eu sabia que ele não podia ser tão mau quanto diziam, era gentil demais para isso. — Estendendo o braço, ela apertou a mão dele e lançou-lhe um sorriso apaixonado.

Observando os dois amantes, Mia sentiu uma estranha pressão no peito que era muito parecida com inveja. Eles pareciam estar realmente apaixonados, apesar dos obstáculos que Mia sempre enxergava como intransponíveis. E

Maria estava feliz demais para alguém que tinha tão poucos direitos na sociedade dos krinars. Claramente, o status formal de caerle tinha pouquíssimo peso no relacionamento dela com Arman. Parecia que o amante K

dela estava bastante feliz em deixar que ela assumisse o controle de muitas coisas, pois a personalidade calma dele era complementada pela natureza agitada dela.

Quando o jantar terminou, Mia já esquecera muitas das preocupações e simplesmente aproveitou a companhia daquele casal agradável. Eles eram doces e gentis um com o outro e Maria não parecia intimidada por nenhum dos dois Ks. Ela até mesmo repreendeu Korum novamente por não ter levado Mia para um passeio pelo Centro e ele riu, pedindo desculpas. Poderia muito bem ter sido um encontro duplo normal, exceto que dois dos participantes eram de outra galáxia.

Finalmente, com relutância, Mia se despediu deles e foi para casa com Korum, remoendo a estranheza do que acabara de ver e com o coração cheio de

esperança por coisas que, racionalmente, ela sabia serem impossíveis.

O KRINAR EXIBIU os resultados do último experimento, observando a gravação repetidamente.

Tudo parecia estar funcionando como ele esperara. Logo, poderia implementar a próxima parte do plano. Fora uma infelicidade os Kapas terem fracassado, mas, no fim das contas, fora apenas um contratempo.

Agora, ele queria olhar para o inimigo novamente... e aquela *caerle* dele.

Por algum motivo, ele achou aquelas gravações particularmente fascinantes.

CAPÍTULO OITO

N o curto percurso de volta, Mia não pôde evitar de pensar no outro casal.

Uma humana e um K, tão felizes juntos, era algo que parecia ir contra tudo o que a Resistência dissera a Mia e tudo o que ela descobrira sobre a função de uma *caerle* na sociedade dos krinars. Como eles conseguiam? E

Maria não se preocupava com o fato de que, no fim das contas, perderia Arman quando a beleza dela acabasse e ele permanecesse o mesmo?

Claro, Arman era absolutamente diferente de Korum. Era difícil de acreditar que ele era membro da mesma espécie predatória. Parecia bom e gentil demais para ser um K e Mia não conseguia imaginá-lo prendendo Maria contra a vontade. Na verdade, parecia que fora Maria quem começara o relacionamento deles. Claramente, havia tantas variedades de personalidade entre os Ks quanto entre os humanos.

E Mia acabara encontrando uma que não ficaria deslocada nas florestas primitivas dos krinars um bilhão de anos antes.

Korum teria sido um caçador muito bem-sucedido, decidiu Mia, com a mistura de pura inteligência e crueldade. A ambição dele o levara ao topo da sociedade krinar moderna e ela não tinha dúvidas de que ele teria sido bem-sucedido em qualquer tipo de ambiente. Ele era assim. Sabia exatamente o que queria e não hesitava em ir atrás.

E, por enquanto, ele queria Mia.

Suspirando, Mia olhou para o chão quando pousaram na clareira logo ao lado da casa de Korum. A nave encostou no chão suavemente e uma das paredes imediatamente se desintegrou, criando uma abertura.

Levantando-se, ela saiu da nave e seguiu Korum até a casa. — Estamos

longe da praia? — perguntou ela, lembrando-se do que Maria dissera mais cedo.

— Não. Na verdade, dá para ir a pé — respondeu Korum ao entrarem na casa. — Mostrarei o caminho a você amanhã, se quiser, para que não fique presa dentro de casa quando eu não estiver por perto. Mas não entre no mar sem mim. A maré pode ser muito forte e as correntes são imprevisíveis.

— Sou uma boa nadadora — disse Mia. — Você não precisa se preocupar comigo.

— Não importa. — Korum parou e olhou para ela com expressão implacável. — Ou você me promete que não entrará na água sozinha, ou não irá à praia sem mim. Fim de papo.

Mia mentalmente revirou os olhos. O ditador estava de volta. — Está bem.

Não vou entrar na água sozinha. — Tendo crescido na Flórida, ela sabia exatamente com o que tomar cuidado em relação a correntes e ondas fortes, e o mar não a assustava. Ainda assim, não queria que Korum a impedisse de ir à praia e decidiu que era melhor não discutir com ele.

— Ótimo. — Ele parecia satisfeito. — Então eu a levarei lá amanhã de manhã.

— E o julgamento?

— Só começa às onze horas da manhã. Se você acordar antes disso, podemos dar um passeio na praia e eu lhe mostrarei alguns dos locais próximos. Mais tarde, faremos um passeio mais completo.

— Isso seria ótimo, obrigada — disse Mia. — Posso assistir ao julgamento amanhã de novo? Foi realmente fascinante...

Ele sorriu para ela. — É claro. Será a vez de Loris se apresentar. E será particularmente interessante assistir a isso.

— Por que ele odeia você tanto? — perguntou Mia curiosa para saber mais sobre a política dos krinars. — Vocês tiveram algum tipo de diferença antes que o filho dele fosse acusado?

Os lábios de Korum se contorceram ligeiramente. — "Diferença" é uma forma de colocar as coisas. Ele tinha uma empresa concorrente da minha há algumas centenas de anos. Mas os projetos dele eram muito inferiores e, no final, ele teve que fechá-la. O filho dele, Rafor, trabalhava com ele na época como um dos principais projetistas, e perdeu muito da posição na sociedade quando a empresa foi fechada. Loris tinha outros negócios na época, além de estar profundamente envolvido na política, portanto, a posição dele não sofreu tanto e ele se recuperou rapidamente. Mas o filho dele nunca se recuperou.

Portanto, Rafor era o Kapa com histórico de projetista, o que fornecera os dispositivos dos Ks à Resistência. Tudo fazia sentido agora. Os projetos nunca foram tão bons quanto os de Korum. Não era surpresa que a Resistência tivesse fracassado.

— E Loris odeia você por causa disso? Porque Rafor perdeu a posição na sociedade? — Mia não sabia ao certo se entendia totalmente o conceito de posição, mas parecia muito importante para os krinars.

— Sim, odeia — respondeu Korum. — Loris odeia o fato de que o filho não era um projetista bom o suficiente e ele me culpa por Rafor nunca ter feito mais nada de produtivo na vida. E agora que Rafor também se mostrou um traidor ridículo...

— Ele também culpa você por isso? — adivinhou ela, olhando para Korum com a testa ligeiramente franzida. — É por isso que ele pretende se vingar?

Korum assentiu. Os olhos dele brilhavam com algo que parecia ser expectativa. — Isso mesmo.

— E isso não incomoda você? — perguntou Mia, tentando entender melhor o amante. Ele parecia quase como se estivesse feliz com o ódio do outro K. —

Quero dizer, que alguém odeie você tanto assim?

— Por que isso deveria me incomodar? — Ele pareceu se divertir com a ideia. — Ele não é o primeiro nem será o último.

Mia o encarou. — Você não se importa se as pessoas gostam de você? Se são suas amigas ou inimigas?

Korum riu. — Não, minha querida, por que deveria? Se uma pessoa quiser ser minha inimiga, isso é opção dela. E uma opção da qual, no fim das contas, ela se arrependerá.

— Entendi — disse Mia. Outra peça do quebra-cabeça de Korum encaixou no lugar. Ela sabia que havia pessoas como ele, indivíduos tão cheios de autoconfiança, ou arrogantes, dependendo do ponto de vista, que pareciam não ter a disposição comum de agradar aos outros. E o amante dela parecia ser uma daquelas pessoas. No mínimo, parecia que ele gostava de conflitos. Ela perguntou a si mesma se aquilo era uma característica dos Ks ou simplesmente uma parte da personalidade de Korum.

Antes que Mia terminasse de analisar aquele pensamento, Korum se aproximou e ergueu a mão para afastar os cabelos do rosto dela. — Chega de falar sobre política — disse ele, colocando a mão quente no rosto dela, com os olhos começando a brilhar com tons dourados familiares. — Consigo

pensar em coisas muito mais agradáveis que poderíamos estar fazendo agora.

O coração de Mia imediatamente começou a bater com mais força e os músculos nas profundezas do ventre se contraíram, reagindo ao toque dele e à sugestão indiscutivelmente sexual da voz. Uma resposta tão pavloviana, notou a aluna de psicologia dentro dela. O corpo agora estava totalmente condicionado a responder a ele daquela forma, a sentir falta do prazer que só ele podia lhe dar. A falta de controle sobre a própria carne incomodava Mia em muitos níveis, fazendo com que se sentisse ainda menos em controle da própria vida e das próprias decisões.

Inclinando-se para a frente, ele passou um braço pelas costas de Mia e colocou o outro sob os joelhos dela, erguendo-a sem esforço. Mia fechou os olhos, enterrando o rosto no ombro dele ao ser carregada rapidamente em direção ao quarto.

Como ele dissera mais cedo, os rótulos colocados no relacionamento deles não

importavam. Pelo menos, não quando se tratava de sexo.

QUANDO CHEGARAM AO QUARTO, ele a colocou sobre a cama e endireitou o corpo por um minuto. Intrigada, ela observou enquanto ele colocava um pequeno ponto branco na têmpora direita.

— O que é isso? — perguntou Mia desconfiada quando ele se inclinou sobre ela novamente.

— Você verá — disse ele misteriosamente, com um brilho malicioso nos olhos cor de âmbar. Em seguida, ele tocou na têmpora dela. Espantada, Mia ergueu a mão e sentiu uma pequena protrusão. Ele também colocara um ponto nela.

Sentindo-se nervosa, Mia abriu a boca para perguntar novamente, mas ele a beijou e todos os pensamentos racionais desapareceram. Ele colocou a mão sobre o seio direito de Mia, agarrando o pequeno globo, com o polegar acariciando o mamilo de leve, e ela sentiu uma onda de calor percorrendo-lhe o corpo. A outra mão dele se enterrou nos cabelos de Mia, segurando a cabeça no lugar quando ele invadiu-lhe a boca com a língua. Ela sentiu o desejo no beijo dele e perguntou vagamente a si mesma o que o provocara.

Subitamente, ela não sentiu mais a maciez da cama sob o corpo e os ouvidos vibraram com uma música alta, com o ritmo pulsante reverberando pelos ossos. Arquejando em choque, ela empurrou Korum, que a soltou,

observando com uma mistura inquietante de diversão e desejo quando Mia se sentou e olhou para a cena em pânico e descrença.

Eles estavam no chão dentro do que parecia ser uma gaiola grande de metal. À volta deles, Mia viu corpos girando, esfregando-se uns nos outros.

Atordoada, ela percebeu que estavam dançando. As luzes piscantes acima deles lançavam sombras azuis e roxas sobre tudo, aumentando a sensação surreal da situação.

— Onde nós estamos? — gritou ela, levantando-se e olhando para Korum com uma expressão assustada. Ele os teletransportara para algum lugar ou era um mundo virtual novo e estranho?

Ele riu, levantando-se lentamente. — Venha cá — disse ele, puxando-a em sua

direção.

Furiosa e confusa, Mia tentou resistir, mas foi inútil. Em questão de segundos, ele a pressionava contra o próprio corpo e ela sentiu a ereção dele fazendo pressão em seu abdômen.

— Eu descobri algo muito interessante hoje — disse Korum em tom suave.

De alguma forma, ela conseguia ouvi-lo por sobre a música. Os olhos dele estavam quase amarelos sob as estranhas luzes da pista de dança. — Minha doce *caerle* gosta de me tocar em locais públicos. Quando acha que ninguém está vendo, é claro. Quando acha que eu não vou sentir.

Mia engoliu em seco, lembrando-se do que fizera mais cedo antes do início do julgamento. Ela mexera com Korum, segura ao saber que nunca ninguém descobriria... mas, de alguma forma, ele sabia. Estaria bravo com ela? Pretendia puni-la de algum jeito?

— Onde estamos? — perguntou ela, olhando para ele desconfiada. — Por que você me trouxe aqui?

— Estamos na boate mais exclusiva de Beverly Hills — respondeu Korum. — E vou dar a você exatamente o que quer.

As entranhas de Mia se contraíram em uma estranha mistura de medo e excitação. — Korum, por favor, eu não acho...

Antes que ela conseguisse terminar a frase, ele agarrou-lhe as nádegas e levantou-a, pressionando as costas dela contra a parede da gaiola. As coxas de Mia estavam afastadas e a pélvis dele investiu contra a dela. Mia arquejou novamente, sentindo o pênis encostando em seu sexo através da fina barreira das roupas. Em seguida, ele a beijou novamente de forma tão profunda e penetrante que ela mal conseguia respirar.

Ele pretendia fodê-la em público, percebeu Mia com uma parte do cérebro

que ainda funcionava parcialmente, horrorizada e, ainda assim, incrivelmente excitada com a ideia. Claro que isso não era real, pensou Mia desesperadamente, claro que ele não faria isso com ela... Ou será que faria?

Ela tentou afastar a boca, enterrando as unhas nos ombros dele, mas Korum não permitiu, mordendo-lhe o lábio inferior em advertência até que Mia não teve outra opção além de se render. As batidas do coração dela eram quase mais altas que a música ensurdecedora em volta deles enquanto Mia lutava para manter um pouco de sanidade do que parecia ser uma situação incrivelmente insana.

Segurando-a com um braço, Korum usou a outra mão para agarrar a saia do vestido e levantá-la, deixando a parte inferior do corpo de Mia totalmente nua. Ela gemeu em pânico, arranhando as costas dele freneticamente enquanto ele tirava o pênis de dentro da calça. Ela sentiu a força bruta dele pressionando a abertura delicada. Em seguida, ele começou a penetrá-la, ignorando a forma como ela contraía os músculos em uma tentativa de impedir a entrada.

Tudo estava acontecendo tão depressa que Mia mal conseguiu processar a situação. As luzes piscantes e a música aumentavam a sensação de desorientação. Ela se sentia insuportavelmente quente, com o corpo queimando devido a uma estranha combinação de vergonha intensa e desejo febril, enquanto o pênis continuava a entrar mais fundo, com a passagem estreita relutantemente dilatando-se em volta dele. Com todo o peso apoiado apenas no braço de Korum, ela não conseguia limitar a profundidade da penetração e sentia-o grande demais dentro de si, com a cabeça do pênis quase batendo contra a cervical. Por alguns momentos, houve uma ameaça de dor, mas logo depois o corpo se ajustou, amaciando e derretendo-se em volta dele.

O desconforto desapareceu, deixando apenas uma necessidade intensa. Ao mesmo tempo, ele continuava a beijá-la, com a invasão da língua imitando a penetração implacável do pênis.

Com os sentidos completamente atordoados, Mia não conseguia formular um pensamento sequer. Só conseguiu senti-lo começando a mover os quadris, com a força das investidas empurrando-a contra a parede da gaiola. As barras de metal se enterraram na pele macia das costas expostas e o ritmo pulsante da música pareceu ecoar dentro dela, com o barulho da multidão que dançava invadindo-lhe os ouvidos. A visão escureceu por um segundo, com o beijo dele drenando todo o oxigênio. Mas, em seguida, ele afastou a boca, deixando-a recuperar o fôlego, e a sensação de desmaio desapareceu. Ela ficou

novamente semiconsciente da situação.

Respirando freneticamente, Mia fechou os olhos com força e tentou fingir que aquilo não estava acontecendo, que ele não a estava fodendo em uma gaiola no meio de uma boate. Nada daquilo podia ser real. Claro que ela não podia realmente sentir o metal duro pressionando-lhe as costas, não podia ouvir a multidão gritando e cantando no ritmo da música ensurdecedora. Ainda assim, as investidas implacáveis e o volume do pênis dentro dela não podiam ser confundidos, nem o calor úmido da boca de Korum ao descer pelo pescoço de Mia.

Uma onda de vergonha a invadiu novamente, aumentando ainda mais a tensão enorme que se acumulava dentro dela. Ele acelerou o ritmo, com os quadris batendo contra ela, e todos os músculos dela pareceram se retesar ao mesmo tempo em um prazer tão intenso que era quase intolerável. Um segundo depois, ela só conseguiu gritar quando o clímax a atingiu com a força de uma onda, com os músculos internos pulsando várias vezes em volta do pênis de Korum.

Quando a sensação de orgasmo passou, Mia desabou nos braços de Korum, enterrando o rosto na curva do pescoço dele. Ela sentiu quando ele estremeceu, ouviu o gemido rouco enquanto o pênis latejava dentro dela, liberando a semente de Korum em jatos quentes.

Agora que terminara, a única coisa que ela conseguia sentir era uma vergonha intensa e lágrimas furiosas encheram-lhe os olhos, escorrendo pelos cantos. Ela não queria olhar em volta, não queria encarar as pessoas que certamente estariam observando-os avidamente.

Mais lágrimas escorreram, molhando o pescoço de Korum. Mia queria desaparecer, fingir que aquilo era apenas um sonho horrível, mas não havia como escapar das sensações inflexíveis. O pênis meio mole ainda estava enterrado nela e Mia ainda sentia a gaiola contra as costas. E, quando ela achou que não aguentaria mais, ele murmurou no ouvido dela: — Não estamos aqui de verdade, querida. Você sabe disso, não é?

— O quê? — Mia recuou a cabeça, olhando para ele em choque e descrença. Ela conseguia ouvir o ritmo hipnótico da musica, conseguia senti-lo dentro dela e ele dizia que tudo estava acontecendo apenas dentro da mente?

Os lábios dele se curvaram em um sorriso. — Você achou que era real?

— Deixe-me descer — disse ela baixinho com uma fúria quente invadindo-a. —

Deixe-me descer agora mesmo.

Dessa vez, ele lhe deu ouvidos e abaixou-a até o chão, afastando-se

lentamente. As pernas trêmulas se recusaram a manter o peso dela por um segundo e ele a segurou com cuidado, encarando-a com uma expressão ligeiramente divertida no rosto. O vestido desceu para o lugar, cobrindo-a novamente.

Assim que conseguiu ficar de pé por conta própria, Mia empurrou o peito de Korum, que recuou um passo, dando-lhe espaço para respirar. Só para confirmar o que ele lhe dissera, Mia lentamente girou o corpo em um círculo, olhando para as pessoas que dançavam do lado de fora da gaiola.

Ninguém olhava para eles. Nem uma única pessoa. A música continuava a tocar, os dançarinos continuavam a se esfregar uns nos outros e ninguém prestava atenção neles. *No final das contas, aquilo não era real.* Estava acontecendo virtualmente, exatamente como o julgamento. Será?

Virando-se novamente para Korum, ela perguntou: — Nós acabamos de fazer sexo ou isso também foi só na minha mente?

Em vez de responder à pergunta dela, Korum ergueu a mão para a têmpora direita e pressionou-a de leve. A boate se dissolveu, com a realidade mudando e ajustando-se, e Mia se viu parada de pé perto de uma das paredes do quarto.

Ele também estava parado lá, a poucos centímetros dela, com a bermuda aberta e o pênis agora flácido parcialmente visível.

Piscando algumas vezes para limpar a visão um pouco embaçada, Mia avaliou o estado em que se encontrava. As partes íntimas estavam inchadas e um pouco doloridas, como normalmente acontecia depois de fazerem sexo, e ela sentiu o esperma escorrendo pela perna.

Então, a parte do sexo fora real.

Mia não sabia dizer se aquilo a fazia se sentir melhor ou pior. Agora que a onda de adrenalina passara, ela começou a tremer de leve, sentindo frio, apesar do calor do quarto.

— Preciso tomar um banho — disse ela, recusando-se a olhar para ele.

— Mia — disse Korum suavemente, segurando-lhe o braço quando ela tentou passar por ele. — Você não vai me dizer que não gostou, vai?

— É claro que não gostei! — As lágrimas brotaram novamente nos olhos dela quando Mia reviveu a sensação aguda de humilhação ardente e de excitação involuntária. Ela puxou o braço para se afastar dele. Um esforço inútil, claro, ele nem mesmo pareceu notar o esforço.

— Mentirosa — disse Korum e ela notou a diversão na voz dele. — Eu notei exatamente o quanto você não gostou quando gozou, com a sua boceta me apertando.

Mia sentiu as bochechas ficando vermelhas. — Vou para o banho agora —

repetiu ela, querendo apenas ficar longe dele.

— Está bem — disse ele. — Vou com você. — E, antes que ela pudesse objetar, ele a pegou no colo novamente e carregou-a para o banheiro, largando-a no chão perto da banheira.

— Eu queria vir sozinha — disse ela em tom rebelde quando ele puxou o vestido dela para baixo. Ela estava de pé, totalmente nua, com exceção do colar em volta do pescoço e das botas macias nos pés. Ela tocou de leve no colar, encontrando a presilha, e cuidadosamente o tirou e colocou-o ao lado da banheira. Ela não pretendia tomar banho com uma joia alienígena de um milhão de anos em volta do pescoço.

Ele sorriu para ela, tirando as próprias roupas. — Por que?

— Porque não gosto de você nesse exato momento — respondeu ela em tom direto. Na verdade, aquilo não chegava nem perto da verdade. Ela estava com vontade de fazer alguma coisa violenta com ele, como apagar a tapas o sorriso no rosto bonito.

— Porque eu dei a você algo que queria, mas que tinha medo de pedir? —

perguntou ele, inclinando a cabeça para o lado.

— Eu não queria aquilo — disse Mia veementemente. — E o fato de eu ter gozado não tem nada a ver com nada. Eu sou muito mais do que apenas a soma das minhas respostas físicas...

— É claro que é — disse Korum, aproximando-se e abaixando-se para tirar as botas dos pés dela. Mia olhou para ele com rancor, lutando contra uma vontade ridícula de acariciar os cabelos escuros e brilhantes. Levantando-se em um movimento fluido e olhando para ela com um meio sorriso, ele acrescentou: — Se você realmente estivesse desconfortável ou assustada, eu teria parado imediatamente e trazido nós dois de volta para cá. Eu senti sua excitação, o seu prazer em fazer algo proibido. Foi por isso que você mexeu comigo no mundo virtual hoje. Porque, por baixo desse exterior tímido, você secretamente adora a ideia de ser só um pouco malcriada...

Mia não tinha uma boa resposta para aquilo, portanto, baixou o olhar e andou até o chuveiro. Ele entrou com ela, ajustando as configurações para que a água caísse sobre os dois. Colocando um pouco do xampu perfumado na mão, ele o espalhou nos cabelos dela, com os dedos fortes massageando o couro cabeludo e afastando a tensão.

Depois que os cabelos dela estavam limpos e macios, ele voltou a atenção para o corpo de Mia, lavando gentilmente cada centímetro até que ela se

esqueceu da raiva com o puro prazer das carícias habilidosas. E, quando ela achou que ele terminara, ele se ajoelhou e levou-a a outro clímax usando a boca, os lábios e a língua em gestos suaves e gentis na pele sensível.

Totalmente relaxada e com um sono inacreditável, Mia mal sentiu quando ele a secou e carregou-a para a cama. Assim que a cabeça encostou no travesseiro, ela apagou, sem nem notar o abraço carinhoso dele.

CAPÍTULO NOVE

N a manhã seguinte, Mia acordou com as lembranças da sessão de sexo virtual vívidas na mente.

Ela ainda não conseguia acreditar que Korum fizera aquilo, que a fizera acreditar que estavam fazendo sexo em público, dentre todas as coisas. E não conseguia acreditar que reagira daquela forma, apesar da vergonha e da humilhação. Mesmo agora, ela sentiu que ficava molhada só de pensar no que acontecera e

amaldiçoou a própria suscetibilidade a ele. Ele parecia conhecer as necessidades sexuais de Mia muito melhor do que ela mesma e não hesitava em forçar os limites. Ela queria continuar furiosa com ele, realmente queria.

Mas, se fosse honesta consigo mesma, tinha que admitir que gostara da experiência em certo nível. Fora terrivelmente excitante fazer sexo em público daquela forma, particularmente agora que sabia que não havia necessidade de sentir vergonha, pois ninguém os vira de verdade.

Espreguiçando-se, ela bocejou e lembrou-se do passeio prometido pela praia. Saltando da cama e vestindo o roupão, ela foi escovar os dentes e lavar o rosto antes de procurar Korum.

Para sua surpresa, ele não estava em lugar algum. Quando começou a imaginar onde ele poderia estar, ouviu um barulho na sala de estar e saiu da cozinha para investigar. Korum acabara de entrar pela abertura de uma das paredes.

Mia soltou uma exclamação de choque ao vê-lo.

Muito diferente da aparência imaculada normal, o amante parecia ter acabado de rolar na lama e estava com as roupas sujas e rasgadas. E aquilo...

eram *vestígios de sangue* nos braços e no rosto dele?

Vendo-a parada lá, Korum lhe lançou um sorriso rápido, com os dentes muito brancos em contraste com o rosto cheio de terra. — Você acordou cedo.

Esperava que ainda estivesse dormindo e que eu conseguisse tomar um banho antes que me visse assim.

Mia finalmente conseguiu falar. — O que aconteceu? Você está bem?

Ele riu, com um brilho empolgado nos olhos. — Estou bem. Eu só estava jogando *defrebs,* um tipo de esporte que adoro.

— Ah... — Mia soltou a respiração aliviada. — É algum tipo de jogo de bola?

— É mais parecido com uma arte marcial — explicou ele, andando na direção do banheiro.

Curiosa, Mia o seguiu, observando enquanto ele retirava as roupas sujas, largando-as no chão e revelando o corpo magnífico. Ele tinha um cheiro deliciosamente suado e a pele dourada brilhava por causa da transpiração.

Parecia um guerreiro que acabara de sair da batalha e ela viu que realmente havia arranhões e rastros de sangue nos braços e nas pernas.

— É assim que você se exercita? Artes marciais? — perguntou ela, sentando-se na beirada da banheira quando ele ligou o chuveiro e ajustou os controles. As roupas sujas já tinham desaparecido, tendo sido absorvidas por uma das paredes, e o chão estava limpo novamente. Outra função útil da casa, imaginou Mia.

— Sim, é — admitiu ele, ficando sob a água. A voz dele estava um pouco abafada pelo jato de água e ela se aproximou para ouvi-lo melhor. — Nós raramente nos exercitamos da forma como muitos humanos modernos o fazem, em uma academia ou fazendo apenas um tipo de atividade física. Em vez disso, normalmente praticamos algum tipo de esporte. O defrebs é particularmente popular porque é o mais próximo que ficamos de lutar fora da Arena...

— Arena?

— Ah, você ainda não chegou nessa parte da leitura... — Ele fez uma pausa de alguns segundos, lavando os cabelos e tirando o xampu antes de continuar. — A Arena é o lugar onde nossos cidadãos podem resolver certas diferenças irreconciliáveis. Se, por exemplo, eu achar que alguém me prejudicou de forma irreparável, posso desafiá-lo para a Arena. E ele teria que aceitar o desafio ou perder parte da posição na sociedade.

Mia olhou para o vidro embaçado do chuveiro com surpresa. — E o que vocês fazem na Arena? Lutam?

— Exatamente. Não são permitidas armas, mas todo o resto vale. O

objetivo é vencer, subjugar o inimigo completamente, enquanto todos assistem...

Mia riu incrédula. — Como assim, como os gladiadores na Roma antiga?

— De onde você acha que os romanos tiraram essa ideia?

— O quê? Sério?

Korum desligou o chuveiro e abriu a porta, pegando uma toalha de um cabide próximo. — Sério. O mesmo grupo de cientistas sobre quem lhe falei mais cedo, aqueles que foram a origem de muitos dos seus mitos gregos e romanos, foi também responsável por isso. Alguns deles sentiam falta desse aspecto da vida em Krina e gradualmente introduziram a tradição na cultura romana. Depois disso, ela criou vida própria. Ficamos bastante surpresos, na verdade, com o tempo que eles duraram e como ficaram populares.

Mia mal conseguia acreditar no que ouvia. — E vocês ainda têm esses jogos? Na era moderna?

— É claro — disse ele com os olhos brilhando com tons dourados. — É

uma forma de satisfazermos certas... necessidades... que de outra forma prejudicariam uma sociedade pacífica e próspera.

Necessidades? Mia piscou algumas vezes, estudando-o desconfiada enquanto ele terminava de se secar. Portanto, os krinars ainda tinham as tendências violentas sobre as quais ela lera. Não era surpresa o fato de haver tantos rumores sobre a brutalidade deles durante os dias do Grande Pânico...

Antes que ela pudesse analisar o assunto um pouco mais, ele se aproximou e ergueu-a pela cintura. Sobressaltada, Mia agarrou-lhe os ombros e ele colocou a boca sobre a dela, beijando-a com uma agressão reprimida. Praticar aquele esporte claramente o deixara excitado e ela sentiu o pênis enrijecendo contra a coxa, mesmo através do tecido grosso do roupão. A própria resposta foi instantânea, com o sexo contraindo-se de desejo e os mamilos ficando rígidos.

Sentindo a excitação dela, Korum gemeu baixinho e encostou-a na parede.

As mãos dele abriram o nó que prendia o roupão. Dobrando o joelho direito, ele o colocou entre as pernas dela, fazendo com que ela se esfregasse contra a coxa dele. Mia gemeu, com a pressão no clitóris deixando-a ainda mais excitada. Ele abaixou as mãos, agarrando as coxas de Mia e abrindo-as. Em seguida, penetrou-a sem qualquer preliminar.

Mia gritou com a força da penetração. Apesar de estar excitada, ele ainda era grande demais para que ela o acomodasse facilmente e o canal interno foi

estendido a ponto de doer. Ele parou por um segundo, deixando-a se ajustar, e

lentamente começou a se mover, ainda segurando as pernas dela abertas e impedindo-a de controlar o ato sexual de alguma forma. A cabeça grossa do pênis encostava no ponto G dela com cada investida e a posição totalmente aberta possibilitava que a pélvis dele pressionasse o clitóris repetidamente, fazendo com que a pressão se acumulasse cada vez mais.

Finalmente, ela gozou com um grito, com o corpo inteiro estremecendo nos braços dele. Incapaz de resistir às pulsações dos músculos internos dela, ele também gozou, gemendo em tom rouco.

Arfando, Mia ficou nos braços dele até que ele cuidadosamente a colocou no chão, retirando o pênis devagar e entregando-lhe um lenço.

As pernas de Mia estavam trêmulas e ele a segurou, encarando-a com um olhar ligeiramente perplexo no belo rosto. — Acredite ou não, eu não estava planejando nada disso — disse Korum com um sorriso amarelo. —

Sinceramente, não sei por que não consigo me controlar quando estou perto de você. Parece que preciso entrar em você sempre que posso...

Com as partes íntimas ainda latejando por causa do orgasmo, Mia umedeceu os lábios e deu de ombros, absurdamente feliz com a confissão dele.

— Não tem problema... Não é como se eu não gostasse disso...

— Ah, é mesmo? — brincou ele, abrindo um sorriso enorme. — Você gosta? Eu nunca teria imaginado...

Mia franziu a testa para ele, limpando-se com o lenço. — Mas você me prometeu um passeio na praia — relembrou ela, querendo mudar de assunto. A intensidade da própria resposta sexual a ele, do que sentia por ele de forma geral, ainda a deixava desconfortável. Por que não podia ter se apaixonado por alguém menos complicado? Por que tinha que ser esse homem duro e implacável, com natureza dominadora? Até mesmo Arman teria sido uma pessoa mais fácil para ter um relacionamento. Pelo menos, com alguém como Arman, ela teria se sentido um pouco mais em controle, em vez de se sentir constantemente sem equilíbrio algum.

— Ainda temos tempo para isso — disse Korum, criando uma roupa para si mesmo com a ajuda das nanomáquinas e vestindo-a. — Vou fazer café da manhã

para você e sairemos.

— Está bem — disse Mia. — Vou tomar um banho rápido e encontro você na cozinha.

SETE MINUTOS DEPOIS, Mia entrou na cozinha e viu que Korum preparava algo verde em um liquidificador comum.

— O que é isso? — perguntou ela, observando curiosa a estranha mistura.

Korum sorriu, com as feições suavizando-se ao vê-la. — Ah, eu esperava que você fosse rápida. — Dando dois passos na direção dela, ele a beijou de leve na testa e voltou à tarefa. — É uma mistura de manga, banana, espinafre e bowit, um tipo de noz doce de Krina. Está com fome?

— Sempre — admitiu Mia com um sorriso tímido. A vitamina soava muito promissora. — Teremos tempo para nadar antes que o julgamento comece?

— Sim, teremos — disse ele. Em seguida, ligou o liquidificador. Mia colocou as mãos sobre os ouvidos para abafar o barulho que durou apenas cerca de dez segundos. Quando o aposento ficou silencioso novamente, ele acrescentou: — Temos umas duas horas. Acho que dará tempo de mostrar a você alguns lugares interessantes por aqui e, depois, poderemos nadar um pouco.

— Seria ótimo — disse Mia, ansiosa para sair e explorar a área. — Eu estava me sentindo bastante entediada ontem...

— É claro — disse ele, servindo a mistura verde em um copo alto transparente e entregando-a a ela. — Não quero que se sinta assim.

Experimente, deve estar gostoso.

Mia tomou um gole da mistura grossa e a boca quase explodiu com o gosto doce e rico. Era diferente de tudo o que ela já experimentara, com toques de chocolate, creme e algo completamente indescritível sob os sabores mais familiares das frutas. — Uau! — Ela engoliu e lambeu os lábios. — Não sei o que é essa bo-qualquer-coisa, mas é absolutamente deliciosa.

Feliz com a reação dela, Korum sorriu. — Sim, também é a minha favorita.

A planta leva cinco anos para ficar totalmente madura e essa foi a primeira vez que conseguimos colher as nozes aqui na Terra. Elas são muito saborosas e são usadas em muitos pratos.

— Posso levar isso junto? — perguntou Mia, querendo começar o dia logo. — Assim, eu me visto rapidamente e podemos sair logo...

— Claro, por que não? — Korum serviu um copo para si. — Deixe-me mostrar a você as roupas de banho.

Saindo da cozinha, ele andou na direção do quarto bebendo a vitamina.

Mia o seguiu, curiosa para ver como era a versão dos Ks de uma roupa de banho.

Entrando no quarto, ele colocou o copo sobre a cômoda e abriu o closet.

Ele pegou o que parecia ser uma tira minúscula de tecido branco, colocou-a sobre a cama e disse: — Isso é o que nossas mulheres normalmente usam.

Mia o encarou. — Ahm... não vejo como isso caberá em mim. — Talvez na chihuahua dos pais dela, mas decididamente em nada maior que ela.

Ele riu. — O material estica. Experimente.

Ainda descrente, Mia largou o copo e aproximou-se da cama. Pegando o material, ela o examinou cuidadosamente.

— Ela é vestida pela cabeça — disse Korum. — Vamos, tire o roupão e eu lhe mostrarei como vesti-la.

— Está bem — disse Mia, desamarrando o roupão e largando-o sobre a cama. Ela estava completamente nua por baixo e sentiu o calor do olhar dele passeando pelo seu corpo. Quando os olhos dele voltaram para o rosto dela, estavam quase completamente dourados. A respiração de Mia ficou acelerada e ela sentiu os mamilos enrijecendo quando o corpo respondeu ao desejo dele.

Ela o ouviu respirando fundo, como se estivesse inalando o cheiro dela.

Em seguida, ele disse com voz rouca: — É assim que você a veste. — Usando as mãos para esticar a roupa que parecia uma bandana, ele a abaixou sobre a cabeça

de Mia, soltando-a quando estava firme em volta dos quadris. Os dedos dele encostaram na barriga dela, fazendo com que ela sentisse uma onda de calor.

Com os lábios ligeiramente abertos, Mia o encarou, incapaz de acreditar que o queria novamente.

— Não me olhe desse jeito — disse ele com voz rouca. — Eu prometi levá-la para passear e é isso que vamos fazer.

Mia corou. — É claro. — Aquilo era ridículo. Ele a transformara em uma ninfomaníaca. Claramente, não podia ser normal querer alguém daquele jeito o tempo inteiro.

Tentando se distrair, ela olhou para a roupa. Para sua surpresa, a roupa se esticara para cobrir o tronco, transformando-se em uma roupa de banho incomum de uma peça. O tecido passava por entre as pernas, escondendo a região pública e o centro da bunda, subia pelos lados do corpo e moldava-se sobre os seios, ocultando os mamilos. Como todas as roupas dos Ks, o material aderiu ao corpo dela de forma perfeita e parecia bem seguro, apesar de não haver nada que o prendesse no lugar.

Mia percebeu que o efeito geral era incrivelmente sensual e sentiu o rosto quente ao pensar em sair de casa vestida daquele jeito. — Isso é tudo o que vou vestir? — perguntou ela, olhando para Korum.

Ele balançou a cabeça negativamente. — Não, você usará isso aqui por cima — disse ele, entregando a ela o que parecia ser um vestido branco básico. — Você pode tirá-lo quando chegarmos à praia.

Mia colocou o vestido e foi até o espelho para olhar. Parecia um vestido reto simples, mas feito de um tecido fino e justo. Não era muito diferente do que se poderia encontrar em uma praia da Flórida.

— E pode usar estas botas — disse Korum, entregando-lhe um par de botas cinzas de cano alto. — Como vamos a pé e você não gosta de insetos, acho que é a melhor opção.

Disposta a usar qualquer coisa que minimizasse a exposição à vida rastejante assustadora da Costa Rica, Mia calçou as botas. Lançando um último olhar ao reflexo no espelho, ela pegou a vitamina que deixara sobre a cômoda.

— Então vamos. — Pegando o próprio copo, Korum a conduziu para fora da casa até a floresta.

O PRIMEIRO LUGAR que Korum lhe mostrou foi uma bela gruta com duas cachoeiras de tamanho médio. A água caía de uma distância de cerca de quatro metros em uma piscina rasa que era drenada para um pequeno rio. Ao lado do rio, havia várias rochas grandes rodeadas de grama macia e verde. Mia achou que era um lugar muito convidativo para simplesmente relaxar e ler, e memorizou o local da gruta.

Depois das cachoeiras, eles andaram até outro rio maior, um estuário que corria para o oceano. De acordo com Korum, era um excelente lugar para ver a vida selvagem local, incluindo várias espécies de pássaros e macacos. —

Parece divertido — comentou Mia e ele prometeu levá-la em um passeio de barco em outro dia.

Seguindo o estuário para oeste, eles finalmente chegaram na praia. Como Korum a advertira, as ondas que batiam na praia eram grandes. À distância, Mia viu algumas pessoas, provavelmente krinars, aproveitando o oceano, mas a área em volta deles estava completamente deserta.

— Só temos uns trinta minutos — disse Korum. — Depois disso, preciso ir para o julgamento.

— Está bem — disse Mia, sorrindo. — Então, vamos nadar um pouco? —

E, sem esperar que ele respondesse, ela tirou as botas e o vestido e correu na direção do oceano.

Ele a alcançou imediatamente, pegando-a nos braços antes que conseguisse chegar perto da água. — Peguei você — disse ele com os olhos cheios de alegria.

Mia riu, com uma sensação no peito mais leve do qualquer outra coisa que sentira nas semanas recentes. Colocando os braços em volta do pescoço dele, ela disse: — Está bem, mas agora terá que entrar comigo. E, se a água estiver fria demais para você, não quero ouvir nenhuma reclamação.

— Ah, um desafio? — perguntou ele, erguendo a sobrancelha para ela. —

Veremos quem reclamará primeiro... — E, ainda segurando-a nos braços, ele andou até as ondas.

Gritando e rindo por causa da súbita imersão na água fria, Mia prendeu a respiração quando uma onda grande os cobriu. Ela sentiu a força da correnteza e percebeu que Korum provavelmente estava certo sobre os possíveis perigos de nadar sozinha. Mas, com ele, ela se sentia completamente segura.

Obviamente, ele conseguia resistir facilmente à força da água, pois a força krinar era mais do que suficiente.

A onda recuou e Mia esfregou os olhos com uma mão, tentando tirar a água salgada. Quando ela finalmente os abriu, Korum a encarava com um sorriso estranho.

— O que foi? — perguntou ela, sentindo-se um pouco constrangida.

— Nada — murmurou ele, ainda sorrindo. — É só que você está muito bonita assim, com os cílios e os cabelos molhados. Lembrei do dia em que você foi pega pela chuva.

— Quer dizer na segunda vez em que eu o vi, quando espirrei em você? —

perguntou Mia, sentindo-se um pouco envergonhada ao se lembrar da ocasião.

Ele assentiu. — Você era a coisa mais bonita que eu vira em muito tempo, com os cabelos encharcados e olhos azuis enormes... E mal consegui me conter para não beijá-la naquele momento.

Mia olhou para ele descrente. — É mesmo? Eu achei que estava com uma aparência horrorosa, parecendo um rato afogado.

Ele riu. — Se quer usar analogias animais, você parecia mais uma gatinha afogada. Ou um fregu molhado, é um mamífero fofo e bonitinho que temos em Krina.

— Vocês têm um deles aqui? — perguntou Mia subitamente animada com a possibilidade de ver a fauna alienígena. — Quero dizer, em Lenkarda...

Korum balançou a cabeça negativamente. — Não, os fregu não são

domesticados e não tiramos animais selvagens do habitat deles. De forma

geral, não domesticamos animais.

— Então, vocês não têm animais de estimação? — perguntou Mia surpresa.

Naquele momento, outra onda se aproximou e Korum a ergueu um pouco mais para que conseguisse manter a cabeça acima da linha da água. —

Nenhum animal de estimação — confirmou ele depois que a onda passou. —

Essa é uma instituição exclusivamente humana.

— Sério? Nunca teria imaginado. Meus pais têm um cachorro — comentou Mia. — Uma pequena chihuahua. Ela é muito bonitinha.

— Eu sei — disse Korum. — Vi as gravações.

Por algum motivo, Mia não ficou chocada. — É claro que viu — disse ela, suspirando. Ela sabia que deveria ficar chateada com aquela invasão da privacidade da família, mas, em vez disso, sentiu-se estranhamente resignada.

Claramente, o amante não tinha o menor senso de limites adequados e Mia estava feliz demais naquele momento para estragar tudo com uma discussão.

Ainda assim, não resistiu à pergunta: — Há alguma coisa que desconheça sobre mim ou sobre a minha família?

— A essas alturas, provavelmente quase nada — admitiu ele em tom casual. — Acho a sua família fascinante.

A família dela? — Por quê? — perguntou Mia confusa. — Somos apenas uma família americana comum.

— Porque *você* é fascinante para mim — disse Korum, encarando-a com um olhar âmbar inescrutável. — E quero entender melhor quem você é e de onde vem.

Mia o encarou. — Entendi — murmurou ela, mas, na verdade, não entendia. Por que alguém como ele, um K brilhante com uma posição tão alta na sociedade

dele, estaria interessado em uma garota humana comum ia além da compreensão dela.

Subitamente, ele sorriu e a estranha tensão se dissolveu. — Então, que tal me mostrar se você é mesmo uma boa nadadora? — sugeriu ele, soltando-a na água.

Mia sorriu de volta, sentindo-se quase insuportavelmente feliz. — Observe e aprenda — disse ela e foi em direção ao mar profundo com braçadas fortes e uniformes, sentindo-se protegida ao saber que estava muito mais segura em águas profundas com Korum do que em uma piscina rasa com um salva-vidas.

O KRINAR OBSERVOU o inimigo brincando na água com a *caerle* dele.

Inicialmente, ele não entendera bem a atração da garota. Ela parecia uma humana normal. Uma humana bonita, mas nada de especial. No entanto, enquanto continuava a observá-la, ele lentamente começara a notar a delicadeza fina das feições, o tom cremoso da pele pálida. O corpo era pequeno e frágil, mas com curvas perfeitas nos lugares certos. E havia uma sensualidade inocente na forma como ela se movia, no ângulo em que mantinha a cabeça ao falar.

Chocado, o K percebeu que queria enterrar os dedos nos cabelos cacheados e grossos, sentir o cheiro dela, lamber-lhe o pescoço e sentir a onda quente de sangue nas veias da garota através da pele macia. Aquela era a melhor parte sobre o sexo com mulheres humanas, saber que, a apenas uma pequena mordida de distância, o paraíso estava à espera.

O desejo o pegou de surpresa. Não era parte do plano dele. Ele se considerava acima de tais bobagens, de tais vontade primitivas. Ele raramente se permitia o prazer, não podia deixar que nada o distraísse. Havia coisas demais em jogo para descartar tudo em nome do rápido prazer físico.

Com um esforço heroico, ele afastou a fantasia e concentrou-se na tarefa à frente.

CAPÍTULO DEZ

Depois de nadarem, Korum a levou de volta para casa, entrou no chuveiro e saiu dois minutos depois, movendo-se como um redemoinho.

Divertida, Mia ficou parada quando ele parou para lhe dar um beijo rápido na

testa e praticamente voar porta afora.

Depois que ele partiu, Mia também tomou um banho e fez um lanche de manga com nozes, preparando-se para outra apresentação possivelmente longa. Depois, colocou a pulseira que Korum lhe dera no dia anterior e sentou-se confortavelmente no sofá, mergulhando no espetáculo.

O segundo dia do julgamento começou com o alarme já familiar.

Como antes, Mia abriu caminho pela multidão em direção ao pódio de Korum e sentou-se sobre ele. Dessa vez, recusou-se a tocar na imagem virtual dele, sentindo o rosto quente ao se lembrar do que ele fizera com ela na última noite como resultado das ações do dia anterior.

Naquele dia, houve menos cumprimentos e preliminares. Depois que os acusados e o Protetor apareceram na arena, o público ficou completamente em silêncio, observando com extremo interesse à medida que o julgamento se desenrolava.

Como na última vez, Loris estava todo vestido de preto. A expressão no rosto dele estava tensa e concentrada e o olhar que ele lançou na direção de Korum era tão cheio de raiva e amargura que Mia involuntariamente estremeceu. Depois de alguns segundos, ele pareceu se controlar e as feições se suavizaram, deixando o rosto sem expressão.

Dando um passo à frente, ele se dirigiu aos espectadores em voz alta. —

Caros habitantes da Terra e cidadãos de Krina! Foram mostradas a vocês

provas de um terrível crime. Um crime tão horrível que é quase difícil de acreditar. E, se fossem acreditar nas gravações que foram mostradas ontem, obviamente julgariam essas pessoas, incluindo o meu filho, culpadas.

— Mas precisam se perguntar: isso é plausível? Como sete jovens, sem histórico algum de desvio social, subitamente conspiram para deportar à força cinquenta mil krinars da Terra, colocando a vida de todos nós em perigo ao fazer isso? Colocando a *minha* vida em perigo? Como podem planejar essa trama elaborada, dando armas e tecnologias dos krinars para humanos? E com que finalidade? Uma chance de ajudar os humanos? Isso faz algum sentido para vocês?

A multidão estava mortalmente silenciosa. Mia prendeu a respiração, incapaz de afastar os olhos do homem de preto parado de forma tão impositiva na arena.

— Bem, não fazia sentido para mim. Eu conheço meu filho e ele tem suas falhas. Mas aspirante a assassino em massa não é uma delas. E é por isso que tive que avançar e assumir a função de Protetor, porque esse julgamento é uma farsa. É um ataque muito real a esses jovens e não tenho outra opção além de defendê-los...

Virando-se por um rápido momento, Mia olhou para Korum, tentando ver a reação dele ao que estava sendo dito. Havia um olhar de diversão calma no rosto dele, que parecia estar assistindo com atenção polida.

— Conversei extensamente com Rafor e com cada um dos amigos dele. E

nenhuma das histórias deles corresponde a isso — continuou Loris. — Na verdade, eles estão totalmente confusos. Tão confusos que não se lembram de ter feito nada parecido com aquilo de que foram acusados. Tão confusos que mal conseguem se lembrar dos principais eventos do ano que passou...

— Agora, sei o que muitos de vocês estão pensando. Obviamente, se fossem culpados, fingir não se lembrar seria uma excelente forma de acabar com o julgamento, de lançar alguma dúvida sobre a validade dessas acusações. E esse também foi o meu pensamento inicial... E foi por isso que pedi que fosse feita uma varredura de memória pelos principais especialistas em mentes que estão na Terra. Quatro laboratórios de mente realizaram os exames, localizados no Arizona, na Tailândia, em Fiji e no Havaí, e os resultados são inquestionáveis.

— A memória de todos os sete acusados foi violada.

Um murmúrio chocado percorreu a multidão e Mia viu os olhares surpresos no rosto dos Conselheiros. Olhando novamente para trás, ela viu que

agora a testa de Korum estava quase imperceptivelmente franzida. Ele parecia confuso.

— A maioria de vocês sabe que não há muitas pessoas capazes de fazer algo parecido com isso. Na verdade, acho que há menos de trinta indivíduos neste planeta que têm alguma coisa a ver com manipulação da mente. No entanto, um estimado membro do Conselho vem à mente...

Outro murmúrio percorreu a multidão depois da última frase e Saret lentamente se levantou atrás do pódio. — Você está *me* acusando de alguma coisa? — perguntou ele em tom de completa descrença.

— Sim, Saret — disse Loris e Mia ouviu a fúria mal reprimida na voz dele novamente. — Estou acusando você e seu amigo Korum de violarem a memória do meu filho e dos outros. Estou acusando você de violar a mente deles com a meta de avançar seus próprios interesses políticos. Estou acusando Korum de planejar toda a sequência de eventos, incluindo o ataque às colônias, com a única finalidade de me destruir e de perturbar o equilíbrio de poder neste Conselho para satisfazer a ambição insaciável dele. E estou acusando você de ajudá-lo a cobrir os rastros, estuprando a mente do meu filho e dos outros jovens parados à sua frente aqui e agora!

A multidão explodiu em uma cacofonia de discussões e exclamações chocadas e Mia se virou novamente para olhar para Korum. Ela não fazia ideia de como reagir às palavras de Loris. Poderia haver alguma verdade nelas?

Korum estava sentado em completo estado de calma, com a expressão absolutamente impenetrável. Somente as leves estrias amarelas em volta da pupila denunciavam as emoções internas. Levantando-se lentamente, ele se aproximou do centro da arena onde estava o Protetor.

— Muito bem, Loris — disse Korum em tom leve e zombeteiro. — Isso foi muito criativo. Devo dizer que não esperava que você fosse nessa direção.

Mas consigo entender por que faria isso. Matar dois coelhos com uma cajadada só e tudo isso... É claro, ainda há todas as gravações, sem falar em todas as testemunhas, que claramente mostram o seu filho e os consortes dele agindo de forma bastante racional, sem nenhum vestígio de confusão mental...

— Aquelas gravações não valem nada — interrompeu Loris, com o rosto tenso com uma fúria mal controlada. — Como todos sabemos, alguém com a sua perícia tecnológica poderia falsificar qualquer coisa desse tipo...

— Submeterei com prazer as gravações a exames pelos especialistas —

disse Korum, dando de ombros. — Você até mesmo pode escolher alguns dos

especialistas, desde que apostem a reputação deles na veracidade dos resultados.

E, é claro, os outros Conselheiros já interrogaram as testemunhas.

Conselheiros, havia alguma coisa na história de alguma delas que contradiz as gravações?

Em resposta, Arus se levantou. Engolindo em seco nervosa, Mia observou quando mais um dos oponentes de Korum andou em direção ao centro da arena. E se ele ficasse do lado de Loris? Korum ficaria encrencado? Ela não conseguia suportar a ideia de que alguma coisa acontecesse a ele como resultado daquelas acusações.

— Eu falarei em nome do Conselho — disse Arus com uma voz profunda e calma. Mais uma vez, havia alguma coisa no olhar aberto e direto no rosto dele que fez com que Mia quisesse confiar nele, gostar dele. Ela percebeu que era uma característica muito útil para um político, especialmente para um embaixador.

— Apesar de eu querer muito apoiar a missão de Loris de proteger o filho

— disse ele —, não há dúvida alguma de que todas as testemunhas entrevistadas até o momento, dos membros da Resistência aos guardiães envolvidos na operação, contaram uma história muito similar. E, infelizmente, Loris, as histórias confirmam as gravações. — Parecia haver uma tristeza genuína na voz de Arus quando ele disse aquilo.

— Testemunhas podem ser subornadas...

Arus balançou a cabeça negativamente. — Não tantas assim. Reunimos mais de cinquenta depoimentos de indivíduos completamente diferentes, tanto humanos quanto krinars. Lamento, Loris, mas há simplesmente testemunhas demais.

— Então, como você explica a perda de memória? — perguntou Loris em tom amargo, encarando Arus com ressentimento.

— Não tenho como explicar isso — admitiu Arus. — O Conselho terá que investigar essa questão...

— Talvez eu possa sugerir uma possibilidade — disse Korum. Mia praticamente sentiu o burburinho de ansiedade na multidão. — Há uma estratégia de defesa em julgamentos humanos que é frequentemente usada em países desenvolvidos.

Ela envolve tentar provar que o acusado é insano, mentalmente incapaz de enfrentar julgamento. Porque, veja, se eles são julgados como mentalmente incapazes, não podem ser responsabilizados pelas ações deles. E, em vez de serem punidos, são enviados para tratamento.

— Agora, o Protetor está totalmente ciente de que as provas indicam que

os acusados são culpados. É claro, não pode alegar que o filho é insano e, portanto, não sabia o que estava fazendo. Não, ele não pode alegar isso. Mas *pode* dizer que a mente do filho foi violada, que as lembranças dele foram apagadas. É claro, o fato é que só há uma pessoa que se beneficiaria com a perda de memória de Rafor e dos outros traidores. E essa pessoa não sou eu nem é Saret.

— Você está me acusando de violar a mente do meu próprio filho? —

Loris perguntou incrédulo e Mia viu quando as mãos dele se fecharam em punhos.

— Diferentemente de você, não acuso sem provas — disse Korum, lançando-lhe um sorriso frio. — Estou só aventando uma possibilidade.

O burburinho da multidão ficou mais alto. Curiosa para ver como Saret reagia a tudo aquilo, Mia voltou a atenção para o pódio dele. Saret observava os acontecimentos com um olhar ligeiramente divertido no rosto, como se não conseguisse acreditar que fora arrastado para aquilo tudo. Mia se sentiu mal por ele. Não que ela soubesse muito sobre a política dos krinars, mas o amigo de Korum parecia ser alguém que não gostava de ser pego no meio do fogo cruzado.

O amante, por outro lado, estava claramente no elemento dele. Korum estava divertindo-se com a fúria imponente do inimigo.

— Todas as suposições e acusações são inúteis a essa altura — disse Arus. A multidão ficou em silêncio novamente. — O Conselho terá que examinar os resultados dos laboratórios antes que possamos prosseguir naquela direção. Enquanto isso, mostraremos os depoimentos de todas as testemunhas disponíveis para lançar um pouco mais de luz neste caso. — E, com um gesto leve, ele abriu uma imagem tridimensional, como Korum fizera no dia anterior.

Mais gravações, percebeu Mia, suspirando ao notar que o julgamento naquele dia provavelmente duraria mais tempo. Se pretendiam exibir o depoimento de cinquenta testemunhas, o julgamento provavelmente entraria pela noite.

Sentando-se em uma posição ainda mais confortável no pódio de Korum, Mia se preparou para uma sessão de depoimentos longa e possivelmente entediante.

O KRINAR ASSISTIU às gravações com satisfação.

Tudo funcionara de forma muito perfeita, exatamente como ele esperara.

Ninguém saberia a verdade, não até que fosse tarde demais para fazer alguma coisa.

Ele estava feliz por ter tido a percepção de apagar as lembranças dos Kapas. Agora, nunca conseguiriam explicar nem apontá-lo como líder por trás da rebelião.

Ele estava seguro e conseguiria implementar o plano em paz.

Particularmente se conseguisse manter a mente longe de uma certa garota humana.

CAPÍTULO ONZE

Depois de cerca de cinco horas assistindo às gravações, Mia cansou.

Saindo do julgamento virtual, ela se levantou do sofá e foi para a cozinha pegar algo para comer. Era realmente exaustivo prestar atenção por tanto tempo e ela não sabia como Korum e os outros Ks conseguiram ficar sentados lá, com tanta atenção, durante aquele tempo todo.

Como antes, a casa preparou para ela uma refeição deliciosa. Sentindo-se ousada, Mia pediu o prato krinar tradicional mais popular, contanto que fosse adequado para consumo humano. Quando o prato chegou alguns minutos depois, ela quase gemeu de fome, com a boca salivando por causa do aroma apetitoso. Parecia ser novamente um cozido, com um sabor rico e salgado que lembrava vagamente carneiro. É claro, ela não comia aquele tipo de coisa havia mais de cinco anos e podia ser simplesmente fruto da imaginação. Como todas as comidas dos Ks que provara até então, aquele cozido também eram inteiramente

vegetariano.

Ainda estava claro quando Mia terminou de comer e ela decidiu se aventurar do lado de fora por algum tempo. Ela calçou um par de botas e colocou um vestido simples cor de marfim, pediu à casa que a deixasse sair e sorriu satisfeita quando a parede se dissolveu, como normalmente fazia para Korum. Pegando o dispositivo parecido com um *tablet* que Korum lhe dera no dia anterior e uma toalha, Mia foi em direção às cachoeiras, ansiosa para passar algumas horas lendo e aprendendo mais sobre a história dos krinars.

Chegando ao destino, Mia encontrou uma área gramada que não parecia ter formigueiros por perto. Estendendo a toalha, ela se deitou de bruços e mergulhou no drama do fim da primeira Era de Ouro dos krinars.

— OLÁ? Mia? — O som de uma voz desconhecida chamando seu nome fez com que Mia deixasse de lado a história.

Assustada, Mia olhou para cima e viu uma jovem humana parada a alguns metros de distância. Vestida com roupas krinars, ela parecia vagamente ser do Oriente Médio, com olhos castanhos grandes, cabelos pretos ondulados e a pele com um tom de oliva.

— Sim, olá — disse Mia, levantando-se e olhando para a recém-chegada.

À primeira vista, a mulher — na verdade, quase uma garota — parecia ter por volta de vinte anos. Mas havia algo nela que fez com que Mia achasse que talvez fosse mais velha. Apesar de não ter a aparência vívida de Maria, havia uma beleza calma, quase luminosa no rosto em formato de coração e no corpo alto e esguio. Outra *caerle*, percebeu Mia.

— Sou Delia — disse a garota, abrindo um sorriso gentil. Ela falou em krinar. — Maria me disse que a conheceu ontem e eu queria lhe dar as boas-vindas a Lenkarda.

— É um prazer conhecê-la, Delia — disse Mia, sorrindo de volta. —

Como sabia onde me encontrar?

— Eu parei na casa de Korum, mas não havia ninguém em casa —

explicou Delia. — Resolvi pegar o caminho cênico para casa e vi que estava lendo aqui. Espero que não se importe, eu não pretendia interromper...

— Ah, não, nem um pouco! — garantiu Mia. — Estou feliz por ter passado aqui. Sente-se, por favor. — Gesticulando na direção da outra ponta da toalha, Mia se sentou. Delia sorriu e juntou-se a ela, abaixando-se graciosamente sobre a toalha.

— Faz tempo que você mora em Lenkarda? — perguntou Mia, estudando a outra garota com curiosidade.

— Moro aqui desde que o Centro foi construído — respondeu Delia. —

Na verdade, pode-se dizer que sou uma das residentes originais.

Mia arregalou os olhos. A garota era uma *caerle* havia quase cinco anos?

Ela devia ter conhecido o krinar logo depois do Dia K. — Isso é incrível —

disse ela. — Você gosta de morar aqui?

Delia deu de ombros. — É um pouco diferente do que estou acostumada.

Prefiro minha casa antiga, para falar a verdade, mas Arus precisa ficar aqui...

— Arus? — Seria o mesmo Arus que ela acabara de ver virtualmente?

— Sim — confirmou Delia. — Você já ouviu o nome?

— Ouvi — disse Mia com cuidado, sem saber o quanto poderia dizer a alguém que, pelo jeito, tinha um relacionamento com o oponente de Korum. —

Ele é do Conselho, certo?

Delia assentiu. — Sim, e também está encarregado das relações com os governos humanos.

— Ah, sim, é verdade — disse Mia, tentando imaginar o quanto a garota sabia sobre a aparente tensão entre os amantes delas.

Como se tivesse lido a mente dela, Delia lhe lançou um olhar reconfortante. — Você não precisa se preocupar, Mia — disse ela. — Apesar de nossos *cherens*

terem suas diferenças políticas, não estou aqui como representante de Arus nem nada parecido. Eu só achei que talvez você estivesse se sentindo um pouco oprimida com tudo e gostaria de alguém com quem conversar...

Mia deu um sorriso amarelo. — Desculpe, eu não quis insinuar...

Delia sorriu de volta. — Você não insinuou. Não se preocupe com isso. Eu só quis deixar as coisas bem claras e tranquilizá-la.

— Há quanto tempo você e Arus estão juntos? — perguntou Mia, ansiosa para mudar de assunto. — E como foi que você chamou Arus? *Cheren*?

— Sim — disse Delia. — *Cheren* é como uma *caerle* chamaria o amante.

— Entendi. — Agora ela tinha um termo krinar para o que Korum era dela.

— E como você conheceu Arus? Foi logo depois que eles chegaram.

— Eu o conheci há muito tempo. — Delia abriu um sorriso calmo. — E

você? Está com Korum há muito tempo?

Mia balançou a cabeça negativamente. — Não, só o conheci há cerca de um mês em Nova Iorque, no Central Park.

— Quando você fazia parte da Resistência? — perguntou Delia, olhando para ela com olhos castanhos grandes e líquidos.

Mia corou de leve. Todos em Lenkarda pareciam saber sobre o envolvimento dela com a tentativa de ataque às colônias. — Não — disse ela.

— Só conheci os combatentes da Resistência depois.

— Então, você primeiro se tornou *caerle* de Korum e *depois* entrou para a Resistência? — Delia parecia perplexa com aquela sequência de eventos.

Mia suspirou. — Eles me abordaram logo depois que eu o conheci e concordei em ajudar. Na época, achei que estava fazendo a coisa certa.

— Entendi — disse Delia, estudando-a com cuidado. — Suponho que Korum não seja um *cheren* nada fácil, não é?

A cor na face de Mia ficou mais forte. — Não sei o que quer dizer —

disse ela, encarando Delia com a testa ligeiramente franzida.

— Desculpe. — Delia parecia um pouco arrependida. — Eu não pretendia me meter no seu relacionamento. É só que você parece tão jovem e vulnerável...

— Não devo ser muito mais nova do que você — disse Mia um pouco ofendida com a suposição da garota.

Delia riu, balançando a cabeça. — Desculpe, Mia. Fui inconveniente de novo, não fui? Olhe, eu não queria insultar você de alguma forma... Só o que quis dizer é que sei como pode ser difícil no começo, estar envolvida com um deles. Seu *cheren* também tem uma certa reputação de ser implacável e acho que só queria ter certeza de que está tudo bem com você...

— Eu estou bem — disse Mia, franzindo a testa novamente. Ela não precisava ouvir daquela garota sobre a reputação de Korum. Ela sabia melhor do que ninguém como o amante podia ser implacável.

— É claro — disse Delia em tom gentil. — Posso ver que está.

— E como você conheceu Arus? — perguntou Mia, querendo levar a conversa para um caminho diferente.

Delia sorriu. — É uma longa história. Se quiser, posso contá-la a você algum dia. — Levantando-se, ela disse: — Arus acabou de me dizer que o julgamento terminou e ele está a caminho de casa. Preciso ir embora. Foi realmente muito bom conhecer você, Mia. Espero encontrá-la novamente em breve.

Mia assentiu e também se levantou. — Obrigada, também foi muito bom conhecer você. Eu acho melhor ir embora também.

— Não é uma má ideia — disse Delia, ainda sorrindo. — Aposto como Korum ficará imaginando onde você está.

Mia fez um gesto com a mão. — Ah, ele sabe, depois de me brilhar.

— É claro — disse Delia e, por um segundo, surgiu algo parecido com pena no belo rosto sereno. Antes que Mia pudesse analisar a expressão, a garota

acrescentou: — Escute, Maria está organizando uma pequena reunião na praia daqui a umas três semanas. Uma espécie de piquenique, se preferir chamar assim. É o aniversário dela e ela comentou que queria que eu a convidasse caso a encontrasse hoje. A maioria das *caerles* de Lenkarda estará lá e talvez seja uma boa forma de conhecer mais de nós e fazer algumas amigas...

Uma festa de *caerles* na praia? Mia sorriu, animada com a ideia. — Ah, irei com certeza — prometeu ela.

— Isso é ótimo — disse Delia com o sorriso voltando ao rosto. —

Veremos você lá. — E, erguendo a mão, ela passou as costas da mão de leve no rosto de Mia, em um gesto que parecia quase uma carícia. Surpresa, Mia ergueu a mão na direção do rosto de Delia, mas ela já se afastara. A figura graciosa despareceu no meio das árvores

ENTRANDO NA CASA, Mia ouviu sons rítmicos provenientes da cozinha. Curiosa, ela foi investigar e viu que Korum já estava lá, cortando alguns legumes para o jantar. O estômago de Mia roncou e ela percebeu que estava com muita fome.

Vendo-a entrar, Korum afastou os olhos do que fazia e lançou-lhe um sorriso leve que a fez se sentir quente por dentro. — Ora, olá. Eu estava começando a me perguntar se teria que procurá-la na floresta. Você não se perdeu, não é?

— Não — respondeu Mia, sorrindo. — Na verdade, eu conheci outra *caerle*. Uma garota chamada Delia... e ela me convidou para uma festa na praia!

— Delia? A *caerle* de Arus?

Mia assentiu entusiasmada. — Você a conhece?

— Não muito bem — respondeu Korum. — Eu a encontrei algumas vezes nestes anos. — Ele não pareceu particularmente feliz com aquele acontecimento e a expressão esfriou consideravelmente.

— Você não gosta dela? — perguntou Mia com parte da animação anterior desaparecendo. — Ou é só porque ela está com Arus?

Korum deu de ombros. — Não tenho nada contra ela — comentou ele. —

Sobre o que vocês conversaram? E que festa na praia é essa?

— É o aniversário de Maria. E ela está organizando uma reunião das *caerles* que moram aqui em Lenkarda — respondeu Mia. — E nós não tivemos tempo para conversar muito. Delia disse que está com Arus há muito tempo, acho que ela deve tê-lo conhecido logo depois que vocês chegaram. Mas, na maior parte, ela só estava sendo amigável. Ah! E ela me disse um novo termo, que nunca ouvi antes: *cheren*.

Korum sorriu e Mia achou que ele parecia quase aliviado. — Sim, é assim que você me chamaria.

— O que ele quer dizer, exatamente? Há uma palavra humana equivalente ou comparável?

— Não, não há — disse Korum. — Assim como não há uma para *caerle*.

São palavras exclusivas na linguagem krinar.

— Entendi — disse Mia, andando até a mesa e sentando-se em uma cadeira. — Bem, a festa na praia será daqui a três semanas. Não tem problema se eu for, certo?

— É claro que não — disse ele, olhando para ela com um sorriso aconchegante. — Você deve ir, se quiser. Fazer algumas amigas. Acho Maria muito simpática e ela pareceu gostar muito de você ontem.

— Eu também gostei dela — admitiu Mia, sorrindo com a ideia de ver a *caerle* de Arman novamente. — Ela é exatamente como as mulheres latinas são frequentemente retratadas na mídia norte-americana, muito bonita e expansiva. Por falar nisso, esqueci de perguntar a Delia... Você sabe de onde ela é? Estou falando de Delia...

— Da Grécia, eu acho — respondeu Korum, colocando os legumes cortados em uma tigela grande e espalhando um pó marrom sobre elas. Ele mexeu tudo rapidamente, levou a salada para a mesa e serviu-a nos pratos.

Mia rapidamente consumiu a porção e recostou-se na cadeira, sentindo-se repleta. Como tudo o que Korum preparava, a refeição estivera deliciosa, com os sabores familiares de tomates e pepinos combinando bem com as plantas mais

exóticas de Krina. Fora também surpreendentemente saciadora, considerando que eram apenas legumes. — Obrigada — disse Mia. — Estava excelente.

— Fico feliz por você ter gostado.

— Li mais um pouco da história de vocês hoje — disse Mia, observando quando ele se levantou da mesa em movimentos fluidos e carregou os pratos até a parede, onde prontamente desapareceram.

— E o que achou? — Ele voltou para a mesa carregando um prato de morangos.

— Eu fiquei bem chocada — respondeu Mia honestamente. — Não consigo acreditar que a sua sociedade sobreviveu à praga que quase acabou com aqueles primatas. Não sei se os humanos teriam aguentado se oitenta por cento da comida morresse em questão de meses.

— Nós quase não sobrevivemos a ela — disse Korum, mordendo um morango e lambendo o suco vermelho do lábio inferior. Mia suprimiu uma súbita vontade de lambê-lo ela própria. — Mais da metade da nossa população morreu em lutas e batalhas durante aquela época e muitos outros morreram por falta da hemoglobina necessária. Se o substituto sintético do

sangue não tivesse aparecido a tempo, teríamos todos morrido. Da forma como as coisas aconteceram, levamos milhões de anos para nos recuperarmos, para voltarmos ao ponto onde estávamos antes que a praga quase acabasse com os lonars.

Mia assentiu. Ela lera sobre aquilo. O tempo depois da praga fora horrível. No núcleo, os krinars eram uma espécie violenta e aquela violência fora totalmente liberada quando a sobrevivência deles foi ameaçada. Regiões lutaram contra outras regiões, centros atacaram outros centros dentro da mesma região e todos tentaram manter os poucos lonars remanescentes para si mesmos e suas famílias. Mesmo depois que o substituto sintético ficou disponível, os conflitos sangrentos continuaram, pois as perdas terríveis sofridas durante os dias logo depois da praga deixaram cicatrizes profundas na psiquê dos Ks. Quase todas as famílias tinham perdido alguém — um filho, um pai, um primo ou um amigo — e a busca por vingança se tornou uma característica da vida do dia a dia.

— Como vocês conseguiram superar isso tudo? Todas as guerras e as brigas? Como chegaram onde estão hoje? — O pouco que vira da vida dos krinars em

Lenkarda parecia muito diferente da história que acabara de ler.

— Não foi fácil — respondeu Korum. — Levou muito tempo para que as lembranças daquela época desaparecessem. Em algum ponto, implementamos leis para punir comportamentos violentos e transformamos brigas em algo fora da lei. Agora, os desafios na Arena são a única maneira social e legalmente aceitável de buscar vingança e resolver disputas que não podem ser resolvidas de outra forma.

Mia o estudou com curiosidade. — Você já lutou na Arena?

— Algumas vezes. — Ele não pareceu disposto a continuar com o assunto.

Em vez disso, levantou-se da cadeira e perguntou: — O que você acha de um passeio na praia após o jantar?

Mia piscou surpresa. — Ahm, claro. Mas não ficará escuro daqui a pouco?

— Eu consigo enxergar muito bem no escuro. Além disso, há o luar. Você não tem nada a temer.

— Então, claro. — Se ela não fosse devorada pelos mosquitos, poderia ser um passeio muito agradável.

PEGANDO-A PELA MÃO, Korum a conduziu para fora. O sol acabara de se pôr e ainda havia um brilho alaranjado por trás das árvores, que pareciam silhuetas

escuras contra o céu brilhante. A temperatura estava caindo, com o calor do dia começando a se dissipar, e Mia ouviu o barulho de insetos e o farfalhar das folhas com a brisa tropical. A alguns metros de distância, uma iguana grande saiu correndo de cima de uma pedra e escondeu-se nos arbustos, provavelmente tentando evitá-los.

— Como foi o restante do julgamento? — perguntou Mia. — Parei de assistir os depoimentos das testemunhas depois de umas cinco horas.

— Não teve muita coisa de novo — disse Korum, sorrindo para ela. —

Você não perdeu muito.

— Acha que alguém acreditou em Loris quando ele fez aquelas acusações contra você?

— Tenho certeza de que alguns acreditaram. — Ele não soou muito preocupado com aquilo. — Mas ele não tem provas para apoiar as alegações.

— Arus parecia estar do seu lado — disse Mia, desviando-se cuidadosamente de um tronco caído. Estava ficando mais escuro a cada minuto e ainda estavam a uma boa distância da praia.

— Ele não tem outra opção — explicou Korum. — Ele precisa ficar do lado das provas.

— Por que você não gosta dele? — perguntou Mia, olhando para ele. —

Ele não parece ser uma má pessoa...

— E não é — admitiu Korum. — Só um pouco mal orientado em alguns casos. Ele nem sempre vê o panorama completo.

— E você vê?

O sorriso de Korum ficou maior. — Na maior parte das vezes, sim.

Pelos próximos minutos, eles caminharam em um silêncio agradável, com Mia concentrada nos lugares onde pisava e Korum parecendo absorto em pensamentos. Havia algo muito pacífico naquele momento, do brilho suave do crepúsculo ao barulho suave do oceano à distância.

Pela primeira vez, Mia percebeu totalmente como o relacionamento com Korum fora tumultuado até o momento. De muitas formas, era como uma montanha-russa, com muita paixão, drama e empolgação, mas poucos momentos como aquele, em que ela podia passar algum tempo com ele sem que o coração batesse desenfreado, fosse por excitação sexual ou outra emoção forte. Quando ela se imaginara com um namorado, fora dessa forma que sempre vira as coisas: passeios longos e agradáveis, em silêncio, apenas desfrutando da presença da outra pessoa. E, naquele momento, ela podia fingir que era exatamente aquilo que Korum era, um namorado, um amante humano

normal que ela poderia levar para conhecer os pais sem se preocupar, alguém

com quem poderia ter um futuro...

Subitamente, ela bateu com o pé em uma pedra e tropeçou. Antes mesmo que conseguisse fazer qualquer som, Korum a levantou nos braços.

— Você está bem? — perguntou ele, olhando para ela com preocupação.

Em resposta, Mia passou os braços em volta do pescoço dele e deitou a cabeça em seu ombro, sentindo-se incomumente carente. — Estou bem. Só sou desajeitada.

— Você não é desajeitada — negou ele. — Só não consegue enxergar direito no escuro.

— É verdade — disse Mia, inalando o aroma morno da pele dele perto da área da garganta. Ela se sentia estranhamente feliz daquele jeito, com ele segurando-a tão gentilmente nos braços poderosos. Ela se deu conta de que não tinha mais medo dele, pelo menos no nível físico. Era difícil acreditar que, apenas alguns dias antes, ela achou que ele poderia matá-la por ajudar a Resistência.

Ele caminhou por mais alguns minutos, carregando Mia, até chegarem à praia. Colocando-a no chão cuidadosamente, ele manteve as mãos na cintura dela. — Está com vontade de nadar? — perguntou ele e Mia viu a curva sensual dos lábios dele na luz tênue da lua quase cheia.

— Não estou usando roupa de banho — disse Mia, olhando para ele. O ar noturno também estava ficando um pouco mais frio, perfeito para um passeio, mas provavelmente menos agradável na pele molhada.

— Não há ninguém por perto — comentou ele. — Só eu. E eu já vi você nua.

Por algum motivo, aquela declaração simples acabou com a felicidade calma de Mia. Os músculos internos se contraíram com excitação e os mamilos enrijeceram. Subitamente, ela se sentiu muito mais quente, como se o sol ainda estivesse brilhando sobre eles. Olhando para ele, ela perguntou: —

E se alguém aparecer?

— Ninguém virá aqui — prometeu Korum. — Reservei esta parte da praia só para nós hoje à noite.

Ele reservara a praia somente para eles? Ela não sabia que isso podia ser feito. Mas fazia sentido, claro, que, se havia alguém que poderia fazê-lo, seria Korum. Como membro do Conselho, ele provavelmente tinha privilégios especiais em Lenkarda.

Parecendo impaciente com a falta de resposta dela, Korum decidiu

resolver as coisas por conta própria. Dando alguns passos para trás, ele tirou as roupas e os chinelos, largando tudo descuidadamente sobre a areia. A respiração de Mia ficou acelerada. O corpo alto e musculoso estava agora totalmente nu e o luar revelou a ereção entre as pernas dele.

— Tire as roupas — comandou ele com voz suave. — Quero você nua, agora.

Olhando para ele, Mia lambeu os lábios subitamente secos. Ela sentiu o material macio do vestido esfregando nos mamilos enrijecidos e a umidade começando a se acumular entre as pernas. O corpo inteiro ficou sensível, com o coração batendo mais forte e o sangue correndo mais depressa pelas veias.

As lembranças da experiência perturbadora, mas incrivelmente erótica, da noite anterior subitamente voltaram à mente e Mia engoliu em seco, imaginando se ele pretendia lhe ensinar outra lição ou satisfazer alguma outra fantasia que ela não sabia que tinha.

Ele não disse mais nada, simplesmente ficou parado, observando-a em expectativa. Mia perguntou a si mesma se a visão noturna dele era realmente boa. Ela não conseguia ver a expressão dele na luz suave e não fazia ideia do que ele estava pensando.

Com as mãos tremendo ligeiramente, ela lentamente tirou as botas. A areia estava fria sob os pés descalços, sem reter o calor do sol.

— Agora, o vestido — pediu Korum. Havia uma rouquidão na voz dele que a fez achar que a paciência estava chegando ao fim.

Mia obedeceu, puxando o vestido por sobre a cabeça e largando-o na areia. Ela estava agora completamente nua e sentiu um ligeiro estremecimento sob a brisa noturna do oceano.

Ele deu um passo na direção dela e estendeu as mãos para segurar-lhe os

ombros, puxando-a para mais perto. — Você é tão linda — sussurrou ele, abaixando-se para beijá-la. As mãos dele saíram dos ombros de Mia e curvaram-se nas nádegas dela, erguendo-a contra ele até que a rigidez do pênis encostasse nela.

A boca de Korum cobriu a de Mia. Ela sentiu o calor suave dos lábios dele e a pressão insistente da língua penetrando em sua boca. Tudo dentro dela se derreteu e ela gemeu de leve, passando os braços em volta do pescoço dele.

Ele segurou as nádegas dela com mais força, apertando os pequenos globos, e, em seguida, abaixou-a até o chão, colocando-a sobre as roupas. Ele abaixou a mão direita, forçando-a a abrir as pernas, e explorou as dobras macias com um toque enlouquecedoramente gentil. Mia se contorceu, erguendo os quadris na

direção dele, querendo mais. Ele obedeceu, com um dedo longo penetrando a abertura dela e encontrando o ponto sensível na parte de dentro. A tensão familiar começou a se acumular dentro dela e ela mexeu os quadris, precisando apenas de um pouco mais... e, em seguida, ela se contorceu com um grito no momento em que os músculos internos latejaram ao chegar ao orgasmo.

Deitada sem forças, ela sentiu as mãos dele afastando as pernas dela ainda mais. A ereção dele encostou nas coxas de Mia, com a ponta do pênis impossivelmente macia e quente. Ele o pressionou contra a abertura dela e Mia prendeu a respiração, esperando a entrada dele, com o corpo instantaneamente desejando mais do prazer que acabara de sentir.

— Diga que me quer — sussurrou ele. Havia algo estranho na voz dele, um tom sombrio que ela nunca ouvira antes.

— Você sabe que sim — disse ela suavemente, sentindo-se como se fosse morrer se ele não a possuísse naquele minuto. A pele estava tensa demais, sensível demais, como se não pudesse mais conter a necessidade que a queimava por dentro.

— Quanto? — exigiu ele com voz rouca. — O quanto você me quer?

— Muito — admitiu Mia, olhando para ele. Os músculos pélvicos se contraíam com desejo e o clitóris latejava. O que ele queria dela? Será que não via o quanto o corpo dela precisava do dele?

Ele abaixou a cabeça, beijando-a novamente, no momento em que pressionou o pênis e penetrou-a em uma investida violenta. Mia gritou sob os lábios de Korum, subitamente preenchida. Antes que conseguisse se adaptar à sensação, ele começou a se mover, com os quadris investindo e recuando. O

ritmo intenso reverberou dentro dela de tal forma que a fez esquecer o estranho comportamento dele. Ela ouviu os próprios gritos, apesar de não ter consciência de emiti-los. O ritmo intenso dele de alguma forma aumentava a tensão dentro dela...

E então ele parou, quando ela estava a segundos de gozar. Frustrada, Mia gemeu, contorcendo-se sob ele, incapaz de controlar os movimentos convulsivos do corpo. — Korum, por favor...

— Por favor o quê? — murmurou ele, afastando-se dela. A mão dele abriu caminho entre os dois corpos e ele pressionou os dedos ligeiramente sobre o clitóris dela, mantendo-a equilibrada na fronteira exótica entre o prazer e a dor.
— Por favor o quê?

— Por favor, continue me fodendo — sussurrou ela, quase incoerente por

causa do desejo. Ele pressionou com mais força contra as dobras dela e Mia gritou, com a tensão dentro dela ficando ainda maior.

— Diga que me ama — comandou ele e Mia ficou imóvel. As palavras estranhas penetraram o transe, tirando-a por um segundo da névoa sensual.

— Diga, Mia — disse ele bruscamente. O dedo dele deslizou para dentro dela, encontrando o ponto que sempre a deixava louca e pressionando-o ritmadamente até que ela estava quase gritando de frustração. O corpo dela se contorcia nos braços dele.

Quase louca, ela gritou — Sim! Por favor, Korum... Sim!

— Sim o quê? — Ele foi implacável, sem deixar de lado a exigência.

— Eu amo você — soluçou ela, sabendo que se arrependeria mais tarde, mas incapaz de se conter. — Korum, por favor... eu amo você!

Os dedos dele se afastaram e ela sentiu o pênis novamente penetrando-a.

Ela estremeceu de alívio quando ele retomou as investidas, chegando às profundezas dela, enchendo o vazio latejante. Ao mesmo tempo, ele enterrou a mão nos cabelos dela, expondo-lhe a garganta. Mia sentiu o calor da boca de Korum no pescoço e a dor familiar da mordida. Quase instantaneamente, o mundo se dissolveu em um borrão de sensações e o clímax tão esperado a atingiu com tanta força que ela quase desfaleceu por alguns segundos, mal ouvindo o grito rouco dele ao gozar um minuto depois.

O restante da noite transcorreu em um borrão. Ele a possuiu várias vezes em um frenesi induzido pelo sangue até que ela não conseguiu mais gozar, com a garganta dolorida de tanto gritar e o corpo exausto dos orgasmos sem fim.

Nada daquilo parecia real. Os sentidos de Mia estavam insuportavelmente aguçados da substância da saliva dele, a mente totalmente vazia e o corpo inteiro capturado no êxtase extremo do toque de Korum.

Finalmente, em algum momento antes da alvorada, Mia desmaiou nos braços dele, com as ondas batendo na praia a alguns metros e a lua brilhando sobre os corpos entrelaçados.

CAPÍTULO DOZE

A brindo os olhos na manhã seguinte, Mia olhou para o teto e as lembranças da noite anterior invadiram-lhe a mente.

Ela dissera a ele que o amava, lembrou-se com uma sensação estranha na barriga. Como uma idiota, deixara que ele arrancasse a única camada de proteção que ainda tinha, expondo o coração e a alma. Agora, poderia brincar com os sentimentos dela, da mesma forma que brincava com o corpo. E por quê? Por que ele fizera isso com ela? Não era o bastante controlar totalmente a vida dela? Tinha que possuí-la também em um nível emocional, acabando com o último vestígio de privacidade que tinha?

Ela poderia negar aquilo hoje, dizer que ele a torturara para que falasse aquelas palavras. O que seria verdade. Mas ele saberia que estava mentindo se tentasse recuar da confissão relutante.

Resmungando, Mia enterrou a cabeça no travesseiro, desejando poder dormir por mais tempo. A última coisa que queria era enfrentá-lo.

Depois de um minuto, ela se convenceu a levantar e tomar um banho. Para sua surpresa, não havia qualquer traço de areia no corpo. Korum devia tê-la levado para casa e lavado-a em algum momento durante a manhã. Ela não se lembrava daquela parte. Também ficou surpresa por não sentir qualquer dor depois da maratona sexual da noite anterior. Em Nova Iorque, Korum frequentemente precisava usar o dispositivo de cura nela depois de uma noite como aquela. Mia chegou à conclusão que ele provavelmente fizera isso enquanto ela dormia.

Entrando sob o jato quente do chuveiro, ela fechou os olhos e tentou pensar em alguma outra coisa além de Korum.

Acabou sendo uma tarefa impossível. A mente continuava voltando para o que diria quando o visse, como ele agiria, se estaria com o mesmo humor zombeteiro de sempre... Ela desejou desesperadamente poder desaparecer por alguns dias, voltar para o próprio apartamento... mas, obviamente, isso não seria possível.

Saindo do chuveiro, Mia se secou e vestiu o roupão. Preparando-se para um possível encontro, ela foi para a sala de estar. Para seu alívio, Korum não estava lá. Mia achou que ele provavelmente estava no julgamento. Olhando para o relógio, ela ficou chocada ao ver que já eram três horas da tarde.

Ela foi até a cozinha, pediu um prato de frutas para o café da manhã e levou-o consigo para a sala de estar. Provavelmente era tarde demais para entrar no mundo virtual do julgamento. Se tivesse começado no mesmo horário do dia anterior, as apresentações terminariam em poucas horas. Portanto, Mia se enrolou no sofá e tentou se distrair lendo o último livro de Dan Brown.

ERGUENDO O ROSTO, Mia olhou para o relógio. Eram quase cinco horas da tarde.

Ela sentiu o estômago roncar e lembrou-se de que mal comera o dia todo. Ela ainda estava de roupão e chinelos.

Levantando-se, Mia foi até o quarto e colocou um vestido bonito, branco e rosa, e sandálias sem salto. Mia não sabia quando Korum sairia do julgamento, mas, no dia anterior, ele chegara no fim da tarde e já estava preparando o jantar quando ela voltara da conversa com Delia. Por algum motivo, ela não queria parecer desleixada quando ele chegasse em casa, apesar de não saber por que se importava com isso. Por um breve segundo, ela pensou em sair para um passeio, na esperança de evitá-lo por mais algum tempo. Mas decidiu que era melhor não

ser covarde. De qualquer forma, ela não conseguiria ir muito longe nem para algum lugar onde ele não a encontrasse imediatamente. Os dispositivos de rastreamento na palma das mãos dela transmitiam a localização a ele o tempo todo. Era melhor simplesmente enfrentá-lo e acabar logo com aquilo.

Ele chegou em casa uma hora depois.

Ouvindo Korum entrar, Mia ergueu o olhar do livro e o coração saltou no peito quando o viu. Vestido com as roupas mais formais do julgamento, ele estava simplesmente maravilhoso. A pele dourada contrastava com o branco da camisa e o corpo poderoso enfatizava o corte perfeito da roupa. O olhar nos olhos cor de âmbar era surpreendentemente acolhedor, como se ele não

tivesse passado a noite anterior torturando-a com o objetivo de expor os sentimentos tolos dela.

Enquanto Mia o observava desconfiada, ele se aproximou e ergueu-a do sofá para lhe dar um beijo rápido.

— Tenho uma surpresa para você — disse ele, colocando-a em pé com cuidado e mantendo as mãos na cintura dela.

— Uma surpresa? — perguntou Mia.

Korum assentiu, sorrindo. — Vamos sair para jantar com Saret e um dos assistentes dele.

— Está bem... — disse Mia, franzindo a testa ligeiramente. — Parece uma boa ideia. Mas qual é a surpresa?

O sorriso dele ficou maior. — O motivo pelo qual vamos encontrá-los é porque eles querem saber mais sobre o seu conhecimento e a sua experiência em psicologia. Assim, poderão saber onde e como você seria útil no laboratório de Saret.

— O que quer dizer? — Mia mal conseguiu acreditar no que ouvira. — O

que o laboratório de Saret tem a ver com isso?

— Bem, como a faculdade e a carreira são tão importantes para você —

disse Korum —, quis garantir que não a estivesse privando de nada ao trazê-la para cá. Você pareceu interessada na especialidade de Saret naquele dia e, pelo que entendi, sua área de estudo é similar à dele. Um dos assistentes dele partiu recentemente, abrindo uma vaga no laboratório. É claro, já há uns dez candidatos para a vaga, mas eu o convenci a aceitá-la por alguns meses só para ver como se sai. Obviamente, será uma excelente oportunidade de aprendizagem para você. Mas talvez também queira dar a ele algumas percepções únicas, dado o seu histórico...

— E ele concordou em me aceitar? Uma humana? — Mia perguntou incrédula, com o coração saltando dentro do peito.

— Ele concordou — respondeu Korum. — Ele me deve alguns favores.

Além do mais, ele disse que gosta de você.

— Você está me dizendo que posso trabalhar em um laboratório dos Ks, ao lado do maior especialista em mentes? — perguntou Mia lentamente, precisando ouvir a confirmação dele, só como garantia. Ela estava quase hiperventilando de empolgação. Aquela era uma oportunidade inacreditável e impossível. Quantos humanos tiveram uma chance como aquela, de estudar a mente dos krinars da perspectiva deles? Cientistas teriam vendido a alma ao diabo para estar no lugar dela naquele momento. Mia queria pular e gritar, e

sabia que tinha um sorriso enorme no rosto.

— Se estiver interessada — disse ele casualmente. Mas havia um brilho nos olhos dele que mostrava que sabia exatamente o quanto aquilo significava para ela.

— *Se* eu estiver interessada? Ah, Korum, eu nem sei como agradecer —

disse Mia animada. — Obviamente, essa é uma oportunidade fenomenal para mim! Muito, muito obrigada!

Ele sorriu, parecendo satisfeito consigo mesmo. — É claro. Estou feliz por você ter gostado da ideia. Quanto a como você pode me agradecer... — No olhar dele, surgiu um tom dourado familiar. Ele se sentou no sofá e puxou-a para que se sentasse ao lado dele. — Um beijo seria ótimo — disse ele em tom suave.

O sorriso de Mia desapareceu e ela ficou tensa, lembrando-se da noite anterior. Por um momento, ela se esquecera do que ele fizera, do que a forçara a dizer, distraída demais com a oportunidade incrível que apresentara. Mas, agora, tudo voltou à mente. Ele agiria como se nada tivesse acontecido? Em caso positivo, ela ficaria feliz de fazer o mesmo.

Encarando-o nos olhos, Mia enterrou os dedos nos cabelos dele e puxou-lhe a cabeça para mais perto. Os cabelos eram grossos e macios sob as mãos dela e os lábios quentes e macios. O gosto dele era delicioso, como o de uma fruta exótica, e ela o beijou com toda a paixão e empolgação que sentia.

Quando finalmente parou, a respiração dele estava um pouco acelerada e Mia sentiu os próprios mamilos enrijecidos sob o vestido.

— Hmmm, gostei desse agradecimento — murmurou ele, olhando-a com um sorriso suave. — Talvez eu deva encontrar um estágio para você a cada dia.

— Talvez eu morra de empolgação se você fizer isso — disse Mia honestamente. — É sério, isso é muito mais do que eu poderia esperar ou imaginar. Obrigada de novo.

— De nada — disse ele, obviamente gostando da reação dela. — Agora, está pronta para irmos? O jantar é daqui a quinze minutos e não devemos nos atrasar.

Mia se levantou e girou o corpo em frente a ele. — Posso usar essa roupa ou devo me trocar?

— Está perfeita. Basta colocar uma joia e estará pronta para ir.

ELES SAÍRAM DE casa alguns minutos mais tarde, depois que Mia colocou o colar de brilhita de um milhão de anos. Korum já criara a pequena aeronave que os levaria até o local do jantar. Mia passou pela parede que se dissolvera, sentando-se em uma das tábuas flutuantes. Ela já começara a se acostumar com aquele modo de transporte.

— Nós vamos encontrá-los em um restaurante? — perguntou ela, curiosa para saber se tal coisa existia em Lenkarda. Até o momento, a única refeição que comera fora da casa de Korum fora na casa de Arman.

Korum assentiu. — Algo parecido com isso. É chamado de Salão de

Alimentação e teremos um aposento particular lá. A ideia é similar à de um restaurante humano, mas não há garçons. A comida tende a ser muito mais sofisticada do que se tem em casa, com ingredientes mais exóticos do que minha casa ou eu oferecíamos normalmente.

— Então, os Ks se encontram nesse Salão de Alimentação, da mesma forma como iríamos a um restaurante para socializar?

— Exatamente — confirmou Korum. — É um local popular para reuniões de negócios e ocasiões semelhantes. Encontros também, mas a maioria prefere um pouco mais de privacidade nesses casos.

— Por quê? — perguntou Mia quando a pequena aeronave decolou sem qualquer ruído.

— Sexo em público é considerado falta de educação — explicou Korum, olhando para ela com um sorriso malicioso. — E os encontros frequentemente resultam em sexo.

Mia sentiu o rosto ficar quente. — Entendi. Com mais frequência do que na sociedade humana?

— Provavelmente, apesar de eu não ter dados concretos para confirmar essa suposição. Nossa sociedade tende a ser muito mais liberal sobre tais questões. Com a exceção de casais oficiais, todos fazem controle de natalidade, portanto, não precisamos nos preocupar com uma gravidez indesejada. Além do mais, não existem doenças sexualmente transmissíveis entre os krinars. Não há, portanto, motivo real para não nos divertirmos.

De súbito, Mia sentiu um ciúmes extremo e irracional, imaginando Korum

"divertindo-se" com alguma fêmea krinar desconhecida. Ele dissera que ela era a única mulher da vida dele desde que se conheceram e Mia acreditava, pois não havia motivo para mentir. Ainda assim, não conseguiu tirar da cabeça as imagens de Korum entrelaçado com alguma bela mulher K.

Antes que ela tivesse tempo de fazer mais perguntas, a aeronave pousou

suavemente em frente a um grande prédio branco. Com formato similar à casa de Korum, ele também era um cubo alongado com cantos arredondados, mas muito

maior.

Korum saiu primeiro e estendeu a mão para ajudá-la. Mia a aceitou, agarrando-a firmemente. Era a primeira vez que ela saía em público em Lenkarda e sentia-se animada e nervosa sobre encontrar outros krinars. Mas, na maior parte, ela esperava que não parecesse uma idiota para Saret e o assistente dele. Quisera ter uma chance de ler as anotações de algumas das aulas, caso decidissem lhe perguntar o que aprendera até o momento nos estudos de psicologia.

Segurando a mão dela, Korum a conduziu em direção ao prédio. Quando se aproximaram, a parede se dissolveu para que passassem e eles entraram em um grande corredor, com paredes opacas e teto transparente. Ninguém apareceu para recebê-los, mas havia vários Ks, machos e fêmeas, vestidos com uma mistura de roupas formais e casuais.

Ao entrarem, várias dezenas de cabeças se viraram e Mia apertou a mão de Korum com mais força, constrangida por ser o centro das atenções. Mas Korum não deu a menor atenção aos olhares, andando à vontade pelo corredor.

Mia fez o possível para imitar a compostura dele, olhando diretamente à frente e concentrando-se para não olhar para as belas criaturas que os estudavam abertamente. E, na opinião dela, de forma rude.

Parecia que chegariam ao fim do corredor em breve, mas a parede à direita deles se abriu e Korum a conduziu pela abertura. Era uma pequena sala particular onde Saret e outro krinar macho já os esperavam.

Quando entraram, Saret se levantou do banco flutuante e deu um passo na direção de Korum, cumprimentando-o com a palma no ombro dele. O amante de Mia devolveu o gesto com um sorriso breve.

— Fico feliz por terem vindo aqui hoje — disse Saret, olhando para eles

— Mia, é a primeira vez que visita o Salão de Alimentação?

Mia assentiu, sentindo-se um pouco nervosa. Se tudo desse certo, aquele K

logo seria o chefe dela. — Sim, não saí muito ainda.

— É claro — disse Saret. — Seu *cheren* está ocupado com o julgamento, como

muitos de nós. Korum, você conhece Adam?

— Ainda não tive o prazer — disse Korum, virando-se para o outro krinar.

— Mas já ouvi falar muito desse jovem.

Adam se levantou e, para surpresa de Mia, estendeu a mão em um gesto muito humano. — Ouvi falar bastante de você também — disse ele. A voz era

profunda e suave e a forma como ele pronunciou certas palavras em krinar fez com que ele parecesse quase estrangeiro.

Sorrindo de leve, Korum estendeu a mão e apertou a de Adam. — Vejo que ainda não se acostumou com os nossos cumprimentos.

O outro K deu de ombros. — Já estou familiarizado com os costumes, mas eles ainda não são naturais para mim. Como você morou em Nova Iorque por algum tempo, achei que não se importaria. — Em seguida, virando-se para Mia, ele abriu um sorriso largo e disse: — Sou Adam Morre. E você deve ser Mia Stalis, a garota sobre quem ouvi falar muito.

Mia piscou algumas vezes, sem saber ao certo se acabara de imaginar um K apresentando-se com o que parecia nome e sobrenome humanos. — Sim, olá

— disse ela, retribuindo o sorriso. Korum o chamara de jovem e ela ficou imaginando quantos anos ele tinha. Fisicamente, parecia ter a mesma idade que Korum e Saret.

— Adam tem uma criação bem incomum — disse Saret, parecendo sentir a confusão dela. — Venham, sentem-se. Podemos conversar mais durante o jantar.

— Parece uma ótima ideia — disse Korum, puxando dois bancos flutuantes. Mia se sentou em um deles, deixando que ele se ajustasse ao formato do corpo dela, e Korum fez o mesmo. Os bancos flutuaram para mais perto dos outros dois krinars, que também estavam novamente sentados. Os quatro estavam posicionados em um círculo em volta do que parecia uma minúscula mesa flutuante. Ao inspecionar mais de perto, Mia viu que a mesa era, na verdade, uma espécie de *tablet*, cheia de palavras em krinar e imagens de vários pratos apetitosos. Um cardápio, percebeu ela.

— Já pedimos a nossa comida — disse Saret. — Vocês podem escolher.

— Quer que eu peça para você? — Korum perguntou a Mia, com os lábios curvando-se em um sorriso leve.

— Claro — respondeu Mia, feliz em delegar aquela tarefa. Apesar de o tradutor embutido possibilitar que lesse as palavras em krinar, ela não fazia ideia do que eram aqueles pratos.

Korum passou a mão sobre a mesa. — Ok, acabei de pedir para nós dois.

A comida chegará em alguns minutos.

Mia agradeceu e voltou a atenção para os outros Ks com um sorriso.

Saret sorriu de volta com os olhos castanhos brilhando. — Está gostando de seus primeiros dias em Lenkarda?

— É um belo lugar — disse ela sinceramente. — A praia é muito bonita.

Eu cresci na Flórida e senti muita falta da praia em Nova Iorque. Quero dizer, temos o mar e tudo o mais lá, mas não é a mesma coisa.

— Muito sujo e poluído, certo? — perguntou Saret.

— É muito sujo, sim — admitiu Mia. — E cheio de gente. Mesmo no verão, as praias em volta da cidade não são as melhores. E, claro, o clima não é ideal para ir à praia durante a maior parte do ano...

— Você já foi a Jersey Shore ou a Hamptons? — perguntou Adam. —

Aquelas praias são muito mais bonitas.

— Não, não tive a oportunidade — respondeu Mia. — Não tenho carro e, de qualquer forma, normalmente não fico em Nova Iorque no verão. Durante a época de aulas, o clima é bom o suficiente para ir à praia apenas em setembro e normalmente estou ocupada demais para pegar um ônibus e passar um fim de semana inteiro fora. Por que, você já foi lá?

— Na verdade, eu cresci em Manhattan — disse Adam. — Portanto, fui às duas

praias muitas vezes com a minha família.

Mia arregalou os olhos em choque. — Sua família?

Adam assentiu. — Fui adotado por uma família humana quando eu era bebê. Eles não faziam ideia do que eu era, é claro. E nem eu, pelo menos até o Dia K.

— É mesmo? — Mia olhou para ele fascinada. Para ela, ele parecia muito com um K, com os cabelos castanhos escuros, a pele dourada e os olhos cor de âmbar. Ele também tinha o mesmo tipo de movimento, uma graça quase felina comum a muitos predadores. Claro, antes do Dia K, ninguém sabia que os krinars existiam, portanto, era plausível que ele tivesse sido tomado por humano. — Então, você só descobriu recentemente que era um K?

— Eu sabia que era diferente, claro — disse Adam, dando de ombros. —

Mas não fazia ideia de que era, na verdade, de outro planeta.

— Mas como ninguém descobriu? Quero dizer, você devia ser muito mais forte e mais rápido que as outras crianças... E os exames de sangue? E as vacinas?

— Não foi fácil — admitiu Adam prontamente. — Meus pais são pessoas incríveis. Eles perceberam cedo que eu não era um garoto comum da Romênia e fizeram todo o possível para me proteger.

— Mas como isso aconteceu? — Mia ainda estava tentando entender aquela situação tão improvável. — Como você veio parar na Terra como um bebê, e antes mesmo do Dia K?

— É uma longa história — respondeu Adam, subitamente parecendo frio e

muito mais perigoso. Observando-o agora, Mia conseguiu imaginá-lo facilmente assumindo o lugar de Korum uns duzentos anos à frente. — E

provavelmente não é um assunto adequado para o jantar.

— É claro — Mia se desculpou rapidamente. Claramente, ela tocara em um assunto delicado. — Eu não pretendia me intrometer...

— Não se preocupe — disse Adam, sorrindo novamente. — Eu sei que essa

coisa toda é estranha e não a culpo por estar curiosa.

Naquele momento, a comida apareceu, com os pratos emergindo da parede à esquerda de Mia e flutuando até a mesa, que imediatamente se expandiu para uma superfície de tamanho razoável. O prato de Mia parecia ser uma mistura de uns grãos roxos estranhos e vários pedaços verdes e alaranjados de plantas desconhecidas. Tudo estava disposto em formatos elaborados de flores, parecendo mais um trabalho de arte do que um prato de comida.

Korum pedira o mesmo prato para si. Ao colocar a comida na boca, Mia quase gemeu de prazer com a fusão incrível de sabores doces, salgados e picantes. Por alguns minutos, a sala ficou em silêncio enquanto os quatro se concentravam na comida.

Saret terminou a comida primeiro e empurrou o prato, que imediatamente flutuou para longe. Voltando ao tópico anterior da conversa, ele disse a Mia:

— Como pode imaginar, Adam ainda está tentando entender nosso estilo de vida. Em certos aspectos, vocês dois têm muito em comum e foi por isso que eu trouxe Adam comigo hoje. Apesar de ser jovem, ele é um dos meus assistentes mais promissores e, em parte, isso se deve à perspectiva única que ele tem como resultado da criação que teve. Normalmente, eu não aceitaria alguém com vinte e poucos anos, um adolescente em nossa sociedade, mas Adam é muito mais maduro que os krinars típicos dessa idade.

Mia assentiu, começando a sentir a palma das mãos suadas. Agora estavam chegando ao motivo por trás do jantar. Ela afastou o restante da comida para se concentrar melhor em Saret.

— Korum me disse que você tem muito interesse em todos os aspectos da mente. Que, na verdade, foi a área de estudo que escolheu. É verdade? —

perguntou ele, olhando para ela com expectativa.

— Sou estudante de psicologia na Universidade de Nova Iorque —

confirmou Mia. — Pelo que entendi, a psicologia tem um escopo muito menor do que a sua especialidade... mas eu adoraria aprender qualquer coisa relacionada à mente.

— E o quanto você já sabe? O que aprendeu na universidade até agora?

Mia sentiu a mente mudando para o "modo de entrevista" e o nervosismo, de alguma forma, converteu-se em uma clareza maior de pensamento e discurso. Buscando tudo de que se lembrava, ela falou a Saret sobre as aulas de psicologia básica, bem como sobre os cursos mais avançados e especializados que começara a fazer mais recentemente. Falou sobre o trabalho que acabara de escrever sobre psicologia infantil e sobre o estágio que fizera no ano anterior no hospital de Daytona Beach, aconselhando vítimas de abuso doméstico. Explicou também sobre os planos de fazer mestrado e de trabalhar como orientadora para que pudesse influenciar positivamente os jovens em um momento importante da vida.

Saret e Adam escutaram atentamente. De vez em quando, Saret assentia quando ela mencionava alguns dos conceitos principais que aprendera nas aulas. Korum observou tudo em silêncio, parecendo contente em simplesmente assistir enquanto ela falava animadamente sobre o que aprendera.

Finalmente, Saret a interrompeu depois de cerca de meia hora. —

Obrigado, Mia. Isso é exatamente o que eu queria saber. Você parece bastante apaixonada pelo curso que escolheu e acho que seria um acréscimo útil à minha equipe. Pode começar amanhã?

Mia quase pulou de alegria, mas conseguiu se controlar no último momento e simplesmente abriu um sorriso largo para Saret. — É claro! A que horas devo chegar? — Em seguida, lembrando-se de que provavelmente precisava consultar o K que comandava sua vida, ela olhou rapidamente para Korum.

Ele assentiu sorrindo e o sorriso de Mia ficou ainda maior.

— Pode chegar às nove horas da manhã? — perguntou Saret. — Eu sei que você precisa dormir mais do que nós, mas creio que esse é um horário comercial padrão entre os humanos...

— É claro — respondeu Mia animada. — Também posso chegar mais cedo, no horário que é comum para vocês...

Com o canto do olho, ela viu Korum balançando a cabeça negativamente para Saret.

— Não, não é preciso — disse Saret. — Não há urgência alguma e você será mais útil para nós se estiver descansada o suficiente. Chegue às nove, está bem?

Mia assentiu, sentindo-se como se estivesse flutuando. — Claro, mal posso esperar!

Adam sorriu ao ver o entusiasmo dela. — É uma curva de aprendizagem muito íngreme — advertiu ele. — Trabalho no laboratório há dois anos e

posso dizer que ainda aprendo umas cinquenta coisas novas todos os dias.

Mia sorriu novamente, empolgada demais para se sentir intimidada. —

Não tem problema, eu adoro aprender. — Virando-se para Saret, ela disse: —

Muito obrigada por essa oportunidade. Farei o possível para ser útil.

— É claro — disse Saret com um sorriso. — Esperarei você amanhã de manhã. — E, levantando-se, ele repetiu o cumprimento anterior tocando no ombro de Korum antes de sair.

Adam seguiu o exemplo do chefe, levantando-se e apertando a mão de Korum antes de partir. Mia notou que, por algum motivo, ele não lhe ofereceu a mão, apesar de saber que era um tanto rude ignorá-la daquela forma. Ela achou que devia ser algum tipo de tabu tocar nas mulheres, ou talvez na *caerle* de outro K, provavelmente relacionado à natureza territorial dos Ks. Como até mesmo Adam seguia aquele costume particular, devia haver um motivo razoavelmente forte.

Finalmente, Korum e Mia ficaram sozinhos.

Levantando-se, o amante sorriu para ela. — Você foi ótima. Posso dizer que Saret ficou impressionado. Estou muito orgulhoso de você.

Mia sorriu de volta e também se levantou. As palavras dele a deixaram com um brilho feliz. — Obrigada. E obrigada novamente por tornar isso possível.

— De nada — disse Korum, puxando-a para perto e enterrando os dedos nos cabelos dela. Segurando-a contra o corpo e com o rosto dela voltado para o dele, Korum disse em tom suave: — Agora, diga novamente que me ama.

OLHANDO PARA ELE, Mia ficou imóvel, com a euforia desaparecendo e sendo substituída por uma sensação terrível de vulnerabilidade. Ele *não* pretendia ignorar o que acontecera na noite anterior.

Ela umedeceu os lábios. — Korum, eu... — Ela tentou abaixar o olhar, afastá-lo do rosto dele, mas era impossível por causa da forma como ele a segurava.

— Diga, Mia. — Os olhos dele assumiram um tom dourado mais profundo.

— Quero ouvir você dizer isso de novo.

Ela queria desesperadamente negar, dizer a ele que estivera fora de controle na noite anterior, mas as palavras simplesmente não saíam.

Porque ela o amava, tanto que doía, tanto que mal conseguia pensar por causa das emoções poderosas que enchiam-lhe o peito. Em algum momento

nas últimas semanas, ele passara de um estranho perigoso e distante para uma pessoa sem a qual ela não conseguia viver. E, apesar de odiar a perda da liberdade, ela também amava os inúmeros gestos de bondade que ele demonstrava diariamente, a forma como a fazia se sentir tão viva...

Ele tinha razão, ela estivera simplesmente contente com a vida que tinha antes de conhecê-lo. Ela tivera uma vida confortável e, em sua maioria, feliz.

Mas não estivera realmente viva.

— Diga, minha querida — ele pediu suavemente, deslizando a mão dos cabelos dela para o rosto. — Diga...

— Eu amo você — sussurrou Mia, encarando-o, imaginando o que ele diria agora, se, de alguma forma, usaria aquilo contra ela.

Mas ele apenas sorriu e inclinou-se para beijá-la, com os belos lábios tocando nos dela com tanta suavidade que ela sentiu o coração apertado dentro do peito. — Isso a deixa feliz, ter um estágio aqui? — murmurou ele, erguendo a cabeça e olhando-a com um brilho amoroso nos olhos dourados.

Mia assentiu. — É claro — disse ela baixinho. — Você sabe que sim.

— Ótimo. Quero que seja feliz aqui — disse ele suavemente, recuando um passo e soltando-a. Em seguida, pegando a mão dela, ele a conduziu para fora da sala particular e para o corredor.

ELES CHEGARAM EM casa alguns minutos depois.

Durante o breve percurso, Mia manteve o olhar no chão transparente, apesar de mal conseguir enxergar o cenário abaixo, pois a mente estava ocupada pelos eventos da noite. Por algum motivo estranho, era quase libertador se abrir para Korum daquela forma, dizer a ele como realmente se sentia. Agora não precisaria estar constantemente de guarda, preocupada que Korum pudesse descobrir que ela se apaixonara por ele. Não tinha que temer que ele zombasse dela por ser uma jovem boba e confundir sexo com emoções.

Não, ele não zombara dela. Contrário ao que esperara, ele parecera gostar do aspecto emocional. De fato, ele praticamente a forçara a admitir que o amava. Ele não retribuíra com as próprias palavras de amor, mas ela não esperara que o fizesse. Ele dissera no passado que gostava dela e Mia acreditara nele. Mas amor? Alguém como Korum podia verdadeiramente se apaixonar por uma humana? Arman parecia amar Maria, mas o relacionamento

deles era completamente diferente do que Mia tinha com o seu *cheren*.

Não, ela não sabia se Korum algum dia a amaria e não queria enlouquecer pensando nisso. Não naquele momento, não quando se sentia tão feliz e estava tão ansiosa para começar o estágio no dia seguinte.

Eles saíram da aeronave e Korum rapidamente a desmanchou, ativando as nanomáquinas com um pequeno gesto. Mia o observou, sentindo-se como se o coração fosse explodir no peito, incapaz de conter os sentimentos. Cada movimento do corpo alto e musculoso exibia uma força mal dominada. A herança de caçadores dos krinars era evidente na graça predatória com a qual ele se continha. Ele era tão diferente de tudo o que ela imaginara para si — e tão errado para ela de tantas formas —, mas, ainda assim, fora o único homem que a fizera se sentir daquela forma.

Depois que a nave desapareceu, voltando para os átomos individuais, Korum a ergueu nos braços e carregou-a para dentro da casa, indo diretamente para o quarto. Mia o abraçou, desejando desesperadamente contato físico, querendo o prazer incrível que só ele lhe dava.

Eles entraram no quarto e Korum a colocou gentilmente sobre a cama.

Deitada, Mia observou enquanto ele retirava a camisa, revelando o peito e o abdômen musculosos. Em seguida, ele tirou a bermuda e ficou totalmente nu, com o pênis grande já rígido e os testículos balançando pesadamente entre as pernas. O corpo dele era o máximo em beleza masculina, pensou Mia vagamente, com o próprio corpo reagindo à visão com excitação quase instantânea.

Antes que ela tivesse a oportunidade de admirá-lo por inteiro, Korum ficou sobre ela e tirou-lhe o vestido, expondo as regiões baixas ao olhar ardente dele. Sem qualquer preliminar, ele afastou as pernas dela e parou por alguns segundos, parecendo fascinado pela visão.

Com o corpo inteiro corado, Mia tentou fechar as pernas, sentindo-se exposta demais naquela posição. Mas ele não deixou que fizesse isso, não até que tivesse a oportunidade de olhar à vontade. Finalmente, erguendo a cabeça, Korum murmurou: — Você tem a boceta mais bonita que já vi. Eu já lhe disse isso?

Mia balançou a cabeça negativamente, ficando ainda mais vermelha.

— É verdade — disse ele suavemente. — Todas as dobras cor-de-rosa delicadas e o minúsculo clitóris, como uma florzinha linda. — E, antes que Mia pudesse dizer alguma coisa, ele abaixou a cabeça na direção do objeto da admiração, separando cuidadosamente as dobras com os dedos, e a língua

encontrou a área sensível em volta do clitóris.

Sobressaltada pela súbita onda de prazer, Mia gritou e arqueou o corpo em direção à boca de Korum, com o corpo inteiro tenso devido a uma sensação tão intensa que foi quase intolerável. Ela abaixou as mãos para os cabelos dele, apertando-lhe a cabeça, tentando forçá-lo a um ritmo mais rápido que lhe daria alívio imediato. Mas Korum se recusou a ser apressado e a língua continuou os movimentos enlouquecedoramente leves em volta do clitóris, mantendo-a a um passo do orgasmo. E, quando Mia achou que ficaria totalmente louca, ele finalmente pressionou a parte plana da língua sobre o clitóris, movendo-a para a frente e para trás com força suficiente para que ela atingisse o orgasmo com um grito alto e com o corpo inteiro estremecendo com a intensidade do clímax.

Fraca e com a respiração pesada, ela ficou deitada enquanto ele observava o sexo

dela pulsando por causa do orgasmo, com o interesse ainda não totalmente satisfeito. Depois que ela se recuperou um pouco, ele começou a subir nela novamente, mas Mia sussurrou: — Espere.

Para sua surpresa, ele lhe deu ouvidos e parou por um segundo.

Ainda estremecendo ligeiramente depois do que acabara de acontecer, ela se sentou e lançou um olhar desafiador a Korum, estendendo a mão esquerda para acariciar os testículos dele. — É justo dar o troco — disse ela suavemente. — Por que não se deita de costas agora?

Os olhos dele assumiram um tom dourado mais profundo e Mia sentiu os testículos endurecendo na mão. Ela percebeu que, quando tomava iniciativa, como naquele momento, ele ficava excitado.

— Que tal eu ficar de pé? — sugeriu ele e Mia assentiu, gostando ainda mais da ideia. Ela se ajoelhou sobre a cama alta, estendeu as mãos e correu-as pelo peito dele, adorando a sensação dos músculos duros cobertos pela pele macia. Ele era quente e firme e era quase possível acreditar que era a estátua de algum deus grego ou romano que voltara à vida.

A mão direita continuou descendo pelos músculos rijos do abdômen e seguiram o rastro leve de pelos até o sexo dele. Envolvendo o pênis com os dedos, Mia o sentiu ficando ainda mais duro. Ela o acariciou gentilmente, gostando da textura de veludo da pele, e ele gemeu, fechando os olhos, com a expressão no rosto quase beirando a dor.

Encorajada, Mia pressionou os lábios no peito dele e desceu, cobrindo o corpo de Korum de beijos, lentamente ajoelhando-se até que a boca estava logo acima do pênis. Ele prendeu a respiração em ansiedade. Mia sorriu e

lambeu-o, com a língua passando de leve sobre a ponta sensível. Ele gemeu novamente, movendo os quadris na direção de Mia, e enterrou as mãos nos cabelos dela. Isso deixou o rosto dela mais perto do pênis até que ela não teve outra opção além de abrir a boca e deixá-lo entrar.

Ao sentir os lábios dela fechando-se em volta do pênis, ele estremeceu e ela sentiu o gosto levemente salgado. Os músculos internos dela se contraíram quando um tremor de excitação a percorreu.

O prazer dele a deixava excitada, percebeu Mia, adorando o efeito que tinha nele. Ela raramente tinha a oportunidade de fazer aquilo, de tomá-lo na boca e fazê-lo gozar, pois ele estava sempre muito concentrado em deixá- *la* louca, fazê- *la* gritar com êxtase nos braços dele.

Segurando os testículos com a mão esquerda, ela colocou a direita mais abaixo, em volta da base do pênis e começou um movimento lento e rítmico, a cada vez levando-o mais fundo na boca. Ela não tinha como colocá-lo inteiro na boca, claro, mas ele não pareceu se importar, apertando os dedos nos cabelos dela até quase machucá-la.

Ela o sentiu inchando ainda mais, ficando impossivelmente longo e grosso, e um líquido quente e salgado jorrou na boca de Mia quando ele gozou com um grito rouco, jogando a cabeça para trás em êxtase.

Depois de um minuto, os dedos de Korum lentamente soltaram os cabelos de Mia quando ele retirou o pênis flácido da boca da amante. Olhando para ela, ele sorriu. — Isso foi incrível — disse e Mia olhou para ele, lambendo os lábios devagar e sentindo o gosto do que restara da semente dele. Ela não sabia por que achava tão excitante dar prazer a ele. Estava totalmente excitada de novo, como se o orgasmo poderoso que sentira tivesse acontecido dias antes, não apenas minutos.

Subindo na cama, ele a puxou para perto e tirou-lhe o vestido pela cabeça.

Com a visão do corpo nu de Mia, o pênis enrijeceu novamente e as entranhas de Mia se contraíram em expectativa quando ele a puxou, cobrindo-lhe a boca com um beijo intenso.

Em seguida, ele a tomou, possuindo o corpo dela, além de já ser dono do coração e da alma de Mia.

CAPÍTULO TREZE

N os dez dias seguintes, Mia entrou em uma rotina. os dias eram quase inteiramente consumidos com o estágio no laboratório de Saret, enquanto Korum ocupava as noites e, com bastante frequência, as madrugadas.

O estágio no laboratório era um trabalho exigente e mentalmente exaustivo, mas Mia aprendeu mais em alguns dias do que aprendera em todos os três anos na

faculdade. Saret não fazia concessões à ignorância dela nem pelo fato de, como humana, ela ser mais lenta em certas tarefas do que os outros assistentes.

No primeiro dia, ele a colocou junto a Adam e atribuiu a eles três projetos. O

mais interessante deles era descobrir como melhorar o processo de transferência de conhecimento para crianças krinars. Mia aprendeu que a transferência de conhecimento era a forma como os Ks educavam as crianças, essencialmente gravando as informações necessárias nos cérebros em desenvolvimento. Assim, eliminavam a necessidade de aprendizagem de coisas básicas, como leitura, redação, matemática e história.

Depois de dar algumas explicações rápidas sobre a tecnologia altamente avançada usada no laboratório, Saret pediu a Adam que explicasse a Mia a pesquisa que já fora feita até o momento e mostrasse a ela as gravações e os documentos necessários. Quando Mia saiu do laboratório no primeiro dia, já eram mais de dez horas da noite e ela estava completamente exausta. Korum ficara furioso com Saret, mas o novo chefe dela fora surpreendentemente inflexível: Mia teria que trabalhar tanto quanto os outros aprendizes, caso contrário, não haveria lugar para ela no laboratório. Depois de uma grande discussão entre os dois Ks, que incluiu várias ameaças veladas de Korum, Saret relutantemente concordara que Mia iria para casa às sete horas na

maioria das noites, exceto quando estivessem realizando simulações críticas.

Naqueles dias, ela teria que ficar até meia-noite, como o restante da equipe do laboratório. Mia protestou que não se importava, que adorava aprender e ficaria até o horário que fosse necessário, mas Korum se recusou a escutá-la.

— Você é humana e é minha *caerle*. Não vou deixar que se canse desse jeito

— disse ele.

Portanto, a rotina dela fora estabelecida.

Em um esforço de acompanhar a quantidade imensa de informações que recebia todos os dias, Mia colocou várias gravações relacionadas ao trabalho no *tablet* que Korum lhe dera. O *tablet* era à prova d'água e Mia aproveitava os banhos para assistir a alguns vídeos. Korum não ficara nada contente ao descobrir, resmungando que ela estava ainda mais obcecada pelo estágio do que estivera

pelos trabalhos da faculdade, mas não ficou no caminho. Na verdade, ele até mesmo preparou um local confortável para ela no escritório, onde poderia estudar perto dele nas noites em que ele trabalhava nos projetos.

Adam era um parceiro de laboratório indispensável e Mia rapidamente percebeu que Saret fizera um imenso favor a ela colocando os dois juntos nos projetos. O jovem K, que ela descobriu ter apenas vinte e oito anos, era muito inteligente e sentia-se extremamente confortável trabalhando com uma humana.

Quando adolescente, ele fizera uma fortuna no mercado de ações e estabelecera um fundo considerável para a família humana que o adotara, garantindo que tivessem uma vida confortável para sempre. Ele também detinha várias patentes de *microchips* que a Intel e a Apple disputavam para comprar e pretendia fazer um estágio na empresa de Korum alguns anos mais tarde. Para sua surpresa, Mia descobriu que ele, na verdade, tinha uma namorada humana que se recusava a chamar de *caerle*. Quando Mia tentou descobrir mais, sentindo que seria uma história fascinante, ele não quis dar mais detalhes. Prometeu apresentá-la a Mia algum dia e ela teve que se contentar com aquilo.

Nos primeiros dias, Mia se sentiu tão assoberbada que tinha vontade de chorar, com o cérebro doendo pela quantidade de aprendizado que tentava realizar todos os dias. Para ajudá-la, Adam sugeriu que tentassem gravar na mente dela algumas das informações necessárias, como fariam como uma criança krinar. Inicialmente, Mia resistiu à ideia. Mas, depois de lutar com a coleta básica de dados usando alguns dos equipamentos mais complexos do laboratório, acabou concordando. Saret ficara encantado por ter uma cobaia em quem fazer o experimento, mesmo que ela não se qualificasse como criança

nem como krinar, e pediu a Korum permissão para tentar o novo procedimento de gravação em Mia. Depois de interrogar exaustivamente Saret e Adam sobre a segurança e os possíveis efeitos colaterais do processo, o *cheren* deu o consentimento, dizendo a Mia que esperava que aquilo a ajudasse com as dificuldades do período de ajuste inicial. Como resultado, Mia passou a maior parte do fim de semana dentro da câmara de gravação, com o cérebro rapidamente absorvendo todas as informações que Saret considerara serem úteis à assistente.

Quando Mia saiu da câmara no domingo à noite, sentia-se tonta e enjoada, mas sabia o suficiente em neurobiologia para se candidatar a um doutorado honorário

no assunto. Ela também poderia realizar cirurgia em cérebros, particularmente em um krinar, mas não achava que gostaria dos aspectos físicos daquela tarefa em especial. Ao mesmo tempo, ela tinha, pelo menos teoricamente, dominado todos os equipamentos no laboratório de Saret e agora se sentia infinitamente mais confortável com a tecnologia krinar de forma geral.

Depois da gravação, um mundo inteiramente novo se abriu para Mia e a segunda semana no laboratório foi consideravelmente menos estressante que a primeira. Em vez de se sentir como uma idiota desajeitada o tempo inteiro, ela agora sabia como fazer todas as tarefas simples — e muitas das mais avançadas — que Saret exigia dos assistentes. Os outros três aprendizes no laboratório, que inicialmente pareceram achar divertida a presença dela, começaram a tratá-la mais como uma igual, deixando que usasse alguns dos equipamentos e das ferramentas deles. Eles ainda eram reservados perto dela, como se não se sentissem muito à vontade com uma humana entre o grupo, mas Mia não deixou que isso a incomodasse. Houvera inúmeros candidatos krinars para a posição dela e ela só estava lá por causa de Korum. Era compreensível que os outros aprendizes não achassem que ela realmente merecesse a oportunidade. Mas Mia estava determinada a provar que estavam errados.

Agora que tinha uma fundação sólida com a gravação, ela passou a aprender muito mais depressa e conseguiu até mesmo oferecer algumas sugestões a Adam sobre possíveis melhorias no processo de gravação. Ele já pensara na maioria delas, claro, mas, mesmo assim, contou a Saret sobre o progresso de Mia. O chefe disse que ela parecia ter uma aptidão natural para a área de estudo dele, palavras de elogio que ela nunca teria esperado ouvir de um krinar.

Ela gostava tanto de trabalhar no laboratório que ficou imaginando por que

o assistente anterior saíra.

— Não sei ao certo — disse Adam. — Saur simplesmente levantou e foi embora um dia. Ele disse a Saret que estava se demitindo e, no dia seguinte, desapareceu. Ele sempre foi um pouco estranho, meio solitário. Nenhum de nós o conhecia muito bem. Mas ele era realmente inteligente. Fez muitos trabalhos com a manipulação da mente, que é a parte mais complexa do que fazemos. Ninguém o viu novamente depois que ele foi embora. Não acho que ele ainda esteja em Lenkarda.

Em casa, o relacionamento com Korum passara por uma mudança significativa. Depois da primeira confissão de amor, um tanto relutante, ela se sentia como se não tivesse mais nada a esconder e, agora, as palavras saíam com rapidez e facilidade. Korum parecia estar gostando da nova situação, frequentemente exigindo que dissesse o quanto o amava, e havia um brilho terno constante nos olhos dele quando olhava para ela. De vez em quando, ela achava que ele tinha que amá-la também, pelo menos um pouco, mas não queria perguntar por medo de estragar a trégua frágil que parecia reinar entre eles. Em vez disso, pela primeira vez na vida, ela escolheu viver o momento e não mais sofrer pelo passado nem se preocupar com o futuro.

Os dias de Korum eram ocupados com o julgamento e toda a política associada e ele frequentemente falava sobre o assunto durante o jantar. O

Conselho fizera uma investigação sobre a suposta perda de memória dos Kapas e vários especialistas em mente, incluindo Saret, tiveram que testemunhar sobre a validade dos resultados. Começava a parecer que a perda de memória era mesmo real e o veredito final foi suspenso até que o Conselho pudesse descobrir exatamente o que acontecera e quem estava por trás daqueles estranhos eventos. Korum ainda suspeitava que Loris era o culpado, mas não tinha provas suficientes para convencer o restante do Conselho. Como resultados, os Kapas tiveram uma folga temporária enquanto a investigação acontecia.

Todas as noites, Korum fazia jantar para eles, constantemente apresentando a ela comidas novas e exóticas de Krina. Depois, eles iam passear na praia ou sentavam-se no escritório, trabalhando silenciosamente perto um do outro.

Sempre que Mia se permitia pensar sobre a vida que levava em Lenkarda, ficava espantada ao notar como era diferente e incrível em comparação às expectativas que tivera inicialmente. Longe de se sentir como a humana de estimação de Korum, ela acordava todas as manhãs com uma sensação de propósito, empolgada para enfrentar o dia e aprender tudo o que o novo

emprego tinha a ensinar. Depois de voltar para casa, ela desfrutava da companhia do amante e as noites eram consumidas por sexo apaixonado.

Na cama, Korum era insaciável e Mia percebeu que ele se contivera enquanto estavam em Nova Iorque. O desejo que sentia por ela não parecia ter limites e, com frequência, ele a fodia até que Mia estivesse completamente esgotada e

literalmente desmaiasse nos braços dele. Surpreendentemente, o corpo dela parecera se acostumar ao de Korum e ela não precisava mais se preocupar com dores internas nem músculos doloridos ao acordar. Mesmo nas ocasiões em que ele bebia o sangue dela, Mia se recuperava com facilidade incomum.

Ele também começou a introduzir realidade virtual na vida sexual deles.

Agora, pelo menos duas vezes por semana, faziam sexo em uma variedade de locais públicos e particulares, indo do palco de um concerto de Beyoncé ao topo do monte Everest, que fora frio demais para o gosto de Mia. Depois daquela primeira vez no ambiente virtual da boate, ele não a pressionara muito além da zona de conforto, apesar de ela não ter dúvidas de que Korum apenas começara a arranhar a superfície de tudo o que pretendia fazer com ela na cama.

Em alguns dias, ela ficava maravilhada com a própria energia aparentemente inesgotável. Apesar de ficar cansada com mais facilidade do que os colegas krinars no laboratório de Saret, conseguia trabalhar dez ou mais horas por dia e ainda passava várias outras horas com Korum, das quais pelo menos duas eram na cama — ou onde estivessem quando ele tinha vontade de fazer sexo. Ela deveria se sentir exausta e esgotada o tempo todo, mas se sentia muito bem. Mia atribuiu isso ao ar fresco da Costa Rica e à empolgação geral pelo novo trabalho.

Depois de uma semana, ela telefonou a Jessie e contou como estava feliz.

— É mesmo, Mia? Você está feliz aí? — perguntou Jessie em tom incrédulo. — Depois de tudo o que ele fez a você?

— Agora é diferente — Mia explicou à amiga. — Eu estava errada em ter tanto medo dele no começo. Eu acho que ele realmente gosta de mim...

— Um alienígena que bebe sangue e praticamente sequestrou você? Você está sofrendo de alguma versão estranha da síndrome de Estocolmo?

Mia riu. — Ei, quem estuda psicologia aqui sou eu. E não, acho que não...

— Ela não contou todos os detalhes do novo relacionamento que tinha com Korum, que ainda parecia frágil e precioso demais, mas falou a Jessie sobre o estágio e algumas das coisas novas que aprendera.

— Ah, meu Deus, Mia! Você será especialista em Ks quando voltar para cá —

disse Jessie com inveja. — Está bem, posso ver que ele não está tratando você mal...

— Não, longe disso — disse Mia animada. — Na verdade, acho que nunca fui tão feliz na vida.

— Mas você *vai* voltar para Nova Iorque, certo? — perguntou Jessie preocupada. — Não vai simplesmente decidir ficar aí, vai?

— Não, claro que não — garantiu Mia. — Preciso terminar a faculdade e tudo o mais... — Mas a ideia de voltar não era nem um pouco atraente como fora alguns dias antes.

Ela também telefonou para os pais duas vezes, dizendo a eles que estava tudo bem e que ela chegaria em casa na sexta-feira, quase duas semanas depois da data inicialmente programada. Korum resolvera as férias dela com Saret, dizendo a ele que Mia precisava ver a família. O chefe não ficara nem um pouco feliz pelo fato de Mia ficar afastada por uma semana inteira, mas aceitou, particularmente depois que ela prometeu ficar em contato com Adam e acompanhar os desenvolvimentos mais recentes dos projetos dela.

— Qual é o seu voo? — perguntou a mãe ansiosa. — Precisamos saber para que possamos buscá-la.

Mia franziu o nariz, feliz por a mãe não poder vê-la. Ela não sabia como iria até a Flórida e estivera tão ocupada com o trabalho que se esquecera de peguntar a Korum os detalhes da viagem deles.

— Estou na lista de espera para um voo cedo pela manhã — mentiu Mia, encolhendo-se internamente diante de mais uma mentira que tivera que contar aos pais. — Mas talvez acabe sendo à tarde, então realmente ainda não sei.

Mas não se preocupe, o professor conseguiu um carro alugado para mim e não será preciso me buscar no aeroporto.

— Está bem, querida — disse a mãe, soando surpresa. — Se tem certeza...

Nós realmente não nos importamos. Você voará para Orlando ou Jacksonville?

— Orlando — disse Mia. Soava bem plausível.

NA QUINTA-FEIRA À NOITE, logo antes de partirem para a Flórida, eles tinham uma festa para ir. A prima de Korum, Leeta, estava com o companheiro havia quarenta e sete anos, um grande marco na cultura dos krinars. Em tempo da Terra, isso era, na verdade, quase cinquenta anos, pois Krina viajava em volta

do sol em um passo ligeiramente inferior ao da Terra.

Era o primeiro evento público de Mia em Lenkarda.

— Não temos casamentos no sentido humano da palavra — explicou Korum, observando-a colocar um belo vestido que acabara de criar para ela.

— Em vez disso, quando um casal quer fazer um compromisso permanente, chegam a um acordo verbal e, em seguida, documentam isso com uma gravação. Nesse ponto, realmente não é da conta de ninguém. Não fazem uma festa nem nada parecido e a união não é considerada permanente até que estejam juntos por pelo menos quarenta e sete anos.

— Por que quarenta e sete? — perguntou Mia curiosa, colocando os pés em sandálias brilhantes que combinavam com o material branco e cintilante do vestido. O vestido em si se moldava à forma dela, mostrando cada curva do corpo. Era também incrivelmente sensual, deixando as costas totalmente expostas. Em volta do pescoço, ela usava o belo colar de Korum e os cabelos estavam decorados com uma malha prateada fina que, de alguma forma, entrelaçara-se com os fios, definindo e separando cuidadosamente cada cacho.

A aparência dela não poderia ser melhor e ela ficou grata por Leeta ter se dado ao trabalho de enviar instruções gravadas sobre o que vestir. Pelo jeito, Korum insistira nisso, querendo ter certeza de que Mia não se sentiria desconfortável na primeira festa grande em Lenkarda.

— Porque é um número que consideramos especial. É um número primo razoavelmente grande e vários eventos históricos importantes em Krina aconteceram em anos que terminavam em quarenta e sete. Além disso, é considerado um tempo suficiente para que um casal saiba se é compatível em longo prazo ou não. Antes da Celebração dos Quarenta e Sete, é muito fácil desistir da união. No entanto, o evento a que vamos hoje à noite torna a união vinculativa. Depois desse ponto, um casal cuja união se desfaz perde parte da posição na sociedade. É claro, se uma pessoa traiu ou fez alguma outra coisa para fazer com que a união chegasse ao fim, a posição dela sofre mais e a da

parte inocente é menos afetada.

— Então, os divórcios são raros entre os krinars?

Korum assentiu, levantando-se lentamente da cama onde estivera deitado.

Ele usava calças brancas justas enfiadas em botas cinzas que iam até o joelho e uma camisa branca sem mangas feita de um material duro e estruturado.

Aquele parecia ser o traje tradicional dos krinars para tais celebrações e ele estava simplesmente maravilhoso.

— Sim, divórcios, ou dissoluções de uniões, são incomuns. No entanto,

uniões permanentes também são incomuns. Muitos krinars não encontram a pessoa com quem querem ficar por séculos ou mesmo milênios e alguns nunca entram em uma união tradicional por uma série de motivos. Portanto, como pode ver, a Celebração dos Quarenta e Sete é um evento importante para nós e ele será bem concorrido. Não podemos nos atrasar.

— É claro — disse Mia, seguindo-o na direção da porta do quarto.

Eles saíram da casa pela parede normal que se dissolvia e entraram na aeronave que Korum deixara perto da casa preparada para o percurso. A celebração seria em Lenkarda, mas não a uma distância que pudesse ser percorrida a pé. Nas duas semanas anteriores, Mia descobrira que os krinars se locomoviam de duas formas: a pé ou com pequenas cápsulas voadoras. Não havia carros nem transporte terrestre de tipo algum.

Sentando-se no banco inteligente, Mia desfrutou da sensação de se sentir totalmente confortável. Apesar de já serem dez horas da noite e de ter sido um longo dia no laboratório, ela estava muito animada com a ideia de participar daquela celebração. Batendo o pé de leve no chão, ela observou a nave decolar, levando-os rapidamente em direção ao centro da colônia.

Um minuto depois, eles pousaram em frente a um prédio grande que Mia nunca vira antes. Em vez de ser plantado no chão, ele flutuava no ar alguns metros acima do topo das árvores. Um longo caminho conectava uma parede ao chão, servindo como uma espécie de ponte.

— Esse é o Salão de Celebração — explicou Korum quando saíram da aeronave e percorreram o caminho em direção à estrutura imponente. O prédio parecia ter uns vinte andares de altura e o tamanho de um quarteirão. Mia ficou surpresa de não tê-lo visto antes no mapa virtual de Lenkarda.

— Esse prédio fica aqui o tempo todo? — perguntou ela, vendo outras naves pousando em volta deles e centenas de krinars saindo delas.

— Não — respondeu Korum, conduzindo-a na direção do prédio e ignorando os olhares que eram lançados na direção deles. — Ele foi construído especificamente para essa finalidade e será desfeito quando o evento terminar. Há um Salão de Celebração muito maior em Krina, que é permanente, mas não há krinars suficientes aqui na Terra para justificar ter um prédio tão grande por perto o tempo todo. A Celebração dos Quarenta e Sete é um dos pouquíssimos eventos que reúne toda a população dos krinars na Terra.

Muitos habitantes de Krina também estarão assistindo virtualmente.

Toda a população dos krinars na Terra? Todos os cinquenta mil deles? Mia não tinha se dado conta do escopo completo do evento. Nervosa e empolgada,

ela agarrou o braço de Korum quando eles entraram no prédio.

O ruído do lado de dentro era quase ensurdecedor. Parecia que milhares de pessoas já tinham chegado e Mia não pôde evitar estudar as criaturas maravilhosas em volta dela. As fêmeas usavam vestidos brilhantes e de cor clara, similares aos de Mia, enquanto que os trajes masculinos eram parecidos com os de Korum. Até mesmo as mulheres krinars mais baixas eram vários centímetros mais altas que Mia, fazendo com que ela desejasse estar usando saltos altos. O prédio em si era lindamente decorado, com flores e superfícies brilhantes por toda parte. As paredes não eram transparentes, como era comum nas estruturas krinars. Em vez disso, eram reflexivas, fazendo com que o salão já imenso parecesse ainda maior.

Como no Salão de Alimentação, os krinars em volta encararam Mia e Korum. Mia ficou imaginando se era porque não tinham visto muitos humanos, o que não era provável, dado o fato de que todos eles moravam na Terra, ou se porque estavam surpresos ao ver Korum com uma *caerle*. Ela achou que era a última opção. Provavelmente era apenas o fator da novidade de ver um membro do Conselho acompanhado de uma garota humana.

Enquanto abriam caminho pela multidão, Korum colocou uma mão possessiva nas costas dela, puxando-a para mais perto dele. Mia descobrira nas duas semanas anteriores que era considerada uma ofensa grave um macho krinar tocar na fêmea de outro macho, fosse companheira ou *caerle* dele. Era um retorno estranho aos primórdios do comportamento territorial. Os krinars eram muito liberais em relação ao sexo e as mulheres krinars tinham todos os mesmos direitos e as mesmas liberdades que os homens krinars. No entanto, quando entravam em um relacionamento de compromisso, nenhum outro homem tinha permissão de tocar na mulher sem consentimento explícito do *cheren* ou do companheiro dela. Em alguns casos, violar essa regra podia até mesmo terminar em um desafio na Arena.

Korum era particularmente rigoroso nessa questão. Quando ele a buscara no laboratório no segundo dia do estágio e vira Adam inclinado sobre ela para ajudá-la com um dispositivo de teste específico, ele quase perdera o controle.

Mia ficara impressionada com a compostura de Adam naquela situação. Em vez de se encolher com a fúria de Korum, o jovem krinar explicara calmamente que estava ajudando Mia com o trabalho e não encostara um dedo nela. Por sorte, Korum não fizera nada além de lhe lançar um olhar gelado.

Mia teria odiado ver aqueles dois em uma briga. Ainda assim, depois daquele incidente, Adam passou a ser particularmente cuidadoso perto dela, sempre

mantendo pelo menos meio metro de distância entre eles. A última coisa de que ele precisava era de um *cheren* ciumento atrás dele, explicou Adam com uma risada.

Portanto, naquele momento, Korum a mantinha bem perto enquanto andavam em direção ao centro do salão gigante. Seria impensável que outro macho encostasse nela, pensou Mia com exasperação.

Ao se aproximarem do centro, Mia viu uma plataforma flutuante com um casal sobre ela. Ela reconheceu os cabelos vermelhos escuros da prima de Korum, o motivo da celebração de união que estava acontecendo. Era um tom incomum para uma krinar e Mia ficou imaginando se era natural ou tingido. O

companheiro de Leeta era tão lindo quanto ela: alto, musculoso e com a cor escura típica dos krinars. Eles usavam trajes incomuns, parecendo mantos, de cor verde pálido, e estavam completamente parados, simplesmente olhando um para

o outro.

Centenas de bancos flutuantes estavam dispostos em fileiras circulares em volta da plataforma e Korum a levou para a fileira da frente. Pelo jeito, como parente e membro do Conselho, ele tinha os melhores lugares do salão.

Olhando em volta, Mia viu uma pessoa familiar algumas fileiras atrás deles. Levantando o braço, ela abanou para Delia e sorriu quando a *caerle* de Arus acenou de volta. Virando a cabeça para ver para o que Mia olhava, Korum viu Arus e deu-lhe um aceno frio com a cabeça. O outro Conselheiro respondeu do mesmo modo. Claramente, as tensões políticas entre os dois não tinham melhorado desde que Mia observara as interações deles no julgamento.

— Então, o que vai acontecer? — perguntou Mia, observando enquanto mais e mais krinars se apinhavam dentro do prédio. Talvez não houvesse nem perto de cinquenta mil ainda, mas certamente parecia um número grande.

— Em mais alguns minutos, eles se unirão e, depois, todos celebrarão dançando a noite inteira — disse Korum e havia um brilho malicioso nos olhos dele.

Aquele brilho normalmente significava que ele estava aprontando alguma coisa. — O que quer dizer com "eles se unirão"? — perguntou Mia desconfiada. A mente dela começou a vagar por uma direção estranha e inadequada.

Os lábios dele se abriram em um sorriso, expondo a covinha na bochecha esquerda. — Exatamente o que você acha que significa, minha querida. Eles copularão publicamente, vinculando a união deles na forma de nossos ancestrais.

— Eles farão sexo na frente de todo mundo?

O rosto dela provavelmente ficara vermelho, pois Korum caiu na gargalhada. — Sim, minha querida. Mas não se preocupe, os mantos que estão usando foram concebidos especificamente para dar a eles privacidade. Suas sensibilidades delicadas não serão muito ofendidas.

— Minhas sensibilidades não são delicadas — sibilou ela, sabendo que todos os krinars em volta deles provavelmente conseguiam ouvir a conversa.

Como os vampiros das lendas, os Ks tinham os sentidos mais aguçados que a maioria dos humanos, o que significava audição, visão e olfato melhores, cortesia da herança de caçadores deles.

— Não? — brincou ele, erguendo a mão para acariciar o rosto dela. —

Está acostumada com orgias públicas?

Mia empurrou a mão dele para longe e, com ar determinado, voltou a atenção para o casal sobre a plataforma. Algumas vezes, Korum gostava de implicar com ela, dizendo todo tipo de coisas maldosas só para vê-la corar.

Mia não era puritana, mas não conseguia impedir a reação involuntária da pele. E ele parecia gostar muito disso.

Naquele momento, o salão escureceu e o ruído da multidão abruptamente cessou. Uma luz suave acendeu somente sobre a plataforma. Era como um palco, percebeu Mia, com o rosto ficando quente novamente ao pensar no que estava prestes a acontecer. Em geral, ela achava que a cultura krinar era bastante paradoxal. Enquanto a ciência e a tecnologia eram incrivelmente avançadas, alguns dos costumes — como as lutas na Arena e, agora, aquele ritual de vinculação — eram quase bárbaros.

Uma música estranha, diferente de tudo o que Mia já ouvira, começou a tocar. A melodia era assustadora e poderosa e a batida subjacente era rítmica e irregular ao mesmo tempo, fazendo com que Mia se contorcesse na cadeira.

Não era uma música para dançar, mas havia algo estranhamente sensual nela, com alguns tons quase acariciando-lhe a pele. Ela não tinha ideia de que instrumentos musicais eram usados, mas tinha que admitir que o resultado final era lindo. Korum a deixara escutar algumas músicas krinar anteriormente e ela as achara bem incomuns, mas nada como o que escutava naquele momento.

— Essa é a música tradicional de vinculação — sussurrou Korum. — É

uma de nossas melodias mais antigas e data de mais de um bilhão de anos.

— É incrível — sussurrou Mia de volta, sentindo os cabelos finos da nuca arrepiando-se quando o ritmo ficou mais acelerado.

O casal, que estivera de pé no palco o tempo inteiro sem se mover, deu um

passo em direção ao outro. Os braços se levantaram, as palmas se encontraram e os mantos que eles usavam pareceram se expandir e curvar-se em volta do corpo dos dois, criando uma espécie de tenda. Agora, somente a cabeça deles estava visível e a expressão no rosto dos dois era calma, como se não estivessem prestes a fazer algo muito íntimo na frente de cinquenta mil espectadores.

Enquanto a música continuava a tocar, o companheiro de Leeta começou a falar, com a voz ecoando pelo salão. — Nos últimos quarenta e sete anos, você foi minha companheira, meu amor, minha vida. Sem você, meu futuro não significa nada. Você é o ar que eu respiro, a água que bebo, a comida que consumo. Você é e sempre será parte de mim.

Ele parou e Mia piscou várias vezes para eliminar a umidade súbita dos olhos. Apesar de simples, as palavras pareciam ser verdadeiras e ela não pôde deixar de sentir inveja de Leeta por ter alguém que a amava tão profundamente.

Leeta falou em seguida. — Você é meu companheiro, meu amor, minha vida. Sem você, meu futuro não significa nada. Você é o ar que eu respiro, a água que bebo, a comida que consumo. Você é e sempre será parte de mim.

Ficarei com você por mais quarenta e sete anos, quarenta e sete anos depois disso e cada quarenta e sete anos até o infinito.

Ela ficou em silêncio e, logo depois, eles falaram juntos. — Estamos unidos — disseram e o voto reverberou pelo prédio.

A música ficou em silêncio por um segundo e recomeçou, mas, dessa vez, a batida era mais profunda, mais sexual. Para sua surpresa, Mia começou a se sentir excitada, com o coração batendo mais depressa e os músculos internos se contraindo com os tons incomuns e melodiosos. Ela nunca imaginara que uma música poderia lhe causar algo parecido.

E, pelo jeito, ela não era a única. O humor da multidão pareceu mudar e Mia sentiu a tensão súbita na atmosfera. Uma mão masculina quente pousou sobre a coxa dela, acariciando-a de leve, e Mia virou a cabeça para ver Korum olhando para ela com um brilho familiar nos olhos cor de âmbar. —

Agora começa a parte divertida — disse ele baixinho e o rosto de Mia ficou

quente novamente.

Olhando em volta disfarçadamente, ela viu que os outros expectadores olhavam para o palco com uma expressão enlevada no rosto.

Enquanto isso, o casal no palco chegou ainda mais perto um do outro.

Apesar de Mia não conseguir ver o corpo deles, sabia que deviam estar

tocando-se naquele momento. Os olhos de Leeta estavam fechados e ela parecia afogueada sob a pele dourada, enquanto que o companheiro estava com respiração mais pesada ao olhar para o belo rosto dela. Eles não se beijaram e não havia contato físico visível de qualquer tipo, mas o coração de Mia ainda batia mais forte ao saber o que estavam fazendo. A cena que se desenrolava na plataforma era incrivelmente erótica, ainda mais pelo fato de que muito ficava a cargo da imaginação dos expectadores.

Hipnotizada, Mia ficou olhando para o palco, incapaz de afastar os olhos.

A ALGUMAS FILEIRAS DE DISTÂNCIA, o krinar observou a *caerle* de Korum assistindo à cerimônia.

O pequeno rosto dela estava rosado e os lábios ligeiramente separados.

Ele viu o peito pequeno subindo e descendo com cada respiração e contraiu os dedos com vontade de arrancar o vestido dela e expor os seios perfeitamente redondos com mamilos rosados ao olhar dele.

Nas duas semanas anteriores, o desejo dele se transformara em uma obsessão quase intolerável. Quando tentou analisá-la logicamente, percebeu que tinha algo a ver com o fato de ela pertencer ao inimigo. Ele odiava Korum havia muito tempo e a ideia de tirar algo que o inimigo amava era excessivamente atraente.

Mas era algo mais profundo que aquilo. Ele se via pensando nela constantemente, fantasiando sobre tocá-la, sentir o gosto dela... Fodê-la, como ele vira Korum fazer na praia. Até aquele dia, ele não conseguira assistir ao incidente completo, pois a fúria e o ciúmes amargo corriam-lhe pelas veias ao ver o nêmesis desfrutando de algo que queria desesperadamente para si.

Aquela obsessão dele era algo incrivelmente perigoso. Ele estava começando a

ter dificuldades para se controlar e não podia deixar que os verdadeiros sentimentos aparecessem. Havia muita coisa em jogo para desperdiçar tudo por uma garota humana, não importava o quanto ele desejava aquele corpo delicado.

Além do mais, se o plano dele desse certo, ela seria sua.

Tudo seria seu.

CAPÍTULO CATORZE

Depois que o ritual de vinculação terminou, uma parede opaca subiu em volta das bordas da plataforma, ocultando o casal das vistas, e a música silenciou.

Com o rosto quente, Mia se levantou da cadeira, seguindo o exemplo de Korum. O que acabara de testemunhar não fora nada pornográfico, mas ela não conseguia tirar da mente as expressões enlevadas do casal. O ato sexual deles fora escondido, mas os sentimentos e as emoções durante o ritual estiveram bem à vista para que todos vissem. No final, a música chegara a um *crescendo* e Mia percebeu que ela imitava e incentivava o ato de amor.

Agora todos estavam de pé. Olhando para Korum, ela notou que ele olhava diretamente à frente. Subitamente, ele bateu o pé no chão várias vezes. A ação dele pareceu servir como algum tipo de sinal, pois o salão ficou subitamente tomado pelo ruído de batidas altas quando todas as pessoas na multidão seguiram o exemplo de Korum. Incerta no começo, Mia fez o mesmo, chegando à conclusão que provavelmente era a versão dos Ks de bater palmas. Korum virou a cabeça e lançou-lhe um sorriso aprovador.

O holofote do palco desligou e o salão ficou gradualmente mais claro.

Todos os bancos subiram no ar e flutuaram para longe, deixando uma área vazia imensa no lugar onde os espectadores estiveram sentados.

Uma música diferente começou a tocar, mais parecida com as que Mia ouvira antes na casa de Korum. Parecia uma mistura de sintetizador com subtons chorosos e uma batida pulsante. Música de festa dos krinars, imaginou Mia, observando quando todos começaram a se mover e a reunir-se em pequenos grupos.

— O que você achou? — perguntou Korum, colocando a mão no ombro de Mia

e olhando para ela com um sorriso.

— Achei lindo — disse Mia sinceramente e o sorriso dele se alargou.

— Quer ficar para a dança ou está cansada demais? — perguntou ele.

— Ah, não, eu adoraria ficar! — Que tipo de idiota seria ela se perdesse a primeira festa dançante dos krinars?

— Então está bem, vamos dançar.

Ele a conduziu para longe da plataforma, na direção de uma das áreas de canto que parecia ter a função de pista de dança. Ao passarem pela multidão, outro krinar deu um passo para o lado, deixando-os passar. Korum acenou com a cabeça para algumas pessoas, parando brevemente para dizer olá e apresentar Mia para alguns Ks aqui e ali. Todos que encontraram pareceram tratar Korum com uma mistura de deferência e respeito, e Mia percebeu novamente como o amante era poderoso na sociedade dos Ks.

Quando chegaram a uma das pistas de dança no canto, Mia parou e ficou olhando. Ela nunca conseguiria dançar daquele jeito. Nunca.

A graça atlética exibida pelos dançarinos era incrível... e inumana. Eles não se moviam, simplesmente *fluíam* de um passo de dança para o outro. Era um espetáculo diferente de tudo o que Mia já vira e ela tentou imaginar como atletas ou dançarinos profissionais krinars seriam, se tal coisa existia.

Olhando para Korum, ela disse em tom assustado: — Acho que vou ficar só assistindo. Isso é um pouco avançado demais para mim.

— Não se preocupe com isso — disse Korum, sorrindo para ela. — Você pode só me seguir.

E, antes que ela pudesse protestar, ele a levou para a pista de dança, com as mãos segurando a cintura dela com firmeza. Assustada, Mia agarrou os ombros dele, segurando-se nele quando Korum começou uma série nada familiar de movimentos.

Dançar com Korum foi uma experiência diferente de tudo o que ela vivera.

Mia não sabia nem mesmo se aquilo podia ser chamado de dança. Era mais como ser pega e arrastada por um tornado. Durante a hora seguinte, os pés dela mal encostaram no chão enquanto ele a girava em uma rotina complexa.

Rindo e gritando em alguns dos movimentos mais extremos, a única coisa que Mia conseguia fazer era se segurar enquanto o salão girava em volta dela.

Finalmente, com sede e sem fôlego, Mia implorou para que ele parasse.

— Isso foi incrível! — Ela não conseguiu evitar o sorriso imenso no rosto quando pararam ao lado de uma das mesas flutuantes que tinham uma

variedade de líquidos de aparência interessante.

Korum sorriu de volta para ela. — Viu só? Você consegue dançar. —

Enchendo um copo arredondado com um líquido cor-de-rosa, ele o entregou a ela.

— Consigo ficar agarrada enquanto você me gira — disse Mia, rindo da imagem que deviam ter mostrado. Ela se sentia como se tivesse voado e fora uma sensação incrível. Pegando o copo da mão dele, ela tomou um gole e imediatamente bebeu tudo.

— Nossa, que delícia — disse ela. — O que é? — Parecia um suco, mas tinha um gosto refrescante.

— Um tipo de coquetel de frutas. Muito comum em festas e outros eventos.

— Vocês não bebem nada com álcool?

— Sim, bebemos. — Korum apontou para as outras bebidas sobre a mesa.

— Mas não é nada que você possa beber. Eles são preparados para deixar os *krinars* embriagados e provavelmente acabarão com você. Portanto, fique só no coquetel, está bem?

Mia fingiu estar desapontada. Depois do incidente na boate em Nova Iorque, Korum parecia fazer o possível para limitar a ingestão de álcool dela.

Ela na verdade não queria nada forte o suficiente para deixar um K bêbado, mas achou engraçado que Korum sentisse a necessidade de avisá-la.

— Não me olhe assim — disse ele em tom suave com os olhos presos nos lábios dela. — Faz com que eu tenha vontade de morder esse seu lábio delicioso.

Surpresa pela mudança súbita no humor de Korum, Mia reflexivamente umedeceu os lábios. E percebeu o erro quando o ouviu respirar fundo.

— Já chega — disse ele baixinho, com a voz um pouco rouca. — Nós vamos para casa.

E, antes que ela conseguisse dizer alguma coisa, ele a conduziu rapidamente pela multidão, encaminhando-se em passos decisivos para a saída.

QUANDO CHEGARAM, ele arrancou as roupas dela assim que entraram na casa.

Em expectativa, Mia ficou parada nua, observando enquanto ele tirava as próprias roupas. Ele já estava com o pênis totalmente enrijecido e um calor familiar a queimou por dentro ao ver o olhar faminto nos olhos dele.

— Você está me deixando louco, sabia disso? — disse ele em voz rouca,

dando um passo na direção dela e erguendo-a para que ficasse de pé sobre o sofá. Daquele ponto, Mia ficou um pouco mais alta que ele e gostou da novidade de olhar para baixo para vê-lo.

— Não estou fazendo nada — protestou Mia. Em seguida, gemeu quando ele colocou a boca quente sobre o pescoço dela, beijando o ponto sensível naquela área. Tremores de prazer percorreram-lhe o corpo e ela fechou os olhos quando ele a puxou para mais perto, com as mãos largas acariciando as costas nuas. Os lábios dele desceram pelo pescoço dela até que a língua brincou lentamente em volta do mamilo direito. As entranhas de Mia se contraíram com a sensação.

Ele ergueu a cabeça, olhando para ela com um olhar âmbar ardente. —

Você existe. Você me faz querê-la só pelo fato de respirar. Tudo em você me atrai. Seu gosto, seu cheiro, o olhar em seu rosto quando estou dentro de você.

Não consigo passar um dia sequer sem tocar em você, sem senti-la em meus braços. Não consigo passar nem algumas horas sem isso. E não é suficiente, Mia... Eu quero mais. Quero tudo.

Mia prendeu a respiração ao olhar para ele. A intensidade de Korum era quase assustadora.

— Você tem tudo — sussurrou ela, agarrando os ombros poderosos. — Eu amo você. Você sabe disso...

— Eu sei? — As mãos dele deslizaram pelas costas de Mia e seguraram-lhe as nádegas. Ele a puxou mais para perto até que a parte inferior do corpo dela encostou no dele e a ponta do pênis enrijecido sondou o espaço entre as coxas.

— É claro... — Mia arquejou quando sentiu ele começar a penetrá-la.

— Diga-me que você é minha — comandou ele e ela estranhou a necessidade sombria que viu no rosto dele. O rosto de Korum estava afogueado e os olhos brilhavam com uma emoção estranha.

Mia umedeceu os lábios. Por enquanto, apenas a cabeça do pênis estava dentro dela, que estava desesperada por mais. — Eu sou sua — disse ela suavemente. Em seguida, ela gritou, jogando a cabeça para trás, quando ele a penetrou totalmente com uma investida.

— É isso mesmo — sussurrou ele selvagemente —, você é minha. Você sempre será minha.

E, pelas horas seguintes, Mia não duvidou daquilo nem por um segundo.

— COMO VAMOS PARA A FLÓRIDA? E você pode fazer mais algumas roupas humanas para mim? Acho que não tenho o suficiente aqui... E sapatos... Talvez devêssemos pegar algumas das minhas roupas novas em Nova Iorque...

Sentindo-se uma pilha de nervos na manhã seguinte, Mia andava de um lado para o outro na cozinha, nervosa demais para dormir além das sete horas da manhã, apesar de ter dormido menos de quatro horas na noite anterior.

— Não me lembro de ter visto você tão nervosa desde a época em que estava me espionando — observou Korum com expressão divertida, cortando um mamão

para fazer uma vitamina para ela. Ele voltara ao normal, parecendo ter superado o estranho estado de espírito em que estivera na noite anterior.

Mia respirou fundo e sentou-se em uma das cadeiras. — Não, mas é sério, não tenho nada para vestir. Só o que tenho é a calça *jeans* e a camiseta que estava usando antes...

— E por acaso eu não cuido disso sempre para você?

Era verdade, ele cuidava. Ele sempre cuidava de toda a parte logística e tudo saía perfeitamente bem.

— Está bem, estou nervosa — confessou Mia, levando o polegar à boca para roer a unha. Mas acabou se lembrando de que se livrara daquele hábito horroroso na época da escola.

— Por quê? Você deveria estar feliz. Verá a sua família em breve. Não é o que queria?

— Eles vão descobrir que menti para eles — Mia explicou em tom impaciente, lançando um olhar a Korum que dizia "será que não entende?". —

E depois vão ter um ataque quando conhecerem você...

Ele suspirou exasperado. — Eles não vão ter um ataque. Nós já discutimos isso. Primeiro, você contará a eles sobre mim. Depois, farei o possível para mostrar a eles que a sua segurança e o seu bem-estar estão garantidos.

Mia saltou da cadeira, incapaz de permanecer sentada. — Eu sei, mas não consigo imaginar como eles *não* terão um ataque. Eu nunca levei um namorado para casa antes e agora aparecerei com um K. Eles nunca viram um de vocês, exceto na televisão.

— Bem, então, terão uma nova experiência.

Korum estava completamente inflexível em relação àquilo. No que lhe dizia respeito, os pais dela teriam que se acostumar com o fato de que a filha agora era a *caerle* dele. Sempre que Mia tentava lançar a ideia de ir sozinha para a Flórida, ele imediatamente a dissuadia. Era perigoso demais, dizia Korum, e, além do mais, ele não tinha a menor intenção de ficar longe dela por

uma semana inteira. Quando Mia argumentava que ainda poderiam se encontrar à noite, pois a aeronave super-rápida dele podia ir a qualquer lugar do planeta em questão de minutos, ele voltava à primeira parte do argumento.

Nem todos os combatentes da Resistência tinham sido capturados ainda, explicava ele, e, portanto, não era seguro que ela fosse para fora de Lenkarda sozinha.

Mia soltou um suspiro frustrado. — Está bem, ok. Então, vamos na mesma nave que nos trouxe à Costa Rica? — Quando Korum assentiu, ela continuou:

— E onde você pretende pousar? No quintal da casa dos meus pais?

Ele riu. — Não, minha querida. Isso poderia assustá-los demais, sem falar que atrairia muita atenção indesejada para a sua família. Nós pousaremos em uma seção especial do Aeroporto Internacional de Daytona Beach e criarei um carro para nós lá. Depois, iremos até a casa dos seus pais. Sua chegada será bem humana e direta.

— E o que você fará? Ficará sentado dentro do carro enquanto explico a situação toda para eles?

— Eu a deixarei lá e darei uma volta para explorar a área. Você me telefonará quando estiver pronta para que eu vá até lá. Tome, beba a sua vitamina e pare de se estressar. Ficará tudo bem — disse Korum em tom reconfortante, entregando o copo a ela.

— Obrigada — disse Mia depois de tomar alguns goles da bebida saborosa. Ela estava começando a se sentir marginalmente melhor. Talvez *estivesse* preocupando-se demais. — E quando vamos decolar?

Ele deu de ombros. — Quando estiver pronta. Podemos ir agora, se quiser.

— O quê? Tipo, nesse exato segundo? — O nervosismo dela voltou com toda força.

Korum pareceu exasperado. — Eu disse quando você estiver pronta.

Termine a vitamina, faça o que ainda precisa fazer e depois disso nós partiremos.

— Eu não deveria também trocar de roupa? — perguntou Mia, dando a ele um olhar ansioso. Naquele momento, ela estava de roupão e chinelos.

— Sim, você deveria. E, se olhar no armário, encontrará uma roupa que preparei especificamente para hoje — disse Korum pacientemente. — Agora, pare de entrar em pânico e termine de se arrumar. Sua família está esperando.

QUASE VIBRANDO POR causa da tensão, Mia correu para o quarto e abriu o

armário. Korum preparara um belo vestido azul de verão e um par de chinelos prateados. Não havia etiquetas no vestido nem nos sapatos. O amante obviamente os criara ele mesmo. Mas ele acertara o estilo. O vestido tinha o decote amplo que aparecera em todas as revistas de moda e os chinelos tinham a quantidade certa de brilho para que fossem casuais para uso diurno, se é que era assim que as revistas os chamavam. Havia também um conjunto de roupas íntimas: uma calcinha de renda *sexy* e um sutiã combinando. Korum claramente pensara em tudo.

Vestindo as novas roupas com estilo humano, Mia estudou criticamente o reflexo no espelho, tentando imaginar como os pais a veriam. Na opinião dela, sem ser excessivamente modesta, achou que parecia incomumente bem. A pele não tinha nenhuma imperfeição — até mesmo as sardas tinham desaparecido, apesar do sol quente — e os cachos castanhos estavam macios e sedosos. A cor do vestido complementava a dos olhos, deixando-os com um azul mais profundo. No geral, ela parecia exatamente como se sentia: feliz e saudável.

Com sorte, aquilo ajudaria a diminuir a preocupação dos pais sobre a situação.

Saindo do quarto, Mia encontrou Korum sentado no escritório, parecendo ajustar um projeto. Ele também trocara de roupa e vestia *jeans* e uma camisa polo branca, que abraçava o corpo musculoso de maneira perfeita. Nos pés, ele usava tênis marrons que tinham aparência casual e elegante.

— Estou pronta — disse Mia corajosamente, sentindo como se fosse enfrentar a guilhotina, não os pais que adorava.

Ao vê-la, Korum lentamente sorriu e manchas amarelas apareceram nos olhos expressivos. — Venha cá — disse ele em tom suave, puxando-a para o colo antes que ela pudesse protestar.

Inclinando-se para a frente, ele a beijou de forma profunda, com a boca sondando-lhe a boca enquanto a mão entrava por debaixo da saia, pressionando as partes íntimas cobertas de renda. O corpo de Mia reagiu com excitação rápida, os mamilos ficaram enrijecidos e ela se sentiu molhada e preparada para ele.

Lutando para respirar, Mia gemeu. — O que está fazendo? — Os dedos dele agora estavam dentro da calcinha e ela os sentiu acariciando a área diretamente em volta do clitóris. Incapaz de ficar imóvel, ela se contorceu no colo dele, sentindo a tensão começar a se acumular. Mia não conseguia acreditar que ele estivesse fazendo aquilo com ela, tão pouco tempo depois da maratona sexual da noite anterior.

— Estou garantindo que você esteja menos estressada quando encontrar os seus pais — murmurou ele. Ela ouviu o barulho do zíper sendo aberto. Antes que tivesse tempo de dizer alguma coisa, ele puxou a calcinha dela para baixo, deixando-a pendurada nos tornozelos, e levantou a saia. Agora, o traseiro nu estava no colo dele e o pênis rígido pressionava as nádegas dela.

— Korum, por favor... Não acho que seja uma boa ideia... Ah! — gritou ela quando ele a penetrou subitamente, entrando nela sem qualquer preliminar.

Com os pés presos pela calcinha, ela não conseguiu abrir as pernas um pouco mais para que ficasse um pouco mais confortável e ele parecia imenso dentro dela. O pênis parecia um bastão em chamas queimando-a por dentro.

— Shhh — sussurrou ele, colocando os dedos sobre o clitóris dela novamente. — Apenas relaxe. Seja uma boa garota...

Mia gemeu, sentindo-se desconfortavelmente repleta e insuportavelmente excitada quando ele começou a se mover dentro dela e o pênis encostou no ponto G. Ao mesmo tempo, ele começou a acariciar o clitóris, mantendo a pressão firme e constante.

Sem qualquer aviso, um orgasmo intenso percorreu o corpo de Mia e ela gritou, com a vagina latejando em volta do intruso enorme. Korum também gemeu, com o pênis latejando dentro dela, liberando a semente em jatos quentes quando as contrações rítmicas dos músculos internos de Mia o fizeram gozar.

Sentindo-se como uma boneca de pano, Mia se jogou sobre ele. O corpo inteiro ainda estremecia com pequenas contrações e ela ouviu a respiração dele

lentamente voltar ao normal.

Depois de cerca de um minuto, ele se levantou e gentilmente colocou-a de pé, entregando-lhe um lenço macio para limpar os vestígios do ato sexual. —

Está melhor agora? — perguntou ele, sorrindo.

Mia certamente se sentia menos tensa, mas agora estava preocupada em aparecer na casa dos pais parecendo e cheirando como uma ninfomaníaca. Ela lhe lançou um olhar reprovador enquanto limpava os restos de esperma da parte de dentro da coxa. — Agora preciso tomar um banho antes de ir a qualquer lugar...

— Está bem. — Korum sorriu. — Vamos tomar um banho rápido e partiremos. Cinco minutos deve ser suficiente. — E, pegando-a no colo, ele rapidamente a carregou para o banheiro, movendo-se com velocidade inumana.

MANTENDO A PROMESSA, eles estavam prontos e saíram cinco minutos depois. A cápsula que levara Mia à Costa Rica já estava montada e parada ao lado da casa. Korum parecia ter aumentado a clareira em volta da casa para acomodar a nave, em vez de ser necessário caminhar alguns minutos até o ponto em que pousaram duas semanas antes.

Entrando pela parede dissolvida, Mia estudou as paredes cor de marfim transparentes e os bancos flutuantes já familiares. A nave ainda não parecia o equipamento de tecnologia complexa que realmente era, sem nenhum componente eletrônico nem controle visível. Mesmo assim, ela sabia que era capaz de carregá-los por milhares de quilômetros em questão de segundos, sem efeito prejudicial nenhum devido à alta velocidade.

Sentando-se em um dos bancos, Mia suspirou ao senti-lo ajustando-se em volta dela, moldando-se ao formato do corpo. Era uma das coisas que ela mais sentiria falta na Flórida, todas as tecnologias inteligentes que pareciam feitas unicamente com a finalidade de tornar a vida mais fácil e mais confortável.

Ela resolveu pedir a Korum que refizesse a casa para que fosse como era antes de ele "humanizá-la" por causa dela. Agora, que ela estava praticamente acostumada com a tecnologia dos krinars, estava muito curiosa para saber como a casa dele era normalmente.

Logo depois, eles estavam a caminho, com a nave decolando silenciosamente e

levando-os em direção à Flórida, onde os pais de Mia ainda estavam em ignorância completa da surpresa que a filha mais nova tinha para eles.

O KRINAR ASSISTIU quando a nave decolou.

Eles foram embora. *Ela* foi embora.

Observá-la dançar com o inimigo na noite anterior fora quase intolerável.

Ele queria estar com o corpo dela encostado contra si, queria levá-la para casa para passar a noite. Ele passara as horas seguintes imaginando-a na cama de Korum e uma fúria silenciosa o queimara por dentro. Talvez fosse melhor ela ter partido. Aquilo reduziria as distrações durante a semana seguinte.

Ela parecia feliz, rindo enquanto Korum a girava no ar. Garota tola. Se ao menos ela soubesse da verdade.

Ela apoiaria a causa dele depois que ele explicasse tudo. Ela entenderia, o K tinha certeza disso.

Ela iria querer que a Terra fosse salva.

CAPÍTULO QUINZE

— P ode me deixar aqui? — Mia perguntou a Korum quando entraram na rua dos pais dela. — Eles poderão ver o carro se você parar na frente da casa.

— Claro — disse ele e a Ferrari Spider conversível inimaginavelmente cara parou suavemente a algumas casas de distância da casa onde Mia passara a infância.

Mia não fazia ideia de por que Korum escolhera criar aquele carro em particular. Ela se lembrou vagamente de ouvir o irmão de Jessie falar sobre ele alguns meses antes. Supostamente, ele custava mais do que três casas médias. Quando Mia protestara e dissera que um Toyota serviria tão bem quanto aquele carro, o amante simplesmente erguera as sobrancelhas. — É um dos carros mais bonitos — disse ele — e eu gostaria de aproveitar a experiência de operar um desses veículos humanos. Sem falar que esse é o único projeto de carro que me preocupei em ajustar para que pudesse ser reproduzido por nossa nanotecnologia.

E foi o fim da conversa. O pequeno carro esportivo percorrera a I-95 em alta velocidade, levando-os ao destino em Ormond Beach em tempo recorde.

Parecia que uma das vantagens de viajar com um K era não ter que se preocupar com multas por excesso de velocidade. Qualquer policial azarado o suficiente para pará-los imediatamente daria meia volta ao vir o motorista.

— Muito bem, basta me chamar quando quiser que eu venha. E pare de se preocupar — disse Korum, inclinando-se para abrir a porta para ela e beijando-a rapidamente nos lábios.

— Está bem.

Mia saiu do carro e fechou a porta, observando enquanto ele ia embora.

Depois, respirando fundo, ela andou na direção da casa dos pais.

A RUA EM que Mia crescera era em uma parte ligeiramente mais antiga da cidade. A maioria das casas foram construídas nas décadas de oitenta e noventa, antes da explosão imobiliária no meio da década de 2000. Como resultado, o teto de alguns vizinhos parecia um pouco gasto, com alguns deles cobertos por painéis solares que estavam na moda. Em geral, as casas não tinham aquela aparência nova e brilhante que caracterizava algumas das partes mais ricas e caras da área. No entanto, a paisagem era muito mais bonita, com árvores grandes que forneciam sombra e reduziam as contas de energia elétrica.

Descendo a rua, Mia absorveu a atmosfera familiar, com cada casa e cada arbusto trazendo uma lembrança da infância. Ali ficava a casa da amiga Lauren, onde ela passara muitos verões quentes na piscina. E lá estavam os carvalhos altos em que costumavam subir sem a menor preocupação com a segurança. Lauren fora para a universidade em Michigan e Mia raramente a via, apesar de conversarem pelo telefone ou pelo Skype de vez em quando.

Como muitos outros, os pais de Mia saíram do Brooklyn e mudaram-se para a Flórida, atraídos pelo clima quente e pelos preços das casas. Fora uma decisão da qual nunca se arrependeram, ajustando-se rapidamente ao ritmo mais lento da vida lá. Marisa tinha três anos na época e Nova Iorque ficara cara demais para que o jovem casal comprasse qualquer coisa maior do que um apartamento quarto e sala. Portanto, economizaram durante dois anos —

sem nem mesmo ir a um restaurante naquele tempo todo, dissera a mãe com orgulho — e deram entrada em uma bela casa de quatro quartos em um bairro de classe média em Ormond Beach.

Aproximando-se da casa, Mia hesitou por um segundo, tentando controlar o nervosismo. Sem querer contar mais nenhuma mentira, ela decidira não telefonar para os pais avisando o horário em que chegaria. Parecia mais fácil simplesmente aparecer e explicar a história toda. Olhando para o telefone, viu que eram apenas nove horas da manhã, o que significava que os pais provavelmente estariam em casa.

Erguendo a mão, ela tocou a campainha. Imediatamente, um ruído alto de latidos quebrou o silêncio quando Mocha, a chihuahua, anunciou que havia uma visita. Os pais compraram a cachorra quando Mia partira para a

faculdade, como substituta, dizia sempre o pai brincando.

Vinte segundos depois, a mãe abriu a porta. — Ah, meu Deus! Mia!

Antes que Mia tivesse a chance de dizer alguma coisa, foi envolvida em um abraço caloroso e familiar. Como sempre, Ella Stalis cheirava a limões e a algum perfume Chanel.

Sorrindo, Mia retribuiu o abraço antes de se afastar. — Olá, mamãe.

Surpresa!

— Ah, querida, não sabíamos que você chegaria tão cedo! Por que não telefonou? E onde está o seu carro? — A mãe olhou por sobre o ombro de Mia e viu a rua vazia. — E toda a sua bagagem?

— É uma longa história, mamãe. O papai está em casa? Há algo que preciso contar a vocês.

Um olhar imediato de preocupação apareceu no rosto arredondado da mãe.

— Mia, querida, você está bem? O que aconteceu? Venha, entre...

— Não aconteceu nada, mamãe — assegurou Mia, entrando no corredor que levava à sala de estar espaçosa. Mocha fugiu imediatamente. A cachorra dos pais

era tímida com estranhos e persistia em achar que Mia era um deles, apesar do fato de tê-la encontrado dezenas de vezes. — Está tudo bem. Só tenho uma história interessante para contar a você, mais nada. O papai está em casa?

— Ele está no escritório — disse a mãe. Em seguida, ela gritou: — Dan!

Venha ver quem chegou!

Daniel Stalis entrou na sala de estar, ainda vestindo pijama e um roupão.

Ao ver Mia, o rosto dele se iluminou. — Mia, querida! O que está fazendo em casa tão cedo? A que horas chegou o seu voo?

Sorrindo, Mia se aproximou dele e deu-lhe um abraço apertado, inalando o cheiro familiar de pós-barba e pasta de dentes de menta. — Olá, papai. Nossa, senti tanta saudade de vocês!

O pai sorriu, abraçando-a de volta. — Ah, eu sempre esqueço como você é pequena depois de ficar um tempo sem vê-la. De verdade, querida, você devia comer mais.

— Eu como feito um cavalo e você sabe disso — respondeu Mia, sorrindo.

— Mia tem algo que deseja nos contar — disse a mãe e Mia notou o tom preocupado na voz dela.

O pai franziu a testa. — Está tudo bem? Tem alguma coisa a ver com aquele professor?

— Sim e não. — Mia não sabia ao certo por onde começar. — Por que não nos sentamos e tomamos um chá? É uma história meio longa.

O mãe assentiu devagar. — É claro. Vou fazer chá agora mesmo. Você está com fome? Já tomou café da manhã? Posso fazer umas panquecas...

— Eu já comi, mamãe, obrigada. Mas vou querer as panquecas outra hora, sim. — Sentando-se à mesa, Mia esfregou as mãos nervosamente, observando enquanto a mãe colocava a água para esquentar. O pai também se sentou, estudando a filha silenciosamente enquanto o chá era preparado. Quando a água ferveu, Mia se levantou para ajudar a mãe a carregar as xícaras até a mesa.

Finalmente, os três estavam sentados em volta da mesa com o chá quente em frente a eles.

— Muito bem, querida. Agora conte — disse a mãe, visivelmente preparando-se para o pior.

— Está bem — disse Mia lentamente. — Então, não fui completamente honesta com vocês sobre o que aconteceu na minha vida nas últimas semanas.

Não há professor nenhum e eu não fiquei em Nova Iorque por causa desse projeto voluntário...

Vendo o olhar surpreso no rosto dos pais, Mia prosseguiu. — Na verdade, eu conheci uma pessoa...

— Viu, Ella? Eu não disse que Mia estava agindo de forma estranha? — O

pai pareceu satisfeito consigo mesmo por um segundo, mas a mãe continuou a encará-la com expressão preocupada.

Respirando fundo, Mia continuou. — O motivo pelo qual não contei isso antes foi porque ele não é alguém com quem vocês se sentiriam confortáveis normalmente. E eu não queria que se preocupassem...

— Quem é ele, Mia? — perguntou a mãe em tom ríspido. — Um traficante de drogas? Alguém com ficha criminal?

— Não, nada parecido com isso! — Mas provavelmente teria sido mais fácil para os pais aceitarem se fosse. — Korum é um K.

Por um momento, houve um silêncio mortal em volta da mesa. Os pais pareciam chocados, completamente atônitos e sem palavras.

O pai pigarreou. — Um K? K dos alienígenas?

Mia assentiu, tomando um gole de chá. — Eu o conheci em um parque em Manhattan há algumas semanas. Estamos envolvidos desde então.

O queixo da mãe estremeceu. — O que quer dizer com envolvidos?

Envolvidos como?

— Ella, não seja tola — disse o pai com um tom surpreendentemente

calmo. — Claramente, Mia está tentando nos dizer que tem um namorado que é um K. Não é isso?

O pai era muito calmo em circunstâncias estressantes. — Exatamente —

disse Mia, sentindo as entranhas se contorcerem quando o rosto da mãe ficou pálido e lágrimas grossas escorreram dos olhos. Sentindo-se a pior filha do mundo, Mia tentou confortá-la. — Olhe, você pode ver que eu estou perfeitamente bem. Eu sei como eles são retratados na mídia e a realidade não tem nada a ver com aquilo. Na realidade, Korum é muito carinhoso e ele me faz muito feliz...

— Carinhoso? Como esses monstros podem ser carinhosos? Mia, dizem que eles bebem sangue! — A mãe estava fora de si e o rosto normalmente pálido ficou vermelho.

— Eles bebem sangue? — perguntou o pai, parecendo ligeiramente curioso.

— Somente para fins recreativos e em quantidades pequenas — admitiu Mia honestamente. — É só uma coisa agradável para eles. Não precisam mais de sangue.

A mãe enterrou o rosto nas mãos. — Ah, meu Deus, estou passando mal!

— Ella, pare com isso — disse o pai com voz incomumente firme. — A sua reação é exatamente o que Mia temia e foi por isso que não nos contou nada disso antes.

Mia sorriu, sentindo-se ligeiramente melhor. — Obrigada, papai. Olhe, eu sei como isso parece. Mas acreditem quando digo que ele me trata muito bem e que me faz muito feliz...

— Ele foi o motivo pelo qual você não pôde vir para casa no dia combinado? — perguntou o pai, enquanto a mãe erguia a cabeça para encarar Mia com olhos ainda cheios d'água.

— Sim. Na verdade, fomos para a Costa Rica quando as minhas provas terminaram — disse Mia. — Estou fazendo um estágio lá, em um laboratório de neurociência, e estou trabalhando em alguns projetos realmente interessantes...

— Na Costa Rica? — O pai pareceu confuso por um segundo e, em seguida, arregalou os olhos. — O Centro dos Ks na Costa Rica?

Mia abriu um sorriso. — Sim. Korum conseguiu um estágio para mim lá.

Estou trabalhando com um dos maiores especialistas em mente e você nem pode imaginar o quanto estou aprendendo...

— Você está trabalhando em um Centro dos Ks na Costa Rica? — A mãe

parecia totalmente chocada. — Com Ks?

— Eu sei, também mal consigo acreditar — disse Mia, sorrindo. — E

agora consigo falar tantos idiomas...

— O quê? O que quer dizer? — O pai esfregou as têmporas. — Que idiomas?

— Todos os idiomas — respondeu Mia em polonês, sabendo que ele a entenderia. — Todos os idiomas humanos, além da linguagem krinar. É um tradutor muito bom que Korum me deu. — Ela decidiu não contar sobre a parte do implante no cérebro.

O pai ficou de boca aberta. — Você fala polonês sem sotaque algum! Mia, como você...?

— Tecnologia dos krinars — explicou ela com um sorriso. — Vocês não podem nem imaginar algumas das coisas que eles conseguem fazer...

— Mas, Mia... ele não é *humano*... — A mãe ainda parecia estar em choque. — Como você consegue...

— Mamãe, eles são muito similares aos humanos de muitas formas. Você sabem que eles nos fizeram à imagem deles, certo?

A mãe balançou a cabeça, parecendo não acreditar no que ouvia. — E isso deixa

tudo certo? Como você conseguiu se envolver com ele? Você o conheceu no parque e depois? Tiveram um encontro?

Mia hesitou por um segundo. — Sim, praticamente isso. Na verdade, ele me mandou flores e fomos jantar em um restaurante muito bacana. E passamos a nos encontrar desde então...

— Simples assim? — A mãe estava incrédula. — Você conhece uma dessas criaturas no parque e sai em um encontro com ele? O que estava pensando?

Ela estava pensando que não queria morrer nem ser sequestrada. Mas os pais não precisavam saber disso. — Ele é muito bonito — disse ela sinceramente. — E foi a primeira vez em que me senti tão atraída por alguém.

— Então, você ignorou completamente o fato de que ele não era humano?

Mia, isso não parece algo que você faria... — A mãe olhava para Mia como se ela subitamente tivesse duas cabeças.

— Como você chegou aqui vindo da Costa Rica? — perguntou o pai baixinho, observando-a com uma expressão indecifrável no rosto. Como sempre, ele era o único que conseguia pensar claramente em circunstâncias difíceis.

Mia olhou para ele. — Korum me trouxe até aqui. Voamos até Daytona em

uma das naves dele e ele me deixou aqui de carro para que eu pudesse conversar com vocês.

— E por quanto tempo você ficará aqui?

— Como assim, Dan, quanto tempo ela ficará? Até o fim do verão, certo?

— perguntou a mãe em pânico.

Mia balançou a cabeça negativamente. — Vou ficar aqui por uma semana, mamãe. Infelizmente, não posso ficar longe do laboratório por muito tempo...

A mãe começou a chorar. — Ah, meu Deus, é a última vez que vemos você...

— O quê? Não! É claro que não! Só preciso terminar o estágio, mais nada.

Voltarei para cá em breve e vocês poderão me visitar em Nova Iorque durante a época de aulas...

— Onde ele está agora? — perguntou o pai em tom frio. — Se ele a trouxe aqui, então onde está?

Mia respirou fundo. — Preciso telefonar para ele. Eu queria ter a oportunidade de conversar com vocês primeiro, explicar um pouco as coisas antes que o conhecessem. Mas Korum quer encontrar vocês para garantir que está tudo bem e que estou segura com ele.

— Nós vamos conhecer um K? — A mãe pareceu estupefata ao ouvir aquilo.

— Sim — disse Mia. — E vocês verão que realmente não há nada a temer.

— Ela cruzou os dedos, torcendo para que Korum se comportasse da melhor forma possível.

— Está bem, Mia — disse o pai. — Por que não telefona para ele então?

Queremos conhecer esse seu K.

MEIA HORA DEPOIS, a campainha tocou.

Mia tivera tempo de explicar um pouco mais sobre Korum e o relacionamento deles, enfatizando apenas as partes boas. Contou a eles como ele cuidava dela e sobre o *hobby* de culinária dele, o que fez com que a expressão no rosto da mãe ficasse um pouco mais animada. Contou também como ele era inteligente, ao ponto da genialidade, que tinha a própria empresa e sobre a oportunidade incrível que lhe dera conseguindo o estágio. Como resultado, quando Korum chegou, Mia estava razoavelmente certa de que os pais estavam calmos o suficiente para serem civilizados. Ainda assim, ela não

pôde evitar a ansiedade ao abrir a porta e vir o amante parado lá, lindo demais para ser humano.

— Olá — disse ele em tom suave, abaixando-se para beijar a testa de Mia.

— Olá. Venha, entre. — Mia pegou a mão dele e conduziu-o para dentro da casa. Pausando no corredor por um segundo, ela lhe lançou um olhar suplicante e

apertou a mão dele, esperando que Korum entendesse a súplica silenciosa.

Korum sorriu e sussurrou: — Confie em mim.

Mia não tinha outra opção. Preparando-se para o pior, ela levou Korum até a sala de estar.

Ao entrarem, os pais se levantaram do sofá e ficaram simplesmente olhando. Mia não os culpou: Korum era uma visão incrível. Vestido em camisa polo branca e calça *jeans* azul, o amante era a epítome da elegância casual.

Com os cabelos pretos brilhantes e a pele dourada, ele poderia ter sido um modelo ou uma estrela do cinema, exceto que nenhum humano tinha os olhos com aquele tom âmbar incomum nem se movia com tanta graça animal. E, mesmo parado, ele projetava uma aura inquestionável de poder que dominava a sala.

Dando um passo na direção dos pais de Mia, ele abriu um sorriso largo, revelando a covinha na bochecha esquerda. — Vocês devem ser Ella e Dan. É

um grande prazer conhecer vocês. Mia falou muito sobre a família dela.

Mia notou que ele não estendeu a mão nem fez qualquer outro movimento para encostar neles. Provavelmente era a coisa certa a fazer. Os pais já estavam tensos o suficiente com um K dentro de casa.

O pai assentiu secamente. — É engraçado, porque só ouvimos falar de você hoje.

— Dan! — sussurrou a mãe rispidamente, claramente com medo da reação do hóspede extraterrestre. Ela parecia incapaz de afastar os olhos de Korum, encarando com um olhar maravilhado no rosto. Mia sabia exatamente como a mãe se sentia.

Korum não pareceu nada ofendido e abriu um sorriso caloroso. — É, eu sei — disse ele em tom suave. — Eu compreendo que isso seja um grande choque para vocês. Sei o quanto amam a sua filha e o quanto se preocupam com ela. E eu gostaria de tranquilizá-los sobre o nosso relacionamento.

A mãe de Mia finalmente se lembrou dos modos de anfitriã. — Posso lhe

oferecer alguma coisa para comer ou beber? — perguntou ela incerta, ainda encarando Korum como se não soubesse se queria fugir gritando ou estender a

mão para tocá-lo.

— Claro — disse ele. — Seria ótimo. Um pouco de chá e uma fruta, especialmente se você me acompanhar.

Mia piscou surpresa. Ela não sabia que Korum bebia chá. E depois percebeu como as informações que ele tinha sobre a família dela eram extensas. Ele escolhera, sem erro, a única coisa que deixaria a mãe mais confortável, o ritual diário de fazer e tomar chá.

— É claro. — A mãe pareceu aliviada de ter algo para fazer. — Por favor, sente-se na sala de estar, trarei um chá. Temos umas laranjas locais excelentes... Você come laranjas, certo?

Korum sorriu para ela. — Claro que sim. Adoro laranjas, especialmente as da Flórida.

Ella Stalis sorriu para ele de leve. — Isso é ótimo. Colhemos algumas excelentes esta semana, doces e suculentas. Vou trazê-las. — E, corando ligeiramente, ela saiu apressada, parecendo incomumente afogueada.

Mia revirou os olhos mentalmente. Pelo jeito, nem mesmo as mulheres mais velhas eram imunes ao charme dele.

— A sala de estar fica por aqui — disse o pai, parecendo um pouco desconfortável ao ser deixado sozinho com Mia e o K.

Mia foi até Korum e pegou a mão dele, determinada a mostrar ao pai que não havia com o que se preocupar. Sorrindo, ela o conduziu na direção da mesa.

Os três se sentaram.

Naquele momento, Mocha apareceu abanando o rabo. Para enorme surpresa de Mia, ela foi diretamente até Korum e cheirou as pernas dele. Ele sorriu e abaixou-se para acariciar a cachorra, que pareceu adorar a atenção.

Mia observou a cena incrédula, pois a chihuahua era normalmente muito

reservada perto de estranhos.

Depois de um minuto, Korum endireitou o corpo e voltou a atenção novamente para os habitantes humanos da casa.

— Mia nos contou que está fazendo um estágio na sua colônia — disse Dan Stalis, olhando para Korum como se estivesse estudando uma espécie nova e exótica, o que era verdade. — Como exatamente isso funciona?

Suponho que ela não consiga entender muito da ciência de vocês nem conhece a sua tecnologia...

— Pelo contrário — respondeu Korum. — Mia aprende muito depressa.

Ela fez um tremendo progresso nas duas últimas semanas. Saret, o chefe dela

no laboratório, me disse que ela já ajudou bastante.

Mia sorriu, corando ao ouvir o elogio. — Como eu disse a você, papai, Saret é um dos principais especialistas em mente. Ele é o que há de mais avançado em neurociência e psicologia dos krinars. E eu trabalho com ele.

Consegue imaginar?

O pai esfregou as têmporas e Mia o viu se encolher ligeiramente. — Para ser honesto, não, não consigo. Essa coisa toda foi um pouco demais. Você precisa nos perdoar por não estarmos exatamente saltando de alegria neste momento...

— É claro — disse Korum gentilmente. — Eu também não estaria se fosse a minha filha.

— Você tem filhos? — perguntou Dan em tom direto.

— Não, não tenho.

— Por que não?

— Papai! — Mia ficou mortificada com a direção das perguntas.

Korum deu de ombros, parecendo não se importar. — Porque não tenho uma companheira e não gostaria de criar um filho sem ela.

O pai estreitou os olhos. — Quantos anos você tem?

— Em termos de anos da Terra, tenho cerca de dois mil anos.

O olhar no rosto do pai de Mia foi impagável. — D-dois mil anos?

Naquele momento, a mãe entrou carregando uma tigela de laranjas e uma bandeja com xícaras de chá.

Mia se levantou e aproximou-se dela. — Deixe-me ajudar você — disse ela, pegando a tigela.

— Obrigada, querida — disse a mãe e Mia soltou um suspiro de alívio ao perceber que pelo menos um dos dois recuperara a compostura.

Distribuindo as xícaras cheias de chá quente em volta da mesa, Ella perguntou a Korum: — Quer creme ou açúcar? Temos creme de coco, de amêndoa, de soja...

— Não, obrigada — respondeu Korum educadamente, lançando-lhe um sorriso deslumbrante. — Prefiro chá puro.

— Nós também — admitiu a mãe, corando novamente. Mia quase não conseguiu reprimir uma risada ao perceber que, pelo jeito, a mãe estava encantada pelo amante dela.

— Ella — disse o pai de Mia lentamente —, pelo jeito, Korum é muito mais velho do que pensávamos...

— Ah, é? — perguntou a mãe, sentando-se e pegando uma laranja.

Descascando metodicamente a fruta, ela lançou um olhar inquisitivo ao marido.

— Ele tem dois mil anos... — O pai parecia atônito com aquele fato.

— O quê? — A laranja caiu sobre a mesa com um barulho surdo.

— Mamãe, você sabia que os Ks vivem muito tempo — disse Mia, sentindo-se exasperada com a reação deles. — Você e eu assistimos juntas àquele programa há uns dois anos, lembra? Era um daqueles documentários sobre a invasão.

— Eu me lembro — respondeu a mãe, ainda parecendo ter sido atingida por um

martelo. — Mas não me dei conta de que isso significava milhares de anos...

— E como exatamente algo assim funciona se você tem um relacionamento com uma humana? — O pai voltou a ser direto. — Porque Mia não vai viver esse tempo todo...

— Isso é entre eu e a sua filha, Dan — disse Korum gentilmente, mas havia um tom de aço na voz dele que advertiu o pai de Mia a não seguir aquela direção. — Nós resolveremos tudo no momento certo. — E, pegando uma laranja, ele calmamente a descascou, com os dedos movendo-se mais depressa e de forma mais eficiente que os da mãe dela.

— Por falar nisso — acrescentou ele, mordendo a laranja —, Mia mencionou que você tem dores de cabeça com frequência e não pude deixar de notar que estava esfregando as têmporas. Está com dor de cabeça agora?

Pego de surpresa, o pai dela assentiu.

Ao ver o gesto afirmativo, Korum colocou a mão no bolso da calça e tirou uma cápsula minúscula. Entregando-a ao pai de Mia, ele disse: — Esse remédio deve resolver o problema. Um de nossos maiores especialistas em biologia humana o desenvolveu especificamente para casos como o seu.

— O que é? Um analgésico? — O pai estudou a pequena cápsula com uma grande dose de desconfiança.

— Sim, funciona como analgésico de forma imediata. Mas também evitará que as dores ocorram novamente.

— Uma cura para enxaquecas? — perguntou a mãe, com uma expressão intensa de esperança nos olhos.

— Exatamente — confirmou Korum, o que fez com que os olhos de Ella Stalis se iluminassem.

O pai de Mia franziu a testa. — Há algum efeito colateral? Como sei que isso é seguro?

— Pai, a medicina deles é maravilhosa — comentou Mia em tom sincero.

— De verdade, você não precisa ter medo.

— Mia tem razão. Não existem efeitos colaterais em nossos remédios. E, Dan, a última coisa que eu quero é ferir as pessoas que Mia mais ama. Eu sei que você tem pouquíssimos motivos para confiar em mim no momento e espero que isso mude no futuro. Se não quiser tomar o remédio, a decisão é sua. Eu só queria que o tivesse caso sinta dor.

— Tome o remédio, Dan. Agora — ordenou Ella, lançando um olhar determinado ao marido. — Não acho que o namorado de Mia lhe daria algo que fizesse mal. Se houver a mínima chance de que ele realmente possa curá-

lo, então você precisa tentar. Deve isso a você mesmo e à sua família.

Especialmente se Korum disse que não há efeito colateral.

O pai hesitou, estudando o rosto de Korum por alguns segundos. O que viu nele pareceu deixá-lo seguro. — Basta engolir?

— Derrame o conteúdo em um copo d'água e depois beba — disse Korum.

— O efeito é mais rápido assim.

A mãe de Mia já estava de pé servindo um copo d'água para o marido. —

Tome — disse ela, empurrando o copo na direção dele.

Dan Stalis pegou o copo lentamente, abriu a cápsula entre os dedos e espremeu duas gotas de líquido na água. — Assim? — perguntou ele, olhando para Korum.

O amante de Mia deu a ele um sorriso encorajador. — Sim.

Cheirando o copo desconfiado, o pai dela tomou um gole. — Na verdade, tem um gosto bom. — Ele parecia surpreso.

— A maioria dos nossos remédios tem gosto bom.

Levando o copo até a boca, o pai bebeu o restante da água. Quase imediatamente, Mia viu os músculos tensos do maxilar dele relaxarem.

Sorrindo para ele, ela disse: — Está fazendo efeito, certo? Você sente imediatamente.

O pai parecia agradavelmente surpreso e o rosto da mãe brilhava de alegria. — Sim. Parece ser instantâneo. — Virando-se para Korum, ele disse:

— Obrigado. Foi muito gentil da sua parte.

— De nada — disse Korum com voz suave. — Eu faria qualquer coisa por Mia e pelas pessoas que ela ama.

CAPÍTULO DEZESSEIS

— P reciso falar também com a minha irmã — disse Mia ao entrar no carro e acenar para os pais em despedida. A mãe segurava Mocha, que os seguira de perto até o lado de fora, inexplicavelmente encantada com Korum. — Eu sei que mamãe telefonará para ela imediatamente, mas quero que ela ouça de mim também. Contei um pouco antes e quero ter a oportunidade de explicar para que ela não tenha uma ideia errada sobre o nosso relacionamento.

— O que você contou a ela? — perguntou Korum, acelerando suavemente.

Ele dirigia como fazia tudo o mais, com habilidade e eficiência.

— Eu disse a ela que tinha um amante que era de Dubai — admitiu Mia, corando ligeiramente. — E disse que as coisas não dariam certo entre nós porque ele teria que partir em breve.

— Entendi — disse Korum, com um tom frio claro na voz. — E quando foi que você disse isso a ela?

Merda. Ela não deveria ter levantado o assunto, mas era tarde demais. —

Quando achei que você iria embora para Krina — confessou ela. — Antes de, você sabe...

— Antes da sua traição?

Mia respirou fundo. — Você ainda está bravo comigo? Disse que superaria isso...

— Eu superei e não vou punir você por isso. Mas não consegui esquecer, minha querida. Ainda não.

Mia mordeu o lábio chateada. — Eu não entendo você às vezes — disse ela baixinho. — Em um minuto, você é muito simpático comigo e com a minha

família. E, no próximo, fala sobre me punir por uma situação que não foi exatamente culpa minha, uma situação que você manipulou em vantagem própria. O que esperava que eu fizesse? Simplesmente aceitasse calmamente o fato de que eu talvez acabasse sendo uma escrava sexual?

— Você poderia ter conversado comigo em algum momento e perguntado se era verdade. — Ele manteve os olhos na estrada, mas Mia viu o músculo contraído do maxilar dele estremecer de leve.

— E se fosse? O que eu teria feito? Teria colocado em perigo John e todos os outros da Resistência e perdido a única chance de ajudar a eles e a mim mesma.

— Em que momento eu a tratei como escrava sexual? — perguntou Korum e o tom dele a fez estremecer. Ele ainda não olhara para ela. — Eu lhe dei tudo, Mia, e você continuou agindo como se eu fosse um vilão.

Mia engoliu em seco. — Você sabia que eu estava com medo no início e não me deu opção alguma — disse ela, sentindo o velho ressentimento voltar à tona. — E, além do mais, o que é uma *caerle* de verdade? Que direitos eu tenho na sua sociedade? Eu sei que você não me trata mal, mas poderia, certo?

Se quisesse me manter presa dentro da sua casa, alguém o impediria?

Ele não respondeu e ela viu o maxilar se contrair ainda mais.

Eles saíram da Granada Boulevard e entraram na rodovia A1A. Ele dirigiu por mais alguns minutos antes de parar na entrada de uma bela mansão na beira da praia. Ao se aproximarem, os portões de ferro se abriram para deixá-

los passar.

— Onde estamos? — perguntou Mia, quebrando o silêncio tenso. Ela se sentia enjoada. Odiava discutir com Korum e os últimos dias tinham sido tão bons, tão pacíficos. Por que ela tivera que relembrá-lo do que acontecera antes?

O carro parou e ele colocou a embreagem em ponto morto. Em seguida, virou-se para olhar para ela. — Venha cá — disse ele com voz rouca, enterrando a mão nos cabelos dela e inclinando-se para beijá-la de forma profunda e penetrante. Quando ele a soltou para que respirasse, Mia estava totalmente derretida nos braços dele, quase tremendo de desejo.

Ele a soltou, saiu do carro e deu a volta para abrir a porta do passageiro.

Mia saiu com as pernas ligeiramente instáveis enquanto ele a observava com olhos famintos manchados de dourado.

Ela olhou para ele.

— Estamos na casa que aluguei para esta semana — disse ele. — Vamos

entrar. — Pegando a mão dela, ele a conduziu pelos degraus até a porta do prédio branco imenso.

O interior da "casa alugada" poderia facilmente ter aparecido em uma revista especializada em arquitetura, com a mobília branca ousada e os espaços amplos com portas de madeira brilhante. Uma das paredes, que ficava virada para o oceano, era feita inteiramente de vidro, oferecendo uma vista de tirar o fôlego.

Virando Mia para que o encarasse, Korum se abaixou e beijou-a novamente de leve. — Por que não vai telefonar para a sua irmã agora? —

sugeriu ele, com a voz ligeiramente rouca. — Quando voltar, tenho alguns planos para você.

TENTANDO ACALMAR O CORAÇÃO ACELERADO, Mia subiu a escada e foi para um aposento onde viu um telefone fixo antigo. Quando teve certeza de que estava controlada o suficiente e que conseguia pensar em outras coisas além dos planos de Korum, telefonou para a irmã, discando o número que sabia de memória.

Marisa atendeu no quinto toque. — Alô?

— Oi, Marisa, sou eu...

— Mia? Eu estava agora mesmo no telefone com a mamãe! Puta merda!

Você está saindo com um K?!?

Mia suspirou. — Sim. Escute, lembra-se daquele negócio que contei a você?

— Sobre o seu suposto amante executivo rico? — O tom da irmã foi cáustico. — Sim, eu me lembro perfeitamente.

Mia se encolheu um pouco. — Bem, não fui totalmente honesta com você...

— Não diga!

— Desculpe — disse Mia com sinceridade. — Eu realmente achei que ele iria embora para Krina naquela época e que nunca mais o veria. Eu precisava conversar com alguém, mas não achei que podia contar a história inteira...

Por um segundo, houve silêncio. — Mia — disse Marisa, soando chateada

—, você sempre pode me contar a história inteira, mesmo que mereça ser capa da *National Geographic*. Sou sua irmã e, se há alguém que pode entender, sou eu.

Mia fechou os olhos com força, sentindo-se envergonhada. — Eu sei. Eu

sinto muito. É que havia muita coisa acontecendo e eu não estava pensando direito na época...

— O que *estava* acontecendo? E o que mudou? Como isso passou de

"nunca vai dar certo" para conhecer os pais e passar o verão na Costa Rica?

— Nós resolvemos nossas diferenças — disse Mia, sem querer entrar em detalhes. — E ele ficará aqui na Terra.

Houve silêncio novamente. Em seguida, a irmã falou: — É sério isso, Mia? Um K? Você não podia ter escolhido alguém da mesma espécie?

Mia sorriu aliviada. O pior parecia ter passado. — Eu sei, é loucura...

— Loucura é pouco — disse Marisa séria. — Eu diria que isso é demais!

Mia riu atônita. — O quê?

— Minha irmãzinha está saindo com um alienígena lindo, rico e gênio que acabou de curar as dores de cabeça do papai! Claro que é demais!

Mia não conseguia acreditar no que ouvia. — Você não pretende me passar um sermão, dizer como sou tola por me envolver com alguém tão perigoso, que não é humano e blá blá blá?

— Ora, vamos, tenho certeza de que o papai e a mamãe já fizeram isso. O

que mais eu poderia dizer nesse sentido? Não, maninha, estou feliz por você!

Você foi certinha por tempo demais. O que você precisa é de um pouco de perigo e tempero em sua vida. Além do mais, pelo que a mamãe falou, ele é incrivelmente lindo e existe desde o início dos tempos. Não tem como ficar melhor que isso... Mal posso esperar para conhecê-lo!

Mia abriu um sorriso largo. A irmã sempre dava um jeito de surpreendê-la.

— Você é a melhor irmã que existe — disse ela a Marisa. — E quando vou ver você e Connor?

— Hoje às seis. Pelo jeito, seu amante extraterrestre convidou a família inteira para jantar.

— Convidou? Quando? — Mia não se lembrava de tê-lo visto fazendo nada daquilo.

— Não sei, eu não estava lá. Não era *você* quem devia saber? Achei que ele tinha feito isso porque você pediu...

— Ahm... ele adora tomar a iniciativa nesse tipo de coisa. — Gostava demais, considerando que Mia nem sabia sobre o convite. Ele provavelmente falara com os pais dela quando ela fora ao banheiro. — Então, vamos nos encontrar em algum restaurante?

— É meio loucura eu estar lhe dizendo isso, Mia. — Marisa parecia estar rindo. — Nós vamos até a casa que vocês alugaram. Ele vai cozinhar. Ainda

não se lembra?

— Isso parece ser algo que Korum faria. — Mia sorriu, apesar de Marisa não conseguir vê-la. — Vocês vão adorar, ele é um cozinheiro incrível.

— E lava roupa, certo? A não ser que você tenha inventado essa parte.

— Não — disse Mia, sorrindo. — Ele realmente lavou roupa quando estávamos em Nova Iorque. Ele tem essa atração estranha por utensílios humanos. Acho que tem a ver com esse *hobby* de cozinhar, o que é estranho por si só. Eles têm essas casas inteligentes que *cozinham* para eles, Marisa.

Ele não precisa levantar um dedo para ter refeições sofisticadas. Mesmo assim, gosta de cozinhar...

— Ah, meu Deus! Onde consigo um K para mim? Nem conheci o cara ainda e já estou apaixonada!

Mia caiu na gargalhada. — Ei, esse já está comprometido! Além do mais, não acha que Connor teria algo a dizer sobre a esposa grávida ficar com um K?

— Nesse momento, Connor ficaria feliz em entregar a esposa grávida para um alienígena — disse Marisa. Mia detectou o tom sério na voz dela. — Ando tão rabugenta estes dias que ele se esgueira pela casa como se eu fosse mordê-

lo. O que pode acontecer a qualquer momento. Minhas emoções estão completamente malucas. Não fique grávida, mana, não é nada divertido...

Mia ficou séria imediatamente. — Ah, Marisa, eu sou tão egoísta. Nem perguntei como você está!

— Bom, eu também não lhe dei chance alguma de perguntar, não é? Mas sim, ainda estou me sentindo péssima. Os enjoos simplesmente não acabam.

Perdi quase um quilo na semana passada. O médico não sabe o que fazer.

Estou descansando muito, tentei ioga e meditação. Nada parece dar certo.

— Ah, Marisa...

— Acha que o seu namorado podia me ajudar? — brincou a irmã.

— Não sei — respondeu Mia séria. — Talvez. Vou perguntar a ele. Ele não é médico, mas talvez tenha acesso a um dos remédios milagrosos deles.

— Ah, não! Você não precisa fazer isso... Eu estava só brincando...

— Bem, eu não. Vou perguntar para ele imediatamente.

— Mia, por favor, isso será constrangedor. Tenho certeza de que isso passará daqui a algumas semanas...

— Ahã — disse Mia. — Até lá, você será só pele e ossos, se é que já não está assim. Você não tem muita gordura para perder.

Ela ouviu Marisa suspirando com o que parecia ser exasperação. — Está

bem, você pode perguntar, acho. Mas não quero que ele ache que estamos tentando tirar vantagem dele...

— Ora, vamos, Korum *ofereceu* a cura para enxaqueca ao papai. Eu nem sabia que isso existia, muito menos que ele a trouxera consigo. Pare de se preocupar, por favor. Isso não lhe faz bem.

— Está bem, está bem... — A irmã pareceu subitamente distraída. —

Espere um pouco, querido, estou falando com Mia!

— Você precisa desligar? — adivinhou Mia.

— Ah, é só o Connor... Íamos até o mercado quando mamãe ligou e depois você...

— Ah, bom, então vá. Nós nos veremos hoje à noite. Mal posso esperar!

— Nem eu. Amo você, mana! Até mais tarde!

— Também amo você! — E, desligando o telefone, Mia foi procurar Korum.

ELA O ENCONTROU do lado de fora da casa, nadando na piscina olímpica que havia na propriedade. Ele deslizava na água como um tubarão, movendo-se com velocidade inacreditável.

— Ei — chamou Mia e, em seguida, lembrou-se dos misteriosos planos que ele tinha para ela. Seria algo sexual? A respiração dela se acelerou com a ideia. Dizendo a si mesma para se concentrar em Marisa, ela decidiu perguntar a Korum sobre o remédio imediatamente antes que ele tivesse a oportunidade de iniciar os tais planos.

Nadando até a beirada da piscina, Korum ergueu o corpo sem esforço usando apenas os braços. Os cabelos pretos estavam molhados e grudados na cabeça e gotas d'água brilhavam como minúsculos diamantes sobre a pele dourada. Ele estava incrivelmente sensual e Mia engoliu em seco, notando novamente como o amante era lindo. Andando em direção à piscina, ela se sentou em uma das cadeiras convenientemente posicionadas perto da beirada.

— Ei você também — disse ele, abrindo um sorriso caloroso e sentando-se na cadeira ao lado dela. Ele parecia ter se esquecido da discussão que tiveram mais cedo e Mia sorriu de volta aliviada.

Parecia um bom momento para falar sobre Marisa. — Você sabe de alguma coisa sobre mulheres grávidas? — perguntou ela e, por algum motivo, corou.

Korum ergueu as sobrancelhas com uma expressão divertida no rosto. —

Imagino que esteja falando sobre a sua irmã.

Mia assentiu. — Ela está tendo uma gravidez difícil. Muitos enjoos e tudo o mais. Eu estava imaginando se você teria algum remédio contra enjoos ou algo parecido que pudesse fazê-la se sentir melhor...

Korum considerou o assunto, ficando pensativo por um segundo. — Não tenho nada aqui comigo, mas provavelmente posso pedir a alguém que traga até aqui. No entanto, seria apenas algo temporário... Se há alguma coisa errada que faz com que sua irmã se sinta assim, o remédio não faria nada além de mascarar os sintomas.

— Ah, entendi...

— Provavelmente, a melhor coisa para a sua irmã seria Ellet. Pedirei a ela que venha aqui durante a semana e examine Marisa...

— Ellet? — O nome soou estranhamente familiar, apesar de ela não conseguir se

lembrar onde o tinha ouvido.

Korum sorriu. — Ela é nossa especialista em biologia humana em Lenkarda. O laboratório dela fabrica muitos dos remédios que dei a você no passado, bem como o que dei ao seu pai. Ela é excelente no que faz e sabe mais sobre a saúde humana do que todos os seus médicos juntos.

Alguma coisa perturbou Mia, uma lembrança vaga que ela não conseguiu trazer à mente. Depois de tentar se lembrar por um segundo, ela desistiu e voltou à questão. — Ah, entendi... Sim, se ela pudesse dar uma olhada em Marisa, será ótimo. Ela faria mesmo isso? Viria até aqui só para isso?

Ele deu de ombros. — Ela me deve alguns favores.

— Há alguém em Lenkarda que não lhe deve alguns favores? — Mia perguntou desconfiada, encarando-o. O amante sempre parecia ter uma carta na manga.

— Não muitas — admitiu Korum, sorrindo para ela. — Acredito em ter algumas vantagens, elas podem ser úteis em situações como esta. É claro, Ellet provavelmente viria aqui de qualquer jeito. Ela tem coração mole em se tratando de humanas grávidas.

Mia sorriu, sentindo vontade de abraçá-lo e beijá-lo com gratidão. Ela não queria brigar com ele, amava Korum demais. Cedendo à vontade, ela se levantou e sentou-se na cadeira dele, ignorando a bermuda molhada que encostou no vestido. Segurando a cabeça dele com as mãos, ela puxou o rosto dele e beijou-o carinhosamente nos lábios. — Obrigada, Korum — disse ela suavemente, olhando-o nos olhos. — Agradeço muito por tudo o que fez por mim e pela minha família.

Ele sorriu, com um brilho âmbar amoroso nos olhos. — De nada, minha

querida...

— Eu amo você — disse Mia com sinceridade. — Amo você muito e lamento por tudo o que aconteceu antes. E tem razão, eu deveria ter confiado mais em você. Acha que conseguirá me perdoar algum dia?

Era a primeira vez que ela pedia desculpas por tê-lo espionado e notou que ele ficara agradavelmente surpreso. Erguendo a mão, ele acariciou de leve o rosto

dela. — É claro — disse ele baixinho. — Racionalmente, sei por que você fez o que fez. Mas tenho dificuldades em ser racional em relação a você.

Quando concordou em trabalhar para a Resistência, deixei que a raiva pela sua traição prejudicasse minha mente, em vez de lhe dar mais tempo para se ajustar ao nosso relacionamento. Peço desculpas por isso, e pela tensão e preocupação que causei como resultado. Mas estou feliz por estar aqui comigo agora...

— Também estou feliz — disse Mia e ela sabia que ele conseguia ver a profundidade dos sentimentos em seu rosto. — De verdade...

Com os olhos ficando mais claros, Korum se aproximou e beijou-a avidamente como se quisesse consumi-la. Ele passou as mãos em volta dos ombros dela e puxou-a mais para perto, arrastando-a para o colo. A ereção dele a pressionou sob o material molhado da bermuda.

Sentindo-se excitada com a paixão dele, Mia só conseguiu agarrá-lo enquanto ele devorava-lhe a boca. As mãos dele percorreram-lhe o corpo, arrancando as roupas que o impediam de tocar a pele nua. A boca quente dele desceu para o pescoço de Mia, beijando a pele de leve, e ela gemeu, jogando a cabeça para trás como se fosse pesada demais para o pescoço. Ela se sentia incrivelmente quente, como se estivesse queimando por dentro. Cada centímetro do corpo estava sensível e faminto pelo toque dele. Ele parecia sentir o mesmo, com a ereção latejando contra a perna dela e com as mãos movendo-se sobre o corpo de Mia quase de forma rude.

Ela curvou os dedos como se fossem garras e enterrou-os nos ombros dele.

— Por favor, Korum... — Ela o queria dentro de si com um desespero que não fazia qualquer sentido. — Por favor...

Ele se levantou, ainda segurando-a nos braços, e virou-a, colocando-a de quatro sobre a cadeira. Em seguida, inclinou-se sobre ela, penetrando-a com uma investida brusca, enterrando o pênis enrijecido sem se conter.

Ela arquejou, chocada com a entrada súbita e com os músculos internos esforçando-se para se ajustar a ele, mas Korum não esperou. Segurando-a pelos quadris, ele a fodeu de forma implacável, investindo com tanta força que

ela mal conseguia respirar, totalmente tomada pelas sensações. Ela ouviu a

respiração pesada dele e os próprios gritos. Em seguida, o mundo inteiro não continha nada além das sensações físicas, do prazer e da dor, até que não havia como separá-los e um não podia existir sem o outro... até que ela não era nada além de um animal, dominada pela necessidade mais básica.

Aquilo pareceu durar para sempre, até que ele gozou com um gemido gutural, enterrando-se nela como se quisesse transformá-los em um único ser.

As pulsações do pênis dentro dela fizeram com que ela gozasse e o orgasmo invadiu-lhe o corpo, deixando-a fraca e trêmula. Somente as mãos dele em seus quadris a impediram de desmoronar sobre a cadeira, pois os braços e as pernas tremiam demais para aguentar o peso do corpo.

Depois de cerca de um minuto, a respiração dele desacelerou e ele se afastou, separando os dois corpos. Mia se sentia exausta demais para se mover e ficou contente quando ele a pegou nos braços e carregou-a para dentro da casa.

Colocando os braços em volta do pescoço dele, ela murmurou: — Era isso que você tinha em mente quando disse que tinha planos?

— Mais ou menos, sim — admitiu Korum, subindo para o segundo andar.

— Eu imaginei algo um pouco mais civilizado, mas não tenho controle algum quando se trata de você. Eu não a machuquei, não é?

Ele a machucara um pouco, mas aquilo só servira para aumentar o prazer.

E, além do mais, ela se sentia perfeitamente bem e todos os traços de dor tinham desaparecido. — Não — garantiu ela. — Eu adorei.

Ele entrou em um banheiro grande e luxuoso, colocando-a de pé ao lado de uma banheira imensa. — Que bom — disse ele, ligando a água e sorrindo para ela. — Mesmo assim, acho que você precisa de um bom banho. E eu também.

E, enquanto Mia o observava, o pênis começou a endurecer novamente.

CAPÍTULO DEZESSETE

M arisa e Connor chegaram primeiro, com o Toyota 2012 subindo o caminho cinco minutos antes das seis horas. Korum terminava de preparar a mesa e Mia

saiu sozinha para recebê-los.

— Ah, meu Deus, Mia! Maninha, é tão bom ver você! Você está divina! O

que ele lhe dá para comer? — Marisa gritou assim que saiu do carro. — E

minha nossa, olhe só para esse lugar! Ele deve ser milionário!

Rindo, Mia abraçou a irmã com força, contendo-se um pouco quando notou a fragilidade incomum do corpo dela. — Marisa! Ah, é tão bom ver você! E

Connor!

Sorrindo, o cunhado se abaixou para abraçá-la. — Eis a minha cunhada favorita. Como você está?

— Ah, eu estou ótima! Venham, vamos entrar! Korum está dando os últimos retoques no jantar. Que, por falar nisso, deve estar incrível.

— Alguma carne? — perguntou Connor com um olhar esperançoso no rosto quando seguiram Mia em direção à casa. O marido de Marisa fora jogador de futebol na universidade e ainda tinha dificuldades em se ajustar à dieta pós-Dia K.

— Não, lamento, eles são vegetarianos. Mas, mesmo assim, são coisas muito deliciosas.

— Ainda acho difícil acreditar que vampiros são vegetarianos... —

resmungou Connor e Mia riu novamente.

— Eles não são vampiros de verdade, já superaram isso — explicou Mia.

— E algumas das plantas de Krina são muito saborosas e cheias de calorias.

Se nós as tivéssemos aqui, talvez também não precisássemos comer carne.

— Ahh, você experimentou plantas de Krina? — Marisa perguntou com um tom de inveja. A irmã normalmente adorava experimentar comidas novas e as duas frequentemente iam a restaurantes incomuns quando Marisa visitava Mia em Nova Iorque.

— Sim — confirmou Mia, sorrindo. — E elas são realmente gostosas. Mas só existem em Lenkarda. Hoje à noite, comeremos coisas mais locais.

— Ahm, espero que eu consiga comer alguma coisa. Fiquei enjoada de novo a caminho daqui — confessou Marisa. Ela parecia pálida e doente. —

Tivemos que parar em uma área de descanso. Estou surpresa por termos chegado antes do papai e da mamãe...

— Ah, eu já ia comentar com você — disse Mia, parando por um segundo antes de entrar na casa. — Conversei com Korum e ele vai pedir a uma das médicas deles que examine você para determinar o que está causando o problema.

— Uma médica K? — Connor parecia surpreso.

— Na verdade, ela é mais uma médica de humanos, uma krinar especializada em biologia humana. Korum disse que ela é realmente boa.

— Uau, Mia, eu nem sei o que dizer... — Os olhos de Marisa ficaram subitamente cheios de lágrimas.

— Ah, não, não se preocupe! Não é nada demais...

— Hormônios — explicou Connor, puxando a esposa mais para perto para abraçá-la.

— Ah, entendi. — Mia deu a Marisa alguns segundos para controlar as emoções. Em seguida, sorrindo, ela perguntou: — Estão prontos para entrar?

Marisa assentiu, parecendo mais animada, e Mia os conduziu para dentro da casa.

Korum devia ter acabado o que estava fazendo, pois entrou na sala de estar ao mesmo tempo. Como sempre, ele estava incrivelmente belo, com o tom dourado da pele contrastando com o branco da camisa simples de botões que usava. E, apesar de terem passado a maior parte da tarde na cama, Mia não pôde evitar a onda de excitação que sentiu ao vê-lo.

Vendo a irmã dela, ele abriu um sorriso largo e andou até eles. — Você deve ser Marisa — disse ele. — Posso ver a semelhança...

Marisa assentiu, parecendo tímida e afogueada de forma nada característica. — Sim, olá... — E também parecia incapaz de dizer qualquer coisa mais profunda que aquilo.

Lembrando-se do primeiro encontro com Korum, Mia sabia exatamente

como a irmã se sentia. Pelo jeito, nem mesmo o casamento e a gravidez eram capazes de proteger uma mulher contra o impacto da atração magnética do amante.

Virando-se para Connor, Korum disse: — E você é o marido de Marisa, certo? Connor?

O cunhado de Mia estendeu a mão de forma educada. — Sim, é um prazer conhecê-lo. Korum, certo? — Ele parecia muito menos afetado que a esposa.

Korum aceitou a mão dele e apertou-a brevemente. — Isso mesmo. O

prazer é todo meu. Posso oferecer uma bebida enquanto esperamos que os pais de Mia cheguem?

— Eu adoraria uma cerveja — disse Connor em tom leve. Mia teve que parabenizá-lo mentalmente pela compostura. Ele não parecia nem um pouco intimidado.

Korum sorriu e desapareceu na cozinha. Naquele momento, Marisa atraiu o olhar de Mia. — Uau. — Ela formou a palavra com os lábios sem fazer qualquer som. — Simplesmente uau.

Mia sorriu. Ela sempre sentira inveja da irmã mais velha e popular, que tivera tudo: boas notas, excelentes amigos e montes de garotos bonitos atrás dela. E agora Marisa estava com inveja dela?

Korum reapareceu, carregando uma bandeja que continha uma cerveja, um copo de champanhe e uma xícara cheia de um líquido leitoso. Ele entregou o copo de champanhe para Mia, a cerveja para Connor e a xícara para Marisa.

— Isso aqui deverá acalmar o seu estômago — disse ele em tom gentil. —

Pelo menos, pelo resto da noite.

Marisa pegou a xícara com gratidão e bebeu o conteúdo, sem nem se preocupar em questionar a segurança do líquido. Claramente, a experiência do pai dera a ela confiança suficiente para aceitar os remédios dos Ks. —

Obrigada — disse ela, arregalando os olhos. — Ah, uau, já estou sentindo-me muito melhor...

Naquele momento, a campainha soou. Os pais de Mia tinham acabado de chegar.

Depois de cumprimentá-los, Mia e Korum conduziram todos para a sala de jantar, onde ele preparara uma refeição que parecia um banquete. Mia se sentiu um pouco mal por não tê-lo ajudado, mas Korum a enxotara da cozinha quando ela oferecera ajuda, explicando que só atrapalharia. Nem um pouco ofendida, Mia se sentara perto da piscina para ver os últimos desenvolvimentos no laboratório de Saret, conversando com Adam em um

dispositivo parecido com o Skype que projetava a imagem dele como um holograma tridimensional.

Enquanto isso, Korum preparara um banquete consistindo em cinco variedades de saladas, cozidos exóticos de legumes, vários tipos de pratos com massa e molhos com aroma delicioso e frutas frescas como sobremesa.

Uma garrafa de Cristal gelava em um balde e a mesa estava decorada com um vaso grande cheio de flores lindas. Ele realmente se esmerara e o coração de Mia ficou apertado ao perceber que ele realmente tentava impressionar a família dela.

E eles ficaram impressionados.

A mãe de Mia pediu a Korum a receita de todos os pratos que comeram e até mesmo o pai parecia estar com humor muito melhor depois que a dor de cabeça desaparecera sem deixar rastros. O clima na mesa era surpreendentemente relaxado, com a família fazendo perguntas a Korum sobre a vida em Krina e o amante contando histórias divertidas sobre os pais e os trotes que Saret costumava pregar nele quando eram crianças. Observando-o, Mia percebeu que ele deliberadamente desviara a conversa para os tópicos que provavelmente deixariam a família dela mais tranquila... tópicos que, aos olhos deles, fariam com que ele parecesse mais humano. E, apesar de Mia saber que ele estava representando, não pôde evitar a sensação terna ao pensar em Korum como um garotinho brincando nas florestas de Krina e metendo-se em encrencas com os

amigos.

O jantar durou até as dez horas. Finalmente, repletos e felizes, todos partiram. Ao saírem, a mãe de Mia beijou o rosto de Korum e o pai apertou a mão dele. Marisa corou e gaguejou um pouco, agradecendo a ele pelo remédio contra enjoo. Connor abriu um sorriso largo e disse que voltariam para jantar todas as noites, dada a refeição maravilhosa que comeram.

Assim que a família foi embora, Mia passou os braços em volta da cintura de Korum e abraçou-o com força. Ainda segurando-o, ela olhou para cima e viu que ele a olhava com um olhar terno no rosto belo. — Obrigada — disse ela com sinceridade. — Isso significou muito para mim.

Ele acariciou o rosto dela de leve. — Eu faria qualquer coisa para deixá-

la feliz, querida — disse ele. — Você sabe disso, não sabe?

Mia assentiu e enterrou o rosto no peito dele, com a sensação de que não conseguiria conter todas as emoções que lhe enchiam o peito naquele momento. Ela o amava tanto que doía. E, naquele instante, teve quase certeza de que ele também a amava.

NA MANHÃ SEGUINTE, Mia acordou com o som de vozes conversando em krinar.

Ela ouviu uma voz feminina, estranhamente familiar, misturada com os tons mais profundos de Korum. A médica, percebeu Mia. Devia ter chegado para examinar Marisa.

Saindo da cama, Mia rapidamente se vestiu, lavou o rosto e escovou os dentes. Ela olhou para o relógio, sabendo que a irmã deveria chegar em alguns minutos.

Entrando na sala de estar, Mia viu uma bela krinar parada, conversando com Korum sobre as praias locais. Alta e magra, ela parecia uma supermodelo brasileira, com a pele bronzeada, cabelos castanhos escuros com reflexos dourados e olhos castanhos brilhantes. Novamente, alguma coisa se agitou na mente de Mia, aquela lembrança que ela não conseguia captar.

Ela se aproximou e a K se levantou, estendendo a mão para Mia. — Olá

— disse ela em tom caloroso. — Sou Ellet.

Sorrindo, Mia apertou a mão dela brevemente, surpresa com o cumprimento humano. Além da prima de Korum, Leeta, Mia não falara com outras Ks. Todos os assistentes no laboratório de Saret eram machos e Mia ainda não socializara com ninguém mais.

— Obrigada por vir até aqui — disse Mia. — Nem sei como dizer o quanto aprecio a sua ajuda.

— Ah, o prazer é meu — disse Ellet, abrindo um sorriso enorme, o que fez com que Mia gostasse dela imediatamente. — Essa é a primeira vez que venho à Flórida e estou adorando. É muito parecida com a Costa Rica, mas muito mais desenvolvida e com tantos humanos!

Mia ergueu a sobrancelha surpresa. Desenvolvido e cheio de humanos normalmente eram características negativas para a maioria dos krinars, mas Ellet parecia demonstrar exatamente o oposto.

— Ellet adora os humanos — disse Korum secamente. — Vocês são a especialidade dela. Não sei por que ela ainda continua em Lenkarda. Nova Iorque seria um lugar muito melhor.

— É um pouco frio e sujo demais para o meu gosto — disse Ellet, sorrindo. — Mas a Flórida parece muito mais promissora...

— É mesmo? — perguntou Mia, olhando para ela. — E você mudaria para cá e faria o quê? Abriria uma clínica?

Ellet sorriu. — Eu gostaria de fazer isso, mas provavelmente não

conseguiria permissão. Isso vai contra o mandado.

— O mandado?

— O mandado de não interferência, uma das condições para que os Anciãos concordassem em nos deixar morar aqui na Terra — explicou Ellet, lançando a Korum um olhar rápido e indecifrável.

— Ah, entendi — disse Mia, mas, na verdade, não entendeu. Ela sabia que os Ks

não tinham compartilhado a tecnologia e a ciência e presumira que fosse porque queriam ver como o experimento evolucionário deles se sairia. No entanto, ela não sabia que, na verdade, havia um mandado em vigor.

Antes que ela pudesse fazer mais alguma pergunta, a campainha soou.

Marisa chegara.

Mia foi abrir a porta.

Novamente, a irmã parecia murcha e pálida. A cor escura dos cabelos só enfatizava o tom doentio do rosto. Obviamente, passara o efeito do remédio que Korum dera a ela na noite anterior.

— Ellet já está aqui — disse Mia. — Ela é muito simpática, você gostará dela.

Marisa assentiu, parecendo um pouco enjoada. — Mia — sussurrou ela

—, e se eles descobrirem que realmente há algo de errado comigo ou com o bebê? Alguma coisa que os nossos médicos não conseguiram diagnosticar? E

se for algo ruim, realmente ruim?

— O quê? Não! Tenho certeza de que você está perfeitamente bem.

Provavelmente, é só um desequilíbrio hormonal estranho... Você não pode começar a se preocupar com suposições antes mesmo que a médica a examine!

Vamos, venha cá... — Mia a puxou e abraçou-a, sentindo o corpo magro tremendo em seus braços.

Naquele momento, Ellet e Korum entraram no corredor, provavelmente tendo ouvido alguma coisa com a audição aguçada dos krinars.

— Você deve ser Marisa — disse Ellet, aproximando-se da irmã de Mia e estudando-a com um olhar inquisidor no rosto perfeito.

Marisa se afastou de Mia, parecendo um pouco atônita ao ver uma criatura tão linda.

A krinar abriu um sorriso largo. — Sou Ellet — disse ela gentilmente — e sou

especialista em biologia humana. Por favor, não se preocupe, você não precisa ter medo de nada. Venha, vamos para a sala de estar e verei se há alguma coisa errada. E, mesmo se houver, tenho certeza de que podemos resolver. O corpo humano tem alguns mistérios para nós ainda.

Marisa assentiu, sentindo-se mais confortável, e eles foram para a sala de estar.

— Você pode ficar sentada quieta por um minuto? — pediu Ellet, estendendo a mão para um pequeno dispositivo branco que estava sobre a mesinha perto do sofá. Pegando-o, ela o direcionou para a irmã de Mia, percorrendo-lhe o corpo da cabeça aos pés, concentrando-se especialmente na área da barriga.

Em seguida, largando o dispositivo, ela perguntou: — O seu médico lhe disse que você tem hiperêmese gravídica?

Marisa piscou algumas vezes. — Ahm, ele mencionou alguma coisa nesse sentido, mas achei que fosse apenas um nome para náusea e vômitos constantes...

— E é. É uma condição que acontece quando você tem níveis excessivos do hormônio beta hCG. Pode ser perigosa se você ficar gravemente desidratada e não acho que os médicos humanos sabem como tratá-la além de prescrever fluidos IV nos casos mais extremos e de recomendar descanso. No entanto, posso resolver isso para você para que o restante da gravidez transcorra tranquilamente.

Marisa olhou para ela com um olhar esperançoso. — É mesmo? Pode fazer com que isso desapareça?

— Posso normalizar os seus níveis hormonais. Como ainda está no primeiro trimestre, talvez ainda tenha um pouco de náusea de vez em quando, mas posso lhe dar um remédio para tomar nesse caso. Mas você conseguirá comer e viver normalmente de novo. E começar a ganhar peso, como deveria.

— E o bebê? Está tudo bem com o bebê? — perguntou Marisa com a voz trêmula.

Ellet sorriu. — Sim. Ela será uma bela garota.

— Ah, meu Deus! Uma menina! — Lágrimas de alegria encheram os olhos de

Marisa. Desde que Mia conseguia se lembrar, Marisa sempre falara em ter uma filha e agora parecia que o sonho dela se tornaria realidade. Mia sorriu e apertou a mão dela.

— Muito bem, está pronta? Precisaremos de privacidade para o próximo passo — disse Ellet.

— Vocês podem ir para um dos quartos no andar de cima — disse Korum.

— Ficaremos esperando aqui.

Marisa parecia um pouco nervosa. — O que você vai fazer? — perguntou ela a Ellet. — É como uma operação?

— Não precisarei cortar você nem nada parecido — assegurou a K. — É

só um pequeno dispositivo que precisa entrar em você. Levará cerca de cinco minutos e, depois, poderá ir para casa.

— Vá em frente — encorajou Mia. — Ficará tudo bem...

Marisa e Ellet foram para o segundo andar e Mia se sentou ao lado de Korum. — Obrigada novamente por trazer Ellet até aqui — disse ela. — Ela é maravilhosa.

— Sim, é uma das pessoas mais simpáticas que conheço — admitiu Korum. — Ela ainda é relativamente jovem, tem apenas uns quatrocentos anos, mas é muito apaixonada pelo que faz e contribuiu muito para a área dela. —

Ele parecia sentir admiração por Ellet.

Uma ideia desagradável cruzou a mente de Mia. — Você e ela alguma vez...? — Ellet era uma das mulheres mais lindas que Mia já vira, mesmo em Lenkarda.

Korum deu de ombros. — Não foi nada sério, apenas algo casual há alguns anos. Não é nada com que você precise se preocupar.

Mia engoliu em seco, subitamente sentindo o ciúmes queimando-a por dentro. — Vocês foram amantes? — Uma onda de náusea a percorreu ao imaginá-los juntos na cama, os lábios da K sobre o corpo de Korum, as mãos esguias tocando-o em lugares íntimos.

— Apenas por um breve período. Você precisa entender uma coisa, querida. O sexo é uma atividade divertida e recreativa para nós. A não ser que ele aconteça no contexto de um relacionamento sério, não atribuímos qualquer significado a ele.

Mia o encarou, tentando digerir aquilo por um segundo e afastar as imagens desagradáveis e pornográficas que ainda passeavam pela mente. — E

o que determina se você está ou não em um relacionamento sério?

— Se nós gostamos da outra pessoa e até que ponto.

— E você não gostava de Ellet?

Ele balançou a cabeça negativamente. — Não. Éramos similares demais em alguns aspectos. Rapidamente, ficou óbvio que não tínhamos muita coisa além da atração inicial, que desapareceu depois de algumas semanas.

— Mas ela é tão incrivelmente linda... Como você pode não se sentir mais atraído por ela? E ela por você? — perguntou Mia baixinho, sentindo-se irracionalmente chateada. Por que Korum ficaria com uma humana comum que não chegava nem aos pés de uma das antigas amantes dele? E se a atração que ele sentira por Ellet desaparecera tão depressa, que chance Mia tinha de

prender a atenção dele por mais tempo? Eles estavam juntos há pouco mais de seis semanas. Será que ele ficaria entediado em mais um mês?

Korum estendeu a mão e colocou a palma grande e quente no rosto dela. —

Mia — disse ele em tom suave —, com o que você está se preocupando? Eu conheci milhares de belas mulheres, mas nunca quis nenhuma delas como quero você...

Mia olhou para ele, sentindo a tensão interna diminuir.

— E, fisicamente, você é muito mais atraente para mim do que ela —

continuou ele, com os olhos assumindo um tom dourado mais claro. — Como você pode ter alguma dúvida disso a essas alturas? Não é suficiente o fato de que só me falta prendê-la com correntes à minha cama? Se eu a achasse um pouco

mais atraente do que acho, ficaria enterrado dentro do seu corpo dia e noite... E o que seria de nós então?

O rosto de Mia ficou quente e vermelho, e ela sentiu o corpo reagindo fisicamente às palavras dele. Ao mesmo tempo, deu-se conta de que a irmã e Ellet desceriam a qualquer momento. — Korum, por favor — sussurrou ela.

— E se elas nos ouvirem?

Ele deu um sorriso malicioso. — Elas descobririam algo chocante... o fato de que nós fazemos sexo...

Naquele instante, Mia ouviu passos na escada e Marisa entrou na sala, seguida de perto por Ellet.

Rapidamente afastando-se de Korum, Mia se levantou e correu até a irmã.

— Marisa! Como foi?

Marisa balançou a cabeça, parecendo estar em um leve estado de choque.

— Eu mal senti alguma coisa quando Ellet tocou em mim. Mas, agora, já estou começando a me sentir menos enjoada...

— Você se sentirá ainda melhor daqui a algumas horas quando os nanos começarem gradualmente a normalizar a sua produção hormonal — disse Ellet com uma expressão feliz. — Além disso, se ainda tiver algum traço residual de náusea, basta tomar aquele pó que lhe dei e ficará bem pelo restante da gravidez. E, como eu lhe disse, ficarei muito feliz em vir aqui quando chegar o momento do parto...

Marisa fungou, com os olhos cheios d'água, e deu um abraço em Ellet, obviamente surpreendendo a K. — Obrigada, Ellet, muito mesmo! Eu queria que todos soubessem como a sua raça é boa...

Ellet retribuiu o abraço de forma meio desajeitada. — Obrigada, Marisa, mas lembre-se do que eu lhe disse. Não pode sair por aí contando para as

pessoas sobre isso, pois poderei ter problemas. Não podemos interferir muito com os humanos...

— Por que não? — perguntou Mia. — Qual é o problema se você ajudar uma mulher grávida?

Korum se aproximou de Mia e passou o braço pelos ombros dela, pressionando-a contra ele. — Eu explicarei a você mais tarde, querida —

disse ele e havia um tom de advertência na voz dele. — Por enquanto, por que você e Marisa não passam um tempo juntas? Preciso conversar com Ellet sobre algumas coisas de Lenkarda.

Ele queria ficar sozinho com a ex-amante? A sensação de ciúmes que ela achara ter controlado voltou com força total. Mesmo assim, assentiu e perguntou: — Marisa, quer dar um passeio na praia?

A irmã sorriu. — Claro, parece uma excelente ideia — disse ela e Mia percebeu que os sinais de tensão não tinham escapado do olhar aguçado de Marisa.

Korum se abaixou para beijá-la na testa e soltou-a. — Vão em frente —

disse ele. — A sua vitamina matinal está na cozinha. Também fiz uma para Marisa. Vocês podem levá-las para a praia, se quiserem.

Mia agradeceu e as duas irmãs saíram, pegando os copos com vitamina no caminho.

CAPÍTULO DEZOITO

— M uito bem, maninha, desembuche. O que foi aquela sua reação lá atrás? — Marisa tomou um gole da vitamina e olhou para Mia em expectativa enquanto andavam pela praia, com as ondas batendo na areia a apenas alguns metros de distância.

Mia chutou uma pequena concha, enchendo o chinelo de areia. — Eu acabei de descobrir que ele teve alguma coisa com Ellet no passado — disse ela a Marisa em tom lúgubre. — E agora ele quer ficar sozinho com ela na casa. Como eu deveria reagir a isso?

— Ai.

— Pois é.

Marisa ficou em silêncio por alguns segundos, parecendo remoer o assunto. — Eu não acho que ele ainda tenha alguma coisa com ela... — disse ela pensativa. — Na verdade, tenho certeza disso. Ele só tem olhos para você.

É quase assustador, na verdade, a forma intensa como ele a observa o tempo inteiro. Ainda assim, não foi uma coisa muito bacana de se fazer. Mas talvez ele tenha alguns negócios a discutir com ela.

— Provavelmente — concordou Mia, dando de ombros. — Ele disse que o que havia entre eles acabou há alguns anos e que, para começo de conversa, nunca foi nada sério. Ainda assim, não consigo deixar de imaginar os dois juntos, sabe?

Por cerca de um minuto, elas andaram em um silêncio confortável, bebendo lentamente a vitamina e observando a água.

Logo depois, Marisa falou novamente. — Você realmente o ama, não é? —

perguntou ela, soando preocupada pela primeira vez.

Mia suspirou e sentou-se na areia. — Mais do que consigo expressar —

admitiu ela. — Mais do que eu jamais teria imaginado.

— Ah, Mia...

— Eu sei, eu sei. Não preciso de um sermão sobre o assunto. Não tem como terminar bem, acredite, eu sei disso.

A irmã estendeu a mão e apertou a dela. — Bem, se é que adianta alguma coisa, ele parece louco por você. Totalmente louco. Eu nunca vi nada parecido. Ele olha para você como se quisesse devorá-la e, ao mesmo tempo, como se fizesse qualquer coisa por você. Ele parece obcecado por você, mana...

Mia riu, pois as palavras de Marisa acabaram com o humor sombrio. —

Ora, vamos, tenho certeza de que você está exagerando. Temos uma excelente química, só isso...

— Não, Mia — Marisa balançou a cabeça negativamente com a expressão séria. — O que vocês dois têm é muito mais do que isso. Nem sei como descrever. Ele

observa cada um dos seus movimentos. É meio estranho, na verdade. E ele parece não conseguir passar mais de alguns minutos sem tocar em você...

Mia corou de leve, imaginando se a irmã ouvira a conversa deles. Se ouviu, então Ellet com certeza ouvira também. Os krinars tinham a audição mais aguçada que a maioria dos humanos.

— De qualquer forma, como você acabou se envolvendo com ele? —

perguntou Marisa com curiosidade desvelada. — Você nunca me contou a história toda, só aquela bobagem sobre o amante de Dubai... Você sempre foi tão cuidadosa e certinha. Não consigo imaginá-la tendo um caso com um K.

Mia hesitou. Ela não queria mais mentir para a irmã, mas também não queria contar à família a história completa. — Não foi fácil para mim —

admitiu ela. — Eu fiquei bastante assustada no começou e Korum consegue ser... intimidador, de vez em quando. Mas eu estava muito atraída por ele, obviamente, e ele foi muito persistente... E, bem, você sabe o resto da história.

Marisa a estudou intensamente. — Entendi. Tenho certeza de que há mais coisa, mas você poderá me contar quando estiver pronta.

— Obrigada, Marisa. Você é a melhor irmã que uma garota poderia ter —

disse Mia com sinceridade.

— Eu sei, e muito modesta também. — Ela sorriu ao dizer aquilo e Mia sorriu de volta.

Elas andaram mais um pouco, cada uma ocupada com os próprios

pensamentos, até que Marisa falou novamente. — Há alguma forma de as coisas darem certo para vocês dois? — perguntou ela com a expressão séria novamente. — Qualquer forma?

Mia balançou a cabeça negativamente. — Não, não vejo como. Somos literalmente de espécies diferentes, com tempos de vida muito diferentes. Em algum momento, ele me deixará... e não sei como eu sobreviverei quando isso acontecer.

— Ah, Mia... Querida, nem sei o que dizer... — Havia uma expressão de pena intensa no rosto bonito de Marisa.

— Você não precisa dizer nada — respondeu Mia calmamente. — A culpa é minha por ter me apaixonado por ele. Eu poderia ter encontrado um cara bacana e normal, alguém como Connor. Mas, não, tive que me envolver com um alienígena. Tenho certeza de que, no fim das contas, vou me recuperar... e talvez até mesmo encontrar um humano de quem passarei a gostar.

— Você já conversou com ele sobre isso?

— Não, não conversei — respondeu Mia honestamente. — Estou feliz demais no momento para tocar nesse assunto. Pela primeira vez, estou tentando viver o momento, aproveitar alguma coisa sem me preocupar com as consequências...

Marisa sorriu, mas havia uma sombra de preocupação no rosto dela. — É

isso aí, maninha. Aproveite a vida mesmo.

O KRINAR OBSERVOU as duas garotas caminhando lentamente na praia. As duas eram bonitas, mas apenas uma o interessava.

Não adiantava nada observá-la naquele momento. Racionalmente, ele sabia disso. Deveria estar concentrado no inimigo, não em uma pequena humana que não poderia ser uma ameaça para os planos dele.

Mesmo assim, ele não conseguiu afastar o olhar.

Ela riu, virando o rosto na direção do sol, e ele aproximou a imagem, parando a gravação por um segundo. Os lábios dela estavam ligeiramente abertos, mostrando os dentes brancos regulares, e a pele pálida parecia luminosa, quase brilhante.

Ela parecia feliz e ele quase se arrependeu do que teria que fazer. Se tudo desse certo no dia seguinte, ela ficaria triste por algum tempo.

Pelo menos, até que ele tivesse a chance de acabar com a dor dela.

NAQUELA NOITE, Korum levou a família inteira para jantar fora, levando-os a um restaurante sofisticado que abrira recentemente em Hammock Beach, uma

comunidade privada exclusiva perto de Ormond.

Para surpresa e alegria de Connor, havia frutos do mar no menu, bem como filé e caviar. Os preços dos produtos animais eram astronômicos, claro, e alguns dos pratos custavam quase o que um professor ganhava em uma semana inteira de trabalho. Os pais olharam para o menu atônitos até que Korum disse a eles firmemente que o jantar seria por conta dele e que não aceitaria qualquer protesto em relação a isso. Inicialmente hesitante, no final eles cederam. Connor pediu um filé e os pais dividiram um coquetel de camarão como aperitivo e lagosta como prato principal. Mia pediu massa feita com ovos de verdade e Marisa pediu *blinis* com caviar. Korum, como sempre, manteve-se na dieta principalmente à base de legumes, mas permitiu-se um pouco de manteiga. — Uma das invenções humanas mais gostosas —

comentou ele.

A primeira parte do jantar foi tranquila, com Korum perguntando educadamente aos pais de Mia sobre o trabalho deles e como chegaram ao país quando criança. Ele pareceu particularmente interessado na experiência de migração e no processo de familiarização dos humanos. Os pais dela ficaram felizes com o rumo da conversa, que fluiu de forma suave e fácil.

Mas, alguns copos de vinho depois, o cunhado começou a entrar em território um pouco menos confortável. — Então, por que vocês vieram para a Terra? — perguntou Connor, olhando para Korum com curiosidade aberta.

Mia ficou imóvel, lembrando-se da opinião um tanto baixa que o amante tinha da raça humana e do tratamento que dava à Terra, o planeta que os Ks consideravam o futuro lar deles.

Mas ela não precisava ter se preocupado. A fachada de Korum para agradar os pais dela estava firmemente no lugar. — Nosso sistema solar é muito mais velho que o de vocês — explicou ele casualmente. — E nossa estrela começará a morrer muito antes do seu sol. Portanto, era lógico que começássemos a nos preparar para essa eventualidade. Além disso, é bom diversificar em termos de local. Se algum tipo de desastre cósmico recair sobre Krina ou nossa galáxia, pelo menos alguns dos krinars sobreviverão.

— Ah, uau, vocês realmente pensam à frente, hein?

Connor soou impressionado e Korum lhe lançou um sorriso breve antes de

mudar a conversa para a infância de Mia e como ela era no jardim de infância.

O restante do jantar passou depressa, com a família competindo para ver quem contava a história mais divertida e constrangedora sobre Mia quando bebê, da estranha preferência por roupas roxas quando tinha três anos a Marisa subornando-a com doces para que fizesse o dever de casa de matemática no primeiro ano.

— Acho difícil acreditar que Mia precisou ser forçada a fazer o dever de casa — disse Korum, sorrindo ternamente para ela. — Não consigo fazê-la parar de trabalhar agora. A ética profissional dela é inacreditável. Até mesmo Saret está impressionado e ele teve muitos assistentes talentosos e dedicados no decorrer dos anos.

Os pais dela sorriram, orgulhosos e felizes, e Mia percebeu novamente como Korum era um manipulador habilidoso. Ele estava com a família dela na palma da mão, apesar do fato de que deviam estar preocupados por a filha mais nova estar em um relacionamento com um predador extraterrestre. Não que ela se importasse, claro. O amante estava fazendo exatamente o que Mia queria, deixando os pais dela tranquilos, e ela estava grata por isso.

Finalmente, o jantar terminou por volta de dez horas da noite. Despedindo-se da família, Mia entrou na Ferrari de Korum e eles foram para casa. Ela se sentia feliz e repleta com a refeição deliciosa.

AO ACORDAR NA MANHÃ SEGUINTE, Mia saltou da cama cheia de energia. Ela escovou os dentes rapidamente, colocou a roupa de banho que Korum deixara para ela e foi procurá-lo.

Ela o encontrou perto da piscina, tomando banho de sol como um enorme gato dourado. Diferentemente dos humanos, Korum não se bronzeava e a pele tinha sempre o mesmo tom levemente dourado. Pensando no assunto, Mia notou que conseguira evitar queimaduras de sol até o momento, apesar de não usar bloqueador solar. Por um momento, ficou imaginando se Korum lhe dera alguma coisa para proteger a pele sem que ela soubesse. Mas, depois, deixou o assunto de lado, empolgada para começar o dia.

Vendo-a entrar na área da piscina, Korum lançou-lhe um olhar lento e sensual

que relembrou Mia das coisas que ele fizera com ela na noite anterior.

As entranhas dela se contraíram ao lembrar do prazer que sentira. Ele não parecia se fartar dela, nem ela dele, até o ponto em que Mia começou a

imaginar se estavam viciados um no outro. Claro, Korum a advertira sobre o vício em sangue, não o vício em sexo, mas ela não conseguia se imaginar desejando-o mais do que já acontecia.

Arbustos altos e uma cerca branca sólida rodeavam a área da piscina, bloqueando-a das vistas das pessoas que passeavam na praia e dando privacidade aos moradores da mansão. Encorajada, Mia se aproximou de Korum e correu a mão pelo peito dele, adorando a sensação da pele macia e quente com o calor do sol.

Ele sorriu e pegou a mão dela, levando-a à boca para beijá-la. — Ah, minha dama acordou — brincou ele, com os lábios macios beijando de leve as costas da mão dela.

Um arrepio de prazer percorreu o corpo de Mia com o toque dele e, subitamente, ela se sentiu muito mais quente. Corando, ela perguntou: — Quer ir à praia hoje pela manhã?

Eles deveriam encontrar os pais dela para o almoço e depois ir até St.

Augustine para visitar a fazenda de jacarés, uma das atrações favoritas de Mia na área. Mas eram apenas nove horas da manhã e tinham bastante tempo.

— E o café da manhã? — perguntou ele. — Não está com fome?

— Posso comer uma banana no caminho — disse Mia. Ela estava com vontade de nadar um pouco no mar. — Ainda estou meio cheia do jantar de ontem.

— Então vamos.

A PRAIA EM frente à casa era linda e estava quase completamente deserta.

Apesar de não ser uma praia particular, não havia hotéis por perto nem qualquer lugar fácil para estacionar para quem quisesse ir à praia. Como resultado, era provável que encontrassem apenas os moradores ricos das casas à beira da praia

e algumas outras pessoas que davam longos passeios.

Saindo pelo portão da área da piscina, eles passaram sobre uma ponte estreita de madeira que levava até a areia, passando por cima das dunas.

Assim que saíram da ponte, Mia chutou os chinelos para longe e correu na direção da água, ansiosa para testar a temperatura. Naquela época do ano, o Atlântico não era tão quente quanto seria mais tarde, durante o verão, mas ela não se importava. Apesar de ser relativamente cedo, já estava quente do lado de fora e ela estava ansiosa pela água fresca do oceano.

Eles nadaram por uma hora até que Mia se sentiu agradavelmente cansada,

com os músculos doloridos pelo esforço incomum. Ela ficou surpresa com a própria resistência. Além de nadar um pouco na Costa Rica à noite, ela não fizera muitos exercícios nos meses recentes. Talvez ainda estivesse em forma depois da corrida de cinco quilômetros para arrecadação de fundos para instituições de caridade em que Jessie as inscrevera um ano antes. Mia passara por exercícios intensos para se preparar para a corrida. Ou talvez as comidas nutritivas que Korum lhe dava fossem realmente benéficas para o corpo.

Quando finalmente saíram da água, Mia se deitou em uma toalha grande que levaram junto e Korum se deitou ao lado dela. Fechando os olhos, ela relaxou, com os raios quentes do sol batendo na pele. Ela perguntou a si mesma, vagamente, se deveria passar protetor solar, mas estava com preguiça demais para se mover. Só alguns minutos, prometeu ela, só o suficiente para produzir um pouco de vitamina D...

Uma sensação agradável de cócegas a acordou do cochilo algum tempo depois.

Abrindo os olhos, ela virou a cabeça para o lado, espremendo os olhos ligeiramente por causa da luz forte. Korum estava deitado ao lado dela, apoiado no cotovelo. Olhando para ela com um sorriso, ele acariciava gentilmente as costelas de Mia com um dedo longo. Os cabelos pretos brilhavam sob o sol e havia uma expressão amorosa nos olhos cor de âmbar.

— O que foi? — murmurou Mia, sentindo-se um pouco constrangida. O

biquíni que usava deixava muito pouco para a imaginação e a forma como ele a observava naquele momento a deixou absurdamente tímida.

— Nada — disse ele em tom suave. — A sua pele fica tão bonita nessa luz. Não tinha percebido antes como uma pele tão pálida pode ser tão bonita.

— Ahm, obrigada...

— E ela fica linda quando você cora — brincou ele, passando os dedos de leve nas bochechas subitamente quentes de Mia.

Ela abriu um sorriso ligeiramente envergonhado. Estar em um relacionamento ainda era novidade para ela, ter alguém tocando-a e admirando seu corpo daquela forma. E o fato de aquele alguém ser a criatura maravilhosa deitada ao lado dela era algo muito além de qualquer coisa que Mia pudesse ter imaginado.

— Por quanto tempo fiquei apagada? — perguntou ela, lembrando-se do cochilo. — Eu não pretendia cochilar...

— Não foi muito tempo. Mais ou menos uns vinte minutos.

Mia bocejou delicadamente, cobrindo a boca com as costas da mão. —

Desculpe-me... você deve ter ficado muito entediado...

— Nunca fico entediado perto de você — disse ele, ainda estudando-a. —

Eu gosto de observá-la dormindo. Você sempre parece tão doce e calma...

como um anjo de cabelos escuros. Acho muito relaxante vê-la assim.

Mia sorriu para ele. Korum era muito estranho às vezes. — Isso é bom, acho, considerando o quanto eu durmo.

Ele só sorriu em resposta, prendendo um cacho de cabelos atrás da orelha dela. — Está com fome agora? Ou ainda está cheia do jantar de ontem?

Mia considerou o assunto. — Eu poderia comer. Mas não vamos almoçar com os meus pais daqui a pouco?

— Daqui a duas horas. Você provavelmente ficará faminta até lá.

— Hmm, está bem. Mas, primeiro, quero nadar mais um pouco.

— Claro. Quer nadar agora?

— Na verdade, preciso ir ao banheiro primeiro — admitiu Mia. — Você pode me esperar? Voltarei em alguns minutos.

— É claro — respondeu Korum, sorrindo. — Eu espero.

Levantando-se, Mia correu de volta para a casa. Entrando pelo portão da área da piscina, ela usou um dos banheiros do primeiro andar. Em seguida, foi na direção da praia, ansiosa pelo frescor da água na pele quente.

Aproximando-se da cerca alta, Mia abriu o portão... e ficou imóvel.

Do lado de fora da cerca, com a paisagem bloqueando a visão de quem estivesse na praia, estava Leslie, uma das combatentes da Resistência com quem Mia trabalhara.

E nos braços magros e musculosos, estava uma arma apontada diretamente para o peito de Mia.

CAPÍTULO DEZENOVE

P or alguns segundos, um terror gelado manteve Mia completamente imóvel, incapaz de pensar nem de reagir. Como um veado olhando para uma luz forte, notou o cérebro dela com diversão mórbida. As pernas estavam fracas e pesadas, como se ela estivesse presa em areia movediça, e a visão ficara tão estreita que ela só conseguia enxergar a arma mortal apontada para o seu peito.

Em seguida, uma onda de adrenalina a invadiu, clareando a mente e fazendo com que os batimentos cardíacos se acelerassem de forma inacreditável. Se ela não fizesse alguma coisa, morreria, percebeu Mia com muita clareza. Korum estava longe demais para ajudá-la se gritasse. A bala chegaria nela muito antes que ele se aproximasse da casa.

— Levante as mãos, vadia — ordenou Leslie com voz rouca. As feições delicadas dela estavam tão distorcidas com ódio que mal eram reconhecíveis.

— Sua traidora filha da puta, você vai ter exatamente o que merece...

— O que você está fazendo aqui, Leslie? — interrompeu Mia, tentando evitar

que a voz tremesse e erguendo as mãos lentamente. *Não mostre o medo a um cachorro raivoso. Nunca mostre medo. Faça com que ela continue falando. Ganhe tempo.*

— Achou mesmo que conseguiria se safar? — cuspiu Leslie, com os braços tremendo e o dedo batendo nervosamente no gatilho. — Achou mesmo que conseguiria trair sua raça inteira e viver feliz para sempre, fodendo aquele monstro?

As roupas dela estavam rasgadas e sujas, notou Mia com uma parte semifuncional do cérebro. A garota devia estar fugindo havia algum tempo.

— Leslie, escute — disse Mia em tom desesperado, sabendo que provavelmente só tinha alguns segundos de vida. — Se você atirar em mim, Korum a matará. Você não conseguirá fugir depressa o suficiente. Ele ouvirá o tiro e estará sobre você...

Um sorriso louco e triunfante iluminou o rosto de Leslie. Por um segundo, ela pareceu positivamente feliz. — Ah, você acha que eu arriscaria a minha vida para matá-la? — disse ela com rancor. — Você acha que sou tão burra assim? Não, vadia. Eu adoraria acabar com a sua existência inútil, mas as minhas ordens são para deixá-la viva... Viva e fora do caminho enquanto ele lida com o seu amante...

Horrorizada, Mia a encarou, com um medo doentio correndo pelas veias.

— O que quer dizer com isso? — sussurrou ela, com o cérebro mal conseguindo processar as implicações. — Enquanto quem lida com ele?

Leslie riu, claramente gostando da reação de Mia. — Eu sabia. Eu sabia que você tinha se apaixonado por aquele monstro. Eu disse a John para não confiar em você, mas ele estava convencido de que estava do nosso lado. Mas eu sabia que não. Sabia que você era justamente o tipo de idiota que se apaixonaria por aquela fachada bonita. Ele a deixou viciada também? Você anda por aí agora, implorando aos Ks que a mordam de hora em hora, como meu irmão fez antes que eles o matassem?

Os pensamentos de Mia rodopiaram em pânico e o coração batia com tanta força que ela achou que o peito explodiria. Ao mesmo tempo, uma fúria começou a se acumular lentamente dentro dela. — Enquanto quem lida com ele? — repetiu ela

por entre os dentes com a voz baixa e cheia de ódio.

Os lábios de Leslie se contorceram em uma paródia de sorriso. — Você acha que os Kapas estavam sozinhos? — perguntou ela em tom zombeteiro. —

Você acha que eles foram pegos e que isso foi o fim?

Atônita, Mia só conseguia olhar para ela em choque.

— Ah, sim, há mais Ks envolvidos — confidenciou Leslie e havia um prazer cruel no rosto dela. — O seu amante está sendo transformado em partículas enquanto conversamos...

Mia prendeu a respiração, com os pulmões incapazes de receber ar suficiente. A visão escureceu por um segundo e uma fúria diferente de tudo o que já sentira a invadiu, sem deixar espaço para o medo.

E, subitamente, ela soube exatamente o que precisava fazer.

Por um breve momento, o olhar dela se desviou para um ponto logo acima do ombro de Leslie e ela deixou que uma expressão de alegria selvagem

invadisse o rosto.

Assustada, Leslie se virou para olhar para trás por um segundo e Mia saltou sobre ela, com as mãos fechando-se na arma no momento em que a garota percebeu que fora enganada.

A força do salto de Mia jogou as duas no chão, com Mia em cima. O

desespero deu a ela uma força que não sabia que tinha. No entanto, Leslie conseguiu segurar a arma, com o treinamento e o tamanho maior dando a ela uma vantagem imensa. Elas rolaram pelo chão, lutando pela posse da arma.

A garota mais pesada acabou por cima, com o peso prendendo Mia no chão. O joelho dela atingiu Mia no estômago e ela arquejou, temporariamente sem ar. Ao mesmo tempo, Leslie agarrou a arma com as duas mãos, quase tirando o braço de Mia do lugar. Ela mal registrou a dor, amortecida pela adrenalina que lhe percorria as veias e pela fúria assassina que lhe enchia a mente.

Pela primeira vez na vida, Mia soube como era sentir vontade de matar uma pessoa, rasgá-la em pedaços e observá-la sangrar até a morte. Com uma névoa vermelha obscurecendo a visão, ela lutou sem se preocupar com a própria segurança nem em lutar de forma justa. O rosto dela ficou perto do ombro de Leslie e ela mordeu, enterrando os dentes selvagemente na parte carnuda do antebraço da garota. A combatente gritou e Mia ficou feliz ao vê-la sentir dor, com o gosto metálico do sangue enchendo-lhe a boca. Ela levantou o joelho com força, batendo-o no osso púbico de Leslie com a maior força que conseguiu reunir. A garota gritou e afrouxou ligeiramente as mãos que seguravam a arma.

Aquela era a oportunidade de que Mia precisava.

Em vez de puxar a arma, ela a empurrou e girou. O dedo indicador de Leslie ficou preso no gatilho, girando com a arma, e a garota gritou quando o dedo estalou, dobrando-se de forma estranha para trás.

Aproveitando a distração, Mia puxou a arma, arrancando-a da mão de Leslie.

Em seguida, mal consciente das próprias ações, ela bateu a arma com força selvagem na parte de cima do crânio de Leslie.

O corpo da garota ficou mole, com o sangue escorrendo do local onde o objeto de metal duro batera. Arquejando e tremendo, Mia empurrou-a para longe. A mente dela só tinha um pensamento: chegar até Korum antes que fosse tarde demais.

Levantando-se com um salto, ela pegou a arma e correu, ignorando a

garota inconsciente deitada no chão.

MIA CORREU MAIS depressa do que jamais o fizera, com os pulmões queimando e o piso áspero da ponte de madeira cortando-lhe os pés descalços. A arma parecia pesada e nada familiar na mão dela.

Na outra extremidade da ponte, Mia viu um krinar parado, com as costas voltadas para ela. O braço direito dele estava estendido e apontado para Korum, que estava completamente imóvel, com o olhar fixo no objeto na mão do outro K.

Leslie não mentira. Um minuto depois poderia ser tarde demais.

Desacelerando ligeiramente, Mia ergueu a mão, mirou nas costas largas do K à frente dela e apertou o gatilho.

Nada aconteceu além de um clique suave. *Não estava carregada, a maldita arma não estava carregada.*

Jogando a arma para o lado, ela correu mais depressa de novo. Pontos pretos dançavam em frente aos olhos, interferindo com a visão enquanto o cérebro lutava para obter oxigênio suficiente. Tudo em volta dela ficou borrado e cinzento enquanto ela corria com todas as forças que ainda lhe restavam no corpo. Só o que ela conseguia enxergar, só no que conseguia se concentrar era a cena mortal à frente.

Em seguida, ela chegou lá, vendo o K à frente dela, com o corpo largo tremendo e o suor brilhando na nuca. Pelo barulho intenso das batidas do coração que soavam nos ouvidos, Mia ouviu vagamente o tom suave da voz de Korum enquanto ele tentava convencer o K a largar a arma, a ouvi-lo. E ela viu o horror no rosto do amante quando ele a viu correndo e percebeu a intenção dela.

Sem pensar duas vezes, Mia saltou sobre o K, sem se importar com a futilidade do ataque. Ela agarrou os cabelos dele com os dedos e puxou-os com força. Atônito e gritando com a dor súbita, o K a jogou longe com um golpe poderoso, lançando-a pelos ares até as dunas a vários metros de distância.

Com lado esquerdo do corpo batendo com força no chão, Mia ficou deitada por um momento, atordoada e completamente sem fôlego. Em seguida, os pulmões se expandiram e ela respirou fundo. Estonteada e desorientada, ela tentou se levantar, girando o corpo e esforçando-se para ficar de pé.

Quando ela se moveu, sentiu uma dor agonizante no braço esquerdo.

Gemendo, ela olhou para o lado e a mente ficou tonta com a visão do osso branco saindo de um machucado ensanguentado na pele. Um enjoo súbito subiu pela garganta e ela vomitou de forma incontrolável, jogando o conteúdo do estômago na grama seca da duna.

Caindo sobre o lado direito, ela tentou rastejar para longe, com as pernas e os braços fracos e trêmulos, quando braços fortes a ergueram, apertando-a contra um peito familiar.

COM O CORPO INTEIRO TREMENDO, Korum se ajoelhou na areia, segurando-a nos braços e embalando-a para a frente e para trás. Ele estava com a respiração pesada e irregular e Mia ouviu o coração dele batendo como um tambor no peito.

— Mia... Ah, minha querida, achei que tinha perdido você... — O terror na voz dele era um reflexo do medo que ela sentira ao vê-lo em perigo. Ele parecia incapaz de dizer qualquer outra coisa e continuou segurando-a com força enquanto lutava para recuperar o controle. Mesmo no pânico que sentia, ele pareceu notar o braço ferido dela, tomando cuidado para não causar mais dor.

— O-o K... — ela conseguiu balbuciar. — E-ele conseguiu...

— Não se preocupe com isso — respondeu Korum. — Ele não é mais uma ameaça. Você está viva e isso é tudo o que importa.

Ainda segurando-a nos braços, ele se levantou. — Não olhe — disse ele com voz rouca, carregando-a na direção da ponte.

Mia fechou os olhos por um segundo, mas aquilo a deixou ainda mais enjoada, e ela os abriu imediatamente.

E viu por que Korum a advertira a não olhar.

Deitado na areia, a poucos metros deles, estava o que fora o atacante dele.

O corpo mal podia ser reconhecido como tal, com o braço direito faltando e um buraco ensanguentado onde a cabeça e o pescoço ficavam. Havia sangue por toda parte, cobrindo o cadáver desfigurado e ensopando o chão arenoso.

Por um breve segundo, ela achou que aquilo não podia ser real, mas o odor metálico era inquestionável, bem como o fedor subjacente de algo muito pior, como esgoto. O cheiro da morte, percebeu ela com uma parte ainda racional do cérebro. Ela nunca o sentira antes, mas algo primitivo dentro dela o reconheceu e encolheu-se.

Um gemido horrorizado escapou-lhe da garganta antes que ela pudesse

evitar.

Korum praguejou e apressou o passo até que estava quase correndo na direção da casa, ainda cuidando para não bater no braço ferido de Mia.

Fechando os olhos, Mia tentou respirar fundo, convencer a si mesma que acabara de ver a cena de um filme, que o que estava deitado e mutilado na areia de Ormond Beach não fora antes um ser inteligente. Mas as imagens diante de seus olhos eram vívidas demais e inegáveis. Ela sentiu o estômago revirar. Se não o tivesse esvaziado alguns minutos antes, teria vomitado novamente.

O K que a segurava nos braços literalmente despedaçara o oponente.

CAPÍTULO VINTE

C om o estômago queimando, ela instintivamente empurrou o peito de Korum com a mão direita, mas ele ignorou a tentativa débil dela de se soltar.

— Shhh, querida, vai ficar tudo bem — sussurrou ele, entrando na área da piscina e carregando-a em direção à casa.

Ao passarem pelo portão, Mia abriu os olhos novamente e viu que o corpo de Leslie ainda estava deitado no chão, do lado de fora da cerca. Com uma dissociação estranha, ela ficou imaginando se a combatente da Resistência também estava morta. Ela sabia que deveria se sentir horrorizada com a ideia, mas sentia-se dormente naquele momento — dormente e fria por dentro.

Korum subiu a escada e levou-a para o banheiro amplo do segundo andar.

Colocando-a gentilmente de pé, ele ligou o chuveiro e ajustou a água. Mia ficou parada, cambaleando de leve e observando os movimentos dele. Uma espécie de névoa misericordiosa desceu sobre a mente dela, parcialmente protegendo-a da realidade brutal da situação. Ela sabia o que via, mas aquilo não parecia afetá-la de forma alguma, como se estivesse acontecendo com outra pessoa.

O corpo inteiro de Korum estava coberto de sangue e areia, incluindo os cabelos. Ele parecia ter passado por uma batalha. O que, na verdade, acontecera. Se ela entendera aquela cena grotesca corretamente, ele matara o outro K com as próprias mãos.

Uma onda de bile quente subiu pela garganta dela novamente, e Mia a segurou com esforço. Apesar de saber que fora em autodefesa, ainda estava horrorizada

por o amante ser capaz de tal nível de violência.

Mas o que a assustava mais ainda era o fato de que ela também era.

Porque, sob tudo o que sentia, estava ferozmente feliz pelo fato de o outro K estar morto. Que era o corpo dele, e não o de Korum, que estava na praia em pedaços. Se ele tivesse sido bem-sucedido no ataque... Se tivesse conseguido matar Korum, Mia teria ficado feliz em matá-lo ela mesma. Ou isso, ou morreria tentando.

Os olhos dela se desviaram para a esquerda e ela viu o próprio reflexo no espelho grande pendurado na parede. Havia manchas de sangue seco espalhadas pelo rosto, em volta da área da boca. Ela percebeu que as manchas eram devido ao fato de ter mordido Leslie. Terra, areia e folhas secas de grama cobriam o corpo quase nu e havia pequenos gravetos presos nos cabelos, aumentando ainda mais a impressão geral de louca assassina.

— Venha cá, deixe-me colocá-la ali dentro — disse Korum em tom suave, cuidadosamente pegando-a no colo e levando-a até o chuveiro, onde deixara a água na temperatura perfeita.

O jato quente foi uma sensação maravilhosa na pele e Mia percebeu que se sentia gelada por dentro, apesar do clima. Ela também estava tremendo. O

corpo devia ter entrado em estado de choque, pensou ela com objetividade quase clínica. Ela não teve coragem de olhar novamente para o braço por medo de passar vergonha. Por enquanto, a dor estava tolerável, como se ela tivesse recebido algum tipo de anestésico. Diferentemente da maioria das pessoas, Mia nunca quebrara nada antes e ficou imaginando se era aquela a sensação que todas tinham. Se era, então não era realmente tão ruim assim.

— Fique aqui — disse Korum. — Voltarei em um segundo com alguma coisa para o seu braço.

Mia assentiu obedientemente e ele desapareceu por um minuto, voltando com uma pequena pílula na mão. Entrando sob o chuveiro, ele lhe entregou o remédio e disse a ela que o engolisse.

Ela o fez e a dor latejante diminuiu quase imediatamente.

— Feche os olhos e não olhe — disse ele. — Estou falando sério, Mia.

Mantenha-os fechados.

Respirando fundo, ela fechou os olhos com força. Ela sentiu as mãos dele no braço machucado, manipulando-o gentilmente. Por algum motivo, ela não sentiu dor alguma quando ele o endireitou, colocando o osso no lugar.

— Está feito — disse ele com voz rouca. — Você pode abrir os olhos agora.

Mia olhou para ele e a casca congelada que a envolvia subitamente se

quebrou.

Soluços altos brotaram na garganta e ela se sentou no chão, tremendo incontrolavelmente. Todo o terror e a violência que ela acabara de testemunhar voltaram à mente, deixando-a completamente descontrolada. Ela poderia tê-lo perdido, eles poderiam ter morrido, ele matara brutalmente outro krinar e ela talvez tivesse matado Leslie... Era demais e Mia puxou os joelhos na direção do peito, com o corpo estremecendo com a força dos soluços.

— Mia, shhh, querida, acabou. Acabou, eu prometo... — murmurou ele, ajoelhando-se e puxando-a para perto. Estendendo a mão para cima, ele direcionou o chuveiro para que a água caísse sobre eles e deixou-a chorar, sabendo que era exatamente disso que ela precisava no momento.

Depois de alguns momentos, os soluços diminuíram e ele a ergueu, colocando-a cuidadosamente de pé e retirando o biquíni. Em seguida, derramando o sabonete líquido na mão, ele lavou cada centímetro do corpo dela, incluindo os cabelos, removendo todos os rastros de sangue e sujeira.

Depois, fez o mesmo consigo até que os dois estivessem totalmente limpos.

Desligando a água, ele saiu do chuveiro e voltou com uma toalha grande e felpuda, que enrolou em volta dela. Traumatizada demais para fazer qualquer outra coisa, Mia ficou parada, aceitando os cuidados dele.

— Ela está morta? — perguntou ela baixinho, pensando na garota que deixara sangrando e inconsciente perto do portão da piscina.

Korum balançou a cabeça negativamente enquanto se secava. — Acho que não, eu a vi respirando quando passamos. Chamei os guardiães que estavam na área vigiando a sua família. Eles estão quase chegando. Levarão a garota em custódia e limparão o resto...

— Quem era ele? Você o conhecia?

Por um segundo, a raiva brilhou nos olhos dele. Em seguida, Korum se controlou com esforço visível. — Sim, eu o conhecia — disse ele e ela ouviu a raiva mal contida na voz dele. — Eu não fazia ideia de que ele estava envolvido com os Kapas. Nem a menor ideia. Não acredito que ele enganou a todos nós desse jeito.

Mia continuou olhando para ele, que respirou fundo, tentando se acalmar.

— O nome dele era Saur — explicou ele em tom neutro. — Ele trabalhou no seu laboratório, no laboratório de Saret, desde que viemos para a Terra.

Foi ele quem partiu a algumas semanas, abrindo a vaga que você preencheu.

Saret sempre falou muito bem dele. Saur era o assistente mais jovem e mais brilhante dele. Pelo menos, até Adam chegar. Não sei o que o motivou a se

envolver com os Kapas. Ele tinha tanto a oferecer à nossa sociedade... E

também não faço ideia de por que ele veio até aqui para nos matar...

— Para matar *você* — corrigiu Mia, sentindo frio novamente ao pensar naquilo. — Leslie me disse que as ordens dela eram de me manter viva e fora do caminho enquanto ele lidava com você...

Ele ergueu as sobrancelhas. — Está bem — disse pensativo, conduzindo-a para fora do banheiro até o quarto.

Ele já preparara as roupas para ela vestir para almoçar com os pais, um vestido bonito cor de pêssego e uma tanga branca de seda. Ele a vestiu com cuidado, como se ela fosse uma criança, movendo as mãos de forma particularmente gentil perto do braço quebrado.

Mia percebeu que não sentia dor alguma no braço.

Ligeiramente curiosa, ela olhou para baixo e piscou algumas vezes, mal conseguindo acreditar no que viu. Onde houvera um ferimento enorme com o osso aparecendo alguns minutos antes, havia agora pele perfeitamente lisa sem qualquer traço do ferimento.

Surpresa, Mia mexeu o braço, que funcionou bastante bem. Ela o ergueu, flexionando o bíceps, e tudo pareceu estar normal. Como uma pequena pílula fizera aquilo?

De forma geral, ela se sentia muito melhor. O banho e o remédio que ele lhe dera operaram maravilhas no estado físico, apesar de a mente ainda estar tentando aceitar tudo o que acabara de acontecer.

— Deve estar bem agora — disse Korum, observando-a testar o braço.

Ele também já se vestira, colocando uma camiseta branca e calça *jeans*.

Ele parecia tão bonito — e tão *vivo* — que Mia quase começou a chorar novamente ao pensar no que quase acontecera.

— Agora — disse ele em tom suave, aproximando-se e erguendo o queixo dela com os dedos —, diga-me... O que diabos estava pensando ao arriscar a vida daquele jeito?

Mia piscou algumas vezes, atônita com a fúria silenciosa na voz dele. —

Leslie disse que ele ia matar você. E-ela disse que você e-estava sendo t-transformado em p-partículas... — Com a voz tremendo de horror ao se lembrar, ela mal conseguiu conter as lágrimas que lhe encheram os olhos novamente.

— E você fez o quê? Saltou em um lutador experiente que tinha uma arma apontada para você? Atacou um krinar que poderia matá-la com um golpe? —

Korum estava quase tremendo de raiva, com os olhos completamente tomados

pelas manchas amarelas perigosas. — Será que não percebe como é frágil, como é delicada? Como é fácil que alguma coisa machuque você, que tire a sua vida?

Mia engoliu em seco — Eu não consegui aguentar a ideia de que alguma coisa pudesse acontecer com você...

— Comigo? Como acha que eu teria me sentido se alguma coisa acontecesse com *você*? — Ele estava quase fora de si, com os dentes cerrados e um músculo saltando no maxilar. Ela nunca o vira naquele estado e ficou imaginando vagamente se deveria sentir medo. Afinal de contas, ele acabara de matar brutalmente um ser inteligente. Ainda assim, por algum motivo, ela não conseguiu sentir medo algum. Por algum motivo, nas semanas anteriores, ela passara de achar que Korum a mataria por espioná-lo para se sentir completamente segura com ele. Mesmo furioso, ele não a machucaria. Ela sabia disso com uma certeza absoluta.

— Eu não sei — respondeu ela e viu os olhos dele ficarem ainda mais claros. Antes mesmo que Mia conseguisse piscar, ele a pegou no colo e sentou-se na cama com ela no colo. Segurando-a com tanta força que ela mal conseguia respirar, ele enterrou o rosto nos cabelos dela. Mia sentiu os tremores leves que sacudiam o corpo grande e musculoso.

— Você não sabe? — sussurrou ele com raiva. — Você realmente não sabe que significa tudo para mim?

Mal ousando acreditar no que ouvira, Mia empurrou o peito dele para colocar uma pequena distância entre eles para que pudesse encará-lo. — É?

— É claro que sim. — O olhar dele queimava com uma intensidade que ela nunca vira. — Como pôde duvidar disso?

— Você... você está dizendo que me ama? — perguntou ela trêmula, com medo até mesmo de expressar tal possibilidade em voz alta. E se ele dissesse que não? E se ela tivesse entendido errado e, agora, ele riria da tolice dela?

Mia sentiu o peito apertado de ansiedade.

— Mia, eu amo você mais do que à minha própria vida — disse ele, com a voz rouca de emoção. — Se alguma coisa acontecesse com você... Se você se fosse, eu não ia querer continuar a viver. Você me entendeu?

Mia assentiu, sufocada demais pelos próprios sentimentos para dizer alguma coisa. Ele a amava? Aquele homem lindo e incrível a amava?

Ele estreitou os olhos. — E se, alguma vez, você colocar a sua vida em perigo como...

Mia não o deixou terminar. Em vez disso, ela ergueu os braços e enterrou

as mãos nos cabelos de Korum, puxando a cabeça dele para perto. Em seguida, ela o beijou, expressando toda a profundidade do que sentia na forma com que sempre se comunicaram melhor.

Inicialmente, ele ficou parado, como se estivesse com medo de machucá-

la. Mas, em seguida, gemeu e retribuiu o beijo, apertando-a nos braços novamente, com a boca faminta e desesperada contra a dela.

Mia se agarrou a ele com desespero igual, com o medo e a adrenalina anteriores transformando-se em um frenesi de excitação. Ele estava vivo — os dois estavam — e o corpo dela queria, precisava reafirmar aquele fato da forma mais primitiva e instintiva possível.

Ela acabou deitada de costas sobre a cama, presa sobre o corpo rígido e musculoso, com as mãos arrancando freneticamente a camiseta dele. Ela se sentia como se estivesse faminta, como se fosse morrer sem o toque dele, com o corpo desesperado para ser preenchido por ele. O beijo dele a consumiu, com a língua penetrando profundamente em sua boca, e Mia a sugou, precisando sentir o gosto de Korum, querendo-o por inteiro. Ela estava insuportavelmente quente, a pele esticada demais, sensível demais para conter o desejo que lhe queimava por dentro. Mia arqueou o corpo na direção dele, freneticamente tentando chegar mais perto.

Ele gemeu novamente, com a resposta frenética dela provocando uma reação igualmente apaixonada dele. Com a mão esquerda, ele agarrou-lhe os cabelos, prendendo-lhe a cabeça no lugar para devorá-la com a boca. A mão direita puxou a saia do vestido, expondo a parte de baixo do corpo de Mia.

Agora havia apenas a minúscula tanga de Mia e os *jeans* de Korum entre eles, e ele rapidamente os eliminou. Em seguida, ele a penetrou com uma investida forte, o pênis entrando nela em um movimento fluido.

Arquejando com o choque da entrada súbita, Mia enterrou os dedos nos ombros de Korum, atônita e imensamente aliviada por tê-lo dentro de si. Ele estava incrivelmente quente e grosso, e a força pesada dele era exatamente do que ela precisava naquele momento. Os músculos estremeceram, estendendo-se em volta do pênis enorme, e o corpo inteiro se derreteu, liquefazendo-se ao senti-lo

preenchendo o vazio que sentia de forma tão perfeita.

Ele começou a se mover, cada investida enterrando-a ainda mais no colchão. Logo, ela gritava, com a tensão interna acumulando-se até que o corpo inteiro pareceu explodir com a força do orgasmo, pulsando e apertando-se em volta do pênis.

Com a respiração acelerada, ele se apoiou nos cotovelos, encarando-a

com olhos que eram puro ouro. Havia gotas de suor na testa dele e o rosto estava afogueado sob o tom bronzeado da pele. Ele parecia magnífico e selvagem, e Mia não conseguiu afastar o olhar da intensidade ardente dos olhos dele. Ele ainda não gozara e o pênis ainda estava duro dentro dela.

— Você é minha — disse ele com voz rouca. Mia não podia questionar a verdade daquilo, não com ele tão profundamente alojado dentro do corpo e dentro do coração dela. Ela se sentia incrivelmente vulnerável, mas agora sabia que Korum também estava vulnerável, que também tinha poder sobre ele.

— E você é meu — sussurrou ela de volta. As mãos dela apertaram-lhe os ombros ainda mais e ela sentiu o pênis estremecer dentro dela quando o corpo de Korum respondeu fisicamente às palavras.

Ele começou a investir com força novamente, com os quadris avançando e recuando, enterrando-se na carne dela com uma ferocidade quase igual à de Mia. Ela sentiu cada investida no fundo do ventre, sentiu a cabeça do pênis pressionando a cervical, sentindo um prazer tão grande que chegava à beira da dor. Logo depois, sentiu quando ele inchou ainda mais dentro dela e o próprio corpo se retesou quando outro orgasmo violento a invadiu. Ao mesmo tempo, ele a prendeu nos braços, chegando ao clímax com um grito rouco, liberando o sêmen dentro dela em jatos curtos e quentes.

Por cerca de um minuto, eles permaneceram naquela posição, com os corpos unidos enquanto a respiração voltava ao normal e o coração desacelerava. Mia nunca se sentira tão conectada a outra pessoa. Era como se tivessem cessado de ser indivíduos separados, como se o ato sexual os vinculara de uma forma muito além da conexão física. Mia sentiu o coração de Korum batendo no mesmo ritmo que o seu, o calor e o cheiro do corpo dele que a protegia, envolvendo-a em um abraço e com o peso agradavelmente sobre ela.

Depois de algum tempo, ele saiu de cima dela e puxou-a para perto, deixando-a deitar sobre o peito. Mia sabia que devia se levantar e limpar-se, que tinham que sair em breve para almoçar com os pais dela, que ainda havia muito que precisavam discutir. Mas, naquele momento particular, ela só queria ficar deitada lá e esquecer do restante do mundo.

Ela o amava e ele a amava, e era tudo o que importava naquele instante.

OS GUARDIÃES CHEGARAM alguns minutos depois, pousando a nave silenciosamente na praia perto da casa. Vestindo a calça ainda intacta e beijando-a rapidamente na testa, Korum saiu para recebê-los, deixando que Mia se arrumasse antes de saírem para o almoço.

Levantando-se, Mia notou que as pernas ainda tremiam um pouco e as partes íntimas latejavam ligeiramente depois do encontro apaixonado deles.

Ela não tinha ideia de como seria o sexo com outro homem, com um humano, mas suspeitava que o que vivia toda noite e frequentemente durante o dia estava longe de ser normal. Talvez, no futuro, quando estivessem juntos por mais tempo, o desejo insaciável um pelo outro diminuísse um pouco. Mas, por enquanto, nada parecia suficiente. Era isso o que Korum quisera dizer quando falara da química incomum que existia entre eles? Ele soubera, desde o início, que seria assim?

Indo ao banheiro, ela jogou um pouco de água no rosto e tentou alisar os cachos para que ficassem mais apresentáveis. Sob a palidez da pele, o rosto brilhava com uma cor sutil, e os lábios estavam mais cheios, um pouco inchados por causa dos beijos. Ela parecia feliz e satisfeita, totalmente diferente da confusão traumatizada que fora mais cedo. Ela também parecia e cheirava como se tivesse acabado de fazer sexo. Claramente, precisava de outro banho rápido.

Dez minutos depois, ela estava limpa e com uma outra roupa. Estava quase na hora de saírem para St. Augustine e ela foi procurar Korum.

Ela o encontrou na área da piscina, conversando com três krinars que estavam usando o que pareciam ser uniformes de cinza clara. Ela se lembrou de ter visto uniformes similares nos Ks que prenderam os Kapas duas semanas antes.

Deviam ser os guardiães que Korum mencionara.

Um dos guardiães segurava Leslie, que estava consciente de novo e parecia sentir uma dor de cabeça terrível. Ou talvez tivesse uma concussão.

Mia se sentiu muito aliviada. Afinal de contas, não matara a garota e, pelo jeito, também não tinha causado qualquer dano permanente. No entanto, Leslie parecia aterrorizada por ter sido capturada pelas criaturas que considerava como monstros da vida real. Mia quase sentiu pena dela, lembrando-se de como tivera medo de Korum no início. Quase... pois não conseguia se esquecer do fato de que a garota apontara uma arma para ela e conspirara para matar Korum.

Agora que conseguia pensar novamente, ficou imaginando por que Saur

queria que Leslie a mantivesse viva e fora do caminho. Ele achava que, de alguma forma, Mia poderia ser útil para a Resistência? Ou queria alguma outra coisa dela? E por que Korum fora o alvo dele? Nada daquilo fazia sentido.

Subitamente, ela se lembrou de uma coisa: a perda de memória dos Kapas!

Se Saur tinha acesso a algumas tecnologias do laboratório e conhecimento suficiente, poderia ter sido a pessoa que apagou a memória deles. Na verdade, Adam mencionara que Saur trabalhara com manipulação da mente.

Empolgada, Mia se aproximou de Korum e dos guardiães. Abrindo um sorriso largo, ela disse: — Acabei de me dar conta de uma coisa... Se Saur trabalhava no laboratório de Saret...

Korum acenou aprovadoramente com a cabeça. Obviamente, ele já se dera conta daquilo. — Exatamente. Isso explicaria algumas coisas, apesar de eu ainda não entender os motivos dele.

Leslie observou a conversa com uma expressão amarga no rosto contorcido pela dor. — Vadia xeno — murmurou ela, lançando um olhar cheio de ódio a Mia.

— Cale a boca — disse Korum friamente, encarando a garota com uma expressão rancorosa no olhar. — Você deveria agradecer à divindade ridícula para quem costuma orar o fato de que Mia não se feriu hoje. E que a arma não estava carregada. Se alguma acontecesse a ela, você e todos os seus amigos da Resistência aprenderiam o verdadeiro significado de sofrimento. Você me entendeu?

A combatente engoliu em seco, mas recusou-se a desviar o olhar. Mia relutantemente admirou a coragem dela. Se Korum tivesse dito isso a *ela*, Mia teria ficado completamente aterrorizada. Talvez Leslie também estivesse, mas não demonstrou isso na expressão.

Mia ficou imaginando o que aconteceria com a garota. Os Ks pretendiam soltá-la depois de colocar dispositivos de vigilância nela, como fizeram com os combatentes da Resistência que os atacaram? Ela decidiu perguntar a Korum mais tarde, quando estivessem sozinhos. Apesar de tudo, ela ainda torcia para que Leslie não tivesse uma punição severa demais. A combatente não parecia ser uma má pessoa, apenas muito enganada em seu ódio pelos Ks.

Dois outros guardiães passaram pelo portão. — Está pronto — disse um deles em krinar. — Todas as provas foram registradas e removidas.

— Ótimo — respondeu Korum. — Obrigado por ter vindo até aqui tão depressa.

O guardião que acabara de falar assentiu. — É claro. Se lembrar de mais

alguma coisa relacionada a esse ataque, entre em contato conosco.

Korum prometeu que faria isso e os guardiães foram embora, levando Leslie com eles.

— O que eles farão com ela? — perguntou Mia, observando a expressão de pânico no rosto da garota quando um guardião a levou embora na direção da praia.

— Ela passará por uma reabilitação — respondeu Korum. — Ela já causou problemas demais e daremos a ela o mesmo tratamento que demos aos outros líderes da Resistência que capturamos.

— Uma reabilitação?

Agora que Mia passara algum tempo no laboratório de Saret, sabia que influenciar a mente de alguém até aquele ponto era um processo muito complexo e delicado. Era fácil causar danos irreparáveis e cada cérebro era altamente exclusivo, o que funcionava para uma pessoa podia não funcionar para outra. Mexer com a mente era a ramificação mais avançada da neurociência dos krinars e até mesmo Saret admitira que ainda era algo muito imperfeito.

— Não é o mesmo tipo de reabilitação dos Kapas — disse Korum. — É

uma versão muito mais suave. Não é preciso tanto esforço com humanos. Ela poderá simplesmente ser liberada com uma pequena perda de memória.

Mia pensara em outra coisa enquanto conversavam. — Korum —

perguntou ela lentamente —, você não estará encrencando, não é? Por causa do que aconteceu na praia? — Por causa do krinar que ele despedaçara, mas não conseguiu se forçar a dizer aquilo.

Ele lhe lançou um olhar reconfortante. — Não. Foi um caso muito claro de autodefesa e tenho gravações para provar isso.

— Gravações?

Ele ergueu a mão, mostrando a palma. — Ter tecnologia embutida é muito útil. Além disso, se for preciso ir além, poderemos obter algumas imagens dos satélites que temos na órbita da Terra. O que acontece em uma praia pública como essa nunca é segredo. Pode haver uma investigação, só para seguir o protocolo, mas não haverá um julgamento.

Mia soltou um suspiro de alívio. — Ainda bem. — Dando um passo à frente, ela passou os braços em volta da cintura dele e abraçou-o com força, inalando o cheiro quente e familiar. Ele retribuiu o abraço, apertando-a com uma mão e acariciando os cabelos dela com a outra. Eles ficaram naquela posição por um minuto, simplesmente aproveitando a proximidade um do outro

e deixando que o horror do dia se dissipasse no calor do abraço.

CAPÍTULO VINTE E UM

O s pais de Mia os encontraram para almoçar em St. Augustine em um pequeno restaurante chamado The Present Moment Cafe. Antes do Dia K, era um dos poucos restaurantes veganos da região, usando vários ingredientes exóticos e pratos crus incomuns. Agora, tais lugares eram muito mais comuns, pois restaurantes que serviam pratos com carne eram uma raridade, mas o café ainda tinha a reputação de ser um dos melhores locais de comida vegetariana.

Korum novamente insistiu em pagar a refeição e, depois de alguns protestos, os

pais de Mia acabaram concordando. Durante o almoço, ele os divertiu com algumas histórias sobre a primeira visita que fizera à Terra setecentos anos antes e como a Europa era diferente naquela época. Mia viu que os pais estavam absolutamente fascinados — e, para ser honesta, ela também — e o tempo passou muito rapidamente.

Observando-o interagir tão facilmente com a família dela, Mia ficou maravilhada com a compostura incrível de Korum. Ou talvez fosse simplesmente uma excelente capacidade de atuação. Ele riu e brincou com os pais dela como se nada tivesse acontecido, como se não tivesse acabado de matar outro K com as próprias mãos. Ela tentou não pensar no assunto, superar os eventos da manhã, mas não conseguiu evitar as imagens terríveis que continuavam a surgir na mente.

Apesar de Mia saber que a violência fora algo grande na história e na cultura dos krinars, não parecia ser mais assim. Pelo menos, Mia não vira nada daquilo durante as duas semanas que passara em Lenkarda. Ela sabia que o esporte favorito de Korum era lutar e sabia sobre os desafios na Arena. Mas aquilo era muito diferente de matar alguém na praia. Korum ficara de alguma

forma abalado pelas ações que tomara ou não se importava? O homem que ela amava — e que, pelo jeito, também a amava — era um assassino sem remorso? E, se fosse, *ela* se importava com isso?

Depois de umas duas horas, eles se despediram dos pais dela e foram para a fazenda de jacarés, uma das atrações mais populares de St. Augustine.

Korum parecia muito interessado em ver as criaturas de sangue frio, explicando que eram muito diferentes de qualquer coisa que tinham em Krina.

Enquanto passeavam pelos caminhos, estudando as várias espécies de jacarés e crocodilos, Mia decidiu tocar em um assunto que estivera remoendo desde aquela manhã.

— Você já matou antes? — perguntou ela, tentando soar casual sobre o fato.

Korum parou e olhou para ela. — Eu estava me perguntando quando você tocaria nesse assunto — disse ele suavemente, com uma expressão indecifrável no rosto. — O que gostaria que eu lhe dissesse, minha querida?

Que nunca estive em uma situação em que precisei defender a mim mesmo e a outros? Que consegui viver por dois mil anos sem nunca tirar uma vida?

Mia engoliu em seco, encarando-o. — Eu entendo.

— Entende? — Ele torceu a boca ligeiramente. — Entende mesmo? Eu sei que teve uma vida muito protegida, minha querida, e fico feliz por você. Se houvesse uma forma de evitar que visse o que viu esta manhã, acredite, eu teria evitado.

— Quantos? — Mia sabia que deveria parar, mas não pôde se conter. —

Quantas pessoas, krinars ou humanos, você já matou?

Ele suspirou. — Não tantas quantas você provavelmente acha no momento.

Quando eu era jovem, era muito esquentado e entrei em brigas por motivos que agora parecem muito triviais. Vários dos meus oponentes me desafiaram para a Arena e eu aceitei os desafios. E, quanto estávamos na Arena... Bem, talvez você não entenda isso, mas é muito difícil para nós parar depois que a primeira gota de sangue é derramada. No calor da batalha, agimos puramente por instinto. E nosso instinto é destruir o inimigo, custe o que custar. É por isso que as lutas na Arena são tão perigosas e, hoje em dia, tão raras. Porque o resultado é frequentemente mortal...

— Então por que o seu governo não as tornou ilegais? — interrompeu Mia, tentando entender aquele aspecto peculiar da cultura krinar. — Por que não se livrar de um costume tão bárbaro? A sua sociedade é tão avançada em certos aspectos...

— Porque a violência é mais contida assim. Controlada de forma melhor, se preferir — explicou ele calmamente, observando-a com os olhos cor de âmbar. — Se alguém tem um problema comigo, pode simplesmente me desafiar na Arena, em vez de ir atrás da minha família. Ainda acontecem brigas de vez em quando, mas elas são muito mais raras do que no passado. E, como resultado, a nossa sociedade é muito mais pacífica. Tecnicamente, é ilegal matar alguém na Arena, mas ninguém nunca foi processado por exagerar em uma luta justa.

— Foi isso que aconteceu hoje? Você exagerou durante a luta?

Ele assentiu, apertando os lábios. — Exagerei... mas o meu único

arrependimento é de não ter tido a chance de interrogá-lo, de descobrir por que ele fez o que fez. Ele feriu você, poderia facilmente tê-la matado, e mereceu exatamente o que recebeu.

Mia afastou o olhar, sem saber o que dizer. Korum matara para protegê-la e ela provavelmente teria feito o mesmo por ele. Mas ainda achava a ideia assustadora, saber que ele era capaz de tirar a vida de alguém com tanta facilidade.

— E humanos? — perguntou ela enquanto caminhavam, pensando em todos os rumores que ouvira sobre a brutalidade dos Ks durante os meses do Grande Pânico. — Você matou muitos humanos?

Ele demorou alguns momentos para responder. — Por que você está fazendo isso, Mia? — perguntou ele baixinho quando pararam em frente a um cercado grande. — Por que faz perguntas para as quais não quer saber a resposta?

— Eu não sei — respondeu Mia com sinceridade. — Em alguns aspectos, você ainda é um mistério muito grande para mim. Eu amo você, mas ainda assim quase não o conheço...

Ele olhou para a água com uma certa fascinação, observando os jacarés deslizando suavemente pela água. Os turistas se afastaram do local onde os dois estavam parados. Como a maioria dos humanos, tinham deduzido corretamente que o K entre eles era, de longe, a criatura mais perigosa nos arredores. Mia já estava tão acostumada com aquilo que mal prestou atenção.

Sempre que estavam em um local público, a presença de Korum inevitavelmente atraía olhares assustados e sussurros entre a população humana.

Depois de algum tempo, ele se virou para olhar para ela. — Sim, Mia —

disse ele em tom grave. — Já matei humanos. Alguns em autodefesa, outros

por motivos diferentes. Tive muitas interações com a sua raça no decorrer dos séculos e nem todas foram boas. Há mais alguma coisa de que gostaria de saber?

Mia umedeceu os lábios, encarando-o. — Você teria matado Peter naquela noite? Na boate? Se eu não o tivesse impedido?

— Você não me impediu, Mia — disse Korum friamente. — Eu já decidira deixá-lo ir embora com uma advertência. A ofensa dele não foi grave o suficiente para merecer mais do que isso.

Ela soltou aliviada a respiração que não percebera ter prendido. —

Entendo.

— É claro — disse ele com os olhos brilhando — que, se ele tivesse tocado em você mais do que tocou, se tivesse dormido com você, o resultado teria sido diferente.

O coração de Mia saltou dentro do peito. — Você o teria matado por causa disso? — sussurrou ela, sentindo um arrepio descendo pela espinha.

Korum não respondeu, apenas a encarou com olhar firme... e ela soube que o que sempre sentira sobre ele era verdade.

Ele *era* perigoso. Não para ela, mas para todas as outras pessoas. Apesar de parecer civilizado por fora, apesar de a ciência e a tecnologia dos Ks serem avançadas, bem no fundo ele era um predador. Um predador com uma natureza violenta e um instinto territorial profundamente arraigado.

E, pelo jeito, um predador que a amava tanto quanto ela o amava.

NAQUELA NOITE, Marisa e Connor foram novamente jantar na casa alugada e Korum preparou uma versão menor do banquete que preparara no dia anterior.

A irmã de Mia tinha uma aura agradável, a pele estava com uma cor saudável e os olhos brilhavam. O apetite dela voltara ao normal e ela comia de novo todas as comidas favoritas. O procedimento que Ellet executara nela parecia ter o efeito prometido.

Connor estava muito além de agradecido. — Finalmente tenho minha esposa de volta — confidenciou ele quando Marisa foi ao banheiro. — As últimas semanas foram um inferno. Eu estava com muito medo de que ela precisasse ser hospitalizada pelo restante da gravidez. As histórias de horror que ouvimos sobre as mulheres com a mesma condição que ela...

Korum sorriu para ele. — Estou feliz que tudo tenha dado certo. Ellet é

muito qualificada...

Mia sentiu uma pontada de ciúmes com o elogio à mulher que fora amante dele, mas fez o possível para ignorá-la.

—... e ficou muito feliz em ajudar nessa situação.

Depois que o jantar terminou, os quatro decidiram ir ao cinema para assistir o último filme de James Bond que tinha um vilão K. Korum achou a ideia muito divertida, particularmente as partes em que o agente humano conseguiu superar o K maligno e usar a própria tecnologia do krinar para acabar com os planos de exterminar os humanos. O papel do vilão foi realizado por um ator humano que fez um trabalho decente de imitar um K com a ajuda de computação gráfica, mas Mia ainda achou o desempenho dele inadequado. Mas Marisa e Connor realmente gostaram do filme e bombardearam Korum com perguntas ao voltarem para a casa.

Enquanto Mia observava as interações deles, percebeu que a família dela tinha ficado totalmente encantada com ele. Eles nunca viram o lado realmente intimidador dele e não tiveram motivo para temê-lo, da forma como acontecera com Mia no início. Em vez disso, para eles, Korum era um estrangeiro fascinante que podia entretê-los com uma quantidade infinita de histórias e fatos interessantes, um benfeitor generoso que já dera a eles o presente impagável de saúde melhor e um namorado gentil que tratava Mia como uma princesa.

E Mia adorava a situação. Nunca, nem mesmo nos sonhos mais ousados, ela teria esperado que a família se desse tão bem com o amante alienígena.

Achara que ficariam com medo e preocupados com ela, o que provavelmente teria acontecido se Korum não tivesse se esforçado para conquistá-los.

Aquilo, mais do que qualquer outra coisa, mostrava como ele se importava com ela. Ele sabia que a família era importante para Mia e fizera o possível para garantir que todos se sentissem confortáveis com o relacionamento deles.

Pelo menos, o mais confortável que podiam ficar, sabendo que o namorado de Mia não era humano.

Os pensamentos dela se voltaram para o futuro novamente e ela sentiu uma dor familiar no peito, a mesma sensação que sempre tinha quando pensava sobre o

fim inevitável do relacionamento deles. Ele a amava, mas com certeza aquilo não duraria para sempre. Quanto tempo ela permaneceria jovem e bonita? Dez anos, vinte se tivesse sorte? Era certo que algumas das atrizes pareciam incríveis, mesmo com cinquenta ou sessenta anos. Talvez isso acontecesse com Mia também, especialmente se a eficiência médica dos

krinars se estendesse a procedimentos cosméticos. Ela imaginou Ellet fazendo uma cirurgia plástica nela e quase estremeceu ao pensar na bela K vendo-a quando estivesse velha e enrugada.

Finalmente, chegaram na casa e despediram-se de Marisa e Connor, que pegaram o carro deles e foram embora.

Sorrindo, Mia acenou para eles e entrou na casa. Korum já estava sentado no sofá, estudando alguma coisa na palma da mão.

Ouvindo Mia entrar, ele ergueu o olhar e sorriu para ela. — Você estava muito quieta no caminho de volta — disse ele, estudando-a com olhar interrogador. — Não gostou do filme?

Ela se aproximou e sentou-se ao lado dele. — Foi divertido — respondeu, dando de ombros.

— Então, qual é o problema? Ainda está chateada por causa do que aconteceu mais cedo? — Ele estendeu a mão e pegou a dela, massageando-a de leve de uma forma que a fez derreter um pouco por dentro.

— Não. — Mia olhou para a mão grande que segurava a dela com tanto carinho. Os dedos dela pareciam pequenos e delicados perto dos dele e a cor pálida da própria pele contrastava de forma erótica com o tom mais escuro da pele dourada. — Bem, talvez. Eu não sei. Estou tentando não pensar muito no assunto. O filme foi, na verdade, uma boa distração...

— Então o que foi? — Ele claramente não tinha a menor intenção de deixar o assunto de lado.

Mia ergueu o olhar para encontrar o dele. — Eu estava pensando sobre o futuro, só isso. Eu sei que preciso me concentrar no presente e aproveitar o que temos agora, mas não consigo evitar às vezes...

Ele se inclinou para a frente e beijou-a de leve, impedindo as próximas palavras dela com os lábios. — Conversaremos sobre isso quando voltarmos para Lenkarda — murmurou ele, recuando e olhando para ela com uma expressão enigmática no rosto. — Não se preocupe sobre isso agora. Tudo se resolverá, eu prometo.

Surpresa, Mia piscou algumas vezes. Em seguida, lembrou-se de que ele mencionara algo similar algumas semanas antes, quando ainda estavam em Nova Iorque. Insuportavelmente curiosa, ela abriu a boca para fazer outra pergunta, mas Korum a beijou de novo e todos os pensamentos racionais desapareceram.

Pegando-a no colo, ele a carregou para a cama no segundo andar e Mia não teve oportunidade para pensar pelo resto da noite.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

N a manhã seguinte, Mia acordou nos braços de Korum. Era uma coisa tão incomum que ela abriu os olhos assim que percebeu o que estava acontecendo.

Ela estava de lado, encostada no corpo dele. Os dois estavam nus e ela sentiu a ereção parcial pressionando-lhe a curva das nádegas. Espantada, Mia se virou para olhar para o rosto dele e viu que Korum estava totalmente acordado.

Com os movimentos súbitos dela, ele sorriu e beijou-lhe a testa de leve.

— Olhe só, você acordou.

Ela assentiu, piscando sonolenta. — O que você está fazendo aqui?

Sempre acorda muito mais cedo...

— Eu não quis deixá-la sozinha — explicou ele em tom suave, acariciando o rosto dela. — Seu sono estava inquieto e de vez em quando você gritava.

Preferi ficar aqui para garantir que estivesse bem.

Emocionada, Mia se aproximou dele, abraçando-o com força. — Obrigada

— murmurou ela contra o ombro dele. — Acho que, depois do que aconteceu ontem, tive alguns pesadelos. — Ela se lembrava vagamente de alguns sonhos

envolvendo armas e sangue, e ficou surpresa por ter conseguido dormir a noite inteira. Sem dúvida, a presença de Korum ajudara muito.

Ele acariciou lentamente os cabelos dela. — É claro, minha querida. É

totalmente compreensível.

— Você tem pesadelos? — perguntou ela, recuando. A aluna de psicologia dentro dela subitamente ficou curiosa.

— Normalmente não — admitiu Korum, com a mão brincando com os

longos cachos. — Normalmente durmo de forma muito profunda por algumas horas e acordo. Não consigo me lembrar da última vez em que tive algum sonho. Pode acontecer conosco, mas é mais raro do que para os humanos.

Nosso ciclo de sono é um tanto diferente.

— Ah, entendi.

— O que você quer fazer hoje? — perguntou ele. — Não temos nenhum plano no momento.

— Eu estava pensando em jantarmos com os meus pais novamente, mas não sei sobre o dia... Mas não quero ir à praia, acho que ainda não estou pronta para voltar lá.

— É claro. — O corpo dele ficou tenso por um momento. — Por que não fazemos algo totalmente diferente? Que tal uma viagem até Orlando? Podemos visitar um daqueles parques temáticos, com montanhas-russas e tudo o mais...

— O que, como Disney World? — Mia olhou para ele com expressão incrédula.

— Claro — disse ele em tom sério. — Ou talvez o parque da Universal.

Esse e um pouco mais adulto, certo?

Incapaz de se conter, Mia caiu na gargalhada. — É sério? Você quer ir ao parque da Universal Studios? — Ela imaginou os dois parados na fila para a atração do Incrível Hulk e todos os turistas histéricos ao verem um K perto dos filhos.

— Sim, por que não?

Realmente, por que não? Ainda rindo, Mia disse: — Está bem, então vamos. Podemos ir às Ilhas da Aventura, é a parte do parque da Universal que tem mais montanhas-russas. Como iremos até Orlando? De carro?

— Pode ser. Não me importo de dirigir, isso me dá a oportunidade de ver mais da área. — Ele sorriu para ela, parecendo tão charmoso e despreocupado que ela não pôde evitar de beijar a covinha na bochecha esquerda dele.

Mas, quando os lábios de Mia tocaram o rosto dele, ela sentiu o humor de Korum mudando. Ela estava tão sintonizada com ele que percebeu imediatamente o que Korum queria. E, claro, quando ela recuou, ele a encarava com os olhos dourados e pesados. — É por isso que normalmente não fico na cama com você — murmurou ele antes de colocar os lábios sobre os dela e descer a mão em direção às coxas de Mia.

E, pela hora seguinte, eles se esqueceram de Orlando, presos na própria aventura selvagem.

DUAS HORAS DEPOIS, eles percorriam a estrada a mais de cento e sessenta quilômetros por hora. Com qualquer outra pessoa ao volante, Mia teria ficado com muito medo, mas os reflexos de Korum eram melhores do que qualquer piloto de corrida e ela se sentia totalmente segura. Durante os primeiros vinte minutos, ele deixara a capota aberta, mas os cabelos de Mia ficavam voando no rosto dela. Portanto, tiveram que parar e fechar a capota.

— Eu devia cortar essa bagunça — resmungou Mia ao voltarem à estrada, tentando abaixar a explosão de cachos em volta da cabeça. Foi inútil. Os cabelos não combinavam com vento.

— Nem pense nisso — disse Korum em tom sério. — Adoro os seus cabelos compridos.

Mia suspirou. — Está bem. Então, talvez eu o alise...

— Por quê? Seus cachos são lindos. Deixe-os como estão.

— Você é esquisito — disse Mia. — A maioria dos homens gosta de cabelos lisos e sedosos, não o ninho de ratos que tenho na cabeça...

— Não me importo com o que a maioria dos homens gosta. Deixe seus cabelos como estão. — O tom dele era firme.

Mia sorriu para si mesma, balançando a cabeça mentalmente. Mesmo naquela pequena questão, ele tinha que estar em controle. Era estranho que ela não se importasse mais tanto quanto antes, apesar de nada ter mudado muito.

Mia ainda era *caerle* dele e ele ainda tinha controle demais sobre a vida dela.

A diferença era que, agora, ela sabia que ele a amava, que não era apenas um brinquedo humano.

Uma parte do encontro com Leslie surgiu no fundo da mente de Mia. —

Korum — perguntou ela com cuidado —, o que exatamente é esse vício em sangue sobre o qual você me advertiu antes? Leslie falou alguma coisa sobre isso ontem...

Mantendo os olhos na estrada, ele perguntou: — O que ela disse?

Mia se esforçou para se lembrar das palavras exatas da garota. — Foi alguma coisa sobre como o irmão dela era viciado e ficava perambulando, implorando que os Ks o mordessem a cada hora, até que foi morto...

Por alguns segundos, Korum ficou em silêncio. — Esse parece um caso particularmente infeliz — disse ele depois de algum tempo. — Deve ter acontecido logo depois que chegamos aqui na primeira vez.

— O que quer dizer?

— Lembra-se que eu lhe disse que não precisamos mais de sangue para sobreviver? Que, agora, é basicamente uma droga prazerosa para nós?

— Sim, lembro, claro.

— Bem, acontece que há um efeito colateral ao consumir demais dessa droga. O prazer é tão intenso que é viciante para nós, e para os humanos de quem bebemos. No entanto, para que um krinar fique fisicamente viciado, precisa beber do mesmo humano com frequência maior do que duas ou três vezes por semana. Essencialmente, o krinar fica viciado na assinatura de DNA específica

do sangue daquele humano. É um efeito colateral peculiar da correção genética que nos permite sobreviver sem sangue. Alguns dos nossos melhores cientistas estão estudando esse fenômeno, tentando descobrir por que ele acontece e como pode ser impedido.

Mia o encarou fascinada. — E o que acontece quando você fica viciado?

Há dor física?

— Quando o krinar é separado do humano por algum motivo, sim. Eles não conseguem ficar mais de algumas horas sem a droga, o que pode ser um problema para o humano e para o krinar.

— Então foi isso o que aconteceu com o irmão de Leslie? Não sei se eu entendi direito...

— Não, funciona de forma diferente para os humanos. A sua espécie fica viciada na substância que temos na saliva, mas a saliva de qualquer krinar serviria. Não sei exatamente o que aconteceu com o irmão de Leslie, mas posso supor. Pelo jeito, parece que ele se envolveu com algumas das boates x iniciais...

— Boates x?

— Boates x, boates xeno, é a gíria de vocês para boates em que os humanos vão para interagir com a nossa espécie.

Mia piscou algumas vezes. — Nunca ouvi falar disso. É como os *sites* em que os humanos anunciam para fazer sexo com os Ks?

Ele pareceu ligeiramente divertido. — É parecido, sim. Os *sites*, na verdade, são para aqueles que são apenas curiosos. Pouquíssimas pessoas que publicam neles considerariam realmente tornar a fantasia realidade. Os que são sérios de verdade vão aos clubes x.

— É mesmo? — Mia estava espantada por nunca ter ouvido falar naquilo antes. — Onde ficam essas boates? Há alguma na cidade de Nova Iorque?

— Não, na realidade, elas ficam perto de nossos Centros. Normalmente, não gostamos de ir às grandes cidades. Provavelmente é por isso que nunca

ouviu falar delas. Há algumas na Costa Rica, algumas no Novo México e no Arizona, outras na Tailândia e nas Filipinas...

— E os Ks vão a esses lugares?

Korum assentiu. — Alguns vão, especialmente aqueles que não gostam de sair dos Centros. Eu nunca fui a um deles, pois não tenho problemas com passar algum tempo nas cidades dos humanos. Mas muitos krinars vão. Eles não suportam as multidões nem a poluição e as boates são uma forma conveniente para terem relações sexuais com os humanos.

— Então, você acha que o irmão de Leslie foi a um clube x?

— É uma possibilidade. Nos últimos anos, esses lugares passaram a ser regulados de forma mais rigorosa. Agora, um humano particular só pode entrar duas vezes por semana e os krinars que vão são advertidos contra compartilhar aquele humano durante a noite. No entanto, no começo, tudo era muito mais desorganizado e alguns humanos exageraram. Eles ficavam com um ou mais krinars por noite e o sangue deles era bebido com frequência demais.

Mia torceu o nariz, incomodada com a ideia. Quando Korum bebia o sangue dela, era uma experiência tão transcendente que ela não conseguia se imaginar compartilhando-a com outra pessoa. É claro, ela também não conseguia se imaginar fazendo sexo com outra pessoa e, provavelmente, não era uma comparação justa. — Entendi.

— Eu diria que o irmão de Leslie ficou muito viciado. Não faço a menor ideia do motivo da morte dele. Talvez tenha se tornado violento e tentou forçar uma das krinars. Já ouvimos falar de algo assim acontecendo e poderia ser um dos motivos pelos quais ele foi morto...

— Um homem forçando uma krinar?

— Eu não disse que ele teria conseguido. Nossas mulheres são muito mais fracas que os krinars machos, mas ainda são mais fortes que os humanos. No entanto, uma tentativa seria suficiente para dar a ele uma sentença de morte.

Nenhum humano são tentaria tal coisa, é claro, mas alguns desses viciados não são racionais, particularmente quando estão há algum tempo sem a droga.

Mia estremeceu. A coisa toda parecia horrível. — Há alguma cura? —

perguntou ela, tentando imaginar como aquelas pobres pessoas deviam ficar desesperadas.

— Ainda não. Até onde sei, ainda está em estágios experimentais.

— Quando você descobriu sobre isso? Quero dizer, o vício. Foi antes ou depois de vir para cá?

— Nós o conhecemos há alguns milhares de anos, mas não era

considerado um problema de verdade até chegarmos aqui. Na maioria das vezes, acontecia entre *caerles* e *cherens* e era considerado como parte da ligação entre o casal. E, como esses relacionamentos eram extremamente raros, ninguém realmente deu muita importância. É claro, agora que estamos vivendo entre os humanos, é muito diferente.

— Entendi... — Mia olhou pela janela, tentando entender as implicações.

Alguma coisa não fazia muito sentido, mas ela não sabia exatamente o quê.

Mas logo depois ela se deu conta do que era.

Virando-se para olhar para ele, ela franziu a testa. — Korum, o que aconteceria quando a *caerle* morresse? Quero dizer, para o krinar. Se ele fosse viciado naquela humana específica, o que aconteceria depois disso?

Por um segundo, Korum não respondeu. Em seguida, ele disse em tom suave: — A *caerle* não morreria, Mia.

Atônita, Mia o encarou. — O que quer dizer? — sussurrou ela, achando que não ouvira direito.

Ele ficou em silêncio novamente e ela viu os músculos do maxilar dele se contraírem. Subitamente, ele desviou para a pista da direita e foi para a saída, sem se importar com o som dos carros freando atrás dele e das buzinas furiosas. Assustada, Mia agarrou a maçaneta da porta com a mão direita, tentando se segurar. Um minuto depois, ele entrou no estacionamento de um hotel e parou o carro.

Virando-se para ela, ele disse baixinho: — Nós não deixamos os humanos que amamos morrer, minha querida. Você, Maria, Delia... estão o mais perto possível de serem imortais que um ser biológico pode chegar. Você não envelhecerá, não ficará doente e qualquer ferimento que tiver, desde que não seja irreparável, curará rapidamente, como acontece comigo.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

P or alguns segundos, Mia só conseguiu olhar para ele em estado de choque. Aquilo era alguma brincadeira? — M-mas c-como? — gaguejou ela. — Eu não sou krinar...

— Não, você com certeza não é krinar — concordou Korum. — Você é humana, como sempre foi.

— Então como? — Mia mal conseguia processar o que ele dizia. — Como isso é possível?

— Você notou que cura mais depressa? Talvez que se sinta melhor, mais cheia de energia?

Mia assentiu, com o coração batendo forte dentro do peito.

— E nunca perguntou a si mesma como isso era possível? Como seu braço curou tão depressa ontem?

— Eu achei que você tinha me dado alguma coisa — sussurrou Mia. —

Aquela pílula ontem...

— Era um analgésico. Não tinha a capacidade de curar você daquele jeito.

Para isso, eu precisaria de equipamentos especializados, parecidos com os dispositivos que usei em você antes. Não, minha querida, você ficou curada tão bem porque agora há milhões de nanócitos altamente avançados e complexos em seu corpo e a única função deles é mantê-la saudável consertando qualquer dano, seja em nível celular ou de DNA.

— O quê? — Pontos pretos flutuavam em frente aos olhos de Mia e ela respirou fundo, percebendo que parara de respirar por um momento. — O que quer dizer?

Como eles entraram no meu corpo?

— Pedi a Ellet que os implantasse na primeira noite depois que você

chegou em Lenkarda — explicou ele, estudando-a com um olhar cor de âmbar atento. — Eu a levei ao laboratório dela e ela fez o procedimento.

A cabeça de Mia girava e o cérebro não conseguia absorver o que ele acabara de dizer. — V-você me levou ao laboratório de Ellet? Enquanto eu dormia? Você fez isso comigo d-duas semanas atrás?

— Sim — disse ele, com os olhos lentamente ficando mais dourados. —

Eu não queria demorar ainda mais e correr o risco de que alguma coisa acontecesse com você.

Ela o encarou, totalmente atônita. — Por que não me contou? Por que não me perguntou antes de fazer isso?

— Eu não podia correr o risco de você se recusar — disse ele com simplicidade. — Você ainda estava muito brava e ressentida quando eu a levei para lá. E, sinceramente, minha querida, eu ainda estava muito furioso com você, furioso e magoado para oferecer isso naquele momento e ter que passar por uma discussão longa sobre o assunto. A sua traição me magoou, Mia.

Logicamente, eu entendo por que você fez aquilo, mas ainda assim me magoou mais do que qualquer outra coisa que alguém tenha feito...

Mia engoliu em seco, com os olhos enchendo-se d'água. — Eu lamento...

lamento de verdade o que fiz...

— E mais tarde — continuou Korum, com o olhar mantendo o dela —, depois que o procedimento foi feito, eu não quis contar a você porque queria ver como nosso relacionamento se desenvolveria. Se os seus sentimentos por mim seriam tão fortes quanto os meus por você...

— Você estava me testando?

Ele assentiu. — De certa forma. Eu sei o quanto a imortalidade significaria para

a maioria dos humanos. Eu queria que você amasse a *mim*, não apenas à longa vida que eu poderia lhe dar. Eu pretendia contar quando voltássemos para Lenkarda, mas o assunto continuou vindo à tona e eu não queria mentir para você.

Com os pensamentos acelerados, Mia estendeu a mão procurando a maçaneta da porta do veículo que não conhecia bem.

— O que você vai fazer? — perguntou ele em tom ríspido, estreitando os olhos.

— Eu... eu preciso de um minuto — disse ela com voz incerta e o braço tremendo ao abrir a porta. Mia se sentia violada e invadida e a percepção de que o homem que amava fizera isso com ela a deixara enjoada. — Só preciso de um minuto...

Antes que ela conseguisse sair do carro, ele já estava do lado de fora, no lado do passageiro. — Pare com isso, Mia. Você não vai a lugar algum.

Sentindo-se como se estivesse hiperventilando, Mia tropeçou para fora do carro, ignorando a ordem dele. Ela precisava colocar alguma distância entre eles naquele momento. Precisava achar uma forma de aceitar o que acabara de descobrir.

Ele agarrou o braço de Mia quando ela tentou passar. — Pare de agir assim. Você disse que me amava, até mesmo arriscou a vida ontem para me salvar, e agora está chateada com o fato de que podemos ficar juntos em longo prazo?

Mia balançou a cabeça freneticamente, tentando soltar o braço. Uma tentativa inútil, claro. — Não, é claro que não! — Ela ouviu a ponta de histeria na própria voz. — Mas você nem mesmo me perguntou! Como pôde fazer algo tão grande sem nem mesmo me perguntar?

— Fazer o quê? — O tom dele era gelado e a expressão, dura. — Dar a você uma saúde perfeita? Uma vida longa?

A cabeça de Mia parecia prestes a explodir. — Implantar alguma coisa no meu corpo! Realizar um procedimento médico em mim sem meu conhecimento ou consentimento!

— Eu lhe dei um presente, Mia. — Os olhos dele estavam quase puramente

amarelos naquele momento. — Não é como se eu tivesse lhe roubado o rim...

— Você roubou a minha liberdade de escolha! — Mia estava vagamento ciente de que gritava, mas não se importava. A visão estava nublada de fúria e ela sentia o corpo tremendo com a força das emoções. Toda a frustração das semanas anteriores emergiu. — Você roubou a minha capacidade de tomar decisões sobre a minha vida! Sim, eu amo você, mas isso não lhe dá o direito de me tratar como uma posse. Você não entende, Korum? Você não percebe como isso me faz sentir, saber que você pode fazer uma coisa dessas comigo?

Ele a encarou e ela viu o músculo pulsando no maxilar cerrado. — Eu fiz o que era melhor para você. Eu lhe dei a imortalidade, Mia. Não era com isso que estava preocupada? Com nosso futuro juntos?

— O futuro em que serei tratada como escrava por séculos? O futuro em que não tenho qualquer voz ativa sobre o meu corpo, sobre a minha própria vida? Esse tipo de futuro? — perguntou Mia amargamente, furiosa demais para pensar no que estava dizendo.

Ela o ouviu respirar fundo. — Entre no carro, Mia — comandou ele com a

voz baixa e fria. — Você está sendo irracional.

— Ou o quê? — perguntou ela em tom desafiador. — Vai me forçar a entrar? Vai me jogar dentro do carro?

— Se for preciso, sim. Agora, entre.

Tremendo com uma fúria impotente, Mia entrou, observando quando ele fechou a porta do passageiro e deu a volta no carro até a porta do motorista.

— Vamos voltar para casa — disse ele, cantando pneu ao sair do estacionamento. — Não acho que seja uma boa ideia ir para um parque agora.

O PERCURSO ATÉ a casa foi em um silêncio tenso, com Mia olhando para fora da janela e Korum concentrado na direção. Eles levaram menos de trinta minutos para voltar e o velocímetro chegou a quase duzentos quilômetros por hora. Por sorte, não foram parados pela polícia. Mia tinha uma forte suspeita de que qualquer policial que tivesse a infelicidade de confrontar Korum com aquele humor não teria um final muito feliz.

Por mais que quisesse ter algum tempo para si, o percurso silencioso teve praticamente o mesmo efeito, dando a ela tempo para pensar. Com o temperamento lentamente esfriando, ela começou a perceber as implicações do que ele acabara de lhe contar. Ele a tornara imortal. Ou, pelo menos, o mais perto de imortal que um ser biológico podia estar, corrigiu-se ela mentalmente.

Ainda poderia morrer se o corpo sofresse danos além do que fosse possível corrigir, da mesma forma como poderia acontecer com Korum. Mas não morreria por causa da idade ou de doenças, como o restante da humanidade.

Aquilo significava que, agora, ela viveria por milhares de anos? Ela não conseguia nem começar a compreender aquele tempo. Tinha apenas vinte e um anos e até mesmo a idade de trinta anos parecia muito longe. Mil anos? Era como algo saído de um conto de fadas. Nunca envelhecer, nunca ficar doente...

Ele tinha razão: era o sonho de cada ser humano tornado realidade. Era o sonho *dela* tornado realidade.

Mas a forma como ele fizera isso... Mia olhou para a palma das mãos, onde ainda tinha dispositivos de rastreamento implantados quando ele a brilhara. Por que ficara tão surpresa por ele ter feito mais alguma coisa? Ele obviamente a considerava "dele", a *caerle* dele, para fazer com ela o que quisesse. Sim, ele lhe dera um presente impossível e que não tinha preço. Mas também tirara dela qualquer ilusão sobre a natureza futura do relacionamento

deles. Ele não era namorado nem amante dela, era seu mestre. Ela não tinha voz ativa alguma em se tratando do próprio corpo, da própria vida. E ele claramente não via nada de errado com fazer o que quisesse com ela.

Nas duas semanas anteriores, ela vivera em um mundo de sonhos, adorando estar com Korum, adorando a oportunidade fenomenal que ele lhe dera, a forma como interagira tão bem com a família dela... E, todo esse tempo, ela não soubera que

ele a mudara de forma fundamental, que não era mais a mesma Mia que sempre fora.

Imortalidade. Parecia algo tão louco, tão impossível... Por milênios, as pessoas tinham procurado a fonte ilusória da juventude e os Ks a tinham o tempo inteiro. Um arrepio percorreu-lhe a espinha ao entender totalmente o que aquilo significava: os krinars tinham o poder de estender indefinidamente a vida dos humanos e escolheram não fazer isso.

O mandado da não interferência.

Aquela era a única explicação. Os krinars criaram a espécie dela e continuavam a brincar de deuses. Os humanos não eram nada além de um experimento e Mia percebeu como fora tola em esperar que Korum um dia a visse como igual. Ele podia amá-la de uma forma particular, mas não a via como uma pessoa, como alguém que tinha os mesmos direitos básicos que ele.

Como poderia, quando a espécie dele considerava os humanos como nada mais do que criação deles, o resultado de um imenso projeto evolucionário?

O carro chegou à entrada da casa e Mia saiu assim que ele parou, correndo para dentro da casa. Ela não conseguiria olhar para Korum naquele momento, não conseguiria conversar sobre aquilo racionalmente. Ainda não. Não até que tivesse tempo para digerir o assunto um pouco mais.

Para seu alívio, ele não a seguiu, dando-lhe um pouco de espaço.

Ela correu para o segundo andar e trancou-se em um dos quartos de hóspede. A fechadura era frágil, claro. Provavelmente não deteria um humano, quanto mais um krinar. Mas ainda assim o fato de ter uma barreira entre eles fez com que se sentisse melhor.

Sentando-se na cama, Mia olhou para as mãos fechadas com força sobre o colo. No polegar direito, sempre houvera uma minúscula cicatriz. Ela se cortara com uma faca de cozinha quando tinha sete anos de idade, tentando descascar uma maçã. A cicatriz desaparecera. Por que ela não notara isso antes?

Levantando-se, ela andou até o espelho grande pendurado na parede perto da porta. A imagem refletida parecia incrivelmente normal. O mesmo rosto

pálido, os mesmos cachos escuros rebeldes. Mesmo assim, ao inspecionar mais de perto, ela conseguiu ver as diferenças sutis. A pele, normalmente com sardas leves, estava completamente lisa e branca, sem traço algum de manchas. Os pequenos danos causados pelo sol e acumulados nos vinte e um anos tinham desaparecido. Os cabelos também pareciam mais saudáveis, sem pontas duplas, apesar de ela não ter ido a um salão de beleza em mais de seis meses.

Erguendo o braço, ela o flexionou de leve, observando o pequeno músculo movendo-se sob a pele. Até mesmo o corpo tinha mudado ligeiramente. Ela sempre fora magra, mas, agora, parecia um pouco mais tonificada, como se fizesse exercícios regularmente. Ela se lembrou de como conseguira nadar por uma hora, como lutara com Leslie e vencera... Parecia que uma forma melhor era um dos benefícios do procedimento.

Não era de surpreender que Ellet parecesse tão familiar. Mia se lembrou do sonho que tivera quando chegara em Lenkarda, um sonho em que uma bela mulher tocava nela com dedos elegantes. Ellet. Fora Ellet. Korum levara Mia ao laboratório para o procedimento e ela devia estar meio acordada por pelo menos parte dele.

Andando de volta até a cama, Mia se deitou e enrolou o corpo em uma pequena bola, puxando os joelhos para o peito. Ela se sentia enjoada e sabia que era só dentro da própria mente. Não poderia ficar doente mais, era uma impossibilidade física. Mas a sensação desagradável no estômago permaneceu e as entranhas se contorceram quando ela imaginou Korum drogando-a e levando-a até a ex-amante. Ela imaginou Ellet realizando o procedimento no corpo inconsciente e estremeceu.

Como ele podia ter feito aquilo com ela? Como podia ter dado a ela algo tão precioso, algo que ela nunca teria ousado esperar, e, ao mesmo tempo, destruir a confiança dela? E como ela podia ficar com alguém capaz de fazer algo como aquilo, que desconsiderava completamente a vontade dela?

E, mesmo assim, como não poderia?

Mia tentou imaginar o futuro sem Korum e os anos se estenderam à frente dela, cinzentos e vazios. Se ela não o tivesse conhecido, se não tivesse sentido a paixão e o amor dele, seria feliz, mas agora... Agora ele era tão necessário quanto o ar. Apesar de estarem separados havia apenas alguns minutos, ela sentia

a ausência dele de forma tão forte que era como se uma parte dela estivesse faltando. Se ele a deixasse, ela não ficaria simplesmente arrasada.

Ela deixaria de existir, de funcionar como pessoa. Não seria nada além de uma

concha partida, uma mera sombra de si mesma.

Era assim que ele se sentia em relação a ela?

Lágrimas queimaram-lhe os olhos ao pensar nisso. Era por isso que ele fizera aquilo, porque não podia esperar, não podia suportar a possibilidade de que alguma coisa acontecesse com ela se esperasse uma ou duas semanas para realizar o procedimento? Ele tirara a liberdade de escolha dela por causa da intensidade dos sentimentos que tinha por ela?

Ela tentou imaginar como se sentiria se alguém que amasse fosse fraco e frágil, suscetível a doenças e ferimentos. Korum sempre fora tão forte, tão invulnerável. Exceto naquele momento na praia — e antes, quando ela trabalhara com a Resistência —, Mia nunca tivera que se preocupar com a saúde e o bem-estar dele.

Mas ele se preocupava com ela constantemente. Mia sabia disso.

Ele fazia todo o possível para cuidar dela, para garantir que estivesse aquecida e alimentada, para curar todos os ferimentos, não importava o tamanho deles. Sabendo como a escola e a carreira eram importantes para ela, ele não tentara limitá-la em relação a isso. Em vez disso, conseguira para ela uma oportunidade incrível, dando-lhe a chance de ser feliz e completa naquela parte da vida. Ele até mesmo garantira que a família se sentisse confortável com o relacionamento deles. Ele lhe dera tudo, exceto a capacidade de tomar as próprias decisões.

Não, ela não conseguia imaginar a vida sem ele. E agora não precisava.

Para o melhor ou para o pior, eles poderiam ficar juntos para sempre e o coração tolo de Mia se encheu de alegria ao pensar nisso. Ela não sabia se conseguiria perdoá-lo por realizar o procedimento sem o consentimento dela

— pelo menos, não por enquanto — mas poderia tentar. Teria que tentar. Ela o amava demais para não fazer isso.

Afinal de contas, agora tinham séculos para resolver tudo.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Dez minutos depois, Mia desceu para o primeiro andar, pronta para conversar. Ela tinha um milhão de perguntas para Korum e não podia esperar para obter as respostas.

Para sua surpresa, ela o encontrou parado na sala de estar, olhando pela janela para o oceano. Ouvindo os passos dela, ele se virou para encará-la e Mia congelou no meio da escada, chocada com o olhar remoto no olhar dele.

Os olhos dele pareciam vazios, como se estivesse olhando através dela, e a expressão no rosto era dura e fechada, sem demonstrar nada.

— Korum? — Mia notou que a voz tremeu ligeiramente, mas não conseguiu evitar. Ela o vira frio e zombeteiro, vira-o furioso e apaixonado.

Mas nunca o vira daquele jeito. Era como se um estranho olhasse para ela naquele momento, um estranho com as feições familiares do homem que amava.

— As chaves do carro estão ali — disse ele, gesticulando na direção da mesinha de centro. A voz não tinha emoção alguma. — Vou pedir a Roger que envie todas as suas coisas para a casa dos seus pais. Por enquanto, transferi dinheiro para sua conta bancária para que possa comprar algumas coisas básicas até que suas coisas cheguem.

— O quê? — sussurrou Mia, sentindo como se todo o ar tivesse sido sugado da sala. O peito parecia estar sendo comprimido em um torno gigante e ela não conseguia fazer com que os pulmões funcionassem.

— Os guardiães continuarão a vigiar você e a sua família por enquanto, até termos certeza de que Saur agia sozinho. Você provavelmente estará segura, agora que ele e Leslie foram pegos.

O cérebro dela não parecia capaz de processar o que ele dizia. — K-korum? Do que você está falando?

Ele se virou de costas, olhando novamente pela janela. — É isso, Mia.

Você pode ir.

Mal ciente das próprias ações, Mia desceu o restante dos degraus, com uma sensação gelada espalhando-se pelo corpo. — Ir para onde? — perguntou ela, incapaz de entender. Parando a alguns metros dele, ela ficou parada, tremendo, precisando desesperadamente que ele se virasse, que olhasse para ela com aquele sorriso amoroso.

Mas ele não fez isso. Era como uma estátua, completamente imóvel. —

Imagino que para a casa dos seus pais — disse ele finalmente. — Não é onde você normalmente passa o verão?

— Você q-quer que eu vá embora? — Mia mal conseguiu pronunciar as palavras pela garganta apertada. Um poço negro de desespero parecia girar sob ela, pronto para engoli-la a qualquer momento. Claro que ele não estava falando sério, claro que não queria que ela fosse embora...

— Leve o carro — disse ele, ainda olhando pela janela. — Você sabe dirigir, certo?

— Não estou com a minha carteira de habilitação — disse ela amortecida, olhando para as costas dele.

— Se algum policial a parar, eu pagarei a multa. A sua carteira de habilitação e o restante das suas coisas serão entregues até o fim da semana.

Com a garganta fechando-se ainda mais, Mia envolveu o corpo com os braços, tentando conter a agonia que sentia. — Por quê? — sussurrou ela. —

Por que você quer que eu vá embora?

— Não era o que você queria? — perguntou ele em tom frio, virando-se para olhar para ela. O rosto dele estava completamente sem emoções. Somente as leves manchas amarelas nos olhos exprimiam alguma coisa. — Não passou lutando por isso todas essas semanas? Sua liberdade? Bem, agora você a tem.

— Ele se virou novamente, dispensando-a totalmente.

Sentindo-se como se estivesse sufocando, Mia respirou fundo desesperadamente.

— Korum, por favor, eu não estou entendendo...

— O meu inglês não foi claro o suficiente? — As palavras a atingiram como um chicote. — Você está livre para ir. Vá embora, saia daqui.

Quase engasgando com o soluço que subiu pela garganta, Mia recuou. A dor da rejeição dele era quase insuportável. A parte de trás dos joelhos encostou na mesinha de centro e a mão dela se fechou automaticamente sobre

as chaves do carro. Agarrando-as, Mia se virou e saiu correndo da casa, com a visão embaçada pelas lágrimas que escorriam-lhe pelo rosto.

ELA CONSEGUIU CHEGAR até o carro antes de cair no chão. O corpo inteiro tremia e ela mal conseguia sugar ar suficiente por causa do aperto no peito. Por algum motivo, Korum não a queria mais. Ele queria que ela fosse embora. Depois de tudo, ele a deixara ir embora.

Aquilo não fazia sentido. Nada fazia sentido. Encostando-se no carro, Mia sentou no chão duro, abraçando os joelhos e balançando o corpo para a frente e para trás. Depois de alguns minutos, quando o choque de agonia inicial passou, ela tentou recompor as ideias, entender o que acabara de acontecer.

Claro que devia haver uma explicação lógica para tudo aquilo. Por que ele se incomodaria em torná-la imortal se, o tempo todo, planejara se afastar? Por que ele teria ido tão longe a ponto de fazer com que a família de Mia gostasse dele se não se importava com ela? Por que teria dito que a amava? Fora tudo uma mentira? Ele brincara com ela o tempo inteiro? A ideia era tão insuportável que Mia teve que afastá-la para manter a sanidade.

Ou fora tudo culpa dela? A reação que tivera com a revelação dele fizera com que ele mudasse de ideia sobre o relacionamento? Talvez já estivesse começando a se cansar dela e aquela fora a última gota. Mia ergueu a mão até a boca, mordendo-a com força para conter um gemido de dor. Ela não conseguia imaginar a vida sem Korum e ele não a queria mais. Ela o perdera.

Por algum motivo, ela o perdera...

Ela devia entrar no carro e partir, tentar salvar um pouco do orgulho, em vez de ficar chorando em frente à casa dele. Mas não conseguia se mover. Se fosse embora naquele momento, talvez nunca mais o visse. Ele não tinha mais motivo

algum para ficar em Nova Iorque e não havia garantia de que ela teria permissão para voltar a Lenkarda. Se fosse embora, a pessoa que amava mais do que tudo estaria fora da vida dela.

Ela não podia deixar que aquilo acontecesse.

Com o rosto molhado de lágrimas, Mia se levantou resolutamente, limpando a terra e a sujeira do vestido. Se Korum realmente não a queria, ela precisava ouvi-lo dizer com todas as letras. Ele teria que se explicar, pois ela não partiria sem lutar. Ele forçara a entrada na vida dela, no coração dela, e agora achava que poderia ir embora sem uma explicação? Talvez ela tivesse medo demais para questioná-lo no começo, mas não mais. Se ele quisesse se

livrar dela, teria que removê-la fisicamente da casa dele. Ela não partiria até que conversassem.

E, limpando o rosto com as costas da mão, Mia voltou para dentro da casa para confrontar o único homem que amara.

KORUM ESTAVA PARADO no mesmo lugar, ainda olhando pela janela. Ouvindo a aproximação dela, ele se virou. Por um segundo, alguma coisa apareceu no rosto dele, antes que se transformasse na máscara sem expressão novamente.

— Você não foi embora — disse ele baixinho, estudando-a sem emoção alguma. Ela sabia que o olhar aguçado dele notara os traços de lágrimas no rosto e a sujeira nas pernas.

— Não — disse ela com voz mais rouca do que o normal. — Eu não fui embora.

— Por que não? — perguntou ele, parecendo ligeiramente curioso, como se estivessem conversando sobre algo tão banal quanto um filme do qual ela não gostara.

Mia estreitou os olhos. — Por que você quer que eu vá embora? —

retrucou ela, erguendo o queixo. — Ontem, você disse que me amava. E, agora, não quer ficar comigo?

A expressão dele ficou sombria e os olhos assumiram aquele tom dourado

perigoso novamente. — Mia, se você não for embora nesse minuto, nunca mais poderá ir. Nunca. Você me entendeu?

Com o coração batendo com força no peito, Mia o encarou desafiadoramente. — Não, não entendo. Eu não entendo você nem um pouco.

— E, em vez de se afastar, ela deu um passo na direção dele.

Em um piscar de olhos, ele estava do lado dela, movendo-se tão depressa que ela saltou surpresa. As mãos dele se aproximaram e fecharam-se na parte da frente do vestido, segurando-a no lugar. — O que você não entende? —

perguntou ele em tom suave, e ela ouviu a raiva mal controlada na suavidade da voz. — Quer que eu implore a você que fique? Que eu lhe diga novamente o quanto a amo?

Com o peito subindo e descendo rapidamente com cada respiração, Mia engoliu em seco para se livrar da obstrução na garganta. Ela nunca o vira com aquele tipo de humor antes e estava quase assustada. Quase, pois agora sabia que ele nunca a machucaria. Pelo menos, não fisicamente.

— Por que você não foi embora quando lhe dei uma chance, Mia? —

sussurrou ele furioso, puxando-a na direção dele até que ela estivesse apertada contra ele. Ela sentiu o calor que irradiava do corpo dele e o volume duro crescendo dentro da calça *jeans*. — Você não sabe o quanto me custou deixar que fosse embora?

Ele não estava tentando se livrar dela. Estava dando a ela a liberdade porque achou que era o que Mia queria.

Mia finalmente entendeu a verdade e quase começou a chorar novamente.

Korum a amava. Ele a amava o suficiente para deixá-la ir embora, para superar a própria necessidade de mantê-la ao lado dele.

Pela primeira vez, ele lhe dava a liberdade de escolha.

Com o coração enchendo-se de alegria, Mia olhou para ele, vendo os sinais de esforço no rosto belo. Ele a amava e estava deixando que ela fosse embora. A

magnitude do gesto dele não lhe escapou. Nunca na vida daquele homem poderoso e maravilhoso algo que ele realmente queria lhe fora negado.

E ela sabia, agora, sem sombra de dúvida, que ele a queria. O intelecto e a ambição de Korum o tinham levado ao topo da sociedade dos krinars e ele estava acostumado a ter uma quantidade extraordinária de influência e controle. Aqui na Terra, o poder dele era ainda maior. Como membro da raça que conquistara o planeta dela, ele podia fazer praticamente qualquer coisa sem consequência alguma. Entre os humanos, ele era como um deus.

Como seria, ter aquele tipo de poder? Será que ela teria conseguido se conter se soubesse que podia tomar qualquer coisa que quisesse? Ter qualquer pessoa que quisesse? Mia nunca fizera aquela pergunta a si mesma e não sabia se gostaria da própria resposta.

O fato de que ele lhe dera uma escolha agora... Ela sabia como era difícil para ele, como aquilo ia contra a natureza dele. Ele a considerava dele e, pelas leis dos krinars, ela lhe pertencia. Para que Korum abrisse mão daquele poder, que permitisse que ela o deixasse — aquilo, mais do que qualquer outra coisa, mostrou a ela o quanto significava para ele.

Portanto, em vez de se encolher de medo com a atitude dele, ela deslizou as mãos pelo peito de Korum, segurando-lhe o rosto entre as palmas.

Prendendo o olhar dele com o seu, ela sussurrou: — Eu não quero ir embora.

Eu não quero ir embora nunca...

Os olhos de Korum brilharam e ela viu as pupilas expandindo-se no momento em que a boca dele desceu sobre a sua, com os lábios duros e quase agressivos. A boca de Korum invadiu-lhe a boca em um beijo que a consumiu.

Ela retribuiu, sentindo-se feliz com o desejo frenético que sentiu no beijo dele.

As mãos dele desceram-lhe pelas costas, apertando-a até que ela mal conseguia respirar, e Mia sentiu o corpo grande tremendo com a intensidade das emoções.

Afastando-se por um segundo, ele praticamente rosnou: — Você vai ficar.

— Mia assentiu, apesar de saber que não era uma pergunta. Ficando na ponta

dos pés, ela o beijou novamente e sentiu a sala girar quando ele a pegou nos braços e carregou-a até o sofá.

O controle que ele exercera sobre si mesmo mais cedo desaparecera completamente e ela sentiu a necessidade primitiva que o tomara. Ele não foi gentil e ela não queria que fosse, não naquele momento, não quando precisava tão desesperadamente da paixão dele. As mãos dele rasgaram o vestido e as roupas íntimas. Em seguida, ele a penetrou de forma selvagem, com a urgência de entrar nela, de reclamá-la da forma mais básica possível.

Com a força da entrada dele, Mia gritou e arqueou o corpo em direção a ele. Os dedos dela se curvaram em garras e enterraram-se na nuca dele. Ele estava impossivelmente duro e grosso, esticando-a, enchendo-a até que ela se esqueceu completamente da agonia de quase tê-lo perdido.

A mão direita dele agarrou-lhe os cabelos, puxou a cabeça dela para o lado, expondo o pescoço, e ele a mordeu, com as bordas afiadas dos dentes cortando a pele. Mia gemeu com a dor súbita, mas a boca de Korum desceu sobre a ferida e o mundo em volta dela se dissolveu quando o êxtase invadiu-lhe as veias.

Pelas horas seguintes, só o que ela viveu foi o arrebatamento sombrio do abraço dele.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

— Então, fale mais sobre essa coisa de imortalidade — disse Mia preguiçosamente, observando quando Korum ergueu um cacho longo e traçou um círculo com ele no próprio ombro.

Eles estavam deitados lado a lado na cama, depois de se saciarem novamente naquela manhã.

Mia mal se lembrava do restante do dia anterior. Depois que ele a mordera, ela não recuperara os sentidos até tarde da noite, quando Korum a acordara de um sonho exausto para alimentá-la. Depois, ele a levou de volta para a cama e ela desmaiou novamente, abrindo os olhos somente quando já era de manhã e vendo-o observá-la com um olhar faminto no rosto. —

Finalmente — sussurrou ele. Em seguida, jogou o cobertor longe e percorreu-lhe o corpo inteiro, com a boca habilidosa levando-o a um orgasmo antes mesmo de

estar totalmente desperta. Depois, ele a tomara novamente, como se não suportasse ficar separado fisicamente dela nem mesmo por algumas horas.

Ele virou a cabeça para olhar para ela com um brilho amoroso nos olhos.

— O que quer saber? — perguntou ele, sorrindo.

— Tudo — respondeu Mia. — Vocês sempre souberam como fazer isso?

Deixar os humanos imortais? E como exatamente isso funciona? Ainda sou humana ou algum tipo estranho de híbrida? Também tenho velocidade e força maiores? E algum dia vou mudar fisicamente ou é assim que vou ser para o resto da vida?

Ele riu, apoiando-se no cotovelo. — É um monte de perguntas. Deixe-me começar com as mais fáceis. Sim, você ainda é humana. Não, você não é muito mais forte nem mais rápida do que era antes, mas está em uma forma um tanto

melhor. No entanto, você cura muito depressa. Se quisesse ficar mais forte, seria fácil. Basta começar a levantar pesos e a fazer exercícios. O seu corpo se regenera tão depressa agora que não precisaria descansar e poderia ficar em forma semelhante à dos melhores atletas humanos em questão de semanas.

— Você também tem uma resistência maior agora, novamente por causa das propriedades de cura rápida do corpo. E, não, decididamente você não é nenhum tipo de híbrido. Os nanócitos imitam as funções naturais do seu corpo e consertam todos os danos. É só o que eles fazem. Eles restauram o seu corpo ao estado ideal, portanto, sim, você não mudará fisicamente daqui em diante.

Você permanecerá jovem e linda nos próximos anos e séculos.

Mia ouviu a explicação dele, sentindo o coração bater empolgado com mais força. — Uau — sussurrou ela maravilhada. — Eu nem sei o que dizer.

Só... uau.

Korum sorriu para ela e, em seguida, a expressão ficou mais séria. —

Quanto à primeira parte da sua pergunta, essa é uma tecnologia relativamente nova para nós. Nós só a tivemos nos últimos poucos milhares de anos.

— Alguns milhares de anos? É muito tempo... — Eles poderiam ter dado a imortalidade aos humanos em qualquer momento nos últimos milhares de anos?

Ele suspirou. — Se você acha.

— Korum — perguntou ela com cuidado —, o que exatamente é esse mandado de não interferência? Foi por isso que vocês não compartilharam nenhuma de suas tecnologias conosco?

Ele assentiu. — Sim. O mandado de não interferência foi definido pelos Anciãos e tem precedência sobre qualquer lei que o Conselho possa aprovar...

— Os Anciãos?

— Os krinars mais antigos que existem. Há nove deles, conhecidos como os Anciãos. Eles são os que vivem há milhões de anos. Lahur é o mais velho deles e dizem que está vivo há mais de dez milhões de anos.

Estupefata, Mia o encarou. — Dez milhões de anos? — Dez milhões de anos antes, os humanos nem mesmo existiam como espécie. E havia krinars vivos que eram tão velhos assim?

— Também é inimaginável para mim — disse Korum, entendendo a admiração dela. — Eles devem ter visto tanta coisa, aprendido tanto durante a vida. Não há nada que possa se comparar à sabedoria dos Anciãos.

— Onde eles estão? — perguntou Mia, sentindo arrepios pelo corpo todo ao tentar imaginar alguém tão velho. — Algum deles veio para a Terra?

— Não, eles estão em Krina. Em grande parte, eles são muito reclusos.

Poucos krinars já os encontraram e é assim que eles gostam. Eu vi Lahur à distância, mas fui um dos poucos a vê-lo.

Mia franziu a testa perplexa. — E como eles definiram esse mandado?

Como eles garantem que ele seja cumprido?

— Eles não precisam fazer isso, Mia. Os Anciãos são reverenciados em nossa sociedade. Ir contra o que eles dizem é um crime punível com a morte.

— Mas por que fizeram isso? Por que eles definiram esse mandado, para começo de conversa?

— Eu não sei os motivos exatos — admitiu Korum. — Mas sei que dois deles eram parte da equipe de cientistas que direcionou a evolução humana.

Eles foram os criadores originais da sua espécie. Se eu tivesse que supor, diria que eles ainda supervisionam esse projeto.

A testa de Mia se franziu mais ainda. — E por que eles deixaram vocês virem para a Terra?

— Porque o Conselho, especificamente eu, Saret e mais alguns, conseguimos convencê-los de que era necessário para a sobrevivência dos krinars. As armas e as tecnologias de vocês estavam evoluindo tão rapidamente e em uma direção tão destrutiva que estavam colocando o planeta em perigo. E como, no fim das contas, a Terra terá que ser o nosso lar, quando a nossa estrela morrer daqui a uns cem milhões de anos, não podíamos permitir que tornassem o planeta inabitável.

Mia digeriu aquilo silenciosamente. Ela ainda não entendia totalmente essa situação dos Anciãos. — E como você foi capaz de me tornar imortal, apesar desse mandado?

— Reclamando-a como *caerle*. — Os olhos dele brilharam. — Podemos fazer exceções para nossas *caerles*.

— Entendo. — Mia olhou para ele, lembrando-se da afirmação dele de que ser uma *caerle* era uma honra. Agora ela entendia por que ele pensava assim. Sim, a *caerle* podia ter poucos direitos na sociedade dos Ks, mas tinham algo que nenhum outro humano podia conseguir: saúde perfeita e uma vida inacreditavelmente longa. Mesmo nos Estados Unidos dos dias modernos, provavelmente havia muitas pessoas que trocariam felizes os direitos e as liberdades que tinham por uma oportunidade de viver até mesmo algumas décadas a mais, ainda mais centenas ou milhares de anos.

— E os meus pais e a minha irmã? — perguntou Mia, prendendo a respiração. — O mandado faz exceções para eles?

Um olhar de pesar sincero apareceu no rosto bonito de Korum. — Não, Mia, sinto muito. Não faz. Eu farei tudo o que puder para mantê-los saudáveis e

maximizar o tempo de vida natural deles, mas não posso dar a eles o que dei a você.

Mordendo o lábio com força, Mia desviou o olhar. Ela suspeitara disso, mas ainda doía ouvi-lo confirmar. Ela permaneceria jovem e saudável, enquanto todos à sua volta envelheceriam e morreriam. A ideia era insuportavelmente deprimente.

— Minha querida, venha cá — murmurou ele, puxando-a para os braços dele. — Eu lamento, de verdade. Se serve de alguma coisa, vou fazer uma petição aos Anciãos por você. Mas não sei se adiantará alguma coisa.

— Obrigada — sussurrou ela, olhando-o nos olhos. — Obrigada por isso e por tudo o mais.

— Eu amo você — disse ele baixinho, acariciando as costas dela. — E

farei qualquer coisa por você. Sabe disso, certo?

Mia sorriu, com o coração cheio de amor. — Eu amo você mais...

— Isso seria impossível — disse ele e a intensidade da voz dele a deixou atônita. — Eu a amo tanto que dói. Se tivesse me deixado ontem...

Engolindo em seco para evitar uma onda de lágrimas, Mia o abraçou com mais força. — Eu não teria deixado você — disse ela emocionada. — Eu não quero nunca deixar você. Achei que você não me queria mais...

— Eu sempre vou querer você. — Ele parecia totalmente convencido disso.

— Como sabe disso? — perguntou Mia curiosa. — Nós nos conhecemos há menos de dois meses. Como sabe como se sentirá daqui a alguns anos?

Os lábios dele se curvaram em um sorriso terno. — É nisso que a experiência é útil, minha querida. Eu sei como me sinto, soube praticamente desde o início. Na primeira vez em que a segurei nos braços, na primeira vez em que fizemos amor, eu soube que nunca sentira nada parecido. Eu não conseguia pensar em nada além de você, no seu gosto, no seu cheiro, na inclinação teimosa do seu queixo... Achei que estava perdendo a razão, pois estava ficando tão obcecado por uma garota humana. E uma garota que não queria ficar comigo. Eu queria foder você,

sim, mas também queria mantê-la segura, levá-la comigo e nunca deixá-la ir embora...

— Por que não me disse? — perguntou Mia, com o coração pulando ao ouvir as palavras dele. — Por que não me disse antes o que sentia?

O sorriso deixou o rosto dele e a expressão ficou séria. — Porque eu

estava com medo — admitiu ele com voz sombria. — Porque eu nunca me senti assim e não sabia como lidar com isso. Pela primeira vez em séculos, eu seguia as emoções, em vez da razão, e nem sempre tomava as decisões mais sábias quando você estava envolvida. Eu queria ter você e não conseguia pensar em nada além dessa necessidade. Eu não fui paciente o suficiente e acabei assustando você... E, depois, como resultado, você se envolveu com a Resistência. Eu a amava e tudo o que você parecia querer era que eu saísse de sua vida para sempre. Mesmo depois, quando você me disse que me amava, eu não tinha certeza se realmente sentia isso ou se só estava jogando e dando-me o que eu queria...

Mia balançou a cabeça, incapaz de acreditar no que ouvia. Ele sempre parecera tão invulnerável e a percepção de que ela tivera o tempo todo o poder de feri-lo era realmente poderosa. — Não, Korum — murmurou ela, erguendo a mão para acariciar o rosto dele. — Eu me apaixonei por você em Nova Iorque. Mesmo achando que você queria prejudicar a minha raça, mesmo sabendo que tinha medo de terminar como sua escrava sexual, ainda assim eu me apaixonei por você... E, agora, não posso mais viver sem você...

Ele respirou fundo e apertou-a ainda mais, enterrando o rosto nos cabelos dela. — E eu não posso viver sem você, minha querida — sussurrou ele. —

Acho que nunca vou conseguir deixá-la ir embora, nunca mais...

— Então por que fez isso? Por que tentou me mandar embora ontem?

Ele se afastou, olhando para ela novamente. — Porque percebi que não podia forçá-la a me amar, a querer ficar comigo. — Um sorriso amargo surgiu nos lábios dele. — Eu poderia mantê-la ao meu lado até o fim dos tempos, mas não podia fazer com que me amasse. Não era mais suficiente apenas ter você. Eu queria mais. Queria que me amasse livremente. Achei que você ficaria feliz por eu tê-la deixado imortal, mas, em vez disso, você ficou furiosa... E eu soube

então que não podia fazer isso com você, não podia mantê-la comigo contra a sua vontade...

— Ah, Korum — sussurrou Mia. — Não é contra a minha vontade. Não tem sido contra a minha vontade há muito tempo...

A expressão dele se suavizou novamente. — Fico feliz — disse ele baixinho, tirando alguns cachos de cabelo do rosto dela. — Quero que seja feliz comigo. Eu nunca quis que você se sentisse como uma escrava. Eu só não podia suportar a ideia de que alguma coisa lhe acontecesse se eu adiasse o procedimento até que conseguisse se acostumar com Lenkarda e a ficar comigo. Eu achei que estava lhe dando algo que iria querer...

— Eu quero. Eu quero de verdade — disse Mia com sinceridade. —

Como pôde duvidar? Você me deu um presente que não tem preço e eu não pretendia implicar algo diferente disso... Mas, Korum, pode, por favor, prometer uma coisa?

Ele a estudou com um olhar atento. — O quê?

— Pode, por favor, nunca mais fazer nada comigo de novo sem o meu consentimento? Mesmo se achar que é melhor, mesmo se não tiver certeza de que eu vá concordar?

Ele hesitou por um segundo e assentiu relutantemente. Ela notou o quanto lhe custou fazer aquela concessão, o quanto ia contra a natureza dele. Mas, agora, ele prometera e ela sabia que cumpriria a promessa.

— Obrigada — disse ela, acariciando o ombro dele. — Isso significa muito para mim.

Ele sorriu e aproximou-se, beijando-a gentilmente.

Quando ele se afastou, Mia fez uma expressão séria e perguntou: — Sabe o que mais significaria muito para mim agora?

Ele pareceu um pouco desconfiado. — O quê?

— Um café da manhã bem gostoso — disse ela, vendo o rosto dele se iluminar

com um sorriso deslumbrante.

NA SEXTA-FEIRA PELA MANHÃ, eles partiram para voltar para Lenkarda.

O restante da visita à Flórida foi tranquilo e a família ficara triste ao vê-

los ir embora. Korum prometeu levar Mia de volta para passar alguns dias antes do fim do verão, o que fez com que ganhasse um abraço apertado da mãe e um obrigado sincero do pai de Mia. Marisa estava particularmente emocionada, agradecendo Korum novamente por tudo o que fizera por eles e corando intensamente quando ele lhe deu um beijo no rosto como despedida.

— Vou sentir saudades deles — disse Mia durante o percurso até o aeroporto, onde ele pretendia criar a nave. — Eu queria muito poder vê-los com mais frequência.

— Você poderá fazer isso — disse Korum, mantendo os olhos na estrada.

— Quando eu tiver certeza de que é completamente seguro, não há motivo para não vir aqui a cada quinze dias ou algo assim. Não leva tanto tempo assim para vir de Lenkarda...

— De Lenkarda? — perguntou Mia delicadamente. — Achei que íamos

voltar para Nova Iorque no outono...

Korum suspirou. — Se ainda quiser isso, então vamos.

— Por que eu não quereria?

Ele deu de ombros. — Você não precisará do diploma se pretende continuar trabalhando no laboratório de Saret. Você não aprenderá mais na faculdade do que aprenderia ficando em Lenkarda...

— É isso que espera? — perguntou Mia. — Que eu decida não voltar para a faculdade?

— Eu prefiro Lenkarda a Nova Iorque — admitiu ele. — Mas não me importo se decidir terminar a universidade. Eu sei que ainda é importante para você e prometi que a traria de volta quando recomeçarem as aulas. Nove meses, isso

não é nada no esquema maior das coisas. E se dá a você paz de espírito...

Pela primeira vez, Mia pensou seriamente sobre a possibilidade de não terminar a faculdade. Korum tinha razão, o que ela aprendia no estágio era muito além do que a universidade tinha a lhe ensinar. E, se Lenkarda seria o seu lar, um diploma universitário não serviria para nada. Será que Saret deixaria que ela voltasse ao laboratório depois de uma ausência tão longa?

Ela odiaria perder essa oportunidade só para escrever mais alguns trabalhos e estudar para mais algumas provas. Precisava discutir isso com o chefe, e logo, decidiu Mia.

Eles chegaram ao Aeroporto Internacional de Daytona Beach e Korum montou a nave em uma seção bem distante, fora das vistas dos outros humanos.

Quando a nave decolou silenciosamente, Mia se lembrou de como ficara assustada ao partir de Nova Iorque, voando para Lenkarda pela primeira vez.

Fora apenas três semanas antes? Parecia que uma vida inteira se passara desde então.

A garota que deixara Nova Iorque estivera com medo e traumatizada, incerta sobre o destino que teria e sem saber se podia confiar no homem que amava, o homem que considerara como um inimigo, o homem que ela traíra.

Ela não era mais aquela garota.

Esta Mia se sentia totalmente segura no amor de Korum.

Nos dias anteriores, o relacionamento deles passara por outra mudança sutil. Havia uma abertura agora que não existira antes. Até o momento em que tiveram aquela discussão — até ele ter lhe dado uma opção — Mia ainda tinha dúvidas sobre o relacionamento. Fora uma sensação desconfortável saber que ele tinha todo o poder e escrúpulo algum em usá-lo. E agora ela percebia que

se mantivera de certa forma reservada como resultado, que ainda resistira a ele inconscientemente.

Agora, no entanto, era diferente. Sim, ela ainda era a *caerle* dele, mas não se sentia mais como propriedade dele. Ele a amava o suficiente para deixar que

fosse embora, para deixar de lado o controle que tinha sobre ela. E aquele conhecimento era como um bálsamo para a alma, curando as cicatrizes deixadas pelo início tumultuado do relacionamento deles.

Às noites, depois de jantar com a família dela, eles deram longos passeios pela praia e simplesmente conversaram. Ela ficara sabendo sobre alguns dos relacionamentos passados de Korum, e houvera muitos. Descobrira que ele nunca se apaixonara antes. Ele, na verdade, achava-se incapaz disso. — Isso realmente me pegou de surpresa, a profundidade dos meus sentimentos por você — confessou ele. Ela percebeu novamente como fora difícil para ele deixá-la ir embora. O fato de que o fizera provara a Mia que os sentimentos dele eram reais, que a relação sexual deles podia se transformar na parceria verdadeira que ela sempre esperara que fosse.

E agora, ao voarem para a Costa Rica, Mia estendeu a mão e apertou a de Korum. — Eu amo você — disse ela e viu um sorriso largo aparecer no rosto lindo dele.

A vida dela não poderia ficar melhor.

EPILOGUE

Eles estavam de volta.

Saur falhara, mas o krinar suspeitara que isso aconteceria. Korum era um lutador bom demais para ser morto tão facilmente. Claro, ele não contara com o fato de Mia se ferir. Aquela parte fora inaceitável. Se o inimigo não tivesse matado Saur, o K o teria feito ele mesmo.

Logo ela estaria perto dele de novo. O krinar ergueu a mão e olhou para ela, imaginando-se tocando a carne delicada dela, acariciando aquela pele sedosa. Ela seria tão pequena, tão frágil nos braços dele. Tão vulnerável. Ele poderia fazer o que quisesse com ela e Mia não seria capaz de resistir.

O pênis dele ficou duro ao pensar nisso e ele amaldiçoou a aparente incapacidade de se controlar. Ansioso pela chegada dela, ele fora a um clube x próximo e banqueteara-se em garotas humanas. As três eram muito bonitas e tinham a ambição de uma carreira em Hollywood. Uma delas tinha até mesmo cabelos crespos, mas eram de um tom loiro meio sujo que não o atraíra muito.

Ele as fodera por horas, mas deixara o lugar ainda insatisfeito.

Ele *a* queria.

E logo poderia tê-la... e qualquer coisa que quisesse. A semana fora bem produtiva.

Em mais alguns dias, tudo estaria pronto.

LEMBRANÇA ÍNTIMA

As Crônicas dos Krinar: Volume 3

Part Um

PARTE I

PRÓLOGO

O krinar desceu a rua em Moscou, observando silenciosamente as massas de humanos à sua volta. Ao passar, ele percebeu o medo e a curiosidade no rosto deles, sentiu o ódio emanando por alguns dos transeuntes.

A Rússia era um dos países que mais resistira e onde o preço do Grande Pânico fora maior. Com um governo altamente corrupto e uma população que não confiava em autoridade, muitos russos tinham considerado a invasão dos krinars como uma desculpa para saquear à vontade e acumular os suprimentos que pudessem. Mesmo agora, mais de cinco anos depois, algumas das vitrines em Moscou ainda estavam vazias, com as grades fechadas sendo um testemunho dos meses tumultuados que se seguiram à chegada deles.

O ar da cidade agora estava melhor, menos poluído do que o krinar se lembrava ser alguns anos antes. Na época, uma fumaça pesada cobria a cidade, irritando-o imensamente. Não que ela pudesse feri-lo de alguma forma, mas, mesmo assim, o K preferia muito mais respirar um ar que não contivesse tantas partículas de hidrocarboneto.

Aproximando-se do Kremlin, o K puxou o capuz do casaco sobre a cabeça e tentou parecer o mais humano possível, prestando muita atenção aos movimentos para que fossem mais lentos e menos graciosos. Ele não se iludiu,

pois sabia que os satélites dos Ks estavam observando-o naquele momento, mas ninguém nos Centros tinha motivo para suspeitar dele. Nos anos recentes, fizera questão de viajar o máximo possível, frequentemente aparecendo em grandes cidades dos humanos por um motivo ou outro. Assim, se alguém se preocupasse em fazer um perfil de seu comportamento, as expedições mais recentes não causariam qualquer alarme.

Não que alguém se daria ao trabalho de criar seu perfil. Até onde todos sabiam, os krinars que ajudaram a Resistência — os Kapas, como foram chamados — estavam seguramente sob custódia e o pobre Saur levara a culpa por ter apagado a memória deles. Não teria funcionado melhor se o K tivesse planejado tudo aquilo pessoalmente.

Não, ele não precisava esconder sua identidade dos olhos dos krinars no céu. O objetivo era se esquivar das câmeras dos humanos instaladas nas paredes do Kremlin, apenas como garantia, caso os líderes russos ficassem alarmados antes que ele tivesse a oportunidade de visitar as outras cidades principais.

Sorrindo, o K fingiu não ser nada além de mais um turista humano ao dar uma volta lenta na Praça Vermelha, com as solas dos sapatos batendo no pavimento e liberando minúsculas cápsulas que continham as sementes de uma nova era na história humana.

Ao terminar, ele voltou para a nave que deixara em um dos becos ali perto.

No dia seguinte, ele veria Mia novamente.

Saret mal podia esperar.

CAPÍTULO UM

— A h, meu Deus, Korum, quando você conseguiu fazer isso?

Mia observava os arredores em choque. Todos os móveis familiares tinham desaparecido e a casa de Korum em Lenkarda — o lugar sobre o qual ela começara a pensar como lar — se parecia agora muito com uma residência krinar, completa com tábuas flutuantes e espaços livres. As únicas coisas que permaneciam de antes eram as paredes e o teto transparentes, uma característica dos krinars que Korum permitira desde o início.

O amante dela sorriu, mostrando a covinha familiar na bochecha esquerda.

— Talvez eu tenha fugido por mais ou menos uma hora enquanto você estava dormindo.

— Você veio da Flórida até aqui só para mudar a mobília?

Ele riu, balançando a cabeça. — Não, minha querida, nem mesmo eu sou tão dedicado. Tive que cuidar de alguns assuntos de negócio e decidi fazer uma surpresa para você.

— E conseguiu — disse Mia, girando o corpo lentamente e estudando a estranha visão que a recebera ao voltarem para Lenkarda.

Em vez do sofá cor de marfim, havia agora uma longa placa branca flutuando a menos de um metro do chão. Pelo que Korum lhe explicara uma vez, os krinars faziam com que a mobília flutuasse usando uma derivação da mesma tecnologia de campo de força que protegia suas colônias. Mia sabia que, se sentasse na placa, ela imediatamente se adaptaria a seu corpo, tornando-se o mais confortável possível. Algumas outras placas flutuantes estavam visíveis perto das paredes, com algumas delas ocupadas por plantas

com flores cor-de-rosa.

O piso também era diferente de tudo o que Mia vira nas casas dos outros krinars. Ela tentou se lembrar de como eram aqueles pisos, mas só conseguia recordar que eram duros e pálidos, como algum tipo de pedra. Ela não prestara muita atenção na época porque os materiais de piso dos krinars não pareciam tão diferentes do que se via em uma casa de humanos. No entanto, o que havia sob os pés dela naquele momento tinha uma textura muito incomum e uma consistência quase esponjosa. Fazia com que Mia se sentisse parada no ar.

— O que é isso? — perguntou ela a Korum, apontando para a substância estranha.

— Tire os sapatos e sinta — sugeriu ele, tirando os próprios sapatos. — É

algo novo que um dos meus funcionários inventou recentemente. Uma variação da tecnologia de cama inteligente.

Curiosa, Mia seguiu o exemplo dele, deixando que os pés descalços afundassem no piso acolchoado. O material pareceu fluir em volta dos pés, envolvendo-os. Em seguida, a sensação foi de milhares de minúsculos dedos que gentilmente massageavam os dedos, os calcanhares e a sola dos pés, liberando toda a tensão. Uma massagem para os pés... mas mil vezes melhor.

— Ah, uau — suspirou Mia com um sorriso enorme no rosto. — Korum, isto é demais!

— Ahã. — Ele andou pelo aposento, parecendo desfrutar da sensação. —

Achei que você gostaria disto.

Com os pés no paraíso, Mia assistiu enquanto ele fazia um lento círculo pela sala, com o corpo alto e musculoso movendo-se com a graça felina comum à espécie. Algumas vezes, Mia conseguia acreditar que aquele homem lindo e complicado era seu, que ele a amava tanto quanto ela o amava.

A felicidade que sentia era quase assustadora.

— Quer ver o resto da casa? — Ele parou ao lado dela e deu-lhe um sorriso caloroso.

— Sim, por favor! — Mia sorriu, ansiosa como uma criança em uma loja de doces.

Três dias antes, durante uma das caminhadas noturnas na Flórida, ela mencionara a Korum que seria interessante ver a casa dele como fora antes de ser "humanizada" por causa dela. Apesar de o gesto ter sido atencioso na época, Mia agora estava acostumada com o estilo de vida dos krinars e não precisava mais do conforto de arredores familiares. Em vez disso, queria ver

como o amante alienígena vivera antes de se conhecerem. Ele sorrira e prometera mudar a casa prontamente e, obviamente, levara a promessa a sério.

— Está bem — disse ele, encarando-a com uma expressão ligeiramente maliciosa no rosto bonito. — Há um aposento que você ainda não conheceu e estou morrendo de vontade de mostrá-lo...

— Ah, é? — Mia ergueu as sobrancelhas, sentindo o coração bater mais depressa

e as entranhas se contorcerem de ansiedade. Os olhos dele agora tinham um tom dourado e ela imaginou que o que Korum queria lhe mostrar logo a faria gritar em êxtase em seus braços. Se havia uma coisa com a qual sempre podia contar era o desejo insaciável que ele sentia. Não importava a frequência com que faziam sexo, ele sempre parecia querer mais... e ela também.

— Venha — disse ele, pegando-lhe a mão e levando-a em direção à parede à esquerda.

Ao se aproximarem, a parede não se dissolveu, como normalmente acontecia. Em vez disso, Mia sentiu o corpo mergulhando cada vez mais no material esponjoso sob os pés, que foram absorvidos primeiro, seguidos dos tornozelos e dos joelhos. Era como areia movediça, exceto que acontecia dentro da casa. Lançando um olhar assustado a Korum, ela pegou a mão dele.

— O quê...?

— Está tudo bem. — Ele apertou a mão dela para reconfortá-la. — Não se preocupe. — A mesma coisa acontecia com ele. Mia viu o chão praticamente sugá-lo para dentro.

— Ahm, Korum, não sei se isso... — Mia agora estava enterrada até a altura da cintura e havia uma sensação certamente estranha na parte inferior do corpo... quase como se não tivesse peso algum.

— Só mais alguns segundos — prometeu ele, dando-lhe um sorriso.

— Mais alguns segundos? — Mia agora estava até o peito dentro do material estranho. — Antes que aconteça o quê?

— Antes que isto aconteça — respondeu ele quando a descida dos dois subitamente acelerou e eles atravessaram o chão completamente.

Mia soltou um grito, apertando ainda mais a mão de Korum. No início, havia apenas a escuridão e a sensação assustadora de não existir nada sob os pés. Subitamente, eles estavam flutuando em uma sala circular suavemente iluminada e com as paredes e o teto sólidos cor de pêssego.

Estavam literalmente flutuando no ar.

Soltando uma exclamação, Mia olhou para o amante, incapaz de acreditar

no que estava acontecendo. — Korum, isto é...?

— Uma câmara de gravidade zero? — Ele sorria como um garotinho prestes a exibir um brinquedo novo. — Sim, é.

— Você tem uma câmara de gravidade zero na sua casa?

— Sim, tenho — admitiu ele, obviamente feliz com a reação dela.

Soltando a mão de Mia, ele deu uma cambalhota lenta no ar. — Como pode ver, é muito divertida.

Mia riu incrédula e tentou seguir o exemplo dele, mas não havia como controlar os movimentos. Ela não tinha ideia de como Korum conseguira dar uma cambalhota com tanta facilidade. Ela movia os braços e as pernas, mas aquilo não parecia ajudar muito. Era como se estivesse flutuando na água, mas sem qualquer sensação de estar molhada.

Ela não sabia dizer qual era o lado para cima e qual era para baixo. A câmara não tinha janelas e não havia nenhuma distinção clara entre as paredes, o teto e o chão. Era como se estivessem dentro de uma bolha gigante, o que provavelmente não estava muito longe da verdade. Mia não era especialista no assunto, mas imaginava que não era fácil criar um ambiente sem gravidade na Terra. Devia haver muitas tecnologias complexas em volta deles que eliminavam a atração gravitacional do planeta.

— Uau — disse ela baixinho, flutuando no ar. — Korum, isto é demais...

Os outros krinars também têm algo assim?

Ele conseguira chegar até uma das paredes e usou-a para empurrar o corpo, tomando impulso na direção dela. — Não — ele estendeu a mão para pegar o braço dela ao passar flutuando —, não é algo que muitos de nós têm.

Mia sorriu quando ele a puxou em sua direção. — Ah, é? Só você?

— Talvez — murmurou ele, passando o braço em volta da cintura de Mia e segurando-a firmemente contra o corpo. Os olhos dele ficavam cada vez mais

dourados e a rigidez pressionada contra o abdômen dela não deixava dúvidas sobre suas intenções.

Mia arregalou os olhos. — Aqui? — perguntou ela, com o coração batendo mais depressa por causa da excitação.

— Hmm... — Ele já a puxava para cima (ou fora para baixo?) para beijar a área sensível atrás da orelha.

Como sempre, o toque dele fez com que o corpo inteiro de Mia vibrasse de ansiedade. Arqueando a cabeça para trás, ela gemeu suavemente, com um calor percorrendo-lhe as veias.

— Eu amo você — sussurrou ele em seu ouvido, com as mãos largas

acariciando-lhe o corpo e puxando o vestido para baixo. A roupa flutuou para longe, mas Mia mal notou, pois tinha os olhos grudados no homem que amava mais do que à própria vida.

Ela nunca se cansaria de ouvir aquelas palavras vindas dele, pensou Mia ao observá-lo se afastar por um segundo para tirar as próprias roupas.

Primeiro, ele tirou a camisa, depois a bermuda, até ficar totalmente nu, revelando um corpo que representava a perfeição masculina. O fato de estarem flutuando no ar acrescentava um elemento de surrealismo à cena, fazendo com que Mia se sentisse em um sonho erótico incomum.

Estendendo os braços, ela correu as mãos pelo peito dele, maravilhada com a textura macia da pele e a solidez dos músculos abaixo dela. — Eu também amo você — murmurou ela, vendo os olhos deles brilharem de desejo.

Puxando-a contra si, ele a virou para que o corpo dela estivesse flutuando perpendicular ao seu e a parte inferior dele ao nível dos olhos. Antes que ela pudesse dizer alguma coisa, ele abriu-lhe as pernas, expondo as dobras delicadas ao olhar faminto. — Tão linda — sussurrou ele —, tão quente e molhada... Mal posso esperar para sentir seu gosto... — ele a lambeu lentamente na área mais privada —, para fazer você gozar...

Gemendo, Mia fechou os olhos, com a tensão familiar começando a se acumular nas profundezas do ventre. Flutuar no ar parecia aguçar todos os sentidos. Sem

uma superfície onde deitar nem nada mais tocando-lhe o corpo, só o que conseguia sentir, só no que conseguia se concentrar era o prazer incrível da boca de Korum lambendo e beijando o clitóris e as mãos fortes acariciando-lhe as coxas.

Sem qualquer aviso, um orgasmo intenso invadiu-lhe o corpo, originando-se no centro e espalhando-se por todas as células. Mia gritou, encolhendo os dedos do pé com a intensidade do clímax. Em seguida, ele a virou para que o encarasse. Antes mesmo que o coração voltasse ao normal, o pênis enorme a penetrou em uma investida suave.

Arquejando, Mia abriu os olhos e agarrou os ombros de Korum, com o choque de ser possuída reverberando pelo corpo inteiro. Ele parou por um segundo e começou a se mover lentamente, dando a ela tempo para se ajustar.

Com cada investida cuidadosa, a ponta do pênis pressionava o ponto mais sensível em seu interior, fazendo-a gemer com a sensação.

Aquelas investidas gentis pareceram durar para sempre, cada uma dela deixando-a cada vez mais perto do clímax, mas sem levá-la a ele. Gemendo em frustração, Mia enterrou as unhas nos ombros dele, precisando que se

movesse mais depressa. — Por favor, Korum... — sussurrou ela, pois sabia que ele queria aquilo às vezes, que gostava que ela implorasse para lhe dar prazer.

— Ah, eu vou — murmurou ele com os olhos quase inteiramente dourados.

— Certamente vou dar prazer a você, minha querida. — Segurando-a firmemente com um braço, ele estendeu a outra mão e esfregou a área em que estavam reunidos, molhando o dedo. Para surpresa de Mia, o dedo úmido se aventurou mais para cima, entre os globos macios das nádegas, e pressionou gentilmente a pequena abertura.

Mia prendeu a respiração e olhou para ele com uma mistura de medo e excitação.

— Shhh, relaxe... — disse ele baixinho com a voz aveludada. E, antes que ela pudesse dizer alguma coisa, ele inclinou a cabeça, capturando-lhe a boca em um beijo profundo e sedutor, enquanto empurrava devagar o dedo.

No início, pareceu queimar e doer, com a intrusão estranha fazendo-a se contorcer contra ele em um esforço fútil de reduzir o desconforto. Com o pênis totalmente dentro de si, a invasão adicional do corpo era demais, provocando sensações estranhas e enervantes. Mas, quando ele parou, com o dedo apenas parcialmente em seu interior, a queimação começou a diminuir, deixando uma sensação incomum de preenchimento.

Erguendo a cabeça, Korum olhou para ela com uma expressão ardente. —

Tudo bem? — perguntou ele em tom suave. Mia assentiu incerta, sem conseguir decidir se gostava ou não daquela sensação peculiar.

— Ótimo — sussurrou ele, começando novamente a mover os quadris enquanto mantinha o dedo parado. — Só relaxe... isso, assim mesmo...

Fechando os olhos, Mia se concentrou em não ficar tensa, apesar de ficar cada vez mais difícil. O desconforto de alguma forma aumentou a pressão que crescia dentro dela, com cada investida fazendo com que o dedo de Korum se movesse ligeiramente e provocasse todos seus sentidos. O ritmo dele gradualmente aumentou e os quadris se moveram cada vez mais depressa até que, subitamente, ela se sentiu alçando voo, com o corpo inteiro latejando com um orgasmo tão intenso que ficou fraca e ofegante.

Korum gemeu, pressionando o corpo contra o dela enquanto os músculos internos de Mia se contraíram em volta dele, provocando o clímax nele. Ela sentiu os jatos da semente de Korum dentro do ventre, ouviu a respiração pesada enquanto ele apertava sua cintura com mais força, segurando-a firmemente no lugar.

Quando terminou, ele lentamente retirou o dedo e beijou-a, pousando os lábios macios sobre os dela.

Eles flutuaram juntos por mais alguns minutos, com os corpos escorregadios de suor e intimamente enroscados um no outro.

NA MANHÃ SEGUINTE, Mia acordou e espreguiçou-se, com um sorriso largo no rosto ao se lembrar do que acontecera no dia anterior. Parecia que Korum tinha apenas começado a apresentá-la aos vários prazeres eróticos que conhecia... e ela mal podia esperar para experimentar tudo. Certo ou errado, ela agora estava completamente viciada nele, no prazer que sentia em seus braços, e

não conseguia se imaginar estando com outra pessoa, especialmente não com um humano comum.

Era engraçado, ela sempre ouvira dizer que os relacionamentos tendiam a perder a intensidade inicial no decorrer do tempo, mas parecia que a paixão deles ficava mais forte a cada dia. Parcialmente, era devido ao fato de Korum ser um amante fenomenal. Durante os dois mil anos de vida, ele tivera tempo mais do que suficiente para descobrir todas as zonas erógenas no corpo de uma mulher. Mas era algo mais, algo indefinível, aquela química única entre eles que fora óbvia desde o início.

Algumas vezes, o quanto ela precisava dele a assustava. A necessidade ia além do físico, apesar de ela não conseguir imaginar passar um dia sequer sem o prazer inacreditável que sentia nos braços dele. Era como se estivessem conectados no nível celular, duas metades de algo completo.

Ainda sorrindo, Mia rolou para fora da cama. Pegando o computador de pulso, ela olhou para ele para ver a hora. Para sua surpresa, já eram oito horas da manhã, o que significava que tinha apenas uma hora para tomar o café da manhã e chegar ao laboratório. Apesar de ser sábado, era dia de trabalho em Lenkarda, pois os krinars não seguiam o calendário dos humanos em relação a dias úteis e fins de semana. A semana deles tinha duração de apenas quatro dias, em vez de sete, dos quais três eram dias úteis e um de descanso. Mas Mia ainda pensava sobre o tempo em termos do calendário humano, pois fora isso com que se acostumara.

Korum já saíra e Mia pediu à casa que preparasse uma vitamina enquanto tomava um banho rápido. Até mesmo isso estava diferente agora, depois que Korum remodelara a casa. Em vez da combinação de chuveiro e jacuzzi com

que se acostumara, o banheiro agora tinha um compartimento circular enorme com a mesma tecnologia inteligente do restante da casa. A água saía de todas as partes, mas de parte alguma, lavando e massageando todos os pontos do corpo, com a pressão e a temperatura da água ajustando-se automaticamente às necessidades dela. Mia também não precisava fazer nada para se lavar. Em vez disso, sabonetes, xampus e alguns óleos incomuns com perfumes suaves eram aplicados aos cabelos e à pele enquanto ela simplesmente ficava parada, deixando que a tecnologia dos krinars fizesse todo o trabalho.

Depois de terminar o banho, Mia saiu do compartimento e jatos mornos de ar a secaram. Os cabelos também foram secados automaticamente, resultando em cachos macios e sedosos que poderiam ser o resultado de uma sessão em um salão de beleza caro. Ao mesmo tempo, ela sentiu o gosto de algo refrescante na boca, como se tivesse acabado de escovar os dentes.

Quando terminou de se vestir, uma vitamina de morangos com amêndoas já estava sobre a mesa da cozinha. Pegando-a no caminho, Mia saiu da casa e foi em direção ao trabalho.

APESAR DE TER ficado afastada apenas uma semana, Mia percebeu que sentira falta do ambiente do laboratório. Ela adorava aprender e o desafio de dominar um assunto difícil nunca a deixara com medo. Parte da relutância inicial em se envolver com Korum fora devido ao medo de se perder, de se tornar nada mais do que uma escrava do prazer. Em vez disso, parecera ter descoberto uma forma de se tornar uma parte útil da sociedade dos krinars, de contribuir de uma forma pequena. Ao conseguir o estágio para ela, Korum fizera mais do que simplesmente entregar seu currículo. Ele também demonstrara que a considerava como uma pessoa inteligente e capaz, alguém que não só desejava, mas respeitava.

Chegando ao laboratório, Mia passou a maior parte do dia atualizando-se com o que perdera durante a semana na Flórida. Apesar das conversar quase diárias com Adam, seu parceiro no projeto, ela ainda se sentia atrasada em relação aos desenvolvimentos mais recentes. Mas ela também não tinha muito tempo para se atualizar, pois Adam pretendia visitar a própria família de humanos naquela tarde.

— Como Saret deixou você fazer isso? — brincou Mia. — Ficar longe uma semana inteira? Korum praticamente teve que brigar com ele para me deixar sair por esse tempo e você é muito mais útil...

Adam deu de ombros. — Ele não teve muita opção. Eu disse a ele que iria e fim de conversa.

Mia sorriu para ele, novamente impressionada pelo jovem krinar. Apesar de ter sido criado por humanos, ou talvez por causa disso, ele estava à altura dos melhores krinars.

Finalmente, por volta de quatro horas da tarde, Adam entregou a ela vários

documentos e saiu para iniciar as férias breves, deixando-a sozinha no laboratório. Os outros estagiários trabalhavam em um projeto conjunto com o laboratório da mente da Tailândia e tinham ido para lá por alguns dias para concluir um experimento.

Mia passou as duas horas seguintes lendo. Em seguida, foi verificar os dados que eram gerados pela simulação virtual do cérebro de um jovem krinar. Parecia que o método que ela e Adam tinham desenvolvido era realmente um passo na direção certa. A transferência de conhecimento acontecia em um ritmo mais rápido e com menos efeitos colaterais desagradáveis. Com sorte, conseguiriam melhorá-lo ainda mais até o final do trimestre...

— Como foram suas férias na Flórida? — perguntou uma voz familiar atrás dela e Mia saltou assustada.

Virando-se, ela respirou fundo, tentando acalmar o coração que disparara.

— Você me assustou — disse ela a Saret, sorrindo. — Eu não sabia que havia mais alguém aqui no laboratório.

O chefe dela passou os dedos pelos cabelos escuros. — Estou só terminando algumas coisas. — Ele parecia incomumente tenso e Mia achou que estava cansado, algo raro em um krinar.

— Está tudo bem? — perguntou ela hesitante, sem querer ultrapassar algum limite. Apesar de estar trabalhando para Saret havia algumas semanas, ainda sentia que não o conhecia de verdade. Ele não passava muito tempo no laboratório, pois o projeto em que trabalhava o levava para o mundo inteiro.

Quando estava no laboratório, normalmente ele ficava no escritório, apesar de ela tê-lo pego observando-a algumas vezes. Parecia que estava de olho na única humana que jamais deixara entrar em seu laboratório.

— É claro — respondeu Saret, com as feições relaxando em um sorriso.

— Por que não estaria? Uma de minhas assistentes favoritas está de volta.

Sentindo-se ligeiramente desconfortável, Mia sorriu de volta. — Obrigada

— disse ela. — É bom estar de volta. Eu estava dando uma olhada nos dados e

há certamente algum progresso...

— Isso é ótimo — interrompeu Saret. — Estou ansioso para ver seu relatório em breve.

— É claro. Eu o prepararei hoje à noite...

— Não, não é preciso. Pode ir para casa cedo hoje. É o seu primeiro dia de volta e sei que seu *cheren* ficará chateado se eu a mantiver aqui até tarde.

Surpresa, Mia assentiu. — Está bem, se você tem certeza... —

Normalmente, Saret não gostava quando os estagiários não trabalhavam o dia inteiro. Ele até mesmo tivera uma discussão sobre o assunto com Korum no dia em que Mia começara o estágio. E agora ele parecia querer que ela fosse embora... Ainda assim, ela não pretendia recusar. Planejara ir para casa assim que possível.

— Tenho certeza. — Saret sorriu para ela. Havia alguma coisa naquele sorriso que a deixou desconfortável, mas Mia não sabia o que era.

— Está bem, obrigada. Vejo você amanhã — disse Mia, passando por ele.

E, ao fazer isso, podia jurar que ele se aproximara e respirara mais fundo, quase como se estivesse inalando seu perfume.

Dizendo a si mesma que tinha uma imaginação muito fértil, Mia saiu do laboratório e entrou em uma pequena nave estacionada ao lado do prédio.

Korum a criara para ela com a finalidade expressa de se locomover por Lenkarda. Como o relógio de pulso que ele lhe dera, estava programada para responder aos comandos verbais de Mia. Sentindo-se cansada depois de um dia inteiro de trabalho, Mia se sentou em um dos bancos inteligentes e comandou à nave que a levasse para casa.

SARET OBSERVOU MIA ir embora com as mãos trêmulas pela vontade de estendê-

las para tocar nela.

Tê-la tão perto depois da longa ausência de Mia fora uma tortura. A doçura leve do perfume dela enchia o laboratório e ele não conseguira se impedir de chegar mais perto, de senti-lo. Se ela não tivesse ido embora, ele provavelmente teria feito algo idiota, como puxá-la para perto para sentir seu gosto. E não teria se contentado apenas com isso.

Quando tentava analisar a própria mente, como todo especialista em mentes deveria fazer, conseguia encontrar uma dúzia de motivos pelos quais ficara tão obcecado por ela. Em primeiro lugar, ela pertencia a Korum. Mesmo quando eram crianças, Saret sempre quisera os brinquedos de Korum. Seu

inimigo fora criativo mesmo naquela época, alterando os projetos de jogos populares e criando algo que era melhor do que o que todos os outros tinham.

Saret odiara Korum na época por causa disso e odiava-o agora. Claro, nunca demonstrara isso. Os inimigos de Korum nunca se davam bem. Era muito melhor ser amigo dele ou, pelo menos, agir assim.

E Mia era o melhor brinquedo de todos. Tão pequena, tão delicada, tão perfeitamente humana. Pela primeira vez, Saret entendeu por que a espécie dela mantinha animais de estimação. Ter uma criatura bonita para chamar de sua, acariciar e tocar à vontade... havia algo incrivelmente atraente nisso.

Especialmente quando aquela criatura amava o dono, dependia dele. Ela seria um animal de estimação muito bom, pensou Saret, com aqueles cabelos que pareciam tão macios.

Ele estava surpreso por Korum deixá-la passar tanto tempo longe dele.

Saret o testara no início, insistindo para que Mia trabalhasse o dia inteiro, apenas para ver se aquilo convenceria Korum do ridículo de ter um humano em um ambiente de trabalho dos krinars. O nêmesis era a última pessoa que ele esperaria que tratasse uma garota humana como igual. Claro, ela era inteligente — pelo menos, para uma humana —, mas também era jovem e maleável. Não seria preciso muito para moldá-la no que queria que ela fosse.

Não importava o que ela achava que queria no momento. Se ela fosse *caerle* dele, conseguiria convencê-la facilmente a ser feliz com a função em sua vida, em sua cama. Havia tantas coisas divertidas que uma garota humana poderia fazer: todos os tipos de tratamentos em spas virtuais e reais, roupas bonitas,

gravações interessantes, livros divertidos. E, em vez disso, Korum fazia com que ela trabalhasse sem parar. Não era surpresa que ela ainda objetasse a ser uma caerle. O *cheren* dela simplesmente não sabia como tratá-la da forma certa.

Suspirando, Saret voltou para o escritório. Toda a análise mental do mundo não mudaria o fato de que ele a queria. E logo poderia tê-la. Só precisava ser paciente por um pouco mais de tempo.

Voltando a atenção para a tarefa à mão, Saret abriu um mapa tridimensional de Shanghai.

A China era a próxima em sua lista.

CAPÍTULO DOIS

— N ão há nada com que se preocupar — disse Korum em tom suave, colocando um ponto branco na têmpora de Mia. — Eles adorarão você, como eu a adoro.

Mia torceu nervosamente um cacho dos cabelos entre os dedos antes de colocá-lo atrás da orelha. — Eles não vão se importar por eu ser humana?

— Não vão — assegurou ele. — Já sabem de tudo sobre você e estão muito felizes por eu ter encontrado alguém de quem gosto tanto.

Depois que chegara em casa do trabalho, Korum a surpreendera com a notícia de que queria que ela também conhecesse a família dele. E, agora, estava prestes a levá-la a uma instalação de realidade virtual onde conheceria os pais dele. Supostamente, o ambiente era muito real e ela poderia interagir com os pais dele como se estivessem encontrando-se pessoalmente.

E era em Krina.

— Tem certeza de que não preciso mudar de roupa? — Mia sabia que estava protelando, mas sentia-se ridiculamente ansiosa. — E a sua mãe não se importará de eu estar usando o colar de sua família?

— Você está linda e o colar está perfeito — disse ele em tom firme. —

Minha mãe ficará feliz em vê-lo em volta do seu pescoço. Ela me deu o colar explicitamente para essa finalidade: dá-lo à mulher pela qual eu me apaixonasse.

Mia respirou fundo, tentando controlar o coração que batia desenfreado.

— Está bem, então estou pronta. — Pelo menos, o máximo que poderia estar pronta para conhecer os pais do amante extraterrestre que moravam a milhares de anos-luz de distância.

Korum sorriu e o mundo à volta de Mia ficou ligeiramente borrado.

Sentindo-se tonta, Mia fechou os olhos. Quando os abriu novamente, estava parada dentro de um prédio grande e arejado que se parecia vagamente com a casa de Korum em Lenkarda. Do lado de dentro, era totalmente transparente e ela viu plantas incomuns no exterior. A maior parte da flora tinha um tom familiar de verde, mas havia também uma proliferação de tons de vermelho, laranja e amarelo. Era incrivelmente belo. O interior do prédio tinha a mesma sensação zen que a casa de Arman. Tudo era em um belo tom de branco e a luz do sol que atravessava o teto transparente se refletia em um arranjo de flores bem no meio do aposento, o único toque de cor que havia. As flores pareciam crescer em uma abertura no chão. Ao longo das paredes, havia algumas tábuas flutuantes familiares que serviam como mobília para várias finalidades.

— É adorável — sussurrou Mia, olhando em volta do aposento. — É a casa dos seus pais?

Korum assentiu, sorrindo. Ele parecia contente. — É o lar da minha infância — explicou ele, estendendo a mão para pegar a dela e apertando-a de leve.

Como sempre, o toque dele a aqueceu por dentro. Ela ficou maravilhada ao ver como aquela realidade virtual parecia autêntica. De alguma forma, era ainda mais convincente do que o clube a que ele a levara uma vez para satisfazer uma de suas fantasias. Todos os sentidos estavam aguçados, como se ela estivesse lá fisicamente, em um planeta diferente em uma galáxia longínqua.

Respirando fundo, Mia percebeu que o ar era um pouco menos denso do que aquele ao qual estava acostumada, como se estivessem em uma grande altitude. Ela sentiu a mente um pouco leve e torceu para se ajustar em breve. A temperatura era agradavelmente quente e parecia haver uma brisa leve soprando de algum lugar, apesar de estarem dentro do prédio. Havia também um perfume exótico e atraente no ar. Provavelmente das flores, decidiu Mia. O

aroma era quase como o de frutas e era diferente de tudo o que já sentira.

Enquanto Mia estudava os arredores, uma das paredes se dissolveu e uma mulher krinar entrou. Ela era alta e magra, com um corpo de supermodelo, e cabelos pretos brilhantes. Os olhos tinham a mesma cor âmbar que os de Korum. Só podia ser a mãe dele, pois a semelhança era inconfundível.

Ao vê-los parados lá, um sorriso largo iluminou o rosto dela. — Meu filho

— disse ela em tom suave, com os olhos brilhando de amor ao olhar para o

filho. — Estou tão feliz em ver você. — Como todos os Ks, era impossível determinar a idade dela. Parecia ter no máximo vinte e cinco anos.

Soltando a mão de Mia, Korum atravessou a sala e envolveu a mãe em um abraço gentil. — Eu também, Riani, eu também...

Mia observou os dois, sentindo-se uma intrusa em um momento familiar particular. Ela não conseguia imaginar como os pais dele se sentiam com o filho morando tão longe. Sim, podiam se encontrar daquela forma virtual, mas provavelmente ainda sentiam falta de vê-lo pessoalmente.

Virando-se para Mia, Korum sorriu e disse: — Venha cá, querida. Deixe-me apresentá-la à minha mãe.

Curvando os lábios em um sorriso, Mia se aproximou deles, notando a forma como os olhos da K a examinaram de cima abaixo e sentindo a palma das mãos suando. O que aquela mulher linda estava pensando? Estava imaginando como o filho acabara com uma humana?

Parando a dois passos de distância, Mia abriu um sorriso maior. — Olá —

disse ela, sem saber se deveria estender o braço e encostar as costas dos dedos no rosto dela. Mia aprendera nas semanas anteriores que aquele era o cumprimento normal entre as mulheres krinars.

A mãe de Korum não teve tal reserva. Erguendo a mão, ela tocou de leve no rosto de Mia e sorriu de volta. — Olá, minha querida. Estou tão feliz por finalmente conhecer você.

— Riani, esta é Mia, minha *caerle* — disse Korum. — Mia, esta é Riani, minha mãe.

— É um prazer conhecer você, Riani. — Mia começou a se sentir mais à vontade. Apesar da beleza luminosa e da aparência jovem da mulher, havia algo nela que era muito reconfortante. Quase maternal, pensou Mia com um sorriso interno.

— Onde está Chiaren? — perguntou Korum, falando com a mãe.

— Ah, ele estará aqui em breve — disse ela, acenando com a mão. — Ele se atrasou no trabalho. Não se preocupe, ele sabe que vocês estão aqui.

Mia imaginou que Chiaren era o pai de Korum. Era interessante ele chamar os pais pelo nome, apesar de isso fazer sentido. Como os Ks viviam muito tempo, as linhas entre gerações provavelmente eram muito menos definidas do que entre os humanos. Apesar de Korum ter mencionado uma vez que os pais eram muito mais velhos que ele, Mia imaginou que a diferença entre dois mil anos e alguns milhares de anos não era tão drástica.

Um barulho baixo interrompeu os pensamentos de Mia. Virando a cabeça

para o lado, ela viu a parede se abrir novamente. Um krinar bonito, vestindo roupas típicas dos Ks, entrou na sala. Cruzando o aposento rapidamente, ele ergueu a mão e tocou no ombro de Korum, cumprimentando o filho.

Korum devolveu o gesto, mas pareceu muito mais reservado do que fora com a mãe. — Chiaren — disse ele baixinho —, fico feliz por ter vindo.

Alguma coisa no tom da voz dele deixou Mia intrigada. Havia alguma tensão entre pai e filho?

O pai dele inclinou a cabeça. — É claro, eu não perderia a sua visita. —

Em seguida, voltando a atenção para Mia, ele inclinou a cabeça para o outro lado e estudou-a com uma expressão inescrutável.

Mia engoliu em seco, sentindo subitamente a necessidade de umedecer a garganta. A postura de Chiaren e a curva ligeiramente zombeteira dos lábios dele eram muito familiares. Korum podia ser muito parecido com a mãe, mas certamente herdara alguns traços da personalidade do pai. Ela achou o K

intimidador, com o olhar escuro frio e a falta de emoção visível. Ele lhe

relembrou Korum quando os dois se conheceram.

— Chiaren, esta é Mia — disse Korum, chegando mais perto dela e colocando um braço possessivo à sua volta. — Ela é minha caerle. Mia, este é o meu pai, Chiaren.

O K sorriu, parecendo subitamente muito mais agradável. — Que adorável

— disse ele em tom gentil. — Que bela garota humana você tem. Quantos anos você tem, Mia? Parece mais jovem do que imaginei.

— Vinte e um — respondeu Mia, ciente de que provavelmente parecia estar no final da adolescência. Era um problema comum para alguém com compleição pequena como a dela... um problema do qual nunca mais se livraria.

O sorriso de Chiaren aumentou. — Vinte e um...

Mia corou, percebendo que ele a achava pouco mais do que uma criança.

E, em comparação a ele, era mesmo. Ainda assim, teria preferido que ele não demonstrasse se divertir tanto com a idade dela.

— Mia, querida, fale um pouco sobre você — disse Riani, sorrindo com um encorajamento acolhedor. — Korum mencionou que você estuda a mente. É

isso mesmo?

Mia assentiu, voltando a atenção para a mãe de Korum. Ainda não tinha certeza de como se sentia em relação ao pai dele, mas certamente gostava de Riani. — Sim, é verdade — confirmou ela. — Comecei a trabalhar com Saret neste verão. Antes disso, eu me formei em psicologia em uma de nossas

universidades.

— E o que está achando até agora? Do estágio? — perguntou Chiaren. —

Imagino que deva ser muito diferente do que já fez antes. — Ele pareceu genuinamente curioso.

— Sim, é — respondeu Mia. — Estou aprendendo muito. — Sentindo-se muito

mais em seu elemento, ela contou a eles sobre o trabalho no laboratório, com os olhos brilhando ao explicar sobre o projeto da gravação.

Depois, Riani perguntou sobre a família dela, parecendo particularmente interessada no fato de que Mia tinha uma irmã. A gravidez de Marisa pareceu fasciná-la e ela ouviu atentamente enquanto Mia detalhava as dificuldades pelas quais a irmã passara antes da chegada de Ellet. Em seguida, Chiaren quis saber sobre os pais de Mia e qual era a ocupação deles, além de como as contribuições humanas à sociedade eram normalmente medidas. Mia falou um pouco sobre o papel dos professores no sistema educacional norte-americano.

Não demorou muito para que ela estivesse envolvida em uma conversa animada com os pais de Korum. Ela descobriu que eles estavam juntos havia quase três milênios e que Riani tinha quase quinhentos anos a mais que o companheiro. Diferentemente de Korum, que descobrira a paixão por projetos tecnológicos desde cedo, Riani e Chiaren não eram especializados, como a maioria dos krinars, na verdade. Em vez de escolherem um assunto específico, eles frequentemente mudavam de carreira e de área de foco, sem nunca atingir o nível de especialização em uma área em particular. Como resultado, apesar de terem uma posição bastante respeitável na sociedade, nenhum dos pais de Korum chegara nem perto de se envolver com o Conselho.

— Não sei como conseguimos ter um filho tão inteligente e ambicioso —

confessou Riani, sorrindo. — Certamente não foi intencional.

Vendo o olhar confuso no rosto de Mia, Chiaren explicou: — Quando um casal decide ter um filho, geralmente isso acontece sob condições muito controladas. Eles escolhem a combinação ideal de traços físicos e possíveis habilidades intelectuais, consultando os melhores especialistas...

— A maioria dos krinars são filhos projetados? — Mia arregalou os olhos ao entender. Isso explicava por que todos os krinars que conhecera eram tão bonitos. Eles tinham o controle da própria evolução praticando uma forma de seleção genética para os filhos. Fazia muito sentido. Qualquer cultura avançada o suficiente para manipular o próprio código genético, como os krinars fizeram para se livrar da necessidade de sangue, poderia facilmente especificar que genes queria nas crianças. Mia ficou surpresa por não ter

pensado nisso antes.

Chiaren hesitou. — Não estou familiarizado com esse termo...

— Sim, exatamente — disse Korum, sorrindo para Mia. — Poucos pais estão dispostos a apostar na roleta genética, não quando há uma forma melhor.

— Mas fizemos isso — disse Riani, parecendo um pouco envergonhada.

— Fiquei grávida por acidente, um dos poucos acidentes desse tipo que ocorreram nos últimos dez mil anos. Conversamos sobre ter um filho e paramos de fazer controle da natalidade, com planos de ir a um laboratório, como todos os casais que conhecíamos. Estatisticamente, a chance de engravidar naturalmente no primeiro ano fértil é de cerca de uma em um milhão. É claro, isso foi durante meu período de mestrado em música. Fiquei muito envolvida na expressão vocal, a ponto de adiarmos a visita ao laboratório por alguns meses. E, quando o médico me examinou, eu já estava no terceiro mês da gravidez de Korum.

— Sou um acidente, viu? — disse Korum, rindo. — Eles não tiveram controle nenhum sobre de que ancestral herdei meus traços genéticos.

Mia sorriu para ele. — Bem, acho que é bem óbvio de quem você herdou a cor. — Ele poderia ser o irmão gêmeo de Riani, em vez de filho.

— É a ambição que nos deixa confusos — disse Chiaren, lançando um olhar indecifrável ao filho. — Não fazemos ideia de onde ela vem...

Korum estreitou os olhos um pouco e Mia percebeu que aquele era provavelmente o ponto de disputa entre pai e filho. Ela decidiu perguntar a Korum mais tarde. Naquele momento, estava curiosa sobre aquela nova informação que descobrira sobre o amante. — Então, você não foi um bebê projetado, hein? — brincou ela, sorrindo para ele.

— Não — respondeu ele, sorrindo de volta. — Sou um filho totalmente natural.

— Bem, de qualquer forma, você saiu perfeito — disse Mia, estudando as belas feições masculinas. Não conseguia imaginar como ele poderia ser mais bonito.

Para surpresa dela, Korum balançou a cabeça negativamente. — Na verdade, não. Tenho uma pequena deformidade.

— Qual? — Mia olhou para ele chocada. Aquele homem maravilhoso tinha uma deformidade? Onde ele a escondera aquele tempo todo?

Ele sorriu e apontou para a covinha na bochecha esquerda. — Sim, bem aqui. Vê?

Mia olhou para ele descrente. — Sua covinha? É mesmo?

Ele assentiu com os olhos brilhando divertidos. — É considerada uma deformidade na minha raça. Mas aprendi a conviver com ela. Pelo jeito, algumas mulheres até gostam dela.

Gostar? Mia adorava aquela covinha e disse isso a ele, provocando risadas em todos.

— Acho melhor irmos embora — disse Korum depois de algum tempo. —

Está na hora do jantar e Mia precisa dormir, pois tem que acordar cedo para trabalhar amanhã.

— É claro. — Riani lançou um olhar gentil de compreensão a Mia. — Sei que os humanos ficam cansados com mais facilidade...

Mia abriu a boca para protestar, mas mudou de ideia. Era verdade, mesmo que não estivesse particularmente cansada naquele momento. Em vez disso, falou: — Foi um grande prazer conhecer vocês, Riani e Chiaren. Adorei conversar com vocês.

— Nós também, querida. — Riani tocou de leve na bochecha de Mia novamente. — Esperamos vê-la em breve.

Mia sorriu e assentiu. — Claro, vou adorar.

— Foi um prazer conhecer você, Mia — disse o pai de Korum, sorrindo para ela. Em seguida, virando-se para Korum, acrescentou: — E foi bom ver você, meu filho.

Korum inclinou a cabeça. — Até a próxima vez.

O mundo ficou novamente borrado em volta deles, fazendo com que Mia

fechasse os olhos. Quando ela os abriu novamente, estavam de volta na casa de Korum em Lenkarda.

— GOSTEI DOS SEUS PAIS — disse Mia a Korum durante o jantar. — Eles parecem simpáticos.

— Ah, eles são — disse Korum, mordendo um pedaço de jicama com sabor de romã. — Riani é ótima. Chiaren também, apesar de não concordarmos em certas coisas.

— Por que não?

Ele deu de ombros. — Não sei com certeza. Sempre foi assim. Em alguns aspectos, somos muito parecidos, mas, em outros, completamente diferentes.

Ele nunca entendeu por que passei todo o meu tempo construindo a empresa, em vez de apenas aproveitar a vida e encontrar uma companheira, como fez. E

ele não me perdoou por deixar Krina e privar Riani do único filho, apesar de eu visitá-los com frequência no mundo virtual.

Mia sorriu, vendo traços da própria família naquela dinâmica. Fora muito difícil para os pais quando ela fora para a universidade em Nova Iorque. Não conseguia imaginar como teria sido se ela tivesse desaparecido em outra galáxia. Não podia culpar o pai de Korum por ficar chateado, particularmente se não entendia ou não apreciava a ambição do filho.

Ainda pensando sobre a família de Korum, Mia lentamente comeu o ensopado, desfrutando da combinação satisfatória de raízes e legumes de sabor rico provenientes de Krina. Subitamente, um pensamento perturbador surgiu-lhe na mente, fazendo com que parasse de comer e olhasse para Korum.

— Você gostaria de voltar para Krina? — perguntou ela, franzindo um pouco a testa. — Você deve sentir saudades de seus pais e parece um lugar tão legal...

Ele hesitou por alguns segundos. — Talvez um dia — respondeu Korum finalmente, observando-a com um olhar dourado indecifrável. — Mas provavelmente não por muito tempo.

Mia sentiu um aperto no peito. — E eu?

— Você irá comigo, é claro — disse ele em tom casual, tomando um gole de água. — O que mais faria?

Ela respirou fundo, tentando permanecer calma. — Para outro planeta?

Deixar tudo e todos para trás?

Ele estreitou os olhos ligeiramente. — Eu não disse que iríamos em breve, Mia. Talvez nem mesmo enquanto a sua família esteja viva. Mas algum dia, sim, posso precisar visitar Krina e quero que vá comigo.

Mia piscou algumas vezes e desviou o olhar, sentindo o coração apertado ao se lembrar da disparidade que existia agora entre ela mesma e o restante da humanidade. Graças ao nanócitos que circulavam em seu corpo, ela nunca ficaria velha, mas viveria muito mais tempo do que os entes queridos. O fato de os krinars terem os meios para estender indefinidamente a expectativa de vida dos humanos, mas terem optado por não fazer isso, a incomodava muito, fazendo-a se sentir culpada sempre que pensava no assunto.

— Mia... — Korum estendeu o braço e pegou a mão dela. — Escute. Eu disse a você que iria pedir aos Anciãos para sua família e já comecei o processo. Mas não posso prometer nada. Eu nunca ouvi de uma exceção sendo feita para qualquer pessoa que não fosse considerada uma *caerle*.

— Mas por quê? — perguntou Mia frustrada. — Por que não dividir o seu

conhecimento e a sua tecnologia conosco? Por que os Anciãos se importam tanto com esse assunto?

Korum suspirou, acariciando a palma da mão dela com o polegar. —

Nenhum de nós sabe exatamente, mas tem algo a ver com o fato de que vocês ainda são muito imperfeitos como espécie e os Anciãos querem que tenham mais tempo para evoluir...

— Somos imperfeitos? — Mia o encarou incrédula. — O que quer dizer com isso? Está dizendo que somos defeituosos? Como uma peça em um carro que não funciona direito?

— Não, não como uma peça em um carro — explicou ele pacientemente,

apertando os dedos quando ela tentou retirar a mão. — A sua espécie é muito jovem, só isso. A sua sociedade e a sua cultura estão evoluindo em ritmo rápido e provavelmente a taxa de natalidade e a expectativa de vida curta têm algo a ver com isso. Se fôssemos dar nossa tecnologia a vocês agora, se cada humano pudesse viver milhares de anos, o planeta teria uma superpopulação muito rapidamente... a não ser que fizéssemos algo também a respeito da taxa de natalidade. Veja, Mia, é tudo ou nada. Ou controlamos tudo, ou deixamos que fiquem como estão. Não há um meio termo, minha querida.

Mia cerrou os dentes. — Então, por que não dão essa opção às pessoas?

— perguntou ela, furiosa com a história toda. — Por que não deixar que escolham entre viver por um longo tempo ou ter filhos? Tenho certeza de que muitas escolheriam a primeira opção em vez de enfrentar a morte e as doenças...

— Não é tão simples assim, Mia — disse Korum, encarando-a firmemente.

— Veja bem, a superpopulação não é a única preocupação dos Anciãos. Cada geração traz algo novo à sua sociedade, mudando-a para melhor. Faz menos de duzentos anos que os humanos em seu país não achavam nada demais manter escravos. E agora essa ideia é abominável para eles, pois se passaram gerações e os valores mudaram. Você acha que teriam erradicado a escravidão se as mesmas pessoas que eram donas de escravos ainda estivessem vivas? O

progresso da sua sociedade seria incrivelmente lento se estendêssemos uniformemente a expectativa de vida. E isso não é algo que os Anciãos queiram neste ponto.

— Então somos apenas um experimento — retrucou Mia, incapaz de manter o desgosto fora da voz. — Vocês só querem ver o que acontece conosco, sem se importar com quantos humanos sofrerão no processo...

— Os humanos nem estariam aqui para sofrer se não fosse pelos krinars,

querida — interrompeu ele, parecendo ligeiramente divertido pela explosão dela. — De forma muito conveniente, você se esquece desse fato.

— Certo, vocês nos fizeram e agora podem brincar de Deus. — Ela sentiu o velho ressentimento surgir, fazendo com que quisesse evidenciar toda a injustiça daquilo. Apesar de amar muito Korum, algumas vezes a arrogância dele lhe dava

vontade de gritar.

Ele sorriu, nem um pouco afetado pela raiva dela. Os dedos dele relaxaram sobre a palma da mão de Mia e o toque ficou novamente suave e acariciante. — Posso pensar em outras coisas com as quais brincar —

murmurou ele, com os olhos começando a mostrar o calor dourado.

E, enquanto Mia observava incrédula, ele afastou a mesa flutuante, removendo a barreira que havia entre os dois. Ainda segurando a mão dela, ele a puxou até que ela não tivesse opção além de se sentar em seu colo.

— Você acha que sexo fará com que as coisas pareçam melhores? —

perguntou ela, irritada com a resposta inevitável do próprio corpo à proximidade com ele. Não importava o quanto estivesse furiosa, bastava ele olhá-la de uma certa forma para que se perdesse completamente, transformando-se em uma poça de desejo.

— Ahã... — Ele já estava inclinado para beijar seu pescoço, com a boca quente e úmida sobre a pele nua. — O sexo sempre deixa as coisas melhores

— sussurrou ele, mordendo a junção sensível entre o pescoço e o ombro de Mia.

E, pelas várias horas seguintes, Mia não encontrou motivo para discordar daquilo.

DEPOIS DO BARULHO e das multidões em Xangai, a paisagem nua da tundra siberiana era quase reconfortante. Se não fosse pelo frio, Saret provavelmente teria gostado de visitar aquela região remota da Rússia.

Mas estava frio. A temperatura ali, logo acima do círculo Ártico, nunca era alta o suficiente para um krinar, nem mesmo nos dias mais quentes do verão.

Mas, naquele dia, estava abaixo de zero e Saret fez questão de cobrir cada centímetro do corpo com roupas térmicas antes de sair da nave.

O prédio cinzento grande à frente dele era um dos exemplos mais feios da arquitetura da era soviética. Arame farpado e torres de guarda em todos os cantos o marcavam exatamente como era, uma prisão de segurança máxima

para os criminosos mais violentos de toda a Rússia. Poucas pessoas sabiam que aquele lugar existia e fora por isso que Saret o escolhera para seu experimento.

Ele se aproximou abertamente do portão, sem se preocupar em ser visto por câmeras nem satélites. Para aquele local, ele usava um disfarce que desenvolvera no decorrer dos anos. O disfarce alterava não só a aparência, como a camada externa do DNA, tornando quase impossível descobrir sua verdadeira identidade. Os humanos sabiam que ele era um krinar, claro, mas não sabiam mais nada a seu respeito.

Quando ele se aproximou, o portão se abriu, deixando que entrasse. Saret andou rapidamente até o prédio, onde foi recebido pelo encarregado, um humano de meia idade, barrigudo, fedendo a álcool e cigarro.

Sem dizer uma palavra, o encarregado o levou até o escritório e fechou a porta.

— E então? — perguntou Saret em russo assim que chegaram na privacidade do escritório. — Tem os dados que pedi?

— Sim — respondeu o encarregado devagar. — Os resultados são bastante... incomuns.

— Como assim, incomuns?

— Sua última visita foi há seis semanas — disse o humano, com as mãos brincando nervosamente com uma caneta. — No mês passado, não tivemos nenhum homicídio. Nas últimas três semanas, não houve nenhuma briga. Cuido desse lugar há vinte anos e nunca vi nada como isso.

Saret sorriu. — Não, aposto que não. Qual era a taxa de homicídios antes?

O homem abriu uma pasta e tirou uma folha de papel, entregando-a a Saret.

— Dê uma olhada. Normalmente, há dois ou três assassinatos por mês e cerca de uma briga por dia. Não conseguimos entender. É como se todos eles tivessem feito um transplante de personalidade.

O sorriso de Saret aumentou. Se pelo menos o humano soubesse a verdade.

Satisfeito, ele dobrou a folha e colocou-a no bolso da calça. — Você pode

esperar o pagamento final amanhã — disse ele ao encarregado. Em seguida, saiu do escritório.

Ele mal podia esperar para voltar à nave e sair do frio.

CAPÍTULO TRÊS

O s dois dias seguintes se passaram sem que nada significativo acontecesse.

Mia passou o tempo trabalhando no laboratório e aproveitando a companhia de Korum à noite, sentindo-se muito feliz apesar das discussões ocasionais. Ela não tinha dúvidas de que ele a amava e isso fazia toda a diferença. Um dia, ela esperava convencê-lo a vê-la sob uma luz diferente, a apreciar o fato de que os humanos eram mais do que apenas um experimento dos Anciãos dos krinars. Mas, por enquanto, ela precisava se contentar com a possibilidade de talvez ser feita uma exceção para sua família, algo que sabia que Korum estava tentando muito obter.

No laboratório, os outros estagiários ainda não tinham voltado e Mia se viu frequentemente trabalhando sozinha, rodeada apenas por equipamentos.

Saret ia e voltava e, de vez em quando, ela o via observando-a com uma expressão enigmática no rosto. Considerando aquilo como uma desconfiança estranha da estagiária humana, ela terminou o relatório e enviou-o a Saret, esperando receber logo um retorno. Enquanto esperava, ela continuou a fazer a simulação, tentando diversas variações no processo e registrando cuidadosamente os resultados.

Terça-feira era um dia de folga em Lenkarda e era o aniversário de Maria.

A garota animada lhe enviara uma mensagem holográfica durante o fim de semana, convidando-a formalmente para a festa na praia às duas horas da tarde. Mia aceitara com prazer.

— Então eu não posso ir? — Korum estava deitado na cama e observando-a se preparar para a festa. Os olhos dourados brilharam divertidos e ela sabia que estava só provocando-a.

— Lamento, querido — disse ela em tom zombeteiro, girando o corpo em frente ao espelho. — Nenhum cheren permitido. Somente caerles.

Ele sorriu. — Mas que discriminação.

Ela estava usando o colar que ele lhe dera e um vestido leve com biquíni por baixo, caso a festa envolvesse nadar no oceano.

— Sim, você sabe como é — disse ela, sorrindo de volta. — Somos bacanas demais para vocês, Ks.

Ela adorava como podia implicar com ele agora. De alguma forma quase imperceptível, o relacionamento deles assumira uma posição mais equilibrada. Ele ainda gostava de estar no controle e conseguia ser incrivelmente dominador de vez em quando, mas ela começava a achar que podia enfrentá-lo. O conhecimento de que ele a amava, de que as opiniões e as ideias dela importavam, era muito libertador.

— Muito bem — disse ela, inclinando-se para beijá-lo de leve no rosto

—, preciso correr.

Mas, antes que Mia conseguisse se afastar, ele passou o braço em volta de sua cintura e ela se viu deitada de costas sobre a cama, presa pelo corpo musculoso.

— Korum! — Ela se contorceu, tentando sair. — Vou me atrasar! Você mesmo disse que é um insulto chegar tarde...

— Um beijo — disse ele, segurando-a sem o menor esforço. Mia viu os sinais familiares de excitação no rosto dele e sentiu o pênis rígido contra a perna. O corpo dela reagiu de forma previsível, com as entranhas contorcendo-se em ansiedade e a respiração ficando acelerada.

Ela balançou a cabeça negativamente. — Não, não podemos...

— Só um beijo — prometeu ele, abaixando a cabeça. A boca de Korum estava quente e a língua acariciou a parte de dentro dos lábios de Mia. Ela se sentiu derretendo por dentro e uma neblina de prazer a envolveu. Mas, antes que ela se perdesse, ele parou, erguendo a cabeça e saindo de cima dela.

— Vá — disse ele com um sorriso malicioso no rosto. — Não quero que chegue atrasada.

Frustrada, Mia se levantou e jogou um travesseiro nele. — Você é mau —

disse ela. Agora, Mia estava extremamente excitada e não teria a oportunidade de encontrá-lo nas horas seguintes. A única coisa que a fez se sentir melhor foi o fato de que ele sofreria do mesmo jeito.

— Só queria que você se apressasse para voltar, mais nada — disse ele, sorrindo. Ela jogou outro travesseiro nele, pegou o presente de Maria e saiu

pela porta.

MIA CONSEGUIU NÃO SE ATRASAR, mas as outras doze caerles já estavam lá quando chegou. O convite de Maria dissera que haveria treze garotas no total, incluindo a própria Mia.

Uma seleção musical incomum tocava em algum lugar no fundo. Os sons eram lindos e Mia reconheceu a melodia que Korum algumas vezes tocava em casa. No entanto, junto com a música popular dos krinars, ela ouviu tons mais familiares de flauta e violino.

As garotas estavam sentadas em cadeiras flutuantes dispostas em um círculo em volta de uma tábua suspensa que parecia servir como mesa de piquenique. Havia diversos tipos de frutas com aparência deliciosa e pratos exóticos sobre ela.

Vendo Mia, Maria acenou de forma entusiástica. — Ei, venha se juntar a nós!

Mia se aproximou, sorrindo para ela. — Feliz aniversário! — disse ela, entregando a Maria uma pequena caixa embrulhada em papel enfeitado.

— Um presente! Ora, querida, não precisava! — Mas o rosto de Maria brilhou animado e Mia sabia que fizera a coisa certa ao pedir que Korum a ajudasse a encontrar um presente.

Ansiosa como uma criança, Maria rasgou o embrulho e abriu a caixa, tirando um pequeno objeto oval. — Ai, meu Deus, isto é o que eu acho que é?

— Korum fez — explicou Mia, sentindo-se feliz com a reação dela. Maria obviamente conhecia o suficiente sobre a tecnologia dos krinars para entender que acabara de ganhar um fabricador, um dispositivo que possibilitaria que ela usasse nanomáquinas para criar todo tipo de objetos usando átomos individuais.

Claro, o computador que Korum tinha implantado na palma da mão permitia que ele fizesse a mesma coisa sem qualquer outro dispositivo e em uma escala muito maior e mais complexa. No entanto, ele era um dos poucos que conseguia criar uma nave inteira do nada. A fabricação rápida era uma tecnologia relativamente nova e ainda um tanto cara e nem todos podiam comprar um fabricador até mesmo básico, como o que ele produzira para Maria. Era um objeto muito desejado, explicara Korum.

— Ai, meu Deus, um fabricador! Muito obrigada! — Maria estava quase fora de si de tão empolgada. — Isso é tão incrível! Agora posso criar as roupas que eu quiser.

— E outras coisas também — disse Mia, sorrindo. O pequeno fabricador não era avançado o suficiente para criar tecnologias complexas, mas conseguia criar todo tipo de objetos mais simples.

— Roupas — disse Maria em tom firme. — O que eu mais quero são roupas.

Todas em volta da mesa riram da expressão determinada no rosto dela e uma garota de cabelos ruivos gritou: — E sapatos para mim!

— Ai, onde estou com a cabeça! — exclamou Maria em meio às risadas.

— Ainda não apresentei você a todo mundo. Pessoal, essa é Mia, que chegou mais recentemente. Como podem ver, ela é inacreditavelmente demais. Mia, você já conhece Delia. A garota adorável à direita dela é Sandra, depois Jenny, Jeannette, Rosa, Yun, Lisa, Danielle, Ana, Moira e Cat.

— Olá — disse Mia, sorrindo e acenando para as garotas. Os vários nomes ditos em sequência foram um pouco demais, ela não conseguiria se lembrar de todos imediatamente. Normalmente, ela era tímida em situações sociais em que não conhecia a maioria das pessoas, mas naquele dia, por algum motivo, sentiu-se confortável. Talvez fosse porque já tinha tanto em comum com elas. Poucas pessoas fora daquele grupo conseguiriam entender o que era ter um relacionamento com alguém literalmente de outro mundo.

Sentando-se na cadeira flutuante vazia, Mia olhou em volta da mesa com curiosidade aberta. Como ela, todas aquelas garotas eram imortais. Isso significava que algumas eram mais velhas do que pareciam? Na maioria, pareciam jovens e lindas, de várias raças e nacionalidades. No entanto, algumas

delas eram apenas bonitas e Mia se perguntou novamente por que os krinars, com aquela beleza divina, sentiam-se atraídos pelos humanos. Era pela capacidade de beber o sangue deles? Se beber o sangue era tão agradável quanto dá-lo, ela conseguia entender o apelo.

Voltando a atenção para Delia, Mia agradeceu por avisá-la sobre a festa.

— É claro — disse Delia. — Fico feliz por você ter vindo. Ouvimos dizer que você não estava em Lenkarda na semana passada. Caso contrário, Maria teria lhe enviado o convite formal mais cedo.

— Sim, eu estava na Flórida, visitando minha família — explicou Mia, vendo Delia erguer as sobrancelhas interrogativamente.

— Korum deixou você ir até lá? — perguntou ela, com uma nota de descrença na voz.

— Nós fomos juntos — respondeu Mia, colocando um morango na boca. A fruta estava doce e suculenta. Os krinars certamente sabiam como cultivar as

melhores frutas.

— Ah — disse Delia. — Entendo... — Ela pareceu um pouco confusa com aquilo.

— Você nunca vai visitar sua família? — perguntou Mia sem pensar. —

Eles ainda estão na Grécia?

Delia sorriu, parecendo se divertir. — Não, eles não estão mais aqui.

— Ah... eu sinto muito. — Mia se sentiu horrível. Não fazia ideia de que aquela garota era órfã.

— Está tudo bem — disse Delia calmamente. — Eles faleceram há muito tempo. Agora, só tenho algumas lembranças deles. Não tínhamos fotografias naquela época.

Mia começou a entender a situação. — Quanto tempo é muito tempo? —

perguntou ela, incapaz de conter a curiosidade. Não havia fotografias? Que idade teria a caerle de Arus?

— Ah, você não conhece a história de Delia? — perguntou uma caerle de cabelos castanhos sentada à direita de Delia. — Delia, você deveria contar a Mia...

— Não tive a oportunidade, Sandra — respondeu Delia, falando com a garota. — Só encontrei Mia uma vez antes.

— Nossa amiga Delia é um pouco mais velha do que parece — disse Sandra com um sorriso no rosto. — Adoro a reação das novatas quando ficam sabendo qual é a verdadeira idade dela...

Intrigada, Mia olhou para a garota grega. — Qual é a sua verdadeira idade, Delia?

— Até onde sei, farei dois mil, trezentos e doze este ano.

Mia engasgou com um pedaço do morango que estava comendo. Tossindo, ela conseguiu limpar a garganta o suficiente para perguntar: — O quê?

— Sim, você ouviu certo — disse Sandra, rindo. — Delia é só um pouco mais nova do que algumas das pirâmides...

E mais velha que Korum. — Você foi caerle esse tempo todo? —

perguntou Mia incrédula.

— Desde que eu tinha dezenove anos — disse Delia, encarando-a com os olhos castanhos grandes. — Conheci Arus em uma praia no Mediterrâneo, perto da minha vila. Ele era muito mais jovem na época, perto de duzentos anos. Mas, para mim, era a epítome da sabedoria e do conhecimento. Achei que ele era um deus, especialmente quando me mostrou uma tecnologia milagrosa. No dia em que ele me levou à nave, fiquei convencida de que tinha

ido ao Monte Olimpo...

— Onde você morou esse tempo todo? Em Krina? — Mia estava totalmente fascinada. Por algum motivo, achou que os relacionamentos entre krinars e

humanos fosse uma coisa relativamente nova. Mas agora, ao pensar no assunto, a existência da terminologia caerle e cheren na linguagem dos krinars implicava que aquele tipo de relacionamento devia existir havia algum tempo.

— Sim — respondeu Delia. — Arus me levou para Krina quando saiu da Terra. Vivemos lá até que os krinars viessem para cá há alguns anos.

Mia a encarou, imaginando como deveria ter sido chocante para alguém da Grécia antiga ir para outro planeta. Mesmo para Mia, que sabia que os krinars não eram sobrenaturais de forma alguma, muito do que faziam podia parecer mágica. Como teria sido para alguém que nunca usara um celular ou uma televisão, que não tinha ideia do que era um computador ou um avião?

— Como você lidou com isso? — perguntou Mia. — Não consigo nem imaginar como deve ter sido para você.

Delia deu de ombros de forma graciosa. — Não sei direito, para ser sincera. Mal consigo me lembrar daqueles dias do começo. Tudo é um grande borrão de imagens e impressões na minha cabeça. Eu não lidei muito bem com a viagem até Krina, disso consigo me lembrar. Seu cheren, que nem era nascido na época, fez muito para tornar a viagem intergaláctica mais segura e confortável. Mas, naquela época, era muito mais difícil. Eu me senti muito mal durante a viagem inteira, pois a nave não era otimizada para humanos. E levei alguns dias para me recuperar quando cheguei a Krina, mesmo com os remédios deles.

— Você quis ir? — Mia não conseguia deixar de lado a pena intensa que sentia por uma garota de dezenove anos que fora levada para longe de tudo o que conhecia, para um lugar estranho e nada familiar.

Delia deu de ombros novamente. — Eu queria ficar com Arus, mas não acho que percebi totalmente o que isso envolvia. Obviamente, não me arrependo de nada agora.

— Há alguma caerle mais velha que você?

— Sim — respondeu Delia. — Há duas. Um é caerle da especialista em biologia que desenvolveu o processo para estender a expectativa de vida dos humanos. Ele tem quase cinco mil anos. E a outra tem apenas quinhentos anos a mais que eu. Ela é da África.

— Espere um pouco. Você disse ele? — Era a primeira vez que Mia ouvia

falar de um caerle homem.

— Sim — disse Sandra, juntando-se à conversa. — Também fiquei surpresa. Mas algumas mulheres krinars, e homens também, têm caerles humanos homens. É muito mais raro, mas acontece. Sumuel, o caerle original, como é conhecido, fica com um casal.

Mia piscou algumas vezes. — Como um triângulo amoroso?

— Mais ou menos isso — respondeu Sandra com um sorriso malicioso no rosto. — É um arranjo um tanto incomum, mas dá certo para eles. A filha do casal pensa em Sumuel como um terceiro pai.

— A filha do casal de krinars?

— Sim, é claro — respondeu Delia. — Não podemos ter filhos com os krinars. Não somos suficientemente compatíveis em termos de genética.

Apesar de Mia saber disso, ouvir Delia dizer aquilo fez com que sentisse um pequeno aperto no peito. Nos dias anteriores, Mia estivera tão feliz que não tivera a oportunidade de pensar nos aspectos negativos de estar sempre com uma pessoa que não era da mesma espécie. Korum lhe dissera no início que não poderia engravidá-la e Mia não tivera motivo para questionar aquilo.

Além do mais, tivera outras coisas com que se preocupar. No entanto, agora que Mia tinha certeza de um futuro com Korum, percebia o que aquele futuro não tinha: um filho.

Mia não sentia uma necessidade grande de ser mãe, pelo menos, não por enquanto. Ter um filho sempre fora algo que vislumbrara como parte de um futuro agradável e nebuloso. Sempre imaginara que primeiro terminaria a faculdade, faria um mestrado e conheceria um homem bacana. Eles namorariam por alguns anos, ficariam noivos, teriam uma cerimônia de casamento íntima e começariam a pensar em filhos depois de estarem casados por algum tempo. Em vez disso, ela se tornara a caerle de um extraterrestre uma semana depois de conhecê-lo, ficara imortal e perdera qualquer chance de ter uma vida humana normal.

Não que ela se importasse, obviamente. Estar com Korum, amá-lo, era muito mais do que jamais esperara. E se, em algum lugar lá no fundo, uma pequena parte dela sentia a perda do filho que não existia... bem, poderia conviver com isso. Talvez, algum dia, conseguisse convencer Korum a adotar uma criança.

Assim, Mia colocou um sorriso no rosto e voltou a atenção para Delia, perguntando sobre suas experiências em Krina e como era viver por tanto tempo.

Durante a hora seguinte, Mia conheceu Delia e Sandra um pouco mais, ouviu a história delas e sobre como era realmente a vida de uma caerle.

Diferentemente de Delia, Sandra estava em Lenkarda havia apenas três anos.

Originalmente da Itália, ela conhecera o cheren por acidente na costa de Amalfi. Em grande parte, Delia e Sandra pareciam felizes com a vida que tinham, apesar de Mia ter a sensação de que Arus tratava Delia como uma verdadeira parceira, enquanto que o cheren de Sandra a mimava muito, mas não a levava muito a sério.

Depois que a maior parte das comidas sobre a mesa desaparecera, Maria desafiou as garotas para um jogo de bebida que parecia similar a "verdade ou consequência". Para a parte "consequência", elas precisavam beber uma dose de tequila.

— Não se preocupe — sussurrou Sandra para Mia —, você não terá a oportunidade de ficar bêbada demais, nem mesmo se beber cinco doses por hora. Nosso corpo agora metaboliza o álcool muito depressa.

Mia sorriu, lembrando-se da última vez em que ficara bêbada. Teria sido útil ter todos aqueles nanócitos quando fora ao clube. Ela teria sido poupada de muitos constrangimentos.

Elas jogaram por uma hora e Mia bebeu pelo menos seis doses, optando pela opção "consequência" em vez de responder a algumas questões muito íntimas sobre sua vida sexual. Mas as outras garotas não tiveram tal reserva e Mia descobriu tudo sobre a preferência de Moira por calças pretas de couro, a paixão de Jenny por massagens nos pés e o fato de que Sandra fizera uma vez sexo em um bote salva-vidas.

Finalmente, a festa terminou. Sentindo-se ligeiramente tonta, Mia foi para casa,

ansiosa por encontrar Korum e terminar o que tinham começado mais cedo.

SARET ANDOU PELAS favelas da Cidade do México, observando sem paixão os dejetos da humanidade à sua volta. Ele já plantara os dispositivos no centro da cidade, portanto, aquela excursão não tinha finalidade particular, exceto satisfazer a curiosidade e reforçar na mente como o que fazia era correto.

Na esquina, dois brutamontes ameaçavam uma prostituta com uma faca.

Relutantemente, ela tirou dinheiro do sutiã e xingou-os em espanhol. Saret andou na direção deles, fazendo ruído propositadamente, e os brutamontes

foram embora com sua aproximação, deixando a prostituta em paz. Ela olhou rapidamente para Saret e correu, parecendo perceber o que ele era.

Saret sorriu para si mesmo. *Covardes idiotas.*

Já passava da meia-noite e a área estava repleta de todo tipo de vagabundos. A violência relacionada a drogas no México não melhorara nos anos recentes e o governo do país chegara ao ponto de pedir ajuda aos krinars com o problema. Depois de algumas discussões, o Conselho decidira recusar, sem querer se envolver em problemas humanos. Privadamente, Saret discordara daquela decisão, mas votou da mesma forma que Korum: contra o envolvimento. Nunca era uma boa ideia se opor abertamente aos supostos amigos. Além do mais, não fazia sentido ajudar os humanos em uma escala tão limitada. O que Saret fazia seria muito mais efetivo.

Ele estava voltando para onde deixara a cápsula de transporte quando uma dezena de membros de uma gangue cometeram o erro fatal de cruzar seu caminho. Armados com metralhadoras e alterados por causa da cocaína, eles pareceram se achar invencíveis o suficiente para atacar um K. Um erro pelo qual pagaram imediatamente.

As primeiras balas atingiram Saret, mas as outras não. Consumido pela raiva, ele mal percebeu as próprias ações, agindo inteiramente por instinto, que era de destruir qualquer coisa que o ameaçasse. Quando Saret retomou o controle, havia pedaços de corpos por todo o beco e a rua inteira fedia a sangue e morte.

Desgostoso consigo mesmo e com os idiotas que o provocaram, Saret voltou para a nave.

Ele estava mais convencido que nunca de que seu caminho era justo.

CAPÍTULO QUATRO

N o dia seguinte, Mia terminou de executar a simulação pela terceira vez e enviou os resultados digitais para Saret, torcendo para que ele tivesse uma oportunidade de revisá-los em breve. Sem os comentários dele e a ajuda de Adam, não havia nada mais que pudesse fazer para avançar com o projeto no momento.

Era apenas onze horas da manhã de quarta-feira e ela já fizera o que tinha separado para fazer no laboratório o dia inteiro. Claro, poderia ler alguma coisa sobre a mente ou assistir a algumas gravações, mas aquelas eram coisas que costumava fazer no tempo livre fora do laboratório. As horas que passava lá eram para trabalhar e Mia queria encontrar algo com que se ocupar até receber os comentários necessários sobre o projeto atual.

Como sempre, Saret fora para algum outro lugar e os outros estagiários estavam novamente na Tailândia. Eles a deixaram sozinha no laboratório, o que Mia achou que provavelmente era um sinal de confiança. Ela duvidava que Saret deixasse qualquer pessoa perto de todos os equipamentos complexos do laboratório.

Levantando-se, ela caminhou até a instalação de armazenamento de dados comum, um dispositivo krinar que estava anos-luz à frente de qualquer computador humano. Mia estava apenas começando a aprender todas as suas capacidades. Assim, decidiu usar o tempo livre para explorá-lo um pouco e conferir alguns dos projetos dos outros estagiários. A unidade de dados respondia a comandos de voz, o que fazia com que fosse fácil operá-la.

As seis horas seguintes pareceram voar. Absorta no que fazia, Mia mal sentiu a passagem do tempo enquanto lia sobre as propriedades regenerativas

do tecido cerebral dos krinars e a complexidade do desenvolvimento da mente infantil. Ela fez um breve intervalo para almoçar, pediu um sanduíche do prédio inteligente do laboratório e continuou, fascinada pelo que aprendia.

Parecia que o projeto que afastara os outros estagiários do laboratório era ainda mais interessante que aquele em que Mia e Adam trabalhavam. Sentindo um pouco de inveja, Mia decidiu perguntar a Saret se havia como se envolver nele.

Finalmente, chegou o horário do fim do expediente. Apesar de Mia normalmente ficar até mais tarde no laboratório, decidiu fazer uma exceção naquele dia, pois não havia nada a fazer. Saindo do laboratório, ela foi embora.

CHEGANDO EM CASA, não ficou surpresa ao descobrir que Korum ainda não estava lá. O horário dele era muito mais intenso que o dela, apesar de ajudar o fato de ele não precisar dormir mais do que duas ou três horas por noite. Na verdade, ele fazia uma grande parte do trabalho à noite ou cedo pela manhã enquanto Mia estava dormindo.

Sentando-se confortavelmente na longa tábua flutuante na sala de estar, Mia decidiu telefonar para Jessie. Elas não conversavam desde antes da viagem de Mia para a Flórida. Ela sentia muita falta de ouvir a voz animada da amiga.

— Telefonar para Jessie — disse Mia ao dispositivo do pulso, ouvindo os tons familiares de discagem.

— Mia? — A voz de Jessie soou cautelosa.

— Sim, sou eu — respondeu Mia, sorrindo. Ela sabia que a chamada apareceria no telefone de Jessie como proveniente de um número desconhecido. — Como você está? Não falo com você há mais de uma semana!

— Ah, eu estou bem — disse Jessie, soando um pouco distraída. — Como está a sua família? Eles já conheceram Korum?

— Sim, conheceram — disse Mia. — Acredite ou não, eles o adoraram.

Mas escute, você está ocupada agora? Posso telefonar outra hora...

— O quê? Ah, não, espere um pouco, deixe-me ir para o quarto... —

Depois de um silêncio breve, ela continuou: — Ok, está tudo bem agora.

Desculpe. Eu estava com Edgar e Peter. Você se lembra de Peter?

— É claro — respondeu Mia. Peter fora o rapaz que ela conhecera no

clube, que Korum quase matara por ter dançado com ela. Mia ainda estremecia ao se lembrar daquela noite horrível, quando achara que Korum descobrira sobre

sua traição e pretendia matá-la. Em retrospecto, ela fora uma idiota.

Deveria saber, mesmo então, que ele nunca a machucaria. Mas, naquela época, Korum ainda era um estranho, um membro da raça misteriosa e perigosa que invadira a Terra cinco anos antes.

— Ele ainda pergunta sobre você — disse Jessie. — Edgar me disse que ele está realmente preocupado...

— É muito simpático da parte dele, mas não há motivo algum para se preocupar — interrompeu Mia, sentindo-se desconfortável com o rumo que a conversa tomava. — De verdade, nunca estive tão feliz na minha vida...

Jessie ficou em silêncio por um segundo e Mia ouviu quando ela suspirou.

— Então é isso, hein? — disse ela em tom suave. — Você está apaixonada pelo K.

— Sim, estou — disse Mia, abrindo um sorriso largo. — E ele me ama também. Ai, Jessie, você não faz ideia de como ele me faz feliz. Eu nunca teria imaginado que seria assim. É como um sonho que virou realidade...

— Mia... — Ela ouviu Jessie suspirar novamente. — Fico feliz por você, de verdade... Mas, diga-me, você acha que voltará para Nova Iorque?

Mia hesitou por um momento. — Eu acho que sim... — Ela tinha muito menos certeza do que antes. A cada dia que passava, a faculdade e tudo o que ela implicava pareciam menos importantes. De que adiantava um diploma de uma universidade dos humanos se ela pretendia continuar a viver e trabalhar em Lenkarda? Ela aprendia mais em um dia no laboratório do que conseguiria aprender em um mês na universidade. Fazia realmente sentido passar mais nove meses escrevendo artigos e fazendo provas só para dizer que conseguira o diploma? E, mais importante, Saret deixaria que ela voltasse para o laboratório depois de uma ausência tão longa? Considerando o ritmo rápido das pesquisas ali, voltar depois de nove meses seria quase como começar do zero.

— Você não parece ter muita certeza — disse Jessie com uma nota triste na voz.

— É, acho que não tenho certeza — admitiu Mia. — Korum não se importa, mas eu não sei como conseguiria voltar para o estágio se ficasse longe por tanto

tempo...

— Então você gosta daí? No Centro dos Ks, quero dizer.

— Gosto — respondeu Mia. — Jessie, é tão legal aqui... nem sei por onde

começar a contar sobre algumas das invenções incríveis deles. Korum tem uma câmara de gravidade zero na casa dele. Consegue imaginar isso? E o chão massageia os pés quando você caminha sobre ele. — Sem falar no fato de que Mia agora era praticamente imortal, mas aquilo era algo sobre o qual não tinha permissão para falar fora de Lenkarda.

— Sério? Um chão que massageia os pés? — Jessie parecia estar com inveja agora.

— Sim. E uma cama que faz a mesma coisa com o corpo inteiro. Toda a tecnologia deles é incrível, Jessie. Acredite quando digo que não é nem um pouco difícil ficar aqui.

— É, parece que não — disse Jessie e Mia percebeu a resignação na voz dela. — Acho que sinto saudades de você, só isso.

— Também sinto saudades de você — respondeu Mia. — Talvez eu vá visitá-la daqui a algumas semanas. Deixe-me falar com Korum sobre isso e daremos um jeito.

— Ah, seria tão legal! — Jessie soou muito mais animada.

— Vamos dar um jeito — prometeu Mia, sorrindo. — Avisarei a você quando formos. Mas, chega desse assunto... Conte-me sobre você e Edgar.

Como estão as coisas?

E, pelos dez minutos seguintes, Mia ficou sabendo de tudo sobre o novo namorado de Jessie, a última atuação dele e o panda de pelúcia que ele ganhara para ela em um parque de diversões. Parecia que os dois estavam ficando cada vez mais próximos e Mia ficou feliz por ele deixar Jessie tão feliz. Se alguém merecia um rapaz bonito e carinhoso, era a amiga de Mia.

Finalmente, Jessie disse que precisava jantar. Mia se despediu e foi trocar de

roupa antes que Korum chegasse em casa. Ele dissera algo sobre dar um passeio na praia depois do jantar e Mia queria estar pronta para isso.

— QUANDO VOCÊ ACHA que o Conselho finalmente decidirá sobre os Kapas? —

perguntou Mia, mordendo um pedaço de pimentão recheado de arroz com cogumelos. — Eles ainda estão fazendo a investigação?

Korum assentiu, pegando um pedaço de cogumelo com o utensílio longo que os krinars usavam no lugar de garfos. — Loris está sendo difícil, como era de se esperar. Ele tem alguns conselheiros do seu lado e alega que de forma alguma Saur teria conseguido apagar a memória dos Kapas. Supostamente,

alguém do laboratório de Fiji disse a ele que estagiários não têm acesso àquele tipo de equipamento.

— É mesmo? Então, ele ainda está dizendo que você e Saret são responsáveis por isso?

— Acho que ele desistiu da ideia de incriminar Saret — respondeu Korum com um sorriso zombeteiro nos lábios. — Ele agora busca provas contra mim.

Mia o encarou, preocupada com aquela evolução no caso. O krinar que ela vira no julgamento não parecia ser alguém com quem se deveria mexer e ele realmente odiava Korum. — Você acha que há alguma chance de ele lhe causar problemas?

— Não, não se preocupe, minha querida — disse Korum em tom confortante, apesar de os olhos dele brilharem com algo que parecia ansiedade. — Ele só está tentando retardar o inevitável. Falhou como Protetor e sabe disso. Quando o filho dele e o restante dos traidores forem sentenciados, ele perderá toda a posição e o cargo no Conselho.

— E você não se importa nem um pouco com isso, não é? — perguntou Mia, abrindo um sorriso amarelo. Fosse bom ou não, o amante tendia a ser implacável com os adversários, um traço da personalidade dele que a fazia se sentir feliz por estar agora em suas boas graças.

Korum deu de ombros. — Foi opção de Loris arriscar tudo pelo filho.

Agora, ele pagará o preço. E, se eu tiver menos pessoas no meu caminho como resultado, melhor ainda.

Mia assentiu e concentrou-se em terminar de comer o restante do pimentão recheado. Apesar de tudo, ela não podia evitar sentir um pouco de pena do Protetor. Afinal de contas, o K só estava defendendo o filho. Ela imaginava que faria o mesmo por um filho, não que precisasse mais se preocupar com isso. Afastando o pensamento desagradável, Mia olhou para Korum, estudando-o disfarçadamente enquanto ele terminava de comer.

Algumas vezes, ainda era difícil acreditar que eram tão felizes juntos.

Pelas leis dos krinars, ela pertencia a Korum, um fato que ainda a deixava muito desconfortável. Como caerle, a posição legal dela na sociedade dos Ks era incerta, para dizer o mínimo. Se ela não o amasse tanto, e se ele não a tratasse tão bem, a vida dela poderia facilmente ser um inferno.

Mas ela o amava. E ele também a amava, com toda a intensidade da natureza dele. Como resultado, ele parecia tentar suprimir a arrogância inata, sabendo que era importante para ela ser tratada como igual. Ainda havia um longo caminho a percorrer, claro, pois a diferença de idade e de experiência

era muito grande para ser eliminada com facilidade, mas ele certamente estava fazendo um esforço naquela direção.

Quando os dois terminaram de comer, Korum se levantou e estendeu a mão. — Quer dar um passeio, querida? — perguntou ele, abrindo um sorriso acolhedor.

Mia sorriu. — Claro. — Ela adorava os passeios na praia após o jantar.

Quando estavam na Flórida, faziam aquilo quase todas as noites e ela aprendera muito sobre Korum durante aqueles momentos quietos.

Dando a mão para ela, ela o deixou levá-la para fora.

ELES CAMINHARAM POR alguns minutos em silêncio, desfrutando da brisa noturna suave. O sol estava pondo-se atrás das árvores e uma luz laranja enchia o céu, refletindo-se na água à distância.

— Sabe de uma coisa? — perguntou ela, pensando no primeiro encontro deles

em Nova Iorque. — Eu ainda não sei o seu nome completo. Você disse que eu não conseguiria pronunciá-lo se me falasse, mas nunca ouvi ninguém chamá-lo de outra coisa que não apenas Korum.

Ele sorriu. — Nossos nomes completos são geralmente usados apenas no nascimento e na morte. Ainda quer ouvi-lo?

— É claro. — Ela imaginou algo totalmente impronunciável. — Qual é?

— Nathrandokorum.

— Ah, soa muito bonito — disse Mia surpresa. — Por que você não o usa mais?

Ele deu de ombros. — Não sei. É assim entre nós há muito tempo. Nomes completos se tornaram apenas uma formalidade. Duvido que alguém além dos meus pais saiba que eu me chamo Nathrandokorum.

Mia sorriu, balançando a cabeça. Algumas partes da cultura dos krinars eram realmente estranhas.

Eles andaram mais um pouco e Mia subitamente se lembrou da conversa recente com a ex-colega de quarto. — Acha que talvez possamos visitar Nova Iorque em breve? — perguntou ela. — Eu estava conversando com Jessie e seria muito legal vê-la...

Korum sorriu, olhando para ela. — É claro. Se quiser, poderemos ir no seu próximo dia de folga. A não ser que queira ficar mais tempo lá.

— Não, um dia seria perfeito. Acho que às vezes eu ainda me esqueço que podemos ir muito depressa sempre que quisermos.

O sorriso dele aumentou. — Sim, podemos, especialmente agora que a maioria da Resistência foi capturada.

— Onde está Leslie? — perguntou Mia, lembrando-se da garota que a atacara na Flórida. — Ela está aqui, em Lenkarda?

Korum balançou a cabeça negativamente. — Não, ela está em nosso Centro no Arizona.

— Ela está... bem? — Mia estava quase com medo de ouvir a resposta. A combatente da Resistência se juntara com Saur, o ex-estagiário do laboratório de Saret, para tentar matar Korum na Flórida. Agora ela estava sob custódia dos Ks, prestes a ser reabilitada. Pelo que Mia entendera do processo, o objetivo final era mudar aquela parte da personalidade de Leslie que a transformava em um perigo para a sociedade ou para os krinars, dependendo da questão. A reabilitação, ou adulteração da mente, era a ramificação mais avançada da neurociência dos krinars e Mia estava apenas começando a aprender sobre ela no laboratório.

— Suponho que sim — respondeu Korum com uma expressão fria. Ele obviamente não se esquecera do fato de que a garota apontara uma arma para Mia e quase fizera com que Saur a matasse.

— Pode descobrir para mim, por favor? — Por algum motivo, Mia se sentia responsável pelo que acontecera com Leslie, apesar de a garota tê-la atacado. Ainda assim, não conseguiria deixar de se lembrar do terror no rosto de Leslie ao ser levada pelos guardiães dos Ks. Apesar de as intenções da combatente serem errôneas, ela não merecia ser tratada mal. Mia esperava sinceramente que a garota não se ferisse durante a reabilitação.

Korum hesitou e, em seguida, assentiu de leve. — Está bem, farei isso. —

Mas o maxilar dele enrijeceu e Mia percebeu que ele estava pensando novamente no incidente na praia.

Para distraí-lo, ela apertou a mão dele e abriu um sorriso largo. —

Obrigada — disse ela. — Agradeço muito.

— É claro, minha querida — disse ele, com a expressão suavizando-se visivelmente. — Faço qualquer coisa para deixá-la feliz, você sabe disso. —

Abaixando-se, ele lhe deu um beijo leve nos lábios.

— E o que são os guardiães, afinal de contas? — perguntou Mia quando começaram a caminhar novamente. — Eles são como a polícia de vocês?

— Algo assim — respondeu Korum. — Eles são uma mistura de soldados, polícia e uma de suas agências de inteligência. Eles executam nossas leis, capturam criminosos e lidam com qualquer tipo de ameaça proveniente dos

humanos. Nossa sociedade é tão homogeneizada que não temos mais guerras em Krina, da forma como vocês têm aqui na Terra. Ainda há algumas rivalidades regionais, é claro, e sempre há alguns loucos que discordam da forma como as coisas são feitas pelo governo, mas não temos o tipo de conflito que exige um exército de prontidão.

— Então, vocês invadiram nosso planeta sem um exército?

Korum riu. — Se quer pensar dessa forma. A maioria dos homens krinars que vieram para a Terra recebeu treinamento em estilo militar porque esperávamos alguma resistência. Mas, não, não precisamos de um exército grande para controlar a Terra. A única coisa de que precisamos foi nossa tecnologia.

— É claro. — Mia tentou deixar a amargura fora da voz. Amar Korum da forma como o amava fazia com que fosse fácil esquecer que ela fazia o equivalente a dormir com o inimigo, mesmo que o inimigo não tivesse qualquer intenção de prejudicar o planeta. Era somente durante aquelas conversas que Mia relembrava desagradavelmente do fato de que os krinars tomaram o planeta à força... e que o homem que a amava não necessariamente colocava os interesses da humanidade em primeiro lugar.

— Acredite em mim, Mia, foi melhor assim — disse Korum, como se tivesse lido a mente dela. — O seu governo não tinha opção além de aceitar o inevitável e isso ajudou a minimizar o banho de sangue. Teria sido muito pior se tivesse acontecido uma guerra entre o seu povo e o meu.

Mia apertou os lábios, mas assentiu, sabendo que ele tinha razão. Não fazia sentido se ressentir da superioridade tecnológica dos krinars. De certa forma, aquilo tornou a invasão o menos indolor possível. O fato de terem invadido, em primeiro lugar, era uma questão diferente, claro, mas Mia não tinha a energia nem a inclinação para entrar naquela batalha em particular.

Trabalhar com a Resistência uma vez fora o suficiente.

— Posso perguntar uma coisa? — disse Mia, lembrando-se daqueles dias malucos em que espionava Korum. — Não entendo uma coisa sobre os planos dos Kapas. Mesmo se tivessem conseguido fazer com que todos os krinars saíssem da terra, o seu povo não teria voltado com reforços? Eu sei que você disse que iam matá-lo, mas e os outros? Você é o único que tem os meios para ir e voltar entre a Terra e Krina?

Korum olhou para ela divertido. — Não, claro que não. Minha empresa tem os projetos de naves mais avançados, mas os krinars viajam de e para a Terra desde muito antes de eu nascer. Acho que os Kapas estavam querendo o

controle do campo de proteção.

— Do campo de proteção?

Ele assentiu. — Até uns dez anos atrás, a viagem espacial era em grande parte não regulada. Qualquer um podia ir a qualquer lugar, desde que tivesse uma nave. Agora, no entanto, temos um escudo para proteger a Terra contra viagens não autorizadas, o mesmo tipo de escudo que colocamos recentemente em volta de Krina.

— Há um escudo em volta da Terra? — Mia olhou para ele surpresa.

— Na verdade, é um escudo em volta do sistema solar — explicou Korum.

— Não é como uma barreira, é mais um campo de interrupção. Quando ativado, ele interfere com as capacidades de velocidades acima da luz de nossas naves.

— Por que vocês querem algo que possa interferir com suas naves?

— Por questões de segurança, queremos garantir que o Conselho seja informado sobre quaisquer viagens entre a Terra e Krina e autorize-as. Além disso, se houver outras formas de vida inteligentes lá fora e usarem tecnologia comparável à nossa, os escudos nos darão alguma proteção contra elas.

Mia lhe lançou um olhar irônico. — Para que não possam fazer com vocês o que fizeram conosco?

— Exatamente. — Ele sorriu para ela, parecendo não se arrepender de nada. Mia não conseguiu conter uma risada.

— Está bem — disse ela, voltando à pergunta original —, então, o que os Kapas fariam? Usariam o escudo de proteção para manter o restante dos krinars fora?

— Provavelmente — disse Korum, ainda sorrindo. — É o que eu faria se estivesse no lugar deles.

Eles caminharam por mais alguns minutos até chegar ao oceano. Como sempre, aquela seção da praia estava completamente deserta. Com apenas cinco mil Ks no assentamento de Costa Rica, havia bastante espaço para todos e a maioria dos krinars se mantinha fora do território uns dos outros, apesar de ser algo informal em tempos modernos. Como Korum gostava dos passeios noturnos naquela parte particular da praia, os outros Ks, em respeito, ficavam longe dela.

— Quer nadar? — perguntou Mia, soltando a mão dele e tirando os sapatos para testar a temperatura da água com os dedos do pé. Estava perfeita, fria o suficiente para ser refrescante.

Em vez de responder, Korum tirou a camiseta, revelando o peito

musculoso. — É claro — disse ele, com os olhos ficando mais dourados a cada segundo.

Sorrindo, Mia recuou alguns passos e lentamente tirou o vestido, adorando a forma como ele não tirava os olhos dela a cada movimento. Ela viu a ereção crescendo dentro da bermuda dele e sentiu os mamilos ficarem rígidos em resposta ao impacto do desejo de Korum no próprio corpo. O fato de conseguir causar aquilo nele simplesmente tirando o vestido e ficando de biquíni era algo incrivelmente excitante.

— Está me provocando? — perguntou ele com a voz baixa e perigosamente suave.

Com o coração batendo forte, Mia assentiu, observando os olhos dele se estreitarem com a resposta.

— Estou vendo — disse ele pensativo. E, antes que conseguisse piscar, ele estava sobre ela, pegando-a nos braços para carregá-la até a água.

Sentindo-se segura nos braços dele, Mia riu, desfrutando do frescor da água ao irem cada vez mais para o fundo. — Esta é a minha punição? —

brincou ela quando ele parou, esperando que uma onda grande passasse antes de continuar avançando.

— Ah, você quer ser punida? — murmurou ele, olhando para ela com um brilho quente nos olhos.

Sorrindo, Mia sacudiu a cabeça. — Não...

— Eu acho que quer... — disse ele baixinho, mudando a posição dela nos braços para que a segurasse com apenas uma mão. Antes que Mia conseguisse dizer alguma coisa, ele colocou a outra mão dentro do biquíni e pressionou-a contra seu sexo, encontrando o clitóris e apertando-o entre os dedos.

Ela se encolheu contra ele, sobressaltada pela sensação forte, e Korum repetiu o gesto, observando-lhe o rosto de perto. — Isso dói? — perguntou ele com voz aveludada. — Ou é gostoso?

Mia arquejou quando os dedos aumentaram a pressão. — Não sei...

— Ah, eu acho que sabe — sussurrou ele. — Acho que sabe muito bem...

— Os dedos dele deslizaram para dentro de Mia.

— Korum, por favor... — Ela sentiu ele curvar um dos dedos, esfregando-o em seu ponto mais sensível.

— Você está molhada — murmurou ele. — Tão escorregadia que consigo sentir mesmo com a água do mar. Estou com vontade de foder você aqui e agora.

— Então faça isso — retrucou Mia, encarando-o. — Trepe comigo. — Ela

já estava prestes a gozar, só precisava de um pequeno empurrão para chegar ao orgasmo.

Os olhos dele brilharam mais intensamente. — Ah, vou sim... — Em questão de segundos, ela estava totalmente nua com os restos rasgados do biquíni flutuando em volta deles. A bermuda de Korum teve o mesmo destino.

Em seguida, ele a abaixou, deslizando-a pelo próprio corpo. Passando os braços em volta do pescoço dele, ela pressionou o corpo contra o dele. Os seios eram macios, os mamilos estavam sensíveis e ela os esfregou contra o peito de Korum para aliviar a dor que sentia por dentro. Ela sentiu o pênis ereto e quente contra o abdômen e suas entranhas se contraíram com a necessidade de tê-lo dentro de si.

Inclinando-se para a frente, ela beijou-o nos lábios, sentindo o gosto salgado do oceano e a essência deliciosa que era Korum. Ele gemeu, aprofundando o beijo,

e Mia acariciou-lhe a língua com a sua. Ao mesmo tempo, colocou a mão sob a água, envolvendo o pênis rígido com os dedos, que saltou ao sentir o toque dela. Korum inspirou bruscamente, erguendo-a e abrindo-lhe as pernas. Uma onda os atingiu, os respingos cobriram o rosto de Mia e ela fechou os olhos, agarrando-se nos ombros de Korum com as duas mãos. Por um breve momento, a ponta do pênis encostou na entrada da vagina e, com uma investida forte, ele a penetrou.

Mia arquejou com a invasão, contraindo-se ao senti-lo tão fundo dentro de si. Envolvendo-lhe a cintura com as pernas, ela o segurou lá, desfrutando da sensação incrível.

— Puta que pariu — rosnou ele. — Você... é... tão... gostosa... — Ele pontuou cada palavra com uma investida breve, esfregando a pélvis contra o clitóris, e Mia gritou quando o orgasmo súbito a invadiu, fazendo-a contrair-se em volta dele. Ele gemeu novamente e continuou a investir, erguendo-a e abaixando-a sobre o pênis em um ritmo incansável que a fez gozar novamente alguns minutos depois. Desta vez, ele se juntou a ela e Mia sentiu o calor da ejaculação dentro do ventre.

Eles ficaram simplesmente boiando, deixando que as ondas os balançassem de lá para cá.

CAPÍTULO CINCO

N a manhã seguinte, Mia se viu novamente sozinha no laboratório. Saret ainda estava viajando e não lhe enviara os comentários sobre o relatório. Portanto, ela continuou lendo sobre os outros projetos até sentir o estômago roncar, relembrando-a de que estava na hora de comer.

Levantando-se, ela se espreguiçou e pediu um cozido popular dos krinars para o almoço. O prédio inteligente o entregou cinco minutos depois e Mia se sentou para comer em uma das tábuas flutuantes que fazia as vezes de mesa.

Por algum motivo, o pensamento dela continuava voltando para a conversa que tivera com Korum no dia anterior e sobre a combatente da Resistência que ela ajudara a capturar. Leslie passava por manipulação da mente e Mia se perguntou quanto a garota mudaria no processo. Ela não conseguia imaginar alguém adulterando seus pensamentos, sentimentos e lembranças e sentia-se mal por alguém ser sujeito a algo tão invasivo. Claro que deveria haver uma forma melhor de dissuadir Leslie da luta inútil contra os krinars. Talvez alguém

pudesse conversar com ela, explicar que os krinars não tinham nenhuma intenção sinistra em relação à Terra... Obviamente era possível que o ódio da garota pelos invasores fosse profundo demais para permitir qualquer pensamento racional.

Suspirando, Mia terminou de comer e voltou à unidade de armazenamento de dados. Quando estava prestes a abrir o projeto de desenvolvimento da mente infantil, ela fez uma pausa, lembrando-se de algo que Adam mencionara em certo momento. Saur, o K que tentara matar Korum, fora um estagiário naquele mesmo laboratório e, supostamente, era bom em manipulação da mente. Se alguns dos projetos antigos dele ainda estivessem armazenados ali,

poderiam ajudá-la a entender melhor o que seria feito com Leslie.

Subitamente empolgada, Mia ordenou à unidade que localizasse todos os dados que Saur tinha adicionado. Havia muitos deles, mas ela tinha bastante tempo livre.

Sentando-se confortavelmente, Mia mergulhou nos meandros da mente adulterada.

Cinco horas depois, ela se levantou muito confusa. Apenas arranhara a superfície de tudo em que Saur tinha trabalhado, mas nada era diretamente relacionado a apagar a memória. Havia muitas anotações e registros de condicionamento comportamental e implantação de lembranças, mas apenas menções breves de remoção intencional da memória.

Se Mia entendera corretamente, Saur nunca fizera nem mesmo simulações de apagamento da memória, muito menos praticara com seres vivos.

Franzindo a testa, Mia olhou para a unidade de dados, estranhamente perturbada pelo que acabara de descobrir. Alguma coisa não fazia muito sentido. Se Saur não sabia como apagar lembranças, Saret não deveria ter dito alguma coisa para o Conselho? O chefe dela sempre sabia quem estava trabalhando em que projeto. Era ele quem distribuía as tarefas.

Talvez ela estivesse errada. Talvez houvesse algum outro local de armazenamento de dados que desconhecia, onde outros projetos eram mantidos. Era possível. Mia ainda era nova e estava aprendendo.

Também era possível que Saur simplesmente não se preocupara em colocar alguns dos seus projetos no banco de dados comum. Adam mencionara uma vez que o estagiário morto era um pouco estranho, um solitário que não se dava bem com ninguém. Não era difícil que talvez ele tivesse problemas em seguir o protocolo do laboratório.

Ainda assim, Mia não conseguiu se livrar de uma sensação estranha, de que alguma coisa não estava certa naquela história. Precisava conversar com Korum logo.

Fazendo uma pausa para enviar a Korum uma breve mensagem holográfica dizendo que chegaria em casa em alguns minutos, Mia andou na direção de uma das paredes de saída.

E, quando estava prestes a sair, a parede à sua frente se dissolveu e o chefe entrou no laboratório.

— ORA, ora, olá — disse Saret, olhando para ela com um sorriso. — Você

ainda não foi para casa? Achei que você conseguiria trabalhar um pouco menos, com todos nós praticamente fora o tempo inteiro nos últimos dias.

Mia sorriu de volta, tentando esconder o nervosismo. — Não, eu estava estudando alguns dos outros projetos — respondeu ela, mantendo-se o mais perto possível da verdade. — O de Aners é realmente interessante. Sabe?

Aquele sobre o desenvolvimento da mente infantil.

— Claro. — O sorriso de Saret mudou, tornando-se quase indulgente, pensou Mia. — É um excelente projeto para você se envolver. Podemos conversar sobre ele mais adiante, depois que você e Adam terminarem a tarefa atual.

— Ótimo! — Mia injetou a quantidade adequada de entusiasmo na voz e tentou ignorar o suor que surgiu na palma das mãos. — Estou realmente ansiosa. Obrigada novamente por me dar esta oportunidade.

— Claro. — Os olhos castanhos de Saret brilharam quando ele avançou alguns passos na direção dela. Parando a menos de um metro de distância, ele disse: — Fico feliz por estar gostando do trabalho.

Mia assentiu, ainda mantendo um sorriso largo no rosto. Talvez estivesse sendo idiota, mas a sensação que teve do chefe a deixara desconfortável. Ela só queria ir para casa e conversar com Korum sobre o que descobrira.

Provavelmente, havia uma boa explicação para tudo, mas, caso houvesse uma chance pequena de não ter, não queria ficar no laboratório mais do que o necessário. E era a segunda vez que Saret tinha agido de forma quase...

estranha.

— Ótimo, então — disse ela animada, olhando para o rosto bronzeado dele. — Dê uma olhada no relatório quando tiver a oportunidade. Vou para casa agora, a não ser que precise de mim.

Saret sorriu novamente. — Eu sempre preciso de você — disse ele e havia um tom suave incomum na voz dele. — Mas você precisa descansar, eu entendo... — O coração de Mia deu um salto quando ele se aproximou ainda mais, com os olhos parecendo grudados no ombro exposto dela.

— Está bem... — ela recuou um passo — ... vejo você amanhã. — E, virando-se, ela deu um passo na direção da parede que dava passagem ao exterior.

— Há alguma coisa errada, Mia? — Subitamente, Saret estava na frente dela, bloqueando o caminho. — Você parece preocupada.

Todos os pelos no corpo de Mia se arrepiaram. — Desculpe — disse ela, mentindo e forçando uma risada rápida. Até mesmo para os próprios ouvidos,

a mentira parecia evidente. — Só estou pensando na viagem para Nova Iorque para ver minha amiga. Mais nada.

— Ah, é mesmo? — Saret inclinou a cabeça para o lado. — E quando planeja ir?

— Ah, não será uma viagem demorada. — Mia xingou a si mesma por falar aquilo e prolongar a conversa. — Vamos em um dos meus dias de folga...

— Então, por que está tão ansiosa? — perguntou Saret com uma expressão estranha nos olhos. — É porque descobriu alguma coisa que não deveria?

Mia engoliu em seco, sentindo um arrepio gelado descer a espinha. — Não sei

do que está falando...

Saret sorriu, o mesmo sorriso amigável que fizera com que Mia gostasse dele antes. Agora, achava que era assustador. — O que a levou a olhar os arquivos de Saur hoje? — perguntou ele casualmente. — Não sabe que é contra o protocolo do laboratório acessar os projetos de outros estagiários?

Mia balançou a cabeça negativamente. Na verdade, não sabia disso.

Olhando para Saret, ela sentiu como se o estivesse vendo pela primeira vez.

Ele era amigo de Korum. Por que estava fazendo aquilo? Por que enganara a todos sobre as habilidades de Saur? E, mais importante, o que pretendia fazer para impedir que Mia contasse a verdade?

Pensando rapidamente, ela percebeu que seria inútil negar naquele ponto.

De alguma forma, Saret sabia sobre a descoberta de Mia. — Por quê? —

perguntou ela, mantendo a voz uniforme apesar de as mãos estarem começando a tremer. — Por que você não contou ao Conselho que Saur não poderia ter feito aquilo?

O sorriso de Saret aumentou. — Porque era conveniente que pensassem que ele fez — explicou ele. Havia algo triunfante no olhar dele. — Não era o que eu tencionava originalmente, mas deu certo mesmo assim.

Com o medo crescendo a cada segundo, Mia recuou um passo. O instinto lhe dizia para sair de lá imediatamente. Talvez ainda houvesse uma boa explicação para as ações de Saret, mas ela não podia arriscar. Deixando de lado toda a polidez, Mia ergueu a pulseira até o rosto e disse: — Telefonar para Kor...

Mas não conseguiu completar o pedido. A mão dele subitamente envolveu-lhe o pulso, segurando-o com um aperto de aço. Dedos fortes arrancaram o dispositivo, esmagando-o no processo.

— Ah, não — disse Saret em tom suave, puxando-a em sua direção até que seu corpo estivesse encostado no corpo musculoso dele. — Você não vai mais

telefonar para ele, entendeu?

Atordoada e aterrorizada, Mia olhou para o K que fora seu chefe e mentor durante o mês anterior. A mão dele estava em volta de seu pulso, torcendo-o de tal forma que ela não conseguia se mover. Horrorizada, Mia percebeu que a ereção dele pressionava sua barriga de forma ameaçadora.

— O que está fazendo? — sussurrou ela, sentindo a bile subindo pela garganta. — Korum matará você por isso, sabe disso...

Os olhos de Saret brilharam. — Ah, vai mesmo? Ele pode muito bem vir aqui procurar você. O laboratório está pronto para a chegada dele.

— Como assim? — Claro que ele não queria dizer...

— Quero dizer que, quando o seu cheren chegar, terei uma pequena surpresa para ele — respondeu Saret com um sorriso gentil. — Veja bem, Mia querida, está na hora de você saber a verdade sobre o seu amante. Venha, vamos para o meu escritório e conversaremos.

Sem dar a ela opção alguma, ele a puxou até o fundo da sala, com os dedos firmemente em volta de seu pulso. Ao se aproximarem, uma das paredes se dissolveu, criando uma entrada para o espaço que Saret usava para projetos particulares.

Com os joelhos fracos por causa do medo, Mia tropeçou quando ele a empurrou pela abertura e a parede se fechou atrás dela. Antes que caísse, no entanto, Saret a segurou, erguendo-a nos braços.

— Pronto — disse ele em tom reconfortante, sentando-se em uma das tábuas flutuantes ainda segurando-a com firmeza no colo. — Segurei você...

Não precisa se preocupar, você ficará bem — acrescentou, parecendo sentir os tremores que a sacudiam.

— Solte-me — sussurrou ela, empurrando o peito dele com toda a força.

Ela sentiu um volume rígido pressionando-lhe as coxas e sentiu as entranhas se revirarem de nojo. A voz dela ficou histérica. — Solte-me, agora!

Ele não respondeu e seus olhos escureceram ao olhar para ela. A expressão no rosto dele era quase... enlevada, percebeu Mia com horror. Por algum motivo, ele

a queria e não havia nada que ela pudesse fazer para detê-lo se decidisse fazer algo a respeito.

— Você disse que ia me contar uma coisa sobre Korum — disse ela desesperada com a voz aguda de pânico. — O que eu não sei sobre ele?

Saret piscou algumas vezes e seu olhar clareou um pouco. — Ah, sim —

disse ele, com um sorriso zombeteiro nos lábios. — Íamos conversar, não é mesmo? Venha, é melhor você se sentar... — E, tirando-a do colo, ele a

colocou ao seu lado, mantendo uma mão firmemente em seu braço.

Mia imediatamente tentou recuar ainda mais, mas ele a segurou com mais força, impedindo-a de sair do lugar.

— Escute, Mia — disse Saret, franzindo ligeiramente a testa. — Eu sei que, agora, você não entende por que estou fazendo isso e que tudo parece uma loucura. Mas, acredite, é para o seu próprio bem, para o bem de toda a humanidade. O que o seu cheren pretende para o seu povo não é bonito e ele precisa ser detido. Você sabe com o que ele está tentando fazer que os Anciãos concordem?

Mia sacudiu a cabeça negativamente, sentindo o estômago queimando quando ele afrouxou a mão, massageando-lhe a pele de leve com o polegar.

— Ele quer tirar o planeta de vocês. Ele lhe disse isso?

— Não — Mia conseguiu dizer, com o coração batendo com tanta força que mal podia pensar. Saret estava mentindo para ela, claro. Tinha que estar.

— Meu suposto amigo é um monstro sedento de poder — disse Saret, endurecendo o olhar. — Não foi suficiente para ele atingir a posição mais alta em Krina. Ah, não, Mia querida, ele precisava estender seu reino para outro planeta, para o seu planeta. Se não fosse por ele, nunca teríamos vindo para a Terra. Foi ele quem convenceu os Anciãos que era necessário controlar o seu planeta, protegê-lo para as gerações futuras dos krinars. E agora ele planeja tirá-lo de vocês completamente. Está entendendo o que estou dizendo?

Mia assentiu, querendo que ele continuasse a falar. Ela ouviria as mentiras dele

enquanto fosse necessário se conseguisse ganhar tempo com isso. Em mais alguns minutos, Korum perceberia que ela não chegara em casa como prometido. Será que a procuraria? Entraria na armadilha que Saret parecia ter preparado? *Não deixe que nada aconteça com ele. Não deixe que nada aconteça com ele.*

— Veja bem, Mia — continuou Saret —, só quero o que é bom para o seu povo, o que é bom para o maior número de seres inteligentes. Quero libertar a Terra, quero que ela fique livre da tirania de Korum e do Conselho. Quero que vocês tenham o seu planeta de volta.

— Por quê? Por que isso importa para você? — Saret era um dos Kapas?

E, se fosse, como conseguira fugir da detecção por tanto tempo?

— Por quê? Porque eu sempre quis fazer alguma coisa grande. — A voz de Saret estava repleta de empolgação mal contida. — Todas as nossas contribuições para a sociedade, tudo isto... — ele acenou em direção ao laboratório — não é nada em comparação a libertar bilhões de seres

inteligentes, a dar a eles uma vida melhor... uma vida pacífica, livre do terror.

Eu não quero ser lembrado por descobrir mais uma forma de melhorar a memória, Mia. Quero ser aquele que trouxe paz à Terra.

— Paz à Terra? — Aquilo soava loucura para ela. — Mas não estamos em guerra com os krinars...

— Ah, não. Livrar-se dos krinars é só o começo. — Saret riu. — Veja, Mia, também posso dar ao seu povo uma vida melhor. Posso fazer com que não precisem passar as poucas décadas que têm de vida temendo guerras, balas perdidas, ataques terroristas... Posso dar aquilo com que os humanos sonham desde o início dos tempos: uma vida sem medo e sem violência. Não gostaria disso, Mia? Não gostaria disso para o seu povo?

— Do que você está falando? — Havia algo parecido com doenças mentais nos Ks? Ela estava lá presa com um louco?

— Eu sei que você não entende agora, mas entenderá, prometo. — O rosto de Saret quase brilhava com fervor. — Quando as suas taxas de assassinato caírem

para zero e as guerras forem coisa do passado, o seu mundo saberá que uma nova era da história da raça humana chegou. E agradecerão a mim por isso.

Mia o encarou, incapaz de compreender o que ele dizia por um minuto. Em seguida, uma ideia aterrorizante e implausível lhe ocorreu. — Saret — disse ela lentamente, olhando para o K que era conhecido como um dos maiores especialistas em mente —, você está falando sobre algum tipo de manipulação da mente para humanos? — *Por favor, faça com que ele ria de mim e diga que não é verdade. Por favor, não deixe que seja verdade.*

Saret abriu um sorriso animado. A mão dele acariciou-lhe o braço, fazendo com que ela se arrepiasse. — Sim, Mia querida, é exatamente disso que estou falando. Eu sempre soube que você era brilhante demais para sua espécie.

Veja bem, nos últimos anos, desenvolvi e aperfeiçoei uma nova técnica, uma forma de monitorar certos impulsos neurológicos, estimulando, ao mesmo tempo, os centros de dor e prazer do cérebro...

Mia respirou fundo. — Você está dizendo... — A voz faltou por um segundo e ela teve que começar de novo. — Você está dizendo que desenvolveu algum tipo de controle da mente?

Desta vez, Saret riu, com os olhos castanhos brilhando divertidos. — Não, claro que não. Espero que tenha aprendido o suficiente até agora para saber que o verdadeiro controle da mente é impossível. Não, minha técnica me permite direcionar certos comportamentos, condicionar o cérebro, se preferir.

Sempre que alguém tem um pensamento violento, por exemplo, posso fazer com que sinta dor. Sempre que me obedecem, prazer. Imagine só, um planeta inteiro cheio de humanos pacíficos... Não gostaria disso, Mia?

O que Mia gostaria era de vomitar. — Mas como? Como pode fazer algo assim em grande escala?

Saret sorriu, obviamente apreciando a reação dela. — Bom — disse ele

—, é aí onde entram Rafor e o restante dos Kapas. Como você provavelmente sabe, Rafor não chega nem perto de seu cheren em se tratando de projetos tecnológicos, mas foi decente o suficiente para ocupar uma posição alta na empresa do pai dele. Depois que Korum os tirou do mercado, o pobre Rafor

ficou a ver navios. Desde que ele perdeu a posição, ninguém mais quis contratá-lo como projetista e ele foi forçado a aprender uma variedade de assuntos que não o interessavam tanto quanto a área que escolhera originalmente. Ele até mesmo me procurou há alguns anos, perguntando se poderia fazer um estágio no laboratório.

— Eu recusei, claro. Ele não era nem um pouco qualificado para estar aqui. Você também não, sendo humana e tal, mas, pelo menos, tinha paixão pelo assunto. Ele nem isso tinha. — Saret soltou uma risada. — Mas, de qualquer forma, ofereci a ele uma chance de me ajudar em projeto particular, de projetar os nanócitos de que eu precisava para implementar o plano. Ele entendeu imediatamente o que eu estava tentando fazer, pois isso se alinhava com as visões empáticas que tinha em relação aos humanos. E ele fez um excelente trabalho criando o projeto dos nanócitos e o mecanismo de dispersão.

Mia escutou atentamente, mal ousando respirar. O que ele estava dizendo era tão inacreditável e aterrorizante que ela mal conseguia processar o que ouvia.

— É claro, Rafor falhou completamente na primeira parte do plano —

continuou Saret. — Ele deveria se livrar de Korum e do restante com a ajuda da Resistência. Mas, em vez disso, foi pego.

Mia engoliu em seco. — Então, você apagou a memória deles — supôs ela. Saret assentiu, sorrindo.

— Sim, apaguei. Não tinha outra opção. Era a única forma de proteger a mim mesmo e ao restante do plano. Além disso, deu uma chance aos Kapas no julgamento.

— Então, o Protetor tinha razão. Era você o tempo todo...

— Ele estava parcialmente certo. — O sorriso de Saret era alegre. — Ele

achou que eu tinha apagado a memória deles para ajudar Korum, mas isso não podia estar mais longe da verdade. Isso prejudicou bastante os planos de seu cheren, um efeito colateral muito bom, mesmo não sendo inteiramente intencional, da história toda.

— Por que você o odeia tanto? Ele considera você um amigo...

O K riu, jogando a cabeça para trás. — É claro que sim, garanti que isso acontecesse. Somente um idiota gostaria de ter Korum como inimigo. Eu o vi destruir aqueles que ficaram no caminho dele e nunca cometeria esse erro.

— Você está cometendo esse erro agora — comentou Mia com cuidado, olhando para onde os dedos dele ainda estavam em volta de seu braço. Se Korum estivesse lá, Saret já estaria morto. Se havia uma coisa que ela aprendera nas semanas anteriores era como os machos krinars eram territoriais.

— Ah, porque estou encostando na caerle preciosa dele? — perguntou Saret, com os olhos brilhando com uma mistura de excitação e outra emoção não identificável. — Não se preocupe, Mia querida, você não será dele por muito tempo. Estará livre dele em breve. Assim que ele chegar aqui...

Mia sentiu o sangue gelar. — Você está... — Ela teve que parar por um segundo porque não conseguiu se forçar a continuar, pois a garganta estava apertada. — Você está planejando matá-lo? — conseguiu dizer finalmente.

— Provavelmente sim. — Saret sorriu novamente, aquele mesmo sorriso amigável que fazia com que Mia tivesse vontade de gritar. — Provavelmente seria o mais fácil. É claro, eu poderia tentar capturá-lo e fazer com que passasse pelo mesmo processo que Saur. Seria o prêmio máximo, ter Korum sob meu controle...

— Saur? Você controlou a mente de Saur? — Mia o encarou com horror incrédulo. Saret fizera com que o ex-estagiário os atacasse em Ormond Beach?

— Não. — Saret pareceu desapontado por ela não ter entendido. — Não é controle da mente, já lhe disse isso. Condicionamento da mente. Minha técnica funciona de forma muito sutil. Ela não transforma as pessoas em zumbis sem mente ou seja lá o que for que esteja imaginando...

— Mas você condicionou a mente de Saur para que quisesse matar Korum?

— Sim — admitiu Saret com uma expressão de orgulho no rosto. — Não foi fácil, acredite. Todos os krinars têm escudos no sistema imunológico que repelem os nanócitos. É algo que foi desenvolvido há milhares de anos, depois que alguém tentou usar a nanotecnologia médica em uma guerra. Eu só

consegui penetrar as defesas de Saur depois de dezenas de injeções físicas. E,

mesmo assim, o condicionamento da mente só funcionou porque Saur era mais fraco do que a maioria. É por isso que eu queria que os krinars saíssem da Terra, porque não consigo controlá-los efetivamente. Com os humanos, é muito mais fácil. Vocês são completamente desprotegidos. Só preciso liberar os nanócitos no ar nas áreas mais populosas e eles encontrarão os alvos.

A mente de Mia estava girando. — Então, deixe-me ver se entendi direito... Você está tentando se livrar de sua própria espécie para que possa controlar a mente... quer dizer, condicionar a mente de todos os humanos na Terra?

— Quando você coloca as coisas desta forma, parece loucura, não é? —

Saret abriu um sorriso amarelo. — Mas, sim, é isso mesmo que estou tentando fazer. Quero trazer paz para o seu povo, Mia. É algo tão ruim assim? Pense no assunto por um minuto. Você não gostaria de viver em um mundo em que pode caminhar pela rua à noite sem se preocupar em ser morta ou estuprada? Em que os assassinos em série são coisas dos filmes de terror, em vez de existirem na vida real? Em que não existam massacres nas escolas, terrorismo nem guerras... Não parece algo que você gostaria de ver?

Mia o encarou. Por um momento, o cenário que ele descrevera parecera estranhamente atraente. — É claro — respondeu ela. — Mas você está falando de uma invasão na nossa mente. Quer tirar nosso livre arbítrio...

— Livre arbítrio? — Saret ergueu a sobrancelha. — Como você define livre arbítrio? O seu povo será livre para viver como quiser, estar com quem quiser, fazer o que quiser... Só não conseguirá matar nem ferir outros quando a vontade bater.

— E eles adorarão você, certo? — perguntou Mia, estreitando os olhos. —

É isso que você realmente quer, não é? Um planeta inteiro cheio de marionetes que obedecerão a todos os seus comandos?

Saret riu, balançando a cabeça. — Colocando as coisas assim, parece horrível, não é? Mas não, Mia querida, não é assim que eu vejo. O seu povo me adorará, é verdade, mas porque eu serei o salvador deles. Serei aquele que acabará com o sofrimento, que libertará o planeta e trará a paz.

— E o que planeja fazer com o restante dos krinars que estão aqui? —

perguntou Mia quando a ideia lhe ocorreu. — Korum acabou com o seu plano com a Resistência e todo o seu povo ainda está aqui. Não acha que eles notarão se todos os humanos subitamente se tornarem pacíficos? Se as taxas de assassinato caírem a zero da noite para o dia?

— Não aconteceria da noite para o dia — disse Saret. — O

condicionamento completo da mente leva muitos dias ou até semanas. Mas, sim, em algum momento, eles notariam, claro. É por isso que preciso me livrar de todos nos centros e garantir que o escudo de proteção impeça que alguém venha para cá em um futuro próximo.

Mia respirou fundo, lutando contra a vontade de vomitar. É claro que ele não queria dizer... — Livrar-se de todo mundo como?

Ele suspirou. — Matando todo mundo, é claro.

A cor fugiu do rosto de Mia. — Matar todos os cinquenta mil krinars? —

sussurrou ela, incapaz de compreender o mal que era necessário para matar pessoas naquela escala.

Saret deu de ombros. — A maioria deles, sim. Alguns talvez sobrevivam, claro, mas a maioria perecerá.

— Perecerá como? — Mia percebeu o tom histérico na própria voz. —

Como você conseguiria matar tantas pessoas?

— Usando a mesma arma de nanotecnologia que Rafor e a Resistência planejavam usar como ameaça — explicou Saret, olhando para ela calmamente. — O projeto que Korum nos deu por você tinha problemas, é claro, mas continha o suficiente dos elementos certos. Só precisei contratar alguém para aperfeiçoá-lo. Está quase pronto, meu projetista está dando os retoques finais.

— Então, deixe-me ver se entendi — disse Mia, encarando o psicopata sentado ao seu lado. — Você quer matar cinquenta mil pessoas do seu povo na missão para trazer paz à Terra? E não vê nada de errado com isso?

— É claro que vejo. — Saret franziu a testa. — Você acha que eu gosto dessa

parte do plano? Eu os mandaria de volta a Krina de bom grado ou tentaria controlá-los, se fosse possível. Mas não é. A única coisa que está ao meu alcance é tentar fazer com que desapareçam da forma menos indolor possível. Sei que isso não é muito consistente com os meus planos pacifistas.

Mas, veja, Mia, o bem de muitos supera de longe as necessidades de poucos.

Nunca deveríamos ter vindo ao seu planeta. Foi a ambição sem fim de seu cheren que nos trouxe aqui, para começo de conversa. Agora, precisamos pagar pelo que fizemos. Precisamos pagar pelos pecados que cometemos contra o seu povo...

— Você vai me matar também? — Mia sentiu o medo desaparecendo à medida que um estranho amortecimento a envolvia. O que ele pretendia era tão horrível que ela simplesmente não conseguia processar completamente. — Ou

planeja me transformar em uma marionete? É por isso que está me contando tudo isso, não é? Porque não está preocupado que eu vá contar a alguém.

Saret sorriu, soltando-lhe o braço e cobrindo a mão dela com a sua. O

toque dele queimou a pele de Mia, fazendo-a perceber como as próprias mãos estavam geladas. — A ideia de você como uma marionete é bastante atraente, devo dizer — comentou ele, com os olhos escurecendo novamente. — E talvez eu faça isso em algum momento... Mas prefiro não mexer demais com a sua mente no começo. Gosto de você como é agora.

— Então, o que você vai fazer comigo? — O tom de Mia era quase desinteressado. — Se é que não vai me matar...

— Não vou matar você — assegurou Saret. — Simplesmente pretendo garantir que você não se lembre desta conversa ou de qualquer coisa que aconteceu nos últimos meses. Será melhor assim, você verá... Sei que você é muito ligada àquele monstro e provavelmente sentiria saudades dele se ele sumisse. Mas, dessa forma, você ficará livre da influência dele para sempre.

Será como se ele nunca tivesse aparecido em sua vida.

Mia o encarou, sentindo uma fúria ácida queimando no estômago. — Você vai matar Korum e apagar a minha memória para que eu o esqueça?

— Não, Mia querida — disse Saret, sorrindo. — Eu não seria tão cruel com você. Vou primeiro apagar a sua memória. Assim, você não sentirá nada quando ele morrer. Veja bem, não quero que passe por esse tipo de trauma.

Lembranças dolorosas como essa são as mais difíceis de se livrar e a última coisa que eu quero é que tenha pesadelos que fiquem em seu subconsciente...

— Você é louco — disse Mia, sentindo a fúria crescer a cada segundo. Ela acolheu o sentimento porque isso a ajudou a limpar a neblina de terror da mente. — Você realmente acha que é um ato de misericórdia, invadir meu cérebro dessa forma? E por que se importa comigo, afinal de contas? Está prestes a assassinar cinquenta mil krinars sem pestanejar e sou só a caerle de Korum...

— Sabe de uma coisa? Eu me fiz esta mesma pergunta. — Saret franziu a testa ao pensar em retrospectiva. — Você é só uma garota humana. Bonita, é claro, mas nada de especial, para ser sincero. Eu não entendi no início por que Korum estava tão obcecado por você, Mas, então, aconteceu uma coisa engraçada, Mia. — Ele se inclinou para a frente, com os olhos brilhando. —

Comecei a querer você para mim.

Ele parou por um segundo e continuou, ignorando o olhar de desgosto horrorizado no rosto dela. — Acredite, foi um inferno ver você o tempo todo e

saber que não tenho o direito de tocá-la. De saber que é ele que leva você para a cama todas as noites. Mas, agora, as coisas serão diferentes. Quando você acordar, será como se ele nunca tivesse existido. E você será minha, como deveria ter acontecido desde o início.

Sentindo-se mal, Mia tentou puxar a mão. Uma onda de bile quente subiu-lhe pela garganta. Ele a segurou por um instante e soltou-a, observando-a com um sorriso quando ela saltou para trás como uma gata assustada.

— Nunca — sibilou ela, recuando em direção à parede. — Você me ouviu? Não sei o que está imaginando, mas eu nunca ficaria com você por vontade própria. Talvez você consiga me forçar, mas isso é tudo que acontecerá entre nós, tendo eu alguma lembrança ou não...

— Por quê? — perguntou Saret, ainda sorrindo. — Porque acha que está apaixonada por ele? O que uma garota de vinte anos sabe sobre o amor? Ele

seduziu você, Mia, só isso. Quando ele desaparecer da sua vida, farei o mesmo. E você me amará tanto quanto acha que o ama.

Mia riu, com o desespero deixando-a destemida. A ideia de esquecer Korum e ser forçada a dividir a cama com um assassino em massa era tão repugnante que achou que preferiria morrer. Talvez conseguisse convencê-lo a matá-la. — Ah, é mesmo? — disse ela em tom desafiador. — Não sinto a menor atração por você, Saret. Você é como ração de cachorro para mim. Eu quis Korum desde o início, desde o primeiro momento em que o vi. Nunca você. Entendeu?

Enquanto falava, Mia viu o sorriso desaparecer do rosto de Saret, sendo substituído por uma expressão dura. — Veremos — disse ele, levantando-se e aproximando-se dela. — Quando suas lembranças sumirem, você terá um discurso diferente, acredite.

— Não! — gritou Mia quando ele estendeu as mãos para segurá-la. As unhas se transformaram em garras, arranhando os braços dele. — Afaste-se de mim, seu louco maldito! Não!

Ignorando os gritos e a luta dela, Saret a ergueu e carregou-a para fora do escritório. Os braços dele pareciam tiras de aço em volta de seu corpo.

Andando até o lado oposto do laboratório, ele a colocou sobre uma das tábuas flutuantes perto da parede. A superfície inteligente imediatamente se enrolou nos braços e nas pernas de Mia, mantendo-a completamente imóvel. Saret colocou a mão dentro da parede e pegou um pequeno dispositivo branco.

— Não! — Mia tentou virar a cabeça quando ele se aproximou novamente.

— Não! Não faça isso!

Saret parou por um segundo, olhando para ela. — Lamento muito, Mia —

disse ele em tom suave. — Eu queria muito que isto não fosse necessário.

Pena que eu não a conheci primeiro... Mas não doerá nada, prometo... — E, pressionando o dispositivo na testa dela, ele sorriu de leve.

Aquele sorriso foi a última coisa que Mia viu antes de mergulhar na escuridão.

Part Dois

PARTE II

CAPÍTULO SEIS

K orum olhou a hora novamente.

Mia já deveria estar em casa. A mensagem dela chegara vinte minutos antes e ele imediatamente interrompera uma sessão de teste com os projetistas, incapaz de resistir à tentação de vê-la o mais depressa possível.

Enquanto a esperava, ele rapidamente preparou o jantar, fazendo a salada de *shari* favorita dela e um prato de cogumelos com batata de uma receita que a mãe de Mia lhe dera. Ele pedira a receita a Ella Stalis antes de partirem da Flórida, querendo fazer uma surpresa para Mia um dia. Korum adorava ver o rosto pequeno dela se iluminar de prazer e animação quando ele fazia coisas assim. A alegria dela significava tudo para ele.

Onde ela está?

Ligeiramente irritado, Korum comandou o computador que determinasse a localização dela. O dispositivo complexo embutido na palma da mão era completamente sincronizado com os caminhos neurológicos dele, tanto que usá-lo era, de certa forma, o equivalente a pensar. Nem todos os krinars gostavam da ideia de estarem tão integrados com a tecnologia e muitos optavam por usar os dispositivos antiquados autônomos com comandos de voz. Korum achava meio idiota ser tão desconfiado. Por outro lado, ele mesmo projetara o computador e entendia seus limites e capacidades. Muitos krinars não tinham ideia como os equipamentos eletrônicos mais simples dos humanos funcionavam nem tinham o desejo de aprender, algo que ele nunca conseguiria entender.

Assim que ele enviou a consulta mental, a localização de Mia chegou clara como cristal: o laboratório. Ela ainda estava no laboratório. Os dispositivos

de rastreamento que ele embutira nas mãos dela no passado se mostravam muito úteis, mesmo agora que ela não estava mais envolvida com a Resistência.

Abrindo um sorriso, Korum lembrou da reação dela sempre que o assunto de a ter brilhado surgia. Ela se transformava em uma gata raivosa, estendendo as

garras. Aquilo fazia com que ele tivesse vontade de abraçá-la e trepar com ela ao mesmo tempo, uma mistura confusa de desejos que Mia sempre causava nele.

Ele deveria se sentir mal por ter brilhado Mia. E, algumas vezes, quase, quase se sentia assim. Ela se ressentia do fato de que, agora, ele sempre sabia onde estava, sem entender que aquilo lhe dava uma enorme paz de espírito.

Ela era tão frágil, tão humana... Se dependesse dele, ela nunca sairia de seu lado. Ele sempre a manteria por perto, onde pudesse protegê-la.

Mas ele sabia que ela não gostaria disso. Era importante para Mia ter a própria independência, de se especializar na área que escolhera e contribuir para sociedade. Ele entendia e respeitava aquilo, mas isso não tornava as coisas mais fáceis. Quando estavam em Nova Iorque, antes de ele lhe dar os nanócitos que a deixavam menos vulnerável, fora tudo que pudera fazer para que conseguisse deixá-la se aventurar por conta própria, especialmente em uma cidade humana em que algo tão idiota quanto um acidente de carro poderia facilmente matá-la. Fora por isso que sempre mantivera um guardião seguindo-a, nunca a mais de cem metros de distância dela. Ela nunca suspeitara disso, obviamente, nem Korum planejava lhe contar. Mas fora para a proteção dela. Mesmo então, ele não conseguira aguentar a ideia de que alguma coisa acontecesse a ela.

Verificando a hora novamente, Korum viu que já se tinham passado vinte e cinco minutos. Por que ela ainda estava no laboratório? Acontecera alguma coisa para que ela se atrasasse? Se Saret a obrigara a trabalhar até mais tarde novamente, Korum teria uma conversa séria com ele. Mia já provara que era bastante útil e Korum tinha certeza de que o amigo não terminaria seu estágio mesmo se ela trabalhasse menos horas.

Enviando outra consulta mental, Korum estendeu a mão para pegar o dispositivo de comunicação que fizera para ela e que Mia chamava de pulseira. Para sua surpresa e crescente inquietação, ele não conseguiu se conectar. Era como se houvesse apenas um vazio onde deveriam existir sinais digitais.

Alguma coisa está errada.

Korum soube com uma certeza súbita. Erguendo a mão, ele olhou para a palma, com os olhos seguindo os minúsculos pulsos de luz sob a pele. Era uma forma que ele tinha de se concentrar, a de usar caminhos mentais específicos que eram mais complexos do que aqueles necessários para as tarefas diárias básicas.

Aquele caminho em particular não era algo que ele usara nas semanas recentes, não desde que a Resistência fora derrotada. Mia não sabia sobre aquilo e Korum não pretendia lhe contar. Não havia necessidade. Ele parara de usar o dispositivo para monitorar as atividades dela. O único motivo pelo qual ainda estava nela era porque o processo de remoção era relativamente complicado. E porque ele gostava da ideia de tê-lo lá para emergências.

Mantendo os olhos presos à palma da mão, Korum enviou uma sonda profunda, ativando o minúsculo dispositivo de gravação escondido sob o lóbulo da orelha esquerda de Mia. Aquilo possibilitaria que ele escutasse tudo à volta dela e, mais importante, verificasse seus sinais vitais.

Assim que o dispositivo foi ativado, parte da tensão o abandonou. Ela estava bem, o coração batia normalmente e a respiração estava estável.

Mesmo assim... Korum franziu a testa, ouvindo cuidadosamente. Tudo estava quieto. Quieto demais. Se ela ainda estivesse trabalhando, deveria estar em movimento, conversando com quem a atrasara. Em vez disso, era como se ela estivesse dormindo.

Dormindo... ou inconsciente.

Assim que pensou na segunda possibilidade, ele percebeu que estava no caminho certo. Mas por que ela estaria inconsciente? Aquilo não fazia sentido.

E aquilo era...? Ele escutou novamente. O que ouvia era os movimentos de outra pessoa em volta dela?

A inquietação mudou para uma preocupação profunda.

Levantando-se, Korum andou rapidamente até a parede e saiu da casa.

Parando por alguns segundos, ele enviou um comando mental para que uma cápsula de transporte fosse criada o mais depressa possível. Enquanto as nanomáquinas faziam seu trabalho, ele acessou os arquivos do dispositivo de gravação. Todos os dispositivos que ele projetara funcionavam daquela forma.

Mesmo quando não estavam ativados para transmitir em tempo real, continuavam coletando dados e armazenando-os internamente.

Levou um segundo para que ele acessasse as lembranças do gravador e percorresse-as para encontrar o ponto certo. Ele começou no momento exato em que Mia lhe enviara a mensagem. Em vez de ouvir à gravação em

velocidade normal, ele comandou o computador que criasse uma transcrição instantânea, que leu em poucos segundos.

E, à medida que Korum entendeu o que lia, cada célula de seu corpo se encheu de uma fúria vulcânica.

Ele nem conseguiu começar a processar a magnitude da traição nem o puro mal que estava prestes a ser liberado por um homem que ele considerara como amigo pelos duzentos anos anteriores. E Mia... Não, não podia pensar nisso.

Pelo menos, não por enquanto. Se fosse para garantir a sobrevivência de todos, ele precisava se concentrar, controlar a fúria e a dor.

Usando toda a força de vontade que tinha, Korum apelou para o lado racional e frio e começou a analisar a melhor forma de lidar com a situação.

SARET OBSERVOU IMPACIENTE quando Korum finalmente saiu da casa e criou a cápsula de transporte. Agora, seu nêmesis iria procurar Mia. Com sorte, sem suspeita alguma.

Obviamente, era melhor não subestimá-lo. O idiota sempre tinha algumas surpresas nada agradáveis para quem o subestimava. Ainda assim, Korum não tinha motivo para pensar que alguma coisa sinistra estivesse acontecendo. E

certamente nunca suspeitaria de que Saret tentaria matá-lo.

Era uma pena que Mia tivesse encontrado aqueles arquivos naquele dia.

Saret sempre soubera que alguém poderia bisbilhotar e descobrir que Saur não sabia tanto assim sobre apagamento da memória como dissera. Saret deveria ter movido os arquivos, mas todos no laboratório sabiam que não podiam acessar o trabalho de outras pessoas sem a permissão explícita de Saret.

Mas, como ficara demonstrado, todos, exceto uma garota humana.

Por outro lado, talvez em certo nível, Saret quisera que ela descobrisse.

Ele gostara de explicar seu plano a ela e observar as emoções no rosto expressivo de Mia. Ela não entendera completamente, claro, ainda presa demais à teia de Korum para pensar claramente.

Saret ficara furioso com o que ela dissera sobre não sentir atração por ele.

Obviamente, ela mentira, tentando incitá-lo a fazer algo idiota. Ele era um macho krinar na essência, sabia muito bem que as mulheres humanas o desejavam. E ela também o desejaria, ele fizera questão de garantir isso.

Seria gentil com ela no começo, não como Korum fora quando eles se conheceram. Saret vira algumas das gravações do início do relacionamento

deles no julgamento e aquilo o deixara furioso, a forma como seu nêmesis a tratara. Saret seria um cheren melhor, tinha certeza disso.

E onde estava Korum?

Franzindo a testa, Saret olhou novamente para a imagem. Parecia que o inimigo não estava com muita pressa. Em vez de voar para o laboratório, Korum estava parado ao lado da nave, conversando com uma mulher krinar que Saret nunca vira antes. Ele estava quase... flertando com ela? *Imbecil, já está traindo Mia.*

Não importava, Korum logo chegaria lá. E, quando isso acontecesse, teria uma pequena surpresa.

Sem o conhecimento de ninguém, Saret passara vários anos construindo uma fortaleza de alta tecnologia dentro do laboratório. Todos os prédios dos krinars eram duráveis, construídos para suportar qualquer coisa, de um ataque nuclear a uma erupção vulcânica. O laboratório, no entanto, fora um passo além: as paredes tinham armas, projetadas para matar qualquer pessoa que tentasse entrar depois que Saret ativasse o modo de proteção. Elas também eram impenetráveis por qualquer forma de nanotecnologia, pois Saret instalara os mesmos escudos que serviam como defesa dos Centros.

Não fora fácil fazer aquilo. A população geral não tinha acesso fácil a armas, especialmente nanoarmas especializadas como aquelas embutidas nas paredes. Saret fora obrigado a cobrar vários favores e gastar uma parte considerável de sua fortuna pessoal para instalar tudo exatamente como queria. Custara ainda mais para manter tudo em segredo.

Agora, no entanto, aquilo seria compensado. Em poucos dias, a nanoarma que planejava usar nos Centros estaria pronta. Os dispositivos de dispersão com os nanócitos já tinham sido plantados em todas as cidades principais dos humanos.

A única coisa de que precisava agora era paciência.

DEPOIS DE DEZ MINUTOS, Saret estava prestes a perder o que sobrara daquela paciência. Por que diabos Korum estava demorando tanto? Saret subestimara a ligação do inimigo com a garota? Parecia que o idiota ainda estava flertando com aquela mulher. Ele estava lá agora, rindo e tocando no braço dela. *Mas que diabos?* O que acontecera com a obsessão dele por Mia? Ela fora apenas um brinquedo para ele aquele tempo todo?

Assim que a ideia lhe ocorreu, ele a descartou. Não, havia alguma coisa

errada. Subitamente, ele teve certeza disso.

O inimigo achava que ele era um tolo? O que via era uma imagem falsa?

Não havia como saber. As pessoas que Saret via pareciam completamente reais. Mas, como ele sabia muito bem, as aparências podiam enganar.

Ele tinha que encarar a possibilidade de que Korum tinha descoberto que alguma coisa estava acontecendo.

Movendo-se rapidamente, Saret se armou e colocou um escudo protetor que envolveu o corpo inteiro. As paredes do laboratório ainda eram a melhor defesa e ele tinha toda a intenção de confrontar seu nêmesis ali, onde Saret tinha a vantagem. Ele não sentiu medo, apesar de o coração bater mais forte com ansiedade pela luta que aconteceria.

Olhando para Mia, Saret teve certeza de que ela ainda estava inconsciente, deitada e presa na tábua. Talvez acordasse em breve e ele esperava que toda a parte desagradável tivesse terminado antes que isso acontecesse.

Ignorando a adrenalina que corria pelas veias, Saret se sentou ao lado dela e acariciou-lhe o braço, desfrutando da maciez da pele pálida. Ela era tão bonita, com os cílios escuros contrastando com o rosto e aquela boca macia ligeiramente aberta. Como era aquela história infantil dos humanos? A Bela Adormecida? Na verdade, Saret decidiu que ela era mais parecida com a Branca de Neve, com a

pele clara e os cabelos escuros.

Inclinando o corpo, ele beijou os lábios dela, passando a língua de leve sobre eles. Como suspeitara, ela era deliciosa. Sentir o gosto dela brevemente foi o suficiente para que tivesse uma ereção. Se houvesse mais tempo, ele a teria possuído ali mesmo, inconsciente ou não.

Mas ele não tinha mais tempo. Precisava se manter concentrado. De uma forma ou de outra, Korum chegaria em breve.

Levantando-se, Saret andou até a imagem novamente. Ele já tinha quase certeza de que era falsa.

Onde estava Korum?

Saret começou a andar de um lado a outro, agitado demais para se sentar novamente.

Quando tudo começou dois minutos depois, ele nem mesmo percebeu no início.

Um zumbido baixo foi o primeiro aviso de que alguma coisa estava errada.

O barulho pareceu encher o ar, gradualmente aumentando de volume até que era quase um rugido para a audição sensível dele.

Em seguida, as paredes começaram a derreter. Saret nunca vira nada como

aquilo. O material projetado para aguentar um ataque nuclear parecia se liquefazer de cima para baixo, como se o prédio fosse feito de cera.

Saret sentiu o gosto do medo, um gosto ácido que se acumulou no estômago. Aquilo não deveria ter acontecido. Ele deveria estar seguro ali, na fortaleza que construíra com tanto cuidado... mas não estava. Saret não sabia de nenhuma arma que conseguisse fazer aquilo, que conseguisse penetrar os mesmos escudos que protegiam as colônias, mas seus olhos não mentiam. As paredes estavam literalmente derretendo à sua volta.

Havia apenas uma coisa a fazer: recuar e viver para lutar outro dia. Por um segundo, Saret considerou levar Mia consigo, mas ela o retardaria e ele não podia correr aquele risco. Teria que voltar para buscá-la.

Lançando um último olhar à garota inconsciente, Saret ativou o túnel de fuga de emergência e desapareceu no chão do prédio.

CAPÍTULO SETE

— Q uero que ele seja encontrado. Usando todos os meios possíveis.

Você me entendeu? — Korum tinha ciência de que a voz soara ríspida, mas não conseguiu mais conter a fúria gelada que corria por suas veias.

Alir, o líder dos guardiães, assentiu. — Nós o traremos até você —

prometeu ele com os olhos pretos frios e sem expressão.

— Ótimo — disse Korum.

Virando-se, ele andou até o fundo da sala, onde Ellet estava sentada ao lado de Mia realizando testes de diagnóstico.

Quando ele se aproximou, a krinar olhou para cima, com sinais evidentes de estresse no belo rosto. — Ela deverá recuperar a consciência em breve —

disse ela em tom suave. — Mas, Korum, receio que ela tenha sofrido danos.

— O que você está dizendo? — Ele não queria acreditar, não podia aceitar aquela possibilidade.

— Receio que a varredura mostre sinais de trauma consistentes com perda de memória. Eu lamento muito...

— Não, você deve estar errada. — Ele cerrou as mãos com tanta força que as unhas se enterraram na pele, arrancando sangue. — Deve haver alguma coisa que possamos fazer...

— Vou pesquisar — disse Ellet, levantando-se. — Mas esse tipo de apagamento costuma ser irreversível. Sinto muito.

Korum deu um passo à frente. — Não quero que você pesquise, Ellet —

disse ele em tom direto. — Quero que largue tudo o que está fazendo e traga a memória dela de volta.

Ellet franziu a testa. — Você sabe que farei o possível...

— Faça mais do que isso. — Korum sabia que não estava sendo racional, mas não se importou. Nunca se sentira assim, com uma vontade assassina tão selvagem. Ele queria destruir Saret, rasgá-lo em pedaços e ouvi-lo gritar em agonia. Queria eviscerar o homem que antes considerara como amigo e banhar-se no sangue dele, como os antigos faziam com os inimigos.

Sob a fúria incandescente e a amargura devido à traição, uma culpa pesada e terrível pairava sobre os ombros de Korum. Mia fora ferida, fora ferida por causa dele. Porque ele não conseguira protegê-la do monstro que convivia com eles. Porque ele confiara demais. Se não fosse por ele, ela nunca teria conseguido aquele estágio, nunca teria ficado exposta às vontades doentias de Saret.

Se ele não a tivesse levado para Lenkarda, ela nunca teria cruzado o caminho do perigo.

Como Korum não vira aquilo antes? Como não sentira aquele tipo de ódio? Seu maior inimigo acabara sendo um de seus amigos mais próximos. E

ele não percebera até que fosse tarde demais.

E agora ele via a pena nos olhos de Ellet. Ela sabia como ele se sentia em relação a Mia e provavelmente conseguia imaginar o estado mental dele naquele momento. — Vou fazer isso, Korum — respondeu ela em tom reconfortante. — Prometo a você que farei qualquer coisa possível para ajudar.

Korum respirou fundo para se acalmar. Não era culpa de Ellet se o amigo dele acabara sendo o pior psicopata na história moderna dos krinars. —

Obrigado — disse ele baixinho.

Ellet sorriu, parecendo aliviada. — Você pode levá-la para casa agora, se quiser. Ela acordará naturalmente em algumas horas, coisa que pode muito bem acontecer em sua casa. Quanto menos de nós houver quando ela acordar, melhor.

Korum assentiu. — É claro. — Inclinando-se sobre o local onde Mia estava deitada, ele a pegou com cuidado, encostando-a gentilmente contra o peito. Ela parecia muito leve, muito frágil nos braços dele. A percepção de que ela poderia ter morrido naquele dia foi como veneno em suas veias, queimando-o por dentro.

Saret pagaria pelo que fizera com ela, pelo que planejara fazer com todos eles. Korum faria questão de garantir que isso acontecesse.

MIA SOLTOU UM som baixinho e franziu o nariz, levantando a mão pequena para tirar um cacho de cabelos pretos do rosto. Os olhos ainda estavam fechados, mas era óbvio que começava a recuperar a consciência.

Sentado na beirada da cama, Korum observou enquanto ela lentamente despertava, incapaz de afastar os olhos. Logicamente, ele sabia que ela não era a mulher mais bonita que já vira, mas não importava. Para ele, Mia era perfeita. Ele amava tudo nela, cada pedaço do corpo delicado o deixava excitado. Mesmo agora, enquanto ela estava deitada usando o vestido cor-derosa claro, ele teve que lutar contra a vontade de tocar nela, de puxá-la para mais perto e de enterrar-se nela.

A mistura inquietante de paixão e doçura que ela provocava nele era diferente de tudo o que já sentira. Como muitos krinars, Korum sempre considerara o sexo como uma atividade recreativa divertida. A maioria dos relacionamentos anteriores que tivera foram encontros casuais, semelhante ao que tivera com Ellet alguns anos antes. Ele gostava das mulheres e da companhia delas também fora do quarto, mas nunca quisera ficar com uma delas de forma permanente. Nunca sentira a necessidade de ter uma que fosse sua.

Até Mia.

Por algum motivo, aquela garota humana provocava seus instintos mais primitivos. O que sentia por ela ia além do desejo sexual, além da vontade de tocar na carne macia. O que ele realmente queria era possuí-la completamente, que ela fosse dele de todas as formas possíveis.

Aquilo não era um fenômeno desconhecido entre os krinars. Nos tempos antigos, os machos krinars precisavam caçar e proteger o território, sendo muito mais provável que fizessem um trabalho efetivo se fossem muito apegados às companheiras. Fora uma adaptação evolucionária simples na época, a fixação obsessiva de um macho a uma fêmea específica. Mais profunda que lascívia, mais forte que o amor, era uma combinação poderosa dos dois que garantia que um homem daria a vida para proteger a mulher e os filhos.

No decorrer dos anos, à medida que a sociedade dos krinars ficou mais civilizada, aquele tipo de apego se tornou menos importante do que a

sobrevivência da espécie e a tendência genética a isso enfraqueceu. Ainda acontecia, claro, mas era uma ocorrência relativamente rara nos tempos

modernos. E fora por isso que Korum não percebera o que estava acontecendo quando conheceu Mia.

Ele não entendera no começo por que se sentia daquela forma. Só soubera que a queria e que precisava tê-la. Mesmo a relutância inicial dela não fora suficiente para detê-lo. No mínimo, a desconfiança dela o intrigara, provocando os instintos predatórios que ele normalmente conseguia suprimir.

Ele nunca perseguira ninguém daquela forma, sempre tivera consideração pelos desejos das mulheres. Mas, com Mia, fora implacável. Ele a perseguira com toda a intensidade de sua natureza, deixando de lado todas as noções de certo e errado. Em menos de uma semana, conseguira o que quisera: Mia em sua cama, em seu apartamento, sua para quando quisesse.

Levara muito mais tempo para conseguir o amor dela.

Até aquele dia, ele não conseguia evitar a raiva que sentia quando pensava no envolvimento dela com a Resistência. Racionalmente, ele sabia que não podia culpá-la por lutar de volta, por não confiar nele no começo. Era uma mera criança em comparação a ele. Korum deveria ter sido mais compreensivo sobre os medos dela, deveria tê-la seduzido pacientemente em vez de forçá-la a um relacionamento. Talvez assim ela não tivesse acreditado nas mentiras dos combatentes, não o teria traído como fez.

Mas ele não fora paciente. A força das emoções o pegou desprevenido, deixando-o cego a tudo exceto à necessidade de tê-la. O que começara como uma obsessão sexual rapidamente se transformara em algo mais profundo e Korum não soubera como lidar com aquilo. Ele agira movido pela dor e pela raiva, usando-a contra a Resistência como punição por espioná-lo, quando deveria simplesmente ter explicado tudo a ela para que entendesse suas intenções.

O fato de ela amá-lo agora era um milagre, algo pelo qual ele agradecia todos os dias. E, se ela não se lembrasse dele quando acordasse, ele usaria aquilo como oportunidade para um novo começo, como uma forma de corrigir o que acontecera antes.

De uma forma ou de outra, Mia o amaria novamente.

A alternativa era impensável.

FINALMENTE, ela abriu os olhos, piscou várias vezes, parecendo confusa, e finalmente o encarou com a boca aberta em choque.

Acariciando gentilmente o braço dela, Korum sorriu. — Olá, querida —

disse ele, propositadamente injetando um tom reconfortante na voz. O que ele realmente queria era abraçá-la, mas aquilo a assustaria, caso ela realmente tivesse perdido a memória e Korum fosse agora um estranho.

Korum sentiu o coração dela bater mais forte, a súbita tensão em seus músculos quando ela percebeu o que ele era. Ela passou a língua pelo lábio inferior em um gesto provocante inconsciente que sempre o deixava maluco.

Ele viu o medo nos olhos dela... e foi como ter uma faca enterrada no coração, causando uma dor profunda e aguda.

Puxando o braço, ela recuou em direção ao outro lado da cama. — O que estou fazendo aqui? Quem é você?

Korum ouviu o pânico na voz dela e forçou-se a ficar imóvel, sem fazer movimento nenhum em sua direção.

— Eu sou Korum — disse ele, procurando algum sinal de reconhecimento no rosto de Mia. Mas não havia nenhum. Afastando o desapontamento, ele perguntou: — Qual é a última coisa de que se lembra, querida?

Ela engoliu em seco, afastando-se ainda mais. — Eu estava na aula —

sussurrou ela —, fazendo uma prova...

— Que prova, querida? Em que aula? — *Quanto da memória dela Saret apagou?*

— Minha... minha aula de psicologia infantil — respondeu ela com a voz ligeiramente trêmula.

Korum suspirou aliviado. — Então foi no semestre da primavera. — Ela perdera apenas cerca de dois meses, não anos, como ele receara inicialmente.

Ela assentiu, ainda parecendo aterrorizada. — O que quer de mim? Por que me trouxe aqui? — Ele ouviu a histeria crescendo na voz dela.

Korum suspirou. Aquilo seria difícil. — É complicado, Mia — disse ele baixinho. — Quer que eu explique tudo?

Ela assentiu novamente com os olhos azuis arregalados e cheios de medo.

— Então venha cá e conversaremos — disse ele, vendo-a ficar ainda mais tensa. — Eu prometo a você, não vou feri-la de forma alguma... Só sente aqui, ao meu lado. — Ele bateu de leve na cama, sentindo a necessidade de tê-la mais perto.

Ela hesitou e ele viu as emoções cruzando o rosto de feições finas. Korum percebeu o momento exato em que ela decidiu que não tinha nada a perder aceitando o pedido dele. Afinal de contas, ele era um krinar e igualmente perigoso perto ou não.

Com o corpo trêmulo, ela se moveu na direção dele, encarando-o

desconfiada. Quando chegou perto o suficiente, Korum pegou a mão dela, aquecendo a pele gelada entre as próprias mãos.

Inicialmente, ela se encolheu, mas depois ficou quieta, sem afastar os olhos dele.

Korum sorriu, sentindo a tensão diminuir um pouco porque ela permitira que a tocasse. — Somos amantes, Mia — disse ele gentilmente, observando a reação dela. — Você não se lembra de mim porque perdeu uma parte da memória. Estamos em junho, em Lenkarda, nosso centro da Costa Rica.

CAPÍTULO OITO

M ia encarou o belo krinar que acariciava gentilmente sua mão. O que ele acabara de lhe dizer era pura loucura. Eles eram amantes? Ela perdera a memória? De todos os cenários malucos que passavam pela cabeça de Mia, aquele nem estivera na lista de possibilidades.

Ele estava brincando com ela? E, se estava, qual era o motivo e qual era a

história real? Mia tentou controlar o pânico por tempo suficiente para pensar, mas era como se uma parte do cérebro estivesse coberta por uma neblina.

Mesmo eventos recentes, as férias de verão, as provas, pareciam borrados em sua mente, como se tivessem acontecido muito tempo antes, não poucas semanas antes.

— Você não acredita em mim, não é? — perguntou o K. Os olhos cor de âmbar dele a observavam com um calor inquietante.

— Não, é claro que não. — A voz dela estava surpreendentemente calma.

Considerando tudo, Mia sentia que estava lidando razoavelmente bem com a situação. Não estava chorando nem gritando e levava uma conversa com um alienígena que provavelmente a sequestrara. Um alienígena que podia ou não beber sangue humano e que agora acariciava-lhe o pulso de uma forma que a fazia sentir uma estranha excitação.

Por que ela não estava com mais medo dele? Tudo o que sabia sobre a raça dele sugeria que deveria estar aterrorizada.

Mas não estava.

Estava em pânico porque não sabia onde estava nem como chegara lá —

nem porque estava com um K que dizia ser seu amante — mas não estava realmente com medo. No mínimo, achava a presença dele estranhamente

reconfortante, o toque dele, eletrizante. Ele fizera alguma coisa com ela para que reagisse assim?

— É claro que não — repetiu ele, abrindo um sorriso compreensivo. —

Como você acreditaria em algo tão maluco sem provas, certo?

Mia assentiu, incapaz de afastar os olhos daquele sorriso. A covinha na bochecha esquerda dele a fascinou. Era muito infantil, totalmente destoante do restante da aparência dele.

— Está bem, querida. — A voz dele era desconcertantemente suave. —

Deixe-me provar para você. — E, ainda segurando a mão dela, ele acenou com a mão. Subitamente, uma imagem holográfica tridimensional apareceu flutuando no ar.

Mia soltou uma exclamação assustada e, em seguida, viu a imagem de si mesma e do K ao seu lado. Eles pareciam estar andando na praia, conversando e rindo. O K se abaixou e pegou a garota na imagem, erguendo-a sem esforço, como se ela fosse feita de ar. A garota riu novamente e passou os braços em volta do pescoço dele, beijando-o com tanta paixão que Mia sentiu o rosto ficar quente.

— O que é isso? De onde você conseguiu esse vídeo? — Mia se sentiu corando intensamente quando o K beijou a garota de volta, segurando-a com um braço e colocando a outra mão sob o vestido dela.

— É só uma gravação de um de nossos satélites — explicou o K chamado Korum, observando-a com um brilho dourado incomum nos olhos. Por algum motivo, Mia se sentiu excitada com aquele olhar, o coração bateu mais depressa e os mamilos enrijeceram sob o tecido fino do vestido. Ela torceu desesperadamente para que o K não notasse. Seria constrangedor, e possivelmente perigoso, se ele soubesse o quanto a afetava.

Logo depois, ela percebeu o que ele acabara de dizer. — Espere um pouco, os seus satélites estavam nos espionando?

— Nossos satélites estão sempre gravando tudo — explicou ele, curvando os lábios sensuais em um sorriso. — Mas não se preocupe, querida, somente nossos computadores assistem. A não ser que alguém faça uma solicitação específica, como eu fiz.

O coração de Mia bateu mais depressa, desta vez com ansiedade. — Está dizendo que nunca temos privacidade, vocês estão sempre nos observando?

— É claro que não — respondeu o K. — O governo de vocês também não lhes dá privacidade alguma. Sabe disso, não?

Mia piscou algumas vezes. Ela sabia daquilo. O GPS e os celulares

fizeram com que fosse praticamente impossível uma pessoa se esconder e ela sabia que várias agências governamentais usavam todos os meios disponíveis para rastrear terroristas e outros criminosos. Como cidadã que obedecia às leis,

ela nunca pensara muito sobre o fato de que todas as suas atividades, de navegar na internet a dar um telefonema, poderiam ser monitoradas, se necessário. Apenas aceitara aquilo como parte da vida no século vinte e um.

Mas, por algum motivo, a ideia de satélites dos krinars observando cada movimento era mais do que perturbadora.

Franzindo a testa, Mia percebeu que estava agindo como se a imagem que ele lhe mostrara fosse real. Não havia absolutamente garantia nenhuma daquilo. Como os krinars eram tão avançados, certamente seria como uma brincadeira de criança criar o vídeo que quisessem, tridimensional ou não.

— Como sei que não criou isto? — perguntou ela, acenando na direção da imagem. O casal agora estava envolvido em uma sessão completa de sexo explícito. Corando ainda mais, Mia afastou o olhar.

— Não sabe, é claro — respondeu o krinar. — Eu poderia ter criado, se quisesse. Tenho centenas de outras gravações que poderia mostrar a você. E

seria inteligente de sua parte não acreditar em nenhuma delas.

Mia riu nervosamente, surpresa pela franqueza dele. — Ok, então, como você pode provar alguma coisa? — Ela não podia acreditar que estava considerando a ideia de que aquilo pudesse ser real. Como uma pessoa racional poderia acreditar naquilo? Claro que ela se lembraria se tivesse feito sexo com um alienígena maravilhoso... ou, na verdade, se tivesse feito sexo de forma geral.

O K sorriu novamente. — Há várias formas — disse ele. — Deixe-me começar com o fato de que você me entende agora, apesar de eu estar falando em krinar.

Mia o encarou em choque. Ela certamente entendera o que ele dissera, apesar de a última frase ter sido dita em uma linguagem que tinha certeza de que nunca ouvira. — Espere, o quê? — As palavras dela saíram naquela mesma linguagem. — Você está falando comigo em krinar?

— Sim, e você também está respondendo em krinar — disse ele, alargando o sorriso. — E agora estou falando com você em italiano. E você ainda me entende, certo?

Mia assentiu, com a mente girando por causa da impossibilidade daquilo.

— É porque você tem um implante minúsculo que age como tradutor —

explicou o K, desta vez em inglês. — Eu lhe dei o implante assim que

chegamos a Lenkarda. Ele permite que você fale e entenda qualquer linguagem conhecida, dos humanos e dos krinars.

— Mas... — Mia nem sabia por onde começar. — Como posso ter certeza de que você não o colocou agora? E espere, ouvi você dizer antes que estamos em junho? A última coisa de que me lembro é em março. Como perdi um pedaço da minha memória? Isto não faz sentido...

O K suspirou e ergueu a mão, prendendo gentilmente um cacho de cabelos atrás da orelha dela. — Eu sei, Mia —disse ele em tom suave. — Eu sei que isso será difícil de aceitar. Deixe-me contar uma história e depois mostrarei a você que não estou mentindo. Ok?

— Ok — concordou Mia, hipnotizada pelo olhar ardente no rosto bonito.

Como alguém tão maravilhoso podia ser amante dela? Talvez aquilo fosse apenas um sonho incomumente realista. Talvez ela estivesse dormindo profundamente e seu inconsciente criara aquela criatura estonteante. E, se ele era mesmo seu amante, ela certamente era a garota mais sortuda do mundo, apesar de ainda não entender como aquilo era possível.

— Ótimo — disse ele com os olhos dourados brilhando. — Então, deixe-me contar a você sobre nós, desde o início...

E, pelos vinte minutos seguintes, Mia ouviu em choque quando ele contou sobre o encontro inicial deles em abril e detalhou o caso tumultuado que se seguiu. Quando começou a explicar sobre o envolvimento dela com a Resistência, Mia ficou de boca aberta.

— Eu estava espionando você? — Como diabos ela conseguira coragem para fazer aquilo? Apesar de ele estar sendo gentil com ela naquele momento, Mia tinha a sensação de que aquele K em particular poderia ser muito perigoso se fosse provocado. Em geral, a espécie dele não era conhecida por ter uma natureza misericordiosa. A veia violenta fora amplamente demonstrada durante as lutas do Grande Pânico.

— Estava — confirmou o K, cerrando o maxilar de leve. — Mas foi culpa minha também, pois eu sabia do que estava fazendo e dei a você informações falsas.

Mia o encarou incrédula. — E está dizendo que somos amantes? Depois disso tudo?

— Somos mais do que amantes, Mia. Você é minha caerle.

— Caerle?

Ele assentiu. — E a palavra que usamos para o que você é para mim. A melhor aproximação seria algo como companheira humana.

— Como uma esposa? — Mia ouviu o tom de descrença na própria voz.

Ele sorriu. — Não exatamente, mas você pode encarar dessa forma, sim.

Mia o encarou. — Mas você disse que eu o conheci em abril e estamos apenas em junho. Quando tivemos a oportunidade de nos casar?

Ele hesitou por um segundo. — Não funciona assim, querida. Não há uma cerimônia formal em um relacionamento de cheren e caerle.

— Então como funciona? Qual é a diferença entre sermos simplesmente namorados? — Não que ela conseguisse sequer imaginar aquela criatura maravilhosa como seu namorado. Mas marido? Ela ficou atordoada com a ideia.

— É diferente, Mia, porque eu não poderia dar a uma simples namorada o que dei a você — disse ele baixinho. — Porque, ao tomá-la como caerle, eu a trouxe inteiramente para nosso mundo, com tudo o que isso envolve.

O coração de Mia começou a bater mais depressa novamente. — E o que isso envolve?

— Uma expectativa de vida muito mais longa — respondeu ele. — Você não envelhecerá nem ficará doente. Imortalidade, como vocês chamam.

KORUM VIU OS olhos dela se arregalarem e o ceticismo lutar com a empolgação em seu rosto. O cacho que ele acabara de prender atrás da orelha dela se soltou novamente, recusando-se a ficar preso. Ele adorava aquele cacho rebelde, que sempre atraía seus dedos para os cabelos dela, fazendo com que quisesse tocá-lo.

Em geral, ele estava surpreso e contente com a reação dela até o momento.

Mia estava naturalmente cautelosa, pois era de se esperar que ficasse desconfiada, mas estava muito menos assustada do que ele imaginara que ficaria. Ela não se afastara do toque dele nem parecera objetar à sua proximidade. De alguma forma, apesar da falta de lembranças conscientes, ainda devia reconhecê-lo em algum nível, ainda devia confiar que ele não a machucaria.

— Vocês têm a capacidade de deixar os humanos imortais? — perguntou ela,

franzindo ligeiramente a testa.

Korum suspirou, sem querer discutir aquele assunto novamente. — Sim, temos — respondeu ele pacientemente. — Mas não todos os humanos, somente aqueles que se tornam parte da nossa sociedade. No momento, estou tentando

conseguir que abram uma exceção para os seus pais e a sua irmã, mas...

— Você os conhece? — interrompeu ela. — Você conheceu a minha família?

— Sim, eu os conheci — confirmou Korum, feliz por isso ter acontecido.

Teria sido muito pior se ela tivesse perdido a memória antes da viagem para a Flórida. — E é por isso que você saberá que estou falando a verdade, querida.

Você falará com Marisa e com seus pais.

Mia pareceu sobressaltada com a ideia, mas seu rosto se iluminou logo em seguida. Korum já a conhecia o suficiente para entender que acabara de dissipar qualquer receio que ela tivesse de ter sido separada dos entes queridos.

O apego que ela tinha à família era uma das principais vulnerabilidades de Mia e Korum não hesitara em explorar isso no passado, para deixá-la ainda mais próxima dele. Fora surpreendentemente fácil conquistar os pais e a irmã dela. Ele pesquisara cuidadosamente tudo sobre eles antes de conhecê-los, que reagiram exatamente da forma como esperara. A desconfiança inicial desaparecera quando viram que Mia era feliz e amada.

E aquilo deixara Mia ainda mais feliz e apegada a ele.

Certo ou não, Korum sabia que faria qualquer coisa para mantê-la assim.

Mia podia não se lembrar disso agora, mas ela o amara no passado... e amaria novamente. Mas, por enquanto, ele precisava provar que não estava louco nem tentando enganá-la.

— Pegue, use isto — disse ele, entregando-lhe um novo computador de pulso que criara algumas horas antes. Desta vez, ele acrescentara capacidades visuais ao computador para que ela tivesse ainda mais facilidade de manter contato com a família. Ele levou um minuto para mostrar a Mia como operar o dispositivo.

Em seguida, ela conectou no Skype e fez uma chamada para os pais. A voz e a imagem da mãe dela surgiram no aposento.

Sorrindo, Korum atravessou a sala e sentou-se no canto, dando às duas mulheres um pouco de privacidade. Mas ainda conseguia escutar tudo o que diziam e ouviu com bastante curiosidade.

Como sempre, a caerle dele pareceu muito cuidadosa para não causar qualquer preocupação nos pais. Em vez de contar que perdera a memória, Mia manteve a conversa leve e genérica, perguntando sobre a saúde dos pais e como estava Marisa. Sorrindo, Korum ouviu Ella Stalis falar sobre as últimas notícias da gravidez de Marisa, que engordara quase dois quilos, e como tinham gostado da visita de Mia e Korum.

Apesar de a gravidez da irmã ter sido um choque para Mia, ela emitiu as exclamações certas nos momentos certos, agindo como se tudo estivesse normal. Ela até mesmo conseguiu rir e prometeu visitá-los novamente em breve, como se ainda se lembrasse perfeitamente da última viagem. Korum a admirou por aquilo. Sabia como ela deveria estar se sentindo perdida e ansiosa e ficou muito impressionado com a compostura dela.

Finalmente, Mia terminou a conversa e olhou para ele. — Quer isto de volta? — perguntou ela incerta, indicando o dispositivo de pulso que ele lhe dera.

— Não, é seu. — Korum se levantou e andou na direção dela. — Isso ajudou? Acredita em mim agora?

— Eu não sei — sussurrou ela. Korum viu a dor e a confusão em seu rosto.

— Se isso tudo é verdade, então o que aconteceu? Como consegui perder uma parte tão importante da minha vida? Bati a cabeça ou algo assim?

— Algo assim. — Korum tentou afastar os pensamentos de ódio sobre a traição de Saret. A última coisa que queria agora era assustá-la. Erguendo a mão, ele cedeu à tentação de acariciar seu rosto, desfrutando da sensação familiar da pele macia sob os dedos.

Ela olhou para ele e pestanejou, com os cílios parecendo pequenos leques pretos. Para sua imensa satisfação, ela não se afastou do toque dele. No mínimo, pareceu se aproximar ligeiramente, como se também estivesse ansiosa pela

proximidade física.

Incapaz de resistir por mais tempo, Korum abaixou a cabeça e beijou-a, segurando-lhe o rosto gentilmente entre as mãos. Só um beijo, prometeu ele a si mesmo, só um beijinho...

No começo, ela ficou rígida, com a boca fechada contra a intrusão da língua dele. Korum sentiu o coração dela batendo desenfreado no peito, o pânico momentâneo. Em seguida, os lábios dela se suavizaram e abriram-se ligeiramente. Ela ergueu as mãos, pressionando-as de leve contra o peito dele, como se não tivesse certeza se deveria empurrá-lo para longe ou puxá-lo mais para perto.

A resposta dela, quando chegou, foi muito mais reprimida do que o normal, mas foi o suficiente para deixá-lo louco. O gosto, o cheiro dela eram intoxicantes, como uma droga que correu por suas veias. Ele aprofundou o beijo sem perceber, colocando a mão nas costas dela para puxá-la para mais perto. O pênis estava tão rígido que parecia prestes a explodir.

Foi o gemido baixinho dela que o levou de volta à realidade. Erguendo a

cabeça, Korum olhou para Mia, com a respiração pesada e irregular.

Ela estava com as bochechas vermelhas e os lábios inchados. Korum sentiu o cheiro do desejo de Mia, o calor que subia de sua pele e soube que, se colocasse a mão entre as pernas dela naquele momento, ela estaria molhada e pronta para ele. Mas a mente dela era uma questão inteiramente diferente, percebeu ele, e a expressão em seus olhos era de medo e confusão.

Com o próprio corpo ardendo pela necessidade não satisfeita, Korum lutou para se controlar, sabendo que aquilo era necessário naquele momento, mais do que nunca. — Lamento — disse ele, forçando-se a largá-la. — Eu não ia fazer isso tão cedo...

Ela recuou alguns passos e encarou-o, com o peito subindo e descendo rapidamente. Aquilo atraiu a atenção dele para os mamilos rígidos sob o vestido. Korum engoliu em seco, lembrando-se do tom rosado pálido deles, do gosto que tinham, da sensação de passar a língua sobre eles.

Não, pare com isso, seu idiota. Olhando novamente para o rosto dela, Korum

disse: — Eu sei que ainda não está pronta para isso, querida. Não vou machucar você, prometo... — E ele estava falando sério. Preferia perder um braço a fazer alguma coisa que a traumatizasse enquanto ela estava tão vulnerável.

Ela mordeu o lábio e assentiu, cruzando os braços sobre o peito em um gesto defensivo que fez com que Korum se arrependesse. Às vezes, ele odiava aquele desejo que o consumia sempre que estava perto dela. Mia era tão pequena, tão delicada, e seu corpo não era adequado para as exigências que ele frequentemente fazia. Não importava o quanto tentasse ser cuidadoso, sabia que nem sempre era um amante gentil. A necessidade imensa que sentia dela constantemente testava seu autocontrole.

— Então, o que aconteceu? — perguntou ela novamente, ainda observando-o desconfiada. — Por que eu não lembro de você, de minha irmã estar grávida nem nada disso? Como eu perdi dois meses da minha vida?

Korum respirou fundo, tentando controlar a raiva que ainda fervia em suas veias ao pensar em Saret. — Alguém que eu conhecia e em quem confiava, um homem que fingiu ser meu amigo por muito tempo, fez isso — respondeu ele.

— Essa pessoa apagou uma parte da sua memória como forma de me atingir...

e porque ele também queria você.

— É mesmo? — Ela arregalou os olhos. — Outro K?

— Sim, outro krinar — confirmou Korum. Em seguida, ele explicou toda a história, começando com o estágio de Mia e terminando com a traição de

Saret. Sem querer preocupá-la demais, ele suavizou a parte sobre as intenções de Saret para o povo dela, bem como algumas das complexidades da política do Conselho. Ela não precisava saber de tudo de uma vez só. Ele já notara que o que contara fora quase demais. Korum queria passar os braços em volta dela e segurá-la, reduzir seu sofrimento, mas sabia que ela não aceitaria isso agora, não depois da forma como quase a atacara mais cedo.

Ele decidiu que a melhor coisa a fazer agora era lhe dar algum tempo e espaço para pensar em tudo o que lhe contara.

— Preciso ir agora — disse Korum, sentindo o coração apertado ao notar o olhar

de alívio no rosto dela. — Preciso cuidar de algumas coisas. Por que não relaxa por enquanto? Voltarei daqui a umas duas horas para almoçar. Se ficar com fome nesse meio tempo, basta dizer em voz alta o que quer e a casa preparará tudo. A não ser que esteja com fome agora.

Ela balançou a cabeça negativamente, fazendo com que os cachos escuros se movessem sobre os ombros. — Não, estou bem, obrigada.

— Está bem. Pode explorar a casa, se quiser. Sei que tudo parecerá estranho agora, mas é muito intuitivo e você não terá muitos problemas. — Ele sorriu, lembrando-se de como Mia gostava daquele aspecto da vida em Lenkarda. — Todos os móveis são inteligentes, portanto, não se assuste se eles se ajustarem ao seu corpo. A casa também é inteligente e basta pedir comida ou qualquer coisa de que precisar.

— Está bem — disse ela, sorrindo de leve em resposta. — Obrigada.

Fazendo uma pausa um pouco mais longa, Korum se inebriou com aquele sorriso. Em seguida, saiu, deixando-a sozinha para processar tudo o que ouvira.

CAPÍTULO NOVE

Saindo da casa, Korum rapidamente criou uma cápsula de transporte e encaminhou-se para um pequeno prédio redondo no coração do Centro, o local de encontro para as reuniões de rotina do Conselho.

Ao entrar, ele cumprimentou os outros Conselheiros, acenando friamente na direção de Loris e alguns outros adversários. Apesar de todos poderem participar virtualmente da reunião, todos que viviam na Terra tinham optado por participar presencialmente naquele dia, dado o tópico importante a ser discutido.

Sentando-se em uma das tábuas flutuantes, Korum observou cuidadosamente o rosto dos Conselheiros, tentando avaliar o humor coletivo.

O que ele fizera com o prédio do laboratório de Saret provavelmente os assustara, abalando a crença na impenetrabilidade das defesas dos Centros.

Alguns dos membros do Conselho não conseguiam compreender a necessidade do progresso tecnológico, agarrando-se ao que era conhecido e familiar, em vez de avançar.

— Bem-vindo, Korum — disse Arus, virando-se para ele. — Fico feliz por ter se juntado a nós hoje. A sua Mia está bem?

— Está, obrigado — respondeu Korum, apreciando a preocupação. Se havia alguém que entendia seus sentimentos por Mia, provavelmente era Arus, cuja devoção pela própria caerle era muito conhecida. Apesar de nem sempre concordarem em todas as questões, Korum respeitava o embaixador e, até certo ponto, gostava dele.

Arus inclinou a cabeça em resposta. — Ótimo. Fico feliz em saber. Delia ficou preocupada quando soube do que aconteceu.

— Diga a Delia que ela será muito bem-vinda se quiser aparecer lá —

disse Korum baixinho, ciente de que o Conselho inteiro prestava atenção na conversa. — Mia está precisando de uma amiga agora.

Com o canto do olho, Korum viu um sorriso no rosto de Loris. O inimigo de muito tempo estava claramente gostando da situação, tanto pelo fato de Korum ter se apaixonado por uma garota humana quanto do conflito com Saret.

Uma fúria ardente percorreu as veias de Korum novamente, mas ele não deixou que isso transparecesse no rosto, mantendo a expressão ligeiramente divertida. Loris podia gostar do desconforto dele por enquanto. O chamado Protetor não ficaria no Conselho por muito mais tempo, considerando a culpa quase provada do filho.

— Então, muito bem. Temos muito a discutir hoje — disse Voret, um dos membros mais antigos do Conselho. — Os guardiães nos informaram que todos os dispositivos de dispersão de Saret foram localizados e neutralizados, graças a Korum ter nos avisado sobre eles a tempo. Parece que estavam programados para serem ativados simultaneamente em cerca de trinta e duas horas a contar de agora. Também encontramos o projetista que tinha a nanoarma. Ele estava na Tailândia e foi preso. A arma já estava totalmente funcional e Alir acha que Saret pretendia usá-la logo depois que conseguisse liberar os dispositivos de controle da mente na população dos humanos. Arus, você falou com as Nações Unidas?

— Sim. Dourei a pílula quando expliquei a situação a eles — respondeu o embaixador. — Eles já estão muito ocupados lidando com os líderes militares que ajudaram a Resistência e não há necessidade de assustá-los a essa altura.

Só precisam estar cientes de que Saret está solto para que as agências de inteligência fiquem de olho. Não entrei em detalhes além de informar que ele é um indivíduo perigoso que precisa ser detido imediatamente.

— Ótimo — disse Voret. — Você fez a coisa certa. Eles já não confiam em nós e, se soubessem sobre os dispositivos de controle da mente, provavelmente entrariam em pânico novamente.

— E com um bom motivo desta vez — disse Korum, pensando no plano insano de Saret. — Se ele conseguiu fazer com que Saur me atacasse, imagine o que teria conseguido fazer com a mente dos humanos.

— É verdade — respondeu Voret. Korum percebeu que ele se preparava para abordar o tópico que provavelmente era o de maior interesse para o Conselho naquele dia. — Agora, em relação aos outros eventos que aconteceram ontem...

— Sim? — perguntou Korum quando o outro Conselheiro parou de falar.

Ele sabia exatamente onde Voret queria chegar, mas queria ouvir o que o krinar tinha a dizer.

Voret o encarou com uma expressão desconfortável. — Agora, Korum, todos nós assistimos às gravações dos eventos e algumas das coisas que vimos foram... perturbadoras, para dizer o mínimo.

Korum sorriu nem um pouco surpreso. — Que parte o incomodou mais, Voret? — perguntou ele. — Foi o fato de Saret ter planejado aniquilar todos nós na missão de foder com a mente dos humanos? Ou de nenhum de nós ter a menor ideia do que ele estava fazendo?

Voret fez uma careta. — Você sabe que estou falando da forma como você conseguiu destruir os escudos do laboratório. Cuidaremos da situação de Saret em mais detalhes quando tivermos mais informações dos guardiães. Mas, primeiro, precisamos saber se estamos seguros aqui, dentro dos Centros. Você desenvolveu uma arma que consegue penetrar os escudos de força?

— Sim, desenvolvi — respondeu Korum, desfrutando da expressão de choque e medo no rosto de alguns dos Conselheiros. — Mas não se preocupe.

Desenvolvi também escudos melhores. Os dois ainda estão em modo

experimental e foi por isso que ninguém ouviu falar deles antes disso.

— E você usou essa arma ontem? — perguntou Arus, erguendo as sobrancelhas.

— Sim. Eu não tive opção depois que descobri como Saret preparara o laboratório.

— Como descobriu isso? — perguntou Voret.

— Fazendo uma varredura no prédio do laboratório. Depois que descobri o que Saret pretendia, não foi difícil saber que ele teria algumas defesas fortes em vigor. E tinha. Eu o distraí enviando uma imagem minha de três anos antes e usei o tempo para criar a arma com base nos projetos experimentais.

Voret franziu a testa ainda mais. — E quando você pretendia nos contar sobre esses novos projetos?

— Quando eles estivessem prontos para serem usados — respondeu Korum. Voret e os outros esqueciam às vezes que Korum não tinha obrigação alguma de dividir nada com o Conselho. Ele fazia isso pelo bem de todos os krinars, mas não tinha intenção de buscar a permissão e a aprovação do Conselho para cada projeto.

— Alguém mais poderia ter acesso a essa arma? — perguntou Arus, concentrando-se na parte mais importante do problema. — Korum, você tem

certeza de que ninguém mais tem esses projetos?

— Eu sou o único — respondeu Korum, entendendo a preocupação do embaixador. — Nenhum dos meus projetistas foi envolvido ainda nesse projeto e ninguém tem acesso aos arquivos.

— Nem mesmo sua caerle? — Foi a vez de Loris se manifestar, com a voz praticamente pingando sarcasmo. — Tem certeza de que ela não consegue roubar os dados e correr para os amigos dela na Resistência?

Korum lhe lançou um olhar sardônico. — Não, Loris. Ela não consegue.

Além do mais, o que a Resistência faria com essas informações sem o seu filho? Todos sabemos agora como ele foi útil para eles... e para Saret.

Loris se levantou lentamente com o rosto sombrio. — Eram mentiras!

Ninguém teria acreditado nelas por um minuto...

— É mesmo? — perguntou Korum em tom frio, encarando o krinar de cabelos pretos com raiva. — Todos vimos a gravação e ouvimos Saret explicar a função de Rafor nos planos dele. O seu filho é tão culpado quanto o próprio Saret e será punido de acordo.

As mãos de Loris se fecharam e as juntas ficaram brancas. — Saret era seu amigo — sibilou ele, parecendo não conseguir mais se conter. — Até onde sabemos, era você que estava por trás de tudo e agora só está esperando o momento certo para usar sua nova arma em nós...

— Loris, chega! — A voz de Arus soou no ar como um chicote. No silêncio resultante, o embaixador continuou em tom mais calmo: —

Entendemos a sua necessidade de proteger seu filho, mas, infelizmente, as provas contra ele continuam a se acumular. Com essas novas informações, teremos que fazer outra sessão de julgamento amanhã. Talvez seja a sessão final...

O corpo inteiro de Loris tremia de raiva. — Foda-se você, Arus. E fodam-se todos vocês. Rafor não é um traidor. Aquele... — ele apontou na direção de Korum — é o único traidor aqui e vocês todos são cegos demais para ver isso!

— A única pessoa cega aqui é você, Loris — disse Korum calmamente, observando o inimigo desmoronar bem em frente aos olhos. — E amanhã, quando o Conselho julgar os Kapas culpados, o mundo inteiro saberá sobre o seu fracasso.

Aquilo pareceu ser a última gota. Com um rugido enfurecido, Loris se lançou sobre Korum, saltando pela sala com toda a velocidade de um krinar.

Agindo por instinto, Korum virou o corpo, protegendo por reflexo a

cabeça e o pescoço. Quando Loris o atingiu, ele recebeu o ataque com o ombro, batendo com o cotovelo no lado do corpo de Loris. Os dois caíram no chão e rolaram para o meio da câmara.

Com o chão duro arranhando a pele, Korum sentiu a fúria aumentar, com cada célula do corpo sedenta de sangue. Os dedos se transformaram em garras e atingiram o braço de Loris, arrancando um pedaço de músculo. Ao mesmo tempo, o braço envolveu o pescoço de Loris em um dos movimentos de *defrebs* mais complexo, deixando a garganta exposta aos dentes de Korum...

— Chega! Já chega! — Mãos fortes os separaram, arrastando-os para lados opostos da câmara. Ainda racional o suficiente para entender o que estava acontecendo, Korum não lutou quando Arus e outro krinar seguraram seus braços, impedindo-o de continuar a briga. Loris, no entanto, estava totalmente fora de controle, contorcendo-se e gritando enquanto dois outros Conselheiros o seguravam contra a parede. Finalmente, ele pareceu perder as forças, ofegando e encarando Korum com ódio. O braço dele tinha uma ferida grande que acabara de começar a se fechar.

— Podem me soltar agora — disse Korum, acalmando a respiração ao olhar para os dois homens que ainda o seguravam com força.

— Lamento, Korum — disse Arus, abrindo um sorriso leve ao soltar o braço de Korum e dar um passo para trás. — Não podíamos deixar que o matasse aqui.

Voret seguiu o exemplo de Arus, soltando o outro braço de Korum.

— Está tudo bem — disse Korum, limpando o sangue da mão na camisa.

— Continuaremos isto na Arena. É isso mesmo, não é, Loris? Isso foi um desafio?

O Protetor o encarou, com o peito ofegante devido à fúria. — Sim —

resmungou ele por entre os dentes. — Pode considerar isso como um desafio.

— Ótimo — disse Korum, abrindo um sorriso predatório largo. — Então é um desafio. — Fazia algum tempo que não tinha uma boa luta na Arena e sentiu o sangue esquentar em ansiedade.

— Loris, essa não é uma boa ideia — disse Arus, dando alguns passos na direção do krinar. Korum não ficou surpreso com a preocupação dele. Loris e o embaixador normalmente estavam em bons termos, frequentemente juntando-se contra Korum e Saret. Korum imaginou que aquela situação fosse difícil para

Arus, ter que ficar do lado do antigo adversário contra um homem que considerava como aliado.

Loris deu uma risada amarga. — É mesmo, Arus? Não é uma boa ideia?

Arus o encarou friamente. — Ele é mestre em *defrebs*. Quando foi a última vez em que você lutou?

Os lábios de Loris se curvaram em escárnio. — Foda-se você também, Arus. Acha que fiquei mole? Tenho uma quantidade maior de mortes na Arena do que esse idiota tem de lutas.

— Então o desafio foi lançado. — Voret deu um passo à frente e a voz assumiu um tom formal. — Como o julgamento é amanhã, a luta na Arena acontecerá no dia seguinte, ao meio-dia.

Depois disso, a reunião do Conselho foi encerrada.

MIA ESTAVA SENTADA NA CAMA, olhando fixamente para a floresta verde do lado de fora da parede transparente. Ela era imortal e tinha um amante K, que era algo como um marido, mas não exatamente.

Era algo tão incrível que ela mal conseguia imaginar. A mente girou em um milhão de direções.

Depois que o K partira, ela telefonara para Marisa e Jessie, precisando de confirmação adicional para as alegações impossíveis que ele fizera. A irmã e a amiga ficaram felizes em falar com ela e as duas mencionaram Korum durante a conversa. Marisa falara sem parar sobre a gravidez e como estava sentindo-se muito melhor graças ao envolvimento de alguém chamada Ellet que Korum convocara. Jessie perguntou se Mia já tinha decidido quando ela e Korum apareceriam para uma visita.

Ainda em estado de choque, Mia conseguira dar uma resposta vaga a Jessie, dizendo que ainda precisava conversar com Korum, e ouviu polidamente enquanto a irmã contava sobre os resultados do ultrassom mais recente. Para seu alívio, nenhuma das duas pareceu suspeitar de que havia alguma coisa errada, de que a Mia com quem conversaram naquele dia estava muito longe do normal.

Ela não sabia por que estava tão hesitante em revelar a verdade sobre sua

condição, mas estava. Não queria preocupar a família e os amigos, sim, mas estava quase... constrangida.

Como aquilo podia ter acontecido com ela? Como a família inteira sabia sobre seu amante alienígena que parecia ser um estranho para ela? Como ela podia ter esquecido como era fazer amor com alguém tão extraordinário?

Quando ele a beijara, seu corpo respondera de uma forma que Mia nunca tinha

sentido antes ou, pelo menos, que não se lembrava de ter sentido. Fora quase assustador o grau em que perdera o controle nos braços dele. Se ele tivesse continuado a beijá-la, em vez de parar, ela facilmente teria ido para a cama com ele. Ela, que não se lembrava de ter ido além de alguns beijos com garotos antes.

A estranheza da reação a tudo a deixava fora de centro. Ele era um extraterrestre, alguém de uma espécie diferente, e Mia nem ficara muito espantada quando soubera que era amante dele. Ela até mesmo acreditava nele agora, depois de apenas algumas conversas com a família e com Jessie.

Teoricamente, ele ainda podia estar mentindo. A família poderia ter sido ameaçada ou sofrido uma lavagem cerebral para dizer o que disseram. Ora, ele podia até mesmo tê-los substituído por algum tipo de robô que se parecesse e soasse como eles. Mia sabia muito bem do que os Ks eram capazes.

Ainda assim... ela acreditava nele. Alguma coisa dentro de si parecia reconhecê-lo em algum nível, mesmo que não conseguisse se lembrar dele conscientemente. Ela ficara feliz quando ele a deixara sozinha, dando-lhe tempo para digerir tudo. Mas, agora, estava sentindo falta dele, queria o conforto de sua presença. Não fazia sentido nenhum, mas era verdade: um estranho era mais necessário para ela do que as pessoas que conhecera a vida inteira.

Tudo o que ele lhe dissera era uma grande confusão em sua cabeça. A Resistência, simpatizantes humanos entre os Ks, ela espionando-o... tudo parecia mais um filme do que algo que realmente tivesse acontecido. Por que ela teria feito algo tão maluco? Como pudera querer algo que não fosse ficar com aquele homem maravilhoso, alienígena ou não?

Soltando um suspiro frustrado, Mia olhou para as mãos, tentando entender aquela situação maluca. Por que ela teria ajudado a Resistência? Ela nunca achara que adiantaria lutar contra os Ks, não depois que assumiram o controle do

planeta e basicamente deixaram os humanos em paz.

Ainda assim, ela supostamente lutara contra os Ks ou, pelo menos, tentara ajudar aqueles que lutavam. De acordo com Korum, não fora um esforço muito bem-sucedido.

Por outro lado, talvez estivesse errada em confiar nele agora. Claro, ele fora gentil com ela até o momento e sua família parecia gostar dele, mas Mia não fazia ideia de como ele era. E se estivesse confiando em alguém que não deveria? Mia não sabia o que os Ks realmente queriam dos humanos. Havia

rumores sobre beberem sangue. Até onde sabia, Korum podia ter apagado a memória dela, fazendo com que esquecesse de algo terrível sobre ele mesmo.

Ela começou a sentir a cabeça doer por causa de toda a especulação. Mia se levantou e começou a andar de um lado para o outro no aposento. Os arredores eram estranhos, mas ela não se sentia desconfortável. Já explorara o restante da casa, maravilhada com os objetos flutuantes inteligentes que serviam como mesas, cadeiras e sofás. Eram certamente uma grande melhoria em relação às mobílias dos humanos. Ela também gostava da estética geral da casa, com as paredes e o teto transparentes e uma aparência limpa e serena.

Como um vilão maligno podia morar em um lugar tão belo e pacífico?

Assim que pensou nisso, Mia riu alto, incapaz de se conter. Ela estava sendo ridícula e sabia disso. Não havia motivo algum para criar alguma conspiração maluca na mente. Até o momento, Korum não fora nada além de gentil com ela.

Na verdade, ela estava muito ansiosa para passar mais tempo com ele e reaprender tudo que esquecera.

FINALMENTE, depois do que pareceu uma eternidade, Mia ouviu algo na sala de estar. Saindo do quarto, ela viu que o K — ou Korum, como pensava nele agora — acabara de entrar pelo que parecia ser uma abertura em uma das paredes. Enquanto Mia observava, a abertura diminuiu e solidificou-se, deixando uma parede transparente no lugar.

Ao vê-la, o rosto dele se iluminou com o que parecia ser prazer genuíno.

— Olá, minha querida. — Ele abriu um sorriso largo que expôs a covinha na

bochecha esquerda. Mia sentiu vontade de beijar a covinha. De forma geral, queria beijá-lo e lambê-lo inteiro, só para ver se a pele dourada macia era tão deliciosa quanto parecia.

Uau, estou enlouquecendo. Sacudindo a cabeça mentalmente por causa da estranheza da situação, ela abriu um sorriso. — Olá.

— Desculpe por ter demorado tanto — disse ele, atravessando a sala em direção à cozinha. — A reunião do Conselho foi mais movimentada do que eu esperava. Você deve estar faminta...

— Estou bem. — Mia o seguiu até a cozinha. — Mas não me importaria em comer alguma coisa. Você vai pedir comida? — Ela estava muito curiosa para ver como os krinars se alimentavam. Também era encorajador o fato de ele estar planejando almoçar, em vez de fazer algo assustador, como beber

sangue humano. Ela teria que perguntar a ele sobre esse assunto em algum momento e esperava que tudo não passasse de um rumor.

— Eu ia cozinhar alguma coisa — respondeu ele —, mas pedir comida provavelmente será mais rápido. Sente-se enquanto a casa prepara a refeição.

Mia se sentou em uma das tábuas flutuantes. — Você cozinha? —

perguntou ela, estudando-o fascinada quando ele se sentou à sua frente.

Ele sorriu. — Cozinho. É um dos meus *hobbies*.

Ela sorriu de volta, sentindo-se intrigada e aliviada. As suspeitas que tivera mais cedo pareciam ainda mais bobas. Até o momento, seu amante K

era o mais próximo possível de um homem dos sonhos e ela mal podia esperar para saber mais sobre ele. Havia tantas perguntas em sua mente que não sabia nem por onde começar.

— Conseguiu falar com o restante da sua família? — perguntou ele, observando-a com um sorriso leve.

— Falei com Marisa e com Jessie — admitiu ela.

— E? Acredita em mim agora?

Ela deu de ombros. — Imagino que você poderia ter forjado aquelas interações de alguma forma, mas não sei por que se daria a esse trabalho. A conclusão mais lógica é de que você está realmente dizendo a verdade, apesar de ainda parecer muita loucura.

Ele sorriu. — Eu sei, minha querida. Acredite, eu entendo.

— Então, o que faremos agora? — perguntou ela, sem conseguir afastar os olhos daquele sorriso estonteante. — Como prosseguiremos?

— Vamos nos conhecer novamente — disse ele, com a expressão tornando-se mais séria. — E, enquanto isso, continuarei procurando uma forma de reverter a perda de memória.

O coração de Mia pulou animado. — Há uma forma?

— Não que eu conheça — admitiu ele. — Mas isso não significa que ela não exista nem que não possamos encontrá-la com o tempo.

— Ah, entendi. — Mia lutou contra o desapontamento. — Nesse caso, pode me falar um pouco sobre você? Eu realmente gostaria de saber mais...

— É claro, querida, eu adoraria — respondeu ele em tom suave.

E, durante a refeição deliciosa, Mia descobriu tudo sobre a função do amante no Conselho dos krinars, a paixão que tinha por projetos tecnológicos e o fato de que era muito mais velho do que ela poderia imaginar. Enquanto conversavam, Mia se sentiu cada vez mais enfeitiçada, querendo ceder à tentação do sorriso, do toque, do calor no olhar dele. Ele era um homem belo e

fascinante e ela não conseguiu deixar de sentir inveja da garota que fora, daquela que o conhecera desde o início, daquela que Korum parecia amar.

Com ou sem memória, ela entendeu por que se apaixonara por ele. E

conseguia imaginar com facilidade aquela história repetindo-se.

CAPÍTULO DEZ

K orum observou o rosto animado de Mia durante o almoço, adorando os olhares tímidos e admiradores que ela lhe lançou durante a conversa. A atração entre eles era tão forte quanto sempre fora e ele não tinha dúvidas de que conseguiria seduzi-la novamente. Talvez até mesmo naquela noite, apesar de não saber se ela estaria pronta para isso.

De forma incomum, Korum estava determinado a não pressionar Mia para que dormisse com ele. Quando se conheceram, a força do desejo que sentira o pegara desprevenido, fazendo com que agisse de algumas formas que normalmente teria condenado. Ele não queria cometer os mesmos erros, não importava o quanto o pênis insistisse que ela lhe pertencia e que tinha o direito de possuí-la, de lhe dar prazer sempre que quisesse. Imagens sexuais dançaram em sua cabeça enquanto ele a observava comendo, imaginando aquela boca macia em sua carne, em vez de no pedaço de fruta que ela consumia.

Não ajudava o fato de ele ainda estar tomado pela adrenalina depois do ataque de Loris. Lutar frequentemente aumentava a libido dele, que já era forte. A agressão se convertera em um instinto primitivo de trepar. Era sempre assim com os krinars e, até onde ele sabia, com os humanos também. A violência e o sexo estavam entrelaçados desde o início dos tempos, apelando para a mesma motivação masculina de dominar e conquistar.

Mas, não importava o quanto o corpo exigisse, Korum não queria pressioná-la. Ela parecia estar respondendo muito bem à situação, olhando para ele com curiosidade e desejo, em vez de medo. Se ele conseguisse ser paciente, ela o procuraria, atraída pela mesma necessidade que o invadia

constantemente.

Assim, durante o almoço, Korum manteve um controle rígido sobre si mesmo, sem nem mesmo tocar em Mia para que não jogasse as boas intenções pela janela. Ele contou mais sobre os nanócitos no corpo dela e mostrou algumas das capacidades da tecnologia dos krinars, criando uma xícara de prata usando os nanócitos e dissolvendo-a da mesma forma. Ele também explicou sobre o estágio dela e como Mia já começara a contribuir para a sociedade dos krinars. Korum ficou feliz ao ver como os olhos dela brilharam empolgados com isso.

Mais perto do fim, quando estavam terminando a sobremesa, que consistia em manga fresca com molho de pistache, Korum notou que Mia parecia um pouco

nervosa, como se algo não lhe saísse da cabeça. Incapaz de resistir por mais tempo, ele estendeu o braço sobre a mesa e pegou a mão dela, massageando-lhe a palma de leve com o polegar.

— Há alguma coisa que gostaria de perguntar? — disse ele, sorrindo e observando-a quando seu rosto ficou vermelho.

— Ahm, talvez... — O vermelho ficou ainda mais intenso. — Está bem, você provavelmente rirá de mim, mas preciso saber... — Ela engoliu em seco.

— Há alguma verdade nos rumores de que vocês bebem sangue?

Ao ouvir a pergunta inocentemente provocante, Korum quase gemeu, sentindo a ereção instantaneamente chegar ao ponto de provocar dor. Ela não sabia, claro, que o sangue humano e o prazer sexual eram inseparáveis na mente de um krinar moderno e que levantar um tópico como aquele era o equivalente a convidar um krinar para uma trepada. Até mesmo o ato sexual mais incrível não era nada em comparação ao êxtase da combinação com beber sangue.

— Há uma certa verdade neles — respondeu Korum cuidadosamente, contente por ela não conseguir ver o pênis inchado. — Era necessário para nossa sobrevivência no passado, mas não é mais. — Tentando reprimir a necessidade urgente que tinha de possuí-la, ele contou a história complicada da evolução dos krinars e da criação da raça humana.

— Então, agora, vocês bebem sangue por prazer? — perguntou Mia, encarando-o com uma expressão chocada e intrigada no rosto.

— Sim. — Korum torceu para que ela mudasse de assunto antes que perdesse o controle.

Mas ela não mudou. Em vez disso, olhou para ele, com o rosto corado e os olhos brilhando com curiosidade e algo mais. — Você... — ela parou para

umedecer os lábios. — Você alguma vez bebeu o meu sangue?

Korum se sentiu prestes a explodir. Algo do que sentia provavelmente transpareceu em seu rosto, pois ela engoliu em seco nervosamente e puxou a mão que ele segurava. *Garota esperta.*

Houve um momento constrangedor e ela perguntou hesitante: — Por que seus olhos fazem isso? Ficam mais dourados... É uma coisa dos krinars?

Korum respirou fundo para se acalmar. Quando estava razoavelmente seguro de que não saltaria sobre ela, respondeu: — Não, é só uma coisa genética. É mais comum entre as pessoas da minha região em Krina. Minha mãe tem isso. Meu avô também tinha.

— Seu avô?

Korum assentiu. — Ele foi morto em uma luta quando minha mãe tinha a minha idade.

— E o que aconteceu com sua avô? E seus outros avós?

— Minha avó, pelo lado da minha mãe, morreu em um acidente quando estava explorando um dos asteroides em um sistema solar vizinho. Alguns até acham que foi suicídio, pois meu avô morrera apenas alguns anos antes. Os pais do meu pai dissolveram a união deles logo depois que ele nasceu, um dos poucos casais que fizeram isso depois de ter filhos. Pelo jeito, minha avó queria acabar com o relacionamento, mas meu avô não. E ele acabou em um desafio na Arena com o homem que ela tomou como amante. Meu avô não sobreviveu e ela tirou a própria vida logo depois, acho que por se sentir culpada demais para continuar vivendo. Não foi uma história feliz.

Os olhos dela se encheram de pena. — Ah, eu lamento muito...

— Está tudo bem, querida. Aconteceu antes de eu nascer. É uma pena, mas a morte é uma tragédia que acontece com todos em algum momento. Os humanos talvez nos vejam como imortais porque não envelhecemos, mas ainda somos seres vivos e ainda podemos ser mortos, não importa o quanto nossa tecnologia seja avançada nem a rapidez com que saramos. É por isso que os Anciãos são tão reverenciados em nossa sociedade, porque é quase impossível viver tanto tempo sem que aconteça um acidente fatal.

— Você falou desses Anciãos antes. — Mia estava claramente fascinada.

— Quem são eles? Eles governam Krina?

— Não. — Korum balançou a cabeça negativamente. — Eles não governam no

sentido de estarem envolvidos em política ou coisa parecida. É

para isso que serve o Conselho, para lidar com as questões do dia a dia. Os Anciãos fornecem orientação e definem o direcionamento de nossa espécie

como um todo.

— Ah, entendi. — Ela ficou pensativa por um segundo. — E que idade eles têm?

— Acredito que o mais jovem deles tenha pouco mais de um milhão de anos da Terra — respondeu Korum, sorrindo ao ver o olhar maravilhado no rosto dela. — E o mais velho tem algo em torno de dez milhões de anos.

Ela o encarou. — Uau...

— Uau mesmo — concordou Korum, contente com a reação dela.

QUANDO FINALMENTE TERMINARAM DE ALMOÇAR, os dois deram um longo passeio pela praia e conversaram mais um pouco. Korum segurou a mão dela enquanto andavam devagar pela areia, adorando sentir os pequenos dedos apertando sua mão de forma tão confiante.

Inicialmente, ele ficara preocupado que a perda de memória dela recuasse o relacionamento deles em meses, que ela teria medo dele novamente. Em vez disso, parecia que uma parte dela ainda o conhecia, talvez até mesmo ainda o amasse. A calma dela em aceitar a situação foi surpreendente e encorajadora, particularmente porque não havia garantia alguma de que conseguiriam reverter o dano que Saret causara.

Depois da reunião do Conselho, Korum visitara Ellet, torcendo para que a especialista em biologia humana tivesse feito algum progresso sobre uma solução. Apesar de o cérebro humano não ser sua especialidade, Korum esperara que ela pudesse descobrir alguma pesquisa sendo feita naquele sentido. Para seu enorme desapontamento, Ellet não descobrira nada, apesar de ter entrado em contato com dezenas de cientistas krinars nos dois planetas.

Ela também conversara com todos os especialistas em mente nos outros Centros. Até onde sabia, não havia como desfazer um apagamento da memória do tipo que Saret usara.

— O que fez você decidir vir para a Terra? — perguntou Mia quando pararam para se sentar em duas pedras grandes. Em frente a eles, um pequeno estuário fluía para o oceano, servindo como obstáculo para a passagem, mas criando uma vista muito bonita. — Eu sei que me contou como vocês plantaram a vida aqui e basicamente criaram os humanos. Mas por que vir para cá e viver ao nosso lado? Pelo que me disse, Krina parece um lugar muito bom para viver. Por que quis deixar seu planeta?

— Nosso sol é uma estrela mais antiga — explicou Korum, repetindo o

que já lhe dissera antes. — Ele morrerá em cerca de cem milhões de anos.

Naquele ponto, precisaremos de outro lugar para viver e a Terra nos atrai, por motivos óbvios.

Ela franziu a testa de uma forma que ele achou muito encantadora. — Mas está tão longe... Por que vieram agora? Por que não esperaram mais noventa milhões de anos ou algo assim?

Korum suspirou, lembrando da última discussão que tiveram sobre o assunto. — Porque a sua espécie estava tornando-se muito destrutiva para o meio ambiente, querida. Queríamos garantir que teríamos um planeta habitável quando necessário. — Pelo menos, aquela era a história oficial. A explicação completa era muito mais complicada e não era algo que estivesse pronto a contar a Mia ainda.

Ela franziu a testa um pouco mais. Obviamente, não gostara de ouvir aquilo, mas a caerle tinha a tendência a ficar na defensiva quando ele criticava sua espécie. Não podia culpá-la por isso. Ela era leal ao povo dela como ele era fiel ao seu.

— Então, quando a sua estrela começar a morrer, todos os krinars virão para a Terra? — perguntou ela, estreitando os olhos ligeiramente.

— Provavelmente sim — respondeu Korum. Na realidade, ele esperava que isso não acontecesse, mas não podia dizer isso a ela ainda.

— E o que aconteceria conosco? Quero dizer, com os humanos. Vocês realmente pretendem viver conosco, lado a lado? O planeta não ficaria cheio demais?

Korum hesitou por um momento. Ela estava fazendo todas as perguntas certas e

ele não queria mentir, mas ainda não podia contar a verdade. A última coisa de que precisavam era que rumores se espalhassem e fizessem com que os humanos entrassem em pânico novamente.

— Não necessariamente — desconversou ele. — Além do mais, não precisaremos nos preocupar com isso por um tempo muito longo.

Ela o encarou, obviamente tentando decidir o quanto poderia confiar nele.

Korum quase conseguia ver as engrenagens girando em sua cabeça. Ele adorava aquilo nela, aquela curiosidade aberta sobre tudo, a forma lógica como sua mente processava as informações. Ela eram jovem e ingênua, mas também muito inteligente. Ele não tinha dúvidas de que, um dia, deixaria a própria marca na sociedade.

Mas, por enquanto, Korum precisava distraí-la daquela linha particular de perguntas. Sorrindo, ele estendeu a mão e afastou um cacho de cabelos de seu

rosto. — E o que está achando de Lenkarda até agora? Está começando a se sentir mais confortável ou ainda é tudo muito estranho para você?

Ela sorriu de leve. — Não sei, sinceramente. Não é tão estranho quanto deveria. Não lembro de nada aqui, mas é como se eu conhecesse o lugar de alguma forma. E é a mesma coisa com você...

— Sou tão familiar para você como os móveis? — brincou Korum, observando o sorriso dela se transformar em uma risada.

— Você é... — Ela riu de novo. — Não entendo como isso tudo funciona, mas você não é tão assustador como deveria. Nada disso é, por algum motivo.

Korum sentiu o peito inchar com algo muito parecido com felicidade. —

Isso é ótimo, querida — disse ele, acariciando-lhe a pele macia do rosto. —

Você não deve ter medo de mim. Eu nunca a machucaria. Você é tudo para mim. Você é o meu mundo. Prefiro morrer a machucar você. Acredite em mim, não há motivo algum para ter medo...

Enquanto falava, ele percebeu o sorriso dela sumir e uma expressão

estranhamente vulnerável o substituir. — Você... — Ela engoliu em seco. —

Você me ama?

— Amo — respondeu Korum sem hesitação. — Amo mais do que qualquer pessoa que já conheci.

— Mas por quê? — Ela parecia genuinamente confusa. — Sou só uma humana comum e você é... — Ela parou, ficando com o rosto corado novamente.

— Sou o quê? — perguntou Korum, querendo ver o rosto dela mais corado. Ele não sabia por que achava aquilo tão atraente, mas nunca deixava de ficar excitado. Por outro lado, ela o deixava excitado simplesmente ao respirar, portanto, não era surpresa que achasse aquelas bochechas rosadas tão irresistíveis.

O rosto dela ficou ainda mais vermelho. — Você é um K maravilhoso que está aqui desde o início dos tempos — disse ela baixinho. — O que você vê em mim?

Korum sorriu, balançando a cabeça. Aquela garota nunca entendera o apelo que tinha, nunca percebera como era tentadora para os machos das duas espécies. Tudo nela, dos cachos macios à cremosidade da pele, pareciam ser feitos para o toque de um homem. Ela podia não ser uma beleza clássica, mas, da própria forma delicada, era muito bonita com os olhos azuis grandes e os cabelos escuros.

Em retrospectiva, ele devia ter sabido que não poderia deixá-la trabalhar

tão perto de outro macho livre. Korum não podia culpar Saret por querê-la, por desejar algo com que ele mesmo estava tão obcecado. Ele queria destruir o ex-amigo pelo que fizera, mas entendia, pelo menos parcialmente, os motivos de Saret. Se os papéis tivessem sido invertidos e Mia fosse a caerle de outro homem, Korum não sabia até onde teria ido para tê-la, quantos tabus teria quebrado na missão de possuí-la.

Obviamente, o apelo físico dela agora era apenas uma parte disso.

Estendendo o braço, Korum pegou a mão dela novamente. — Vejo em você a mulher que eu amo — disse ele, sem nem tentar esconder a profundidade das emoções. — Vejo uma garota bela e inteligente, que é doce e brava, e tem a

coragem de suas convicções. Vejo alguém que faria qualquer coisa pelas pessoas que ama, que iria até o fim do mundo para proteger quem lhe é caro.

Vejo uma pessoa sem a qual não consigo viver, alguém que ilumina cada momento da minha existência e que me faz mais feliz do que jamais fui.

Mia respirou fundo com os olhos cheios de lágrimas. — Ai, Korum... —

Os dedos finos estremeceram na mão dele. — Korum, nem sei o que dizer...

— Você não precisa dizer nada — interrompeu ele, ignorando a dor da rejeição inadvertida dela. — Eu sei que ainda sou um estranho para você. Não espero que sinta por mim a mesma coisa que antes. Pelo menos, ainda não...

Ela assentiu e uma lágrima solitária correu pelo seu rosto. — Odeio isto

— confessou ela, perdendo a voz por um segundo. — Odeio que uma parte tão grande da minha vida tenha desaparecido, que perdi tudo o que nos trouxe até este ponto. Preciso de você, mas não o conheço e isto está me deixando louca.

Eu também amava você, não é? Mesmo com tudo o que aconteceu entre nós, ainda estávamos apaixonados, certo?

— Sim — disse Korum, apertando a mão dela de leve. — Sim, estávamos muito apaixonados, minha querida. — E, incapaz de resistir por mais tempo, ele passou gentilmente o braço em volta dela e puxou-a para perto. Ela enterrou o rosto no ombro dele e Korum sentiu as lágrimas dela na pele nua. O

doce aroma dos cabelos de Mia provocaram suas narinas e a proximidade fez com que ele tivesse outra ereção.

Não seja tão animal, ela precisa de conforto agora, disse Korum a si mesmo. E, ignorando o desejo que percorria seu corpo, ele deixou que Mia chorasse, sabendo que ela precisava daquela liberação emocional.

Depois de um minuto, ela se afastou, encarando-o por entre os cílios molhados. — Eu sinto muito — sussurrou ela —, não queria chorar desse jeito e molhar você...

Korum sorriu, limpando as lágrimas do rosto dela com a mão. — Você pode me

molhar com lágrimas sempre que quiser. — As lágrimas de Mia eram tão preciosas para ele quanto seus sorrisos. Ele detestava vê-la triste, mas gostava de ter o corpo esguio nos braços, gostava de ser aquele que a confortava, que fazia com que sua dor desaparecesse.

Mesmo que, com frequência, ele mesmo fosse a causa da dor.

ELES PASSARAM O restante do dia juntos na praia. Korum explicou pacientemente tudo que Mia soubera antes e esquecera sobre os krinar. Contou a ela sobre o vício de sangue e os xenos, a Celebração dos Quarenta e Sete e a importância da posição de uma pessoa na sociedade dos krinars. Ela ouviu com atenção, fazendo perguntas às quais Korum respondeu com prazer, sabendo como Mia precisava reaprender tudo.

— Então, vocês têm o conceito de dinheiro? Como a sua economia funciona? — Os olhos dela brilhavam curiosos enquanto continuavam a conversa durante o jantar.

— Sim, certamente temos o conceito de dinheiro. — Korum fez uma pausa para comer um pouco do macarrão com molho de amendoim. — Trabalhamos e somos pagos pelas contribuições que fazemos à sociedade. Quanto maior a contribuição, maior o pagamento, independentemente da área. No entanto, a riqueza não é tão importante para nós como é para os humanos. Nossa economia não é puramente capitalista nem administrada pelo governo, é uma mistura das duas coisas. Na maior parte, todos têm as necessidades básicas atendidas. Não existem pessoas sem teto nem fome em Krina. Até mesmo o krinar mais preguiçoso vive muito bem pelos padrões humanos. Mas, para ter qualquer coisa além de comida, abrigo e necessidades diárias, é preciso fazer algo produtivo na vida. É preciso contribuir para a sociedade de alguma forma.

Ela pareceu muito interessada e Korum continuou a explicação. — Mas recompensas financeiras são apenas uma parte do motivo pelo qual as pessoas trabalham. A principal motivação é a necessidade de ser respeitado, de ser reconhecido pelas conquistas. Poucos krinars preferem passar a vida sendo menosprezados. Veja bem, para nós, ter uma posição baixa é quase como ser um pária. Alguém que nunca fez nada de útil na vida será, no fim das contas, tratado com desprezo pelos outros. Ter uma posição alta é muito mais

importante do que ser rico, apesar de as duas coisas geralmente andarem lado a

lado.

— Então, krinars ricos têm uma posição alta e vice-versa?

— Não necessariamente. Uma pessoa pode ser rica por causa de uma herança ou da família, mas isso não significa que ela terá uma alta posição.

Rafor, o filho de Loris, é um exemplo disso. O pai dele lhe deu toda a riqueza de que poderia precisar, mas não podia lhe dar uma boa posição. Isso só pode ser conseguido, ou perdido, pelos esforços da própria pessoa.

Mia pareceu confusa. — Espere um pouco. Como alguém perde a posição com os próprios esforços?

— Há várias formas — respondeu Korum. — Cometer um crime é uma forma óbvia. Fazer algo desonrado também, como trair o parceiro. Também é possível perder a posição se não conseguir fazer algo importante. Por exemplo, Loris correu esse risco ao assumir a função de Protetor para o filho e os Kapas. Quando forem julgados culpados, a posição dele será muito mais baixa e ele não participará mais do Conselho. Foi por isso que ele me desafiou para a Arena hoje, pois tem muito pouco a perder a essas alturas.

Ela arregalou os olhos com surpresa. — O que quer dizer com ele desafiou você?

Korum hesitou. Talvez não devesse ter mencionado aquilo para Mia ainda, mas era tarde demais. — Lembra-se de que falei sobre a Arena mais cedo? —

perguntou ele.

— Você disse que era uma forma de resolver diferenças irreconciliáveis...

— Ela franziu a testa de leve.

— Sim — confirmou Korum. — Isso mesmo. E é isso que eu e Loris temos, uma diferença de opinião irreconciliável. Acho que o filho dele é um idiota traidor e ele discorda.

— Então, ele desafiou você para uma luta? Mas achei que você tinha dito que as lutas são perigosas...

— E são. — Korum sorriu com a empolgação familiar que percorreu-lhe as veias. Ele precisava disso algumas vezes, do perigo, da adrenalina, do desafio físico de subjugar um adversário. Apesar de gostar de lutar em partidas de defrebs, estava sempre ciente de que era apenas um jogo e que todos iriam embora com nada além de alguns arranhões. Não havia tal garantia na Arena, o que fazia com que fosse tão empolgante.

— E você pode morrer nessa luta? — Os olhos de Mia começaram a se encher de lágrimas e Korum percebeu que ela achava a ideia um tanto

perturbadora. Ele não deveria ter levantado o assunto ainda.

— Há uma pequena chance disso — respondeu ele com cuidado, sem querer deixá-la ainda mais chateada. — Apesar de matar ser tecnicamente ilegal, é normalmente perdoado se acontece no calor de uma batalha na Arena.

Mas você não precisa se preocupar, querida. Posso cuidar de mim mesmo.

Ela não pareceu convencida. — Você disse que ele o odeia. — A voz dela estava um pouco trêmula. — Ele não tentará matar você?

— Ele pode tentar, é claro — respondeu Korum. — Mas não vou deixar que faça isso. Você não tem nada com o que se preocupar...

— Ele não é um bom lutador?

— Ele é — admitiu Korum. — Pelo menos, era. Não sei qual é o nível de habilidade que ele tem hoje em dia.

— Não vá — disse ela, estendendo a mão para pegar a dele. — Por favor, Korum, não vá para essa luta...

— Mia... — Ele suspirou, cobrindo a mão dela com a sua. — Escute, querida, depois que um desafio é lançado, não há como voltar atrás. Não posso desistir da luta, nem Loris. Estamos comprometidos, você entende?

— Não — disse ela em tom teimoso. — Não entendo. Não quero que arrisque a sua vida dessa forma...

— Não é um risco tão grande quanto você pensa — retrucou ele. —

Quando ele me atacou hoje, precisei de dez segundos para chegar à garganta dele. Se tivesse sido uma luta na Arena, ele teria sido declarado perdedor naquele momento. — Era igualmente provável que Loris tivesse morrido, mas Korum não quis dizer aquilo a Mia. Humanas e violência não eram uma combinação muito boa, especialmente quando a mulher em questão era uma jovem na situação dela.

— Quando essa luta acontecerá? — Ela ainda parecia chateada.

Korum suspirou. Ele estava realmente arrependido de ter tocado no assunto. — Depois de amanhã — respondeu ele. — Ao meio-dia.

CAPÍTULO ONZE

M ia estava no aposento circular que funcionava como chuveiro, deixando que os jatos de água massageassem cada centímetro do corpo. Sob circunstâncias normais, ela teria adorado tomar banho em uma casa alienígena. Como tudo o mais na casa, o chuveiro era inteligente, ajustando-se automaticamente às necessidades dela. Só o que Mia precisava fazer era ficar parada e deixar que a tecnologia incrível lavasse, esfregasse e massageasse seu corpo. Era algo incrivelmente relaxante. Ou teria sido se ela conseguisse desligar o cérebro e não pensar no que Korum lhe contara durante o jantar.

Ele parecia não dar importância ao perigo que correria na luta, mas Mia não conseguia fazer o mesmo. Quando ele mencionara o desafio de Loris, ela sentira o sangue gelar, com imagens de corpos desmembrados passando pela mente. E se alguma coisa acontecesse a Korum? Ele não era realmente imortal e poderia ser morto, como acontecera com o avô.

A ideia de Korum morto era insuportável, inimaginável. Não importava que Mia só o conhecesse, ou que se lembrasse de conhecê-lo, havia apenas um dia.

Aquele dia fora o melhor de sua vida consciente.

Passar algum tempo com Korum fora algo incrível. Ela nunca tivera aquele tipo de conexão com ninguém, nunca se sentira tão magicamente viva na presença de outro homem. Fora algo muito além do desejo sexual, da simples necessidade física. Era como se cada parte dela quisesse estar com ele, mergulhar em sua essência. Ela o queria com um desespero que não fazia sentido, com uma paixão que tinha uma intensidade quase assustadora.

Em algum lugar da mente, Mia sabia que estava agindo de forma

irracional, completamente fora de si. Uma pessoa normal naquele tipo de situação pediria a Korum que a levasse para casa, de volta a Nova Iorque ou à Flórida, onde poderia se acostumar com a perda de memória e gradualmente voltar à vida que tinha. Ela não deveria se prender a um extraterrestre, não deveria se sentir tão calma sobre morar na casa dele, separada de tudo e de todos de quem se lembrava.

Ainda assim, ela não queria pedir isso a ele, não queria pensar em deixá-

lo nem por um momento. Mia não tinha dúvidas de que os colegas do curso de psicologia achariam o máximo analisar suas estranhas reações, da facilidade com que aceitara o impossível para justificar a dependência nada saudável de um homem que conhecia havia muito pouco tempo. Mas ela não se importava.

Só o que sabia era que precisava de Korum e que ele parecia precisar dela também.

O ex-chefe dela, Saret, soubera que seria assim? Percebera que apagar uma parte da memória dela não destruiria o que a ligava a Korum? De alguma forma, Mia duvidava disso. Se o que Korum lhe contara sobre as intenções de Saret fosse verdade, o especialista em mente ficaria desagradavelmente surpreso com a ligação continuada entre eles e com a falta de interesse dela por ele.

Quando terminou o banho, Mia saiu do cubículo circular, deixando que a água escorresse sobre a estranha substância parecida com uma esponja no chão, que continuava a massagear-lhe os pés. Korum explicara que ela só precisava ficar parada lá e deixar que a tecnologia cuidasse de toda a rotina do banho e Mia seguiu suas orientações.

Como ele dissera, jatos quentes de ar rapidamente a secaram, enquanto um pequeno tornado pareceu envolver a área em volta de sua cabeça, secando cada cacho de cabelos e enchendo-lhe a boca com o gosto de algo limpo e refrescante. Quando o processo terminou, Mia estava completamente seca, com os cachos definidos de forma perfeita, como se tivesse acabado de sair de um salão de beleza.

Que legal.

A única coisa que ela precisou fazer foi vestir um roupão felpudo que Korum lhe dera mais cedo. Mia se olhou no espelho que cobria uma das paredes, notando o brilho nos olhos e o rosto corado. Seu coração bateu mais depressa e ela sentiu um frio no estômago.

Se havia até mesmo uma pequena chance de perder Korum em dois dias, cada momento que passassem juntos até lá seria precioso. E, apesar de a ideia

a deixar extremamente nervosa, Mia queria conhecer o amante totalmente, viver com ele novamente tudo o que esquecera.

Queria que Korum a levasse para a cama.

KORUM ESTAVA SENTADO na beirada da cama, esperando que Mia terminasse o banho. Ele já tomara banho, usando a mão para se livrar do desejo que mantivera a ereção presente o dia inteiro.

Passar tanto tempo com ela, tocá-la e sentir seu cheiro quase o deixaram maluco. Sob circunstâncias normais, eles teriam feito sexo algumas vezes na praia ou depois de voltarem para casa. Em vez disso, ele precisara se contentar com alguns toques e carícias leves que só aumentaram seu desejo, fazendo com que a pele ardesse e o pênis enrijecesse. Se ele não tivesse se masturbado no banho, ela correria um sério risco de ser atacada naquela noite.

Korum ainda se sentia inquieto e pretendia liberar um pouco da energia excessiva em uma sessão de defrebs cedo na manhã seguinte que, na verdade, era noite para os humanos, entre três e quatro horas da manhã.

Já passava de onze horas da noite, que era o horário normal em que Mia dormia. Korum não estava nem um pouco cansado, mas queria colocá-la na cama e abraçá-la até que dormisse, mesmo que isso o torturasse ainda mais.

Era importante que ela começasse a se acostumar com ele, que se sentisse confortável com seu toque... porque Korum não sabia quanto tempo mais sobreviveria sem possuí-la.

Para se distrair, ele olhou para a palma da mão, enviando uma consulta mental para verificar o progresso da busca por Saret. Os guardiães tinham encontrado rastros da presença dele na Alemanha, mas o perderam. No entanto, ele estava em movimento fora das vistas dos satélites dos krinars e outros dispositivos de

espionagem, algo que Korum relutantemente admirou, apesar de ficar enfurecido ao pensar em Saret à solta.

— O que você está fazendo? — A pergunta suave de Mia tirou a concentração dele na busca.

Olhando para cima, Korum sorriu ao vê-la parada lá, com os pés pequenos descalços e o roupão em volta do corpo esguio. As mãos dela estavam entrelaçadas em um gesto que denunciava seu nervosismo. — Só estou conferindo algumas coisas — respondeu ele. — Como foi o banho? Gostou?

Ela umedeceu os lábios, atraindo a atenção dele para sua boca. — Foi

incrível — disse ela. — Como tudo o mais aqui.

— Ótimo — disse Korum, observando-a atentamente. Ela estava com medo de estar com ele perto de uma cama? Em tom mais gentil, ele continuou:

— Vamos dormir, querida. Você teve um longo dia e deve estar muito cansada.

Ela assentiu indecisa e aproximou-se dele. Seus movimentos tinham uma sensualidade inconsciente que era tão parte dela quanto os belos cachos.

Korum mudou de posição e ergueu o joelho um pouco, tentando esconder a ereção que a calça mostrava.

Quando chegou a menos de um metro dele, ela parou. Korum ouviu o coração dela batendo rapidamente. Um aroma quente e feminino atingiu suas narinas, deixando sua virilha ainda mais ardente.

Ela não estava com medo, percebeu Korum. Estava excitada.

MAL OUSANDO RESPIRAR, ele pegou a mão dela, puxando-a para mais perto até que estivesse sentada a seu lado na cama. Quando fez isso, ele ouviu o coração dela dar um salto e viu uma mistura de apreensão e excitação em seu rosto.

— Mia — perguntou ele baixinho —, tem certeza?

Ela assentiu com a boca trêmula. — Sim — sussurrou ela. — Tenho certeza...

O corpo dele reagiu às palavras dela com uma intensidade dolorosa. O

pênis enrijeceu mais ainda e os testículos se contraíram. Mas, quando ele se inclinou para beijá-la, manteve os lábios gentis, como deveria ser na primeira vez dela.

Ela também o procurara na outra primeira vez, mas fizera aquilo como um desafio, como uma forma de afirmar sua independência e provocá-lo de uma forma pequena. Ele não se importara com isso, sentindo-se feliz simplesmente por tê-la lá, em seu apartamento, em sua cama. E, na pressa em possuí-la, ele a desvirginara com todo o cuidado de um animal em disparada.

Aquela era sua chance de compensar aquilo. Ela era virgem novamente, se não em corpo, pelo menos na mente. E Korum estava determinado a garantir que não haveria dor alguma naquela noite, apenas prazer.

Ele a beijou de forma suave, usando apenas os lábios no início, acariciando-lhe os cabelos e as costas com movimentos leves. O gosto dela era doce e fresco, o perfume familiar e provocante. Ela ergueu as mãos pequenas e colocou-as na nuca de Korum, enterrando os dedos em seus

cabelos e lançando arrepios de prazer por sua espinha. Sem querer aprofundar o beijo, Korum moveu os lábios para a bochecha dela e para a parte debaixo do maxilar, tocando na pele sensível.

Ela gemeu, afastando a cabeça para trás e expondo a garganta pálida para a boca de Korum. Ele beijou seu pescoço, lutando contra a tentação de beber o sangue de Mia. Ele faria isso, mas não naquele dia, não naquela primeira vez.

Com cuidado para não assustá-la, ele puxou o roupão, abrindo-o enquanto continuava a beijá-la, com a boca descendo devagar.

O corpo dela era lindo, esguio e com as curvas nos lugares certos. A pele era macia e convidativa. Korum correu a mão lentamente pelos seios e o abdômen de Mia, maravilhado com a delicadeza de seu corpo. A palma da mão dele quase cobria seu peito inteiro e a pele escura contrastava com a perfeição pálida dela.

Ele viu uma veia pulsando rapidamente no lado do pescoço dela, ouviu a respiração pesada e soube que Mia estava ansiosa e excitada. Erguendo o rosto, Korum viu que ela o encarava com o rosto vermelho e os lábios ligeiramente

abertos.

— Eu amo você, Mia — murmurou ele, erguendo a mão para afastar um cacho de cabelos do rosto dela. — Você sabe disso, não é?

Ela assentiu de forma tímida, ainda observando-o com os olhos azuis imensos. Aqueles olhos faziam com que ele tivesse vontade de matar dragões para agradá-la e destruir qualquer um que ousava feri-la.

— Não tenha medo, minha querida — disse ele, passando um braço sob os joelhos dela e o outro por suas costas. Erguendo-a, ele a colocou cuidadosamente no meio da cama. — Farei com que seja bom para você, prometo... — Recuando por um segundo, Korum tirou a camiseta e a bermuda, deixando o pênis livre.

Antes que ela tivesse a oportunidade de fazer mais do que lhe lançar um olhar apreensivo, Korum se deitou por cima dela, beijando-lhe o pescoço e o ombro novamente até que Mia soltasse um gemido baixinho. Em seguida, ele começou lentamente a descer pelo corpo dela, ignorando o latejar insistente do pênis. Havia alguns momentos em que ele a possuiria de forma dura e rápida, mas aquele não seria um deles. Aquela noite era dela.

Segurando o globo redondo do seio de Mia, ele ficou maravilhado pela sua firmeza e como o mamilo ficou rígido contra a palma de sua mão. Os seios dela não eram grandes, mas eram perfeitos, do tamanho certo para o corpo pequeno. Abaixando a cabeça, ele passou a língua sobre o mamilo e envolveu-

o com a boca.

Ela gemeu novamente, arqueando o corpo na direção dele. Korum repetiu o gesto no outro seio, adorando a forma como os mamilos estavam rosados e brilhantes.

Em seguida, ele beijou a pele macia do abdômen de Mia, lambendo o umbigo e sentindo os músculos dela ficarem tensos enquanto a boca continuava a descer. Ela tinha as pernas fechadas e Korum empurrou-lhe as coxas para os lados, ignorando a respiração abrupta dela enquanto admirava as dobras úmidas e o triângulo escuro de pelos logo acima. Como o restante de Mia, a boceta era pequena e delicada, além de ter o gosto mais doce que ele já sentira.

Abaixando a cabeça, Korum inspirou o aroma inebriante dela e gentilmente

lambeu a área em volta do clitóris, provocando-a e fazendo com que a excitação lentamente se acumulasse. Enquanto continuava, ele a ouviu arquejar cada vez que a língua se aproximava do ponto sensível, sentindo como ela erguia os quadris para chegar mais perto de sua boca. Ele sabia que ela estava muito perto de gozar, mas ainda não estava pronto para que a deixasse fazer isso. Ainda não.

Movendo a mão, ele usou o dedo indicador para penetrá-la lentamente, deslizando-o

para

dentro

do

canal

escorregadio,

preparando-a

cuidadosamente. Ela era tão apertada, até mesmo para o dedo dele, e Korum reprimiu um gemido torturado quando o pênis se contraiu dolorosamente contra o lençol.

Ela gritou quando o dedo dele foi mais fundo, encostando no ponto sensível que sempre a deixava louca, e Korum a sentiu pulsar quando gozou.

Incapaz de esperar mais tempo, ele ergueu o corpo para ficar sobre ela, mantendo-lhe as coxas abertas com o joelho. Apoiando-se no cotovelo, ele usou a outra mão para se direcionar até a pequena abertura, deixando que a cabeça do pênis deslizasse par dentro dela e fazendo uma pausa para que ela se ajustasse a seu tamanho.

Com a penetração, ela respirou fundo e agarrou os ombros dele, olhando em seus olhos. Com o corpo inteiro tenso pelo controle rígido que exercia sobre si mesmo, Korum começou a penetrá-la mais fundo, de forma gradual e lenta para não machucá-la. O suor brotou em todo seu corpo e a respiração dele ficou mais irregular e pesada. Ela era quente, molhada e apertada, fazendo com que Korum se sentisse prestes a explodir.

Usando toda a força de vontade, ele parou de se mexer ao penetrá-la

completamente, deixando que ela se acostumasse com a sensação. — Você está bem? — perguntou ele em um sussurro rouco, olhando para Mia.

Ela passou a língua pelos lábios. — Sim.

— Ótimo — respondeu ele. Korum não sabia se teria conseguido parar mesmo que ela dissesse que não. Estava a segundos do orgasmo, sentindo arrepios pela espinha com a tensão familiar antes de gozar.

Mas ele ainda não queria gozar, não até que tivesse a oportunidade de lhe dar prazer mais uma vez. Korum colocou a mão direita entre os dois corpos, encontrando o lugar onde estavam reunidos, e estimulou de leve o clitóris com os dedos. Ao mesmo tempo, começou a se mover dentro dela.

Ela gemeu novamente, apertando os dedos nos ombros dele e enterrando as unhas afiadas em sua pele. Korum sentiu o calor que subia do corpo dela, ouviu sua respiração mudar e soube que ela estava prestes a gozar. Finalmente deixando de se conter, ele começou a investir cada vez mais depressa, com cada músculo no corpo estremecendo com a intensidade das sensações.

Subitamente, ela gritou e seus músculos internos se contraíram em volta dele.

Korum explodiu com um grito, lançando sua semente em jatos no ventre de Mia.

Quando terminou, Korum saiu de cima de Mia e deitou-se de costas, puxando-a para cima de seu peito. Os dois respiravam pesadamente, com o corpo exausto e coberto de suor.

Korum sabia que deveria dizer alguma coisa, mas não parecia conseguir organizar os pensamentos. Havia sexo e havia o que ele tinha com Mia. Ele nunca imaginara que poderia querer tanto uma mulher, que conseguiria ter tanto prazer com o ato simples de trepar.

Ele não era um homem inexperiente, longe disso. Nos séculos de existência, ele participara de atos sexuais de todo tipo. Não havia estigmas associados com comportamento promíscuo na sociedade dos krinars e indivíduos sem parceiros eram encorajados a experimentar o que tivessem vontade.

Ainda assim, Korum não se lembrava de ter sentido o tipo de satisfação profunda que tinha com Mia. Ele sempre se perguntara como indivíduos que tinham uma parceira ou uma caerle permaneciam fiéis durante a vida toda. A ideia de não ter variedade era algo que parecia estranho e nada natural para ele. Desde que conhecera Mia, no entanto, não conseguia imaginar estar com outra mulher. Ela era tudo o que ele queria, todas as vezes, o tempo todo.

Finalmente a respiração dele ficou mais calma e Korum olhou para a

cabeça deitada em seu peito. Sentindo-se feliz, ele acariciou os cabelos dela, sorrindo ao ouvir um bocejo baixinho.

— Quer tomar um banho rápido antes de dormir? — murmurou ele, ainda sorrindo quando ela virou a cabeça para encará-lo.

Mia lhe lançou um olhar deliciosamente sonolento e bocejou novamente.

— Claro, seria ótimo...

Rindo baixinho, Korum passou os braços em volta dela e levantou-se, levando-a até o chuveiro. Ainda segurando-a, ele entrou e enviou um comando mental rápido para os controles da água. Dois minutos depois, eles estavam limpos e secos. Korum a carregou de volta para a cama, gostando da forma cheia de confiança com que ela se segurou nele o tempo inteiro.

Colocando-a na cama, ele se deitou ao lado dela e puxou-a para seus braços, encostando-se nela. Extremamente relaxado, ele fechou os olhos e pegou no sono, embalado pelo som da respiração regular dela.

CAPÍTULO DOZE

A cordando lentamente na manhã seguinte, Mia se espreguiçou e sorriu, lembrando-se da noite anterior. A experiência fora inacreditável, como algo que só poderia ser um sonho. O sexo era sempre assim? Ou apenas sexo com Korum?

Depois daquela primeira vez, ele a possuíra em algum momento durante a noite, acordando-a ao penetrá-la. Por algum motivo, ela já estava molhada e chegara ao orgasmo em questão de minutos, algo que imaginara que seria difícil, considerando como estava satisfeita depois do ato sexual mais cedo.

Mas, pelo jeito, ela era tão insaciável quanto o amante alienígena.

Sorrindo como o gato de Alice no País das Maravilhas, Mia se levantou, colocou um vestido cor de pêssego e fez a rotina matinal no banheiro. Korum já saíra e ela pediu à casa que preparasse o café da manhã. Em seguida, deitou-se em uma das tábuas flutuantes que funcionava como sofá. — Alguma coisa para ler, por favor — pediu ela, rindo quando um dispositivo, parecido com um *tablet*, saiu da parede e flutuou em sua direção.

No dia anterior, quando Korum lhe contara sobre sua função no laboratório da mente, ele mencionara que ela costumava manter documentos e gravações relacionados ao trabalho naquele *tablet*. Mia estava muito curiosa, tentando imaginar como se saíra em um ambiente de trabalho dos krinars, considerando a falta de familiaridade com a tecnologia e a ciência deles. Pelo que Korum explicara, muito do conhecimento fora transferido a ela com o mesmo processo que era usado para ensinar às crianças krinars e, secretamente, Mia torcia para que tivesse retido parte dele, apesar do apagamento da memória.

Ela certamente se sentia mais confortável em Lenkarda do que esperaria e

tinha certeza de que sabia de coisas sobre o cérebro que estavam muito além do que aprendera na faculdade.

Usando um comando verbal para abrir um dos arquivos, Mia se ajeitou e começou o processo de reaprender tudo o que esquecera parcial ou totalmente.

— O CONSELHO CHEGOU A UMA DECISÃO.

As palavras de Arus se espalharam pelo aposento, grande como uma arena, onde a parte pública do julgamento acontecia. Quase todos os krinars na Terra e muitos residentes de Krina estavam lá, virtual ou pessoalmente.

Korum se inclinou para a frente, esperando para ouvir as palavras que selariam o destino dos traidores. À sua frente, ele viu Loris parado de pé, vestido todo de preto. Os punhos do Protetor estavam firmemente fechados, com as juntas quase brancas, enquanto ele se preparava para ouvir a sentença do filho.

— Rafor, Kian, Leris, Poren, Saod, Kula e Reana — disse Arus em tom claro —, o Conselho os considera culpados de conspirar com o movimento da Resistência dos humanos para atacar os Centros e colocar em perigo a vida de cinquenta mil

cidadãos. Vocês também são culpados de quebrar o mandado de não interferência ao dividir tecnologia dos krinars com esse movimento da Resistência. Além disso, Rafor, o Conselho o considera culpado de auxiliar e encorajar o indivíduo perigoso conhecido como Saret em seu plano de cometer assassinato em massa e manipular ilegalmente mentes humanas.

O Protetor ficou visivelmente pálido e os Kapas pareciam ter levado um soco na barriga. Um murmúrio percorreu a multidão, desaparecendo à medida que os espectadores ficavam em silêncio para ouvir o restante.

— A sentença para os crimes mencionados é a reabilitação completa.

Korum se recostou, ouvindo os gritos do público. Naquele momento, ele sentiu uma pena incomum por Loris, que acabara de perder o único filho.

Independentemente das diferenças que tiveram no passado, não era culpa de Loris que Rafor tivesse se transformado em um fracasso e um criminoso.

Korum não podia culpar Loris por querer defender o filho, apesar de Rafor não merecer.

No entanto, Korum não se arrependia do papel que tivera na condenação deles. Rafor e os amigos receberam exatamente o que mereciam: o apagamento quase completo de sua personalidade. Eles eram perigosos demais para

passarem por reabilitação parcial, as ações hediondas demais para serem perdoadas. Se havia uma coisa que Korum desprezava era alguém que tentasse ferir o próprio povo por ganância e poder da forma como aqueles traidores tinham feito.

O breve sentimento de pena que tivera por Loris morreu quando o Protetor se virou e lançou um olhar de ódio a Korum. O rosto de Loris não tinha cor alguma sob o tom bronzeado da pele e os olhos brilhavam com algo que parecia loucura. Era o olhar de alguém que não tinha mais nada a perder e Korum reconheceu que o adversário faria qualquer coisa que estivesse ao alcance para deixá-lo em pedaços no dia seguinte. Claro, Korum não tinha a menor intenção de deixar que aquilo acontecesse. Ele não queria matar Loris, mas faria o que fosse necessário para se defender.

Depois que os gritos da multidão pararam, os Kapas foram levados embora e

Korum se levantou, encaminhando-se para a saída. O que ele queria agora era Mia, mas ainda não poderia ir para casa.

Ele precisava falar novamente com os Anciãos para avançar o projeto e verificar a situação de sua petição sobre os pais de Mia.

— VOCÊ TEM UMA VISITA, Mia.

Assustada pela voz feminina desconhecida, Mia ergueu os olhos do *tablet*.

Pela parede transparente, ela viu uma jovem humana parada do lado de fora.

Soltando um suspiro aliviado, Mia percebeu que a voz que acabara de ouvir devia ser da casa inteligente de Korum que a avisara sobre a visita.

— É claro — disse Mia, como se conversasse com a tecnologia alienígena o tempo todo. — Pode deixá-la entrar?

— Sim, Mia. — A parede em frente à visita se dissolveu, criando uma entrada.

Levantando-se da tábua flutuante, Mia sorriu para a garota de cabelos escuros que entrou graciosamente.

— Olá — disse Mia, sabendo que provavelmente estava cumprimentando alguém que já conhecera antes.

— Olá, Mia — disse a garota com um sorriso gentil. — Eu sei que não se lembra de mim, mas sou Delia. Nós nos encontramos algumas vezes antes.

Também sou uma caerle aqui em Lenkarda.

— É um prazer encontrá-la novamente, Delia. — Mia ficou contente

porque a garota parecia saber sobre sua condição. — Peço desculpas antecipadamente por não reconhecê-la...

— Não é culpa sua — interrompeu Delia com os olhos castanhos cheios de preocupação. — Não deve pedir desculpas por uma coisa dessas. Vim para ver se você estava bem depois do que aconteceu. Deve ser tão terrível, acordar sem saber quem é nem como chegou aqui...

Mia estudou a garota, notando a beleza luminosa e discreta dela e a maturidade que cobria a juventude aparente. — Obrigada, Delia — respondeu ela. — Estou surpreendentemente bem. Não sei por quê, mas pareço estar lidando muito bem com tudo.

— E Korum?

Mia lhe lançou um olhar interrogativo. — O que tem Korum?

— Ele... — Delia hesitou um pouco. — Ele está sendo gentil com você?

— É claro. — Mia franziu a testa. — Por que não seria? Ele é meu...

cheren, certo?

Delia abriu um sorriso radiante. — É claro. Eu estava indo para as cachoeiras, onde nós nos conhecemos. Quer vir comigo? É um lugar muito bonito. Não sei se Korum já o mostrou a você...

— Não mostrou — admitiu Mia. — E eu adoraria ir com você. — Ela estava curiosa sobre aquela garota, aquela outra caerle, e esperava descobrir mais sobre Lenkarda e sua vida anterior lá.

— Ótimo — disse Delia, ainda sorrindo. — Então vamos.

A CAMINHADA ATÉ as cachoeiras levou pouco mais de vinte minutos. Enquanto andavam pela floresta, Mia perguntou a Delia sobre a história dela, querendo descobrir como ela se tornara uma caerle. Ela ouviu, chocada e fascinada, enquanto a garota grega lhe contava como conhecera Arus em uma praia do Mediterrâneo quase vinte e três séculos antes e como sua vida transcorrera desde então.

— Quando cheguei em Krina pela primeira vez, os humanos eram tratados de uma forma muito diferente da de hoje — explicou Delia. — Há dois mil anos, muitos krinars achavam que éramos pouco mais que primatas, com nossa falta de tecnologia e hábitos sociais primitivos. Uns poucos, como Arus, reconheceram que não éramos tão diferente deles, mas a maioria se recusava a pensar em nós como uma espécie igualmente inteligente. Essa atitude ainda persiste hoje até certo ponto, apesar de o ritmo rápido do progresso aqui nos

últimos dois séculos ter impressionado muitos em Krina.

— Eles achavam que éramos como macacos? — Mia franziu a testa, sem gostar de ouvir aquilo.

Delia assentiu. — Algo assim. Não posso culpá-los, na verdade. Afinal de contas, foram eles que nos criaram e transformaram no que somos hoje.

— Como eles fizeram isso? — perguntou Mia, pois havia algum tempo que se perguntava aquilo. — Quero dizer, um krinar quase consegue se passar por um humano e vice-versa. Em termos de aparência, é como se fossem uma raça humana diferente, não uma espécie separada. Eu sei que eles orientaram nossa evolução, mas ainda é meio louco...

— Na verdade, não é tão louco assim — respondeu Delia. — Eles mexeram em nossos genes por milhões de anos, suprimindo o que faria com que tivéssemos uma aparência diferente da deles. Permitiram algumas variações sutis, como a cor dos olhos, da pele e dos cabelos. Mas garantiram que, nos demais aspectos, fôssemos muito similares a eles. Acredito que era algo que os Anciãos queriam.

Mia afastou o olhar, ponderando sobre aquilo enquanto continuavam a andar pela floresta. — E o que acha que eles querem conosco agora? —

perguntou ela ao chegarem ao destino.

— Os krinars? — Delia se sentou em uma parte gramada perto da água e virou-se para Mia.

— Os Anciãos — esclareceu Mia, sentando-se ao lado dela.

— Quem sabe? — Delia deu de ombros. — Nem mesmo o Conselho conhece totalmente as motivações dos Anciãos. São uma espécie de deuses para eles, apesar de os krinars não terem religião no sentido tradicional.

— Entendo. — Mia considerou tudo o que aprendera até o momento. — E

o que os krinars pensam de nós agora? Korum disse que eu trabalhei em um dos laboratórios deles. É claro que não teriam permitido isso se achassem que eu era apenas uma macaca incomumente inteligente. Sem falar que eles se casam conosco...

— Casam conosco? — Delia pareceu surpresa. — O que quer dizer?

— Não é isso que significa ser uma caerle? Como estar casada com um deles, mas sem a cerimônia oficial? — Fora aquela a impressão que Mia tivera da conversa com Korum no dia anterior.

Delia a observou com um olhar pensativo. — Acho que você pode encarar dessa forma — respondeu ela lentamente. — Particularmente se aplicar a definição de casamento como costumava ser no passado.

— No passado?

— Sim — disse Delia. — Antes da sua época. Quando uma esposa pertencia legalmente ao marido.

— Como assim, pertencia?

— Pelas leis dos krinars, uma caerle pertence ao seu cheren, Mia. Não temos nenhum direito aqui. Korum não lhe disse isso?

Mia balançou a cabeça negativamente, sentindo um aperto desagradável no peito. — Está dizendo que somos... escravas deles?

Delia sorriu. — Não. Os krinars não acreditam em escravidão, especialmente não como ela era praticada durante a minha época. A maioria das caerles é muito bem tratada e amada pelos seus cherens. Eles realmente as consideram como parceiras humanas. Mas não é exatamente o tipo de relacionamento igual ao que uma garota moderna como você estaria acostumada.

Mia a encarou. — Como assim?

— Bem, por exemplo, um krinar não precisa da sua permissão para tomá-

la como caerle. Arus me perguntou, mas muitos cherens não fazem isso.

— Korum me perguntou? — Mia esperou a resposta com a respiração presa.

— Eu não sei — respondeu Delia. — Nunca fiquei sabendo dos detalhes do relacionamento de vocês. No entanto, pelo que conheço de Korum, e pelo fato de você ter ajudado a Resistência no passado, eu diria que ele não levou seus

sentimentos em consideração tanto quanto deveria.

Mia franziu a testa. — O que quer dizer? O que você conhece de Korum?

Delia olhou para ela, como se estivesse pesando como continuar. — Seu cheren é um homem muito poderoso e ambicioso — disse ela finalmente. —

Muitos no Conselho acham que ele tem a atenção dos Anciãos. Também é conhecido por ser bastante autocrático e implacável com os adversários. Foi por isso que, inicialmente, fiquei preocupada com você, pois não achei que Korum seria um cheren particularmente atencioso. Mas acho que eu estava errada. Pelo que vi, você parecia feliz com ele antes. Na última vez em que nos encontramos, no aniversário de Maria, você estava praticamente brilhando. E, mesmo agora, quando a maioria das mulheres se sentiria perdida e intimidade, parece que você está indo muito bem. E certamente Korum é o responsável por isso.

Mia estudou a outra garota, imaginando se havia mais alguma coisa que Delia não lhe dissera. — Você não gosta do meu cheren, não é?

— Eu não o conheço pessoalmente — respondeu Delia com cautela. — Só sei que Arus e ele tiveram conflitos no passado sobre várias questões. Mas fico feliz por ele ser bom para você. Quando eu a conheci, você parecia tão jovem e vulnerável... e não pude evitar de me preocupar. Agora, vejo que é mais forte do que eu achava originalmente. Talvez seja até mesmo uma boa influência para Korum. Arus acha que seu cheren realmente a ama, o que é algo que nunca teríamos esperado dele.

— Entendo. — Mia respirou fundo e afastou o olhar, tentando processar o que acabara de ouvir. Talvez a ideia boba de ver Korum como um vilão não fosse tão absurda como parecia. Como acontecera várias vezes antes, ela desejou conseguir se lembrar dos dois meses anteriores para que conseguisse entender melhor aquele relacionamento complexo em que estava. O que exatamente Korum era para ela? O que significava ser caerle dele? E qual era o verdadeiro Korum? O amante gentil da noite anterior ou o Conselheiro implacável que Delia descrevera?

Talvez ele fosse as duas coisas. Mia considerou aquilo por um minuto.

Sim, certamente conseguia entender como aquilo podia ser verdade. Afinal de contas, o próprio Korum lhe contara como a usara no passado para destruir a

Resistência. Ainda assim, parecia amá-la de verdade agora. E Mia não conseguiu evitar a sensação quente que a invadiu ao pensar nisso.

Virando-se novamente para a garota grega, Mia a encarou. — Delia —

disse ela baixinho, levantando um assunto que a preocupava desde o dia anterior —, você sabe o que acontece em uma luta na Arena?

— Sim. — Delia a olhou com empatia. — Você sabe sobre o desafio de Loris?

— Korum me contou sobre isso ontem — disse Mia. — Você já viu uma dessas lutas? Elas são comuns?

— Elas não são mais tão comuns como eram há muito tempo, mas ainda acontecem com certa regularidade. Normalmente, há duas ou três lutas por ano, algumas vezes mais.

— E o quanto elas são perigosas?

Delia hesitou por um segundo. — As lutas na Arena são a causa número um de mortes para os krinars — respondeu ela finalmente. — Seguidas de diversos tipos de acidentes.

Mia se sentiu como se tivesse levado um soco. — Alguém sempre morre durante uma luta?

— Não, nem sempre. Algumas vezes, o vencedor consegue se controlar o

suficiente para parar a tempo. Mas, geralmente, os homens krinars não têm muito controle sobre os instintos no calor da batalha. — A caerle grega não pareceu particularmente incomodada com aquilo.

Mia engoliu em seco. — Entendo.

— Mas, para responder à sua pergunta anterior, acho que as atitudes dos krinars em relação aos humanos estão mudando — disse Delia, voltando à discussão anterior. — Há dois mil anos, a ideia de um humano trabalhando em um laboratório dos krinars teria sido impensável. Eles mudaram muito desde então e vejo as coisas melhorando a cada dia. O fato de estarem vivendo aqui na Terra, entre nós, fez uma grande diferença de várias formas. Agora veem que somos

realmente uma espécie irmã, que temos o potencial de conquistar o mesmo que eles.

— Eles não acham mais que somos apenas macacos espertos? — disse Mia em tom de brincadeira.

Delia sorriu. — Alguns ainda acham, tenho certeza. Mas não é mais a visão de consenso. E quanto mais relacionamentos como seu e o meu existirem, mais aceitos os humanos se tornarão na sociedade dos krinar. — Ela pausou por um segundo. — Portanto, Mia, veja bem, você não precisa lutar contra os krinars para ajudar o seu povo. Só precisa fazer com que um deles se apaixone por você.

A OITO MIL quilômetros de distância, Saret se levantou e sorriu para a garota humana deitada com o corpo enrolado em sua cama. Ela era pequena, com cerca de um metro e meio de altura, e os cabelos castanhos caíam em ondas suaves em volta do rosto estreito. Exceto pelos olhos castanhos, ela era muito parecida com Mia. Ele a encontrara em Paris no dia anterior.

Ela o encarou e ele percebeu o medo e o ódio no rosto pequeno. Era uma pena que ela estivera noiva quando ele a encontrara, com o casamento planejado para o mês seguinte. De forma compreensível, ela fora resistente à atenção dele, que não tivera tempo para seduzi-la de forma adequada.

Fora errado levá-la, claro. Saret sabia disso. Mas, àquela altura, isso não importava. Todos já achavam que ele era um monstro e roubar uma humana era algo inofensivo no panorama maior. Ele a mordera durante o sexo e sabia que ela também sentira prazer. A garota não era Mia, mas ele ainda gostara de trepar com ela, fingindo que o corpo esguio em seus braços era aquele que

realmente queria.

Saret sabia que não havia esperança de fugir dos guardiães por muito mais tempo. Era só uma questão de tempo até que fosse capturado. Agora que tivera a oportunidade de pensar, ele percebia como Korum soubera o que esperar.

Era muito simples, na verdade. O inimigo devia estar monitorando a caerle com mais cuidado do que admitira a Saret. Em retrospectiva, Saret deveria ter esperado algo assim. A culpa era dele mesmo por ter subestimado a obsessão de Korum sobre Mia.

Não, Saret sabia que não conseguiria se esconder por muito mais tempo.

Ele estivera usando vários disfarces, mas conseguia sentir os guardiães chegando mais perto. No dia anterior, ele correra o risco e conectara-se à rede dos krinars. Tentara esconder sua identidade, mas tinha certeza de que Korum encontraria seu rastro no espaço cibernético. Ainda assim, Saret precisara saber o que estava acontecendo em Lenkarda e se o Conselho descobrira sobre seu plano.

O que encontrara o deixara furioso e excitado ao mesmo tempo. Furioso porque os nanodispositivos de dispersão que plantara com tanto cuidado já tinham sido descobertos e neutralizados. E excitado porque finalmente sabia como se livrar de Korum para sempre.

A luta da qual o inimigo participaria seria a última.

Saret cuidaria disso.

CAPÍTULO TREZE

A primeira coisa que Korum viu ao entrar na casa foi Mia deitada sobre a tábua flutuante e concentrada no que estava lendo no *tablet*.

Quando entrou, ela olhou para cima e sorriu, com o rosto brilhando empolgado. — Olá — disse ela. — Como foi o seu dia?

Korum sentiu uma onda de ternura, mesmo enquanto o corpo reagia de forma previsível à proximidade dela. — Olá, minha querida — disse ele, aproximando-se e abaixando-se para beijá-la de leve. Ele pensara nela o dia inteiro, revivendo cada momento da noite anterior. Ele mal podia esperar para reintroduzi-la aos prazeres de fazer amor e sentir o corpo delicioso dela repetidamente.

Korum queria ir devagar novamente, mas, no segundo em que seus lábios tocaram nos dela e os braços finos se ergueram, passando em volta do pescoço dele, todas suas boas intenções se evaporaram. Ele aprofundou o beijo na boca mais macia e doce de Mia, sentindo seu perfume quente e feminino. Ele ouviu a respiração dela se acelerar, sentiu o cheiro de seu desejo, seu corpo arqueando-se na sua direção... e o sangue quase ferveu em suas veias.

Sem um pensamento consciente, as mãos dele encontraram o vestido de Mia. O tecido frágil se rasgou sob seus dedos, expondo a carne delicada. Ela gemeu e

ele sentiu as unhas dela enterrando-se em sua nuca ao beijar o ponto macio perto de seu ombro. O coração dela bateu mais depressa e Mia gemeu quando ele abaixou a mão para suas coxas, abrindo-as para chegar à abertura estreita.

Ela estava quente e escorregadia e Korum usou os últimos rastros de autocontrole para levá-la ao orgasmo, pressionando repetidamente o polegar

no clitóris. Assim que ela se contraiu com um gritinho, ele percebeu que não aguentaria por mais tempo. Tirando as próprias roupas, ele segurou as pernas de Mia e puxou-a em sua direção até que apenas a parte de cima do corpo dela estivesse sobre o sofá. Em seguida, ele a penetrou com uma investida forte.

Ela gritou e seu corpo ficou tenso. Korum gemeu quando os músculos internos de Mia o apertaram, impedindo-o que fosse mais fundo. Ela abriu os olhos, concentrando-se nele, e Korum manteve seu olhar, sabendo que ela conseguia ver o desejo escrito em seu rosto. O pênis latejou dentro dela, mas isso não foi suficiente. O animal que tinha dentro de si precisava possuí-la em um nível que ia além do sexual. Precisava marcar a mente dela, além do corpo.

— Você é toda minha — sussurrou ele, mal percebendo o que estava dizendo. — Está entendendo?

Ela só o encarou, com o rosto corado e os lábios ligeiramente abertos, e Korum sentiu a temperatura subir. Uma onda de pura possessividade o invadiu.

As nádegas dele se contraíram quando ele a penetrou mais fundo, segurando-lhe as coxas bem abertas para ajudar. Ela arquejou e seu rosto se contorceu em uma mistura de dor e prazer. Korum ouviu quando ela prendeu a respiração.

Inclinando-se para a frente, ele soltou as pernas de Mia e passou um braço sob suas costas, puxando-a para mais perto. A outra mão enterrou-se nos cabelos dela, segurando-lhe a cabeça parcialmente para trás, expondo o pescoço macio.
— Diga, Mia — comandou ele, motivado por uma necessidade primitiva de tomá-la. — Diga que é minha.

— Eu sou... — Ela parecia ter dificuldade em dizer as palavras. Os olhos azuis estavam enevoados com uma emoção desconhecida e a necessidade de dominá-la ficou mais forte. Abaixando a cabeça, ele tomou-lhe a boca em um beijo selvagem. A mão de Korum desceu e o polegar pressionou o clitóris com força. Ela gemeu e contraiu-se em volta do pênis.

— Você é minha — repetiu ele, recuando por um segundo. Ela assentiu, encarando-o com os lábios inchados.

— Diga.

— Eu sou sua. — Ele mal ouviu o sussurro dela, mas sua vontade foi satisfeita por enquanto.

Abaixando-se, ele a beijou novamente, de forma mais gentil dessa vez. Ao mesmo tempo, começou a penetrá-la em um ritmo suave e regular. Os testículos se contraíram contra o corpo dele quando puro prazer percorreu-lhe as veias, uma cortesia da garota pequena em seus braços. Fechando os olhos,

Korum deixou que as sensações o invadissem, desfrutando da pele macia sob seus dedos e da firmeza do corpo dela em volta do pênis.

E, quando o prazer ficou intenso demais, ele a sentiu se contrair com um gritinho, fazendo com que gozasse.

ALGUMAS HORAS DEPOIS, Korum acordou, com a sensação familiar de Mia deitada ao seu lado. A respiração dela era baixinha e regular e ele percebeu que ela estava profundamente adormecida, exausta pelas exigências sexuais dele. Ele conseguira se abster de beber o sangue dela dessa vez, pois fizera isso recentemente, mas não conseguira se conter, possuindo-a mais algumas vezes durante a noite.

Algumas vezes, ele se perguntava se isso era normal, a forma como precisava dela o tempo inteiro. Ele sempre tivera uma vontade sexual forte, mas nunca sentira a necessidade de ter uma mulher repetidamente. Com Mia, ele nunca tinha o suficiente e não sabia ao certo se gostava de ser tão dependente de uma humana.

Em geral, a obsessão que tinha por ela o incomodava de várias formas.

Apesar de ela o fazer feliz, a profundidade do que sentia era inquietante. Se ele a perdesse... Korum não aguentava nem mesmo pensar naquela possibilidade e seu peito se apertou em agonia.

Soltando-se lentamente dela, Korum se levantou, tentando fazer o mínimo possível de barulho para não acordá-la. Ela precisava dormir muito mais do que

um krinar e ele sempre deixava que descansasse bastante. Mesmo com os nanócitos em seu corpo, ela ainda era frágil e vulnerável demais para que ele tivesse paz. Se dependesse dele, ela nunca iria a lugar algum sozinha e sempre permaneceria segura a seu lado.

Mas Korum sabia que ela odiaria se ele restringisse demais sua independência. Ela já se ressentia das poucas medidas de segurança que ele implementara. Via os dispositivos de rastreamento como uma forma de controlá-la, como invasão de sua privacidade, sem entender como sua segurança e seu bem-estar eram importantes para ele.

Já eram cinco horas da manhã, o que, para Korum, era começar tarde o dia. Normalmente, ele já estaria trabalhando àquela hora, mas só conseguira dormir três horas antes, pois ficara acordado até tarde para satisfazer o desejo que sentia por Mia. Ele precisara dela ainda mais do que o normal, sentindo-

se inquieto e ansioso por causa da luta que aconteceria.

Ele não estava com medo. Na verdade, a possibilidade do perigo o deixava excitado. Sempre fora assim. Na juventude, ele até mesmo provocara algumas lutas só para sentir aquela onda de adrenalina. Mas, à medida que ficara mais velho, aprendera a suprimir aquela parte de sua natureza e usar os esportes como forma de gastar a energia em excesso. Como resultado, não participara de uma luta de verdade, com a exceção do ataque de Saur na Flórida, nos oito anos anteriores.

Mas ele se preocupava com a presença de Mia na Arena. O lugar estaria repleto e praticamente todos os krinars na Terra assistiriam ao evento em pessoa. Os que estavam em Krina assistiriam virtualmente. A ideia de tê-la em público depois de tudo o que acontecera o deixava inquieto, apesar de saber que havia pouco perigo real. A luta seria em Lenkarda, enquanto que Saret estava em algum outro lugar do mundo dos humanos.

Ainda assim, Korum a teria mantido afastada se não fosse pelo fato de que isso seria o equivalente a insultá-la em público. As lutas na Arena eram consideradas uma das partes mais importantes e interessantes da vida dos krinars e esperava-se que todos, incluindo as caerles, estivessem lá. Excluir Mia deliberadamente faria parecer com que Korum a estava punindo por algo, o que não podia estar mais longe da verdade.

Pensando um pouco mais no assunto, Korum decidiu colocar dois guardiães para que vigiassem Mia o tempo inteiro. Ele também faria com que ela fosse colocada perto de Delia, caso a caerle precisasse da segurança de uma amiga mais velha e mais experiente. Assim, ele não teria que se preocupar com ela durante a luta e poderia se concentrar totalmente no adversário. Qualquer momento de falta de atenção na Arena poderia ser fatal.

Enquanto isso, ele ainda tinha algumas horas antes do evento principal. A melhor coisa a fazer era conversar com seus projetistas e garantir que estivessem trabalhando no protótipo da tecnologia de escudo que ele desenvolvera recentemente. Voret e o restante do Conselho agora estariam, com razão, preocupados com o uso dos escudos antigos. Portanto, aquele projeto tinha prioridade.

Lançando um último olhar para a caerle adormecida, Korum saiu da casa.

CAPÍTULO CATORZE

M ia esperou que Delia a buscasse, batendo o pé nervosamente no chão.

Ela estava quase passando mal de tanta ansiedade por causa da luta e estava feliz porque a outra caerle estaria a seu lado durante o evento.

Para se distrair, Mia respirou fundo e olhou para o material brilhante do vestido branco. Korum deixara a roupa para ela naquela manhã e Mia imaginou que deveria vesti-la para o evento. Diferentemente das roupas leves normais dos krinars, aquela era feita de um tecido rígido, relativamente grosso, e cobria-lhe o corpo de forma justa. Havia um brilho sutil no vestido e nas sandálias. Korum também lhe dera um belo colar para que usasse com a roupa. Se Mia não soubesse, imaginaria que estava vestindo-se para o próprio casamento.

Ela não vira Korum naquela manhã, mas ele telefonara e prometera encontrá-la na Arena antes que a luta começasse oficialmente. Quando conversaram, ela percebeu um tom de excitação mal suprimida na voz dele, notando que ele estava ansioso por aquele ritual bárbaro.

Ela achava estranho o fato de se sentir tão próxima dele depois de apenas dois dias. Conseguia perceber o humor dele, discernir suas emoções.

Conseguia até mesmo prever algumas de suas reações. Quando ele chegara em

casa na noite anterior, ela soubera exatamente o que aconteceria ao passar os braços em volta do pescoço dele e transformara um beijo inocente em algo mais profundo. Apesar de ter gostado da primeira noite que passaram juntos, ficara óbvio que Korum se contivera, que tentara fazer concessões por causa da inexperiência dela. E, apesar de ter apreciado o que ele fizera, não fora suficiente. Na noite anterior, ela não quisera um ato doce e gentil. Quisera que

ele estivesse selvagem e descontrolado, revelando completamente sua verdadeira natureza.

A possessividade dele a deixava assustada e excitada. Se não o quisesse tanto, teria sentido medo da paixão dele, da insistência para que se entregasse totalmente. Isso a fazia se perguntar o que aconteceria se um dia tentasse deixá-lo. Ele a deixaria ir ou a impediria de ir para casa? Ele poderia detê-la?

Se Delia falara a verdade, os humanos tinham pouquíssimos direitos nas cidades dos krinars, uma ideia que incomodava Mia bastante.

Claro que nada daquilo importava agora, à luz da luta que estava para acontecer. Olhando impacientemente para o dispositivo que tinha no pulso, Mia viu que faltavam apenas vinte minutos para o meio-dia. *Onde está Delia?*

A espera aumentava a ansiedade de Mia.

Dois minutos depois, ela finalmente viu uma pequena cápsula de transporte pousar do lado de fora, perto da casa. Delia saiu da nave e acenou para ela.

Aliviada, Mia sorriu, feliz ao ver a outra garota. A caerle de Arus usava um vestido similar ao de Mia e estava linda, com os cabelos macios trançados com joias de aparência estranha.

Saindo rapidamente da casa, Mia se aproximou da garota grega. —

Obrigada por me buscar — disse ela.

— Imagine — respondeu Delia. — Eu teria buscado você mesmo se Korum não tivesse me pedido. Você deve estar muito assustada.

— Estou muito mais do que assustada — admitiu Mia. — Sinto vontade de vomitar quando penso no assunto.

Delia sorriu. — Dá para perceber. Vamos, entre para irmos para lá.

— Arus já participou de uma luta dessas? — perguntou Mia, seguindo-a até a nave e sentando-se em uma das cadeiras flutuantes no interior.

— Algumas vezes — respondeu Delia, lançando-lhe um olhar reconfortante. — E, em todas as vezes, achei que eu teria um ataque do coração. Acredite, sei exatamente pelo que está passando.

— Provavelmente, foi pior para você — comentou Mia. — Eu, pelo menos, só conheço Korum há uns dois dias. — Mas poderia muito bem ter sido dois anos, considerando o medo quase paralisante que ela sentia ao pensar que poderia perdê-lo.

Respirando fundo, Mia tentou se acalmar observando os arredores. Afinal de contas, ela nunca estivera em uma nave alienígena — ou, pelo menos, não se lembrava da experiência. Para sua surpresa, ela viu que a parte de dentro da cápsula era parecida com o interior da casa de Korum, com cores claras,

paredes transparentes e bancos flutuantes. Não havia tecnologia óbvia, como ela estava acostumada a ver no mundo dos humanos. Em vez disso, tudo parecia funcionar quase como se fosse por mágica.

Quando a nave decolou, Mia viu a floresta verde pelo chão transparente. À

distância, as águas azuis do Oceano Pacífico brilhavam sob o sol. Era um belo dia e, sob qualquer outra circunstância, Mia teria adorado o passeio. Mas não conseguia parar de pensar no que estava prestes a acontecer.

Outra pergunta lhe ocorreu e ela olhou para cima, encontrando o olhar de Delia. — Quanto tempo essas lutas costumam durar? — perguntou Mia, com a imaginação criando um evento sangrento horroroso que duraria o dia inteiro.

— De poucos minutos a algumas horas — respondeu a garota grega. —

Depende se os adversários são equilibrados. Há também uma pequena cerimônia antes e uma mais longa depois, durante a qual o vencedor celebra.

— Celebra como?

Delia sorriu e havia um brilho malicioso nos olhos castanhos. — Bem, um homem sem parceira frequentemente escolhe uma ou mais mulheres sem parceiros e eles copulam em uma *shatela*, uma estrutura parecida com uma tenda no meio da Arena. Homens com parceiras frequentemente fazem o mesmo com a parceira.

Sexo em público? Delia estava falando sério? Mia sentiu o rosto ficar vermelho. — E aqueles que têm uma caerle?

Delia riu. — Depende. Arus tem muita consideração por minhas sensibilidades como humana e normalmente só me beijava na Arena, esperando até chegarmos em casa para celebrar da forma adequada. Mas eu já soube de outros que trataram a caerle como uma mulher krinar nessa situação.

— Então, está me dizendo que, se Korum vencer, talvez ele queira fazer sexo na frente de todo mundo?

— Talvez — disse Delia, sorrindo. — Mas ninguém verá vocês, pois estarão dentro da shatela. Talvez apenas escutem.

— Ah, que ótimo. Isso torna as coisas muito melhores — resmungou Mia.

Ela se lembrava do que Korum lhe dissera sobre a Celebração dos Quarenta e Sete e como se sentira feliz porque, como humana, não teria que participar do espetáculo exibicionista. Mas, agora, parecia que não haveria como escapar, a não ser que Korum respeitasse suas "sensibilidades como humana". Era apenas mais uma coisa com que se preocupar durante a luta.

Antes que tivesse a oportunidade de pensar mais um pouco no assunto, a cápsula de transporte pousou silenciosamente em uma área da floresta.

— Chegamos — disse Delia, levantando-se.

Mia também se levantou e seguiu-a para fora da nave. Parecia que estavam no meio da floresta. — Que lugar é este?

Delia se virou para ela e Mia ficou chocada ao ver um brilho empolgado nos olhos dela. — A Arena — respondeu ela, gesticulando na direção de uma colina coberta de árvores logo em frente.

Mia ergueu as sobrancelhas, mas não disse nada enquanto andavam em direção à elevação. Ela ouviu um rugido abafado à distância, como se fosse uma cachoeira imensa. A Arena ficava perto de um rio? Andando com cuidado, ela se concentrou em evitar insetos e o que mais estivesse rastejando pela selva da Costa Rica. As sandálias de sola fina não eram apropriadas para aquele solo e Mia torceu para que não fosse picada nem mordida antes de chegarem ao local da luta. Se ela se lembrava corretamente, as tarântulas eram um dos perigos daquela parte do mundo. Mas, supostamente, agora ela era imune a tais perigos, pois os nanócitos que circulavam em seu corpo rapidamente corrigiriam quaisquer danos nas células.

À medida que subiram a colina, Mia percebeu que o som que ouvia era dos gritos abafados de uma multidão. Em algum lugar ali perto, milhares de Ks estavam reunidos para assistir à luta. Parecendo ansiosa para se juntar a eles, Delia subiu correndo o restante da colina, movendo-se quase com a graça de um krinar. — Aqui está — disse ela, virando-se para Mia e apontando.

Com o coração batendo forte e a palma das mãos suando, Mia se apressou para alcançar a outra caerle. Quando chegou ao topo da colina, ela congelou.

O vale verde abaixo era um espetáculo como nunca tinha visto. Milhares

— não, dezenas de milhares — de krinars estavam reunidos lá. Altos e de pele dourada, os alienígenas estavam vestidos com roupas brancas que brilhavam sob o sol. Enquanto a maioria estava sentada no chão, alguns ocupavam bancos flutuantes dispostos em círculos em volta de uma clareira grande. Era como um campo de futebol redondo, mas com os espectadores flutuando no ar, em vez de estarem sentados nas arquibancadas. Parecia uma versão de alta tecnologia de um anfiteatro da Roma antiga, o que era uma comparação melhor, pensou Mia, considerando o que estava prestes a acontecer.

— Mia! Aí está você!

Virando-se para a direita, Mia viu Korum aproximando-se. Diferentemente de todos os outros, ele vestia roupas normais, uma camiseta de cor clara e bermudas. Chegando perto, ele a abraçou rapidamente e beijou-lhe a testa. —

Como você está, querida? — perguntou ele, olhando para ela com um sorriso

alegre.

Mia sentiu o coração bater mais depressa com a proximidade dele. —

Estou bem. Você está pronto para a luta?

— É claro. — Ele acariciou o rosto dela com os dedos e, em seguida, virou-se para Delia. — Obrigado por trazer Mia até aqui — disse ele, sorrindo para a outra garota. O braço esquerdo dele ainda estava em volta de Mia, segurando-a firmemente contra o corpo.

— Foi um prazer — respondeu Delia, acenando com a cabeça para Korum. — Vou deixar vocês dois sozinhos. Mia, quando terminar, venha se juntar a mim. Ficaremos sentadas lá. — Ela apontou para uma fileira de bancos flutuantes mais próxima da lareira.

— Eu a levarei até lá em um minuto — prometeu Korum, parecendo ligeiramente divertido com a atitude autoritária da outra garota.

Assim que Delia desapareceu na multidão, ele abaixou a cabeça e puxou Mia para lhe dar um beijo mais profundo, colocando uma das mãos em sua nuca e mantendo-lhe o corpo contra o seu com a outra. Ela sentiu a ereção dele contra o abdômen, a força dos braços à sua volta e o calor que invadiu seu corpo, culminando na área sensível entre as pernas. Os lábios e a língua de Korum acariciaram a boca de Mia, dando-lhe prazer e consumindo-a até que ela esqueceu a multidão em volta, presa a uma névoa sensual.

Quando Korum finalmente deixou que ela respirasse, Mia estava desesperadamente agarrada a ele, sem ligar para o fato de estarem em um local público.

— Puta merda — xingou ele em um sussurro rouco, erguendo a cabeça e olhando para ela com os olhos dourados brilhantes —, mal posso esperar para que essa luta termine. Algumas vezes, você me deixa louco, sabia disso?

Mia passou a língua pelos lábios, sentindo o gosto dele. Ela estava tão excitada que mal conseguia aguentar. Os quadris se moveram involuntariamente, tentando se esfregar nele. Mas havia alguma coisa perturbando no fundo de sua mente, interrompendo a nuvem de desejo que cobria o cérebro.

Ela empurrou o peito dele, tentando abrir uma certa distância entre os dois para que conseguisse pensar. — Delia disse... — Mia hesitou, sem saber como se

expressar. — Delia disse que o vencedor celebra... ahm...

— Trepando? — perguntou Korum com os olhos ainda cheios de um brilho dourado. — Foi isso que ela lhe disse?

Mia assentiu, sentindo o rosto quente.

Korum deu um passo para trás, mas ainda segurando-a. — É verdade —

disse ele com a voz baixa e rouca. — Se eu vencer, o esperado é que celebre assim. Seria um problema?

Mia o encarou. — Você quer dizer... iria querer fazer isso em público?

— Não é exatamente em público, minha querida — respondeu ele, com o canto da boca erguendo-se ligeiramente. — Estaríamos em uma shatela, uma estrutura especificamente projetada para esse fim. Mas, sim, eu gostaria muito de trepar com você depois da luta. O seu corpo maravilhoso seria a minha recompensa.

KORUM VIU AS pupilas dela dilatando-se, fazendo com que os olhos azuis ficassem mais escuros. A respiração dela estava irregular e as bochechas com um tom rosado. Ela estava excitada, quase tanto quanto ele naquele momento.

Se a luta já tivesse terminado, ele tinha certeza de que ela não protestaria se a levasse até a shatela, tirasse aquele vestido apertado e colocasse o pênis entre suas coxas. Ele gostava da ideia de possuí-la na frente de todos, pois isso trazia à tona algo primitivo que tinha bem no fundo.

— Korum, eu...

— Shhh — disse ele, levando o dedo até os lábios dela em um gesto que vira os humanos usarem. — Não se preocupe com isso agora. Não vou forçá-

la a fazer algo que não quer.

E Korum estava falando sério. Não pretendera provar nada quando a beijara, mas a reação de Mia claramente demonstrara a suscetibilidade que tinha a ele. Apesar da perda de memória, ela se sentia tão atraída por ele quanto antes, uma percepção que o encheu de uma satisfação muito masculina.

Ele nunca a forçaria, mas provavelmente isso nunca seria necessário. Ele suspeitava que sua caerle era mais aventureira do que ela própria se considerava.

Ela ainda o observava desconfiada e ele abaixou a cabeça novamente, beijando-lhe a boca deliciosa. Dessa vez, foi apenas um beijo breve, mal encostando os lábios nos dela. O corpo dele ansiava por fazer mais, possuí-la ali mesmo, mas não havia tempo. Ele precisava se preparar para a luta.

Mas até mesmo um beijo breve foi o suficiente para distraí-la. Os olhos dela estavam novamente suaves, enevoados de desejo. Korum precisou se forçar a desviar o olhar para recuperar o controle.

— Venha — disse ele com voz rouca —, vou levá-la até o seu lugar.

Preciso ir agora, mas quero ter certeza de que está com Delia antes que eu saia.

— É claro. — Ela parecia ansiosa novamente e parte da cor fugiu de seu rosto. — Começará ao meio-dia em ponto?

— Sim — respondeu Korum. Ele pegou a mão dela e começou a conduzi-la pela multidão. — Costumamos ser pontuais, portanto, temos exatamente dez minutos antes que a cerimônia comece.

Eles andaram na direção da primeira fileira, onde Delia e Arus já estavam sentados. Havia apenas uma tábua flutuante vazia ao lado de Delia e Korum levou Mia até lá. Ao se aproximarem, a multidão se abriu, deixando que passassem. Os conhecidos dele acenaram polidamente com a cabeça, enquanto outros encararam Korum e sua caerle com curiosidade aberta. Aquilo não preocupou Korum nem um pouco. Como membro do Conselho com uma certa reputação, ele estava acostumado com aquele tipo de atenção. Mia também era uma pessoa de interesse, considerando os rumores do envolvimento dela com a Resistência. Os krinars não achavam rude encarar, pelo contrário, era um sinal de respeito olhar diretamente para uma pessoa.

— Ah, ótimo — disse Delia ao chegarem ao assento dela. — Eu estava preocupada de que não chegaria antes do início da luta.

— Não precisa se preocupar, estamos aqui — disse Mia, corando ligeiramente. Korum reprimiu um sorriso, sabendo que ela estava constrangida com a sessão sensual pública. A garota ainda era muito inocente. Ele adorava a timidez dela

quase tanto quanto gostava de vê-la desaparecer.

Arus olhou para Korum. — Cuidaremos bem de Mia, prometo. Você não precisa se preocupar com ela agora.

— Obrigado — disse Korum feliz porque o outro Conselheiro entendia sua preocupação não dita. Mesmo sabendo que era seguro, ele ainda se sentia desconfortável em deixar Mia sozinha em público. O que acontecera com Saret deixara uma impressão indelével em sua mente e ele sabia que precisaria trabalhar muito para superar o medo de perdê-la.

Em volta deles, outros krinars se sentaram, liberando os corredores e esvaziando o campo da Arena. Faltavam menos de cinco minutos para o início da cerimônia e Korum ainda precisava se preparar, mental e fisicamente, para o que estava por vir.

— Preciso ir — disse ele relutantemente, vendo os olhos de Mia se encherem de lágrimas.

— Tenha cuidado — sussurrou ela, olhando para ele. — Por favor, Korum, tenha cuidado. — E, passando os braços em volta da cintura dele, ela o abraçou com força, segurando-o por vários segundos.

Emocionado, Korum retribuiu o abraço. Em seguida, afastou-se dela gentilmente. — Eu amo você — disse ele, lançando-lhe um último sorriso.

— Eu amo você — sussurrou Mia quando ele começou a se afastar.

Korum parou imediatamente, mal ousando acreditar no que ouvira. Virando a cabeça, ele viu que os olhos dela brilhavam com lágrimas contidas. Ele queria segurá-la, perguntar se falara sério, mas não havia tempo. Em vez disso, ele abriu o maior sorriso que conseguiu e continuou a andar em direção a uma pequena estrutura no outro lado da Arena.

A cerimônia estava prestes a iniciar.

MIA ESTAVA SENTADA no banco flutuante, sentindo como se uma prensa estivesse espremendo seu coração. Apesar de todas as coisas que Korum dissera para acalmá-la, ela sabia que havia uma chance muito real de estar vendo-o pela última vez.

A ideia era tão agonizante que Mia não conseguiu respirar por alguns momentos.

— Mia? Ouça-me, Mia. Ele ficará bem, ok? — Era a voz de Delia, calma e reconfortante.

Mia piscou algumas vezes, focalizando a outra caerle com esforço. — Eu sei — disse ela com uma confiança que não sentia. — É claro, eu sei disso.

O krinar que estava com Delia também abriu um sorriso reconfortante. —

Ela tem razão, Mia — disse ele com voz baixa e profunda. — Seu cheren é muito bom nisso. Nunca perdeu uma luta. Por falar nisso, sou Arus. Não nos conhecemos pessoalmente ainda.

— Ah, olá — disse Mia, automaticamente oferecendo a mão para que ele apertasse. — É um prazer conhecer você.

O sorriso de Arus ficou mais largo. — Receio que não sejam permitidos apertos de mão — disse ele gentilmente. — Eu não gostaria de acabar naquele campo para enfrentar Korum.

— Ah, certo. — Mia puxou a mão, sentindo-se um pouco constrangida. —

Desculpe, eu esqueci. Korum me contou um pouco dos seus costumes ontem.

— Não precisa pedir desculpas — disse Delia. — Estou muito

impressionada com a rapidez com que está reaprendendo tudo. Levei muito tempo para me sentir tão confortável como você parece estar neste momento.

— É, não sei por quê — admitiu Mia. — Talvez eu me lembre das coisas em um nível subconsciente.

— Você também já parece ter sentimentos fortes em relação a Korum —

observou Arus, com os olhos escuros cheios de especulação ao olhar para Mia. — Mais do que se esperaria nessa situação. Fico imaginando o motivo.

Não sou especialista em mente, mas isso parece relativamente incomum.

— É mesmo? — Mia franziu a testa confusa. — Achei que talvez um

procedimento de apagamento da memória não apagasse totalmente todas as lembranças...

— Deveria — respondeu Arus. — Se foi um apagamento padrão da memória, você deveria estar como era há poucos meses, sem saber de nada sobre nosso mundo nem sobre Korum. O fato de estar se ajustando tão depressa é... interessante, para dizer o mínimo.

Mia olhou para ele, perguntando-se o que aquilo significava. Desde que acordara em Lenkarda, seus sentimentos e reações tinham sido estranhos. Era possível que Saret tivesse errado e não conseguira apagar todas as lembranças dela?

Um som alto assustou Mia, fazendo com que deixasse as especulações de lado.

A cerimônia anterior à luta estava começando.

UM KRINAR ALTO, vestido com uma roupa azul incomum, saiu de uma das pequenas estruturas nos cantos da Arena e andou em direção ao meio do campo.

— Aquele é Voret — sussurrou Delia, inclinando-se na direção de Mia por um segundo. — Ele é um dos membros mais velhos do Conselho.

Mia assentiu, com os olhos grudados no que acontecia lá embaixo.

— Residentes da Terra e aqueles que nos assistem de Krina neste momento

— disse Voret. A voz profunda encheu todo o anfiteatro. — Bem-vindos ao antigo rito do Desafio da Arena. Como todos vocês sabem, a luta de hoje é entre dois de nossos estimados membros do Conselho, Loris e Korum. A causa deste Desafio, como todos os outros, é uma discordância que só pode ser resolvida com sangue.

Voret ergueu o braço e uma luz azul pareceu sair da ponta de seus dedos,

tornando-se uma imagem tridimensional gigante que flutuou no ar. Ela mostrava uma floresta estranha, com plantas verdes, amarelas, vermelhas e alaranjadas. — Por gerações, nós nos reunimos na Arena para testemunhar a resolução de tais discordâncias. Tudo começou depois da Grande Guerra, quando quase acabamos uns com os outros depois do fim dos *lonars*, nossa fonte de sangue. A violência era um modo de vida na época e ainda seria assim hoje, se não fosse pelo

Desafio da Arena.

A imagem flutuante começou a mudar, como se uma câmera aproximasse o *zoom* em uma parte específica da floresta alienígena. Mia olhou fascinada quando a imagem mostrou um krinar, vestindo farrapos de cor marrom, saltando pelas árvores com uma velocidade que teria deixado Tarzan com inveja. Abaixo dele, pequenas criaturas humanoides corriam pelo chão, com os corpos cobertos por pelos loiros e nada mais. Mia percebeu que deviam ser os lonars, vendo o olhar predador no rosto do krinar que os perseguia de cima.

Ele não era tão bonito quanto os Ks modernos. Tinha as feições mais primitivas, menos simétricas, mas ainda tinha a cor típica dos Ks nos cabelos escuros e na pele dourada.

— Evoluímos como caçadores. Predadores. — A voz de Voret ecoou pela Arena. — Precisamos de violência. Ansiamos por ela. Para que uma sociedade pacífica funcione, precisamos de uma saída, uma forma de resolver desentendimentos que, de outra forma, resultariam em conflito e guerra. A Arena é essa saída.

O krinar da imagem saltou das árvores acima para o chão em frente aos lonars indefesos. Eles gritaram de medo, com gritos parecidos com os de macacos, viraram-se para fugir, mas era tarde demais. Um deles, uma fêmea, já estava presa no abraço de aço do K, que corria os dentes afiados pelo seu pescoço. O sangue vermelho correu pelo pescoço e pelo peito dela, com a cor destacada contra a pele clara da primata.

— A extinção dos lonars quase nos destruiu. O fato de termos sobrevivido é um testemunho dos esforços heroicos daqueles cientistas que descobriram um substituto para o sangue no meio da guerra e do caos.

A imagem mudou, deixando de mostrar a floresta e o krinar que se alimentava da fêmea indefesa. Três krinars machos, com feições fortes, surgiram. Os rostos duros eram mais parecidos com o do caçador antigo do que com os belos krinars que rodeavam Mia.

— Na Arena, honramos todos aqueles que vieram antes de nós e todos aqueles que virão depois. Com este rito de violência, honramos a paz e as leis

que fizeram com que ela fosse possível.

A imagem flutuante agora mostrava a mesma floresta colorida que antes, mas, dessa vez, ela estava cheia das estruturas oblongas pálidas que serviam como residência moderna dos krinars. Um casal passeava pela floresta, dois Ks, vestindo as roupas de cor clara que Mia se acostumara a ver. Eles pareciam belos e felizes, andando juntos de mãos dadas. A imagem permaneceu por alguns segundos e desapareceu, deixando apenas Voret parado no meio da Arena.

Ele permaneceu em silêncio por um segundo. Logo depois, sua voz explodiu novamente. — Agora é hora de os lutadores se juntarem a mim. Loris e Korum, por favor, entrem na Arena.

Mia prendeu a respiração quando os dois Ks apareceram, Korum de uma estrutura à direita de Mia e Loris de outra à esquerda. Em vez das roupas comuns dos krinars ou as roupas formais brancas dos espectadores, eles usavam calças até o meio da canela que tinham a cor do sangue fresco. Os pés e o peito estavam nus, exceto por fios de tinta vermelha como decoração.

Engolindo em seco, Mia olhou para o amante fascinada. Ele estava maravilhoso e parecia extremamente selvagem. Sentada na primeira fileira, ela viu o amarelo dourado dos olhos dele, contrastando com o tom bronzeado da pele. A seminudez só acentuava a força do corpo. Enquanto ele andava, os músculos se flexionavam e ondulavam em uma postura graciosa e ameaçadora.

O outro krinar era um pouco mais alto e maior. A expressão das feições parecidas com a de um falcão era sombria e cheia de ódio.

Os dois lutadores se aproximaram do homem vestido de azul no centro da Arena, parando respeitosamente a alguns passos dele. Voret se virou para Loris e disse a ele: — Loris, você decidiu desafiar Korum hoje. Isto é verdade?

— Sim — respondeu o krinar, com os olhos brilhando com a mesma ansiedade sombria que Mia via no rosto de Korum.

Voret assentiu, parecendo satisfeito. Virando-se para Korum, ele perguntou: — Você aceita o desafio de Loris?

— Aceito — respondeu Korum.

— Então, que comece a luta.

CAPÍTULO QUINZE

K orum observou quando Voret ergueu os braços, um sinal para que começassem. Ao mesmo tempo, a tábua flutuante sob os pés de Voret foi ativada, erguendo o Conselheiro no ar acima da Arena. Era a única forma de o Mediador, o papel de Voret naquele dia, se manter seguro durante a luta.

Com os olhos grudados no adversário, Korum começou lentamente a circundar Loris, procurando a melhor oportunidade para atacar. Ele sentiu o coração bater mais forte, o sangue correr mais depressa pelas veias. A mente estava clara e nítida, concentrada inteiramente no inimigo. Era sempre assim para Korum na Arena, a adrenalina melhorava sua concentração e aprimorava seus reflexos. Em algum lugar no fundo da mente, ele tinha ciência de que Mia o observava naquele momento. Ele conseguia sentir o olhar dela na pele e isso lhe deixou mais empolgado do que a luta propriamente dita.

Loris respondeu movendo-se também em um círculo lento, com os olhos escuros queimando de ódio. Korum lhe lançou um sorriso provocador, querendo deixá-lo ainda mais enfurecido. Era um dos princípios mais básicos de defrebs: vencia o lutador que mantinha a cabeça fria. Quando Loris o atacara na câmara de reunião do Conselho, fora ridiculamente fácil para Korum subjugá-lo, parcialmente porque o Protetor estivera totalmente fora de controle.

Um sorriso, uma coisa tão simples, mas que funcionou. Loris cerrou o maxilar e o músculo perto da orelha se contraiu. E, quando ele atacou, estendendo o braço direito, os dedos se curvaram em uma arma letal.

Korum se desviou do ataque de Loris com facilidade, girando o corpo no último momento. Ao mesmo tempo, ele estendeu o pé, atingindo o joelho de

Loris com tanta força que ouviu a articulação se partir.

Loris gritou de dor, cambaleando para trás, e Korum saltou sobre ele, usando a velocidade do salto para jogar o Protetor no chão. O combate corpo a corpo era perigoso, mas não tanto agora que o adversário estava parcialmente incapacitado, apesar de ser algo temporário. O punho dele atingiu o rosto de Loris repetidamente em movimentos extremamente rápidos.

Ao mesmo tempo, o joelho de Korum bateu no lado do corpo de Loris, ferindo os órgãos internos dele.

Não seria uma luta longa.

Na verdade, subjugar o Protetor foi tão fácil que Korum provavelmente conseguiria evitar matá-lo.

A DUAS FILEIRAS de distância de Mia, Saret esperou o momento perfeito para atacar, com toda a atenção concentrada nos combatentes. Era arriscado ficar tão perto do campo da Arena, mas isso maximizava as chances de sucesso, além de colocá-lo a uma distância muito pequena de Mia, caso a oportunidade surgisse.

Claro, quando ele escolhera aquele lugar, não sabia que a caerle de Korum estaria tão bem protegida. Não só estava sentada ao lado de Arus, como havia também pelo menos dois guardiães vigiando-a. Saret os vira mais cedo. Eles tentaram se misturar com a multidão, mas os olhares intensos traíram sua verdadeira finalidade, estavam lá para proteger Mia.

Saret se perguntou se Korum suspeitava de alguma coisa ou se só estava sendo paranoico com a segurança de sua caerle. De qualquer forma, parecia que Mia estava fora do alcance de Saret por enquanto, pelo menos, enquanto Korum estivesse vivo. Mas, quando o inimigo estivesse fora do caminho, seria totalmente diferente. A não ser que outro krinar influente tomasse Mia como caerle, ela seria levada para Krina, onde Saret poderia tomá-la sob a outra identidade que tinha.

O interesse de Saret em identidades diferentes iniciara havia vários séculos, muito antes de começar a desenvolver os planos para os humanos. Ele fora encarregado de reabilitar um criminoso que era mestre em disfarces, fingindo ser três pessoas ao mesmo tempo, completas com aparência física, documentos legais e vidas estabelecidas diversos. Saret ficara tão fascinado que passara horas incontáveis aprendendo tudo sobre o ofício do homem. O

criminoso ficara mais do que feliz em contar a ele tudo o que sabia em troca de uma versão mais leve da reabilitação a que fora sentenciado.

A segunda identidade de Saret começara como uma brincadeira, como uma forma de ver se conseguiria ficar impune com algo assim na sociedade tecnologicamente avançada. E, para sua surpresa, descobrira que sim. Bastava ter as ferramentas certas, conhecimento dos vários bancos de dados do governo e alguns séculos para criar uma nova personalidade convincente.

Saret, o especialista em mente, agora era considerado um criminoso.

Juron, no entanto, era um cidadão que respeitava as leis de Krina e que, no momento, estava em uma missão individual de exploração espacial no sistema solar dos krinars. Seria Juron que tomaria Mia como caerle.

Só que Saret precisava fazer era matar Korum naquele momento e pelo menos aquela parte do plano dele seria bem-sucedida. Depois, ele poderia novamente tentar levar a paz à Terra.

O disfarce que usava era outra identidade que ele começara a desenvolver na Terra. Não era tão perfeita quanto Juron, mas era boa o suficiente para que tivesse conseguido passar pela segurança e chegar a Lenkarda para assistir à luta. Ninguém suspeitava no momento que o homem sentado tão perto do campo da Arena era o krinar mais procurado do universo.

Saret olhou novamente para Mia e, em seguida, afastou o olhar. Não seria bom encará-la abertamente, apesar de muitos outros estarem fazendo a mesma coisa. Ela estava alheia a tudo, com toda a atenção focalizada na luta. Saret xingou baixinho. Parecia que seu pequeno experimento dera muito errado e ela estava novamente ligada àquele idiota.

Era mesmo uma pena. Agora, ela ficaria mais do que chateada quando ele morresse.

Erguendo a mão lentamente, Saret mirou no campo e esperou o momento perfeito. Quando Korum saltou sobre Loris, Saret soube que chegara a hora.

Respirando fundo, ele ativou a arma.

KORUM ERGUEU O punho para dar outro soco e, naquele momento, seu braço congelou.

Uma onda de dor percorreu-lhe o corpo, começando na nuca. Os braços e as pernas ficaram incontrolavelmente pesados e os músculos estremeceram com o esforço de manter o corpo de pé.

Uma arma básica de dormência. Korum soube disso com uma certeza súbita. Os *scanners* dos guardiães eram projetados para captar qualquer coisa perigosa, mas aquele tipo de arma de dormência usava uma tecnologia antiga e mais simples,

muito mais difícil de detectar à distância.

Segurando a nuca por reflexo, Korum sentiu o corpo deslizando para longe de Loris. Ele caiu de costas no chão e ficou deitado indefeso, incapaz de se mover por alguns segundos preciosos. Para os espectadores, pareceria que Loris o atingira com um golpe escondido. A possibilidade da arma de dormência não ocorreria a ninguém imediatamente.

Apesar do perigo — ou, talvez, por causa dele —, a mente de Korum operou com absoluta clareza, analisando a situação em um instante. Havia apenas uma pessoa com motivação suficiente para se arriscar a fazer algo assim.

Saret. Ele estava lá.

A arma atingira a nuca de Korum. Ele sabia qual era a sensação de uma arma de dormência básica, pois já fora atingido por ela antes. Como uma arma humana, era uma arma que precisava ser mirada de um local específico.

Um local que poderia ser triangulado.

Ignorando a dor e a fraqueza que lhe invadiram o corpo, Korum enviou uma consulta mental ao computador interno... e teve certeza.

O inimigo estava a poucos passos de Mia.

O medo, uma sensação aguda e desesperadora, correu pelas veias de Korum, seguido de uma fúria tão intensa que seu corpo inteiro estremeceu.

Ele não conseguiria salvar a si mesmo no momento, mas não fracassaria em proteger Mia novamente.

Fechando os olhos, Korum se concentrou na conexão com a rede de comunicação privada dos guardiães.

MIA REPRIMIU UM grito ao ver Korum se contorcer convulsivamente e sair de cima de Loris. Até aquele momento, ele parecera invencível, totalmente em controle da situação. Ela até mesmo começara a relaxar, perdendo parte do medo ao testemunhar a exibição de habilidade do amante na Arena.

Até que, em um instante, tudo mudou.

O que aconteceu? Ela viu Korum colocar a mão na nuca, como se algo o tivesse atingido. Ele parecia desorientado, enfraquecido por alguma coisa.

O que diabos aconteceu?

Ela viu Loris se levantar. Ele já conseguia se mexer melhor, pois o corpo começara a se recuperar dos ferimentos que Korum lhe causara.

E Korum continuava deitado, como se não conseguisse se mover. Até mesmo os olhos dele estavam fechados, impedindo-o de ver o adversário.

— Não! — Mia ouviu o próprio grito ecoando pela Arena. Delia agarrou o braço dela, impedindo-a de saltar do banco quando Loris atacou o corpo imóvel de Korum.

Ela viu a empolgação no rosto do outro K quando ele atacou repetidamente, sentiu o odor metálico de sangue que deixou os dois corpos vermelhos.

Era o sangue de Korum.

— Não! — Outro grito de agonia saiu de sua garganta. Agora, havia um som doentio do punho batendo na carne, uma vez após a outra. — Não, pare!

— Mia arrancou o braço da mão de Delia e levantou-se de um salto.

— Mia, não! Você não pode interferir... — A garota grega tentou segurá-la novamente, mas Mia a afastou, desesperada para chegar à arena.

Ela conseguiu dar dois passos, mas um braço forte passou em volta de sua cintura, pressionando-a contra um corpo masculino. Mia enterrou as unhas no braço que a aprisionava, sem se importar com nada além do massacre que acontecia diante de seus olhos. — Pare a luta! É uma armação! Não conseguem ver? Ele não consegue lutar! É uma armação! — O braço a apertou ainda mais. — Solte-me! Deixe-me ir!

Mia estava vagamente ciente de que gritava como uma louca, berrando qualquer coisa que lhe vinha à mente, mas não se importou. Arus a segurava e ela lutava furiosamente com ele, tentando se soltar. Era impossível vencer contra um krinar, mas isso não importava.

Mia tinha perdido todos os traços de racionalidade.

KORUM SENTIU OS golpes do punho de Loris, com o corpo estremecendo de agonia enquanto os dedos afiados do Protetor arrancavam pedaços de carne.

Impulsionado pela aparente fraqueza de Korum, o inimigo o torturava antes de infligir o golpe letal. A dor era chocante, nauseante, mas Korum lutou contra a escuridão que ameaçava tomá-lo, sabendo que seria o fim. Ele estava vagamente ciente de que os rins e o baço estavam danificados, que as costelas

estavam esmagadas e a clavícula esquerda quebrada, mas não se importou, pois sentiu que o efeito do disparo de dormência começava a desaparecer.

No fundo, ele ouvia Mia gritando e chorando. A dor na voz dela fez com que seu coração se partisse. A cada segundo que se passava, a fraqueza debilitante que o deixara tão indefeso se dissipava e o corpo começava a funcionar de forma quase normal.

Ele precisava sobreviver um pouco mais. Só um pouco mais e talvez tivesse uma chance, em vez de ficar deitado lá como um pedaço de carne.

Mas, por enquanto, ele ainda estava fraco demais. Lutar de volta naquele ponto seria mortal. Loris estava brincando com ele, fazendo um espetáculo, tentando recuperar sua posição com aquela exibição de maestria na luta. Mas, se percebesse qualquer sinal de resistência de Korum, saltaria em sua garganta.

Portanto, Korum deixou que ele o golpeasse, sem nem mesmo gemer enquanto Loris o chutava repetidamente. Ele ignorou a dor dos ossos quebrando-se e dos tendões sendo rompidos, concentrando-se apenas em permanecer consciente.

E, quando Loris finalmente atacou sua garganta, Korum reuniu todas as forças que o corpo danificado e rasgado ainda tinha... e deixou que a fúria explodisse.

O braço esquerdo, o único membro que permanecia semifuncional, enrolou-se em volta da garganta de Loris em um aperto mortal, puxando o Protetor para perto. E, antes que o adversário conseguisse reagir, os dentes de Korum se enterraram na carne dele, mordendo a espinha e rompendo a conexão com o cérebro.

Havia sangue por toda parte, nos olhos de Korum, em seus cabelos, em sua

boca... Ele estava coberto de sangue e o cheiro e o gosto o consumiram, aumentando a fúria sombria que lhe percorria as veias. Ele não estava mais pensando racionalmente. Sentia uma sede de sangue intensa. Os dentes se enterraram novamente na garganta de Loris, rasgando-a, até que não havia mais nada.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Saret assistiu em choque e descrença furiosa quando a cabeça arrancada de Loris rolou pelo campo. Os olhos escuros do Conselheiro estavam abertos e sem vida, a boca aberta e coberta de sangue.

Por toda volta, a multidão estava enlouquecida. As pessoas estavam sobre os bancos, nos corredores, gritando e batendo os pés. Elas gritavam o nome de Korum sem parar, fazendo com que Saret sentisse vontade de vomitar.

Ele precisava sair de lá. Imediatamente, antes que fosse tarde demais.

Poderia analisar o fracasso mais tarde. A única coisa que importava no momento era fugir.

Levantando-se do banco, ele se juntou aos espectadores que gritavam no corredor. Pelo canto do olho, ele viu Mia lutando contra Arus, tentando chegar ao amante. Saret desejou desesperadamente que pudesse agarrá-la e levá-la consigo, mas ela estava protegida demais. Ele teria que voltar outra hora para buscá-la.

Abrindo caminho pela multidão, Saret lentamente se encaminhou para a saída, fazendo o possível para não atrair atenção para si mesmo. Ele estava quase lá quando subitamente sentiu uma sensação de choque pelo corpo inteiro.

Atordoado e indefeso, ele caiu no chão, mal percebendo os guardiães que o rodeavam.

KORUM NÃO SABIA quanto tempo permanecera naquele estado de fúria

irracional. Poderia ter sido minutos ou horas. Quando voltou a si, a cabeça de Loris estava caída a vários metros de distância, com os olhos vazios e o pescoço parecendo ter sido arrancado por um animal selvagem.

Morto. O adversário estava morto.

O próprio corpo de Korum estava em agonia e ele sentiu a escuridão tentando envolvê-lo novamente. Somente o conhecimento de que ainda havia algo que precisava fazer o impediu de ceder a ela.

O maior inimigo não era o que estava caído no campo, era o que se escondia entre os espectadores. E Mia ainda estava em perigo.

Gemendo de dor, Korum conseguiu se erguer sobre as mãos e os joelhos, com os músculos tremendos por causa do esforço. Ele estava vagamente ciente de que a multidão gritava seu nome, de que Voret o anunciava formalmente como vencedor.

Nada daquilo importava para ele agora. A única coisa que importava era Mia e chegar a ela antes de Saret. O corpo de Korum começava a se curar, mas não depressa o suficiente. Ele xingou baixinho quando o fêmur destroçado se recusou a sustentar seu peso e a perna desabou quando tentou se levantar.

— Nós o pegamos. Está tudo bem, ela está segura. — Subitamente, mãos fortes o seguraram, ajudando-o a se levantar. Era Alir, o líder dos guardiães.

A cabeça de Korum girou e o estômago queimou com a náusea quando o corpo danificado protestou contra a nova posição vertical. — Onde ele está?

— disse ele com a voz rouca e irregular.

— Lá. — Alir apontou para perto da saída com a mão esquerda enquanto segurava Korum com a direita.

Korum olhou naquela direção, espremendo os olhos devido ao sol intenso.

Quando a visão clareou, ele viu um krinar desconhecido sendo segurado por três guardiães. As feições do homem eram completamente diferentes das de Saret, com os olhos maiores e o queixo mais proeminente.

— Ele está com um disfarce muito bom — disse Alir, entendendo a pergunta que Korum não dissera em voz alta. — Mesmo a camada externa de DNA é diferente e foi por isso que não detectamos a presença dele mais cedo.

Mas as coordenadas do atirador que você nos enviou correspondia perfeitamente à localização daquele homem e uma amostra do DNA interno mostrou que ele é realmente Saret.

Um alívio intenso se misturou a uma sensação amarga, deixando Korum em conflito sobre o desenrolar dos eventos. Ele queria ter pego Saret, puni-lo pelo que ele fizera a Mia. Mas, em vez disso, o ex-amigo agora estava nas

mãos dos mantenedores das leis dos krinars. Não importava o quanto Korum queria matá-lo, Saret agora viveria para ser julgado.

— Korum! — A voz de Mia chegou aos seus ouvidos, interrompendo os pensamentos sombrios. Olhando para cima, ele viu a silhueta pequena correndo pelo campo, com os cabelos escuros esvoaçando. A alegria que o invadiu ao vê-la foi tão intensa que ele esqueceu Saret e a traição dele, concentrando-se apenas na garota que amava.

Um segundo depois, ela estava ao lado dele. Korum percebeu que ela estava pálida e trêmula e o vestido estava rasgado em um ponto. O rosto belo estava molhado de lágrimas. Um braço pálido se ergueu na direção dele, com a mão tremendo como se não tivesse certeza se poderia tocar nele. — Você está vivo — sussurrou ela, e Korum notou o tom de descrença em sua voz. —

Ai, meu Deus, Korum, você está vivo...

Korum percebeu exatamente o que ela via. Ele estava coberto de sangue, seu e de Loris. Ele sentiu o gosto metálico na língua, o cheiro que o envolvia e notou que havia sangue em seus cabelos, no rosto e na boca.

Merda. Ele devia parecer com algo saído de um pesadelo, especialmente com as partes do corpo que se curavam rapidamente onde Loris arrancara pedaços de carne.

Lembrando-se da reação dela aos restos mortais de Saur na praia, Korum xingou a si mesmo por deixar que Mia o visse daquele jeito. Ele torcera para não precisar matar Loris parcialmente por aquele motivo, porque não queria que a humana ficasse traumatizada ao ver o amante matar alguém brutalmente.

Aquela deveria ter sido uma luta fácil, durante a qual Korum teria se contido, evitado ceder aos instintos primitivos da espécie. Se não fosse pela interferência

de Saret, Korum teria subjugado o adversário com facilidade, derrotando-o, mas deixando-o vivo. Em vez disso, fora um selvagem completo, como um animal encurralado.

As pernas já estavam melhores e Korum se afastou do apoio de Alir, estendendo o braço para Mia e puxando-a em sua direção. Ele sabia que havia uma chance de que ela sentisse repulsa naquele momento, mas precisava dela.

Precisava sentir a maciez dela, inalar seu aroma doce.

Para sua surpresa, ela passou os braços à sua volta, abraçando-o com tanta força que ele sentiu dor nas costelas ainda não totalmente curadas. Ela tremeu no abraço dele.

— Está tudo bem, querida — murmurou ele. Parte da tensão desapareceu quando ele percebeu que ela não estava com medo de tocá-lo. — Vai ficar

tudo bem...

— Eu achei... — Com o rosto enterrado em seu ombro, ele mal conseguiu ouvir a voz de Mia. As mãos dela estava geladas sobre sua nuca. — Eu achei que ele tinha matado você... Ai, meu Deus, Korum, eu achei que você estava morto...

— Não — respondeu ele em tom reconfortante, contente pela aparente preocupação que ela sentira. — Não, querida, ele não me matou. Acabou agora...

Ela soltou um soluço. — Ele machucou você. Eu o vi machucar você, sem parar. Korum, ele estava matando você...

— Está tudo bem, eu estou bem — sussurrou Korum, sentindo o coração apertado ao perceber o terror na voz dela. — Vai ficar tudo bem. Lamento por você ter que assistir àquilo. Não era para ser assim, acredite...

Ela respirou fundo, trêmula, e afastou-se para olhar para ele. Os olhos estavam vermelhos, os cílios escuros e molhados de lágrimas. — O que aconteceu? Vi você cair e pareceu que não conseguia lutar mais. Loris trapaceou? Ele fez alguma coisa com você?

— Não foi Loris — explicou Korum, tentando manter a fúria fora da voz.

— Foi Saret. Ele estava no meio do público, a poucos metros de você. Ele atirou em mim com uma arma de dormência e não consegui me mexer por algum tempo.

Ela soltou uma exclamação. — Ele tentou matar você? Foi por causa dele a comoção que aconteceu lá atrás? Eu não estava prestando atenção...

— Sim — respondeu Korum. — Mandei os guardiães atrás dele assim que percebi o que estava acontecendo.

— Você mandou os guardiães? Como?

— Lembra que eu lhe disse que tenho um computador embutido? —

perguntou Korum.

Mia assentiu, encarando-o. Ela ainda estava pálida, mas os tremores que a sacudiam começavam a diminuir.

— Consegui usá-lo para falar com os guardiães.

Mia piscou algumas vezes e ele notou que ela não estava absorvendo o que ele dizia, pois a mente ainda estava consumida pelo que acabara de acontecer.

Alir parou na frente dele, fazendo com que Korum percebesse sua presença novamente. — A cerimônia de vitória está prestes a começar —

disse o guardião baixinho. — Você conseguirá participar?

Korum considerou a pergunta por um momento, segurando Mia perto de si.

Em seguida, acenou brevemente para Alir. — Estou bem. — Ele ainda sentia dor, mas era um tipo de dor curativa. O corpo se reparava por dentro e as células estavam regenerando-se. Em mais alguns minutos, ele estaria praticamente de volta ao normal.

Claro, considerando tudo o que acontecera, uma cerimônia normal com a reclamação pública da caerle estava fora de questão. Apesar de o corpo em recuperação começar a reagir à proximidade dela, Korum tinha total consciência de sua aparência. Estava sujo, suado e coberto de sangue e sabia que não estava

muito atraente para uma garota humana. Ela também acabara de passar por um grande choque e a última coisa de que precisava era lidar com avanços sexuais indesejados de um homem que agora provavelmente via como um assassino selvagem.

Alir inclinou a cabeça em um gesto de respeito e saiu do campo, com o corpo alto e grande movendo-se com o ritmo de um guerreiro. Korum praticara defrebs com o homem várias vezes nos dois anos anteriores e perdera mais de uma vez. Os guardiães eram excelentes lutadores, pois a profissão exigia que estivessem sempre na melhor forma, e Korum estava feliz por nunca ter precisado enfrentar um deles na Arena.

— Só o que você precisa fazer é ficar comigo agora — disse Korum a Mia quando Alir se afastou. — Dadas as circunstâncias, a cerimônia será breve.

— Porque você está ferido? — perguntou ela. Korum notou a tensão na voz dela.

— Não, eu ficarei bem. Mas você não está pronta para qualquer coisa parecida com uma celebração da vitória no momento — respondeu Korum em tom suave. — Precisamos ir para casa.

QUANDO A CERIMÔNIA COMEÇOU, Mia tentou se concentrar no evento, mas a mente continuava voltando para as imagens sangrentas da luta.

Flash. Korum deitado no chão, incapaz de se mover.

Flash. Sangue espalhado por toda parte. Aquela expressão terrível de satisfação no rosto de Loris.

Flash. Korum atacando de volta com a velocidade de uma serpente. O

terror súbito no rosto do outro krinar.

Flash. Mais sangue.

Flash. A cabeça de Loris arrancada do corpo.

Não, pare com isso! Mia queria gritar, mas estavam em público e ela não podia fazer isso, não podia constranger Korum daquele jeito. Ele segurava a mão dela e estavam em uma tábua flutuante larga no centro da Arena. O mesmo krinar que

conduzira o início da cerimônia falava novamente, dizendo mais algumas coisas sobre a história das lutas na Arena, mas Mia não ouvia suas palavras. Havia uma sensação irreal sobre o procedimento. Mia se sentia como se estivesse em um sonho... ou em um pesadelo.

Somente o toque de Korum era real. Ela queria se esconder no abraço dele e não sair de lá nunca mais. Quando ele a segurara mais cedo, ela sentira parte do terror desaparecendo, mas agora se sentia gelada novamente. Os dentes batiam, apesar do calor do sol brilhante da Costa Rica.

Ele estava vivo. Mia ainda não conseguia acreditar nisso. Devia ser um milagre. Como alguém conseguiria sobreviver àqueles ferimentos? Ela sabia que os krinars curavam rapidamente, mas Korum fora praticamente rasgado em pedaços. Houvera tanto sangue. *Ai, meu Deus, o sangue.*

Mia engoliu em seco, tentando conter o enjoo. Se dependesse dela, nunca mais queria ver a cor vermelha novamente. Não era de surpreender que os krinars preferissem cores claras no dia a dia, provavelmente precisavam do contraste depois do espetáculo violento da Arena.

Korum quase morrera naquele dia. O amante alienígena, tão forte, aparentemente tão invencível, quase fora aniquilado por uma traição. Por alguns momentos sombrios, Mia tivera certeza de que ele estava morto e teve vontade de morrer também. A sensação fora de que seu coração estava sendo arrancado, cada golpe no corpo de Korum esmagando algo no fundo de sua alma. Ela nunca sentira tal agonia antes e nunca mais queria senti-la.

Ela estava vagamente ciente de que Voret parara de falar, que se direcionara a Korum e perguntava sobre uma celebração. Ela viu Korum começar a balançar a cabeça negativamente e algo lhe ocorreu. Agindo por puro instinto, ela se aproximou de Korum e sussurrou na orelha dele: — Eu quero você. Por favor, Korum, eu quero você.

Ele virou a cabeça para olhar para ela com expressão incrédula. Mia apertou a mão dele, dizendo-lhe, sem abrir a boca, que estava tudo bem, que podia celebrar da forma como seu povo esperava.

Certo ou não, ela precisava dele naquele momento e não se importava com nada mais.

MIA VIU AS pupilas dele se expandirem e a íris assumir um tom dourado mais claro. Coberto de sangue e terra, ele parecia um selvagem, como um daqueles caçadores antigos que Voret mostrara no início da cerimônia. Ela o queria tanto que quase sentia dor. O corpo precisava reafirmar a vida da forma mais básica possível.

Ele hesitou por um segundo, encarando-a fixamente. Em seguida, ergueu a mão, colocando a palma grande sobre seu rosto. — Mia...

— Por favor, Korum. — Ela manteve o olhar dele, sabendo que Korum conseguia ver a sinceridade em seu rosto. Ela precisava sentir o toque dele na pele, precisava que ele a fizesse esquecer o horror que vivera na hora anterior.

Com os olhos brilhando, ele se inclinou para a frente e disse baixinho: —

Você não sabe o que está me pedindo, querida. Não vou conseguir ser... gentil agora.

Mia engoliu em seco, sentindo os músculos internos contraindo-se com aquelas palavras. — Não quero que seja.

Ele a encarou por mais alguns segundos e Mia viu uma veia pulsando no lado do pescoço musculoso. Em seguida, como se não conseguisse se conter, ele inclinou a cabeça e beijou-a, passando os braços em volta dela e puxando-a para o colo.

No fundo, Mia ouviu o barulho da multidão, com os espectadores gritando e batendo os pés, mas aquilo não a incomodou. A única coisa em que conseguia se concentrar era o calor da boca de Korum consumindo a sua, a pressão da ereção dele contra as nádegas, a sensação das mãos fortes subindo e descendo por suas costas. Havia um leve gosto metálico que deveria tê-la repelido, mas, em vez disso, deixou-a ainda mais excitada. O homem que a beijava naquele momento era um predador, um assassino, e ela o queria exatamente como era.

Erguendo a cabeça, ele a encarou por um segundo, com a respiração pesada e a pele quente sob as manchas de sangue e sujeira. Por toda a volta, a multidão tinha enlouquecido, gritando o nome deles. Subitamente, Mia imaginou que aquela devia ser a sensação que os astros de rock tinham, rodeados pelos fãs aos gritos.

Como que em resposta àquilo, uma estanha música começou a tocar, com notas

tão profundas que Mia conseguia sentir a vibração nos ossos. O ritmo era irregular, quase abrupto. Deveria ter soado como algo discordante, desagradável, mas aumentou o calor que pulsava entre suas pernas, fazendo com o coração batesse mais depressa.

Korum também reagia à música, com o pênis cada vez mais rígido contra a suavidade das nádegas de Mia. Ainda segurando-a, ele se levantou e começou a andar em direção a uma tenda no centro da Arena, carregando-a como um prêmio de guerra.

Mia se agarrou a ele, sentindo-se inebriada. Ela sentiu a cabeça girar e tudo pareceu surreal, como se estivesse acontecendo em um sonho. A aluna de psicologia dentro dela reconheceu que era a resposta do cérebro ao trauma, que não estava pensando claramente, mas ela não se importou. Estava morrendo de necessidade e Korum era a cura para o que a afligia.

Eles chegaram à tenda e ele a colocou no chão, mantendo-a pressionada contra o próprio corpo. Em vez entrarem, a tenta pareceu se mover e fluir em volta deles, cobrindo-os da visão da multidão. Mia estava vagamente ciente de como as paredes eram finas, do fato de que milhares de olhares curiosos dos krinars observavam a estrutura naquele momento, mas não conseguiu processar totalmente aquela informação. Eles tinham um pouco de privacidade e era suficiente para ela.

Assim que as paredes da tenda pararam de se mover, Korum recuou um passo, soltando-a de seu abraço. — Tire o vestido. — A voz dele estava incomumente rouca e ela viu a tensão nos ombros fortes. Com os olhos amarelos brilhantes, ele parecia selvagem, mais animal do que homem. —

Tire-o, Mia.

Ela obedeceu, tirando o vestido, com a excitação misturada com um leve toque de medo. Korum nem a tocara e Mia percebeu que ele já estava perto de perder o controle.

Antes mesmo que o vestido chegasse ao chão, ele já estava sobre ela, com uma das mãos entre suas coxas e a outra agarrando-lhe os cabelos. A boca de Korum desceu sobre a dela enquanto seu dedo a penetrava. Ele agia de forma rude, quase fanática, e Mia percebeu que não mentira antes ao dizer que não conseguiria ser gentil. Ela estava molhada, mas os músculos ainda ficaram

involuntariamente tensos e o corpo resistiu à penetração agressiva.

Subitamente, ele tirou o dedo e usou a mão que segurava seus cabelos para empurrá-la para baixo até ficar de joelhos. A terra e pequenas pedras se enterraram na pele macia dos joelhos. — Chupe — disse ele com voz rouca, abrindo a parte da frente da calça. — Quero sua boca, agora.

O pênis ficou livre, batendo no rosto dela. Mia abriu a boca, colocando-o no interior, e Korum gemeu quando os lábios dela se fecharam sobre a cabeça do pênis. Ele era salgado e a ponta já estava úmida. Ela passou a língua em

volta dele, imitando o que vira uma vez em um filme pornô. Ele emitiu um som que parecia um rosnado e as mãos seguraram-lhe os cabelos com mais força, mantendo sua cabeça no lugar quando começou a mexer os quadris.

Mia se concentrou em respirar rapidamente, tentando não engasgar enquanto ele empurrava o pênis em sua boca, pressionando-o contra a garganta. Ele investiu repetidamente e, logo depois, gozou com um gemido rouco, explodindo em jatos quentes e salgados. Quando terminou, ele lentamente retirou o pênis ainda um pouco rígido da boca de Mia.

Engolindo, Mia lambeu os lábios e olhou para ele, estranhamente excitada pelo que acabara de acontecer. Dar prazer a Korum daquela forma a deixou tão excitada como se ele também a tivesse tocado.

Ele sustentou o olhar dela, que viu que os olhos dele continuavam brilhantes, com um desejo tão forte como sempre. O pênis começou a enrijecer novamente em frente ao rosto dela. Um orgasmo apenas o deixara menos inquieto, percebeu ela quando ele a levantou.

Quando ele a tocou novamente, foi mais gentil, com o desejo mais controlado. As mãos e a boca de Korum percorreram-lhe o corpo, acariciando e adorando cada centímetro de sua pele. Mia fechou os olhos, soltando gemidos baixinhos quando a tensão do prazer começou a se acumular no ventre. Em seguida, ele se ajoelhou em frente a ela, com o rosto na altura de seus quadris e as mãos segurando-lhe as curvas suaves das nádegas. Puxando-a com uma das mãos, ele usou a outra para penetrá-la com um dedo, sendo muito mais cuidadoso desta vez. Ao mesmo tempo, a boca dele se enterrou nas curvas suaves entre suas coxas, estendendo a língua entre as dobras para lamber o clitóris.

Mia se contorceu com a mistura de sensações e o corpo inteiro ficou tenso quando o dedo dele encontrou o ponto sensível dentro dela. Ela sentiu a pressão crescente e os joelhos começaram a tremer, com as pernas subitamente fracas demais para aguentar o peso do corpo. Se não fosse pelo dedo dentro dela e a mão de Korum em seu traseiro, ela teria caído no chão ao lado dele.

— Goze para mim — sussurrou ele, com o hálito quente cobrindo-lhe o sexo. Aquelas palavras a fizeram gozar, oferecendo algo de que ela nem sabia que precisava. Tudo dentro dela se contraiu e soltou-se, em um prazer tão intenso que pareceu uma explosão das terminações nervosas.

Quando as pulsações pararam, ele retirou o dedo e puxou-a para baixo novamente. Desta vez, os dois estavam ajoelhados no chão duro. Olhando para ela, ele ergueu a mão e lentamente lambeu o dedo que acabara de retirar de

dentro dela. — Adoro o seu gosto — murmurou ele, com os olhos tão cheios de desejo que ela ficou com a boca seca. — Ele me faz ter vontade de trepar com você uma vez depois da outra só para senti-lo o tempo inteiro.

Mia respirou fundo, trêmula, sentindo o sexo se contrair de desejo.

Antes que pudesse dizer alguma coisa, ele se deitou no chão, erguendo-a e colocando-a sentada sobre seu corpo. O pênis estava duro novamente, levantado. — Cavalgue em mim, Mia — pediu ele, observando-a com um olhar semicerrado.

— Sim — sussurrou ela. E, agarrando-o com a mão direita, Mia o guiou até sua abertura, fechando os olhos quando a cabeça larga começou a penetrá-

la. Ela abaixou o corpo lentamente, provocando os dois, e foi recompensada com um gemido grave que escapou da garganta de Korum.

Quando ele a penetrou completamente, Mia abriu os olhos, encontrando o olhar ardente dele. Com o rosto cheio de sangue e terra, ele parecia perigoso, até mesmo cruel. Ela estava quase literalmente cavalgando um tigre, um predador que poderia destroçá-la em um piscar de olhos. Em vez de assustá-

la, a emoção só aumentava o desejo que corria por suas veias.

Quando ela começou a se mover, manteve os olhos nos dele, observando quando

pequenas gotas de suor surgiram em sua testa e um músculo saltou em sua mandíbula pelo esforço aparente de se conter. As mãos de Korum apertaram os quadris de Mia, com os dedos enterrando-se na carne macia. Em seguida, ele a puxou para cima e para baixo sobre o pênis, indo cada vez mais fundo.

A tensão dentro dela se acumulou novamente e Mia jogou a cabeça para trás, abrindo a boca em um grito sem som. Um orgasmo intenso invadiu seu corpo enquanto Korum continuava a investir cada vez mais depressa, buscando o próprio clímax. Quando ele gozou, os movimentos de sua pélvis intensificaram as convulsões dela, deixando-a completamente exausta.

Respirando pesadamente, Mia caiu sobre o peito dele, com os músculos totalmente relaxados e a mente vazia.

Ela estava tão relaxada que nem mesmo reagiu quando ele a puxou mais para cima, deixando seu pescoço mais perto. Foi só quando ela sentiu uma dor estranha que Mia percebeu o que estava acontecendo... e seu mundo se dissolveu em um frenesi de sangue e sexo.

Part Três

PARTE III

CAPÍTULO DEZESSETE

K orum acordou com a sensação incomum do solo duro sob as costas.

Antes mesmo de abrir os olhos, ele se lembrou de tudo o que acontecera mais cedo, incluindo a participação voluntária de Mia na celebração.

Ele sentiu o peso leve dela sobre o braço, ouviu a respiração suave e percebeu que ela estava profundamente adormecida, esgotada depois da luta e da celebração. Movendo-se com cuidado, Korum soltou o braço, abaixando a cabeça dela gentilmente até o chão. Em seguida, ele se levantou e criou roupas limpas para os dois. Uma bermuda para si mesmo e um roupão para Mia, o suficiente para que conseguissem se cobrir caso ainda houvessem espectadores na Arena.

Ele estava com sede e com fome, mas sentia-se muito bem, com o corpo praticamente latejando com energia. Os cientistas diziam que não havia

necessidade fisiológica de sangue humano ou de um lonar, devido à correção genética, mas muitos em Krina achavam que permanecera algum tipo de necessidade psicológica. Korum não sabia se acreditava naquilo, mas sabia que raramente se sentia tão satisfeito quanto nas vezes em que bebera o sangue de Mia.

Segurando o roupão, ele se abaixou ao lado dela e estudou-a por alguns segundos, contente com a visão do corpo nu. Ele raramente tinha a oportunidade de observá-la daquela forma. Normalmente, seu desejo era tão intenso que não conseguiria olhar para a pele nua sem trepar com ela imediatamente logo depois. Mesmo agora, depois da maratona sexual da noite anterior, ele sentiu um desejo quente, mas nada comparado ao que

normalmente sentia.

Ela estava deitada de costas, com um dos braços sobre a cabeça e o outro dobrado sobre o peito. Fascinado pelos seios dela, Korum estendeu a mão e acariciou um deles, sorrindo quando o mamilo enrijeceu com seu toque. A pele dela era a coisa mais macia que ele já sentira e a textura sedosa era uma atração constante para seus dedos.

Enrolando-a no roupão felpudo, ele a ergueu. Ela nem mesmo se mexeu, em um sono tão profundo que beirava a inconsciência. Era sempre daquele jeito depois que ele bebia seu sangue. O corpo humano dela precisava se recuperar do excesso de sensações.

O dele também precisava, mas menos do que o dela. Korum percebia como os outros tinham ficado viciados nas respectivas caerles. O sangue de Mia era uma grande tentação para ele, com um efeito mais potente do que qualquer droga. Ele costumava achar que viciados em sangue eram fracos, mas agora Korum se perguntava se havia realmente tanta diferença entre um vício físico e um emocional. Ele certamente não conseguia se imaginar precisando de Mia mais do que já acontecia.

Carregando-a para fora da shatela, Korum andou em direção à área gramada onde deixara a cápsula de transporte. Ele não se preocupara em desmontá-la mais cedo e o veículo agora os aguardava.

Olhando em volta, ele viu que a Arena estava completamente vazia. Era ainda muito cedo e o sol apenas começara a surgir. Sorrindo, Korum notou que devia

ter ficado dentro da shatela muito mais tempo do que o comum. Era a primeira vez que ele celebrava com uma humana e fora, de longe, a melhor experiência que tivera.

Eles chegaram à cápsula de transporte e Korum enviou um comando mental rápido para que ela os levasse para casa. Um minuto depois, entraram na casa dele, com Mia ainda adormecida em seus braços.

Assim que entraram, Korum foi diretamente para a sala de limpeza, ou banheiro, em termos humanos. Ele ainda estava coberto de terra, sangue seco e suor, e parte daquela sujeira grudara em Mia, deixando a pele pálida dela cheia de manchas escuras.

Com outro comando mental, a água começou a correr em jatos quentes que massagearam suavemente os dois corpos, lavando todos os traços das atividades do dia anterior. Korum gostou da sensação, era energizante e reconfortante. Alguns minutos depois, ele e Mia estavam limpos e secos.

Korum a carregou para a cama, sabendo que ela precisava dormir mais. Ela

estava tão exausta que nem acordara durante o banho.

Deitando-a sobre a cama, Korum deixou que o material inteligente fluísse em volta dela. Em seguida, cobriu-a com um lençol macio, pois sabia que ela gostava de se cobrir. Beijando-lhe a testa, ele lançou um último olhar para a garota que amava e saiu para começar o dia.

— ELE SE RECUSA A FALAR CONOSCO — disse Alir a Korum enquanto andavam em direção ao outro lado do prédio dos guardiães. — Ele disse que só falará com você.

— Agora ele quer falar comigo? — perguntou Korum, sem esconder o sarcasmo da voz. — E o que deu a ele a impressão de que está em posição de fazer exigências?

Alir deu de ombros. — Não sei. Mas ele parece convencido de que você estará interessado em ouvir o que ele tem a dizer. Disse que tem alguma coisa a ver com Mia.

As mãos de Korum se fecharam ao ouvir o nome da caerle. O fato de Saret ousar

falar no nome dela...

— O relatório para os Anciãos está pronto — disse Alir, mudando de assunto. — Quer revisá-lo?

— Sim — disse Korum. — Envie-o para mim. Eu o levarei ao Conselho.

Alir assentiu. — Farei isso.

Eles chegaram ao destino e Alir parou antes de entrar. — Quer que eu o acompanhe?

— Não. — Korum tinha certeza daquilo. — Quero falar com ele sozinho.

— Então ele é todo seu. — Virando-se, Alir começou a percorrer o caminho de volta, deixando Korum sozinho.

Korum esperou até que o líder dos guardiães tivesse ido embora. Em seguida, deu um passo à frente na direção da parede que escondia o inimigo de suas vistas. A parede se dissolveu, formando uma entrada, e ele avançou.

Saret estava sentado em um banco flutuante com uma coleira de criminoso em volta do pescoço. Korum sorriu com aquela visão. Ele se lembrava de ter uma discussão com Saret sobre os colares algumas centenas de anos antes. O

ex-amigo tentara convencê-lo de que os colares eram degradantes e desnecessários. Korum discordara, acreditando que a vergonha do colar de criminoso ajudaria a deter futuros criminosos.

Era bom ver Saret usando um daqueles, particularmente por causa da opinião que tinha sobre eles.

— Vejo que não está mais disfarçado — observou Korum, estudando as feições familiares do inimigo. — Errou um pouco os cálculos, não?

Saret abriu um sorriso frio. — Parece que sim. Subestimei o quanto Loris odiava você. Se eu soubesse que ele tentaria prolongar o processo de matá-lo, teria atirado em você duas vezes.

— Vivendo e aprendendo — retrucou Korum. — Não é isso que os humanos

dizem?

— É verdade. — Os olhos de Saret brilharam com algo sombrio.

Korum lhe lançou um olhar zombeteiro e sentou-se em outro banco flutuante, esticando as pernas em um gesto de desrespeito. — Você queria falar comigo — disse ele friamente. — Portanto, fale.

— Muito bem — disse Saret. — Falarei. Como está Mia, por falar nisso?

Ela parecia um pouco chateada ontem.

Korum sentiu uma onda de raiva, mas manteve a expressão calma e divertida. — Ela estava. Mas está feliz agora, como tenho certeza de que pode imaginar.

— É claro que sim — respondeu Saret. — E ajustando-se tão bem à vida aqui, não é? É quase como se ela não tivesse perdido totalmente a memória, não acha? É como se ela ainda conhecesse você em algum nível, talvez até o ame. E aceita tudo com tanta facilidade. Nada a afeta por muito tempo.

Incrível, não?

Korum congelou por um segundo, sentindo um arrepio na espinha. A única forma de Saret saber daquilo seria...

— Sim — disse Saret. — Vejo que está no caminho certo. Errei os cálculos novamente, veja bem. Mia deveria ter ficado comigo, não com você.

— O que você fez com ela? — perguntou Korum baixinho, sentindo os cabelos se arrepiarem na nuca.

Saret riu. — Nada muito horrível, acredite. Só garanti que ela ficasse receptiva. Ainda é ela mesma...

— O que você fez? — Sem nem perceber o que estava fazendo, Korum se viu fora do banco com a mão em volta do pescoço de Saret.

Saret fez um som como se estivesse engasgando, com a mão puxando os dedos dele. Korum se forçou a soltá-lo, dando um passo atrás. Ele tremia de raiva e sabia que mataria Saret se não colocasse uma certa distância entre os dois.

— Chama-se suavização — disse Saret, esfregando o pescoço. A voz dele estava rouca porque Korum esmagara parcialmente sua traqueia. — É um novo procedimento que desenvolvi especificamente para os humanos. Uma mente suavizada não sente medo tão intensamente. Também fica mais aberta a novas impressões, a novas ideias. — Saret fez uma pausa dramática. — Novas ligações. Na verdade, tal mente busca alguma coisa, ou, na verdade, alguém a quem se ligar.

Korum olhou para Saret, sentindo o sangue gelar nas veias.

— E esse alguém pode ser qualquer um, veja bem. Deveria ter sido eu, mas foi você.

Você está mentindo. Korum queria gritar, negar o que acabara de ouvir, mas não conseguiu. Tudo fazia sentido. A garota que ele conhecera em Nova Iorque não teria aceitado tudo com tanta facilidade, não o teria convidado para ir para a cama depois de conhecê-lo havia apenas um dia. Ela teria ficado assustada e desconfiada, e ele precisaria ganhar a confiança e a afeição dela novamente. Em vez disso, ela parecera amá-lo praticamente sem qualquer esforço de sua parte.

Exceto que não fora assim, na realidade. Os sentimentos que ela tinha por ele não eram reais. Nada era real. O comportamento dela, a aparente ligação que tinha com ele, era tudo resultado do procedimento de Saret.

— Ela ainda tem as lembranças? — Korum enterrou a agonia bem no fundo, onde ela não conseguiria afetar seus pensamentos racionais. — Ou você as apagou mesmo assim?

Saret sorriu, visivelmente feliz com a pergunta. — Não, as lembranças desapareceram. Só parece que estão lá porque ela está absorvendo tudo como uma esponja, aprendendo com uma velocidade incrível. Logo, ela estará mais acostumada com nosso mundo do que antes, se é que isso já não aconteceu.

— Pode desfazer isso? — Korum sabia que era inútil, mas precisava perguntar.

— O quê? A suavização ou a perda de memória?

— As duas. Uma delas.

O sorriso de Saret aumentou. — Não posso. E, mesmo se pudesse, não faria isso.

Talvez você a tenha agora, mas nunca a terá de verdade. Nunca saberá se o que ela sente por você é genuíno ou se sentiria o mesmo por qualquer outro homem que estivesse ao seu lado ao acordar.

Korum olhou para o homem que um dia considerara como amigo.

Lembranças da infância, feliz e despreocupada, passaram por sua mente,

deixando um gosto amargo. — Por quê? — perguntou ele baixinho.

— Por que eu odeio você? — Saret ergueu as sobrancelhas. — Ou por que fiz isso tudo?

Korum continuou encarando-o.

— A resposta é a mesma para as duas coisas — disse Saret, com o sorriso desaparecendo. — Eu estava cansado de ficar sempre na sua sombra. Não importava o que conseguisse fazer, a altura que chegasse, era sempre apenas o amigo de Korum. Korum, o inventor. Korum, o projetista. Korum que nos trouxe para a Terra. A sua ambição não tinha limites, nem meu ódio por você.

— Ainda assim, você me apoiou — disse Korum. A dor da traição estava um tanto distante, sem atingi-lo completamente ainda. — Você sempre esteve ao meu lado no Conselho. Você me ajudou a nos trazer para cá, para a Terra.

— É verdade — concordou Saret. — Porque eu sabia que era tolice fazer qualquer outra coisa. Até mesmo os Anciãos dançam de acordo com a sua música hoje em dia, não é?

Korum não justificou aquilo com uma resposta. Em vez disso, lançou um olhar rancoroso a Saret. — Então, todos os seus planos grandiosos para os humanos, o seu suposto desejo de paz mundial, foram devido à inveja?

— Não — respondeu Saret, estreitando os olhos. — Eu vi uma forma de moldar a história e aproveitei a oportunidade. Que conquista seria maior do que a paz para um planeta inteiro? Você acha que alguma de suas maquinetas se compararia a isso?

— Uma conquista que envolveria a morte de cinquenta mil krinars.

— Sim — retrucou Saret, tendo a ousadia de parecer arrependido por um momento. — Isso teria sido uma infelicidade. Inevitável, mas uma infelicidade.

— Infelicidade? — Korum mal conseguiu acreditar no que ouviu. — Qual é o problema com você, Saret? Como você se transformou nisso?

Agora Saret começava a parecer furioso. — Qual é o problema comigo?

Você me pergunta isso enquanto está parado aí, com o sangue de Loris ainda fresco em suas mãos? Acha que há alguma coisa errada comigo porque eu queria o bem de bilhões matando alguns milhares? Quantos krinars você matou na Arena, Korum? Vinte, trinta? E humanos? Acha que você não gosta de matar, como todos os outros de nossa raça maldita?

Korum o encarou, tentando entender aquele homem que conhecera a vida inteira. — Você está errado — respondeu ele baixinho. — Não gosto de matar.

Eu não queria matar Loris ontem. E não teria matado se você não tivesse

interferido. Eu gosto das lutas propriamente ditas, não o resultado final delas.

E é assim que a nossa raça maldita é, como você deveria saber, já que é o especialista em mente aqui. Adoramos o perigo e a violência, precisamos deles, mas não precisamos ser assassinos.

— Mas, mesmo assim, nós somos — disse Saret. — Você pode mentir a si mesmo o quanto quiser, mas é o que somos, no fim das contas. Viemos para a Terra e milhares de humanos morreram durante o Grande Pânico como resultado. E o que você quer fazer agora resultará em muitas mortes. Ela não perdoará você por isso, como sabe muito bem.

— O seu procedimento não cuidará disso? — perguntou Korum, com a boca curvando-se em um sorriso amargo. — Ela não me amará, não importa o que aconteça?

Saret balançou a cabeça negativamente. — Não. Com provocação suficiente, o amor dela se transformará em ódio. Espere e verá.

CAPÍTULO DEZOITO

M ia acordou com um grito. O coração batia depressa e a pele estava coberta por um suor frio.

No sonho, o corpo de Korum era um cadáver mutilado, boiando em um rio de sangue. Ela tentara salvá-lo daquele rio, puxá-lo para a beira, mas fora inútil. A corrente era forte demais, arrancando-o de suas mãos e carregando-o para longe, em direção à cachoeira, onde a água era escura como sangue seco.

Sentando-se depressa, Mia tentou controlar a respiração. Fora apenas um pesadelo. Korum vencera a luta. Estava seguro.

Seguro e totalmente recuperado, se fosse considerar a celebração do dia anterior.

Lembrando-se de como ele estivera recuperado, Mia imediatamente se sentiu muito melhor. O vigor do amante era literalmente de outro mundo. O

prazer que ele lhe dera fora indescritível, quase mais do que podia aguentar.

Ela nunca sentira tanto êxtase como quando ele a mordera. Nunca imaginara que tais sensações sequer existissem.

Sorrindo, ela saiu da cama e foi para o chuveiro. A luta terminara, Saret fora capturado e não havia mais nada a temer.

Finalmente, ela e Korum estavam em segurança.

Cantando baixinho, Mia deixou que a tecnologia de limpeza trabalhasse enquanto ficava parada pensando no amante e como ele se tornara essencial novamente.

Quando estava limpa e seca, ela foi para a cozinha e pediu à casa que preparasse o café da manhã. De acordo com as informações no *tablet*, Adam, o parceiro do laboratório, deveria voltar das férias de uma semana naquele

dia, o que significava que Mia poderia começar a reaprender tudo o que esquecera sobre o estágio.

O laboratório não estaria aberto, devido aos acontecimentos recentes, mas ela esperava que houvesse uma forma de continuar a aprender sobre a mente.

O assunto a fascinava mais do que nunca.

KORUM ANDOU SEM rumo pela praia, deixando que o rugido das ondas abafasse a cacofonia na cabeça. Pela primeira vez na vida, ele se sentia perdido.

Perdido, indefeso e furioso.

A fúria era direcionada principalmente a si mesmo, mas uma boa parte dela era reservada a Saret. Korum não se deixara pensar sobre a traição do amigo mais cedo, concentrado demais em Mia e na perda de memória dela.

Depois, a luta consumira sua atenção. Agora, no entanto, não havia nada para distraí-lo do fato de que um homem que ele considerara como amigo acabara se tornando seu pior inimigo.

Korum sabia que nem todos gostavam dele. Era um assunto que nunca o incomodara. Ele era respeitado e temido, mas havia apenas alguns poucos indivíduos que jamais considerara como amigos. A maioria deles permanecia em Krina, ocupados com a vida e a carreira. Saret fora o único que o acompanhara até a Terra.

Mesmo quando criança, Korum sempre fora autossuficiente. Ele descobrira o interesse por projetos desde cedo e aquela paixão consumira sua vida... até Mia. Agora, ele tinha duas paixões: seu trabalho e a garota humana que era sua caerle. Ele não era um solitário, mas raramente precisava da companhia de outros. Diferentemente da maioria, Korum era tão feliz quando estava sozinho, ou agora passando tempo com Mia, como quando estava rodeado de pessoas.

A traição de Saret se provara algo agonizante em vários níveis. Korum confiara em Saret, que fora seu confidente por séculos, dividindo os objetivos e os sonhos. Eles brincaram juntos quando eram crianças, discutiram as conquistas sexuais na adolescência e frequentemente trabalharam juntos em direção a um objetivo comum como membros do Conselho. Quando Saret começara a odiá-lo? Ou sempre fora daquela forma e Korum apenas fora cego demais para enxergar? Poderia confiar em algum de seus amigos ou eram todos como Saret, só esperando para atacar quando ele lhes desse as costas?

Aqueles pensamentos eram dolorosos e perturbadores. Duvidar de si mesmo não fazia parte da natureza de Korum, mas ele não podia deixar de imaginar se tudo aquilo fora culpa sua. Ele sabia que era duro e arrogante às vezes, até mesmo

implacável em se tratando de atingir seus objetivos. Ele fizera alguma coisa para que Saret o odiasse tanto? Ou era simplesmente inveja, como o próprio Saret dissera?

Chegando ao estuário onde se sentara antes com Mia sobre as rochas, Korum tirou a roupa e entrou na água, deixando que ela o esfriasse. Ele sempre achara o oceano algo terapêutico. O poder das ondas o atraía e ele gostava mais ainda quando a corrente estava forte, como acontecia naquele momento com a maré alta. A corrente o pegou, carregando-o para as águas mais fundas, e Korum não resistiu, boiando até que a praia estivesse a alguns quilômetros de distância. De lá, ele começou a nadar de volta, com a corrente oferecendo resistência suficiente para que fosse um desafio. O exercício mecânico de nadar ajudou a limpar a mente e ele se sentiu um pouco melhor quando finalmente saiu da água.

Sentando-se nas rochas, ele deixou que o sol batesse na pele nua, aquecendo-o novamente. A pior coisa em relação à traição de Saret não era o que ele fizera a Korum, eram as consequências para Mia. Ela não só perdera a memória, como também a liberdade de pensamento. O que ela sentia por Korum agora era involuntário, um efeito colateral daquela "suavização" que Saret causara nela. A bela e doce garota não era mais a mesma pessoa. A mente dela fora adulterada da forma mais imperdoável.

Korum se lembrava de que ela tivera medo disso. Quando chegara em Lenkarda, ela ficara hesitante sobre o implante de idiomas, com medo de ter uma tecnologia alienígena em seu cérebro. Korum achara aquilo divertido na época, mas, como acabara acontecendo, ela estivera certa em ter medo. Saret fora perigoso o tempo inteiro.

E Korum não conseguira protegê-la. A ideia o incomodava, devorando-o por dentro. Ele, que nunca fracassara em nada antes, fora incapaz de proteger a pessoa que mais lhe importava. Mia algum dia o perdoaria por isso? E, se pudesse perdoá-lo, como ele saberia que os sentimentos dela eram reais? Se Saret estivesse falando a verdade, ela aceitaria a maioria das coisas sem discutir, com as reações diferentes do que teriam sido antes.

Levantando-se, Korum vestiu as roupas e começou a caminhar para casa.

Seria uma longa caminhada, mas ele não tinha pressa. Mia estava lá e, pela primeira vez, ele não estava muito ansioso em vê-la.

Ele teria que contar a ela o que descobrira naquele dia. Ela ia querer saber, ia querer tomar as próprias decisões sobre o que fazer a seguir.

E, se ela optasse por deixá-lo, ele teria que deixá-la ir embora.

Mesmo que isso o matasse.

MIA SAIU DA casa e andou até a cápsula de transporte que a aguardava. Ela enviara uma mensagem a Adam usando a pulseira e o K concordara em encontrá-la, enviando a pequena nave para buscá-la e levá-la até o laboratório.

Entrando na nave, Mia se sentou em um dos bancos flutuantes, sentindo-o se ajustar em volta dela. Ela estava ficando tão acostumada com a tecnologia dos Ks que nem mesmo precisava pensar em como usar nada, tudo começava a parecer perfeitamente natural.

Ela estava curiosa para encontrar o ex-parceiro e mergulhar novamente naquela parte de sua vida em Lenkarda. Ela encontrara algumas gravações em que Adam explicava alguma coisa e ficara impressionada não só com a inteligência dele, como com a capacidade dele de transformar assuntos complexos em termos simples e fáceis de entender.

Dois minutos depois, ela chegou a uma clareira em frente a um prédio de tamanho médio que parecia ter passado por algo extraordinário. As paredes tinham desaparecido parcialmente, como se algo as derretera de cima para baixo, mas o interior parecia perfeitamente intacto.

Adam estava parado lá, esperando a chegada dela. Quando Mia saiu da cápsula, ele sorriu, um sorriso aberto e genuíno que iluminou o rosto bonito.

Ele tinha o que Mia começava a considerar como a cor típica dos Ks: cabelos e olhos escuros e aquela pele lindamente bronzeada.

— Ei, olá, parceira — disse ele, com os olhos enrugando-se de forma atraente nos cantos. — Ouvi dizer que nosso chefe virou o doutor Maligno e praticou um pouco de mal em você.

Mia sorriu, gostando imediatamente daquele krinar. — Sim, é verdade.

Você partiu por uma semana e olhe só o que aconteceu.

— Então, agora você não se lembra de mim? — perguntou ele, com a expressão ficando mais séria. — O quanto ele apagou?

— Quando acordei aqui há alguns dias, minhas lembranças mais recentes eram de março — explicou ela, observando quando o K cerrou o maxilar.

— Aquele imbecil desgraçado — disse Adam com a voz cheia de fúria. —

Lamento muito, Mia. Pena que eu não estava aqui...

Mia fez um gesto indiferente com a mão. — Não seja bobo. Ninguém suspeitava de nada, ele era bom demais. Ele até conseguiu entrar escondido na luta ontem e quase matou Korum.

— É, ouvi falar disso também — disse Adam. — Assisti ao vídeo da luta esta manhã.

— Ah, certo. — Mia tentou não corar. Se Adam vira a luta, talvez também tivesse assistido à celebração que acontecera depois.

— Quer entrar? — perguntou Adam, acenando em direção ao prédio arruinado. — Acho que conseguiremos extrair muitos dos arquivos e dados.

Falei com os outros estagiários e eles não se importam.

— Claro — disse Mia rapidamente, grata pela mudança de assunto.

Andando até o prédio, eles entraram por uma abertura irregular em uma das paredes. O mecanismo normal que dissolvia a parede parecia não estar funcionando, o que não era surpresa, considerando a condição do prédio.

— O que acontecerá com o laboratório? — perguntou Mia quando chegaram ao interior. — Qual é o protocolo normal para algo como isto?

Adam deu de ombros. — Não há protocolo normal. Este laboratório é de Saret e, tecnicamente, estamos invadindo a propriedade dele. Apesar de eu achar que agora talvez seja do governo, considerando os crimes de Saret. Não sei bem ao certo como essas coisas funcionam. Eu diria que a maioria das informações será transferida para os laboratórios nos outros Centros e que, talvez, algum outro especialista em mente queira abrir um novo laboratório aqui em Lenkarda.

— E você? Por que não colocam você como encarregado do laboratório?

— Eu? — Adam ergueu a sobrancelha. — Para eles, sou jovem e inexperiente demais.

— É? — Mia olhou para ele surpresa. Ele parecia um homem na melhor forma, muito similar a Korum. — Que idade você tem?

— Ah, é verdade, esqueci que você não se lembra. — Adam sorriu. —

Tenho vinte e oito anos, apenas alguns anos mais velho que você. Também cheguei recentemente no Centro. Fui criado por uma família humana.

— É mesmo? — Mia arregalou os olhos. — Como?

— Fui adotado quando bebê — respondeu Adam. — Agora, por que não começamos a vasculhar alguns dos arquivos de Saret para ver se há algo útil neles? Talvez seja possível lançar alguma luz sobre a sua condição.

Mia estava louca para fazer mais perguntas sobre a origem de Adam, mas ele não parecia estar disposto a falar sobre o assunto. Portanto, ela se concentrou na tarefa à frente. Adam mostrou a ela como operar alguns dos equipamentos do laboratório e eles começaram a percorrer montanhas de informações, procurando qualquer coisa relacionada à memória.

Seis horas depois, Mia se levantou e esfregou o pescoço. O cérebro parecia prestes a explodir por causa de tudo o que aprendera naquele dia.

Adam ainda estava muito concentrado, percorrendo arquivo após arquivo sem qualquer indicação de cansaço.

Ouvindo os movimentos de Mia, ele ergueu os olhos da imagem que estudava e abriu um sorriso. — Você deveria ir para casa, Mia. Está ficando tarde. Trabalharei um pouco mais e depois também irei embora.

Mia hesitou. — Tem certeza? — Ela estava mentalmente exausta e faminta, mas se sentiu mal em deixar Adam sozinho.

— É claro — respondeu Adam. — Pode ir. Chega por hoje.

KORUM ANDOU DE um lado para outro na sala de estar, ainda agitado demais para ficar sentado. Quando chegara em casa uma hora antes e encontrara-a vazia, pensara imediatamente que alguma coisa acontecera a Mia, que, afinal de contas, Saret encontrara uma forma de chegar a ela.

Obviamente, não fora isso que acontecera. Uma verificação rápida revelara a localização dela e, em seguida, fora fácil acessar as imagens de satélite e vê-la conversando com Adam do lado de fora do laboratório de Saret várias horas antes. Ainda assim, aqueles poucos segundos antes que Korum verificasse que ela estava em segurança o deixaram gelado.

Agora, ele lutava contra a vontade de ir até o laboratório para buscar Mia.

Ele queria segurá-la e sentir o calor do corpo dela em seus braços, talvez pela última vez. Depois que lhe contasse a verdade sobre sua condição, ela teria motivos suficientes para querer deixá-lo. Apesar de a perda de memória ter sido algo terrível, o outro procedimento era muito mais invasivo, alterando o cérebro dela de uma forma que ela acharia imperdoável. Agora, ela nunca saberia se o que sentia por Korum, ou em relação a qualquer outra coisa, era real ou resultado do que Saret fizera.

Uma tentação sombria incomodava Korum. E se ele não contasse a ela? E

se ela continuasse ignorante, feliz com a vida como estava? Além de Saret e

Korum, ninguém mais sabia da verdade. Ele poderia ficar com ela, que o amaria. E ele seria o único a saber que não era amor de verdade.

Alguns meses antes, Korum não teria hesitado. Ele a quisera e simplesmente a tomara, desconsiderando os desejos dela. Se tivesse enfrentado esse dilema naquela época, teria sido uma decisão fácil de tomar: ele a manteria e mandaria o resto para o inferno. Mas não podia mais fazer isso, não podia tratá-la como uma criança ou um animal de estimação, como ela uma vez o acusara de fazer. Ele queria que ela ficasse, mas ela precisava ter a liberdade de decidir, mesmo que aquela liberdade tivesse sido adulterada de certa forma.

Não, ele precisava contar a ela e teria que fazer isso em breve.

FINALMENTE, Korum viu uma cápsula pousar no lado de fora. Mia saiu e a nave decolou, voltando para o lugar de onde viera.

Apesar do humor sombrio, Korum não conseguiu evitar um sorriso quando ela entrou na casa. Ela usava um vestido cor de creme que deixava a maior parte das costas nua e os cabelos escuros estavam presos em um coque grosso e desgrenhado. O penteado era surpreendentemente sensual, expondo o colo delicado e atraindo a atenção dele para o pescoço elegante.

— Querido, cheguei — disse ela, abrindo um sorriso de orelha a orelha.

Sem conseguir se conter, Korum riu e pegou-a nos braços, levantando-a para beijá-la.

Quando ele a colocou novamente no chão, quase ficou cego com seu sorriso. Ela olhou para Korum como se ele fosse seu mundo inteiro. E o coração de Korum pareceu explodir em um milhão de pedaços.

— Como foi seu dia, querida? — perguntou ele, ainda segurando a cintura dela.

— Foi ótimo — respondeu ela, ainda sorrindo. — Conheci Adam novamente. Ele é muito simpático. Gostei muito dele.

Korum sentiu uma onda de ciúmes, mas rapidamente a reprimiu, recusando-se a ceder à emoção. Mia sempre gostara do parceiro, mas, até onde Korum sabia, seus sentimentos eram inteiramente platônicos. Além do mais, o jovem K já era obcecado por uma humana. Korum descobrira aquilo durante uma verificação que fizera sobre Adam logo depois que Mia começara a trabalhar com ele.

— Vasculhamos muitos dos arquivos de Saret — continuou Mia, com os

olhos brilhando de empolgação. — Adam acha que, assim, conseguiremos descobrir alguma coisa de útil sobre a minha condição.

Naquele momento, a barriga dela roncou e, em resposta, seu rosto ficou vermelho, fazendo com que Korum sorrisse. — Imagino que alguém está com fome — brincou ele.

— Culpada — disse ela, rindo.

Sorrindo, Korum a soltou e foi para a cozinha. Alguns minutos depois, eles estavam comendo sanduíches de legumes grelhados com molho de abacate.

Mia rapidamente devorou tudo o que havia no prato. Korum fez o mesmo, com muito apetite depois do exercício no mar mais cedo. Para sobremesa, Korum comando à casa que fizesse uma torta de kiwi e manga, com uma crosta feita de nozes de macadâmia moídas, e chá para Mia.

Enquanto comiam, Korum estendeu o braço sobre a mesa e pegou a mão dela, acariciando-lhe a palma com o polegar. — Mia — disse ele baixinho —, há uma coisa que preciso contar a você.

Ela parou por um segundo, parecendo reagir ao tom sério da voz dele. —

O que é?

— Falei com Saret hoje — disse Korum, apertando os dedos em volta da mão dela. — Ele não só apagou suas lembranças recentes. Ele também fez algo para fazer com que... aceitasse as coisas mais facilmente.

MIA ENCAROU O AMANTE, sem conseguir acreditar no que ouvira. — O quê? O

que isso significa?

— Ele chamou de "suavização" — respondeu Korum. A expressão em seu rosto era sombria. — Parece que foi uma forma de deixá-la mais aberta aos avanços dele. Se ele não mentiu, você não tem mais tanto medo quanto antes...

e também está mais aberta a novas impressões.

Mia franziu a testa. — Não estou entendendo. Como isso teria ajudado Saret?

— Porque você não está mais só aberta a novas impressões, o que explica por que está se aclimatando tão bem, mas também mais suscetível a ligações com novas pessoas. — A boca de Korum estava apertada por causa da raiva.

— Ligações com novas pessoas? — Mas logo ela entendeu. — Ele achou que eu me apaixonaria por ele? Isso é loucura! — Ela riu em um convite para que ele dividisse a brincadeira.

Korum não respondeu e o ar divertido dela desapareceu. — Espere um momento — disse ela lentamente. — Está dizendo o que acho que está dizendo?

— Sinto muito, Mia. Eu queria muito que não fosse verdade.

Automaticamente balançando a cabeça, Mia puxou a mão que ele segurava e levantou-se. — Mas isso é ridículo — disse ela. — Você está dizendo que não sou eu mesma? Que tudo o que penso e sinto é produto de um procedimento de um louco? Que o que eu sinto por você não é real?

Korum também se levantou. — É tudo culpa minha — disse ele com a voz cheia de culpa. — Eu devia ter estado lá. Eu devia ter protegido você dele...

— Não. — Mia se recusava a acreditar naquilo. — Como você sabe que ele não estava mentindo? Não seria óbvio que ele mentiria?

— Seria — respondeu Korum. — Faria todo o sentido do mundo. E é por isso que quero que seja examinada pelo laboratório da mente no Arizona.

Iremos até lá amanhã.

— Mas você não acha que ele esteja mentindo.

— Não. — Korum lhe lançou um olhar cheio de dor. — Não acho.

— Por que não? — sussurrou Mia, com a voz começando a tremer.

— Porque você não tem sido totalmente você mesma, minha querida —

disse ele em tom gentil. — As diferenças são sutis, mas estão aí. Você também notou, não é?

Mia respirou fundo. Ela tinha notado. Claro que tinha. Ela se perguntara por que estava ajustando-se tão bem ao novo mundo, a viver em uma colônia alienígena com um amante que acabara de conhecer. Um amante que, agora, era tão necessário para ela como o ar.

— Não pode existir uma explicação diferente para isso? — Mia sabia que estava tentando se agarrar a fragmentos, mas a alternativa era demais para processar. — E se as minhas lembranças não tiverem realmente desaparecido?

E se ainda estiverem lá, guardadas bem no fundo? Isso explicaria tudo, por que me sinto tão confortável aqui, por que estou aprendendo tão depressa, por que

me apaixonei por você...

Korum fechou os olhos por um momento. Quando os abriu novamente, eles estavam sombrios. — Não, Mia. Você não se apaixonou por mim. Mal me conhece.

— Mas ainda me lembro de você em algum nível...

Ele respirou fundo. — Não lembra, querida. Ellet fez alguns testes em você antes que acordasse e havia sinais de danos consistentes com a perda de

memória. Eu queria muito que fosse diferente, acredite.

Mia pestanejou, engolindo em seco para tentar conter o nó que crescia na garganta. Ele achava que ela estava danificada. Defeituosa. Incapaz de ter emoções reais. — E agora?

— A decisão é sua — disse Korum, com a voz estranhamente calma. —

Você pode ficar comigo ou voltar para a sua vida antiga.

— Voltar à minha vida antiga? — Ela mal conseguiu dizer aquelas palavras. — Você... você quer que eu vá embora?

— O quê? Não! — Ele pareceu atônito com a ideia. — É claro que não quero que vá embora. Você passou a ser a minha vida inteira, não entende isso?

Mia quase estremeceu de alívio. Ele ainda a queria, apesar dos danos causados pelo procedimento.

— Você também é minha vida inteira — disse ela. — Sei que você acha que o que sinto é resultado do que Saret fez, mas não acredito nisso. Eu amei você antes, apesar de tudo o que aconteceu entre nós. E eu me apaixonei novamente por você nos últimos dias. Você pode achar que não é real, mas conheço minha própria mente. Sim, notei que não estou reagindo às coisas como seria de se esperar, mas e daí? Não é uma coisa boa eu estar aprendendo tão depressa? Que estou me sentindo tão confortável em Lenkarda como eu era em Nova Iorque? Mesmo que seja resultado do procedimento de Saret, não muda o fato de que é assim que sou agora, de que é assim que penso e sinto.

Isso não torna minhas emoções mais fracas nem menos reais.

Enquanto ela falava, as pequenas rugas de tensão em volta da boca de Korum começaram a se dissipar. — Tem certeza, Mia? — perguntou ele, com os olhos enchendo-se do calor dourado familiar. — É isso o que realmente quer?

— Ficar com você? Sim! — Mia nunca tivera tanta certeza de alguma coisa na vida. A ideia de deixá-lo, de voltar para casa e nunca mais vê-lo, era insuportável. Quando achara que ele estava morto, também quisera morrer. A vida sem Korum não valia a pena.

— Então você ficará comigo. — A voz dele estava rouca. Rapidamente, ele estendeu as mãos e puxou-a para seus braços.

A boca dele estava faminta, como se quisesse consumi-la, e Mia respondeu à altura. Ela ansiava pelo toque dele, pelo seu abraço. O êxtase chocante do ato sexual depois da luta na Arena a deixara exausta, mas ela ainda assim queria mais. Mais de Korum, mais da magia que existia entre eles.

As mãos dele estavam frenéticas, arrancando-lhe o vestido, que caiu em farrapos no chão. As roupas de Korum tiveram o mesmo destino. Antes que ela conseguisse piscar, viu-se pressionada contra a parede, com as pernas abertas.

Ele a ergueu, esfregando o pênis rígido contra seu sexo exposto.

— Puta merda — rosnou ele. A expressão era de um homem sentindo dor, a respiração pesada e irregular. — Preciso ficar dentro de você, Mia. Agora.

— Sim — sussurrou ela, sustentando o olhar ardente dele. — Sim... por favor...

Como se ela tivesse lhe dado permissão, ele a penetrou com o pênis largo, preenchendo-a completamente. Mia gritou, com o prazer e a dor da penetração tão intensos quanto atordoantes. Da forma como ele a segurava, Mia estava completamente vulnerável, incapaz de controlar a profundidade da penetração.

Ele a penetrara tão fundo que ela o sentiu quase dentro do ventre, contraindo os músculos em uma tentativa inútil de contê-lo.

Ele fez uma breve pausa, deixando que ela recuperasse o fôlego. Em seguida, começou a investir repetidamente, pressionando-a contra a parede.

Mia gemeu, com o corpo invadido pelas sensações. Não houve um acúmulo lento, uma transição gradual entre o desconforto e o prazer. Em vez disso, o orgasmo a atingiu subitamente e os músculos internos se contraírem em volta dele sem aviso.

Ele gemeu, aumentando o ritmo, e ela gozou novamente com um grito, sem conseguir controlar a resposta do corpo. A pele estava quente e ela ofegava, lutando para respirar, mas ele foi implacável, levando-a a um terceiro orgasmo poucos minutos depois do segundo.

E, quando Mia achou que não aguentaria mais, ele gozou com um grito selvagem, jogando a cabeça para trás.

NA MANHÃ SEGUINTE, Korum esperava impacientemente enquanto Haron, o especialista em mente do Centro do Arizona, examinava Mia com cuidado.

Ela estava deitava em uma maca flutuante, com os olhos fechados e a expressão relaxada. Ela fora sedada de leve para possibilitar um exame mais aprofundado do cérebro. Haron empurrou os cabelos dela para trás, expondo um pouco mais da testa para que pudesse fixar o equipamento nela.

Korum dera ao outro homem permissão para tocá-la naquele caso, mas ainda tinha vontade de destroçá-lo por isso. Ele ficara igualmente furioso ao

descobrir que Arus a segurara durante a luta, mesmo sabendo que fora para proteger Mia. O instinto territorial era primitivo e completamente irracional, devido às circunstâncias, mas Korum não conseguia evitá-lo. Em se tratando de Mia, ele não era mais evoluído que uma ameba.

Quando o exame terminou, Korum estava com um humor sombrio. —

Então? — perguntou ele assim que Haron guardou o equipamento.

O especialista ergueu os ombros largos em um gesto impessoal. — Não sei

— disse ele, lançando um olhar confuso a Korum. — O cérebro dela está saudável, mas mostra sinais de apagamento da memória recente. Há também mais alguma coisa, algo que eu nunca vi.

— O procedimento de suavização — disse Korum. — Acha que pode ser isso?

— Ele contava a Haron sobre as alegações de Saret e o especialista ficara muito intrigado.

— Pode ser — respondeu Haron. — Sinceramente, nunca vi nada como isso. Se Saret diz que inventou o procedimento, isso faria sentido. — A voz dele tinha um toque de admiração, o que fez com que Korum quisesse novamente apelar para a violência.

— Pode consertar? — Korum já sabia a resposta, mas teve que perguntar.

Haron balançou a cabeça negativamente. — Acho que não. Não sem arriscar causar danos de verdade no cérebro dela. Sempre que descobrimos algo novo aqui, fazemos primeiro testes extensos em um ambiente simulado antes de experimentar com cobaias vivas. Eu poderia tentar, é claro, se você quiser...

— Não. — Korum nunca correria aquele risco com Mia. — Pode esquecer.

ENQUANTO A NAVE VOAVA de volta a Lenkarda, Korum segurava Mia no colo. Ela estava acordada, mas um pouco grogue, e parecia contente apenas sentada lá com a cabeça encostada no ombro dele. Ele acariciou-lhe os cabelos, desfrutando da sensação dos cachos macios sob os dedos.

A conversa deles no dia anterior transcorrera de forma muito diferente do que ele temera. Mia ficara chocada e incrédula com o que Saret fizera, mas o que mais a deixara chateada fora a ideia de deixá-lo. E Korum ficara feliz.

Ficara muito feliz e aliviado por ela querer ficar. Ele não sabia, sinceramente, o que faria se ela tivesse dito que queria ir embora. Ele queria achar que teria deixado que se fosse... mas, bem no fundo, sabia que não. Korum não

conseguia aguentar a ideia de ficar longe dela por um dia. Como teria sobrevivido a uma vida inteira sem ela?

Não teria sobrevivido. Era simples assim. Teria tentado, se fosse aquilo que ela queria, mas a chance de fracasso seria muito grande. Korum não tinha ilusões sobre si mesmo. O altruísmo não fazia parte da natureza dele. Ele teria sofrido por algum tempo, por culpa de deixar que ela fosse ferida, por desejo de querer corrigir erros passados, mas, depois de algum tempo, procuraria Mia novamente.

Ela se mexeu em seus braços, interrompendo os pensamentos. Erguendo a

cabeça, ela abriu um sorriso sonolento. — Para onde estamos indo agora?

— Para casa, querida — respondeu Korum. O que sobrara do humor sombrio desapareceu quando ele olhou para o belo rosto dela. Apesar de querer reverter o procedimento de Saret e desfazer os danos causados àquela criatura exótica, ele estava feliz em tê-la. Mesmo se não o amasse de verdade agora, Korum torcia para que ela desenvolvesse sentimentos genuínos por ele no decorrer do tempo.

E Korum faria de tudo para que o amor dela não se transformasse em ódio quando descobrisse a verdade sobre os planos dele.

CAPÍTULO DEZENOVE

O mês seguinte passou depressa. Korum estava mais ocupado do que o comum, com os projetistas finalizando os novos escudos para os Centros e o Conselho tentando decidir o destino de Saret.

Depois de várias reuniões, ficou determinado que um julgamento semelhante ao dos Kapas não funcionaria naquele caso. Como Saret fora membro do Conselho por muito tempo, ninguém era completamente imparcial e havia muitas emoções envolvidas. Korum não era o único que considerara Saret um amigo. Por causa da personalidade relaxada e das maneiras amigáveis, muitos gostavam dele. A magnitude do crime que tentara cometer era inacreditável e até mesmo a reabilitação completa parecia uma punição muito leve para o que ele pretendera. Finalmente, o Conselho procurou os Anciãos para obter orientações, uma iniciativa que foi liderada por Kapas.

Afinal de contas, ele tinha outras coisas a discutir com os Anciãos.

Entre aquelas atividades e o trabalho normal, Korum mal tinha tempo para dormir, pois também queria passar o máximo de tempo possível com a caerle.

A ligação de Mia com ele parecia crescer a cada dia e Korum não duvidada mais da intensidade dos sentimentos dela. Como Mia dissera, não importava o que Saret lhe fizera, era assim que ela era agora e os dois tinham que aceitar esse fato.

No lado positivo, Korum sempre se surpreendia com a forma como Mia se ajustava tão bem a tudo... e como se tornava independente.

Antes da perda de memória, ela estivera hesitante em andar sozinha por Lenkarda, pois se sentia desconfiada do povo dele e intimidada por algumas de suas tecnologias. Além de ir ao laboratório e a algumas poucas paisagens

bonitas que ele lhe mostrara, Mia normalmente ficava em casa. O tempo livre dela também fora mais limitado devido ao cronograma rígido que Saret impusera aos estagiários. Agora, no entanto, como ela e Adam estavam aprendendo por conta própria, Korum descobrira que a caerle tinha uma sede de aventura, que aproveitava em todas as oportunidades.

Uma dia, ela fora nadar no mar, perto do estuário, quando a corrente estava relativamente fraca. Mesmo assim, Korum, que adquirira o hábito de verificar a localização dela a cada hora, sentira o sangue gelar ao perceber que ela estava a quase meio quilômetro de distância da praia. Ele imediatamente fora para lá, descobrindo que ela estava nadando devagar, claramente divertindo-se. Quando ela saiu da água, ele conseguira se acalmar o suficiente para ter uma discussão racional sobre os perigos daquele local em particular. Ela concordara em ser mais cuidadosa dali em diante, mas, ainda assim, Korum ficara abalado com o incidente por vários dias.

As outras excursões dela foram menos perigosas. Ela desenvolvera um gosto por caminhar e gravar imagens da vida selvagem local com o dispositivo do pulso. Macacos, iguanas, até mesmo alguns insetos grandes, ela registrava todos eles e enviava as imagens como fotografias e vídeos para a família, mostrando um pouco mais de seu novo lar.

Ela também ficou mais próxima de Delia, frequentemente encontrando-a para passeios matinais na praia. Korum incentivou a amizade delas, feliz por Mia estar criando outros relacionamentos em Lenkarda. Maria também a visitava às vezes e Korum convidou Arman e a caerle para jantar em duas ocasiões.

O principal desentendimento entre elas envolvia o status de Mia como caerle. — Você não entende como me sinto, sabendo que, legalmente, pertenço a você só porque sou humana? E porque você disse que é assim? — perguntou ela um dia. — Não percebe como isso é bárbaro?

Korum não via as coisas daquela forma. Sim, ela era dele, mas para que ele a protegesse, amasse e cuidasse dela. Ter uma caerle era um compromisso sério para a vida inteira. Sob as leis dos krinars, Korum era responsável pelas ações de

Mia. Se ela quebrasse o mandado, por exemplo, ele teria que responder por isso diante dos Anciãos. Mia nunca mais seria uma humana comum, não com os nanócitos em seu corpo. Mesmo que ela o deixasse, Korum sempre teria que vigiá-la, garantir que não revelasse informações confidenciais sobre os krinars. As caerles não eram escravas nem animais de estimação e a maioria dos cherens pensava nelas como parceiras humanas,

algo que Mia parecia não entender.

— Como posso ser sua parceira quando não tenho direito algum aqui? —

perguntou ela. A teimosia dela fez com que Korum quisesse colocá-la sobre os joelhos e dar uma surra naquele belo traseiro. — Nunca concordei em ser sua parceira, nem sua caerle, para começo de conversa, concordei? Além do mais, nem podemos ter filhos...

Korum não tinha como argumentar contra aquele último ponto e o problema de ser caerle permaneceu sem solução, pairando sobre a cabeça deles e, às vezes, surgindo em conversas mais acirradas. Mas esse tipo de conversa ficava cada vez mais raro à medida que o relacionamento deles evoluía.

Vendo que Mia estava mais confortável com a tecnologia dos krinars, Korum lhe deu um fabricador, uma versão mais avançada do que a que fizera para o aniversário de Maria. Ele era poderoso o suficiente para criar qualquer coisa de que Mia precisasse no decorrer do dia, incluindo uma cápsula de transporte.

A alegria dela com o presente foi imensurável.

— Obrigada! Ai, meu Deus, Korum, muito obrigada! Isto é incrível! — Ela quase o esmagou com beijos, com os olhos brilhando e o corpo inteiro vibrando de empolgação. Nas horas seguintes, ela brincou sem parar com o fabricador, criando e desfazendo uma coisa atrás da outra, enquanto Korum se divertia com a alegria dela.

Logo depois daquilo, Mia decidiu ir a Nova Iorque em uma nave criada por ela mesma. Korum lhe deu o projeto da nave. Era uma máquina mais complicada do que a cápsula de transporte usada no Centro. Ela criou a nave enquanto ele observava com um sorriso, orgulhoso ao ver o quanto ela já aprendera.

Eles foram a Nova Iorque juntos, pois Korum estava relutante em deixar que ela

fosse tão longe sozinha. Ele sabia que isso era ilógico. Afinal de contas, ela morara na cidade dos humanos durante anos antes de se conhecerem e nada de mal lhe acontecera. Além disso, as ameaças representadas por Saret e a Resistência tinham sido eliminadas. Ainda assim, ele não conseguia se livrar do medo irracional pela segurança dela. Ele a proibiria de ir ou iria com ela e sabia que Mia não gostaria muito da primeira opção.

NA MANHÃ DA VIAGEM, Mia usou o fabricador para criar roupas humanas para eles.

— Hmm, vejamos — disse ela com um sorriso malicioso. — Que tal uma camiseta cor-de-rosa para você?

— Claro. — Korum reprimiu uma risada ao perceber a expressão desanimada dela. — Eu adoraria uma camiseta cor-de-rosa. — O povo dele não associava cores com sexo e, pessoalmente, ele gostava de todas as cores em tom pastel. Korum sabia que ela esperara que o que via como uma roupa feminina o desagradasse, mas ele não se importava nem um pouco. Desde que ela não o obrigasse a usar uma saia. O limite seria uma saia.

— Está bem — resmungou ela —, você não tem a menor graça. — Mas, mesmo assim, ela criou uma camiseta cor-de-rosa, que Korum vestiu sem hesitar. Por sorte, a calça *jeans* que ela lhe entregou era de um azul-escuro comum.

— Sabe de uma coisa? — perguntou ela pensativa, estudando-o depois que os dois estavam vestidos. — Você fica muito bem de cor-de-rosa.

Korum riu. — Ora, obrigado, querida. Estou lisonjeado. — Ela estava muito *sexy*, vestindo uma calça *jeans* justa, botas de salto alto e uma camisa prateada que mostrava os braços e os ombros bronzeados. Com os nanócitos no corpo, Mia tinha muito mais resistência em se tratando de atividade física e o interesse recente em caminhadas e natação fizera maravilhas com o corpo esguio. Korum sempre a achara irresistível, mas agora mal conseguia afastar os olhos e as mãos dela.

— Você contou a Jessie que pousaremos no telhado dela? — perguntou ele ao entrarem na nave.

— Sim. Ela sabe que estamos indo e até mesmo pediu permissão ao administrador do prédio.

Para economizar tempo, eles decidiram ir diretamente à casa de Jessie, em vez de voar até uma das áreas de pouso designadas dos krinars. A ideia daquelas áreas era minimizar o impacto na população humana nas grandes cidades. Mesmo agora, a visão de uma aeronave dos krinars frequentemente resultava em acidentes de trânsito. Pelo jeito, motoristas humanos assustados costumavam ser

distraídos. Como membro do Conselho, Korum podia não seguir aquela diretriz de pouso em locais específicos, mas ainda tentava ser circunspecto em cidades grandes como Nova Iorque.

Jessie os recebeu no telhado quando a nave pousou. Ela estava parada ao lado de um jovem humano que só poderia ser Edgar, seu novo namorado.

Korum se lembrava de tê-lo visto uma vez antes, no clube em que encontrara Mia dançando com outro homem. Aquele incidente em particular não era uma das lembranças favoritas de Korum.

Mesmo assim, ele sorriu para Jessie e Edgar, determinado a ser simpático.

Ele sabia que a antiga companheira de apartamento de Mia se preocupava com ela. Jessie fora testemunha do início tumultuado do relacionamento de Korum e Mia, e ele ainda não era a pessoa favorita dela. Algo que Korum pretendia remediar naquele dia.

Mia também sorriu e Korum percebeu que ela estava genuinamente feliz em ver a amiga. Ela também estava nervosa, a julgar pela forma como seus dedos apertavam a mão dele. Por algum motivo, ela ainda não contara aos amigos nem à família sobre a perda de memória. Quando Korum a confrontara sobre o assunto, ela dera uma resposta vaga sobre não querer preocupar ninguém. Ele tivera que se contentar com isso.

— Mia! — Jessie saltou sobre ela assim que saíram da nave e as duas garotas se abraçaram, rindo e gritando.

Korum sorriu ao ver a reunião exuberante. Em seguida, deu um passo à frente, oferecendo a mão a Edgar em um gesto de cumprimento humano. —

Olá. Acho que não fomos formalmente apresentados.

— Não, não fomos — respondeu Edgar secamente, aceitando o aperto de mão. — Na última vez em que eu o vi, sua mão estava em volta do pescoço do meu amigo Peter. Acho que não foi um bom momento para apresentações.

— É verdade — disse Korum, estreitando um pouco os olhos. Aquele humano ousava lembrá-lo daquele dia? Peter tivera sorte de Korum conseguir se controlar tão bem como acontecera. Sempre que Korum lembrava daquele

garoto beijando Mia, sua visão ficava vermelha. *Seja simpático*, lembrou ele a si mesmo. Em seguida, recompôs o rosto em uma expressão mais amigável. —

Então, você é um ator? — perguntou ele, levando a conversa para um assunto que tinha certeza de que o humano gostaria.

— Sim, sou. — Edgar mordeu a isca. — Estou no programa mais recente da CBS, chamado *O Vórtice*. Talvez tenha ouvido falar dele.

— Vi todos os episódios — disse Korum. — Na verdade, sou um grande fã. Não pude acreditar no que aconteceu com Eva na semana passada. Eu nunca teria imaginado que a irmã dela acabaria daquele jeito.

Os olhos de Edgar se iluminaram. — Ah, não acredito! Você assiste? Ele é popular entre os Ks?

Era popular para um K em particular que precisara assisti-lo como

preparação para aquela viagem. — Claro — respondeu Korum. — Gostamos de entretenimento tanto quanto os humanos.

Mia terminara de abraçar Jessie e aproximou-se de Edgar. — Olá, Edgar

— disse ela. — É ótimo ver você novamente.

Korum abriu um sorriso. Que mentirosa. Ela nem se lembrava do rapaz, mas estava fingindo muito bem. Edgar certamente não era o único ator ali.

—Olá, Korum — disse Jessie. Havia um olhar familiar de desconfiança no rosto bonito dela e Korum suspirou mentalmente. De todas as pessoas, aquela amiga de Mia seria a mais difícil de ganhar. Korum percebeu aquilo na inclinação teimosa do queixo ao olhar para ele. Ela se ressentia por ele ter tirado Mia dela e pelas táticas agressivas iniciais dele.

Mas Korum estava sempre disposto a enfrentar um desafio. — Olá, Jessie.

— Ele abriu um sorriso caloroso para a garota humana.

Eles entraram no apartamento que Jessie dividira com Mia. Korum sabia que vários estudantes da Universidade de Nova Iorque moravam no prédio devido à

proximidade do *campus* e do aluguel razoável para a cidade, mas sempre achara o lugar inadequado como habitação. A tinta nos corredores estava descascada e ele sentia a podridão nas paredes velhas e mofadas.

Quando conhecera Mia, mal pudera esperar para tirá-la de lá e levá-la para sua cobertura confortável.

Jessie preparara um prato de legumes, cerveja e batatas fritas para que lanchassem e os quatro se sentaram na sala de estar. Mais tarde, Korum planejava levá-los para jantar em um restaurante, mas, por enquanto, aquele era um bom lugar para conversarem.

Propositadamente, Korum se sentou ao lado da anfitriã. Mia se sentou no outro lado e Edgar se acomodou em uma cadeira em frente a Korum. Algumas cervejas depois, qualquer traço do desconforto inicial se dissipara e a conversa fluía livremente. Para um casal de jovens humanos, os amigos de Mia eram até interessantes e Korum percebeu, de forma inesperada, que estava divertindo-se. Jessie e Edgar tinham uma excelente química entre eles, brincando e implicando um com o outro. Ele viu a tensão inicial de Mia desaparecendo quando ela percebeu que ninguém parecia suspeitar da falta de memória.

Quando todos estavam suficientemente relaxados, Korum começou a campanha de charme para cima de Jessie. Ele começou perguntando sobre como foram suas férias de verão e ouviu atentamente quando ela contou sobre o estágio em uma empresa farmacêutica de grande porte. Korum já sabia

daquilo, pois fizera uma pesquisa antes de ir para Nova Iorque. Mas ele também sabia que as pessoas gostavam de falar sobre si mesmas e continuou fazendo perguntas a Jessie. Enquanto isso, Edgar mostrava a Mia pôsteres do programa mais recente no outro lado da sala.

— Essa empresa é sua principal opção para um emprego em tempo integral? — perguntou Korum a Jessie e ela assentiu com um olhar esperançoso no rosto.

— É a primeira opção para qualquer um que não vá diretamente para a faculdade de medicina — explicou ela. — Como quero primeiro fazer pesquisa, esse seria o lugar perfeito. Mas, é claro, é supercompetitivo. Eles contratam dez vezes mais estagiários do que o número de assistentes de pesquisa em tempo integral que são necessários no ano seguinte. Portanto, nem mesmo um estágio lá garante uma oferta de emprego.

E, naquele instante, Korum soube o que precisava fazer. — Você não deve se preocupar — disse ele em tom gentil. — Vou indicar você para a diretoria.

— Você faria isso? — Jessie o encarou atônita. — Você conhece a diretoria da Biogem?

— Conheço — disse Korum. Não era uma mentira completa, pois pretendia conhecê-los em breve.

— Ah, uau. Você não precisa fazer isso, Korum — protestou ela debilmente, mas Korum percebeu que não estava sendo sincera. Ela queria muito o emprego e ele estava entregando-o em uma bandeja de prata.

— Mas eu quero — disse ele firmemente. — Você obviamente merece essa oportunidade. E eu sei que Mia gostaria que você a tivesse.

Jessie sorriu incerta. — Bem, nesse caso, obrigada. Agradeço qualquer ajuda.

E a Operação Jessie estava completa.

Quando a cerveja e os petiscos não foram mais suficientes, eles saíram para jantar. Korum os levou a um novo restaurante francês muito bem recomendado e que era conhecido por servir pratos tradicionais à base de carne com preços astronômicos. Ele manteve a dieta vegetal, mas Mia e os amigos pediram algo do reino animal. Korum não se importava que comessem carne de vez em quando. Os krinars tinham se preocupado principalmente com o impacto ambiental dos hábitos alimentares dos humanos e comer carne às vezes não era tão desastroso para o planeta como o que os humanos nos países desenvolvidos faziam antes.

Depois do jantar, eles saíram para beber. Sabendo que as garotas queriam

um pouco de privacidade, Korum conduziu Edgar para o outro lado do bar, deixando Mia e Jessie sozinhas perto da janela. Ele ainda ficou de olho nelas, só para ter certeza de que não seriam incomodadas por ninguém. Mas, exceto por isso, ele concentrou a maior parte da atenção em Edgar.

— Você pratica algum esporte? — perguntou ele a Edgar quando as cervejas chegaram. Era uma das muitas coisas que os krinars tinham em comum com os humanos: jogos que exigiam habilidade física.

O ator assentiu. — Joguei futebol na universidade e de vez em quando ainda jogo como diversão. Também comecei a praticar boxe recentemente para entrar em forma para meu próximo papel.

— É mesmo? — perguntou Korum. — Fale-me sobre ele.

MIA SORRIU PARA si mesma ao notar Korum e Edgar no outro lado do bar. Sabia exatamente o que ele estava fazendo e o motivo: o amante queria que ela e Jessie tivessem algum tempo sozinhas.

— Uau, Mia — disse Jessie depois que o garçom lhes entregou os coquetéis. — Devo dizer que estou começando a ver por que você se apaixonou por ele. É muito mais simpático do que achei inicialmente.

Mia sorriu. — Sim, ele é ótimo. — Ela não tinha ideia de como Korum era quando se conheceram, mas tinha algumas suspeitas com base no que ele lhe dissera e no que observara de suas interações com outras pessoas no mês anterior. O amor da vida dela certamente não era alguém que ela gostaria de ter como inimigo.

— Você também parece diferente — disse Jessie. — Mais forte, mais confiante... e ainda mais bonita. Não sei o que ele está fazendo com você, mas parece estar dando certo.

— Ele me faz feliz — disse Mia. — Ai, Jessie, ele me faz tão feliz. Nunca achei que me apaixonaria deste jeito. É um conto de fadas que virou realidade.

— Completo, com um príncipe encantado extraterrestre?

Mia riu. — Sim. — Korum não era exatamente um príncipe encantado, mas ela não pretendia dizer aquilo a Jessie. Ela gostava da nova dinâmica amigável entre o amante e os amigos e não tinha intenção alguma de estragar isso.

Não, ela sabia que Korum estava longe de ser perfeito. Ela o amava, mas não era cega a seus defeitos. Ele era possessivo ao extremo, paranoico sobre a

segurança dela e manipulador quando precisava. Ela percebera a forma como passara deliberadamente algum tempo com Jessie, amaciando-a. E funcionara, pois a amiga agora parecia ter uma opinião muito melhor sobre ele.

— Não incomoda você ele ser muito mais velho? — perguntou Jessie, com os olhos escuros brilhando de curiosidade. — Edgar tem vinte e seis anos e brinca com o fato de eu ser mais nova. Não consigo nem imaginar namorar alguém com a idade de Korum...

— Acredite ou não, ele não é tão velho para um krinar — disse Mia, sorrindo. — Há alguns deles que são muito, muito mais velhos. Mas, sim, algumas vezes a diferença de idade é um desafio. Há muitas vezes em que sinto como se eu o divertisse. Ele nunca faz com que eu me sinta idiota ou algo assim, mas sei que acha que sou muito jovem.

— Ele não trata você como uma criança?

— Não. — Mia balançou a cabeça negativamente. — Ele não faz isso. Ele é ridiculamente superprotetor, mas não passa disso.

Jessie a observou pensativamente. — Acha que isso é algo de longo prazo para você? — perguntou ela, franzindo ligeiramente a testa. — Quero dizer, casamento e essa coisa toda? Como isso funcionaria com um K, já que eles não envelhecem como nós?

Mia tomou um gole grande da bebida e engasgou. — Ahm, não sei se já chegamos a este ponto — disse ela quando finalmente recuperou o fôlego.

Korum insistira exaustivamente que ninguém fora de Lenkarda deveria saber sobre a expectativa de vida aumentada dela. Era algo que tinha a ver com um mandado definido pelos Anciãos. Mia odiava aquela restrição, mas sabia que não podia quebrar as regras. Como Korum explicara, humanos que sabiam demais teriam a memória apagada e Mia nunca sujeitaria amigos e familiares àquele processo.

— Mas e se acontecer? — insistiu Jessie. — Já pensou nisso? Se vocês ficarem juntos, o que acontecerá quando você ficar mais velha? E filhos?

Mia deu de ombros. — Cruzaremos esta ponte quando chegarmos a ela. —

Ela não queria pensar em filhos naquele momento. Era a única coisa que estragaria seu bom humor. As diferenças entre o DNA dos humanos e dos krinars eram grandes demais para permitir a procriação. Era um fato que fazia sentido, mas ainda era algo que a incomodava.

— Mas conte — perguntou Mia, querendo mudar de assunto —, como estão você e Edgar? Está ficando sério?

O sorriso de Jessie foi tão brilhante como o sol. — Conheci os pais dele

na semana passada — confessou ela. — E, na semana que vem, vou levá-lo para conhecer os meus.

— Uau... Jessie, isso é sério! — Até onde Mia sabia, aquela era a primeira vez que a amiga levava um rapaz para conhecer sua família. Apesar de os pais de Jessie morarem nos Estados Unidos havia muito tempo, ainda tinham alguns dos costumes e das atitudes tradicionais dos chineses. Levar um namorado para conhecer os pais era uma questão séria e o rapaz em questão precisava estar pronto para responder a algumas perguntas muito indiscretas sobre a carreira e os planos para o futuro.

— Sim — disse Jessie em tom inseguro. — Eu avisei a Edgar que ele será interrogado. Mas ele disse que não se importa.

Subitamente, Mia sentiu um toque leve no braço nu. — Posso pagar uma bebida a vocês? — perguntou uma voz masculina desconhecida. Mia virou a cabeça e viu um homem atraente, de cabelos escuros, que parecia ter quase trinta anos.

— Estamos aqui com nossos namorados — respondeu Jessie rapidamente com um toque de ansiedade na voz.

— Está bem, sem problemas — disse o rapaz, desaparecendo na multidão.

Mia olhou para Jessie com as sobrancelhas erguidas. A amiga acabara de ser rude de forma nada característica e ela não entendeu o motivo. Em seguida, ela viu para onde Jessie olhava.

Korum olhava fixamente na direção delas, com o maxilar cerrado e um brilho dourado nos olhos amarelos. Mia sorriu e acenou para ele, querendo desfazer a tensão. Ela sabia que ele não gostava que nenhum homem a tocasse, mas o rapaz não fizera nada de mal.

— Ele não vai surtar de novo, vai? — Jessie soou assustada.

— O quê? Não, claro que não — disse Mia automaticamente. Logo em seguida,

ela se lembrou de Korum contando algo sobre um acidente em um clube nos primeiros dias do relacionamento deles. Ele dissera que ela e Jessie tinham saído sozinhas e um rapaz a beijara. Com base na reação de Jessie, Mia supôs que Korum tinha suavizado a própria resposta àquilo.

— Ahã — disse Jessie em tom de dúvida.

— Ele não vai — disse Mia confiante, olhando diretamente para Korum.

Ela sabia perfeitamente bem que ele conseguia ouvi-la.

Ele a encarou de volta. Os olhos dele ainda tinham aquele brilho dourado perigoso, mas um dos cantos da boca se ergueu ligeiramente e a sombra de um sorriso cruzou seu rosto. Mia continuou olhando para ele, estreitando um

pouco os olhos, e o rosto dele se abriu em um sorriso largo, passando de meramente lindo para algo de outro mundo. Em seguida, ele se virou e continuou conversando com Edgar como se nada tivesse acontecido.

— Puta merda — disse Jessie com os olhos arregalados. — Você conseguiu! Puta merda, Mia, você conseguiu...

— Consegui o quê?

— Você domou um K.

CAPÍTULO VINTE

M ais duas semanas se passaram depois da viagem para Nova Iorque.

Mia percebeu que adorava a nova vida... e contemplou não voltar para terminar o último ano da faculdade.

Lenkarda era o mais próximo de paraíso que conseguia imaginar. O verão era a estação úmida naquela região da Costa Rica, o que significava manhãs ensolaradas e chuvas tropicais à tarde. Como resultado, tudo ficava muito verde e vicejante, além de encher os rios e as cachoeiras. Mia frequentemente passava as manhãs explorando as florestas próximas, tirando fotografias da vida selvagem local, e a segunda metade do dia trabalhando no laboratório com Adam.

Haron, o especialista em mente do Arizona, concordara em assumir o laboratório de Saret como uma solução temporária para manter o lugar aberto.

Havia pesquisas importantes demais em andamento para simplesmente fechá-

lo. Mia conhecera o K na viagem breve ao Arizona e não sabia se gostava muito dele. Tinha a sensação de que ele a considerava como uma curiosidade médica devido à sua condição. Mesmo assim, ele não se importou que ela continuasse a trabalhar no laboratório. Haron deixava Mia e Adam em paz, o que a agradava bastante.

A cada dia que passava, Mia estava mais e mais envolvida na vida em Lenkarda. A amizade com Delia continuava a se desenvolver e as duas garotas frequentemente iam nadar e mergulhar juntas, algo que deixava os dois cherens mais tranquilos. — Pelo menos, Delia pode pedir ajuda se alguma coisa acontecer e vice-versa — disse Korum uma noite quando estavam deitados na cama. — E ela sabe que áreas evitar.

A superproteção de Korum deixava Mia maluca. Quando reclamou para Delia, a garota mais velha riu. — Ah, você só precisa se acostumar. Arus é exatamente igual, acredite. Era de se imaginar que, depois de séculos juntos, ele teria percebido que sou capaz de cuidar de mim mesma, mas não. Se fosse do jeito dele, eu nunca sairia de casa sem ele.

— Como você aguenta isso? — perguntou Mia, estudando as mãos. Ela sabia sobre os dispositivos de rastreamento que havia nelas e odiava-os profundamente. Quando descobrira que fora brilhada, depois de perguntar a Korum como ele sempre parecia saber sua localização exata, ficara furiosa e insistira para que ele removesse os dispositivos. Ele se recusara, explicando que precisava ter certeza de que ela estava segura. Eles acabaram tendo uma longa discussão que culminou com Korum levando-a para a cama. Os dispositivos ainda estavam lá, mas Mia tinha a intenção de removê-los na primeira oportunidade.

Delia deu de ombros. — Eu não sei — respondeu ela. — Sei que Arus me ama e que tem medo de me perder. Sou tão necessária para a existência dele quanto ele é para a minha e tento fazer concessões por causa disso. Com o tempo, nós dois aprendemos o valor do compromisso. Você e Korum também aprenderão.

Ter Delia como amiga era como ter também uma mentora. Às vezes, ela era

sábia e misteriosa como uma esfinge, mas, em outros momentos, era como qualquer outra jovem da idade de Mia, agindo de forma tão despreocupada como uma adolescente. Mia descobriu que aquela mistura incomum da personalidade dela era relativamente comum entre os krinars. Eles viviam por muito tempo, mas nunca se sentiam velhos. O corpo deles era tão saudável com dez mil anos de idade quanto com vinte e todos tinham a mesma longevidade. Portanto, raramente passavam pelo tipo de perda pela qual um humano que vivesse mais do que o normal passaria.

— Sabe, você não se encaixa no estereótipo de uma pessoa imortal —

disse Mia a Korum certo dia, depois de uma sessão particularmente divertida na câmara de gravidade zero. — Não deveria ser todo cheio de vontades e detestar a vida, em vez de gostar tanto?

Korum sorrira em resposta, mostrando os dentes brancos. — Como eu poderia odiar a vida se tenho você? — respondera ele, erguendo-a e girando-a pela câmara.

Quando ele finalmente parara, Mia estava sem fôlego de tanto rir.

— A vida é para ser aproveitada, querida — dissera ele, ainda segurando-

a e com a expressão do rosto inesperadamente séria. — É por isso que eu amo você tanto, Mia. Você melhora cada momento da minha existência. Seu sorriso, sua risada, até mesmo a sua teimosia, me fazem mais feliz do que jamais fui.

Mesmo quando não estamos juntos, pensar em você me deixa contente porque sei que está aqui. Porque sei que, quando eu chegar em casa, poderei abraçá-

la, senti-la, trepar com você. — Os olhos dele brilharam mais intensamente.

Mia o encarara, com os mamilos enrijecendo quando a pele se arrepiou de desejo.

— Sim — dissera ele com a voz baixa e rouca —, não podemos esquecer dessa última parte. Gosto muito de trepar com você. Adoro a forma como geme quando estou dentro de você, a cor em seu rosto quando está excitada...

Adoro o seu cheiro, o seu gosto. Quero devorar você como se fosse uma

sobremesa... — Ele colocara a mão entre suas pernas, com os dedos abrindo-lhe as dobras, acariciando-a e espalhando a umidade em volta da abertura. —

Sua boceta é mais doce que qualquer fruta — sussurrara ele, ajoelhando-se e erguendo a saia do vestido dela. — Mais deliciosa do que qualquer chocolate...

E Mia quase gozara com o primeiro toque da língua dele. Gemendo, ela enterrara os dedos nos cabelos de Korum, segurando-se nele enquanto a boca habilidosa lhe dava prazer até que Mia explodira em um milhão de pedaços.

— DIGA ISSO DE NOVO — exigiu Korum, encarando Ellet.

— Acho que encontrei alguém que pode reverter o procedimento de Saret e desfazer a perda de memória de Mia — repetiu Ellet, cruzando as longas pernas. Eles estavam sentados no laboratório dela, onde Korum levara Mia depois de resgatá-la das garras de Saret.

— Quem?

— Uma aprendiz do laboratório de Baranil. Parece que ela acabou de desenvolver uma forma de desfazer praticamente qualquer procedimento na mente. Ainda não é algo que tenha sido divulgado, por isso não soubemos disso antes. Você consegue imaginar as implicações de algo como isso. Todos que passaram por algum tipo de reabilitação iriam querer.

— O laboratório de Baranil — disse Korum, encarando Ellet. — Em Krina.

— Sim.

— Entendo. — Korum se levantou e começou a andar de um lado para outro.

— Você ainda precisa disso? — perguntou Ellet, encarando-o com os olhos escuros grandes. — Mia parece muito feliz como está... e você também.

— Havia um ligeiro tom de inveja na voz dela.

Korum lhe lançou um olhar penetrante. Apesar de terem sido amantes, Korum nunca tivera sentimentos profundos por Ellet e tivera certeza de que ela também não tivera nenhum por ele.

Como que em resposta à pergunta que ele não fez, Ellet sorriu. — Estou feliz por você — disse ela em tom suave. — De verdade. O que eu e você tivemos terminou há muito tempo. Só nunca achei que seria uma humana quem faria você se sentir assim.

Korum suspirou, passando a mão pelos cabelos. — Nem eu, Ellet.

Acredite, é um choque para mim também.

— Ah, eu acredito — respondeu Ellet, ainda sorrindo. Ela era linda e, objetivamente, Korum reconhecia isso, mas ele não sentia mais nada por Ellet.

Todas as mulheres que via atualmente eram comparadas a Mia e consideradas inadequadas, outro efeito colateral de sua obsessão pela caerle.

— Pode me colocar em contato com essa aprendiz? — perguntou Korum, voltando ao assunto. — Eu gostaria de falar com ela.

DEIXANDO ELLET, Korum voltou para o próprio laboratório, onde seus projetistas trabalhavam. Apesar de todos poderem trabalhar remotamente e reunirem-se apenas em ambientes virtuais, alguma coisa sobre a proximidade física parecia incentivar o processo criativo, resultando em uma maior coesão da equipe e projetos mais inovadores.

Entrando no prédio grande de cor creme, Korum cumprimentou Rezav, um dos projetistas líderes, e foi para o seu escritório, um espaço particular onde normalmente fazia os melhores trabalhos. A semana fora quieta, com os funcionários relaxando depois da pressa no mês anterior para finalizar os projetos dos novos escudos. Normalmente, teria sido o momento perfeito para que Korum trabalhasse nos próprios projetos, mas as duas semanas anteriores não tinham sido nada normais.

Garantindo que ninguém pudesse entrar no escritório, Korum fixou um nó de realidade virtual na têmpora e fechou os olhos. Quando os abriu novamente, estava parado ao lado de um rio largo, rodeado pelos tons verdes, vermelhos e

dourados familiares da vegetação de Krina.

O sol brilhava muito, ainda mais quente que no equador na Terra. Korum sentiu os raios na pele nua dos braços e desfrutou da sensação agradável.

Respirando fundo, ele encheu os pulmões com o ar puro e limpo e o aroma das plantas florescentes.

— Muito diferente da Terra, não é? — disse uma voz profunda à direita.

Korum se virou e viu Lahur parado lá, a pouco menos de dois metros. Ele não ouvira a aproximação do Ancião, mas, por outro lado, ninguém se movia como Lahur. O krinar era o maior predador, com velocidade e força tão lendárias quanto o homem propriamente dito.

— Sim — respondeu Korum. — Muito diferente. — Se havia uma coisa que aprendera durante as interações recentes com os Anciãos, era a importância de dizer o mínimo possível. Lahur, o mais velho de todos eles, gostava do silêncio e parecia se ressentir daqueles que falavam desnecessariamente.

O fato de Lahur estar falando com Korum já era incrível. Korum não era estranho para os Anciãos, pois apelara a eles várias vezes em diversas questões do Conselho. No entanto, todas as comunicações anteriores tinham ocorrido pelos canais oficiais e os Anciãos quase nunca se encontravam pessoalmente com os Conselheiros, fosse virtualmente ou no mundo real.

Portanto, quando Korum falara com os Anciãos em nome de Mia várias semanas antes, nunca esperara que a solicitação fosse levada a sério, muito menos que resultasse em uma reunião virtual.

Aquela reunião virtual, de alguma forma, se transformara em uma série de entrevistas nas semanas seguintes.

Lahur o encarou, com os olhos escuros e inescrutáveis. Como Korum, ele fora concebido naturalmente, não em um laboratório, e as feições assimétricas eram mais parecidas com as dos antigos krinars do que com as dos modernos.

— Nós consideramos a sua solicitação — disse o Ancião, com o olhar fixo em Korum.

Korum não disse nada, apenas inclinou ligeiramente a cabeça. A chave ali era a paciência. Paciência e respeito.

— Você deseja que a família de sua caerle seja trazida para a nossa sociedade. Que tenham a mesma expectativa de vida estendida que ela.

Korum se manteve em silêncio, sustentando o olhar de Lahur.

— Nós não concederemos o que você pediu.

Korum lutou para esconder o desapontamento. — Por quê? — perguntou

ele calmamente. — São apenas uns poucos humanos. Que mal seria levá-los a Lenkarda e dar a eles a mesma vida que minha caerle tem?

Os olhos de Lahur escureceram até ficarem totalmente pretos. — Está argumentando por eles?

— Não — respondeu Korum, ignorando a forma como o coração acelerou.

— Argumento por ela, por Mia.

Lahur o encarou. — Por quê? Por que uma dessas criaturas é tão importante para você?

— Porque ela é — disse Korum. — Porque ela significa tudo para mim.

— Ele sabia que acabara de fazer o equivalente a expor a garganta para Lahur, mas não se importou. Não era segredo que Mia era sua fraqueza e tentar esconder isso de um Ancião de dez milhões de anos era tão inútil quanto bater a cabeça contra a parede.

Para choque de Korum, um sorriso leve tocou os lábios de Lahur, suavizando as linhas duras de seu rosto. — Muito bem — disse o Ancião. —

Você me convenceu. E eu lhe darei uma chance de convencer os outros. Traga os humanos aqui e deixem que falem por si mesmos. — Ele fez uma pausa, deixando que o impacto das palavras atingissem Korum. — Eu gostaria de conhecer essa sua Mia.

CAPÍTULO VINTE E UM

— Q ual é o problema? — perguntou Mia depois da segunda vez em que Korum ficou em silêncio, como se estivesse absorto nos próprios pensamentos.

Eles jantavam na praia, um passeio romântico que Korum sugerira no dia

anterior. Mia esperava algo incrível... e fora. Por todo lado, centenas de minúsculas luzes flutuavam no ar, parecendo uma combinação de estrelas e vaga-lumes. O sol já se escondera e aquelas luzes, juntamente com a lua nova, eram as únicas fontes de iluminação.

Para a refeição, Korum preparara dezenas de pequenos pratos, na maioria petiscos. Eles variavam de minúsculos sanduíches de uma deliciosa pasta de alcachofra a algumas frutas exóticas que Mia nunca provara. Era um banquete digno de um rei. Ela estava adorando tudo, até notar o comportamento estranhamente distraído de Korum.

— Por que acha que há algum problema? — perguntou ele, com os lábios curvando-se em um sorriso sensual, mas Mia não se deixou enganar. Ele certamente tinha alguma coisa em mente.

— Não acha que consigo perceber quando você está preocupado com alguma coisa? — Mia inclinou a cabeça para o lado, encarando o amante. Ele podia ainda ser um mistério algumas vezes, mas ela começava a conhecê-lo melhor a cada dia que se passava.

Ele a estudou, com um olhar quase calculista. — Você tem razão, minha querida — disse ele finalmente. — Há uma coisa sobre a qual preciso conversar com você.

Mia engoliu em seco. Na última vez em que Korum precisara conversar

com ela sobre alguma coisa, ela descobrira que sua mente fora adultera. O que poderia ser desta vez?

— Não é nada ruim — disse Korum, parecendo entender a preocupação dela. — Na verdade, é uma boa notícia.

— O que é? — Mia não conseguiu se livrar de uma sensação de inquietude.

— Encontramos alguém em Krina que pode reverter o procedimento de Saret — respondeu Korum, observando-a cuidadosamente. — Ela pode desfazer tudo o que foi feito com você, incluindo o apagamento da memória.

— Ai, meu Deus... — Mia nem sabia o que dizer. — Korum, isso é incrível!

Ele sorriu. — É, sim. E há mais uma coisa.

— O quê?

— Lembra-se da minha petição aos Anciãos sobre a sua família?

Mia quase parou de respirar. — Sobre torná-los imortais como eu?

— Sim.

— É claro que me lembro — disse Mia, com o coração começando a bater no peito em uma mistura selvagem de esperança e apreensão.

— Há uma chance de isso ser concedido.

Desta vez, Mia não conseguiu conter um grito empolgado. Ficando de pé em um salto e rindo, ela se jogou sobre Korum, que se levantou bem a tempo.

— Obrigada! Ai, meu Deus, Korum, obrigada!

— Espere um pouco, querida — disse ele, empurrando-a gentilmente. —

Não é tão simples. É preciso algo que talvez você não queira fazer.

Mia o encarou, sentindo parte da empolgação desaparecer. — O quê?

— Teríamos que ir para Krina e levar sua família conosco.

NAQUELA NOITE, Mia não conseguiu dormir. Ela acordou várias vezes, com a mente cheia de um milhão de perguntas e preocupações. Como Korum explicara, a viagem a Krina teria duas finalidades: desfazer o procedimento de Saret e apresentar o caso de Mia para os Anciãos. — Eles querem conhecer você — dissera ele, deixando Mia em silêncio e chocada.

Um corpo quente pressionou suas costas, sobressaltando-a. — Você está acordada novamente — murmurou Korum, puxando-a para seus braços. — Por que não está dormindo, querida?

— Por que os Anciãos querem isso? — Mia não conseguia parar de pensar no assunto. — Por que eles querem nos ver? Achei que eram seus deuses ou algo assim. O que podem querer comigo e com a minha família?

Korum suspirou e ela sentiu o movimento do peito dele. — Eles não são deuses. São krinars, como eu, só que muito, muito mais velhos. Quanto ao motivo pelo qual querem ver você, não sei. Eles têm um interesse incomum na minha petição. Reuniram-se comigo várias vezes e fizeram muitas perguntas sobre você e seus pais.

— E eles não disseram que concederiam seu pedido, certo? — Mia se virou nos braços dele para que ficasse de frente para Korum.

— Não — respondeu Korum, com o brilho leve do luar que atravessava o teto refletindo em seus olhos. — Não disseram. Mas Lahur disse que nos daria mais uma chance e deu a entender que estaria do nosso lado.

— Lahur é o mais velho?

— Sim. Ele é o que está vivo há mais de dez milhões de anos.

Mia estremeceu, sentindo os braços arrepiarem-se.

— Está com frio? — Korum a puxou para mais perto, colocando um cobertor sobre os dois.

— Não, não estou. — O corpo nu dele parecia uma fornalha, gerando tanto calor que ela nunca sentia frio quando dormia ao seu lado. A temperatura na casa de Korum também era sempre confortável, mais fria à noite, mais quente durante o dia. Era ajustada especificamente para atender às necessidades deles. Quando Mia morara na Flórida, sempre odiara ar-condicionado. O ar frio era sempre um choque depois do calor no exterior e normalmente muito intenso para o gosto dela. Em Lenkarda, as estruturas inteligentes mantinham o interior dos prédios em uma temperatura perfeita, criando microzonas climatizadas em volta de cada pessoa.

— Você sabe que não precisamos ir, não é? — Korum acariciou gentilmente as costas dela. — Podemos ficar aqui. Você se adaptou muito bem a tudo. Se a perda de memória não a incomoda, nada precisa mudar...

— Não — disse Mia, enterrando a cabeça em seu peito. — Se fosse só isso, poderíamos considerar ficar. Mas meus pais, minha irmã... se há uma pequena chance de que possam viver mais tempo, precisamos fazer isso. Eu nunca conseguiria conviver comigo mesma se não o fizesse.

— Eu sei, minha querida — disse Korum. — Eu sei disso.

— Não poderíamos nos reunir com os Anciãos virtualmente? — Mia se afastou para olhar para o rosto dele. — Foi assim que você se reuniu com

eles, não foi?

— Sim — respondeu Korum. — Mas eles não consideram isso como uma reunião de verdade. Quando Lahur disse que queria conhecer você, quis dizer pessoalmente.

— Antiquado ele, não? — retrucou Mia em tom seco.

Korum riu. — Não diga.

Mia ficou em silêncio, pensando novamente na viagem que fariam. —

Acha que voltaremos em breve? — perguntou ela depois de alguns segundos.

— Não sei — respondeu Korum. — Depende do que os Anciãos querem.

NO DIA SEGUINTE, Korum observou quando Mia tocou a campainha na casa dos pais. Ele sabia que ela estava preocupada com aquela parte, a de contar à família sobre a capacidade de extensão da expectativa de vida dos krinars e convencê-los a ir a Krina.

Ela vestia roupas humanas, uma bermuda e uma camiseta. Apesar de Korum gostar de vê-la de vestido, tinha que admitir que estava muito bem de bermuda, mostrando as pernas torneadas. Talvez devesse pedir a ela que se vestisse daquele jeito com mais frequência.

A mãe de Mia abriu a porta com um sorriso largo no rosto redondo. —

Mia! Korum! Estou tão feliz por terem aparecido! — Ela abraçou Mia primeiro e, em seguida, Korum se viu apertado em um abraço perfumado.

Sorrindo, ele beijou de leve o rosto de Ella Stalis e entrou na casa, seguindo as duas mulheres. Mocha, a pequena cachorra que Mia dissera ser uma chihuahua, saiu correndo de um dos quartos, latindo alegre e tentando saltar em Korum. Ele se abaixou e fez carinho no animal, que imediatamente rolou de costas e deixou

a barriga exposta para que também fosse acariciada.

— Uau, Korum, ela adora você — disse Mia pensativa. — Não consigo acreditar que ela seja assim com você. Normalmente, é muito tímida com estranhos... — E, para provar o que dizia, Mia estendeu a mão para a cachorra, que imediatamente se levantou e fugiu.

Korum sorriu. Parecia que criaturas pequenas e fofas gostavam dele.

A casa dos pais de Mia era adorável, epítome do que ele considerava como típico dos humanos norte-americanos. O local tinha um ar confortável, com sofás mostrando sinais de uso e fotografias de família por toda parte.

Korum gostava particularmente de ver as de Mia quando criança. Ela fora uma

garotinha bonita, com cachos longos e olhos azuis grandes. Por um segundo, aquelas fotos fizeram com que ele tivesse vontade de segurar uma filha dele mesmo, com as feições de Mia. Foi uma vontade estranha e impossível que nunca sentira.

O pai de Mia entrou na sala de estar no momento em que se sentaram no sofá. Mia se levantou de um salto. — Papai!

— Ah, Mia, querida, estou tão feliz em ver você! — Dan Stalis abraçou a filha, beijando-lhe o rosto.

Korum também se levantou e estendeu a mão em um cumprimento humano.

— Olá, Dan.

— Korum, é bom ver você também — disse o pai de Mia, apertando a mão dele. Dan foi mais reservado do que fora com Mia e Korum sabia que o pai dela ainda estava indeciso sobre o que achar do relacionamento deles. Korum não o culpava. Se estivesse no lugar do humano, não teria aceitado tão facilmente alguém que levara a filha embora.

— Onde está Marisa? — perguntou Mia quando todos se sentaram novamente. — Ela vem?

— Sim, estará aqui em alguns minutos — respondeu a mãe, mostrando-se muito

feliz por ter a filha em casa. Mia também parecia feliz. Observando-as, Korum estava mais convencido do que nunca de que fizera a coisa certa ao falar com os Anciãos. A caerle sofreria muito se tivesse que ver os pais envelhecerem e murcharem, sabendo o tempo inteiro que Korum tinha o poder de impedir que aquilo acontecesse.

— Você quer um chá? Ou uma fruta? — perguntou Ella, dirigindo-se a Korum. — Estão com fome? Fiz uma salada de rabanetes deliciosa ontem...

— Eu estou bem, obrigado — respondeu Korum, suavizando a resposta com um sorriso. — Comemos antes de vir para cá.

— Eu quero um chá — disse Mia. — Mas não se preocupe, mamãe, eu pego. — Levantando-se, ela foi para a cozinha, deixando Korum sozinho com os dois humanos mais velhos.

Ella e Dan Stalis o observaram com expressão estranha, quase como que em expectativa, e Korum teve uma intuição súbita. Eles achavam que Mia e Korum ficariam noivos e provavelmente esperavam que ele pedisse a mão dela, como era tradição entre os humanos.

Korum teve uma sensação inesperada de pesar por desapontá-los. Não fora por isso que ele e Mia tinham ido lá naquele dia nem a ideia sequer lhe ocorrera antes. Até onde sabia, nenhum krinar jamais se casara com uma

humana. As coisas simplesmente não eram feitas assim. Ao tomar Mia como caerle, Korum já fizera um compromisso com ela, mesmo que ela não necessariamente visse a situação da mesma forma.

Para seu alívio, a campainha tocou novamente, interrompendo o momento desconfortável. Os dois humanos se levantaram e correram para a porta. A filha mais velha e o marido entraram. Mia saiu da cozinha com um sorriso largo no rosto.

Korum se levantou para cumprimentá-los quando entraram. Ele beijou Marisa no rosto e apertou a mão de Connor, genuinamente feliz em ver o jovem casal. A gravidez da irmã de Mia começava a aparecer e ela parecia radiante.

Quando os lábios de Korum encostaram no rosto dela, Marisa corou, pois tinha a pele tão sensível quanto a de Mia. Ele reprimiu um sorriso. Sabia que as

mulheres humanas o achavam atraente e gostava de ter aquele efeito nelas.

Era melhor do que vê-las se encolher de medo, como acontecia algumas vezes por causa do que ele era.

Connor não pareceu se importar com a reação da esposa, sorrindo tão calmamente quanto antes. Korum não conseguia entender a placidez dele. Se Mia corasse com o toque de outro homem, a expectativa de vida daquele homem teria sido reduzida a minutos. Os humanos eram certamente mais relaxados em relação a tais questões. Alguns machos eram tão possessivos em relação às mulheres quanto os krinars, mas a maioria não era.

Mia os cumprimentou e o grupo voltou para a sala de estar.

— Muito bem, maninha — disse Marisa, sentando-se no sofá. O marido dela puxou uma cadeira e sentou-se ao seu lado. — Diga-nos o que está acontecendo.

Mia respirou fundo e Korum apertou sua mão para encorajá-la. — Sou imortal — disse ela em tom direto. — Agora posso viver tanto quanto Korum.

E, se forem conosco para Krina, talvez isso também possa acontecer com vocês.

POR UM MOMENTO, houve um silêncio completo na sala. Em seguida, todos começaram a falar ao mesmo tempo. Na cacofonia de vozes, foi impossível ouvir qualquer pergunta específica. Somente Dan Stalis ficou quieto, encostado em uma mesa e observando a confusão com uma leve curiosidade no rosto.

— Você não está surpreso — disse Korum, olhando para o pai de Mia.

— Não — respondeu Dan —, não estou.

— Por que não? — perguntou Korum.

— Porque isso faz todo o sentido do mundo — retrucou Dan Stalis. — De que outra forma você e Mia estariam juntos? Ela nunca falou sobre um futuro com você, mas nunca pareceu chateada quando tocamos no assunto. Por que não pareceria, quando ama você, quer ficar ao seu lado? Além do mais, você curou minhas enxaquecas apenas com uma pequena cápsula. Não é exagero imaginar que o seu povo consiga curar outras coisas, como câncer ou problemas de coração. — Ele fez uma pausa. — Talvez até mesmo o envelhecimento.

Korum sorriu, involuntariamente impressionado com o humano.

— Dan, você nunca comentou nada comigo. — O tom de Ella era de incredulidade. — Em todas as vezes que conversamos sobre Mia, você nunca mencionou essas suspeitas! — A voz dela ficou mais alta nas últimas palavras e ela estreitou os olhos ao encarar o marido.

— Sempre foi apenas um palpite — disse Dan em tom conciliador. —

Ella, querida, eu não queria que tivesse alguma esperança caso eu estivesse errado.

— Então, agora você é uma K? — Marisa olhava para a irmã com uma expressão chocada. — Você também bebe sangue?

— Espere um pouco — disse Connor. — Podemos voltar para a parte em que poderemos ser todos imortais se formos para Krina?

Mia abriu a boca para responder e Korum apertou a mão dela novamente.

— Deixe-me tentar explicar, querida — disse ele. — Depois, responderemos às perguntas de sua família.

Todos ficaram em silêncio, olhando para Korum, e ele continuou: —

Temos os meios para curar o câncer, bem como envelhecimento e outros males que assolam os humanos. A forma como isso é feito é com a inserção de nanócitos, que são nanomáquinas que imitam as funções das células em um corpo humano. Elas removem todos os danos nas células e possibilitam a cura rápida de ferimentos. É só que elas fazem. Não existe transformação de uma espécie em outra.

— Mia tem esses nanócitos no corpo. Eu os dei a ela há uns dois meses. E

você tem razão, Dan. É a única forma de podermos ficar juntos em longo prazo.

Korum fez uma pausa e inspecionou a sala. — O motivo pelo qual Mia não

contou nada a vocês antes e pelo qual nunca ouviram falar disso é algo chamado de mandado de não interferência. Ele foi instituído pelos nossos Anciãos. Não

temos permissão de fazer nada que possa alterar de forma significativa o curso do progresso humano natural. É por isso que não dividimos nossa tecnologia nem nossa ciência com vocês, pois isso é proibido. As únicas exceções a essa regra são humanos que chamamos de caerles. As pessoas como Mia, com as quais temos um relacionamento sério.

— Mas por quê? — perguntou Connor, franzindo a testa. — Por que eles instituíram esse mandado, para começo de conversa?

— Eu não sei — admitiu Korum. — Há muitas teorias. A mais popular é de que os Anciãos ainda estão conduzindo um experimento em relação à evolução dos humanos. Eles estavam lá para ver o começo de sua espécie e querem ver o que acontecerá com interferência mínima de nossa parte...

— O que quer dizer, no início? Que idade têm esses Anciãos de vocês? —

interrompeu Dan, olhando para Korum.

— Eles são velhos — respondeu Mia no lugar dele. — Muito velhos.

Tipo, dez milhões de anos.

O pai de Mia ficou visivelmente pálido. — Dez milhões de anos?

— Sim — disse Mia. — Quando Korum disse que eles estavam lá, no início da raça humana, ele não estava brincando. Na verdade, dois dos Anciãos estavam encarregados de supervisionar nossa evolução no começo.

Certo? — Ela olhou para Korum.

— Sim, exatamente — confirmou ele.

— Então, se existe esse mandado, por que está nos contando isso agora?

— perguntou a mãe de Mia, parecendo confusa. — E o que foi que você disse antes sobre ir para Krina?

— Fiz uma petição para os Anciãos por vocês — explicou Korum. — Para que passem pelo mesmo procedimento que Mia. Eles não concordaram ainda, mas fizeram uma solicitação incomum. Querem conhecer Mia e sua família

pessoalmente.

— Os Anciãos querem nos conhecer? — Ella Stalis parecia prestes a desmaiar.

— Sim — respondeu Korum. — Eles querem conhecer vocês e Mia em pessoa.

— Por quê? — perguntou Dan novamente.

— Eu não sei — respondeu Korum com sinceridade. — Eu queria poder responder a essa pergunta.

— Então, deixe-me ver se entendi direito... Eles querem que viajemos para Krina, mas não garantem que nos darão esses nanócitos? — perguntou Connor, franzindo a testa ainda mais. — Estão pedindo para deixarmos nossa vida para trás com uma chance remota de que isso aconteça?

— Sim. — Korum não tentou suavizar a situação.

— O que aconteceria se você desobedecesse os Anciãos? — perguntou Marisa, torcendo as mãos. — Se quebrasse o mandado de não interferência?

— Depende — respondeu Korum. — Se for apenas uma infração pequena, o resultado é uma perda de posição, que é algo semelhante à nossa reputação, além de, frequentemente, outras penalidades, incluindo financeiras. Se for algo mais grave, é tratado como um crime semelhante a assassinato.

— Ah — disse Marisa baixinho.

— Então, vejamos — disse Dan Stalis. — Você está nos dando a possibilidade de ter uma vida infinitamente longa, mas somente se formos com você para outro planeta.

— Sim.

— E o que acontece se nós recusarmos? — perguntou Connor com uma expressão teimosa no rosto. — E se não quisermos esquecer nossa vida inteira para voar para o espaço?

Korum deu de ombros. A bem da verdade, ele não tinha certeza do que aconteceria se alguém da família de Mia decidisse não aceitar o convite dos

Anciãos. No curso normal dos eventos, se um humano descobrisse algo que não deveria, teria parte da memória apagada. Mas aquilo era diferente e ele não sabia que orientações se aplicariam àquele caso.

— Não, Connor, você não pode recusar — disse Mia, encarando o cunhado friamente. — Você não entende? Se os Anciãos concederem nosso pedido, você, Marisa e o bebê poderão viver milhares de anos. Como pode recusar algo assim? Mamãe, papai, vocês serão jovens novamente. Isso não seria incrível? — Ela lançou um olhar implorante a eles. — Por favor, não me façam assistir à sua morte porque estão com medo. Korum está oferecendo a vocês uma chance de serem imortais. Como podem recusar?

CAPÍTULO VINTE E DOIS

A s duas semanas seguintes se passaram em uma confusão de preparativos para a partida. Os pais de Mia, Marisa e Connor pediram uma licença do trabalho e colocaram as contas em dia. De todos eles, Connor parecia o mais hesitante, apesar de Marisa tê-lo convencido de que precisavam ir, nem que fosse pelo bem do bebê. Depois de muitas discussões, ficou decidido que, se os Anciãos não lhes concedessem a imortalidade, voltariam à vida normal depois de, primeiro, assinar um acordo de não revelar nenhuma informação confidencial sobre os Ks. Se a petição fosse bem-sucedida, no entanto, Lenkarda seria seu novo lar, como era para Mia.

Para aliviar as preocupações sobre a viagem da irmã durante a gravidez, Mia falou com Ellet para que examinasse Marisa uma última vez. — Ela está perfeitamente saudável — assegurou Ellet. — E uma viagem espacial rotineira não deverá apresentar problemas. Se ela fosse explorar novas galáxias, eu ficaria preocupada, mas uma viagem simples entre Krina e a Terra é a coisa mais segura hoje em dia.

Mia telefonou para Jessie e explicou que ficaria algum tempo fora e não voltaria para a faculdade no início do semestre seguinte. Jessie não ficou nem um pouco surpresa, apesar de ter chorado quando Mia disse que não sabia quando voltaria. Como Mia não podia contar a ela o verdadeiro motivo da viagem, teve que inventar uma viagem de negócios de Korum para justificar a ausência.

— Jessie pode ir também? — perguntou Mia a Korum depois daquela conversa triste. — Eu sei que você disse apenas familiares, mas ela é parte da família para

mim...

— Não, querida — disse Korum com pesar. — Os Anciãos nem gostaram da ideia de Connor ir. Tive muito trabalho para convencê-los de que um cunhado é o equivalente a um filho de verdade. Se os pais de Connor estivessem vivos, nem acho que isso teria funcionado. Seriam humanos demais para serem encaixados em uma exceção.

Mia engoliu em seco. Ela não percebera como estivera perto de perder a irmã, que provavelmente teria optado por ficar para trás com o marido. Foi a primeira vez que o fato de Connor não ter família fora uma vantagem. Mia sempre tivera pena do cunhado porque a mãe dele, que fora mãe solteira, falecera de câncer de mama sete anos antes. Mas agora aquele fato possibilitara que a família de Mia ficasse reunida.

Adam preparou várias anotações e gravações para que ela levasse ao laboratório da mente em Krina. — Não se esqueça de entregar isso àquela aprendiz — disse ele a Mia. — Tem tudo que consegui encontrar nos arquivos de Saret sobre perda de memória e suavização. Não é muito, pois ele deve ter destruído a maioria dos dados, mas poderá ajudá-los a entender a sua condição.

— Obrigada, Adam. — Mia sorriu para o K. — Foi ótimo ter você como parceiro.

Adam abriu um sorriso largo. — O mesmo vale para você, parceira.

Avise-me quando vocês chegarem e estiverem instalados. Adoraria saber como foi a reunião com os Anciãos.

— É claro — respondeu Mia. Ela sabia que Adam tinha um motivo muito bom para querer saber do resultado da petição de Korum. A família adotiva dele era humana... bem como a namorada misteriosa sobre quem ele nunca falava.

— SARET ESTARÁ NA NAVE CONOSCO — disse Korum a Mia ao caminharem pela praia na noite antes da partida. — O Conselho quer que ele volte para Krina para que os Anciãos os julguem.

O estômago de Mia se revirou de medo. De vez em quando, ela ainda tinha pesadelos por causa da luta na Arena, sonhos horríveis em que Korum não era vitorioso. Saret chegara muito perto de matar o amante dela e Mia nunca se

esqueceria daqueles momentos em que achara que tinha perdido Korum.

Como se tivesse lido a mente dela, Korum disse: — Não há nada com que

se preocupar, querida. Ele ficará preso durante toda a viagem.

— Que levará apenas umas duas semanas, certo? — perguntou Mia.

— Sim — confirmou Korum. — Chegar longe o suficiente da Terra é o que demorará mais. Este sistema solar é muito movimentado e precisamos garantir que nada interfira com as capacidades de distorção da nave.

Mia riu, esquecendo Saret por enquanto. — Capacidades de distorção?

Como a distorção de nossa ficção científica, aquilo que permite viajar a uma velocidade maior do que a da luz?

— Sim — respondeu Korum. — Muito parecido com isso. Ela dobra o espaço-tempo, permitindo viajar de um ponto a outro do universo de forma quase instantânea.

— Como isso acontece? — perguntou Mia fascinada. Física nunca fora seu assunto preferido, mas até mesmo ela sabia que coisas estranhas aconteciam perto da velocidade da luz e que viagens em velocidades superiores a ela tinham sido consideradas impossíveis até a chegada dos Ks.

Korum sorriu, parecendo contente com o interesse dela. — Não tenho como explicar completamente sem entrar em matemática complicada, mas posso lhe dar uma ideia básica — disse ele. — Essencialmente, nossas naves criam uma enorme bolha de energia que causa uma contração no espaço-tempo em frente a ela e uma expansão no espaço-tempo atrás dela. É isso que nos impulsiona de um local a outro. Não precisamos chegar à velocidade da luz em ponto nenhum, nós a ignoramos inteiramente.

— Uma coisa dessas não exige muita energia? O que vocês usam como combustível?

— Bem, a bolha de energia em volta da nave usa uma combinação de energia positiva e negativa — respondeu Korum. — A energia negativa é algo que seus cientistas acabaram de começar a explorar. E sim, você tem toda razão, a

distorção de espaço-tempo exige uma quantidade tremenda de energia.

Felizmente, nós a temos em abundância. Também usamos antimatéria como fonte de combustível. É o que alimenta nossas naves quando não estamos em modo de distorção.

Mia arregalou os olhos. — Antimatéria?

— É a fonte de energia mais forte que existe — explicou Korum.

Mia ficou em silêncio, pensando na magnitude do que estava prestes a fazer. No dia seguinte, ela sairia da Terra por um tempo ainda indeterminado, com um amante que nem era humano. Ela estava confiando o destino de sua família inteira nas mãos dele.

Deveria ter sido uma ideia assustadora, mas não era. Em vez disso, ela estava quase pulando de empolgação. Quantas pessoas tinham uma chance como aquela? De conhecer um planeta diferente, de ir a Krina, a origem de toda a vida? E encontrar os Anciãos dos krinars... Ela ainda não conseguia aceitar aquele fato. Ela, uma garota humana comum, encontraria os verdadeiros criadores da raça humana.

Era o suficiente para deixar qualquer um estonteado.

NA MANHÃ SEGUINTE, eles foram para a Flórida buscar a família de Mia, voando em uma cápsula de transporte maior que Korum criara especificamente para aquela finalidade. Todos já estavam reunidos na casa dos pais de Mia, com as malas prontas. Apesar de Korum ter explicado que não precisavam da maioria das coisas, os humanos insistiram em levar as próprias roupas e outros itens que consideravam necessidades.

Desta vez, Korum pousou a cápsula na rua em frente à casa dos Stalis. Mia explicara que os parentes já tinham contado a todos os vizinhos sobre a viagem, mas não o motivo dela, e ninguém ficaria muito chocado ao ver uma aeronave alienígena pousar no bairro tranquilo.

Saindo da cápsula, Korum e Mia andaram até a porta e tocaram a campainha. À volta deles, as pessoas lentamente saíam de casa, motivados pela curiosidade sobre a conexão dos vizinhos com os extraterrestres. Korum ouviu os sussurros, as risadas e as exclamações de empolgação e medo. Um casal mais velho, a

algumas casas de distância, estava no telefone com os filhos, reclamando que os "Ks malignos" tinham ido a Ormond Beach.

Provavelmente acharam que ele não conseguiria ouvi-los, sem saber como os sentidos dos krinars eram aguçados.

Nada daquilo incomodou Korum. No passado, ele tentara ter consideração, garantir que a presença dele na pequena cidade não atrairia muita atenção para a família de sua caerle. Agora, entretanto, isso não importava. Se os Anciãos concordassem com o pedido, os parentes de Mia nunca mais poderiam voltar à vida de antes.

Marisa abriu a porta para que entrassem. — Olá, pessoal — exclamou ela animada. — Entrem! Estamos quase prontos.

— Excelente! — Mia tinha um sorriso largo no rosto ao entrarem na casa.

— Está animada? Eu sei que estou...

— Ai, meu Deus, se estou animada? Está brincando? Não durmo há duas noites...

Korum sorriu e seguiu as duas irmãs, que continuaram a conversar até chegarem à cozinha. Os pais de Mia e Connor já estavam reunidos lá, tomando café da manhã.

— Korum! — exclamou Ella. O olhar dela se iluminou. — Quer se juntar a nós? Fiz algumas panquecas de batata com geleia fresca de frutas.

— Claro — disse Korum, sentando-se à mesa. — Eu adoraria algumas panquecas. — Mia e ele tinham comido cerca de uma hora antes, mas Korum estava curioso para experimentar o prato que Mia dissera ser a especialidade da mãe.

Naquele momento, Mia se aproximou por trás da cadeira dele e beijou-o no rosto, com os cabelos fazendo cócegas em seu pescoço. — Já está com fome? — brincou ela, com as mãos acariciando-lhe gentilmente os ombros. A exibição de afeição dela fez com que ele tivesse vontade de abraçá-la. Ele não percebera o quanto precisara daquilo até que ela começasse a tocá-lo daquele jeito nas semanas anteriores. Antes, ele quase sempre fora o que iniciava o contato físico,

tanto sexual quanto casual.

Claro, sempre que ela estava tão perto, ele tinha uma ereção, mas o desconforto era um pequeno preço a pagar. Korum se mexeu na cadeira, erguendo ligeiramente o joelho caso algum dos humanos resolvesse olhar sob a mesa.

— Mia, querida, e você? — perguntou a mãe. — Quer panquecas também?

— Eu adoraria, mamãe, obrigada. — Mia tirou as mãos dos ombros de Korum e sentou-se na cadeira ao lado dele. Ele estendeu a mão e pegou a dela, pois precisava de seu toque.

— Ai ai, que amorzinho — disse Connor, mastigando um pedaço de panqueca. — Olhe só esses dois, Marisa.

— Cale a boca, Connor — disse a esposa dele, andando até o fogão para colocar água para ferver. — Eles não estão casados há muito tempo, como nós. — Mas havia um sorriso grande no rosto dela ao dizer aquilo e Korum percebeu que estava brincando. Pelo que vira, Marisa e o marido eram muito afeiçoados um ao outro.

Korum não se importou com a brincadeira de Connor. Ele amava Mia e não tinha intenção alguma de esconder seus sentimentos da família dela. Eles que vissem como ele gostava dela. Afinal de contas, estavam confiando nele o suficiente para deixar a vida inteira para trás.

Ele torcia para que os Anciãos não negassem os nanócitos a eles. Odiava a ideia de desapontar a família de Mia. E de desapontar Mia. De alguma forma, quase imperceptível, Korum passara a gostar daquelas pessoas. Nas duas semanas anteriores, ele tivera várias interações com cada um dos parentes de Mia, respondendo às perguntas sobre Krina e o que esperar durante a viagem, e descobrira que realmente gostava deles. Ele via traços de Mia nos pais e na irmã dela e frequentemente achava a companhia de Connor divertida. Se alguém tivesse dito a Korum alguns meses antes que se sentiria assim em relação a alguns humanos, ele teria rido. Mas, desde que conhecera Mia, sua vida previsível fora por água abaixo.

Ella Stalis serviu panquecas para todos. Experimentando a sua porção, Korum imediatamente elogiou a comida dela, adorando a combinação da geleia doce com a batata saborosa. Ela sorriu, obviamente contente. Naquele momento,

Korum viu a beleza que ela fora na juventude e que provavelmente voltaria depois do procedimento.

Finalmente, a refeição terminou e as louças foram retiradas. Korum ajudou a lavá-las, colocando tudo na máquina de lavar louças. Os aparelhos humanos sempre o tinham interessado. Eram tão primitivos e sem graça, mas ainda assim conseguiam realizar o trabalho na grande maioria das vezes.

Naquele momento, a cachorrinha saiu correndo de um dos quartos, latindo e saltando novamente sobre Korum. Antes que ele conseguisse fazer alguma coisa, Marisa a tirou do chão. — Mocha! — repreendeu ela. Virando-se para Korum, ela abriu um sorriso de desculpas. — Lamento por isso. Nós a mantivemos no quarto para que não ficasse no caminho enquanto fazíamos as malas, mas ela conseguiu fugir...

— Está tudo bem, não me importo — assegurou Korum. Em seguida, ele lembrou de uma coisa. — O que farão com a cachorra quando partirmos?

Marisa o encarou. — Ela irá conosco, é claro.

Korum pestanejou lentamente. — Entendo.

— Isso não será um problema, será? — perguntou Marisa em tom ansioso.

— Sei que meus pais morreriam sem ela...

— Não, não será um problema — respondeu Korum. Era inesperado, mas não um problema. Ele deveria ter sabido que desejariam levar a criatura peluda. Os humanos frequentemente tinham ligações nada naturais com os animais de estimação. Ele teria que fazer alguns ajustes de último minuto na disposição da nave para acomodar a presença da cachorra, mas não seria nada grande.

Vinte minutos depois, todos estavam prontos para ir. Korum levou as cinco malas grandes para fora e carregou-as na nave, ignorando os olhares curiosos dos vizinhos.

— Tenha cuidado, elas são pesadas — recomendou Dan Stalis e Korum reprimiu um sorriso. O pai de Mia claramente não entendia a extensão completa das diferenças entre o corpo de um krinar e de um humano. As malas não pareciam mais pesadas para ele do que a pequena bolsa de Ella era para ela. Ainda assim,

a preocupação dele era tocante.

Quando estavam todos dentro da nave, Mia verificou se todos se sentiam confortáveis nos bancos flutuantes. A mãe tinha a cachorra no colo, segurando-a com um desespero que traiu seu nervosismo.

— Adeus, Ormond Beach. Adeus, Terra — sussurrou a irmã de Mia quando a nave decolou, carregando-os para cima, além da atmosfera terrestre, onde a nave grande os aguardava para a jornada interplanetária.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Enquanto a nave subia, Mia observou os prédios e as paisagens diminuindo. As paredes e o piso transparentes da cápsula ofereciam uma vista incrível em 360 graus. Em questão de segundos, a nave estava acima das nuvens e o sol radiante os atingiu, fazendo com que Mia estreitasse os olhos até que Korum fez algo que minimizou o brilho.

— Uau — exclamou Marisa, ecoando os sentimentos de Mia. — Isto não tem nada a ver com viajar de avião...

— Estamos nos movendo muito mais depressa que os seus aviões —

explicou Korum. — Em mais alguns minutos, chegaremos ao nosso destino fora da atmosfera da Terra.

Mia estendeu a mão e apertou a dele. O coração dela batia com empolgação e ela nem conseguia imaginar como os outros deviam se sentir. O

pai parecia um pouco pálido e a mãe segurava Mocha com tanta força que a cachorra se contorcia. Até mesmo Connor estava incomumente quieto com um olhar fascinado no rosto.

— Vai ficar tudo bem, querida — disse Korum, inclinando-se para beijar a testa dela. — Vai ficar tudo bem.

— Eu sei — disse Mia baixinho. — É só que é tudo tão incrível.

Ele sorriu, mostrando aquela covinha sensual na bochecha esquerda.

Aquilo fez com que ele parecesse ainda mais bonito e Mia desejou desesperadamente que estivessem sozinhos naquele momento, e não rodeados pela família dela.

Como se tivesse lido a mente dela, Korum sussurrou: — Mais tarde. —

Mia sentiu as bochechas quentes. O sorriso dele mudou, tornando-se mais

sugestivo, e ela beliscou seu braço em resposta.

Ele ergueu a sobrancelha e Mia franziu a testa. — Não na frente dos meus pais — disse ela baixinho. O sorriso dele se abriu ainda mais.

Determinada a não deixá-lo que a fizesse corar, Mia olhou para baixo, observando com empolgação mal controlada ao se afastarem cada vez mais da Terra. Quando era criança, ela sonhara em ser astronauta, em ir para as estrelas e explorar galáxias distantes. Como a maioria das crianças, deixara o sonho de lado e escolhera uma profissão mais adequada. Agora, no entanto, ela recebera a chance de viver aquele sonho de infância, que era muito mais do que incrível.

Logo, estavam tão longe que ela conseguiu ver a Terra inteiramente, um belo planeta azul que parecia pequeno demais para ser o lar de bilhões de pessoas. Olhando para o planeta, Mia percebeu como a raça humana inteira era vulnerável, presa como estava naquele lugar que parecia tão indefeso na vastidão do espaço.

— No que está pensando? — perguntou Korum, estendendo a mão para acariciar o joelho dela.

— Estava pensando que agora entendo por que os krinars querem diversificar — disse Mia. — Por que não quiseram apostar na sobrevivência em um planeta só. A Terra parece tão frágil...

— Sim, parece, não é? — A mão de Korum apertou o joelho dela. Quando ela olhou para cima, ele a observava com uma expressão estranha no rosto.

Mas, antes que pudesse perguntar alguma coisa, ouviu a mãe soltar uma exclamação.

— Uau, Korum! — exclamou Ella Stalis. — Aquela é a sua nave?

Mia olhou para cima. Eles se aproximavam de algo que parecia um projétil gigante. De cor escura, era surpreendentemente simples, completamente diferente de qualquer nave estelar que ela vira nos filmes de ficção científica.

— Aquilo é a nave? — perguntou ela, tentando manter o desapontamento fora da voz. As cápsulas de transporte dos krinars pareciam mais avançadas e futurísticas do aquela nave que, supostamente, conseguia se mover mais depressa do que a velocidade da luz.

— É ela. — Korum sorriu. — Não é bem o que o seu povo imaginava, é?

— Não, não é — disse Connor, falando pela primeira vez desde que a cápsula de transporte decolara. — Como aqueles milhares de krinars couberam naquilo? Parece meio pequena...

— Ah, não foi essa a nave que nos trouxe aqui — explicou Korum. —

Você tem razão. Aquela é muito maior. Essa nave é algo que criei especificamente para nossa viagem. Serão apenas umas setenta pessoas que irão para Krina desta vez. Não era necessário usar a nave maior para um número tão pequeno.

— Vocês conseguem fazer isso? — perguntou o pai de Mia, olhando para Korum incrédulo. — Fácil assim? Vocês conseguem criar uma nave que vai para uma outra galáxia?

— Korum consegue — disse Mia, entendendo a confusão do pai. — Nem todos os krinars conseguem. Foi ele que criou esse projeto. Certo? — Ela olhou para Korum.

— Sim — confirmou o amante. — Esse projeto particular é meu.

Tínhamos naves que podiam se mover acima da velocidade da luz antes, claro, mas essas são as mais recentes. São mais seguras e mais fáceis de operar.

— Entendo — disse Dan, olhando para Korum com uma mistura de choque e respeito. As mesmas emoções estavam refletidas no rosto de Ella. Pelo jeito, os pais de Mia não tinham entendido a extensão do conhecimento tecnológico de Korum até aquele momento.

À medida que a cápsula se aproximou da nave, Mia viu um dos lados dela se dissolver para que entrassem. Como todas as casas dos krinars tinham uma tecnologia de entrada semelhante, ela mal piscou ao ver aquilo. A família, no entanto, achou aquilo muito impressionante.

— Como exatamente essas coisas inteligentes funcionam? — perguntou Marisa. — As paredes pensam sozinhas mesmo?

— Não — respondeu Korum. — Não é inteligência artificial no verdadeiro sentido das palavras. Ela não é consciente de forma alguma.

Quando digo "tecnologia inteligente", o que realmente quero dizer é que é um objeto capaz de realizar sua função específica de uma forma que imita as capacidades de um ser inteligente. Assim, por exemplo, minha casa pode fazer refeições, manter a temperatura certa para nosso corpo, manter visitantes indesejados do lado de fora e limpar-se. Ela realiza aquelas tarefas tão bem quanto um humano ou um krinar realizaria. Mas não é possível ter uma conversa com ela.

— Isso é tão interessante — disse Connor. — Vocês têm robôs com quem é possível conversar de verdade?

Korum sorriu. — Sim, eles eram populares há alguns milhares de anos e depois ficaram ultrapassados. Agora, são usados principalmente para divertir

crianças pequenas, apesar de haver alguns adultos que também gostam deles.

Antes que Connor pudesse perguntar mais alguma coisa, a cápsula tocou no piso da nave, pousando suavemente. Marisa bateu palmas. — Bravo! Esta foi a viagem mais tranquila que já fiz.

Korum riu, levantando-se. — Chegamos — disse ele. — Até chegarmos ao nosso destino, este será seu novo lar.

QUANDO DESEMBARCARAM, Korum mostrou a nave a eles. Apesar da camada externa simples, o interior da nave era decorado de forma tão bela quanto a casa de qualquer krinar. Cores claras, móveis flutuantes, plantas exóticas... a nave tinha tudo com que Mia se acostumara em Lenkarda e ela imediatamente se sentiu em casa.

Os pais de Mia estavam muito impressionados. — Korum, isto é tão maravilhoso — dizia a mãe dela repetidamente. — E a vista! Meu Deus, a vista!

A vista era realmente incrível. As paredes externas da nave eram transparentes do lado de dentro, como a maioria dos prédios dos krinars, e havia várias áreas em que era possível observar o espaço em toda sua glória.

Sem a interferência da atmosfera, tudo era mais nítido, mais claro e as estrelas eram mais brilhantes do que Mia jamais vira na superfície.

Korum preparara alojamentos especiais para a família de Mia, reproduzindo fielmente o interior da casa dos pais dela. — Espero que gostem

— disse ele. — Caso contrário, posso mudar para alguma outra coisa que preferirem.

— Ah, não, está perfeito — disse o pai de Mia, andando até um sofá e sentando-se. — Todas aquelas coisas flutuantes são um pouco intimidadoras, para ser bem sincero.

— Ótimo, fico feliz por ter gostado. — Korum sorriu e Mia teve vontade de beijá-lo por ser tão atencioso. — Criarei uma área especial para Mocha também, para garantir que ela possa correr e usar o banheiro lá.

Os poucos Ks que conheceram durante o passeio foram simpáticos com a família de Mia, pois já tinham sido avisados da presença dela por Korum.

Todos observaram abertamente, mas Mia já estava acostumada com aquilo.

Duas tripulantes pareceram particularmente intrigadas pela cachorrinha que a mãe de Mia insistia em levar para todo lado.

— Que linda! — exclamou uma delas, estendendo a mão para acariciar

Mocha. — Nunca vi um desses tão de perto!

A cachorra tolerou a atenção, mas Mia viu que ela não estava contente.

Parecia que Korum era o único K de quem Mocha gostava de verdade.

Depois do passeio, a família de Mia decidiu descansar. A irmã estava muito cansada depois de toda a empolgação. — É hora de tirar um cochilo —

disse Connor, sorrindo para a esposa. Ela assentiu, escondendo um bocejo.

Finalmente, Mia e Korum ficaram sozinhos.

— PARECE QUE CONSEGUIMOS finalmente ficar a sós — disse Mia, sorrindo para Korum. Eles tinham acabado de entrar no alojamento particular, completo com uma cama redonda grande, similar à que tinham na casa de Korum.

— É verdade. — Os olhos dele começaram a brilhar com a luz dourada familiar.

Sustentando o olhar dele, Mia, de forma lenta e deliberada, colocou os polegares sob as tiras que seguravam o vestido e puxou-as para baixo. — Ôpa

— sussurrou ela. — Acho que não consigo tirar. Quem sabe você pode me ajudar...

As narinas de Korum se dilataram e ela viu a tensão invadindo seus músculos. — Venha cá — exigiu ele.

Mia balançou a cabeça negativamente. — Não. Venha cá você. — Ela sabia exatamente o que queria e não era Korum no controle.

Ele estreitou os olhos. Parecia perigoso agora, como um predador selvagem que não podia ser controlado. O coração dela bateu mais depressa com a emoção do que estava tentando fazer. — Venha — repetiu ela, chamando-o com o dedo.

Ele foi. Na verdade, ele praticamente saltou para o outro lado do quarto.

Em um segundo, estava ao lado dela, com o corpo musculoso e intimador pressionando-a contra a parede. — Precisa de ajuda com o vestido, é? — Os dedos dele puxaram as tiras finas, que quase se rasgaram sob as mãos fortes.

— Sim — disse Mia, olhando para ele. — Quero. Mas seja gentil. E, depois de tirar meu vestido, quero que tire a roupa para mim.

Os olhos dele ficaram amarelados. — É mesmo?

— É mesmo — disse Mia. — E quero que se deite na cama. — O coração dela batia com tanta força que parecia prestes a explodir e seu corpo derretia de desejo. Ela o queria muito... mas em seus próprios termos.

Por um segundo, ela achou que ele não obedeceria, mas, em seguida, ele recuou um passo. — Está bem — disse ele com voz rouca. — Vire-se.

Mia reprimiu um sorriso e fez o que ele pediu. O vestido que usava era de estilo humano, com um zíper nas costas, e os dedos quentes dele encostaram na sua pele quando Korum o abriu completamente. Assim que terminou, Mia deu um passo para o lado e deixou o vestido cair no chão. Por baixo, ela vestia uma tanga azul minúscula, algo que colocara naquela manhã especificamente com Korum em mente.

Ele prendeu a respiração. — Mia... você fez isso de propósito...

Ela ergueu as sobrancelhas. — Não gostou? — Ela deu um giro, fingindo não ver o calor explosivo no olhar dele ao observá-la.

Um músculo saltou no maxilar dele. — Você está me torturando?

— Não sei — disse Mia em tom sensual. — Estou? — Virando-se de costas para ele, ela se abaixou e lentamente puxou a tanga para baixo, da forma como vira em filmes. Em seguida, saiu de cima dela. Quando se virou novamente, ele parecia feroz, com os olhos brilhando e as mãos cerradas.

— Sua vez — disse Mia, observando-o fascinada. Ele perderia o controle e atacaria? Ela adorava o fato de conseguir deixá-lo naquele estado, completamente perdido de desejo. A paixão selvagem dele não a assustava.

Ao contrário, fazia com que o quisesse ainda mais.

Ele respirou fundo algumas vezes e ela viu suas mãos se abrirem lentamente. Em seguida, ainda encarando-a com um olhar ardente, ele puxou a camiseta pela cabeça e abriu o zíper da calça, puxando-a para baixo. Ele não usava cueca e a ereção saltou agressivamente.

Mia ficou com a boca seca ao vê-lo. O amante era a perfeição masculina personificada. Cada músculo do corpo forte era claramente definido, a maciez da pele dourada era interrompida apenas em poucos lugares por tufos de pelos

escuros. Ela quis saltar sobre ele e lambê-lo de cima abaixo.

— Deite-se na cama — ela conseguiu dizer com a voz repleta de desejo.

Ele fez o que foi pedido, mas ela percebeu que o autocontrole dele não duraria muito tempo. Subitamente, ela teve uma ideia. — Meu fabricador, por favor — disse ela em voz alta, sabendo que a nave inteligente entenderia o que queria. Alguns segundos depois, uma das paredes se dissolveu e o presente de Korum flutuou diretamente para as mãos de Mia.

— O que está fazendo? — perguntou Korum, observando-a desconfiado da cama. Ela abriu um sorriso malicioso.

— Você verá.

Segurando o fabricador, ela disse ao dispositivo: — Algemas com uma chave, por favor — e esperou enquanto as nanomáquinas faziam o seu trabalho.

Korum se sentou, encarando-a com uma expressão indecifrável no rosto.

— E o que pensa que vai fazer com elas?

Mia largou o fabricador e pegou as algemas. — Colocá-las em você, é claro.

— Ah, é mesmo?

— Sim, é mesmo — disse Mia firmemente, subindo na cama ao lado de Korum. — Agora, dê-me os seus pulsos.

Ele hesitou por um segundo e estendeu as mãos. O desejo no rosto dele se misturou com um olhar divertido. — Você acha que essas coisas vão me segurar?

— Provavelmente não — admitiu Mia, colocando as algemas nele. O

pulso dele era mais largo que os dois pulsos dela juntos e os antebraços eram muito musculosos. — Mas a ideia não é essa, é?

— E qual é a ideia, minha querida? — perguntou ele baixinho, observando-a com um olhar semicerrado. — Está tentando provar alguma coisa?

Em vez de responder, Mia o empurrou de leve, fazendo com que se deitasse de costas com as mãos algemadas sobre a cabeça. Em seguida, sentou-se sobre ele, com a entrada da boceta a poucos centímetros do pênis ereto. Inclinando-se para baixo, ela abraçou o peito dele e sussurrou em seu ouvido: — A ideia é que você é meu. E posso fazer o que quiser com você.

Ele respirou fundo e arqueou os quadris, tentando deixar o pênis mais perto. — E isso inclui deixar que eu entre nessa sua boceta apertada? — A voz dele estava rouca, cheia de desejo.

— Ah, sim. — Mia moveu o corpo para baixo até que o pênis estivesse entre suas dobras e o clitóris encostasse nele. A pele que cobria o pênis era macia, quase delicada, e ela fechou os olhos, saboreando a sensação dele contra o próprio sexo.

— Mia... — gemeu ele, movendo-se sob ela. — Dentro. Agora.

Decidindo não torturá-lo, nem a si mesma, por mais tempo, Mia colocou a mão em volta do pênis e guiou-o para dentro. Mordendo o lábio com a sensação, ela lentamente abaixou o corpo até que o pênis a penetrasse quase totalmente. Ela fez uma pausa para que o corpo se acostumasse e deixou que o pênis entrasse mais fundo, sem parar até que estivesse totalmente preenchida

por ele.

Ele gemeu novamente, com os músculos dos braços flexionando-se devido ao esforço para não agarrá-la. O pênis se contraiu dentro dela. Mia sabia que ele estava louco para assumir o controle, para fazer com que os dois gozassem, e estranhou que estivesse contendo-se.

Mas não precisou estranhar por muito tempo. Antes que conseguisse se mover novamente, ela se viu jogada de costas com o corpo grande dele pressionando-a contra o colchão. Os olhos de Korum estavam selvagens e desfocados. Ele conseguira arrebentar a corrente de metal que prendia as algemas e colocou as mãos nas coxas de Mia, segurando-as bem abertas para que pudesse penetrá-la repetidamente.

Gritando, Mia passou os braços em volta do pescoço dele, mal conseguindo se segurar enquanto ele investia, motivado unicamente pelo instinto primitivo de copular. O corpo dela deslizava para cima e para baixo no colchão com cada

movimento dos quadris fortes e a cama inteligente se suavizou em volta deles, adquirindo uma textura de travesseiro para protegê-

la.

O primeiro orgasmo a atingiu subitamente e Mia gritou, mas ele continuou a investir sem misericórdia. O segundo, alguns momentos depois, fez com que ela visse estrelas. Ele continuou a se mover com um desejo feroz.

Foi demais. Mia achou que se despedaçaria com a intensidade das sensações. O corpo e a mente não eram mais dela. Havia apenas o calor, o suor e o corpo dele sobre ela, dentro dela, envolvendo-a. Eles estavam reunidos, fundidos pelo êxtase.

Quando ele estremeceu sobre ela, Mia não pensava mais, a voz estava rouca por causa dos gritos e o corpo tremia com as ondas intermináveis de prazer. E, quando achou que terminara, sentiu os dentes dele na veia do pescoço... o que a lançou ainda mais além.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Se alguém tivesse dito a Mia que uma viagem intergaláctica seria tão fácil quanto um cruzeiro, ela teria rido alto. Mas foi o que aconteceu. Eles passaram quase uma semana voando para longe da Terra em velocidades inferiores à da luz para não causar perturbações na distorção do espaço-tempo. Em seguida, o comando de distorção foi ativado e a nave chegou alguns dias depois em Krina. Tudo foi feito de forma tão suave que Mia não sentiu nada. Só quando Korum lhe disse que estavam em outra galáxia que ela percebeu que a nave fizera o salto.

— Vamos encontrar os Anciãos logo? — perguntou Mia enquanto estavam deitados na cama na noite antes da chegada. Como os dois estavam menos ocupados com outras questões, ela e Korum passaram muito tempo juntos durante a viagem. Mia tirara uma folga dos estudos sobre a mente e Korum não tinha nenhum assunto urgente do Conselho com o qual se preocupar. Mia dormia até tarde, ficava com a família durante a manhã e passava a maior parte do dia com Korum, uma atividade que invariavelmente culminava em várias horas de paraíso sexual.

— Não — respondeu Korum. — Encontraremos primeiro a especialista em

mente para restaurar a sua memória. — E para desfazer a suavização, mas aquela parte não foi dita. Mia sabia que os dois estavam ansiosos e um pouco receosos com a reversão do procedimento, sem saber o que mudaria entre eles como resultado, se é que mudaria.

Olhando para a parede transparente do quarto, Mia viu as estrelas e as constelações desconhecidas no céu. Eles já estavam no sistema solar dos krinars, um local belo e estranho com dez planetas que circulavam uma estrela

com aproximadamente 1,2 vez o tamanho do sol da Terra. Krina era o quarto planeta a contar do sol e era muito similar à Terra em tamanho, massa e composição geoquímica. — É por isso que a Terra é tão importante para nós

— explicara Korum. — É mais parecida com Krina do que qualquer outro planeta que encontramos em todos os anos em que exploramos o universo.

A principal diferença entre os dois planetas estava nas luas. A Terra tinha apenas uma, enquanto que Krina tinha três, uma quase do tamanho da Terra e as outras duas menores. — Temos algumas marés espetaculares — disse Korum. — Elas são mais como pequenos tsunamis. A Terra é melhor nesse sentido. Na maioria dos lugares, é possível morar perto do oceano e não ter que se preocupar com nada além de um furacão ou outro. Em Krina, o mar é mais perigoso e não temos nenhuma cidade a menos de trinta quilômetros da praia.

Para a surpresa de Mia, ela descobriu que, quando Korum falava do oceano em Krina, queria dizer O Oceano, ou seja, um imenso corpo d'água.

Diferentemente da Terra, em que o supercontinente original de Pangeia se dividira em vários continentes, Krina tinha uma massa de terra gigante que servia como lar para todos os krinars. Korum a chamara de Tinara.

Aquilo também explicava algo que deixara Mia confusa antes: a relativa falta de variedade na aparência dos krinars. Todas as pessoas tinham cabelos escuros e pele bronzeada e, apesar de haver variações na cor, havia muito menos diferenças entre os Ks do que entre humanos das diversas raças. Os krinars eram mais homogêneos, o que fazia sentido, já que tinham evoluído juntos naquele supercontinente.

— Então, por que a sua prima Leeta tem cabelos ruivos? — perguntou Mia. Ela encontrara a bela krinar algumas vezes desde que perdera a memória.

— Há algum gene para isso na população dos Ks?

Korum balançou a cabeça negativamente. — Na verdade, não. Alguns de nós têm cabelos com um ligeiro tom castanho, mas nada como o tom que Leeta usa agora. Ela alterou a estrutura das moléculas dos cabelos desde que foi para a Terra, provavelmente porque gosta da aparência.

— E não existem krinars loiros de olhos azuis?

— Não — respondeu Korum. — Nem krinars com os cabelos cacheados como o seu. Com os seus cachos e olhos azuis, você se destacará muito em Krina.

— Ah, que ótimo — resmungou Mia. — As pessoas ficarão me encarando ainda mais.

Korum sorriu. — Sim, vão. Mas isso não é uma coisa ruim.

Mia deu de ombros. Ela sabia que os krinars não viam aquilo como uma atitude rude, mas ainda se sentia desconfortável com aquela diferença cultural específica. — Então, quando encontraremos a sua família? — perguntou ela, mudando de assunto. — Eles estarão lá para nos receber quando chegarmos?

— Não. Eu disse a eles que faremos uma visita assim que você recuperar a memória. Você já conheceu meus pais antes e provavelmente se sentirá melhor se conseguir se lembrar daquele encontro original.

Mia bocejou e virou o corpo, encostando as costas no peito de Korum para que ele a abraçasse. Ele a puxou para mais perto e disse: — Durma, querida

— murmurou ele em seu ouvido. Mia adormeceu, sentindo-se acolhida e segura no abraço dele.

— AI, meu Deus, chegamos? Ali é Krina? — Marisa se levantou do banco, apontando para o planeta cujo tamanho aumentava diante de seus olhos. Mia também observava, com o coração batendo forte de ansiedade e empolgação.

— Sim — confirmou Korum, sorrindo para eles. — Ali é Krina.

Estavam todos sentados em volta de uma mesa flutuante, tomando o café da manhã. Era a última refeição na nave antes da chegada. Connor estava

novamente quieto e Mia percebeu que os pais estavam apenas brincando com a comida, parecendo nervosos demais para comer normalmente.

Eles estavam sentados em um dos aposentos que tinha uma parede virada para a parte externa da nave, uma parede feita do mesmo material transparente que as casas dos krinars. Korum o escolhera de propósito, para deixar que observassem ao se aproximarem de Krina pela primeira vez.

A nave se movia a uma velocidade incrível e logo o planeta ficou visível em mais detalhes. — Estamos nos aproximando pelo lado de Tinara, o supercontinente — explicou Korum. — É por isso que não estão vendo muita água, como acontece na Terra.

E era verdade. A visão diante deles era bem diferente das imagens da Terra vista do espaço feitas pela NASA. Mia só conseguia ver um minúsculo círculo azul. O restante era dominado por uma massa de terra marrom imensa no centro, o supercontinente. Ao chegarem mais perto, ela percebeu que o que achara ser um tom marrom era, na verdade, uma combinação de verde, amarelo e vermelho.

Logo, entraram na atmosfera e Mia notou um leve brilho vermelho em volta da nave. — São nossos escudos de força protegendo-nos do calor e do atrito — explicou Korum. — Ainda estamos em alta velocidade e, se não fosse pelos escudos, viraríamos uma bola de fogo.

Gradualmente, o brilho desapareceu e a nave reduziu a velocidade. Ao passarem pelas nuvens, Mia viu uma grande floresta espalhada logo abaixo, muito colorida... e estranhamente intocada. Onde se esperaria haver cidades e arranha-céus, havia apenas árvores e mais árvores.

— Iremos para uma área de pouso especial para naves intergalácticas —

disse Korum, parecendo prever as perguntas deles. — Fica a uma boa distância de nossos Centros.

— Por que não usamos uma cápsula de transporte para descer, como fizemos para ir até a nave? — perguntou o pai de Mia. — Por que pousar esta nave inteira?

— É uma boa pergunta, Dan — disse Korum. — Quando estávamos na Terra, usamos a cápsula de transporte para subir porque não há boas áreas de pouso

para naves como esta. Talvez isso mude no futuro, mas, por enquanto, é mais fácil manter as naves grandes em órbita em volta da Terra. Aqui em Krina, estamos equipados para isso e não há motivo para não pousar.

Mia viu uma grande clareira à frente, com algumas estruturas que pareciam cogumelos gigantes. Devia ser o campo de pouso. E, logo em seguida, a nave foi diretamente para lá. Alguns minutos depois, eles tocaram no solo.

Estavam oficialmente em Krina.

AO SAÍREM DA NAVE, Mia sentiu uma onda de calor que lembrava a Flórida nos momentos mais quentes. Também era difícil respirar e ela sentiu a cabeça leve enquanto tentava puxar mais ar. Segurando a mão de Korum, ela esperou que a onda de tontura passasse.

— Você está bem? — perguntou ele, passando o braço pelas costas dela para segurá-la.

— Sim — respondeu Mia. — O ar aqui é mais fino, acho. — Ele tinha também um aroma agradável e estranho, que lembrava flores e frutos doces.

— Ele é mais fino — confirmou Korum. — Nossa atmosfera em geral contém um pouco menos de oxigênio do que está acostumada. E esta região em particular é mais alta. Mas, com os nanócitos, você se ajustará em breve.

Mia já estava começando a se sentir melhor, mas tinha uma nova

preocupação. — E os meus pais? E Marisa e Connor? Como eles se ajustarão?

— A família dela estava saindo da nave, a cerca de dez metros atrás deles.

— A maioria dos humanos tolera bem nossa atmosfera depois de um período de aclimatação inicial — respondeu Korum. — Mas não se preocupe.

Sei que seus pais têm problemas de saúde e deixei nossos especialistas em medicina à mão. — Ele apontou para uma pequena cápsula que acabara de pousar ao lado da nave. — Eles ajudarão sua família com quaisquer problemas que possam surgir.

Naquele momento, duas krinars saíram da cápsula. Altas, com cabelos escuros e

graciosas, elas se aproximaram de Korum e sorriram. — Sou Rialit e esta é minha colega, Mita — disse a mulher mais baixa à direita. — Bem-vindos a Krina.

Korum inclinou a cabeça. — Obrigado, Rialit. E Mita. Eu gostaria que ajudassem meus companheiros humanos. Minha caerle está bem, mas os parentes dela podem precisar da ajuda de vocês.

— É claro — respondeu Rialit, virando-se para Ella e Dan. Marisa e eles pareciam um pouco pálidos e Connor parecia estar tentando sugar o máximo de ar possível.

As especialistas correram até eles, carregando pequenos dispositivos, e, um minuto depois, todos pareciam estar de volta ao normal. Korum agradeceu às duas mulheres e elas foram embora, com a cápsula decolando alguns minutos depois.

— Uau — disse a mãe de Mia, olhando para a nave que partia. — Não consigo acreditar que passaram aquelas coisas em nós e agora conseguimos respirar novamente. O que fizeram conosco?

— Acho que elas criaram um pequeno campo de oxigênio em volta de vocês — disse Korum. — Assim, vocês terão um ajuste mais gradual. O

campo se dissipará nos próximos dias, mas isso acontecerá lentamente. Assim, o corpo de vocês se acostumará a respirar o nosso ar.

— Incrível — comentou Dan. — Simplesmente incrível.

Mia sorriu. — Não é?

Enquanto conversavam, Korum iniciou o processo de criar uma cápsula de transporte para levá-los ao destino final: a casa dele. A irmã de Mia soltou uma exclamação quando a nave começou a tomar forma. Connor e os pais dela simplesmente observaram em choque. Mia sorriu com a reação deles. Não fazia muito tempo desde que tudo que Korum lhe mostrara parecera um milagre. Agora, ela conseguia fazer muitas das mesmas coisas, mesmo que não

entendesse a tecnologia por trás daquilo. Por outro lado, a maioria das pessoas não entendia como o telefone e a televisão funcionavam, mas ainda conseguiam

usá-los, da mesma forma como Mia conseguia usar o fabricador.

Quando a cápsula ficou pronta, todos entraram nela e sentaram-se nos bancos flutuantes. — Eu adoro estas coisas — disse Marisa com um olhar maravilhado no rosto quando o banco se ajustou a ela. Mia imaginou que a irmã já começava a sentir algumas das dores relacionadas à gravidez e pretendia conversar com os especialistas em medicina sobre o assunto. Marisa provavelmente estava retraída demais para dizer alguma coisa.

Quando a cápsula decolou, Mia olhou para o chão transparente e prendeu a respiração ao perceber que estava realmente lá. Em Krina.

No planeta que fora a origem de toda a vida na Terra.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

O voo até a casa de Korum levou apenas dois minutos. A nave voou rápido demais para que Mia visse qualquer coisa além de um borrão de vegetações exóticas abaixo. Assim que pousaram, ela se levantou, ansiosa para ver Krina de perto.

— Espere, meu anjo — disse o pai, segurando seu braço quando ela estava prestes a correr para fora da nave. — Estamos em um planeta alienígena. Você não sabe o que há lá fora.

— Ele tem razão, querida — disse Korum. — Preciso primeiro mostrar a vocês algumas coisas para evitar possíveis problemas. Fiquem perto de mim por enquanto e não toquem em nada.

Saindo da cápsula, ele os levou até uma estrutura cor de marfim que era visível entre as árvores.

Ao andarem, Mia ficou maravilhada com a bela vegetação que os rodeava.

Apesar de os tons de verde serem predominantes, havia muito mais plantas vermelhas e amarelas do que se via na Terra. Em alguns lugares, ela viu até mesmo folhas roxas brilhantes que se sobressaíam entre a vegetação que cobria o solo da floresta. Aqui e ali, flores de todos os tons do arco-íris acrescentavam um toque festivo a tudo. Aquelas flores pareciam ser as responsáveis pelo perfume agradável que Mia notara ao chegarem.

Os troncos das árvores também tinham cores variadas. O marrom era comum, assim como o preto e o branco. Uma árvore que agradou Mia particularmente tinha galhos brancos e folhas vermelhas com o centro amarelo.

— Que lindo! — exclamou ela. Korum riu, balançando a cabeça.

— Aquela beleza em particular é venenosa — disse ele. — Não importa o

que aconteça, não deixe que a seiva daquela árvore encoste na sua pele. Ela age como ácido.

— É mesmo? — Mia observou os arredores com cuidado. Os pais dela pareciam assustados e Connor colocou um braço protetor em volta de Marisa, puxando-a para mais perto.

— Não precisam ter medo — disse Korum. — Vocês só precisam saber que não podem encostar na árvore *alfabra*. A mesma coisa vale para aquela planta ali... — Ele apontou para um arbusto verde bonito, coberto de brotos brancos e cor-de-rosa. — Ela gosta de devorar tudo o que pousa nela e sabe-se que já consumiu animais maiores.

Alguma coisa voou perto da orelha de Mia e, por reflexo, ela levantou a mão para espantá-la, soltando uma exclamação ao sentir uma pontada leve.

Abaixando a mão, ela olhou incrédula. — Ai, meu Deus, Korum, o que é isto?

Uma criatura verde e azul estava no meio da palma da mão dela, com olhos grandes, quase metade do corpo de dez centímetros. Ela tinha apenas quatro patas, mas parecia haver centenas de dedos minúsculos em cada uma delas, todos enterrando-se na pele de Mia. Havia também minúsculas asas que não pareciam grandes o suficiente para sustentar a criatura no ar.

— É uma *virta* — respondeu Korum, tirando gentilmente a criatura da mão de Mia e jogando-a longe. — Ela é inofensiva. Você só a assustou e ela se agarrou na sua mão. Elas comem folhas e, às vezes, *mirat*.

— Mirat? — perguntou Connor.

— Sim, mirat — respondeu Korum, apontando para um dos troncos marrons.

Quando Mia olhou mais de perto, viu que o que achara que era madeira sólida era, na verdade, uma substância gelatinosa que estremecia e movia-se, expandindo e contraindo de forma assustadora.

— Mirats são semelhantes às suas abelhas, apesar de não picarem —

explicou Korum. — São insetos sociais e constroem essas estruturas complexas em volta de árvores. Nossos cientistas adoram estudá-los. Eles discutem muito se a mente coletiva de uma colmeia de mirats exibe sinais de uma inteligência maior. Nunca os incomodamos e eles geralmente ficam longe de nós e de nossas casas. Se você tocar na colmeia, ficará tonto por causa dos gases que eles emitem. Portanto, é melhor manter distância.

— Isso é uma loucura — disse Marisa, parecendo preocupada. — Há mais alguma coisa parecida com isso que deveríamos saber? — Ela colocou a mão de forma protetora sobre a barriga.

— Sim — respondeu Korum. — Ali, aquilo — ele apontou para uma pequena criatura vermelha parecida com um inseto no chão — é algo com que precisa ter cuidado. Ele morde e gosta de se enterrar sob a pele. Não é venenoso nem nada, mas tirá-lo é algo muito desagradável. Há também alguns animais predadores grandes, mas é improvável que os veja por aqui. Eles têm medo dos krinars e geralmente evitam nossos territórios.

Connor estava com a testa franzida. — Sem querer ofender, Korum, é muita coisa com que se preocupar aqui. Acho que não tínhamos percebido que moraríamos no meio de uma selva alienígena.

Korum não pareceu nada ofendido. — Nossas selvas são muito menos perigosas que as suas cidades, desde que você não ande por aí cegamente —

respondeu ele calmamente. — E a minha casa é completamente segura, sem criatura alguma. Em alguns dias, você saberá exatamente com o que deve tomar cuidado e poderá sair sem mim. Até lá, acompanharei vocês a todos os lugares e não terão problema algum.

Connor abriu a boca para dizer alguma coisa, mas a mãe de Mia o interrompeu ao exclamar: — Uau, Korum, aquela é a sua casa?

Enquanto conversavam, tinham chegado à estrutura oblonga de cor de marfim.

Para os olhos de Mia, ela parecia muito com a casa de Korum em Lenkarda, um lugar que agora considerava seu lar. Mas, para os outros, parecia estranha.

— Sim — disse Korum, sorrindo para eles. — É a minha casa.

— Não tem portas nem janelas? — perguntou o pai de Mia, examinando a estrutura com curiosidade visível.

— Não, papai — disse Mia. — Ela tem paredes inteligentes, como a nave que nos trouxe até aqui. Provavelmente dá para ver de dentro para fora. Certo, Korum?

— Isso mesmo — confirmou o amante e Mia sorriu, sentindo-se prestes a explodir de empolgação. Ela estava mesmo em Krina!

KORUM DEU UMA volta rápida pela casa, mostrando à família de Mia como usar tudo. Os pais dela pareceram um pouco assustados e ele criou um conjunto de aposentos "humanizados" separados para eles, como fizera na nave. A irmã e o cunhado, no entanto, decidiram permanecer na parte principal da casa, preferindo o conforto da tecnologia dos Ks às mobílias mais familiares no estilo humano.

— Adoro esta coisa. — Marisa estava deitada na cama inteligente de seu quarto com uma expressão maravilhada no rosto por causa da massagem que recebia. — Nunca mais quero sair daqui.

— E eu não sei? — Mia se sentou ao lado da irmã. — Todas as coisas deles são maravilhosas. Na primeira vez em que dormi em uma cama como essa, achei que tinha morrido e ido para o céu.

— Com certeza. — Marisa fechou os olhos, gemendo de prazer. — É tão gostoso...

— Vou deixar que aproveite — disse Mia, sorrindo. — Descanse um pouco, está bem?

Marisa não respondeu e Mia notou que a irmã já estava quase adormecida.

Por causa da gravidez, o corpo dela precisava de mais descanso do que o normal.

Connor estava tomando um banho e os pais dela estavam descansando, portanto, Mia foi procurar Korum. — Estou pronta — disse ela. — Agora é um momento tão bom quanto qualquer outro.

Ele se levantou do banco em que estava sentado na sala de estar. O corpo alto e musculoso era gracioso como o de uma pantera. — Tem certeza? —

perguntou ele. Mia percebeu a preocupação patente no belo rosto.

— Sim — respondeu Mia, erguendo a mão para acariciar os cabelos escuros dele. — Tenho certeza.

Ele pegou a mão dela e levou-a aos lábios, beijando as juntas carinhosamente. — Então vamos — disse Korum em tom suave. — Vamos recuperar a sua memória e levá-la de volta ao que era antes.

UMA KRINAR MAGRA, de cabelos castanhos, andou em volta de Mia, prendendo pequenos pontos brancos em sua testa, nas têmporas e na nuca. Mia imaginara que seria anestesiada para a reversão do procedimento de Saret, mas a aprendiz, Laira, dissera que precisava estar consciente.

— Pronto — disse Laira com um toque de satisfação. — Está tudo pronto.

Agora, por favor, sente-se. Pode ser no colo de Korum, se preferir. — Ela piscou e Mia riu, gostando daquela K. De acordo com Korum, Laira era jovem, tinha menos de duzentos anos, e já era considerada uma estrela em ascensão no campo de estudos da mente.

Korum sorriu e puxou Mia para o colo. — Claro, ficarei feliz em segurá-

la.

— Aposto que sim. — Laira sorriu. — Essa sua caerle é muito bonita.

— Desculpe. — disse Mia, colocando um braço possessivo em volta do pescoço de Korum. — O meu cheren que é maravilhoso.

— É verdade — comentou Laira, rindo. Em seguida, a expressão dela ficou mais séria. — Muito bem, Mia, eis o que pode esperar agora: você sentirá como se a mente tivesse ficado em branco. Em seguida, sentirá uma onda de imagens e

impressões à medida que a memória voltar e o procedimento for revertido. Quando as lembranças surgirem, quero que se concentre nelas, uma de cada vez, para que as absorva lentamente. É por isso que precisa estar acordada, apesar de eu saber que será algo desconfortável.

— Ela sentirá alguma dor? — perguntou Korum, apertando os braços em volta de Mia.

— Não, apenas desconforto, como eu disse — respondeu Laira. — Está pronta, Mia?

— Sim. — Mia se preparou.

— Então aqui vamos nós.

No começo, Mia sentiu uma fraqueza agradável invadi-la e fechou os olhos. A mente pareceu flutuar, como se estivesse prestes a adormecer. Houve uma estranha sensação de nada, de vazio.

Subitamente, pareceu que uma bomba explodira no cérebro. Houve uma explosão de cores, sensações e formas, todas aparecendo ao mesmo tempo.

Mia soltou uma exclamação e os dedos se enterraram no braço de Korum. Era demais, como um filme tridimensional com efeitos especiais em excesso, transmitido diretamente ao cérebro.

Em algum lugar muito longe, ela conseguia ouvir a voz de Korum, que soava furiosa e exigente. — Pare! Pare agora mesmo! Não percebe que ela está sentindo dor?

— Ela ficará bem... — Era a voz de Laira, calma e reconfortante. Mia se prendeu a ela, precisando de algo seguro no turbilhão que engolfava a mente.

No começo, foi insuportável e ela tentou gritar, confusa demais para emitir algum som. Laira não mentira. Não havia dor, apenas agonia. Era como se o cérebro de Mia estivesse enchendo até o limite, com o crânio estendendo-se e lutando para conter tudo.

E, quando ela achou que a cabeça literalmente explodiria, a agonia começou a ceder. As cores e as formas se separaram em imagens que, juntamente com as

emoções, se transformaram em eventos específicos. As

lembranças começaram a se juntar, tomando forma, uma a uma, até que ela conseguiu entendê-las e integrá-las no que já sabia e lembrava.

Lá estava a festa no fim de março, logo antes de conhecer Korum. Jessie a arrastara para lá e Mia acabara divertindo-se depois de algumas bebidas. Ela dançara com alguns rapazes, até mesmo trocara números de telefone com um deles, mas nada saiu disso. Se pelo menos ela soubesse como sua vida se transformaria logo depois...

A lembrança do primeiro encontro com Korum piscou na mente e Mia reviveu o sentimento agudo de medo misturado com as primeiras manifestações de desejo. O homem que a segurava agora com tanto amor a deixara aterrorizada no início. A arrogância e a desconsideração casual pelo que ela queria fez com que imaginasse o pior sobre a espécie dele.

Mais lembranças... A primeira vez em que fora para a cama de Korum, John explicando a ela o que era uma caerle, o incidente no clube em que Korum quase matara Peter... Korum segurando-a enquanto ela gritava, Mia levando-o para conhecer os pais... O bom, o mau, o feio — ela se lembrou de tudo e foi como se um vazio dentro dela desaparecesse. O antes e o depois colidiram, fazendo com que ela se sentisse inteira pela primeira vez desde o ataque de Saret.

Saret! Mia também se lembrou dele. Ela gostara de Saret, considerara-o chefe e mentor. Fora ele que lhe dera o implante de idiomas, o estágio no laboratório por solicitação de Korum. Mia reviveu a empolgação que sentira quando Korum lhe contara sobre a oportunidade, a emoção de aprender algo com que milhares de cientistas humanos apenas sonhavam.

E a última lembrança de antes: Saret encurralando-a no laboratório. Mia se lembrou do terror, do choque de descobrir as intenções dele para a raça humana... O desgosto quando ele admitiu que a queria, a sensação de náusea quando contou a ela os planos para os krinars... E aquela escuridão terrível que a envolvera quando ele apagara um pedaço grande de sua vida e adulterara seu cérebro.

Agora, o presente e o passado eram um novamente. Mia percebeu que Korum acariciava seus cabelos e beijava seu rosto de leve. Ainda de olhos fechados, Mia reviveu os eventos mais recentes, desde que acordara na cama de Korum até

a viagem para Krina. Ela tentou comparar as emoções de antes com o que sentia agora e com o que sempre fora.

Saret não mentira. Quando Mia acordara sem a memória, não fora completamente ela mesma. Realmente, ela fora mais aberta a novas

experiências. Conseguia ver isso agora. No entanto, aquilo fora uma coisa boa.

Na missão de suavizar Mia na direção dele, Saret inadvertidamente criara as condições perfeitas para que ela superasse a dor e a confusão por causa da perda de memória. Em vez de agonizar, Mia fora receptiva. Em vez de se preocupar, ela aprendera.

E, em vez de sentir medo de Korum novamente, ela se apaixonara por ele.

Ela realmente se apaixonara pelo krinar belo e gentil que a recebera ao acordar. O Korum dos meses recentes não era a mesma pessoa que ela conhecera no parque naquele dia de abril. A arrogância dele fora temperada com amor, a indiferença pelo que ela queria transformando-se em um desejo de fazê-la feliz. Ele a amava, Mia não tinha dúvidas disso agora. Ele a amava com a mesma intensidade, o mesmo desespero com que ela o amava.

Quando o presente e o passado de reuniram, os sentimentos e as emoções de Mia também se juntaram. Tudo o que ela sentira antes aumentara, fora fortalecido pelas provações e tribulações dos dois meses anteriores.

Abrindo os olhos, Mia sorriu para o amante.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

V endo o sorriso dela, Korum estremeceu de alívio. — Mia, minha querida, você está bem? — Nos dez minutos anteriores, ela estivera rígida como uma tábua, com o rosto pálido e os lábios sem cor. Ela não reagira a nada, como se estivesse em coma.

— Ela está bem. Certo, Mia? — Laira se aproximou, inclinando-se para olhar o rosto de Mia, e Korum lutou contra a vontade de estrangular a aprendiz. A caerle obviamente sentira dor e ele sabia que nunca perdoaria Laira por isso.

— Estou bem agora — disse Mia em tom suave, como se entendesse os

sentimentos dele. Erguendo a mão, ela acariciou-lhe o rosto e o gesto gentil diminuiu a raiva dele.

— Você se lembra de alguma coisa? — A voz de Laira os interrompeu novamente.

— Sim — respondeu Mia, olhando para ela. — Eu me lembro de tudo.

Obrigada por isso.

Ela se lembrou. Ela se lembrou de tudo. Korum sentiu como se pudesse respirar novamente. A culpa terrível que sentia diminuiu pela primeira vez desde que descobrira a traição de Saret.

— E o procedimento de suavização? — perguntou ele a Laira, com os braços inconscientemente apertando-se em volta da garota em seu colo.

— Também deve ter sido revertido — disse Laira. — Mia, você sente alguma diferença em relação a isso?

— Não sei — disse Mia, franzindo ligeiramente a testa. — Sei que as minhas reações estavam um pouco alteradas antes, quando acordei em

Lenkarda, mas não sinto nada de diferente agora.

— Não? — perguntou Korum. Mia sorriu para ele.

— Não — respondeu ela com olhar suave e acolhedor. — Não sinto.

Outro peso saiu dos ombros de Korum, fazendo com que ele se sentisse mais leve que o ar. Até aquele momento, ele não percebera como temera a resposta àquela pergunta. Mia o amara antes de perder a memória, ele sabia disso. Mas uma parte dele ainda tinha medo de que os sentimentos dela depois do procedimento de Saret não fossem reais e que desfazê-lo destruiria o amor que ela achava que sentia por ele.

Mia se mexeu para levantar e ele se forçou a deixá-la ir, apesar da vontade de segurá-la para sempre.

Ele também se levantou, virou-se para Laira e fez um aceno frio de

agradecimento. Apesar de o procedimento ter funcionado, Korum ainda não conseguira esquecer a expressão torturada no rosto de Mia durante aqueles terríveis dez minutos. Ele se sentira impotente, incapaz de fazer qualquer coisa para aliviar seu sofrimento e demoraria muito para se esquecer daquilo.

Nem um pouco incomodada com o óbvio desprazer dele, Laira sorriu. —

Parece que você conseguiu sua caerle de volta, sã e salva.

— Sim — respondeu Korum, colocando um braço protetor em volta de Mia, que ainda parecia pálida demais. — Parece mesmo.

O VOO DE volta para a casa de Korum levou vinte minutos, pois o laboratório de Laira ficava localizado a alguns milhares de quilômetros da região de Rolert, onde ele morava. Korum viu que Mia estava fascinada pela vista do lado de fora da cápsula de transporte e direcionou a nave para que voasse em uma altitude mais baixa e mais devagar para que ela pudesse observar mais.

Ele tentou ver Krina como ela estaria vendo e teve que admitir que seu planeta era lindo. A massa de terra gigante de Tinara tinha uma variedade incrível de flora e fauna e, do ar, a vegetação parecia um carpete colorido, com o verde predominante e pontos vermelhos e dourados por toda parte.

Havia grandes lagos e rios, alguns tão azuis e transparentes quanto o Caribe, e outros de um tom azul esverdeado rico.

Os assentamentos dos krinars eram esparsos, em sua maioria agrupados em volta da água. Não havia cidades propriamente ditas, apenas Centros que serviam como pontos focais de comércio e negócios. A maior parte dos krinars morava nos arredores daqueles Centros, indo para eles para trabalhar

e realizar outras atividades.

A casa de Korum ficava perto de Banir, um Centro de tamanho médio na região de Rolert, perto do centro do supercontinente e do equador. Quando Korum levara Mia e a família dela para lá mais cedo, todos tinham comentado sobre o clima quente, ainda mais quente que a Flórida no verão. O calor não incomodava Korum, mas ele sabia que os humanos eram mais sensíveis e levara-os para o interior rapidamente. Naquela noite, quando a temperatura baixasse, ele planejava levá-los para o lago próximo para nadar e observar a vida selvagem

local.

— Ali é Viarad — disse Korum a Mia quando voaram sobre um Centro particularmente grande. — É o mais próximo que temos de uma capital planetária. Grande parte da pesquisa e do desenvolvimento acontece ali. É

nele também que ocorrem as lutas da Arena e outras reuniões importantes.

Mia olhou para ele com os olhos brilhantes e curiosos. — As suas cidades são muito diferentes das nossas — observou ela. — Não vejo muitos prédios, muito menos arranha-céus e coisas assim.

— Eles estão lá — garantiu Korum. — Não arranha-céus, mas há muitos prédios grandes para várias finalidades comerciais. Você não os vê do ar por causa das árvores. A floresta ao redor de Viarad tem algumas das árvores mais altas de Krina e muitas excedem a altura de um prédio de vinte andares.

Ela arregalou os olhos. — Vinte andares?

— Pelo menos — respondeu Korum. — Talvez mais. Aquelas árvores são muito antigas. Algumas delas estão lá há mais de cem milhões de anos.

— Isso é incrível. — A voz dela soou maravilhada. — Korum, o seu planeta é maravilhoso.

Ele sorriu feliz com o entusiasmo dela. — É mesmo.

Mesmo voando em velocidade mais baixa, eles chegaram à casa dele apenas alguns minutos depois. Korum levou Mia para dentro, onde a família dela descansava da viagem. — Vou preparar o jantar — disse ele. —

Descanse um pouco, se quiser. Você teve um dia difícil.

— Estou bem — disse Mia e ele viu que ela não estava mentindo. O rosto estava corado novamente e ela parecia totalmente recuperada. — Vou ficar um pouco com os meus pais, se não se importa.

— Não, claro que não — disse Korum. — Vejo você daqui a pouco.

O JANTAR QUE KORUM PREPAROU, apesar de incomum, foi delicioso,

consistindo em várias sementes, frutas e legumes locais preparados de formas criativas.

Mia e a família dela descobriram algo novo de que gostaram muito.

Um dos pratos consistia em um legume em formato de lágrima com pele roxa, cujo gosto era uma mistura de tomate e abobrinha. Ele estava recheado com um grão com gosto de nozes que tinha uma textura parecida com a de uma bolha. O pai de Mia adorou o prato, servindo-se mais de uma vez. Enquanto isso, Mia e Marisa adoraram o cozido de kalfani, de gosto rico. A mãe dela e Connor repetiram várias vezes a fruta exótica servida como sobremesa. —

Toda esta comida é segura para consumo pelos humanos — disse Korum. —

Nem tudo em Krina é seguro, mas o sistema digestório de vocês aceitará bem estas comidas específicas.

Depois do jantar, Korum os levou ao lago que ficava perto da casa. O sol se punha e Mia viu as três luas surgirem no céu, apesar de ainda haver bastante luz.

Enquanto caminhavam, ele mostrou várias plantas e insetos, explicando um pouco sobre eles. — Aquela é uma *nooki* — disse ele, apontando para uma criatura amarela semelhante a uma aranha e que parecia ter centenas de patas.

— Elas extraem nutrientes do solo, quase como as plantas. Nossas crianças gostam de brincar com elas, pois fazem coisas engraçadas quando se assustam.

— Ele bateu palmas perto da criatura, que inchou. As patas quase triplicaram de tamanho e o corpo ficou vermelho. — Ela é completamente inofensiva, não precisam ter medo.

Mia sorriu e estendeu a mão para a criatura, curiosa para ver se deixaria tocá-la, mas ela fugiu, parecendo uma bola colorida desajeitada.

Korum sorriu para ela e Mia riu, sentindo-se incrivelmente feliz. Ficando na ponta dos pés, ela segurou o rosto dele, puxando-o para perto e beijando-lhe de leve nos lábios. — Eu amo você — disse ela, sustentando o olhar dele.

Seu coração ficou apertado ao notar o olhar de puro amor que viu no rosto dele.

— Ei, pombinhos, olhem isso! — gritou Connor. Mia teve vontade de lhe dar um soco por interromper o momento.

Korum abriu um sorriso malicioso e foi ver o que Connor indicava. Mia o seguiu, ainda irritada com o cunhado. Mas, ao chegar lá, toda a irritação foi esquecida. — Uau! — exclamou ela. — O que é isto?

Em um tronco, a poucos metros de altura do chão da floresta, parcialmente escondida pelas folhas, havia uma minúscula criatura peluda que parecia uma

mistura de lêmure e gato. De cor marrom, ela tinha olhos azuis enormes e uma cauda curta e fofa.

— É um filhote de *fregu* — respondeu Korum. — Eles são muito fofos, mas, às vezes, mordem. Portanto, não tente fazer carinho nele.

— Fregu? — A palavra soou familiar por algum motivo. Logo depois, Mia se lembrou. — Ei, você me disse que eu lembrava um desses! — disse ela a Korum em tom acusador. Em seguida, caiu na gargalhada, vendo a semelhança.

O fregu foi apenas o primeiro encontro com a vida selvagem de Krina.

Eles viram pássaros com quatro asas, insetos do tamanho de uma pequena ave e plantas que agiam como animais. Em um momento, Connor quase pisou em uma criatura parecida com uma cobra que gritou para ele e rolou para longe, com o corpo longo e fino movendo-se como um pino giratório.

Finalmente, eles chegaram ao lago, que tinha um tamanho razoável, provavelmente três ou quatro quilômetros de largura e muitos de comprimento.

A praia era coberta de uma areia cinza fina e pequenas rochas pretas, fazendo com que a água parecesse escura e misteriosa.

— É seguro nadar aqui? — perguntou Marisa, tirando as sandálias e mergulhando o pé para testar a temperatura.

— Sim — respondeu Korum. — Há alguns predadores perigosos lá, mas nada que chegue tão perto da praia. Este lago é muito fundo e há muitos seres vivos nele, mas que geralmente não vêm para águas rasas. Mas, como garantia, use isso. — Ele entregou uma pulseira fina e transparente que criara um segundo

antes. — Ela repele animais aquáticos emitindo um som que eles acham muito desagradável.

Mia e os outros receberam uma pulseira igual e foram nadar, aproveitando a água refrescante depois do calor intenso.

CAPÍTULO VINTE E SETE

M ia acordou na manhã seguinte com uma sensação inquietante no peito.

Por algum motivo, continuava sonhando com Saret e aquele dia no laboratório. No sonho, Saret a tocava, fazendo com que ela se arrepiasse de desgosto. E não havia nada que Mia pudesse fazer além de gritar silenciosamente na mente, pois estava paralisada e incapaz de se mover.

Agitada demais para dormir novamente, Mia se levantou e foi tomar um banho. Korum não estava lá e Mia não sabia se a família ainda estava dormindo. Pela posição do sol no lado de fora, devia ser muito cedo.

Parada sob a água, ela bocejou, sentindo-se incomumente cansada. Talvez devesse ter tentado dormir novamente. O sonho ainda estava em sua mente e ela esfregou a pele cuidadosamente, tentando se livrar dele. Na verdade, Saret mal a tocara e ela não sabia por que aquela imagem surgira em seu subconsciente.

Para se livrar das impressões do sonho, ela reviveu os eventos reais daquele dia, começando do momento em que encontrara Saret quando estava prestes a ir embora. Ele parecera tão feliz em falar com ela sobre seus planos, em contar tudo que pretendia fazer com os humanos e os outros krinars. Mia imaginou que não devia ter sido fácil para ele, não poder confiar em ninguém, sempre tentando fingir, esconder sua verdadeira natureza. Com ela, como achou que Mia nunca se lembraria da conversa, ele se sentira seguro em deixar cair a máscara.

Em retrospectiva, fora quase engraçado ouvir as coisas malucas que ele dissera sobre levar a paz à Terra e agir como salvador da raça humana. Ele até mesmo tentara convencê-la de que Korum tinha alguns planos malignos de

assumir o controle do planeta. Era tão ridículo que Mia riu sozinha. Ele realmente achara que ela apoiaria aquela causa? Que, como estivera disposta a acreditar no pior sobre Korum uma vez, cometeria o mesmo erro novamente?

Saindo do chuveiro, Mia deixou que a tecnologia de secagem cuidasse dela. Em seguida, sentindo-se ligeiramente melhor, voltou para o quarto para procurar o fabricador e vestir-se.

Para sua surpresa, Korum estava lá, sentado na cama. Ele vestia uma roupa típica dos krinars, bermuda e camiseta sem mangas de cor clara. Por algum motivo, os cabelos dele estavam úmidos.

— Você está acordada — disse ele, observando o corpo nu de Mia com um brilho sensual familiar nos olhos. — Fui nadar no lago porque achei que você dormiria mais. Por que se levantou tão cedo?

— Tive um pesadelo. — Mia se sentou ao lado dele. As mãos de Korum imediatamente foram para os seios dela e apertaram-nos de leve, como se não conseguisse resistir a tocá-la.

— Por quê, minha querida? Que sonho? — Havia um olhar preocupado no belo rosto enquanto as mãos continuavam a brincar com os seios dela. Os polegares acariciaram os mamilos de uma forma que lançou uma onda de calor por todo o corpo de Mia.

Ela mal conseguia pensar enquanto ele fazia aquilo. — Ahm... só aquela coisa com Saret... — Ela jogou a cabeça para trás, arqueando o pescoço enquanto ele abaixava para morder o ponto sensível perto do ombro.

— Que coisa? — murmurou ele, colocando uma das mãos entre as coxas dela e acariciando o sexo ardente.

— Só aquela... conversa... — Mia gemeu quando o dedo dele a penetrou.

O polegar pressionou o clitóris enquanto a outra mão continuava a acariciar o mamilo.

— O que tem ela? — sussurrou ele. O hálito quente cobriu o pescoço dela, fazendo com que sentisse arrepios pelo corpo todo.

— Eu não... eu não sei... — Mia conseguiu dizer. Os músculos internos se contraíram em volta do dedo dele quando uma onda de calor a invadiu. Ela estava tão perto... tão perto...

Korum tirou o dedo e empurrou-a para baixo, para que ficasse deitada de costas com as pernas para fora da cama. Ajoelhando-se no chão, ele puxou as pernas dela sobre os ombros e puxou-a para perto da boca.

No primeiro toque da língua quente e úmida no clitóris, Mia explodiu em um milhão de pedaços. O clímax foi tão intenso que ela arqueou as costas para

fora da cama, fechando os olhos enquanto as ondas de prazer percorriam cada parte do corpo.

Antes que aquelas ondas desaparecessem, ele a penetrou profundamente.

Soltando uma exclamação com a penetração abrupta, Mia agarrou os ombros dele, segurando-se com força quando ele começou a investir repetidamente, estimulando as terminações nervosas que ainda estavam sensíveis depois do orgasmo. Ofegante, ela abriu os olhos e encontrou o olhar dourado dele.

Ele a encarava com um olhar intenso de desejo. Inclinando a cabeça, ele a beijou de forma selvagem, invadindo-a com a língua enquanto o pênis continuava a penetrá-la. Com uma das mãos, ele segurou os cabelos de Mia, mantendo sua cabeça imóvel. A outra mão deslizou pelo lado do corpo dela e posicionou-se sob os quadris, tocando-lhe as dobras onde estavam reunidos.

Ele esfregou o dedo em volta da entrada da boceta para molhá-lo e, em seguida, enterrou-o entre as nádegas, empurrando-o no ânus.

Tomada pelas sensações, Mia gemeu impotente. Da forma como ele a segurava, não podia fazer nada além de sentir. Ele estava sobre ela, dentro dela, e Mia não conseguia recuperar o fôlego. O coração disparou quando a tensão dentro dela aumentou cada vez mais. O dedo no ânus parecia incrivelmente grande, invasivo, mas causava um prazer sombrio, uma sensação desconhecida de preenchimento que aumentava a sensualidade do momento.

Sem qualquer aviso, tudo dentro dela se contraiu e Mia gozou, com o corpo estremecendo nos braços dele. Korum gemeu, esfregando-se contra ela, e Mia sentiu o pênis pulsando dentro de si quando ele também gozou.

Depois de alguns minutos, ele lentamente se afastou. — Tudo bem? —

perguntou ele em tom suave. Mia assentiu, exausta e relaxada demais para se

mexer.

Ele sorriu e pegou-a nos braços, carregando-a para o chuveiro. Depois disso, eles se vestiram para tomar café da manhã com a família dela.

DURANTE A REFEIÇÃO, Mia percebeu que sua atenção se desviou, voltando novamente para o sonho e para a conversa com Saret. Depois de alguns minutos, ela percebeu o que a incomodava.

Por que Saret tentara alegar que Korum era o vilão? Ele estava delirando ou achava que Mia seria tão suscetível às mentiras dele? E por que ele se preocuparia em mentir para ela se planejava apagar sua memória logo depois?

Ela tentou se lembrar das palavras exatas dele, algo sobre Korum querer tomar

o planeta. O que diabos aquilo queria dizer? Os krinars já estavam lá, na Terra, dividindo-a com os humanos. Korum lhe dissera que era essa a intenção deles.

Ainda assim, Mia não conseguiu se livrar de uma sensação de inquietação.

Ela sabia que o amante era implacável e que era leal ao seu povo. Aquela lealdade poderia chegar a ponto de querer se livrar de toda uma espécie rival para ganhar um recurso precioso? Korum lhe dissera que a Terra era única, que, de todos os planetas que os krinars exploraram, era o que mais se aproximava de Krina. E, agora que Mia estava lá, via que realmente era assim.

Se alguma coisa acontecesse à Terra, os humanos ficariam felizes em viver em Krina. E, provavelmente, o inverso seria verdadeiro com os krinars.

Largando o utensílio parecido com uma pinça que usava para comer, Mia estudou o amante enquanto ele conversava e brincava com sua família. Parecia impossível que pudesse haver algo de sinistro sob o exterior belo e o sorriso amigável. Ele seria capaz de amá-la e, ao mesmo tempo, querer destruir seu povo? Até onde iria a ambição dele?

Mordendo um pedaço da comida, Mia tentou pensar sobre o assunto de forma racional. Claro que saberia se tivesse se apaixonado por um monstro.

Ninguém conseguia esconder tal escuridão por tanto tempo. Korum não era um anjo, e não necessariamente tinha uma grande consideração pelo povo dela, mas

nunca iria tão longe a ponto de tirar o planeta deles.

Ou será que iria?

A comida que acabara de engolir pesou no estômago de Mia. Pedindo licença, ela se levantou e foi até o banheiro. Jogando água no rosto, ela olhou para o espelho, vendo o olhar de pânico mal escondido.

Ela precisava conversar com Korum e tinha que ser imediatamente, antes que antigas dúvidas e suspeitas conseguissem envenenar o relacionamento deles novamente. Se havia uma coisa que Mia aprendera depois do fiasco da Resistência, era a inutilidade de tirar conclusões precipitadas e supor o pior.

Ela não era mais a garota assustada demais para conversar com o amante K

por medo de trair seu povo. Korum agora era dela tanto quanto ela era dele. E, de uma forma ou de outra, precisava saber a verdade.

O CAFÉ DA manhã pareceu se arrastar indefinidamente. Mia sorriu e conversou com a família, mas extremamente impaciente. Ela viu que Korum lhe lançou alguns olhares interrogativos, vendo que ele percebera que havia algo de

errado, que os sorrisos dela não eram sinceros.

Finalmente, a refeição terminou. Marisa voltou para o quarto para tirar um cochilo, algo que começara a fazer recentemente para combater o cansaço relacionado à gravidez, e Connor se juntou a ela, pois não queria ficar longe da esposa. Os pais de Mia também foram para o quarto para ler e assistir a alguns programas sobre Krina que Korum preparara para eles.

— Quer dar um passeio? — perguntou Mia a Korum assim que os pais dela saíram.

Ele ergueu as sobrancelhas. — Não está quente demais para você agora?

— Vou ficar bem. — Mia não fazia ideia se ficaria bem ou não, mas queria sair da casa e ficar longe dos ouvidos da família.

— Claro. — Korum se levantou da forma silenciosa que somente os krinars tinham. — Vamos.

A onda de calor atingiu Mia assim que saíram da casa. Era cerca de onze horas da manhã e o sol estava incrivelmente brilhante no céu sem nuvens. Por toda volta, Mia ouvia os ruídos de insetos, pássaros e outras criaturas, alguns deles familiares, outros estranhos e exóticos.

Eles andaram por alguns minutos em direção ao lago, seguindo o mesmo caminho que usaram no dia anterior. À luz do dia, os arredores eram ainda mais bonitos do que ao crepúsculo, mas Mia não conseguiu se concentrar neles. Ela sentiu um nó no estômago e um início de náusea, como se tivesse comido algo que não lhe fizera bem.

— Muito bem, Mia. — Korum parou sob uma sombra quando chegaram ao lago e puxou-a para que sentasse a seu lado sobre a vegetação. — Qual é o problema, querida? O que está acontecendo com você hoje?

Mia olhou para o homem que amava mais do que a si mesma. — Quero saber se há alguma verdade no que Saret disse.

O olhar dele permaneceu estável. — Que parte?

— A parte... — A voz dela faltou no meio da frase. — A parte sobre você querer tirar a Terra de nós.

Por um momento, houve apenas silêncio, durante o qual os dois se encararam. Em seguida, ele disse em tom suave: — Queremos dividir o planeta com vocês. Eu lhe disse isso.

— Então, por que Saret disse que você queria tirá-lo de nós? — Alguma coisa não parecia certa. — Ele está completamente iludido ou há algo que eu deveria saber? Quais são as suas verdadeiras intenções, Korum? Como exatamente vocês vão dividir nosso planeta quando o seu sol finalmente

morrer?

Ele ficou novamente em silêncio por alguns segundos, com o rosto duro e inescrutável. — Você ainda não confia em mim, não é? — perguntou ele finalmente. — Depois de tudo, ainda acha que eu sou o bandido.

Mia respirou fundo e a sensação desagradável ficou mais forte. — Não, Korum. Não acho isso. Não quero achar isso. Só quero saber a verdade. Toda ela. — Ele

ainda parecia implacável e ela acrescentou: — Por favor, Korum...

se realmente gosta de mim, por favor, conte-me tudo.

CAPÍTULO VINTE E OITO

— M uito bem. — A voz dele estava mais fria do que ela ouvira em muito tempo. — Mas tenha em mente, querida, que ninguém fora do Conselho e dos Anciãos sabe do que estou prestes a lhe dizer. Não pode contar isso para ninguém, está entendendo?

Mia assentiu, prendendo a respiração.

— Não vamos tomar a Terra de vocês — disse ele. — Vamos tomar Marte.

E, depois, daremos aos humanos a opção de se mudarem para lá, depois de criarmos as condições adequadas para a vida.

Mia o encarou em choque. — O quê? Marte? Mas... mas ele não é habitável.

— Não é habitável agora — disse Korum. — Depois que terminarmos o trabalho lá, ele será como o paraíso. O planeta já tem água na forma de gelo.

Nós a aqueceremos, criaremos uma atmosfera e daremos a Marte um campo magnético para diminuir a radiação solar e impedir que a atmosfera escape para o espaço. Até mesmo a diferença de gravidade pode ser corrigida.

Nossos cientistas recentemente descobriram uma forma de modificar a gravidade da superfície e torná-la similar à da Terra e à de Krina.

— Mas... — Mia se viu sem palavras. — Espere, então, vocês querem Marte, não a Terra?

Korum suspirou. — Não, Mia. Queremos um lugar para que nossa espécie continue a florescer quando nosso sol começar a morrer. É uma pena, mas não podemos impedir que nossa estrela morra. Talvez um dia consigamos descobrir uma forma de corrigir isso também. Mas, por enquanto, temos que fazer planos para o pior. A Terra seria nossa segunda opção, depois de Krina,

e Marte, a terceira.

— Então, vocês querem a Terra? — Mia teve a impressão de que não estava entendendo alguma coisa.

— Sim. — O olhar âmbar dele estava sério. — É claro que queremos.

Pelo menos, as partes mais quentes dela. Mas não vamos matar os humanos por causa disso ou seja lá o que for que Saret deu a entender. Daremos ao seu povo a opção de permanecer na Terra ou mudar para o planeta Marte transformado em troca de riqueza e outras vantagens.

— Vocês subornarão os humanos para que saiam da Terra? — Mia o encarou com incredulidade.

— Sim. — Um sorriso leve surgiu nos lábios dele. — Pode-se dizer que sim. Há muitas regiões da Terra que são pobres, em que a existência diária é uma luta. Oferecemos a essas pessoas a opção de se mudar para um lugar muito parecido com o paraíso, em que todas as necessidades básicas serão atendidas e onde poderão viver como reis. Não acha que isso seria atraente para alguém na zona rural da Índia ou do Zimbábue?

Mia pestanejou. Ela conseguia ver a lógica, mas também um problema grande no que ele dizia. — Se Marte será tão incrível — perguntou ela lentamente —, por que os krinars não moram lá eles mesmos e deixam nosso planeta em paz?

— Alguns de nós provavelmente desejarão viver em Marte — respondeu Korum. — Não está fora de questão eu e você nos mudarmos para lá em algum momento. Mas sempre haverá aqueles que se sentirão desconfortável com o que veem como natureza artificial, aqueles que preferirão viver em um planeta que passou por bilhões de anos de evolução natural, mesmo que aquele planeta tenha sido poluído e danificado pelos humanos.

— Então eles irão para viver conosco, quero dizer, com os humanos na Terra?

— Sim — respondeu Korum —, exatamente. Construiremos mais Centros na Terra para que alguns krinars possam morar lá. E, em troca de os humanos nos cederem esse espaço, daremos a eles um ambiente muito mais luxuoso em Marte. Será uma situação vencedora para as duas espécies.

— E se os humanos não quiserem ceder esse espaço?

Ele estreitou os olhos. — Por que não cederiam? Acha mesmo que um fazendeiro de subsistência em Ruanda teria objeções a nunca mais ter que trabalhar de sol a sol? A ser capaz de alimentar a família todos os dias com comidas gostosas e saudáveis? Quem for para Marte terá acesso a assistência

médica, educação, casa, o que precisar, tudo de graça. Não vamos fazer com o seu povo o que os europeus fizeram com os norte-americanos nativos. Não é assim que somos.

— Você não respondeu à minha pergunta — disse Mia lentamente. — Se as pessoas não quiserem ir, serão transportadas à força para Marte? Vocês tirarão a propriedade delas mesmo assim?

— Faremos o que for necessário para garantir a sobrevivência e a prosperidade de nossa espécie, Mia — respondeu ele com os olhos frios sob os cílios escuros. — Como a sua espécie faria.

Um arrepio desceu pela espinha de Mia. — Entendo.

— O que esperava ouvir, querida? — O tom dele era levemente zombeteiro. — Queria que eu mentisse para você, que lhe dissesse que nunca tomaríamos o que precisamos se não conseguíssemos de outra forma?

— Não — retrucou Mia. — Eu não queria que mentisse para mim. Nunca quis que mentisse para mim. — Levantando-se, ela andou até a água, olhando fixamente para a superfície azul escura sem enxergá-la. Ela não sabia o que pensar, como começar a abordar aquela situação.

O que Korum acabara de descrever soara relativamente inofensivo, até mesmo generoso em comparação ao que os conquistadores humanos tinham feito no passado. Ainda assim, Mia sabia que não seria tão simples. A chegada dos krinars vários anos antes causara um grande pânico que dera origem ao movimento da Resistência e resultara em milhares de mortes. Era tolice achar que o mesmo não aconteceria quando as pessoas descobrissem as intenções dos Ks para Marte. Mesmo se os krinars realocassem somente os que estivessem dispostos, a população geral ficaria profundamente desconfiada, provavelmente com bons motivos. Quando os krinars tivessem um lugar para onde mover os humanos com a consciência limpa, o que os impediria de fazer isso?

Korum se aproximou e passou os braços em volta do peito de Mia, puxando-a

contra o corpo para que o topo de sua cabeça ficasse sob o queixo.

— Lamento, Mia — disse ele baixinho. — Eu não queria ser duro com você. É

claro que você tem o direito de saber e eu não deveria culpá-la por não confiar em mim depois da forma como nos conhecemos. Não quero prejudicar a sua raça. Realmente não quero, especialmente agora que me apaixonei por você e conheci sua família. Faremos o possível para garantir que tudo transcorra de forma tranquila, que todos os seus governos estejam totalmente integrados e informados do que está acontecendo. Ninguém precisa se ferir.

Faremos tudo para garantir que isso não aconteça.

Mia sentiu vontade de se derreter nos braços dele, deixá-lo assegurar que tudo ficaria bem, mas não podia agir como um avestruz escondendo a cabeça no chão. — Quando isso acontecerá? — A voz dela soou vazia. — Quando vocês transformarão Marte?

— Em breve — respondeu Korum, apertando os braços em volta dela. —

Acabei de receber a aprovação final dos Anciãos para prosseguir.

— Mas por que Marte? — Mia não conseguia entender aquela parte. —

Por que os krinars não tomam algum planeta em outro sistema solar? Se conseguem fazer isso, esse tipo de coisa...

— Terraformação — respondeu Korum. — Chama-se terraformação.

— Certo — retrucou Mia. — Se conseguem fazer isso em Marte, por que não simplesmente fazer isso em um planeta em outro lugar? Por que tem que ser tão perto da Terra?

— Porque a proximidade com a Terra deixará o projeto mais fácil —

explicou ele baixinho. — Nunca fizemos algo dessa magnitude antes e precisaremos de uma base de onde nossos cientistas e outros especialistas possam operar. A Terra pode ser como base por enquanto. Não será uma tarefa fácil. Levará anos, talvez décadas, para deixar Marte habitável e será bom ter nossos Centros na Terra no caso de alguma emergência. Quando ajustarmos

todos os pontos do processo, poderemos fazer o mesmo em outros planetas localizados nas zonas habitáveis nas diversas galáxias.

— Outros planetas além da Terra e de Marte? — Mia se virou nos braços dele, encontrando seu olhar. Pela primeira vez, ela percebeu a profundidade completa da ambição dele, o que a deixou extremamente abalada. — Você está construindo um império, não está? — Ela respirou fundo. — Um império intergaláctico de verdade... Terra, Marte, esses outros planetas no futuro... Os krinars conquistarão todos eles, não é?

— Sim. — Os olhos dele brilharam. — Conquistaremos.

KORUM PERCEBEU O choque no rosto dela e suavizou o tom. — Isso seria algo tão ruim, querida? O seu povo também se beneficiará. Se alguma coisa acontecesse à Terra, os humanos sobreviveriam e prosperariam ao nosso lado.

Ele sentiu a tensão no corpo delicado de Mia e amaldiçoou Saret por plantar dúvidas na mente dela naquele dia. Korum planejara contar tudo a ela

no momento certo, explicar suas intenções da forma mais reconfortante possível. Ele soubera que haveria a possibilidade de que ela o questionasse depois de recuperar a memória, mas não imaginara a própria reação às perguntas dela. A desconfiança, a propensão a pensar o pior dele, era tudo muito parecido com o início, quando ela o espionara e o traíra para a Resistência. As cicatrizes daquela época ainda estavam muito sensíveis para que ele conseguisse permanecer tão calmo como esperara.

— Ao seu lado e sob o seu controle, certo? — Ela fez um movimento para se soltar e Korum deixou os braços caírem, recuando um passo para lhe dar um pouco de espaço. Ele não se deu ao trabalho de responder àquela pergunta, pois a resposta era muito óbvia.

Um império intergaláctico... Ele normalmente não pensava no assunto em tais termos, mas não era uma descrição ruim para o que esperava realizar antes de morrer. Desde que conseguia se lembrar, desde a infância, Korum sonhara em explorar e colonizar outros planetas. Via isso como o destino deles. Apesar de belo, Krina também era apenas um planeta minúsculo dentre trilhões, um pedaço de rocha que dependia da estrela e era vulnerável a vários desastres cósmicos.

A Terra sempre o fascinara, com as características semelhantes às de Krina e

uma espécie notavelmente similar aos krinars. Quando jovem, Korum, como muitos outros, considerara os humanos como inferiores, com o corpo frágil e fraco e a forma primitiva de viver. Só nos séculos recentes ele começara a entender que aqueles seres eram tão inteligentes quanto os próprios krinars. No passado, o que Mia receava teria sido uma preocupação legítima. O Korum de um milhão de anos antes não teria hesitado em simplesmente tirar a Terra do povo dela. Mas, agora, não queria tirar o planeta dos humanos. Só queria garantir que os krinars também tivessem um lugar nela.

Ele nunca achara que sua ambição era particularmente chocante. Mas sabia que outras pessoas pensavam assim. Até mesmo seu pai parecia, às vezes, intimidado pela motivação de Korum, sem entender que o filho só queria o que fosse melhor para a espécie. Um grupo de planetas habitado e controlado pelos krinars era o próximo passo lógico na evolução e Korum não via nada de errado em trabalhar em direção àquele objetivo.

Agora, ele só precisava fazer com que a caerle visse as coisas da perspectiva dele. — Mia, ouça bem — disse Korum, observando atentamente.

— Eu sei que está com medo, mas não estou mentindo para você. Não contei

nada disso antes porque é o equivalente a uma informação confidencial, não porque eu estivesse tentando esconder algo maligno. Acabei de receber a aprovação final dos Anciãos para Marte e o próximo passo é falar com os seus governos, informá-los de nossas intenções. Assim, eles poderão preparar adequadamente a população e impedir quaisquer rumores possivelmente perigosos. Ninguém precisa se ferir e faremos o possível para garantir que isso aconteça.

Ela passou a língua pelos lábios e ele não conseguiu evitar de olhar para a boca de Mia, imaginando aquela língua lambendo outra coisa. *Mas que merda, concentre-se*. Com esforço, Korum ergueu o olhar para encontrar o dela, ignorando a ereção que começara. Não era o momento de pensar em sexo. Ele precisava convencê-la de que não estava prestes a exterminar a raça dela nem roubar o planeta deles.

— Jura? — A voz dela era suave, trêmula e ele viu a esperança lutando contra a dúvida no rosto de Mia. Ela queria confiar nele, mas precisava ser convencida. — Jura que não pretende ferir o meu povo? Que, quando construir o seu império,

não será às custas do bem-estar da minha espécie?

— Sim, querida — respondeu Korum. — Eu juro. A não ser que os humanos nos ataquem, não faremos nada para feri-los. Aqueles que desejarem sair da Terra serão bem recompensados pela escolha. Nós viveremos ao lado do seu povo na Terra, em Marte e em outros planetas que encontrarmos. Não será tão ruim, querida. Eu prometo.

E, dando um passo em direção a ela, ele a tomou novamente nos braços, suspirando aliviado ao sentir os braços dela em volta de sua cintura.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

M ia colocou o colar de pedras brilhantes que Korum lhe dera e estudou a própria imagem de forma crítica no espelho tridimensional do quarto. Ela vestia roupas formais dos krinars, um vestido branco brilhante parecido com o que usava para a luta. Os cabelos estavam presos e cobertos com uma rede prateada que combinava com as sandálias. Ela estava elegante e pronta para enfrentar os Anciãos.

Ela tinha todos os motivos para se sentir nervosa. Afinal de contas, estava prestes a conhecer os krinars mais velhos de todos, cujos nomes eram lendas entre os Ks e cujos mandados determinavam o destino da humanidade. Os krinars estavam prestes a decidir sobre a vida de sua família. Ainda assim, ela estava estranhamente calma, como se nada pudesse tocá-la naquele momento.

A mente dela voltava repetidamente para a conversa daquela manhã com Korum. Marte, Terra, um império intergaláctico inteiro... Realmente, não havia limites para a ambição do amante. Mia não tinha dúvidas de que Korum atingiria seu objetivo e que estaria no comando daquele império que estava prestes a construir.

E ela estaria ao lado dele. Mia sentiu a cabeça tonta ao pensar nisso. Ela, que nunca quisera nada além de uma vida quieta e comum, estaria lá para ver o império dos krinars tomar forma, ao lado — e na cama — do homem que faria aquilo acontecer.

Aquilo a transformava em uma traidora de seu povo? Ou era como Delia dissera, que, quando Korum se apaixonara por ela, já fizera mais para ajudar a humanidade do que quaisquer esforços da Resistência?

Ela acreditou nele quando Korum prometeu que os krinars não

machucariam os humanos de propósito. Ele sempre mantivera as promessas.

Ela só não tinha certeza de como as coisas aconteceriam quando as pessoas descobrissem as intenções dos Ks para Marte. Surgiriam movimentos renovados contrários aos Ks? A população humana entraria em pânico e tentaria atacar os invasores, resultando em retaliações por parte dos krinars?

Mia ficaria arrasada se aquilo acontecesse.

Mas a ideia de deixar Korum era insuportável. Ela não conseguiria viver sem ele, simples assim. Ela o amava com cada célula do corpo e sabia que ele a amava da mesma forma. Talvez aquilo a transformasse em uma traidora... ou talvez apenas na mulher mais sortuda de todas. Só o tempo diria.

Por enquanto, ela tinha que se encontrar com os Anciãos.

— SERÁ MELHOR SE eu falar a maior parte do tempo — disse Korum ao se aproximarem de uma clareira no meio da floresta. — Eles não gostam de conversas desnecessárias.

— É claro — respondeu Mia. — Não diremos uma palavra.

— Não. Talvez vocês precisem falar — retrucou ele. — Eles provavelmente desejarão falar diretamente com você e sua família. Nesse caso, recomendo responder às perguntas deles da forma mais honesta e concisa possível.

Mia assentiu. Pelo canto do olho, ela viu os pais de mãos dadas enquanto andavam. A mãe estava pálida e o pai parecia sombrio, como se estivesse indo para uma execução. Marisa e Connor estavam logo atrás, parecendo nervosos e animados ao mesmo tempo.

Diferentemente de Mia, os outros vestiam roupas humanas. Fora opção deles. — Acha que vou conseguir me enfiar em uma roupa apertada como essa na minha idade? — perguntara a mãe, indicando o vestido justo e de costas nuas de Mia. Korum não objetara. Como não eram caerles, não eram considerados como parte da sociedade dos krinars e, portanto, podiam vestir o que quisessem. O pai dela vestira um terno com gravata, bem como o marido de Marisa. A mãe dela e Marisa usavam vestidos semiformais e salto alto.

Mia esperava que não estivessem desconfortáveis demais, andando pela floresta com aqueles trajes no calor que fazia.

O fato de os Anciãos quererem encontrá-los em uma área aberta, em vez de em um prédio fechado, não deixou Mia nem um pouco surpresa. Os Ks eram notavelmente ligados à natureza e Korum lhe dissera que alguns dos

Anciãos condenavam inteiramente prédios artificiais, optando por viver como os ancestrais primitivos, em troncos ocos de árvores gigantes ou em formações rochosas parecidas com cavernas nas montanhas. Eles também protegiam seu território ferozmente, sem permitir que ninguém chegasse a menos de vinte quilômetros das áreas escolhidas. Aquele local na floresta era considerado território neutro, um local onde os Anciãos frequentemente se reuniam para discutir várias questões e socializar uns com os outros.

— Muitos poucos krinars já tiveram o privilégio de ver os Anciãos pessoalmente, como vocês estão prestes a fazer — disse Korum quando pararam em frente à clareira. — É a maior honra que existe.

Mia respirou fundo, tentando controlar o tremor dos dedos. Agora que estavam lá, a calma anterior a abandonara e o coração batia freneticamente dentro do peito. E se acidentalmente ela dissesse ou fizesse algo que enfurecesse os Anciãos? Naquele caso, poderiam negar a petição de Korum ou algo ainda pior. Ela não tinha ideia do que aqueles krinars antigos eram capazes de fazer.

— Está pronta, querida? — perguntou Korum. Ela assentiu, colocando a mão na dele. Eles caminharam juntos para a clareira e a família de Mia os seguiu.

HAVIA NOVE KS PARADOS LÁ, três mulheres e seis homens. Todos olhavam para Mia e a família dela, sem expressão alguma no rosto. Fisicamente, pareciam estar em excelente forma, sem aparentar serem mais velhos que Korum ou qualquer outro krinar que Mia conhecera. Os homens eram altos e musculosos e as mulheres pareciam mais fortes do que o comum. A Anciã mais baixa provavelmente tinha pouco mais de um metro e oitenta de altura, com músculos bem definidos cobrindo o corpo inteiro. Para surpresa de Mia, todos usavam roupas modernas de cor clara que contrastavam com o tom bronzeado da pele.

Todas as mulheres tinham uma beleza no estilo princesa guerreira, de certa forma, enquanto que os homens tinham aparência mais diversa. Um K em particular lembrava as gravações dos antigos muito mais do que os outros.

Apesar das feições sérias terem um certo apelo, eram duras demais para que fosse considerado bonito. Mia se perguntou se algum dos Anciãos tinha um companheiro ou se tinham sobrevivido por milhões de anos sem criar ligações profundas.

Korum soltou a mão de Mia e inclinou a cabeça em sinal de respeito, sem dizer nada. Mia seguiu o exemplo dele, mantendo o olhar nos Anciãos o tempo inteiro. Na cultura dos krinars, era considerado rude abaixar os olhos ou desviar o olhar ao encontrar uma autoridade. Encarar abertamente era o certo.

Uma das mulheres deu um passo à frente, com movimentos suaves e fluidos. Aproximando-se de Mia, ela encostou as juntas dos dedos em seu rosto no cumprimento tradicional entre mulheres. Mia sorriu e fez o mesmo, torcendo para não estar fazendo nada de errado. A julgar pelo olhar aprovador no rosto de Korum, ela fizera exatamente a coisa certa.

Depois de cumprimentar Mia, a mulher circundou os outros humanos, estudando-os com curiosidade visível. Ela não disse uma palavra nem fez qualquer gesto em direção a eles, mas Mia percebeu as gotas de suor na testa do pai. Ele devia estar muito ansioso, pois normalmente não transpirava tanto por causa do calor.

Ainda em silêncio, a mulher voltou para perto dos outros Anciãos e retomou sua posição original perto das outras duas mulheres. Em seguida, nove pares de olhos escuros simplesmente os encararam, observando-os com uma inteligência fria e profunda que parecia distintamente alienígena.

Mia os encarou de volta, tentando descobrir quais eram os dois envolvidos em orientar a evolução dos humanos. De certa forma, estava encontrando deuses da vida real, os criadores da raça humana. A ideia era tão assustadora que ela preferiu deixá-la de lado. Era menos provável que desabasse no chão trêmula se pensasse naqueles Anciãos como nada além de uma versão mais velha de Korum. E, na verdade, para uma garota de vinte e um anos, não havia uma diferença tão grande entre alguém que tinha dois mil anos e alguém que tinha dois milhões de anos. Os dois eram incrivelmente velhos, repetiu ela a si mesma.

Finalmente, depois do que pareceu uma hora, o homem de feições duras deu um passo à frente, aproximando-se de Mia e Korum. — Então esta é sua caerle — disse ele com voz baixa e excepcionalmente profunda. Mia achou que o andar

dele se assemelhava ao de um leão, com músculos definidos e intensidade predatória.

Korum inclinou a cabeça. — Sim.

— Incomum — disse o Ancião, inclinando a cabeça para o lado ao estudar Mia. — Muito incomum.

Mia lutou contra a vontade de se encolher sob aquele olhar penetrante. Ela se sentiu como se o K estivesse despindo sua alma, vendo todos os seus medos

e vulnerabilidades.

— Por que acha que deveríamos fazer uma exceção para a sua família, Mia? — perguntou o Ancião subitamente, falando diretamente com ela.

Mia engoliu em seco para se livrar do nó na garganta. Ela se preparara mentalmente para uma espécie de entrevista, mas ainda se sentiu pega desprevenida. Mesmo assim, quando falou, a voz estava surpreendentemente estável, sem trair o turbilhão interno. A adrenalina corria por suas veias, aguçando o foco, e as palavras que saíram de sua boca foram incomumente claras.

— Não acho que devam fazer uma exceção para a minha família — disse ela, olhando para o Ancião. — Acho que deveriam compartilhar sua tecnologia com toda a raça humana. Se não fizerem isso, seja lá qual for o motivo, então pense nisto: por estar com Korum, eu agora tenho a mesma expectativa de vida dele. Como isso é algo com que você e seus colegas concordaram, devem ver alguma lógica nisso. Sem os nanócitos no meu corpo, eu envelheceria e morreria em algumas décadas, enquanto Korum permaneceria o mesmo. E isso seria insuportável para nós dois porque nós nos amamos. — Ela fez uma pausa e respirou fundo. — E seria igualmente insuportável para mim ver as pessoas que eu amo — ela acenou na direção da família — ficarem doentes e morrerem.

O K ainda a encarava e ela percebeu um brilho de diversão no olhar dele.

Aquilo suavizou ligeiramente as feições dele, fazendo com que parecesse apenas um pouco menos intimidador. Mia queria dizer mais, mas ela se lembrou da recomendação de Korum de ser concisa ao responder às perguntas e decidiu ficar em silêncio. Ela dissera tudo o que havia para dizer. A não ser que fosse repetir

os argumentos e apelar para o senso de ética e moralidade deles.

O Ancião a encarou por mais alguns segundos e, em seguida, virou-se. Mia sentiu uma comunicação sem palavras acontecendo entre ele e os outros. Logo depois, ele se virou novamente para Mia e Korum.

— Tomaremos nossa decisão em breve — disse ele, desta vez falando com Korum.

Ele voltou para o grupo dos Anciãos e todos desapareceram na floresta, deixando Mia, Korum e a família dela sozinhos na clareira.

— AQUELE ERA LAHUR — disse Korum à caerle durante o percurso de volta para casa. — Foi ele que eu lhe disse que é o krinar mais velho de todos. A mulher que se aproximou de você e de seus parentes é Sheura. Ela é bióloga evolucionista e esteve envolvida no projeto dos humanos desde o início.

— Ah, não é surpresa que ela parecesse tão curiosa sobre nós. Acha que eles farão isso? Acha que eles concordarão? — Mia estava sentada em um banco flutuante ao lado dele com os olhos brilhando de animação. Korum Sabia que ela provavelmente ainda estava agitada por causa da reunião e sorriu, orgulhoso da forma como se conduzira diante dos Anciãos. Ele sabia que ela estava nervosa, claro, mas mantivera a compostura o tempo inteiro, melhor do que muitos krinars teriam feito no lugar dela.

— Não sei, querida — disse ele com sinceridade. — Ninguém pode prever o que os Anciãos farão. Espero que tenham visto o que queriam ver hoje. Só o que podemos fazer agora é esperar.

— Precisamos permanecer em Krina enquanto eles decidem? — perguntou a mãe de Mia. Korum percebeu que ela parecia muito mais calma agora, aliviada pelo fim da provação.

— Sim — respondeu Korum —, provavelmente é o melhor a fazer. Eles disseram em breve e não deverá demorar muito. Além do mais, vocês ainda não conheceram os meus pais. Sei que eles estão ansiosos para conhecer vocês. — Korum também tinha outro motivo para querer que a família de Mia ficasse em Krina, mas aquele não era o momento certo de discutir o assunto.

— Ah, nós adoraríamos conhecê-los também! — exclamou Ella. — Não seria

ótimo, Dan?

— Claro — respondeu o pai de Mia. — Queremos muito conhecê-los.

— Ótimo — disse Korum. — Então vou providenciar.

CAPÍTULO TRINTA

C antarolando baixinho, Mia se vestiu e ficou pronta para ir à casa dos pais de Korum. Ela se lembrava de como gostara de Riani e Chiaren durante o encontro virtual e estava ansiosa para vê-los novamente. Mia desconfiava que os pais dela também gostariam deles, apesar de provavelmente ficarem impressionados pela juventude e pela beleza do casal.

Se os Anciãos dessem permissão, os pais de Mia também recuperariam a juventude. Ela queria muito que aquilo acontecesse. Vira fotografias dos pais quando tinham a sua idade e eles eram um casal bonito, o pai alto e bonito, a mão linda e despreocupada. Ela queria vê-los daquele jeito na vida real, saudáveis e cheios de vigor, sem as diversas dores que acompanhavam a idade.

Quando terminava de colocar o vestido, Korum entrou no quarto. Ele parecia ainda mais maravilhoso do que o normal, com o rosto brilhando com uma emoção desconhecida. Aproximando-se de Mia, ele abaixou a cabeça para beijá-la de leve. — Você está linda, querida — disse ele baixinho, prendendo um dos cachos escuros atrás da orelha dela.

— Obrigada. — Mia sorriu para ele. — Você também.

— Tenho uma coisa aqui para você usar — disse ele, encarando-a com um sorriso misterioso. — Outra joia.

— Ah, claro. — Mia já colocara o colar de pedras brilhantes para o encontro com os pais dele, mas não se importava de usar outra coisa, fosse em substituição a ele ou em conjunto. Ela nunca se importara muito com acessórios, apesar de ter a intenção de aprender a usá-los. Já aprendera a se vestir de forma elegante e as joias seriam o próximo passo.

Ela ficou absolutamente chocada quando Korum recuou um passo e ajoelhou-se. Na mão dele, havia uma pequena caixa preta. Ao olhar para a caixa, ela se abriu, revelando o anel mais lindo que já vira. Pequeno e delicado, parecia ser feito do

mesmo material iridescente que o colar, com uma pedra brilhante redonda maior no meio.

— Mia — disse Korum baixinho, olhando para ela com aqueles belos olhos cor de âmbar —, sei que as coisas entre nós nem sempre foram fáceis e não posso prometer que não haverá dificuldades à frente. Mas sei de uma coisa. Eu quero você, agora e para sempre, mais do que já quis alguém em todos os meus anos de existência. Quero você na minha vida, na minha cama e ao meu lado enquanto nós dois estivermos vivos. Quero cuidar de você e protegê-la. Quero colocar o mundo a seus pés. Quero que seu rosto seja a primeira coisa que eu veja ao acordar e a última antes de dormir. Quero fazê-

la tão feliz quanto você me faz. Mia, minha querida, estou profundamente apaixonado por você. Quer me dar a honra de ser a minha esposa?

Mia abriu a boca, mas nenhuma palavra saiu. Ela sentiu uma estranha sensação de ardência nos olhos. — Você... você quer que eu me case com você? — conseguiu sussurrar finalmente, com receio de que tivesse ouvido errado. — Mas... — ela engoliu em seco — você é um krinar! Não pode se casar com uma humana! — A voz dela aumentou em tom incrédulo no final.

— Posso fazer o que eu quiser — disse Korum e ela não conseguiu evitar um sorriso interno ao ouvir o tom arrogante na voz dela. Mesmo de joelhos, ele soava como se fosse o rei do mundo. — Só porque ninguém fez isso antes, não significa que eu não possa fazer. Quero que seja minha em todos os sentidos da palavra, pelas leis dos krinars e dos humanos. Mia, querida, quer se casar comigo?

A ardência nos olhos aumentou e uma lágrima escorreu pelo rosto dela. —

Sim — disse ela quase de forma inaudível. A visão estava borrada por causa das lágrimas. Ela sentiu um aperto no peito e não conseguiu respirar. — Sim, meu amor, quero me casar com você.

O sorriso dele em resposta foi tão brilhante quanto o sol dos krinars.

Erguendo-se, ele pegou a mão esquerda dela e colocou o anel em seu dedo anelar. A joia serviu perfeitamente, brilhando com todas as cores do espectro visível.

— Ai, Korum... Ele é... — Mia chorava abertamente, com lágrimas de felicidade escorrendo pelo rosto. — Ele é tão lindo...

— Não tão lindo quanto você — disse ele em tom suave, puxando-a para

seus braços. — Nada nunca será tão belo quanto você. — E, segurando-lhe o rosto nas mãos grandes, ele beijou as lágrimas de seu rosto, com os lábios macios e reverentes sobre a pele dela.

ELES CONCORDARAM EM dar a notícia aos pais de Mia quando as duas famílias estivessem juntas. Korum observava divertido enquanto Mia fazia o possível para esconder a mão esquerda nas dobras do vestido durante o percurso até a casa de seus pais. Ele dissera a ela que poderia tirar o anel por enquanto, mas Mia se recusara veementemente. — E se eu perdê-lo? — perguntara ela em tom horrorizado e Korum não argumentara. Ele gostava de ver a joia no dedo dela, de saber que havia um símbolo visível do compromisso entre eles.

Ele não lembrava quando se tornara tão enamorado com a ideia de casar com ela da forma dos humanos. Durante aquela visita à casa dos pais de Mia, a ideia fora plantada em sua mente e lá permanecera pelo mês anterior. Ele sabia que Mia ainda se sentia desconfortável em ser caerle dele. Da forma como via a situação, ele tinha todo o poder no relacionamento. Era uma fonte constante de discussão entre eles e Korum sabia que ela nunca ficaria completamente feliz enquanto achasse que não tinha direitos entre o povo dele.

Quanto mais Korum pensara no assunto, mais lhe parecia que o casamento poderia ser a solução. Casando publicamente com Mia em Krina, ele elevaria a posição dela na sociedade deles. Ela não seria mais uma mera caerle, uma humana que pertencia a ele. Seria o equivalente a uma companheira muito antes da Celebração dos Quarenta e Sete.

Ela também pertenceria oficialmente a ele aos olhos de seu próprio povo.

Korum gostava muito daquela ideia. Se algum humano ousasse olhar para ela, veria o anel em seu dedo e saberia que aquela mulher era comprometida.

Aqueles anéis eram um costume inteligente, percebera Korum recentemente.

Eles permitiam que um homem marcasse seu território de forma muito civilizada. Mia agora era noiva dele, logo seria sua esposa e ninguém teria

qualquer dúvida sobre aquele fato.

Claro, o casamento deles também daria tranquilidade aos pais de Mia.

Apesar de a família Stalis ter aceitado o relacionamento deles, Korum sabia que ficariam muito mais felizes se pudessem chamá-lo de algo que não fosse apenas o namorado da filha. Agora ele seria o genro deles, uma ligação muito mais forte aos olhos deles, e eles se sentiriam muito mais seguros sobre seu

compromisso com Mia.

A cápsula de transporte pousou em frente à casa dos pais dele e ele conduziu Mia ao interior, com os pais dela, a irmã e o cunhado logo atrás. A família humana dele, pensou Korum. Era tão improvável que ele mal conseguia acreditar, mas aquelas pessoas eram importantes para Mia e tornavam-se cada vez mais importantes também para Korum.

Riani e Chiaren os aguardavam. Quando Korum entrou na casa, ele viu primeiro a mãe, parada com um sorriso largo no rosto, e a presença mais austera do pai logo atrás. Eles tinham ficado chocados quando ele lhes contara sobre Mia na primeira vez, mas também felizes. Korum algumas vezes se perguntava se os pais achavam que ele continuaria a viver sem nunca encontrar alguém para amar.

Dando um passo à frente, ele deu um abraço em Riani e cumprimentou o pai com o toque mais formal no ombro. Em seguida, virando-se para a família de Mia, ele a apresentou para os pais.

Para sua surpresa, os pais dele e os de Mia se deram muito bem quase imediatamente. Em questão de minutos, estavam conversando animados e trocando histórias sobre as aventuras de infância dos filhos. — Ai, meu Deus, isso é constrangedor — sussurrou Mia no ouvido dele, corando quando Ella, rindo, revelou o hábito da filha, quando bebê, de tirar as fraldas e engatinhar pelo quintal perseguindo esquilos.

— O que são esquilos? — perguntou Riani curiosa. O pai de Mia explicou tudo sobre o pequeno mamífero de cauda grossa.

Marisa e Connor, que assistiam a tudo divertidos, se sentaram perto de Korum e Mia no outro lado da sala. — Uau, eles realmente se deram bem, não foi? — disse Marisa à irmã. Mia riu, com os olhos brilhando de felicidade.

Parecia o momento perfeito para fazer o anúncio.

Levantando-se, Korum puxou Mia para que ficasse de pé. Todos os olhos imediatamente se voltaram para eles. — Temos uma coisa que gostaríamos de contar a vocês — disse Korum, olhando em volta da sala. Os pais dele pareciam confusos, enquanto que os humanos o encaravam com alegria mal contida. — Pedi a Mia que se casasse comigo e ela aceitou.

Mia sorriu e ergueu a mão esquerda, exibindo o anel que tinha no dedo.

A sala explodiu. Risadas, gritos e parabéns encheram o ar. Todos pareciam estar abraçando todo mundo e os pais dele participaram da animação, apesar de Chiaren continuar lançando olhares interrogativos na direção dele. Como Mia dissera, nenhum krinar jamais se casara com uma humana e o próprio

conceito de casamento era estranho para seu povo. Uma união de companheiros marcada pela Celebração dos Quarenta e Sete era o equivalente mais próximo dos krinars. Korum pretendia explicar seus argumentos para os pais mais tarde. Por enquanto, era suficiente que soubessem o quanto amava sua caerle.

Depois que a animação inicial diminuiu, Korum disse para os pais de Mia:

— Eu não sabia se precisava primeiro pedir a permissão de vocês. Pelo que entendi desse costume, isso raramente é feito nos tempos modernos. Espero que não se importem...

— Importar? — exclamou Ella. — É claro que não nos importamos! — Os olhos dela brilhavam por causa das lágrimas e Korum se perguntou o que havia em relação ao casamento que deixava as humanas tão emotivas.

O restante do tempo juntos foi gasto discutindo possíveis datas para o casamento, que Korum insistiu que não deveria passar da semana seguinte, o local, que Mia queria que fosse no lago perto da casa dele, e a logística de uma cerimônia de casamento humana em um planeta tão longe da Terra.

— Não precisamos de alguém para casar vocês? — perguntou Connor. —

Um padre, um rabino, um juiz, alguém? E, se é para ser legalmente reconhecido na Terra, não precisam registrar o casamento lá?

Korum já pensara naqueles obstáculos. — Uma das caerles que mora em Krina era juíza no Missouri — disse ele. — Já enviei um pedido de ajuda para ela. Em relação ao registro, transmitiremos nossa assinatura eletronicamente para o cartório de Daytona Beach. Tenho certeza de que farão uma exceção para nós, dadas as circunstâncias.

PARA MIA, os cinco dias seguintes se passaram em um piscar de olhos. Assim que a notícia do noivado se espalhou, houve uma procissão interminável de visitantes à casa de Korum, todos querendo conhecer Mia e sua família.

Os amigos, conhecidos, funcionários e contatos comerciais de Korum, até mesmo membros do Conselho... Mia conheceu tantos Ks durante o curto noivado que não conseguiu se lembrar de todos os nomes e rostos. Para sua surpresa, Mia sentiu, na atitude deles com ela, traços do mesmo respeito que mostravam a Korum. Era sutil, mas estava lá. A opinião dela foi pedida mais vezes e falavam com ela diretamente, com frequência ignorando Korum totalmente. Depois de pensar no assunto por alguns dias, Mia percebeu que

agora era tratada mais como companheira de Korum do que caerle. Aos olhos deles, ela não era mais simplesmente uma humana que pertencia a um deles.

Ela seria uma verdadeira parte da sociedade dos krinars.

Mia gostou particularmente de Jalet e Huar, amigos de Korum de longa data. Como os pais de Korum, Jalet fazia de tudo um pouco. Inteligente e divertido, ele parecia conhecer tudo sob o sol e Mia adorou ouvir suas histórias sobre a vida em Krina. Huar, por outro lado, era quieto e sério. Era considerado um especialista em estudos sobre o oceano. Huar e Jalet também tinham sido amigos de Saret e ficaram horrorizados ao descobrir sobre a verdadeira natureza dele.

— Nós quatro éramos como os seus Mosqueteiros — disse Jalet a ela, referindo-se ao romance clássico de Dumas. — Participamos de muitas aventuras juntos em nossa juventude. Eu pensei em acompanhar Saret e Korum à Terra, mas estava preso a um projeto e não pude ir.

— Provavelmente, foi melhor assim. — Korum sorriu para o amigo. —

Até onde sabemos, talvez ele tivesse tentado matar você também.

— Sabe de uma coisa? — disse Huar pensativo. — Agora que pensei no assunto,

não é tão surpreendente assim que Saret tenha ido atrás de você, Korum. Ele era muito ambicioso, mas guardava segredo disso. Você sempre soube o que queria e buscou isso abertamente, mas Saret gostava de arquitetar e manipular por trás dos bastidores para que ninguém soubesse que tinha sido ele. Eu suspeitava que ele tivesse ciúmes de você, mas nunca percebi como esse ciúmes era profundo.

— Nenhum de nós sabia como ele realmente era — comentou Korum. —

Saret conseguiu enganar todo mundo, especialmente eu. — Mia percebeu o tom amargo na voz dele e sentiu o coração apertado. Ele nunca falara muito sobre o assunto, mas ela sabia que Korum ainda se culpava por tê-la deixado correr perigo.

— Meu amor, você sabe que ele provavelmente era um psicopata, não sabe? — Colocando uma mão reconfortante no joelho de Korum, ela o encarou com um olhar sério. — Ele foi esperto o suficiente para esconder isso, mas era o que ele realmente era. Todo o charme na superfície e uma falta completa de remorso por baixo dela. Ele era inteligente também, inteligente o suficiente para usar uma máscara por séculos. — Mia se lembrou de ter lido sobre psicopatas em uma das aulas da faculdade, um assunto extremamente fascinante. Ela não sabia se Saret se encaixava na definição do livro nem se os Ks podiam ser verdadeiros psicopatas no sentido médico, mas ele certamente

exibia alguns dos traços, incluindo um senso grandioso de autoestima.

Korum sorriu em resposta, abraçando-a, mas ela notou que levaria muito tempo para que as feridas causadas pela traição de Saret curassem totalmente.

Além de todos os visitantes, havia muito a fazer para preparar o casamento propriamente dito. Com a ajuda virtual de Leeta, prima de Korum, Mia criou um belo vestido branco que incorporava elementos das duas culturas. Ela também criou trajes para os familiares cujo estilo era, em grande parte, krinar, mas levando em conta as preferências pessoais de cada um.

Enquanto isso, Korum fabricou um salão cerimonial imenso que flutuava acima do lago perto da casa dele. Do tamanho de um estádio olímpico, fora projetado para acomodar mais de cem mil convidados, um número que deixava Mia tonta sempre que pensava nisso.

— Que tamanho será este casamento? — exclamou ela ao ver a estrutura

gigantesca.

— Do tamanho que for necessário — respondeu Korum, encarando-a com seriedade. Mia percebeu que ele queria deixar algo muito claro. Ao casar com ela diante de todo o planeta Krina, ele proclamava que os humanos tinham chegado oficialmente, que não eram mais uma espécie inferior que só poderia existir nos limites da sociedade dos krinars.

Korum estava resolvendo as preocupações dela sobre seu lugar no mundo dele.

CAPÍTULO TRINTA E UM

N o dia anterior ao dia que o casamento deveria acontecer, os Anciãos finalmente chegaram a uma decisão sobre Saret. Assim que Korum ouviu a notícia, foi visitar o ex-amigo, sentindo uma estranha necessidade de vê-lo uma última vez.

Saret estava confinado em Viarad, em um prédio bem protegido onde criminosos perigosos aguardavam julgamento. Os dois meses anteriores não tinham sido gentis com ele. Se Korum não soubesse que não era possível, teria achado que, de alguma forma, Saret envelhecera. O olhar dele era vazio e a pele parecia estranhamente cinzenta. Era como se ele tivesse perdido toda a esperança e, por um breve momento, Korum sentiu pena do inimigo ao se lembrar da infância que passaram juntos.

Mas depois ele se lembrou do que Saret fizera com Mia e do que pretendia fazer com todos, e a sensação de pena desapareceu. Korum nunca conhecera o verdadeiro Saret. Os bons tempos que passaram juntos eram tão falsos quanto a amizade de Saret.

— Veio se gabar, foi? — A voz de Saret quebrou o silêncio. — Suponho que tenha ouvido falar da minha sentença. — Os lábios dele se contorceram de forma amarga e os dedos puxaram por reflexo o colar de criminoso que tinha em volta do pescoço.

— Não — respondeu Korum com sinceridade —, não vim me gabar.

— Então por que está aqui?

— Não sei — admitiu Korum. — Acho que eu precisava de um encerramento.

— Encerramento? — Saret riu, um som rouco que feriu os ouvidos de

Korum. — Que tipo de encerramento?

Korum deu de ombros, sem saber ao certo como responder àquilo.

— Jalet e Huar vieram me visitar ontem — disse Saret com os olhos presos ao rosto de Korum. — Eles me contaram sobre sua noivinha humana e como seu casamento será o maior evento do milênio. Parabéns. Acho que você fez uma lavagem cerebral nela melhor do que eu poderia ter feito. Mesmo depois que aquela vadia da Laira desfez o meu procedimento, Mia ainda quer você. Contou a ela o que está planejando fazer com o povo dela?

— Sim — respondeu Korum. — Expliquei tudo. Ela entendeu. Nunca pretendi machucar o povo dela, apenas abrir espaço para nós no planeta deles.

— É, sei. — Saret lhe lançou um olhar sarcástico. — Acha que não me lembro de como você considerava os humanos no passado? Como disse que a Terra era nossa por direito?

Korum encarou o ex-amigo incrédulo. — Você realmente acha que ainda penso assim? Saret, isso foi há mais de mil anos! Tudo mudou desde então. Eu mudei desde então...

— Ah, é mesmo? E o que fez você mudar? Uma bocetinha apertada e um par de olhos azuis?

Korum sentiu uma vontade grande de usar violência contra Saret, mas se conteve no último momento. — Não — respondeu ele, mantendo a voz calma.

— Eu vi como eles progrediam rapidamente e tornavam-se mais como nós.

Percebi séculos atrás que estava errado sobre eles, que muitos de nós estávamos errados. É claro que você sabia disso.

— Não, eu não sabia — retrucou Saret. — Ou talvez soubesse e não tivesse acreditado. Não importa agora, importa? Afinal de contas, depois de hoje, não estarei mais aqui. Foi por isso que veio me ver agora, não foi? Para assistir à minha morte?

— Você não morrerá — disse Korum calmamente. — Eles sentenciaram você a uma nova versão da reabilitação completa, uma que Laira criou recentemente. Diferentemente da anterior, essa pode ser revertida.

Saret soltou uma risada amarga. — Certo. Como eu disse, depois desse procedimento, não estarei mais aqui.

— Adeus, Saret. — Korum lançou um último olhar para o ex-amigo e saiu, colocando um fim naquele capítulo de sua vida.

QUANDO CHEGOU EM CASA, Mia o aguardava com um olhar ansioso no rosto. —

Como foi? — perguntou ela, levantando-se do banco em que estivera sentada, lendo no *tablet*. — Conseguiu falar com ele?

— Sim. — Korum a puxou para abraçá-la. A sensação familiar de tê-la nos braços era reconfortante e eliminou o estresse e a tensão. Apesar de Korum odiar admitir aquilo para si mesmo, ver Saret naquele dia fora doloroso. Apesar da traição dele, apesar de tudo, Korum pensara nele como amigo durante a vida inteira e não conseguia evitar sentir pesar pela perda daquela ilusão.

Ela passou os braços em volta da cintura dele e as mãos pequenas acariciaram-lhe as costas. De alguma forma, ela sabia que ele precisava de conforto naquele momento. Ela sempre sabia do que ele precisava ultimamente.

Depois de alguns minutos, ela recuou ligeiramente e olhou para ele com os olhos azuis cheios de empatia. — Quando vão fazer aquilo? — perguntou ela baixinho. — Quando o procedimento acontecerá?

— Esta tarde — respondeu Korum, erguendo a mão para tirar um cacho de cabelos do rosto dela. — Daqui a umas duas horas.

— E depois? O que acontece com aqueles que são reabilitados dessa forma?

— Ele será levado a uma instalação especial de reeducação, onde os reabilitados aprendem a se tornarem novamente membros produtivos da sociedade. Ele saberá sobre a antiga identidade, claro, mas receberá uma chance de começar de novo, de construir uma nova vida para si mesmo.

— E estará completamente mudado? Não desejará fazer aquelas coisas de novo?

— Provavelmente não — disse Korum. — Além do mais, ele ficará sob vigilância por séculos. Ao menor sinal de tendências criminais renovadas, ele passará novamente pelo mesmo procedimento.

Ela umedeceu os lábios e Korum se viu observando sua boca, com os pensamentos subitamente tomando um rumo sexual. — Acha que nós o encontraremos em algum momento? — perguntou ela. — Se ele entrar novamente para a sociedade depois da reabilitação, acha que nós o veremos novamente?

Korum tentou afastar a mente da imagem dos lábios dela em volta do pênis. — Provavelmente — ele conseguiu responder. — Mas não se preocupe, ele será um homem diferente. — Apesar da seriedade da conversa, ele sentiu o início da ereção, reagindo pela proximidade dela, como sempre.

Sem dúvida sentindo o volume contra o corpo, Mia abriu um sorriso malicioso e chegou mais perto, encostando os seios no peito dele. Korum respirou fundo, sentindo os mamilos rígidos através das duas camadas de tecido que os separavam. Os olhos dela ficaram mais escuros, as pupilas se dilataram e um tom rosado cobriu as bochechas pálidas. Ela estava ficando excitada. Ele conseguia ver... sentir e cheirar. O aroma quente e sensual dela era como um afrodisíaco, fazendo com que o sangue esquentasse nas veias e o pênis latejasse de desejo.

Ainda encarando-o com um sorriso sedutor, ela lambeu os lábios novamente, bem devagar. O som que escapou da garganta dele foi parecido com um rosnar. Ela sabia exatamente o que fazer, como deixá-lo louco no menor tempo possível.

Desesperado para sentir o gosto dela, Korum abaixou a cabeça e beijou-a, adorando a forma como a língua dela se enroscou na sua, acariciando o interior da boca. Ela beijava muito bem agora, muito diferente da virgem tímida que ele levara quase à força para a cama em Nova Iorque. Os dedos dela se enterraram em seus cabelos, com as unhas arranhando delicadamente o couro cabeludo, e ele quase gemeu, movendo os quadris para a frente e para trás, pressionando o pênis ereto contra ela.

A pele dele estava quente e, subitamente, as roupas ficaram apertadas demais, atrapalhando demais. Korum puxou para baixo a parte de cima do vestido de

Mia, prendendo seus braços no tecido e deixando os seios nus. Eles eram brancos, firmes e perfeitamente redondos. Os mamilos tinham um belo tom de rosa. Incapaz de resistir à tentação, ele ficou de joelhos e puxou os mamilos rígidos em direção à boca, chupando primeiro um e depois o outro.

Ela gemeu, inclinando o corpo na direção dele e segurando-lhe a cabeça com as mãos. Korum colocou uma mão sob a saia do vestido, sentindo a maciez dos pelos entre as coxas.

— Korum, por favor — sussurrou ela. Korum percebeu que ela queria mais, como ele também queria. Ainda lambendo os mamilos, ele colocou um dedo dentro dela, sentindo os testículos se contraírem com a sensação quente e escorregadia. Ele queria que ela gozasse, mas, ao mesmo tempo, queria continuar a torturá-la, fazê-la gritar de prazer em seus braços. O polegar se enterrou entre as dobras, encontrando o clitóris, e ele o pressionou de leve, mantendo o toque leve demais para que ela gozasse. Ela se inclinou na direção dele e Korum repetiu o gesto, adorando os sons que arrancava dela. O pênis parecia prestes a explodir, mas ele continuou a empurrar o dedo para dentro

dela, sentindo-a cada vez mais molhada.

Ela era incrivelmente doce. Rasgando o vestido, ele deixou nus o abdômen e o triângulo escuro entre as coxas de Mia. A boca se afastou dos seios para beijar cada centímetro da pele exposta. Havia tanta coisa que ele queria fazer com ela, tantas formas de possuí-la. Ele faria tudo aquilo com o tempo, mas, por enquanto, precisava ir devagar, gradualmente apresentando a ela todos os prazeres da carne. Ela tremia em seus braços, contraindo-se em volta do dedo dele. Korum colocou um segundo dedo enquanto continuava a usar o polegar para brincar de leve com o clitóris.

— Korum... — O gemido torturado foi como música para os ouvidos dele.

Korum abriu um sorriso triunfal, passando os dentes de leve sobre a pele delicada do abdômen dela. Ele não rasgou a pele, mas ainda assim ela gemeu com a dor. Ele sentiu a boceta se contrair em volta dos dedos.

— Sim — murmurou ele —, sim, você pode gozar para mim agora... — E

ela gozou, jogando a cabeça para trás com um grito. As pulsações dos músculos internos dela aumentaram o calor ardente dentro dele.

Retirando os dedos, Korum os lambeu, saboreando o gosto dela. Em seguida, puxou-a para o chão ao seu lado. O material inteligente era macio em volta deles, massageando os joelhos com minúsculos apêndices parecidos com dedos, mas Korum mal notou a sensação agradável, concentrando-se apenas na mulher em seus braços.

Mia ainda tremia, com a respiração rápida e irregular depois do orgasmo.

Korum a posicionou de quatro, com o rosto para longe dele. A curva das nádegas perfeitas era uma tentação irresistível. Ele viu as dobras molhadas e inchadas da boceta e o ânus rosado. Ele queria estar nos dois locais ao mesmo tempo, trepar com ela de todas as formas possíveis.

Inserindo o polegar dentro da boceta, ele o molhou e pressionou o mesmo dedo no ânus. Ela gritou, com os músculos contraindo-se contra a intrusão, e ele fez uma pausa, deixando-a se acostumar com a sensação antes de continuar a pressionar na passagem apertada. Quando terminou de colocar o dedo, ele segurou o quadril dela com a outra mão e introduziu totalmente o pênis na boceta.

Ela arqueou o corpo, gemendo, e Korum prendeu a respiração. O polegar sentiu o movimento do pênis dentro dela pela parede fina que separava os dois orifícios. *Como ela é gostosa*. O prazer era indescritível, quase intolerável.

Sem conseguir esperar mais, Korum começou a investir sem se conter, sentindo os músculos internos dela contraindo-se em volta do pênis com tanta

força que ele estava prestes a explodir.

Um segundo depois, ele gozou, jogando a cabeça para trás com um gemido alto. Mia também gritou, pressionando o corpo contra ele, e Korum sentiu quando ela se contraiu internamente.

Ofegante, ele caiu no chão, ainda dentro dela. Depois de alguns momentos, ele retirou o polegar e puxou o corpo nu e trêmulo dela contra o seu. Ela respirava tão pesadamente quanto ele. Korum beijou a orelha delicada, sabendo que ela precisava do carinho depois de possuí-la como um selvagem.

— Eu amo você — sussurrou ele. Mia se virou para ele com um sorriso, o sorriso de uma mulher que acabara de ser totalmente satisfeita.

— E eu amo você — respondeu ela baixinho, acariciando o rosto dele.

Eles ficaram deitados naquela posição por mais algum tempo, apenas abraçados e desfrutando da sensação de pele contra pele, até que Korum ouviu o estômago de Mia roncar.

Ela corou de leve e ele sorriu. — Banho e almoço?

— Sim, por favor — respondeu ela, rindo quando ele a pegou no colo e carregou-a para o banheiro.

OS GUARDIÃES BUSCARAM Saret às duas horas da tarde. Alir estava entre eles, com os olhos pretos frios e sem expressão.

Quando tentaram segurá-lo, Saret se afastou das mãos deles e saiu andando da sala por conta própria, seguindo-os em direção à câmara de execução.

Laira já estava lá, com aparência sombria como era adequado para a ocasião. Saret a encontrara uma vez e imediatamente a detestara. Ela lhe lembrava Korum. A mesma inteligência aguçada, a mesma ambição implacável. Ela se candidatara para trabalhar no laboratório dele havia algumas décadas, antes de ser conhecida como estrela em ascensão na área.

Depois de uma breve entrevista, Saret a recusara, adorando a expressão triste no rosto dela quando ele lhe disse que não era qualificada o suficiente.

Era uma estranha ironia o fato de ela ser a carrasca dele naquele dia.

Eles o amarraram em um banco flutuante, garantindo que estivesse seguramente preso para o que viria a seguir. Saret não lutou. De que adiantaria? Os guardiães estavam armados até os dentes e, mesmo se não estivessem, eram excelentes lutadores. Ele não teria a menor chance. Àquelas alturas, a única coisa que importava era que morresse com dignidade.

E aquilo seria a morte. Mesmo que o corpo permanecesse, a mente, que era o que fazia com que fosse Saret, seria completamente apagada. Saret nunca mais seria ele mesmo. As lembranças, a personalidade, a essência, tudo seria apagado.

Laira se aproximou dele, segurando um pequeno dispositivo branco nas mãos. Saret o reconheceu. Ele usara uma versão semelhante em Mia poucos meses

antes.

— Lamento — disse Laira, pressionando o dispositivo na testa dele. —

Lamento de verdade.

O rosto dela foi a última coisa que Saret viu antes de mergulhar na escuridão.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

A manhã do dia do casamento estava clara e fresca.

— Mia, querida, você está... — A mãe limpou as lágrimas. — Você está tão linda...

— Obrigada, mamãe — disse Mia em tom suave. — Você e Marisa também estão lindas. — Ela não estava mentindo. A irmã estava estonteante em um vestido creme com pregas suaves que escondiam o início da gravidez, enquanto que a mãe parecia notavelmente jovem em um vestido cor de pêssego que disfarçava o corpo arredondado. O pai e Connor também usavam roupas dos krinars, parecendo surpreendentemente bonitos com calças brancas, botas e camisetas sem mangas.

— Não consigo acreditar que a minha maninha vai se casar — disse Marisa, fungando e com os olhos cheios de lágrimas. Mas aquilo não era incomum. A irmã de Mia chorava por qualquer motivo.

— E com um K, veja só — comentou Connor com um sorriso largo no rosto. — Dan, alguma vez pensou que uma coisa dessas aconteceria com a sua caçula?

— Não — respondeu o pai de Mia secamente. — Certamente não.

A família de Mia estava sentada em uma sala particular na estrutura gigantesca, observando Mia fazer os retoques finais nos cabelos. Como presente de casamento, Leeta lhe enviara o desenho de um belo acessório para os cabelos e Mia agora o colocava na cabeça. Feito de metais brilhantes e pedras brancas, ele cobria cada cacho, fazendo com que Mia parecesse uma princesa de contos de fada.

O vestido só acentuava essa impressão. Era longo e cobria os pés, com

uma saia ampla e um decote tomara-que-caia em formato de coração que empurrava os seios para cima e destacava o corpo esguio. Seria um vestido de noiva clássico, se não fosse pelo fato de que as costas de Mia estavam totalmente expostas, no estilo das roupas normais dos krinars que ela usava.

Como o vestido era longo, Mia decidiu usar saltos altos, ganhando alguns centímetros, o que a deixava quase com a altura das mulheres krinars mais baixas.

— Korum ainda não viu você, viu? — perguntou a mãe ansiosa. Mia balançou a cabeça negativamente, sorrindo por causa da superstição.

— Ele não me viu, mamãe, relaxe.

Mia sabia que deveria estar sentindo-se nervosa. Afinal de contas, todas as noivas ficavam, nem que fosse um pouco. E Mia tinha mais motivos para ficar nervosa do que a maioria delas, considerando o tamanho da cerimônia e o fato de que toda a raça dos krinars estaria assistindo ao evento sem precedentes, fosse virtual ou pessoalmente.

No entanto, ela não tinha nem um traço do nervosismo característico das noivas. Só o que sentia era um brilho quente de alegria. Korum cuidara de toda a logística, providenciando os preparativos do casamento com a mesma segurança calma com que fazia tudo o mais, portanto, não havia nada com o que se preocupar. Quanto ao futuro deles juntos, ela sabia que nem sempre seria um mar de rosas, mas o amor dos dois era forte e real o suficiente para sobreviver a quaisquer obstáculos que surgissem à frente.

Uma parte dela ainda não conseguia acreditar que aquilo estava acontecendo, que estava prestes a se casar com um K que, no passado, temera e considerara como inimigo. Apesar de terem decorrido apenas poucos meses, muito mudara em sua vida e na de Korum. Eles tinham aprendido o valor do compromisso, de ver o ponto de vista da outra pessoa. Mia ficara mais forte, mais confiante, enquanto Korum começara a temperar a arrogância natural e as tendências controladoras. Ele ainda era ridiculamente superprotetor, claro, mas Mia esperava que aquilo diminuísse com o tempo, à medida que as lembranças do ataque de Saret gradualmente desaparecessem. A possessividade de Korum era um problema diferente. Ela suspeitava que aquela parte da personalidade dele nunca mudaria.

— Você sabe que será uma celebridade na Terra, não é? — perguntou Marisa pensativa, observando Mia. — Minha irmãzinha, a primeira humana a se casar com um K! Se a imprensa descobrir, você estará em todas as manchetes...

— Eu sei. — Mia estremeceu com a ideia. Ela e Korum já tinham discutido a possibilidade perturbadora. — Quando voltarmos para a Terra, provavelmente moraremos em Lenkarda. Por isso, não será tão ruim para nós.

Mas, para vocês... Talvez devam considerar a mudança para Lenkarda também, independentemente do que aconteça com a petição. — Não foi preciso dizer que a família de Mia teria que morar em um dos Centros se lhes fosse concedida a imortalidade, como acontecia com as caerles.

Olhando-se pela última vez no espelho, Mia se virou e sorriu. — Estou pronta.

VESTIDO COM UM TERNO BRANCO, Korum esperava de pé no altar. Quando as primeiras notas da marcha nupcial humana tradicional começaram a soar, o coração dele saltou de ansiedade. Em questão de minutos, Mia andaria pelo corredor e ele finalmente veria sua noiva humana.

Duas horas antes, os pais dela a tinham levado e avisado a ele com muita seriedade que não poderia colocar os olhos nela até que a cerimônia começasse. Azar ou algo ridículo assim. Korum não ficara feliz, pois queria ajudar Mia a se vestir, e talvez dar uma trepada rapidinha antes da celebração demorada. Mas Ella Stalis fora enfática e Korum tivera que ceder. Discutir com a futura sogra não era uma de suas prioridades naquele dia.

Enquanto a música continuava, ele lançou um olhar rápido pelo salão imenso. Decorado em tons de branco e prata, estava repleto de pessoas. Além da família, dos amigos e de vários conhecidos de Korum, muitos membros da elite dos krinars comparecera pessoalmente. O restante de Krina e os krinars que moravam na Terra assistiam virtualmente. Todos o observavam com curiosidade aberta e Korum sabia que estavam perguntando-se por que ele estava fazendo aquilo, por que estava casando-se com a caerle. Até mesmo Arus ficara confuso. — Isso não é redundante? — perguntara ele depois de uma reunião do Conselho da qual Korum participara remotamente. — Você e Mia já são praticamente casados. Ela é sua caerle.

Korum simplesmente sorrira, sem se preocupar em explicar seus motivos.

Mia era realmente sua caerle e agora também seria sua esposa.

À distância, ele ouviu os passos dela. O pai de Mia a conduzia, seguindo o antigo costume de entregar a noiva. Korum sorriu para si mesmo. Ele a tiraria com prazer das mãos dele.

Quando ela apareceu na outra extremidade do corredor ao lado do pai, ele prendeu a respiração. Mia estava radiante, muito mais linda do que qualquer mulher que Korum se lembrava de ter visto. Os olhos azuis brilhavam de alegria e os lábios estavam curvados em um sorriso largo. O vestido enfatizava a cintura fina e empurrava para cima os seios redondos deliciosos, chamando a atenção dele para o decote. Só de vê-la daquele jeito fez com que ele tivesse vontade de pegá-la no colo e carregá-la para a cama... e mantê-la lá por várias horas.

Logo, prometeu Korum a si mesmo, e fez o possível para tirar da mente todos os pensamentos sobre sexo. Mas era impossível porque ele simplesmente não conseguia afastar os olhos dela. Enquanto ela andava pelo corredor, ele se viu observando faminto cada passo, absorvendo a delicadeza de suas feições, as linhas elegantes do pescoço e dos ombros. A pele dela parecia tão macia que os dedos de Korum coçavam com a vontade de tocá-la.

Logo depois, ela chegou perto dele e a música aumentou o ritmo, desaparecendo logo em seguida. Korum pegou a mão de Mia e virou-se para a humana loira que realizaria a cerimônia. Lana Walters fora juíza no Missouri e agora era uma caerle que vivia em Krina. Ela se sentira honrada em ser parte de uma ocasião tão histórica.

— Caros amigos, familiares e todos os que estão presentes ou assistindo-nos hoje — disse Lana com voz rouca. — Estamos reunidos aqui hoje para testemunhar o casamento de Nathrandokorum e Mia Stalis, a primeira vez que ocorre tal união. — Ela fez uma pausa dramática. — Korum, você aceita Mia para ser sua esposa, para amá-la e protegê-la, na saúde e na doença, até que a morte os separe?

— Sim — disse Korum, olhando para Mia. Com as palavras dele, o sorriso dela ficou incrivelmente radiante, deixando-o tonto com sua beleza.

— E você, Mia? Aceita Korum como seu esposo, para amá-lo e protegê-

lo, na saúde e na doença, até que a morte os separe?

— Sim. — A voz dela foi forte e clara, sem qualquer traço de hesitação.

—Então eu os declaro marido e mulher. Você pode beijar a noiva.

Korum não precisou de mais incentivo. Puxando Mia para perto, ele abaixou a cabeça e beijou-a. O gosto delicioso lançou uma onda de sangue diretamente para sua virilha. Ele precisou de toda a força de vontade para interromper o beijo depois de um minuto. Quando ele se afastou, ela o encarava com a boca ligeiramente inchada e os olhos azuis cheios de desejo.

Em uníssono, a multidão se levantou e começou a bater os pés no chão, na

versão krinar de bater palmas. O chão sacudiu quando cem mil convidados bateram os pés e gritaram de alegria. Pegando a mão de Mia, Korum ergueu as palmas reunidas no ar, deixando a multidão ainda mais delirante.

Era hora de celebrar.

MIA NÃO CONSEGUIA parar de rir enquanto o marido a girava pela pista de dança com tanta facilidade como se ela fosse uma boneca. Em volta deles, outros casais de krinars também dançavam, com os movimentos tão complexos e fluidos que Mia nunca conseguiria imitá-los. A família observava, parecendo tão maravilhada como Mia com a graça e o atletismo inumanos dos dançarinos.

Apesar da cerimônia de casamento tradicionalmente humana, a festa depois foi certamente alienígena. Mia se lembrou da celebração de união de Leeta em Lenkarda. Tudo, da música exótica ao local separado das pistas de dança, era puramente krinar. Havia bancos flutuantes, paredes refletivas e decorações brilhantes por toda parte.

Mia viu que os pais estavam encantados com todo o brilho e a bela multidão que os rodeavam. Marisa e Connor pareciam adorar tudo. O cunhado de Mia até mesmo provou uma das bebidas alcoólicas locais. — Coisa forte

— disse ele em tom aprovador quando as lágrimas pararam de escorrer dos olhos. Mia e os outros beberam apenas o coquetel de suco cor-de-rosa refrescante, sem querer beber nada que fosse forte o suficiente para deixar os Ks bêbados. Depois de algum tempo, os pais de Korum se juntaram à família de Mia. O grupo ficou conversando enquanto Korum levava Mia para a pista de dança.

Depois de uma hora dançando, Mia teve que pedir misericórdia. — Você percebe que sou humana, não é? — disse ela a Korum com uma risada, parando para recuperar o fôlego.

Naquele momento, um krinar alto se aproximou. — Parabéns — disse ele, sorrindo para o casal. — Sou Kellon, primo de Ellet.

Korum sorriu de volta e eles trocaram o cumprimento krinar tradicional, tocando no ombro um do outro com a palma da mão.

— Tenho um presente de casamento para vocês — disse Kellon. — É de Ellet.

— Ah, é? — Korum ergueu as sobrancelhas e Mia olhou para o K. O que a

especialista em biologia humana queria dar a eles?

— Nos últimos anos, Ellet trabalhou em um projeto muito ambicioso —

disse Kellon — e finalmente conseguiu um grande avanço na noite passada. É

algo que será de interesse particular para vocês dois. E foi por isso que ela me pediu que falasse com vocês hoje, durante o casamento.

— O que é? — perguntou Mia muito curiosa.

— Ela vem tentando descobrir como os humanos e os krinars podem ter filhos biológicos juntos... e acha que finalmente tem uma solução.

— Uma solução? — sussurrou Mia, mal ousando acreditar no que ouvira.

— Está falando sobre bebês humanos/krinars? — O marido parecia congelado no lugar, olhando para o outro K em choque.

— Sim — confirmou Kellon. — O processo está longe de ser perfeito e Ellet tem muitos ajustas a fazer, mas conseguiu descobrir como combinar o DNA das duas espécies de forma a produzir filhos viáveis. Daqui a mais alguns anos, talvez vocês dois possam ter um filho... se quiserem, é claro.

— Ela tem certeza? — A voz de Korum era calma, mas os olhos estavam quase amarelos por causa da emoção. — Ellet tem certeza absoluta disso? Se for só

alguma simulação que ela fez...

— Não — respondeu Kellon —, ela tem certeza. Fez pelo menos cem simulações e cada uma delas produziu os mesmos resultados. Pela primeira vez, será possível que caerles e cherens tenham filhos.

— Obrigada, Kellon — disse Mia devagar —, e agradeça a Ellet por nós.

Este... este foi o melhor presente de casamento que poderíamos ganhar. — Ela estava prestes a explodir em lágrimas e afastou o olhar, piscando furiosamente para conter a emoção. Um filho com Korum! Era algo muito além de seus sonhos mais loucos.

— Sim — disse Korum baixinho —, transmita nossos sinceros agradecimentos a Ellet. Ela tem toda nossa gratidão.

Kellon inclinou a cabeça respeitosamente e afastou-se, misturando-se com a multidão.

Assim que ele saiu, Mia se virou para o marido. — Um bebê! Ai, meu Deus, Korum, um bebê! — Mia segurou a mão dele, apertando-a entre as próprias mãos.

— Um bebê — repetiu ele. Havia uma expressão estranha em seu rosto. —

Nosso bebê.

Parte da animação de Mia desapareceu. — Você... você quer um filho, certo? — perguntou ela cautelosa. — Quero dizer, eu sei que seria

parcialmente humano...

— Se eu quero um? — Ele a encarou como se ela tivesse duas cabeças.

Quando falou novamente, a voz era baixa e intensa. — Mia, minha querida, eu amo você. Um filho que seria parte você, parte eu? Como eu poderia não querer? — Cobrindo as mãos dela com a outra mão, ele a puxou em sua direção com os olhos brilhando. — Eu quero muito, muito um filho.

Mia sorriu para ele, sentindo o coração inchar de felicidade. — Se tivermos uma

filha, podemos chamá-la de Ivy. Sempre adorei esse nome. O

que acha?

— Acho que gosto muito — murmurou ele, abaixando a cabeça e beijando-a de forma profunda e apaixonada.

Eles decidiram contar a novidade às famílias depois do casamento. Havia pessoas demais em volta naquele momento para um anúncio tão importante e particular. Ainda assim, Mia não conseguia deixar de pensar no presente de Ellet.

— Acha que o procedimento já estará aperfeiçoado quando eu tiver trinta anos? — perguntou ela a Korum enquanto ele a levava de volta para a pista de dança. — Sempre quis ter um bebê antes dos trinta...

— Trinta? — O marido riu. — Mia querida, a sua idade é irrelevante agora. Nosso filho poderá nascer quando você tiver trinta ou quando tiver quinhentos e trinta anos. Não importa muito...

— Importa para os meus pais — disse Mia baixinho. — Quero que eles vejam o neto, que o conheçam enquanto estão vivos. — Era a única coisa que a preocupava, o fato de ainda não terem recebido uma resposta dos Anciãos.

Korum abriu a boca para falar quando a música subitamente parou. Todos os barulhos sumiram e um silêncio mortal surgiu. Todos pareceram congelar no lugar, olhando para a entrada.

— O que está acontecendo? — sussurrou Mia, chegando mais perto de Korum.

— Shh, querida — disse ele baixinho, colocando um braço protetor nas costas dela. — Parece que Lahur está aqui.

Mia mal suprimiu uma exclamação. Pelo que Korum lhe dissera, os Anciãos nunca socializavam com os outros krinars nem participavam de eventos públicos. Eles eram essencialmente solitários, mantendo-se longe da população geral. E agora Lahur, o mais velho de todos, estava ali, na festa deles?

A multidão lentamente se abriu e Mia viu um homem alto e forte abrindo

caminho na direção deles. Ao se aproximar, ela reconheceu as feições duras do Ancião com quem falara na floresta. Ele usava roupas formais dos krinars, como todos os outros convidados, mas o traje elegante pouco fazia para esconder a natureza predatória dele. Mesmo entre os outros krinars, ele parecia mais selvagem, como uma pantera andando entre gatos domésticos.

— Seja bem-vindo, Lahur — disse Korum calmamente, inclinando a cabeça em direção ao recém-chegado. — Estamos felizes por ter se juntado a nós.

— Obrigado. — A voz profunda de Lahur tinha um toque de diversão. —

Não vou ficar muito tempo. Vim aqui para lhe dar um presente de casamento. É

um costume de vocês, não é, Mia?

Mia olhou para o Ancião chocada. — Sim — ela conseguiu dizer. — É um costume de casamento dos humanos. — Ela ficou surpresa por conseguir dizer alguma coisa, considerando como o coração batia forte naquele momento.

— Muito bem — disse Lahur, com os olhos escuros presos nos dela —, eu gostaria de lhe dizer que concedemos sua petição. Sua família receberá todos os direitos e privilégios daqueles que chamamos de caerles.

Um burburinho chocado percorreu a multidão com aquelas palavras e Mia prendeu a respiração, sentindo os olhos se encherem de lágrimas de alegria.

— Obrigada — sussurrou ela, olhando para o alienígena de dez milhões de anos à sua frente. — Muito obrigada...

— Sim — disse Korum, apertando o braço em volta das costas de Mia. —

Obrigado por um presente de casamento maravilhoso. Minha esposa e eu estamos verdadeiramente agradecidos.

Lahur inclinou a cabeça, aceitando o agradecimento deles. Em seguida, virou-se e afastou-se, com a multidão abrindo espaço para que ele passasse.

A música começou novamente e a festa recomeçou. Marisa se aproximou correndo e abraçou Mia e Korum, chorando de felicidade. Os pais se abraçaram, com lágrimas escorrendo pelo rosto. Connor apertou a mão de Korum e Mia viu

que os olhos do cunhado também estavam cheios d'água.

Pela primeira vez na história, uma família humana inteira receberia a imortalidade, um presente mais precioso do que jamais teriam imaginado.

Olhando para o marido, o belo amante K, Mia sorriu por entre as lágrimas.

— Eu amo você — disse ela baixinho. — Eu amo você demais.

— E eu amo você — disse ele, encarando-a com o olhar cor de âmbar.

A felicidade deles estava completa.

EPILOGUE

L ahur estava parado na clareira da floresta, sentindo a brisa quente no rosto. Os outros estavam reunidos à sua volta, com rostos tão familiares quanto o seu próprio. Aquelas pessoas, conhecidas como Anciãos, estavam entre as poucas companhias que Lahur conseguia tolerar por mais de dez minutos de cada vez.

— E agora? — perguntou Sheura, observando-o com um olhar calmo.

Lahur olhou para ela. — O que acha?

— Acho que está na hora — disse ela baixinho. — Acho que precisamos fazer isso.

— Concordo. — Quem falou foi Pioren, o parceiro de Sheura no experimento. — Não podemos mais ficar parados observando. O projeto foi muito bem-sucedido. Eles são como nós. Nossos melhores e mais inteligentes agora estão unindo-se a eles.

— Sim — disse Lahur —, estão. — Ver a garota de cabelos cacheados ao lado de Korum fora uma revelação. Ela não era a primeira humana que ele conhecera, mas algo sobre ela o tocara, penetrando a camada de gelo que o envolvia. Por um momento, Lahur conseguira sentir a ligação poderosa que existia entre ela e seu cheren, absorver o amor que sentiam um pelo outro.

De todos os jovens krinars, Lahur achava que Korum era um dos mais interessantes, provavelmente porque o relembrava de si mesmo na juventude.

A mesma motivação, a mesma disposição de fazer o que era necessário para atingir seus objetivos. Lahur não tinha dúvidas de que Korum teria sucesso em criar um império krinar, levando-os todos em uma jornada sem precedentes.

Uma jornada que Korum planejava fazer com uma garota humana a seu

lado.

Não podia haver sinal mais claro de que precisavam encerrar o experimento.

— Vamos fazer isso — disse Lahur. — Você tem razão. Chegou a hora.

Precisamos dividir nossa tecnologia com eles, dar a eles tudo o que demos apenas para uns poucos selecionados. A evolução deles está completa.

E, ao olhar em volta da clareira, vendo a concordância no rosto dos outros, Lahur teve apenas um pensamento:

Nada mais seria o mesmo.

FIM

OBRIGADA POR LER *LEMBRANÇA ÍNTIMA*, o terceiro livro da série Crônicas dos Krinar! Espero que tenha gostado. Se gostou, diga aos seus amigos e contatos das mídias sociais. Eu também ficaria muito grata se você ajudasse outros leitores a descobrir o livro deixando uma avaliação na Amazon, no Goodreads ou outros sites.

ACESSE MEU SITE, http://annazaires.com/series/portugues/, e registre-se para receber meu boletim informativo e notificações quando os livros estiverem disponíveis.

SOBRE A AUTORA

Anna Zaires é autora *best-seller* do *New York Times* e do *USA Today* de livros de ficção científica e de romances eróticos contemporâneos. Ela se apaixonou por livros aos cinco anos de idade, quando a avó a ensinou a ler. Desde então, sempre viveu parcialmente em um mundo de fantasia, onde os únicos limites são os impostos pela imaginação. Ela mora na Flórida e é casada com Dima Zales, autor de ficção científica e fantasia. Eles trabalham juntos em todos os livros.

Para saber mais, acesse http://annazaires.com/series/portugues/.

Document Outline

- Copyright
- Encontros Íntimos
  - Prologue
  - Capítulo 1
  - Capítulo 2
  - Capítulo 3
  - Capítulo 4
  - Capítulo 5
  - Capítulo 6
  - Capítulo 7
  - Capítulo 8
  - Capítulo 9
  - Capítulo 10
  - Capítulo 11
  - Capítulo 12
  - Capítulo 13
  - Capítulo 14
  - Capítulo 15
  - Capítulo 16
  - Capítulo 17
  - Capítulo 18
  - Capítulo 19
  - Capítulo 20
  - Capítulo 21
  - Capítulo 22
  - Capítulo 23
  - Capítulo 24
- Obsessão Íntima
  - Prólogo
  - Capítulo 1
  - Capítulo 2
  - Capítulo 3
  - Capítulo 4
  - Capítulo 5

    - Capítulo 6
    - Capítulo 7
    - Capítulo 8
    - Capítulo 9
    - Capítulo 10
    - Capítulo 11
    - Capítulo 12
    - Capítulo 13
    - Capítulo 14
    - Capítulo 15
    - Capítulo 16
    - Capítulo 17
    - Capítulo 18
    - Capítulo 19
    - Capítulo 20
    - Capítulo 21
    - Capítulo 22
    - Capítulo 23
    - Capítulo 24
    - Capítulo 25
    - Epilogue
- Lembrança Íntima
    - Parte I
    - Prólogo
    - Capítulo 1
    - Capítulo 2
    - Capítulo 3
    - Capítulo 4
    - Capítulo 5
    - Parte II
    - Capítulo 6
    - Capítulo 7
    - Capítulo 8
    - Capítulo 9
    - Capítulo 10
    - Capítulo 11
    - Capítulo 12
    - Capítulo 13
    - Capítulo 14

- Capítulo 15
- Capítulo 16
- Parte III
- Capítulo 17
- Capítulo 18
- Capítulo 19
- Capítulo 20
- Capítulo 21
- Capítulo 22
- Capítulo 23
- Capítulo 24
- Capítulo 25
- Capítulo 26
- Capítulo 27
- Capítulo 28
- Capítulo 29
- Capítulo 30
- Capítulo 31
- Capítulo 32
- Epilogue

- Sobre a autora